

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS – ICS  
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA

**CAIU NA REDE É JOVEM? O EXERCÍCIO DO PROTAGONISMO IDOSO NA  
INTERNET NO BRASIL E NA ESPANHA**

Autora: Janara Kalline Leal Lopes de Sousa

Brasília/DF  
2009

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS – ICS  
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA

**CAIU NA REDE É JOVEM? O EXERCÍCIO DO PROTAGONISMO IDOSO NA  
INTERNET NO BRASIL E NA ESPANHA**

Autora: Janara Kalline Leal Lopes de Sousa

Tese apresentada ao Departamento de  
Sociologia da Universidade de Brasília –  
UnB como parte dos requisitos para a  
obtenção do título de Doutor.

Brasília, abril de 2009

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS – ICS  
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

**TESE DE DOUTORADO**

**CAIU NA REDE É JOVEM? O EXERCÍCIO DO PROTAGONISMO IDOSO NA  
INTERNET NO BRASIL E NA ESPANHA**

Autora: Janara Kalline Leal Lopes de Sousa

Orientador: Dr. Danilo Nolasco Cortes Marinho (UnB)

Banca: Profa. Dra. Analia Laura Soraia Batista  
(SOL/UnB)  
Prof. Dr. Michelangelo Giotto Santoro  
Trigueiro (SOL/UnB)  
Profa. Dra. Elen Cristina Geraldés  
(UCB)  
Profa. Dra. Maria Inez Machado Telles  
Walter (CESPE/UnB)  
Profa. Dra. Fernanda Antônia da  
Fonseca Sobral (SOL/UnB) (suplente)

A minha mãe, Socorro Leal, e ao meu pai,  
Cícero Lopes. Os primeiros grandes amores da  
minha vida.

## AGRADECIMENTOS

O fim da tese me parece o fim de uma grande paixão, cheia de alegrias, de dores, de altos e baixos, enfim, dos ingredientes da receita de um relacionamento intenso e envolvente, daqueles que é impossível fazer outra coisa que não seja arder nas chamas que matam e enchem de prazer.

Mas, igualmente, o fim da tese de doutorado também pode ser visto como o fim de uma fase de testes de um casal de namorados que decidiu dar um passo além: encarar o casamento.

Ao longo desses três anos, mergulhada nas águas agitadas dessa paixão ardente, eu me perguntava como seria o fim: se acabaria num pedido de casamento ou num adeus apressado, encurralado pelos sentimentos ambíguos dos amantes que se separam.

Definitivamente, graças a várias pessoas, é hora de preparar o convite da festa. Dessas, que me ajudaram na aventura de conhecer e me envolver com a Sociologia, eu gostaria de agradecer especialmente quem tornou possível esse relacionamento, quem fez as apresentações e quem mudou o discurso “nós X eles”: o meu orientador prof. Danilo Nolasco Cortes Marinho. Ao Danilo, eu agradeço a oportunidade de viver essa paixão, a atenção, a revisão atenciosa, os ouvidos que escutavam com cuidado e ponderação quando dela eu reclamava e a inesperada e maravilhosa chance de ter ido cumprir uma etapa dessa tarefa na Espanha. Sobretudo, eu preciso agradecê-lo pelo presente único de ter incluído no meu leque de interesses o tema da terceira idade. A tese era sobre Internet, os idosos foi o presente cuidadoso e especial do meu orientador para mim.

Além disso, eu gostaria de agradecer a todos os professores do Departamento de Sociologia que, também, tornaram possível esse grande amor. Aos poucos e na sala de aula, eu descobri que eu poderia deixar de ser estrangeira e poder, igualmente, habitar a terra das Ciências Sociais. Agradeço, em especial, ao prof. Michelangelo Trigueiro que me deu, por causa da sua disciplina Ciência e Tecnologia, um lugar de fala, uma âncora e, enfim, uma oportunidade de conhecer e pertencer a uma corrente teórica e metodológica.

Agradeço imensamente a minha família pelo apoio, por conduzir de maneira tão suave esse momento de olhares tão voltados para uma única empresa da minha vida, por suportar a minha ausência e me tranquilizar quando a saudade oprimia o coração. Minha mãe, Socorro Leal, meu pai, Cícero Lopes, minha irmã, Nayana, meu irmão, Marcelo, e meus dois sobrinhos, Ítalo e Artur; todos foram fundamentais para que essa experiência fosse suave. Mas, não foram só eles... meus tios, primos e minha querida avô Jesus Leal também foram o alicerce dessa fundação.

Gostaria de agradecer aos meus amigos queridos. Em especial: Lucimar, Lígia, Asdrúbal, Gégé e Cleymenne, meus grandes interlocutores. Ouviram mil vezes as histórias da tese e por mil vezes vibraram comigo. Meu agradecimento igualmente vai para minhas leitoras e revisoras contumazes Lucimar Sampaio e Cleymenne Cerqueira.

Aproveito a oportunidade para agradecer enormemente a prof<sup>a</sup>. Nuria Rodríguez Ávila, que me recebeu na Universitat de Barcelona, em Barcelona, na Espanha. Na verdade, a prof<sup>a</sup>. Nuria me recebeu não só na Universidade, mas na cidade de Barcelona. Agradeço a ela especialmente a leitura atenta, as conversas esclarecedoras no refeitório da faculdade e as várias aulas que participamos juntas: às vezes as duas como alunas, às vezes ela como professora e às vezes eu como professora.

O meu sincero agradecimento também destino a dois amigos especiais: César (*in memoriam*) e Luzia Jorge que oportunizaram eu ter a vida que eu tenho hoje. Sem eles, nada disso seria possível.

Agradeço, também, imensamente aos pesquisadores que generosamente aceitaram compor a banca de doutorado: Elen Geraldês, Analia Batista, Maria Inez Walter, Michelangelo Trigueiro e Fernanda Sobral.

Finalmente, o meu agradecimento vai aos informantes da pesquisa, especialmente aos internautas do Blog de Campo, que viabilizaram esse trabalho ao dedicarem seu tempo e esforço para atender as minhas constantes questões; e a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES pela concessão da bolsa de Doutorado Sanduíche.

“Tenho 60 anos e realmente estou vivendo melhor,principalmente depois q conheci a net...quantas coisas boas que nao sabia que existiam! quantas oportunidades!conhecer o mundo sem sair de casa e sem nenhum gasto pessoal...quantos paises pude conhecer,que,se nao fosse a net eu jamais chegaria la!quantas pessoas entraram no meu mundo e me fizeram ver que juntos iremos muito mais longe!isso sem falar na tristeza,solidao que se mandaram da minha vida...com tudo o que ja vivi pela net so tenho que agradecer...ok brigadu” (Margarida Garcia, 2009, publicado no Blog de Campo).

## RESUMO

O mundo está envelhecendo a passos largos. Nunca na história da humanidade foi possível que tantas pessoas chegassem à maturidade. O envelhecimento demográfico, ou amadurecimento das massas (PÉREZ DÍAZ, 2003a), é um fenômeno relativamente novo, mas que, sem dúvida, traz profundas transformações sociais. Do mesmo modo, coloca-se a Internet, um fenômeno novo e impactante, um espaço social sintético no qual a própria experiência social se processa (MARTINO, 2007). Este trabalho de pesquisa trata sobre a questão do exercício do protagonismo idoso na Internet no Brasil e na Espanha. Para tanto, analisamos um portal brasileiro (portal Terceira Idade) e outro espanhol (Portal *Júbilo*) para e sobre idosos, procurando compreender a participação desse grupo etário nesses ambientes virtuais. Tais páginas *web* foram encaradas como redes sociotécnicas, fenômenos híbridos, e, portanto, não fizemos distinção entre os elementos humanos e não-humanos para entender a dinâmica dessas redes. Assim colocado, utilizamos como suporte teórico e metodológico a Teoria Ator-rede, cujos principais representantes são Latour, Law e Callon. Para executar essa pesquisa realizamos um estudo etnográfico virtual simétrico nesses portais, na perspectiva de compreender quais os *actantes* que compunham cada rede, os aspectos técnicos e de conteúdo de cada portal e a qualidade de participação dos idosos nos espaços de interação pública. Concluímos que a participação desses indivíduos nos ambientes virtuais, tanto do Brasil, quanto da Espanha, é lúdica, informal e pontual. Poesias, crônicas, receitas de culinária e busca de histórias de amor e amizades são os principais motivos de participação nesses universos. Tanto as ferramentas de interação, quanto os produtores limitam, controlam e vigiam a participação dos representantes desse grupo etário. Os idosos são, sem dúvida, mais que receptores passivos: têm espaços destinados a sua participação e fazem uso dele. Não obstante, o limite da sua participação é o papel de receptor, porque nos portais analisados, mesmo sendo essa uma prerrogativa possível na Internet, eles não atuam como produtores ou co-produtores dos espaços que lhes são destinados.

**Palavras-chaves:** Internet; idosos; portais; Teoria Ator-rede; redes sociotécnicas; etnografia virtual simétrica

## ABSTRACT

The world is aging at great strides. Never before in the history of humanity has it been possible for so many people to reach old age. Demographic aging, or mass maturity (PÉREZ DÍAZ, 2003a), is a relatively novel phenomenon, and it undoubtedly brings profound social transformations. One may acknowledge the Internet in the same way; a novel and impactful phenomenon, a synthetic social space in which social experience itself is processed (MARTINO, 2007). The subject matter for this research paper is the exercise of senior protagonism on the Internet both in Brazil and in Spain. For such, we analyse a Brazilian portal (Terceira Idade portal) as well as a Spanish one (*Júbilo* portal) which are for and about seniors, seeking to understand the participation of this age group in these virtual environments. Such web pages have been seen as sociotechnical networks, hybrid phenomena, and, thus, we did not make a distinction between the human and non-human elements in order to understand the dynamics of these networks. With that being said, we utilized the Actor-network theory as a theoretical and methodological support, whose main representatives are Latour, Law and Callon. In order to undertake this effort, we carried out a symmetrical virtual ethnographic study in these portals, with the perspective of understanding which are the actants who compose each network, the technical and content-related aspects of each portal, and the quality of participation on behalf of seniors in public interaction spaces. We concluded that the participation of these individuals in virtual environments, whether in Brazil or in Spain, is ludic, informal and punctual. Poetry, chronicles, recipes for cooking and the pursuit of love and friendship are the main reasons for participation in these universes. Interaction tools, as well as producers, limit, control and watch the participation of the representatives of this age group. The elderly are, doubtlessly, more than passive recipients: they have spaces meant for their participation and make use of it. Nevertheless, the limit of their participation is the role of the recipient, for within the analysed portals, despite these being a possible prerogative on the Internet, seniors do not act as producers or co-producers of the spaces destined for themselves.

Keywords: Internet, seniors, portals; Actor-network theory; sociotechnical networks; symmetrical virtual ethnography

## RESUMÉ

Le monde vieillit très vite. Jamais dans l'histoire de l'humanité, il fut possible qu'autant de personnes arrivent à la maturité. Le vieillissement démographique où la maturité des masses (PÉRES DÍAZ, 2003a) est un phénomène relativement nouveau, mais que, sans doute, amène beaucoup de transformations sociales. Du même mode, il y a l'Internet, un phénomène nouveau et impactant, un espace social synthétique où la propre expérience sociale se produit (MARTINO, 2007). Ce travail de recherche touche sur la question de l'exercice du protagonisme des personnes âgées sur l'Internet au Brésil et en Espagne. Pour cela, nous avons analysé un site brésilien (site Terceira Idade) et un autre espagnol (site Júblio) sur et pour les personnes âgées où nous avons essayé de comprendre la participation de cette tranche d'âge dans les ambients virtuels. Ces sites web ont été considérés comme des réseaux sociotechniques, phénomènes hybrides, et, pourtant, nous n'avons pas fait la distinction entre les éléments humains et pas humains pour comprendre la dynamique de ces réseaux. Cela étant, nous avons utilisé comme support technique et méthodologique la théorie de l'acteur-réseau, dont les représentants sont Latour, Law et Callon. Pour exécuter cette entreprise, nous avons réalisé une étude ethnographique virtuelle symétrique dans les deux sites, dans la perspective de comprendre quelles "actantes" étaient parties de chaque réseaux, l'aspect technique et du contenu de chaque site et la qualité de la participation des personnes âgées dans les espaces d'interaction publique. Nous avons conclu que la participation des individus dans les ambients virtuels, au Brésil et en Espagne, est ludique, informelle et ponctuelle. Des poésies, des chroniques, des recettes culinaires et des recherches des histoires d'amour et d'amitié sont les principaux motifs des participations dans cet univers. Autant les outils d'interaction, comme les producteurs limitent, contrôlent et observent la participation des représentants de cette tranche d'âge. Les personnes âgées sont, sans doute, plus que des récepteurs passifs: ils ont des espaces destinés à leurs participations et ils l'utilisent. Mais leur participation se limite au rôle de récepteur, parce que les sites analysés, même si c'est une prerogative possible sur Internet, ils ne sont pas producteurs ou co-producteurs des espaces que leur est destiné.

**Mots-chefs:** Internet; personnes âgées; site; théorie acteur-réseau; réseaux sociotechniques; ethnographie virtuelle symétrique

## LISTA DE SIGLAS

<b>AIMC</b>	Asociación para la Investigación de Medios de Comunicación
<b>ANT</b>	Actor Network Theory
<b>ARPANET</b>	Advanced Research Projects Agency Network
<b>CGI</b>	Comitê Gestor de Internet
<b>ETA</b>	Euskadi Ta Askatasuna
<b>FNUAP</b>	Fundo de Populações das Nações Unidas
<b>IBGE</b>	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
<b>HTTP</b>	Hypertext Transfer Protocol
<b>IDC</b>	International Data Corporation
<b>IMERSO</b>	Instituto de Mayores y Servicios Sociales
<b>INE</b>	Instituto Nacional de Estadística
<b>INSS</b>	Instituto Nacional do Seguro Social
<b>IP</b>	Internet Protocol
<b>INPC</b>	Índice Nacional de Preços ao Consumidor
<b>INPS</b>	Instituto Nacional da Previdência Social
<b>ISO</b>	International Organization for Standardization
<b>NSF</b>	National Science Foundation
<b>MST</b>	Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
<b>OIT</b>	Organização Internacional do Trabalho
<b>OMS</b>	Organização Mundial da Saúde
<b>ONG</b>	Organização Não-Governamental
<b>ONU</b>	Organização das Nações Unidas
<b>PNAD</b>	Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílio
<b>PNUD</b>	Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
<b>RNE5</b>	Rádio Nacional de España
<b>SIM</b>	Sistema de Informação sobre Mortalidade
<b>UDP</b>	Unión Democrática de Pensionistas
<b>UNESCO</b>	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
<b>WWW</b>	World Wide Web

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

### Figuras

Figura 1 - Conjunto de indicadores e variáveis .....	1
Figura 2 - Indicadores e variáveis de Hassan Montero (2006) para se avaliar a satisfação e não-frustração dos usuários diante do desenho de uma página <i>web</i> .....	59
Figura 3 - Ciclo da vida ou ciclo reprodutivo 1 – clássico.....	1
Figura 4 - Ciclo da vida ou ciclo reprodutivo 2 – maturidade das massas.....	1
Figura 5 - Pirâmides etárias - distribuição proporcional da população por sexo e idade (1940, 1950, 1960 e 1970).....	111
Figura 6 - Pirâmides etárias - distribuição proporcional da população por sexo e idade (1980, 1991 e 2000) .....	112
Figura 7 – Distribuição da população por idade e sexo, Espanha, 1900.....	156
Figura 8 - Distribuição da população por idade e sexo, Espanha, 1950 .....	157
Figura 9 - Distribuição da população por idade e sexo, Espanha, 1970 .....	157
Figura 10 - Distribuição da população por idade e sexo, Espanha, 1991 .....	158
Figura 11 - Distribuição da população por idade e sexo, Espanha, 2000 .....	159
Figura 12 - Distribuição da população por idade e sexo, Espanha, 2005 .....	160
Figura 13 - Página principal do Google.com .....	204
Figura 14 - Página principal do portal "Mais de 50" .....	208
Figura 15 - Indicadores e variáveis do uso da Internet na Espanha.....	1
Figura 16 – Página inicial do Blog de Campo.....	262
Figura 17 - Blog de Campo - página para comentar uma nota publicada no Blog.....	265
Figura 18 - Blog de Campo - <i>post</i> destaque do cordel e foto da Zuzu do Cordel .....	267
Figura 19 - Blog de Campo – página de comentários da nota “Papo sério” .....	270
Figura 20 - Página principal do portal Terceira Idade .....	278
Figura 21 - Portal Terceira Idade (seção "destaques do cidadão").....	279
Figura 22- Portal Terceira Idade – enquete e enlaces dos parceiros.....	280
Figura 23 - Mascote do portal Terceira Idade .....	282
Figura 24 - Portal Terceira Idade - página "notícias do cidadão" .....	283
Figura 25 - Portal Terceira Idade - página "notícias do cidadão" (seção “destaque”).....	284
Figura 26 - Portal Terceira Idade - página "diálogo aberto" (coluna "arte e cultura") .....	287
Figura 27- Portal Terceira Idade - página "diálogo aberto" (texto sobre o Blog de Campo) .....	288
Figura 28 - Portal Terceira Idade - agenda de shows e eventos .....	290
Figura 29 - Portal Terceira Idade - página "mural de amizades" .....	293
Figura 30 - Portal Terceira Idade - página "mural de amizades" (seção "publicar recado") .....	294
Figura 31 - Portal Terceira Idade - página "mural de trocas" .....	296
Figura 32 - Portal Terceira Idade – segunda parte da página "espaço livre" .....	297
Figura 33 - Portal Terceira Idade - poesia da Zuzu do Cordel ("espaço livre") .....	298
Figura 34 - Portal Terceira Idade – primeira parte da página "espaço livre" .....	299
Figura 35 - Portal Terceira Idade - "mural de receitas" .....	300
Figura 36 - Portal Terceira Idade - "enquete".....	302
Figura 37 - Portal Terceira Idade - "fale conosco" .....	303
Figura 38 - Página principal do portal <i>Júbilo</i> (primeira parte).....	307

Figura 39 - Página principal do portal <i>Júbilo</i> (segunda parte) .....	308
Figura 40 - Calculadora para o cálculo do grau de dependência.....	310
Figura 41 - Portal <i>Júbilo</i> - seção "ocio" .....	312
Figura 42 - Portal <i>Júbilo</i> - página da reportagem destacada do tema "ocio" .....	313
Figura 43 - Portal <i>Júbilo</i> - continuação da página da reportagem destacada do tema "ocio" .....	314
Figura 44 - Portal <i>Júbilo</i> - enlace "ver todos los reportajes de ocio" .....	315
Figura 45 - Portal <i>Júbilo</i> - link "últimas noticias" do tema "salud" .....	316
Figura 46 - Portal <i>Júbilo</i> - página da notícia "El tabaco y el sedentarismo reducen la esperanza de vida hasta 14 años" .....	317
Figura 47 - Portal <i>Júbilo</i> - continuação da página da notícia "El tabaco y el sedentarismo reducen la esperanza de vida hasta 14 años" .....	318
Figura 48 - Portal <i>Júbilo</i> - página de uma notícia do programa "cuaderno mayor" .....	320
Figura 49 - Portal <i>Júbilo</i> - página do tema "viajes" .....	321
Figura 50 - Portal <i>Júbilo</i> - oferta de pacotes turísticos .....	323
Figura 51 - Portal <i>Júbilo</i> - enlace "conoce tu grado de dependencia" .....	324
Figura 52 - Portal <i>Júbilo</i> - página "descargas" .....	325
Figura 53 - Portal <i>Júbilo</i> - agenda .....	326
Figura 54 - Portal <i>Júbilo</i> - página do fórum "amistad mayores de 60" .....	328
Figura 55 - Portal <i>Júbilo</i> - página "foro" .....	329
Figura 56 - Portal <i>Júbilo</i> - página "participación social de los mayores en la Internet" ..	330
Figura 57 - Portal <i>Júbilo</i> - enlace "consultorio económico" .....	331
Figura 58 - Portal <i>Júbilo</i> - página "sugerencias" .....	332
Figura 59 - Rede sociotécnica dos portais Terceira Idade e <i>Júbilo</i> .....	337

## Gráficos

Gráfico 1 – Evolução da população menor de 15 anos e de 60 anos ou mais de idades, países em desenvolvimento (%), 1940-2050.....	77
Gráfico 2 – Evolução da população menor de 15 anos e de 60 anos ou mais de idades, países desenvolvidos (%), 1940-2050.....	78
Gráfico 3 – Volume da população mundial, 1700-2025 (em milhões de pessoas) .....	79
Gráfico 4 – Taxa bruta de natalidade, Brasil, 1890 - 2050 .....	110
Gráfico 5 – Evolução da taxa de mortalidade infantil, Brasil, 1940 – 2001 (mil nascidos vivos e ano).....	114
Gráfico 6 – Evolução do número de pessoas com 60 anos ou mais de idade que recebem aposentadoria ou pensão, Brasil, 1992-1999 (em %) .....	125
Gráfico 7 – Grau de escolaridade dos idosos, Brasil, 2007.....	132
Gráfico 8 – Participação dos idosos na População Economicamente Ativa, Brasil, 2007	134
Gráfico 9 – Taxa de atividade, segundo sexo e cor/raça, Brasil, 2006 .....	140
Gráfico 10 – Contribuição à Previdência Social, segundo sexo e cor/raça (em %), Brasil, 2006.....	141
Gráfico 11 – Grau de pobreza por idade, Brasil, 1999 (% pobres x idade em anos).....	148
Gráfico 12 - Pessoas de 65 anos ou mais de idade com deficiências, Espanha, 1999.....	164
Gráfico 13 - Porcentagem da população ativa com 16 anos ou mais por sexo e grupo de idades, Espanha, IV trimestre 2007 (projeção).....	168
Gráfico 14 - Estado civil da população idosa por sexo, Espanha, 2001 (porcentagem)....	173

Gráfico 15 – Quantidade de pessoas com acesso à Internet, Locais, 1995 a 2008 (em milhões).....	194
Gráfico 16 - Usuários da Internet no mundo por região, 2008.....	195
Gráfico 17 – Percentual da população usuária da Internet no mundo, 2008.....	196
Gráfico 18 - Percentual das pessoas que utilizaram a Internet, no período de referência dos últimos três meses, na população de 10 anos ou mais de idade, por sexo e grupos de idade, Brasil, 2005.....	211
Gráfico 19 - Percentual das pessoas que utilizaram a Internet, no período de referência dos últimos três meses, na população de 10 anos ou mais de idade, por grupos de anos de estudo, Brasil, 2005.....	212
Gráfico 20 - Percentual das pessoas que utilizaram a Internet, no período de referência dos últimos três meses, na população de 10 anos ou mais de idade, por classes de rendimento mensal domiciliar per capita, Brasil, 2005.....	213
Gráfico 21 - Internautas domiciliares ativos* e horas navegadas**, Brasil, 2006.....	214
Gráfico 22 - Contato com e uso de computador, Brasil, 2006.....	216
Gráfico 23 - Frequência do uso da Internet na Espanha, Espanha, 2003-2007 (%).....	221
Gráfico 24 - Usos dos serviços de Internet, Espanha, 2003-2007 (%).....	222

## **Tabelas**

Tabela 1 – Expectativa de vida ao nascer, Brasil, 2007.....	75
Tabela 2 – Expectativa de vida ao nascimento, alguns países ou regiões menos desenvolvidas, 1960/5, 1980/5 e 2000/5 (em anos).....	76
Tabela 3 – Expectativa de vida ao nascimento, alguns países ou regiões desenvolvidas, 1960/5, 1980/5 e 2000/5 (em anos).....	76
Tabela 4 – Evolução da expectativa de sobrevida, Brasil, 1930/1940, 1970/1980, 2000.....	109
Tabela 5 – População total e pessoas residentes de 60 anos ou mais de idade, total e respectiva distribuição percentual, por grupos de idade, países da América Latina e do Caribe, 2005.....	117
Tabela 6 – Rendimento médio dos idosos responsáveis pelo domicílio, por situação do domicílio (1991 - 2000) – em R\$ de junho/2000 (INPC).....	126
Tabela 7 – População residente, por grupo etário de 60 anos ou mais de idade, segundo as Unidades da Federação, 2006.....	130
Tabela 8 – Quantidade e percentual de população de 65 anos e mais e de 80 anos e mais nos países com maior proporção de idosos, 2000 e projeção para 2050.....	154
Tabela 9 - Esperança de vida ao nascer, Espanha, 1900-2030.....	161
Tabela 10 - Forma de convivência da população idosa espanhola por gênero (porcentagem), Espanha, 2002.....	162
Tabela 11 - População de 16 anos e mais de idade por nível de instrução alcançado, sexo e grupos de idade, Espanha, I trimestre de 2006.....	165
Tabela 12- População de 65 anos e mais residente, economicamente ativa e desempregada, taxas de atividade e de desemprego total e por sexo e grupo de idade, Espanha, II trimestre de 2001.....	167
Tabela 13 – Total de lares e percentuais de lares em faixas de renda familiar anual por idade e sexo da pessoa de referência, Espanha, 2005.....	169
Tabela 14 - Taxa de risco de pobreza depois da transferência, Espanha, 2006 (porcentagem).....	170
Tabela 15 - Diferença dos anos a mais na expectativa de vida feminina, Espanha, 1900 a 2030.....	172

Tabela 16 - Pessoas com deficiências segundo grupos de idade e sexo, Espanha, 1999...	178
Tabela 17 – Quantidade de usuários da Internet por país, 2008.....	197
Tabela 18 - Evolução dos domicílios com TV, Brasil, 2006 .....	217
Tabela 19 - Número de usuários da Internet, Espanha, 1996-2003.....	220
Tabela 20 - Tempo médio de conexão por semana, Espanha, 2008.....	222
Tabela 21 - Pessoas que utilizaram a Internet alguma vez durante os últimos três meses segundo a frequência de uso por grupos de idade, Espanha, 2º semestre de 2005.....	223
Tabela 22 - Evolução do uso das novas tecnologias entre a população de 65 anos ou mais e de 75 anos ou mais, Espanha, 2003 a 2005.....	225

## SUMÁRIO

<b>RESUMO</b>	<b>8</b>
<b>ABSTRACT</b>	<b>9</b>
<b>RESUMÉ</b>	<b>10</b>
<b>LISTA DE SIGLAS</b>	<b>11</b>
<b>LISTA DE ILUSTRAÇÕES</b>	<b>12</b>
<b>PARTE I – INTRODUÇÃO E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b>	<b>18</b>
<b>CAPÍTULO I</b>	<b>19</b>
<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>19</b>
1.1 OBJETO DE INVESTIGAÇÃO E OBJETIVOS DA PESQUISA	26
1.2 MOTIVAÇÕES DO TRABALHO	28
1.3 CONTRIBUIÇÕES DO TRABALHO	30
1.4 ESTRUTURA DA TESE	32
1.5 A ESTRATÉGIA METODOLÓGICA	36
<b>PARTE II – TERCEIRA IDADE</b>	<b>70</b>
<b>CAPÍTULO II</b>	<b>71</b>
<b>TERCEIRA IDADE E PROTAGONISMO IDOSO</b>	<b>71</b>
2.1 CONTANDO OS CABELOS BRANCOS: O ENVELHECIMENTO DO MUNDO	73
2.2 POR UMA REVOLUÇÃO DA VIDA	79
2.3 ENVELHECIMENTO DEMOGRÁFICO OU MATURIDADE DAS MASSAS?	88
2.5 PARA ALÉM DE SER VELHO	93
2.6 EMPODERANDO-SE: O SURGIMENTO DE UMA NOVA CATEGORIA	100
2.7 EXISTE UM PROTAGONISMO IDOSO?	105
<b>CAPÍTULO III</b>	<b>108</b>
<b>TERCEIRA IDADE E SOCIEDADE BRASILEIRA</b>	<b>108</b>
3.1 DIANTE DO ESPELHO: A REPRIVATIZAÇÃO DA VELHICE BRASILEIRA	118
3.2 POLÍTICAS PÚBLICAS DE ATENÇÃO AOS IDOSOS	124
3.3 EU, TU, ELES: QUEM SÃO OS IDOSOS BRASILEIROS?	128
3.4 A FEMINILIZAÇÃO DA VELHICE	135
3.5 EXISTE UM PROTAGONISMO IDOSO NO BRASIL?	142
3.6 PORTIFÓLIO DE RISCOS: PERDAS E GANHOS DO ENVELHECIMENTO POPULACIONAL BRASILEIRO	147
<b>CAPÍTULO IV</b>	<b>152</b>
<b>TERCEIRA IDADE E SOCIEDADE ESPANHOLA</b>	<b>152</b>

4.1 – A VELHA ESPANHA DE IDOSOS _____	153
4.2 – OS NOVOS VELHOS ESPANHÓIS _____	162
4.3 – VELHICE É COISA DE MULHER? _____	170
4.3 – POLÍTICAS PÚBLICAS DE PROTEÇÃO À TERCEIRA IDADE _____	175
4.4 – QUEM TEM MEDO DOS CABELOS BRANCOS? _____	179
<b>PARTE III – INTERNET _____</b>	<b>183</b>
<b>CAPÍTULO V _____</b>	<b>184</b>
<b>“DESVENDANDO” A REDE _____</b>	<b>184</b>
5.1 – COMPREENDENDO A METÁFORA _____	186
5.2 – A HISTÓRIA DA REDE _____	188
5.3 – A REDE NO MUNDO _____	194
5.4 – DO LADO DE DENTRO: USOS DA INTERNET E TIPOLOGIA DE AMBIENTES _____	199
5.5 – PORTAIS _____	205
5.6 – INTERNAUTAS DA REDE BRASILEIRA _____	210
5.7 – ACESSO NA ESPANHA _____	218
<b>CAPÍTULO VI _____</b>	<b>227</b>
<b>ABRINDO A CAIXA-PRETA _____</b>	<b>227</b>
6.1 – OS ESTUDOS SOBRE A TECNOLOGIA _____	228
6.2 – O CAMINHO DO MEIO _____	233
6.3 – MUITO ALÉM DO DISCURSO _____	242
6.4 – SEGUINDO O ATOR-REDE _____	248
6.5 – POR UMA ETNOGRAFIA VIRTUAL SIMÉTRICA _____	253
<b>PARTE IV – DESCRIÇÃO E ANÁLISE _____</b>	<b>255</b>
<b>CAPÍTULO VII _____</b>	<b>256</b>
<b>TERCEIRA IDADE.COM _____</b>	<b>256</b>
7.1 – QUAL É O MEU CAMPO? _____	257
7.2 – BLOG DE CAMPO _____	260
7.3 – ÉTICA DE CAMPO _____	272
7.4 – PORTAL TERCEIRA IDADE – INFORMAÇÃO É CIDADANIA _____	275
7.5 – PORTAL <i>JÚBILO</i> – <i>MAYORES, OCIO, DEPENDENCIA, VIAJES, SALUD Y RESIDENCIAS</i> _____	305
<b>CAPÍTULO VIII _____</b>	<b>335</b>
<b>CAINDO NA REDE _____</b>	<b>335</b>
8.1 – PRIMEIRO ATO: PORTAL TERCEIRA IDADE _____	338
8.2 – SEGUNDO ATO: PORTAL <i>JÚBILO</i> _____	360
8.3 – ÚLTIMO ATO: FECHANDO AS CORTINAS _____	379
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS _____</b>	<b>381</b>
<b>REFERÊNCIAS _____</b>	<b>384</b>

PARTE I –  
INTRODUÇÃO E  
PROCEDIMENTOS  
METODOLÓGICOS

## Capítulo I

### INTRODUÇÃO

Por acaso, surpreendo-me no espelho: Quem é esse que me olha e é tão mais velho que eu? (...) Parece meu velho pai – que já morreu! (...) Nosso olhar duro interroga: "O que fizeste de mim?" Eu, pai? Tu é que me invadiste. Lentamente, ruga a ruga... Que importa! Eu sou ainda aquele mesmo menino teimoso de sempre. E os teus planos enfim lá se foram por terra. Mas sei que vi, um dia – a longa, a inútil guerra! Vi sorrir nesses cansados olhos um orgulho triste... ("O velho do espelho", Mário Quintana).

Velho, idoso, ancião são palavras que não dizem precisamente o que nos acontece com o passar do tempo. A sensação de estranheza diante do espelho, descrita por Mário Quintana, talvez não seja algo incomum a muitos de nós. O tempo passa, o corpo muda, envelhece. Dor, maturidade, conformidade, sentimentos, às vezes contraditórios, que se misturam e não nos dão certeza do que exatamente está em jogo, mas nos dizem precisamente que algo mudou. Mudou individualmente, mudou socialmente!

O que sabemos com certeza é que a curva demográfica mudou. O mundo está ficando mais "velho" e a ciência e a tecnologia se voltam para entender esse fenômeno e seus impactos, para tentar dar respostas à sociedade. Isso, sem dúvida, não é tarefa fácil. É indiscutível o fato de que os estudos sobre infância e juventude fulguraram durante muitos anos como espaços privilegiados de pesquisa e atenção, inclusive por parte dos governos e das sociedades. Assertivas repetidas à exaustão, como "os jovens são o futuro do país", demonstraram e demonstram o espaço e a importância que cada faixa etária ocupa. No limbo das preocupações durante muitos anos, os idosos não souberam se eram o passado esquecido ou o presente incômodo.

Contudo, será tremendamente injusto se não reconhecermos que a mudança demográfica teve e tem impactos na ciência e na tecnologia e, certamente, em diversas instituições sociais. É fácil percebermos isso, especialmente, no âmbito das ciências médicas. É notório o esforço da Medicina, da Nutrição, da Fisioterapia, por exemplo, em buscar soluções para os problemas que o envelhecimento pode causar. Assim como, também, é notório o discurso dessas ciências sobre antienvelhecimento e as promessas para a eterna juventude. No mesmo sentido, muitas vezes também vão os discursos dos outros

campos, como o político, que centra seu foco na questão da aposentadoria, nos possíveis problemas econômicos que o envelhecimento demográfico pode causar e na criação de políticas públicas para esse grupo etário.

Sem dúvida, esse esforço é importante. Não pretendemos aqui julgar ou mesmo desmerecer o trabalho das ciências médicas que buscam soluções para as mudanças que o envelhecimento nos coloca. A medicina se sobressai não somente no discurso, mas, igualmente, na sua penetração na sociedade porque o problema da saúde é o mais tangível, o mais óbvio. Isso porque indubitavelmente as áreas médicas, especialmente a Medicina, partiram na frente e deram respostas mais rapidamente (como: medicamentos e terapias), que possibilitaram na prática o prolongamento da vida com mais saúde. Contudo, acreditamos que uma contribuição decisiva das outras áreas é favorecer a discussão sobre o processo de envelhecimento, não apenas na parte que toca aos indivíduos, mas numa perspectiva mais ampla, de sociedade.

As mudanças causadas por esse câmbio no perfil demográfico demandam muito mais do que esforços médicos. O cenário mundial é fortemente impactado pelo surgimento desse novo ator social: o idoso. Arranjos familiares, aportes governamentais, trocas intergeracionais, decisões sobre o número de filhos e a hora de tê-los e, inclusive, a organização individual que cada pessoa faz sobre os projetos de sua vida foram e são fortemente impactados pela possibilidade de viver mais.

Portanto, acreditamos ser fundamental o concurso das Ciências Humanas e Sociais nesse debate. A questão da terceira idade não pode ser norteadada pela saúde, mesmo considerando esta uma variável importante. Se isso assim acontecer, além de limitar o debate, corremos o sério risco de reforçar o discurso sobre o antienvelhecimento, o que pode gerar implicações sociais e pessoais gravíssimas, como o desprezo pelos mais velhos e a angústia diante do próprio envelhecimento.

Diante desse cenário, a Sociologia não pode se furtar a uma análise mais profunda desse fenômeno. O esforço dessa disciplina, não só no Brasil, mas em todo o mundo, ainda é tímido sobre a questão da terceira idade. O debate precisa ser intensificado. De acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – PNAD, dados de 2006, realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, os idosos<sup>1</sup> representam

---

<sup>1</sup> Para esta tese consideraremos “idosos” as pessoas com idade mínima de 60 anos, no que se refere ao Brasil, visto que temos legislação brasileira que a regulamenta, como o Estatuto do Idoso, e os órgãos de pesquisa brasileiros, como o IBGE, que tem dados fundamentais para o nosso trabalho e, também, classifica o idoso

aproximadamente 11% da população, ou seja, há aproximadamente 19 milhões de idosos no Brasil. A expectativa de vida do brasileiro, que nos anos 50 era de 50 a 60 anos, agora é de mais de 68 anos. Conforme dados do IBGE, essa expectativa de vida deve ter chegado aos 73 anos no início do século XXI. De fato, brevemente o Brasil estará entre os países que têm as maiores proporções de pessoas idosas, o qual pode representar de 20 a 30% da população com mais de 60 anos ou mais de idade.

Como já comentamos antes, este não é um fenômeno exclusivo do Brasil. Os dados do IBGE revelam que, em 1950, a população idosa no mundo era de 204 milhões. Em 1998, esse número pulou para 579 milhões de pessoas, ou seja, houve um crescimento de oito milhões de idosos por ano. De acordo com projeções do IBGE (2005), uma em cada dez pessoas no mundo tem 60 anos de idade ou mais, e estima-se, para o ano de 2050, que a relação seja de uma pessoa idosa para cinco em todo o mundo e de uma para três em países desenvolvidos.

Diante desse quadro, percebemos que o fenômeno do envelhecimento é profundamente importante e, dentre em breve, vai mudar intensamente, em todo o mundo, o perfil de consumo, lazer, tecnologia, ciência, trabalho e outros.

Assim colocado, nos permitimos utilizar uma expressão para explicar o aumento do número de idosos no mundo e a participação política, social, cultural, intelectual cada vez mais intensa deles: protagonismo idoso<sup>2</sup>. Protagonista vem da palavra grega *protagonistés*,

---

com esse recorte de faixa etária. É claro que, ao considerar uma pessoa como idosa somente por uma questão de faixa-etária, incorre-se em um reducionismo, que termina por desprezar vetores importantes, como a questão do consumo, da autonomia, da própria condição física e psicológica. Mesmo sabendo das limitações que esse recorte nos impõe, optamos por trabalhar com ele por conta das referências bibliográficas, que amplamente seguem esse critério e por causa dos dados dos órgãos de pesquisa, os quais, via de regra, trabalham igualmente com esse recorte.

Como evidência desse fato, o primeiro artigo do Estatuto dos Idosos, Lei nº. 10.741, de 1º de outubro de 2003, trata de esclarecer qual o recorte etário que define uma pessoa idosa: “Art. 1º: É instituído o Estatuto do Idoso, destinado a regular os direitos assegurados às pessoas com idade igual ou superior a 60 (sessenta anos)”. O Estatuto do Idoso segue a orientação geral da Organização Mundial de Saúde – OMS, que diz que para países em desenvolvimento, como o Brasil, idosos são pessoas com idade mínima de 60 anos e para países desenvolvidos esse número sobe para 65.

O IBGE, assim como outros órgãos, segue igualmente a orientação da OMS e suas pesquisas por faixa etária respeitam o recorte 60 anos ou mais de idade para considerar a pessoa como idosa. Seguindo ainda o critério da OMS, quando nos referirmos à Espanha, consideraremos idosas as pessoas com 65 anos de idade ou mais, já que, segundo essa Instituição, trata-se de um país desenvolvido.

<sup>2</sup> A expressão “protagonismo idoso” é pouco utilizada no âmbito das Ciências Humanas. Na verdade, de maneira geral, ela é pouco apropriada pelas ciências, excetuando o caso das ciências médicas, nas quais é mais comum utilizá-la, ainda que não seja freqüente. Acreditamos que as Ciências Sociais aplicadas estão no processo de incorporação dessa expressão, já que a encontramos em algumas das obras revisadas. Contudo, é preciso dizer que o termo “protagonismo idoso” faz parte do vocabulário corriqueiro dos militantes do movimento dos aposentados e das inúmeras associações de terceira idade brasileiras, os quais o utilizam para fazer referência à participação dos idosos nas atividades propostas por eles.

que significa o primeiro ator do drama grego. De acordo com o Dicionário Aurélio, protagonista também quer dizer: “pessoa que desempenha ou ocupa o primeiro lugar num acontecimento”. A palavra “protagonista” tem sido usada, no âmbito das Ciências Sociais e da Educação, para caracterizar o empoderamento dos jovens, especialmente, nos países, como o Brasil, que vivem ou viveram uma “onda jovem”, ou seja, um significativo aumento do número de crianças e adolescentes.<sup>3</sup>

Acreditamos, então, ser oportuno utilizarmos o verbete “protagonismo” para os idosos, por conta, entre outros fatores, de que essa categorização “idoso” e “terceira idade” é relativamente recente e, certamente, é produto das sociedades complexas – assim como os adolescentes e as crianças. Essa categorização deixa claro, sobretudo, um fortalecimento de tal ordem que esses novos termos foram incorporados ao vocabulário das sociedades contemporâneas para substituir os antigos, como velho e velhice, os quais estão carregados dos estereótipos negativos em relação às pessoas idosas, como doença, não-autonomia, solidão e abandono. Sem dúvida, isso, que se passou praticamente em todo mundo, é fruto do esforço das instituições que representam os interesses das pessoas idosas. O que pode parecer um preciosismo, a substituição dos termos, revela a ponta de um *iceberg*, o qual demonstra a organização e o empoderamento das pessoas idosas. Logo, reforçamos que é apropriado trabalhar com a expressão protagonismo idoso, quando nos referirmos à participação social desse grupo etário.

Indícios de que essa organização e participação são relativamente recentes são perceptíveis na própria legislação. O caso brasileiro é um exemplo. O Estatuto do Idoso, que assegura os direitos da pessoa idosa, só foi aprovado em 2003<sup>4</sup>. Esse aumento da expectativa de vida pelo qual a humanidade está passando e o fortalecimento desse grupo etário é, sem dúvida, sem precedentes. Isso explica, em parte, a adaptação que os governos e as sociedades estão tendo de fazer para acolher de maneira digna as pessoas da terceira idade.

---

<sup>3</sup> O conceito de protagonismo juvenil é muito utilizado na Educação. Nesse caso, o protagonismo diz respeito à relação professor-aluno. A Educação tradicional era focada na ação do professor e o protagonismo do aluno era uma proposta para a mudança de foco do ensino para o processo de aprendizagem. Certamente que o nosso conceito de protagonismo idoso não é igual, ou mesmo não é estabelecido nas mesmas condições em que a Educação aborda o conceito de protagonismo juvenil. Até porque não se trata de uma relação de ensino, nem de mudança de atitude diante de um processo de aprendizagem, mas, sobretudo, de um empoderamento que um determinado grupo social, os idosos, passa a reivindicar e usufruir.

<sup>4</sup> Antes do Estatuto do Idoso, a legislação que amparava a pessoa idosa era a Lei nº 8.842, de 4 de janeiro de 1994, a qual, certamente, também era muito recente, já que datava da década de 90.

O protagonismo idoso representa, então, o empoderamento da terceira idade. Ou seja, a organização e a participação cada vez mais intensa desse grupo etário na luta por seus direitos e interesses; o fortalecimento dessa parcela da população tanto nas tomadas de decisão, quanto nas razões para essas tomadas. Os anciões não são apenas números. Sua existência e suas ações caminham na trilha de mudar profundamente o perfil das nossas sociedades. Nesse caminho, é preciso, sem dúvida, formas de fomentar e consolidar esse protagonismo idoso.

É claro que avaliar esse protagonismo é uma tarefa complexa, com múltiplas possibilidades, ângulos e pontos de vista. Isso certamente nos impele a definir um recorte que seja suficientemente significativo para a compreensão do fenômeno da participação e do empoderamento da terceira idade e que, ao mesmo tempo, esteja ajustado às dimensões espaciais e temporais de uma tese de doutorado.

Portanto, pretendemos aqui entender o fenômeno da terceira idade, contudo, para a exequibilidade da pesquisa, propomos associar esse fenômeno a outro que igualmente é resultado das sociedades complexas contemporâneas e que nos interessa profundamente – a Internet.

O envelhecimento não é a única novidade da humanidade a se destacar nas últimas décadas. O que estamos vivendo agora não é só a sensível democratização da vida (PÉREZ DÍAZ, 2003a), que permite que cada vez mais seres humanos se tornem adultos e idosos, mas também uma revolução tecnológica sem precedentes, a qual, assim como o envelhecimento demográfico, é responsável por mudar profundamente os perfis de comportamento das nossas sociedades. O surgimento da rede mundial de computadores, a Internet, é um exemplo dessa tecnologia que tem mudado radicalmente nossa maneira de nos comunicar. A Internet, com menos de 40 anos de idade, é responsável por promover uma interconexão do mundo nunca antes vista, pelo menos, no que concerne à velocidade e à possibilidade de trocas de informações.

Temos aí outro fenômeno pouco explorado pela Sociologia. A experiência social criada e desfrutada dentro desse espaço virtual da rede mundial de computadores ainda não foi refletida suficientemente. A Comunicação, por exemplo, que geralmente investiga o impacto dos meios de comunicação, no caso da Internet, incorre em vícios recorrentes como, observá-la somente a partir do seu conteúdo e não discutir o que ela é de fato e quais

são os seus impactos sociais, econômicos, políticos, ou qual é o impacto da intensa experiência social a qual ocorre nesse ambiente e que dispensa a presença física.

No seu pouco tempo de existência, a Internet é conhecida e valorizada como um espaço da juventude. Por isso, a provocação do título: “Caiu na rede é jovem?” é de fato uma provocação para a reflexão. É inegável que os jovens estão na rede. E estão, sem dúvida, em maior número. Isso devido a alguns fatores, como o próprio domínio do computador e das ferramentas da Internet. Embora o número de jovens seja maior, não podemos desconsiderar a presença dos idosos, que cada vez mais aumenta. No Brasil, por exemplo, de acordo com dados da PNAD (2005), 61% dos internautas têm até 29 anos de idade. Somente 8% dos usuários têm mais de 50 anos de idade. Os idosos, até o momento, têm significativamente menos acesso à rede do que as pessoas de outras faixas etárias. Entre os idosos também são piores os indicadores educacionais (analfabetismo e escolaridade), o qual, sem dúvida, corrobora para uma exclusão digital.

Contudo, essa aparentemente tímida participação da terceira idade na Internet deve ser avaliada com cuidado. A rede mundial de computadores existe a poucas décadas e se popularizou no país efetivamente há menos de 10 anos. Isso pode explicar, em parte, o desinteresse e a resistência dos idosos em aprender os requisitos necessários para navegação. Além disso, é preciso lembrar que as estatísticas do IBGE, no que concerne aos recortes por faixa etária, revelam dados absolutos e não relativos. Nos próximos 20 ou 30 trinta anos, as pessoas que têm 30, 40, 50 anos de idade terão 60 ou mais de idade. Isso possivelmente vai resultar num salto significativo de usuários idosos.

Acreditamos que a Internet, como já comentamos antes, é um lugar onde a experiência social também se processa. Nesse espaço, ao contrário de outros meios de comunicação, como a televisão, por exemplo, receptores e emissores se confundem, trocam informações e, afinal, convivem. Características como acessibilidade, interatividade, hipertextualidade e capacidade de circulação de informações fazem dela um *locus* privilegiado de trocas de experiências, de acesso à informação e de mobilização social.

Neste projeto nos perguntamos sobre a participação dos idosos na Internet. Como a rede mundial de computadores contribui para a construção, afirmação ou desenvolvimento do protagonismo idoso? Nossa pesquisa se propõe a dar respostas qualitativas para essa vivência que os idosos desfrutam na rede. O protagonismo idoso pode ser medido em

ações, em participações, e são exatamente esses níveis de participação que pretendemos avaliar nesse espaço virtual.

Os idosos, por meio de suas associações ou iniciativas individuais, são também emissores na rede mundial de computadores? Quem são os produtores dos *sites* para idosos? As pessoas idosas participam da produção do material da *Web* destinado a elas? Afinal, os idosos são estimulados a exercer essa participação? Estas são algumas das questões que norteiam a nossa pesquisa.

Apesar disso, não aplicaremos essa pergunta somente ao caso brasileiro, mas, igualmente, ao espanhol. Então, agora é preciso dar resposta a uma última pergunta, que permeia a escolha do recorte desta pesquisa: por que a Espanha?

Em primeiro lugar, a Espanha e o Brasil vivem momentos muito parecidos no ponto de vista da curva etária, apesar de que no caso espanhol esse processo de envelhecimento seja mais antigo. Dados da Organização das Nações Unidas – ONU já chegaram a revelar que, no ano de 2050, a Espanha poderá ser o primeiro ou segundo país do mundo com maior número proporcional de idosos. Atualmente, de acordo com dados do Instituto Nacional de Estadística de España – INE, de 2005, o país tem um número expressivo de pessoas idosas. Sua população é de aproximadamente 44 milhões de habitantes, sendo que, destes, mais de sete milhões têm 65 anos<sup>5</sup> ou mais de idade, o que equivale a mais de 17% da população, bem acima da proporção brasileira.

Sem dúvida, a Espanha tem muito com o que se preocupar para acolher digna e respeitosamente sua população, que será majoritariamente idosa em muito pouco tempo. Essas preocupações, assim como no Brasil, não podem ser centradas apenas no ponto de vista da saúde ou da seguridade social. É claro que esses são aspectos importantes dessa questão, porém, nem de longe respondem a todas as demandas sociais provocadas pelo envelhecimento do país.

O caso é riquíssimo de análise porque é o extremo – a Espanha, provavelmente, será um dos países mais velhos do mundo proporcionalmente. Além disso, dados da ONU apontam para outra informação interessante: há uma tendência crescente para os idosos espanhóis a viverem sozinhos. Aproximadamente 20% do total de idosos desse país vão

---

<sup>5</sup> Para países desenvolvidos, como já colocamos antes, a OMS considera idosos os indivíduos com idade igual ou superior a 65 anos. Portanto, nessa pesquisa trabalharemos, seguindo as orientações da OMS, com dois recortes de faixas etárias para classificar as pessoas idosas, já que se trata de países em condições diferentes de desenvolvimento. Para o Brasil, consideraremos idosas as pessoas com 60 anos ou mais de idade. Já para Espanha esse recorte se altera para 65 anos ou mais de idade.

morar sozinhos nos próximos anos. Sem dúvida, isso revela um processo crescente de autonomia do idoso e de modificação nos arranjos familiares. E isso, indubitavelmente, é um câmbio sem precedentes já que há pouco tempo o idoso era visto como um dependente, inválido, ou mesmo uma criança, que precisava ser cuidada, conduzida e pajeada<sup>6</sup>.

Assim colocado, acreditamos que o protagonismo idoso na Espanha certamente se manifesta e irá se manifestar ainda mais. Nesse sentido, nos questionamos como isso se revela na Internet? Como os idosos participam na produção, manutenção e nas atividades dos espaços reservados a eles na rede mundial de computadores?

Em segundo lugar, além do que já que colocamos, há outro dado importante. A Espanha demonstrou realmente ter interesse em estudar, no âmbito das Ciências Sociais, o fenômeno do envelhecimento. O projeto de cooperação internacional nº 129/2007, “Idosos, Saúde e Bem Estar: comparação entre Brasil, Espanha e Estados Unidos”, firmado com o Brasil, revela o interesse em refletir e dar soluções às questões relativas ao bem-estar e à qualidade de vida do idoso. Além do interesse por ampliar e fortalecer a pesquisa sobre a terceira idade, a Espanha mostrou também uma abertura aos investigadores brasileiros, por meio desse projeto, para proceder a pesquisas e comparações, o qual traz uma massa de dados e de soluções extremamente úteis para ambos os países. Por causa desse acordo de cooperação internacional, foi possível fazer uma parte dessa pesquisa de doutorado em Barcelona, na Espanha. Durante um ano – 2008 – a aluna cumpriu um Doutorado Sanduíche, o qual, sem dúvida, foi fundamental para compreender as questões postas nessa investigação, no que concerne à Espanha.

Internet e protagonismo idoso no Brasil e na Espanha. A proposta desta tese de doutorado é perceber como o protagonismo idoso no Brasil e na Espanha se revela na Internet.

## **1.1 OBJETO DE INVESTIGAÇÃO E OBJETIVOS DA PESQUISA**

---

<sup>6</sup> Como evidência, não é raro flagrarmos nos meios de comunicação espanhóis comparações que colocam as pessoas idosas no mesmo nível das crianças, com relação ao cuidado e à proteção, e recomendam aos “adultos” preocupações especiais com estes coletivos (SOUSA, NOLASCO e ÁVILA, 2008). Como exemplo apresentamos um trecho de uma matéria publicada no periódico “*El País*”, em julho de 2006, que continha sugestões sobre os cuidados necessários com a onda de calor, que naquele momento abatia a Espanha: “usar ar condicionado, planejar as atividades em horas de menor temperatura, vigiar crianças e idosos, e não deixar as crianças e os idosos no interior dos carros expostos ao sol” (EL PAÍS, 2006).

O objeto de pesquisa dessa tese de doutorado é a relação entre os idosos – tanto do Brasil quanto da Espanha – com a Internet ou, mais precisamente: como acontece a participação social dos idosos brasileiros e espanhóis nos ambientes virtuais, destinados a eles, da rede mundial de computadores?

O objetivo geral desta pesquisa é verificar como a Internet contribui para o protagonismo idoso no Brasil e na Espanha, avaliando a maneira como ele se processa na rede mundial de computadores. Para tanto, adotaremos como objetivo específico analisar os portais brasileiros e espanhóis, alojados na Internet, na perspectiva de avaliar quais são os níveis de participação dos idosos nesses espaços destinados a esta temática e cujos receptores/internautas privilegiados são os próprios idosos.

Nesse sentido, podemos definir como problema de pesquisa: como a Internet contribui para a construção, afirmação ou desenvolvimento do protagonismo idoso no Brasil e na Espanha? Colocamos como hipóteses principais de pesquisa:

- Sim. Há um protagonismo idoso que se processa, tanto no Brasil quanto na Espanha, por meio dos movimentos de aposentados e dos diversos programas de terceira idade, como universidades abertas e iniciativas de organizações não-governamentais, organizações governamentais, associações de bairro etc. Em vista disso, acreditamos que esse protagonismo se estende para a rede mundial de computadores por meio das próprias instituições e movimentos que representam os direitos e interesses das pessoas idosas;

- Sim. As pessoas idosas sempre foram alijadas do processo de produção do discurso sobre si mesmas e da participação na produção dos meios de comunicação. Contudo, a Internet é um meio com características muito peculiares, que inova com o tradicional processo comunicacional (emissor → receptor), no qual as fontes de poder, ou seja, a possibilidade de construção do discurso e de participação social está, geralmente, nas mãos dos emissores, que, via de regra, são os detentores dos veículos de comunicação. Essa peculiaridade da Internet, que a coloca num patamar diferente dos outros meios de comunicação, no sentido de democratizar a ampliação das fontes de informação e de participação dos receptores, favorece a inclusão de grupos historicamente excluídos da produção do discurso e participação – como idosos, crianças, índios e negros – nos canais convencionais de comunicação. Isso viabiliza o envolvimento de idosos ou das associações destes e lhes possibilita uma experiência inusitada: como emissores legítimos e/ou

participantes ativos, que não precisam negociar com grandes grupos de comunicação para terem direito ao espaço de emissão;

- Sim. Por conseguinte, na rede mundial de computadores, a participação dos idosos pode se processar de maneira diferente do que nos outros meios de comunicação. Isso possibilita um aumento nos níveis de participação e envolvimento desse grupo etário, na medida em que esse meio amplia vertiginosamente a capacidade de atuar dentro dele, já que se coloca como um espaço que viabiliza o agir social. Além da produção do discurso, os idosos também podem praticar outras ações de protagonismo idoso, visto que defendemos que a Internet não é meramente um espaço de divulgação de informações, como é a grande maioria dos grandes meios de comunicação, mas um espaço virtual em que ocorrem interações sociais “reais”, nas quais se podem formar comunidades, trocar experiências, namorar, compartilhar opiniões, fazer reuniões etc.

Assim colocado, os idosos têm espaço para exercer o protagonismo idoso na Internet considerando que ela amplia sobremaneira a possibilidade de participação – tendo em vista o seu caráter democrático e a dispensa da presença física – e que esse grupo, como colocamos antes, tem crescido cada vez mais, se empoderado e pouco a pouco ocupado espaço na rede mundial de computadores.

## **1.2 MOTIVAÇÕES DO TRABALHO**

Buscar as razões pelas quais tomamos algumas decisões é sempre uma tentativa de racionalizar e de encontrar causalidades e lógica em algo que, muitas vezes, não é possível ou que, ao menos, não conseguimos acessar esses elementos. Ainda assim, o esforço é válido para tornar claro para si mesmo e para outros os caminhos que nos conduziram à escolha desse tema e à realização desse trabalho. Para tanto, acreditamos que quatro aspectos podem ser relevados como importantes motivadores para a elaboração dessa tese de doutorado, nesse tema específico: intelectuais, acadêmicos, profissionais e pessoais.

Os motivos pessoais aparecem listados como o último, contudo, é provável que sejam os primeiros, os mais importantes e que permeiem todos os outros. A vontade de descobrir esses temas, de mergulhar em uma pesquisa de fôlego e trazer contribuições que são, entre outras coisas, fortemente emocionais, foram ingredientes fundamentais para enfrentar esses anos de investigação. Especialmente no que concerne ao estudo da velhice, os motivos

personais foram ainda mais fortes. Compreender essa etapa do desenvolvimento humano é também tentar entender, ainda que timidamente, o processo da vida, ou mais precisamente, da vida dos outros e da sua própria. É, sem dúvida, um assunto que nos desperta o interesse científico porque, antes de tudo, traz à tona o interesse pessoal, nos move na direção de conhecer a dinâmica da vida e nos toca para compreender uma condição humana especial e rica, ainda que carregue sobre si o peso de um discurso social que a coloca como problemática e sofrida.

Em relação aos motivos intelectuais acreditamos que a união dos dois temas – terceira idade e Internet – trouxe um desafio precioso para consolidar os novos conhecimentos advindos do doutorado em Sociologia e retomar e, de certa maneira, promover um diálogo com os conhecimentos da Comunicação, minha área de formação. Trazer a Internet para o âmbito das preocupações dessa pesquisa foi fundamental para que o vínculo com a Comunicação não fosse rompido. Na verdade, isso possibilitou agregar conhecimentos sem necessitar abrir mão dos caminhos que vinham sido percorridos até então.

Quanto aos motivos acadêmicos e profissionais, cremos que esses não podem aparecer apartados, porque traduzem expectativas de vida que se cruzam. Pesquisa e docência são metas acadêmicas e profissionais para esta pesquisadora. Assim colocado, nos pareceu estratégico realizar esta investigação porque ela nos traz uma vinculação definitiva com duas áreas que nos interessam muito – Sociologia e Comunicação – além de nos dar oportunidades de atuar num campo de discussão ainda jovem e incipiente tanto para a Sociologia, quanto para a Comunicação. O fato é que os sociólogos ainda não abraçaram o tema da terceira idade nem o da Internet. Essas são temáticas dominadas por outras áreas e, nesse palco, a Sociologia ainda não ousou um ato mais forte e duradouro. Tampouco a Comunicação, que, apesar de já se debruçar com mais empenho sobre o estudo da rede mundial de computadores, está longe de pensar os idosos como um grupo importante capaz de auxiliar na construção do seu próprio discurso ou atuarem como produtores e emissores nos meios de comunicação.

Nesse sentido, acreditamos que ousar nesses temas traz imensos desafios, especialmente no que concerne à questão das referências bibliográficas, já que há pouco publicado sobre cada um dos assuntos e, sobre os dois juntos, então, é ainda mais raro. Todavia, cremos que os desafios superados trazem recompensas e essas, para nós, estão em

trilhar um caminho em campos que carecem de pesquisadores das Ciências Sociais Aplicadas.

É importante observar que essa exposição de motivos não foi diacrônica, aliás, como comentamos antes, é provável que não saibamos como fazê-la de uma maneira organizada no tempo. Apresentamos um rascunho de um desenho que talvez nunca se finalize. Não obstante, são os fatores que podemos listar como motivadores desse trabalho, ainda que haja outros menos importantes ou, mesmo que, até o momento, ainda não tomamos consciência.

### **1.3 CONTRIBUIÇÕES DO TRABALHO**

Os meios de comunicação sempre tiveram como público mais importante os adultos, os adolescentes e as crianças. Os adultos foram os primeiros. Privilegiados pelos meios impressos e pelo rádio. Era o grupo dos homens de negócio, que detinha o poder de consumo, especialmente aqueles que ocupavam a cena pública e necessitavam estar bem informados. Depois foi a vez dos adolescentes. Eles passaram a ser vistos como um grupo importante para os meios, especialmente, com o surgimento da televisão. Eles começaram a ser encarados socialmente como um público de considerável poder de consumo e a TV passou a priorizar a juventude e seus valores. As crianças apareceram como público-alvo importante na seqüência, no Brasil isso aconteceu aproximadamente nos anos 80, quando se descobriu, especialmente a televisão, o poder de compra desses pequenos telespectadores.

Agora os meios de comunicação se voltam para o que conhecemos como minorias empoderadas, procuram novos nichos de mercado, que, atualmente, mostram-se com mais poder, inclusive de compra, e, nesse sentido, passam a incluir no seu discurso grupos historicamente alijados do processo de produção do discurso midiático, como mulheres, homossexuais, negros e idosos. São os novos atores sociais que entraram em cena há poucas décadas e conquistaram direitos e um espaço na sociedade, o que fez que os profissionais da comunicação os colocassem como foco na elaboração de diversos produtos e serviços. Esses grupos não só passam a auxiliar nessa produção como também passam a ser representados de uma nova maneira, na medida em que a mídia tenta incluí-los.

Se fôssemos estudar a presença dos idosos nos meios de comunicação há 20 ou 40 anos, é provável que nos deparássemos com a ausência ou com a presença pontual e pouco valorizada das pessoas idosas, tanto no que toca ao Jornalismo quanto à Publicidade. Contudo, o envelhecimento demográfico está mudando os pólos de poder do mundo. O aumento significativo do número de idosos também implicou num aumento de poder para estes. As pessoas cada vez vivem mais, continuam trabalhando até mais altas idades, continuam atuando como eleitores, consumidores, ou seja, o aumento quantitativo foi também qualitativo, no que concerne, especialmente, à participação social.

Neste sentido, as instituições sociais, de modo geral, precisam, com cada vez mais frequência, incorporar esse grupo etário no leque das suas preocupações. A negligência se torna cada vez mais difícil. É preciso olhar para esse grupo, falar a esse grupo. Finalmente, é bem provável que as instituições e a sociedade tenham que acabar, definitivamente, com a “conspiração do silêncio”, denunciada por Simone de Beauvoir ainda na década de 1970. E com os meios de comunicação não é diferente.

Acreditamos que é nessa direção que caminha a contribuição deste trabalho. Buscamos compreender como o aumento da participação social dos idosos se estende até os meios de comunicação. Mais precisamente, tentamos compreender um terreno que é pouco visitado, que ainda está pouco acessível: que é, mais precisamente, como o empoderamento da terceira idade chega, ou mesmo não chega, aos meios de comunicação, em especial, à Internet.

Nossa pretensão, portanto, também caminha no sentido de compreender como a dinâmica de empoderamento dos idosos impacta na participação deles nos portais, que funcionam como comunidades virtuais, hospedados na rede mundial de computadores, destinados a eles. Na verdade, a intenção é lançar um olhar sobre esse fenômeno que vem sofrendo alterações, mas que para as Ciências Humanas ainda é pouco explicado e observado.

A Internet é apontada por alguns pesquisadores da área da Comunicação, como Downing (2003), como uma “mídia radical”, a qual pode ser explicada como um meio de comunicação que abre uma possibilidade de participação dos receptores que nenhum outro meio já existente foi capaz de fazê-lo. Ela também é conhecida como o canal que dá espaços a grupos que talvez nunca tivessem voz nos meios de comunicação convencionais, um exemplo disso é que o Movimento dos Sem-Terra – MST, do Brasil, e o *Euskadi Ta*

*Askatasuna* - ETA, da Espanha, que agora passam a poder publicar as informações que desejam nesse ambiente virtual. Sem dúvida, os outros meios, anteriores à rede mundial de computadores, jamais dariam espaço a esses grupos, os quais por sua natureza política são freqüentemente silenciados.

Essa dinâmica do movimento de surgimento e empoderamento da terceira idade e a sua relação com os meios de comunicação nos parece um assunto que necessita ser melhor compreendido. A Internet é um espaço no qual a experiência social acontece, diferentemente dos outros meios de comunicação, pode-se namorar pela rede, ir ao banco, conhecer pessoas, ou seja, usufruir de experiências que, ainda que ocorram em um ambiente virtual, são bastante concretas. Como colocamos antes, os receptores se tornam emissores e vice-versa. Quando se entra num sítio *Web*, por exemplo, e se busca informações e se posta a sua própria, perde-se a rigidez dos rótulos. Os velhos centros de poder são obliterados. Por conseguinte, nos parece importante compreender como a terceira idade se apropria dessa tecnologia e passa a ter a oportunidade de exercer o protagonismo nesse meio.

As contribuições dessa tese são, sobretudo, científicas e sociais. Primeiro porque, enfim, as Ciências Humanas, assim como outras instituições, também precisam incorporar os idosos no seu foco de preocupação. Em segundo lugar, porque a Internet precisa do concurso dessas ciências para ser explicada, o que inclui a Sociologia, considerando que experiências sociais bastante concretas são travadas ali. E, também, porque a relação entre esses dois temas é menos simples do se parece, tendo em vista que a participação das pessoas idosas na rede tende a aumentar e se complexificar. Compreender o protagonismo dos idosos na Internet é também perceber o caminho do empoderamento social que esse grupo vem desenhando, além de entender como tal grupo lida com as complexas redes tecnológicas que estão por trás da construção de espaços para, da e sobre a terceira idade na Internet.

#### **1.4 ESTRUTURA DA TESE**

A apresentação e divulgação de um trabalho de pesquisa é, sem dúvida, fundamental para que o percurso tomado para realizá-la e os resultados obtidos sejam compreensíveis. Assim colocado, o cuidado com a apresentação e organização dos resultados dessa

pesquisa de doutorado foram elaborados com muita cautela e de maneira estratégica para que o leitor acompanhe o desenrolar desse estudo do modo mais claro possível.

Esta tese de doutorado está dividida em cinco momentos, inicia com a apresentação do objeto de pesquisa e dos objetivos desta e finaliza com a discussão dos resultados obtidos na análise de dados e outras considerações que julgamos relevantes. Além de realizarmos uma disposição que fosse conveniente para o conforto do leitor – no sentido de uma organização precisa, clara e que lhe permitisse compreender os caminhos percorridos que levaram aos resultados obtidos – também procuramos harmonia com o rigor científico, na medida em que cremos que o modo pelo qual se apresenta um trabalho de investigação é um requisito científico, o qual deve ser rigoroso e metódico, ainda que não necessite abrir mão da criatividade.

O primeiro momento deste trabalho é composto somente por um capítulo: a Introdução. Esse foi o espaço para colocarmos as cartas na mesa. Assim, apresentamos o tema, discutimos e justificamos o objeto de pesquisa e o seu objetivo e as contribuições deste trabalho. Além disso, também foi ainda esse primeiro momento que consideramos ser apropriado para revelarmos nossos procedimentos metodológicos, ou seja, explicitarmos os passos tomados para a resolução do nosso problema de pesquisa. Assim sendo, essa primeira parte foi, de fato, para apresentarmos o nosso roteiro.

Esta pesquisa de doutoramento teve, como foi dito antes, duas palavras-chave principais: idosos e Internet. Nesse sentido, a apresentação da pesquisa também girou em torno dessas palavras. Colocado de maneira mais específica, a segunda parte desse trabalho foi destinada ao estudo dos idosos e da terceira idade. Esse momento é composto de três capítulos nos quais discutimos nossas filiações teóricas sobre o tema e também expomos como esse grupo etário se apresenta nos dois países eleitos para a análise.

Assim exposto, o primeiro capítulo desta parte é eminentemente teórico e os outros dois são destinados à apresentação do perfil das pessoas idosas no Brasil e na Espanha. Ou seja, em um capítulo discutimos o envelhecimento demográfico brasileiro – historicidade, concentração no país, perfil sócio-cultural-econômico-educacional e perspectivas para o futuro – e no outro capítulo fizemos o mesmo percurso para apresentar a terceira idade espanhola. Portanto, essa é uma parte que mescla teoria e contextualização. O leitor pode estar se perguntando agora por que tanto esforço para essa contextualização. Na verdade, a importância dessa ação é tornar viável a análise do material que selecionamos na rede

mundial de computadores. Os portais são ambientes virtuais que pertencem a um grupo ou a vários. São espaços comunitários de interação social. Compreender o protagonismo idoso dentro desse ambiente exige primeiro compreender melhor esse grupo etário em cada país. Conseqüentemente, a contextualização é um esforço que consideramos estratégico e imprescindível para proceder às análises.

A terceira parte da tese é um mergulho profundo nas águas das tecnologias e dos meios de comunicação, em especial, a Internet. Esse momento está dividido em dois capítulos que não só se debruçam na nossa segunda palavra-chave – Internet – como igualmente propõem uma contextualização do perfil dos usuários da rede mundial de computadores nos nossos países de análise. No primeiro capítulo dessa parte, que corresponde ao quinto capítulo da tese, mergulhamos na tentativa de “desvendar a rede”. Ou seja, discutimos o histórico da Internet, apresentamos os ambientes e serviços desse meio de comunicação para, especialmente, caracterizar mais aprofundadamente o nosso *locus* privilegiado de análise: os portais hospedados no ambiente *Web*. Sem dúvida, foi um esforço essencial para debatermos mais as características do nosso canal e mapearmos com mais precisão o espaço dele que vamos trabalhar. Nesse capítulo também, como já comentamos, discutimos e apresentamos as estatísticas sobre o uso da Internet no Brasil e na Espanha e o perfil dos usuários, especialmente, os idosos.

No capítulo seguinte, partimos para uma discussão teórica sobre a Internet. Esse foi o momento de refletirmos sobre como a experiência social acontece nesse meio de comunicação e sobre as características desse canal as quais o diferem tão sensivelmente dos outros conhecidos até hoje, como rádio, televisão e jornal. Foi, também, nesse capítulo que lançamos mão do aporte teórico da Construção Social da Tecnologia, especialmente, de alguns autores da corrente de pesquisa conhecida como Ator-rede, entre eles podemos citar Callon, Bruno Latour, Law e outros. Não podemos perder de vista o fato de que a Internet é uma tecnologia a qual possibilita a interação social. Contudo, ela não desaparece nessa seara de relações e trocas humanas. Ela está ali: exatamente no meio da experiência social que acontece dentro dela. Não é neutra e, afinal, está no centro dessa interação. Portanto, cabia questionar quais são as redes de interesses que se formam em torno dos portais sobre e para idosos e os níveis de participação que os atores têm dentro dessa rede.

A quarta parte dessa tese é especial para a apresentação da análise dos portais e discussão dos resultados obtidos. Neste sentido, essa etapa foi dividida em dois capítulos

para tornar o mais claro possível os resultados da pesquisa. No primeiro capítulo estão listados e descritos os *sites* selecionados nos dois países. Foi o momento de apresentá-los e colocar suas principais características. Já o segundo capítulo é destinado à análise, propriamente dita, desses portais e a discussão dos principais resultados obtidos.

Por último, como se costuma finalizar a apresentação de um relato científico, temos as considerações finais. A última etapa foi a de realização de um balanço geral da pesquisa, do reforço dos principais resultados e da promoção de comparações entre os dois países no que concerne ao uso e à participação dos idosos na rede mundial de computadores.

Acreditamos que esses são os principais elementos colocados na apresentação desta tese de doutorado, ainda que possam existir outros que não ganharam destaque aqui, mas que foram importantes para o desenrolar desta investigação. Cremos também, como já discutimos antes, que esse foi o caminho eleito que equilibra, ao nosso ver, rigor científico e, é claro, simplicidade e criatividade para que o diálogo com o leitor seja favorecido e estimulado.

## **1.5 A ESTRATÉGIA METODOLÓGICA**

Os procedimentos metodológicos são, sem dúvida, uma etapa crucial para o desenvolvimento deste trabalho. Para a realização dessa pesquisa, utilizaremos a metodologia qualitativa para investigar e qualificar a participação das pessoas com 60 anos ou mais de idade na Internet. Em vista disso, para explicar o caminho metodológico percorrido para execução da pesquisa, dividimos esse momento, do primeiro capítulo, em três partes fundamentais: tipo de estudo, universo de pesquisa e estratégia de coleta de dados e análise e interpretação. Em cada um desses tópicos, procuramos apresentar, esclarecer e justificar a estratégia metodológica que julgamos capaz de responder ao nosso problema de pesquisa.

### **1.5.1 TIPO DE ESTUDO**

A realidade social é dinâmica e pouco apreensível. Os fenômenos não esperam que os pesquisadores os analisem com cuidado. Eles têm vida e movimento próprio. Compreender essa dinâmica é, de certa maneira, tentar aprisioná-la para, assim desmembrá-la e esboçar uma explicação. Portanto, não é uma tarefa fácil escolher uma maneira adequada de analisar o exercício do protagonismo idoso na rede mundial de computadores. Na verdade, há ainda muito que se investigar sobre quais são as abordagens metodológicas adequadas para compreender a realidade social que se processa nesse ambiente virtual. É como tentar tirar a fotografia de um carro em movimento. Há de se escolher o material necessário – a melhor câmera, o modelo adequado e a lente especial capaz de capturar o carro e a idéia de deslocamento –, a posição correta e, claro, esperar com tranquilidade o tempo justo para que possamos ver, ainda que de maneira turva, o carro e termos alguma noção de como ele se movimenta. E, na verdade, uma única foto nunca daria conta de tornar evidente o carro e o seu movimento, mas somente uma série de fotos tomadas em curtos espaços de tempo é que pode nos auxiliar na compreensão desse fenômeno. Logo, nomeamos este tópico de estratégia metodológica porque, de fato, acreditamos que é necessário criar uma estratégia rigorosa e criativa para entender e explicar a riqueza e as qualidades do fenômeno social que pretendemos investigar.

Assim colocado, para compreendermos melhor o recorte da realidade social que propomos nessa pesquisa, lançamos mão de uma investigação sociológica qualitativa. Acreditamos que um estudo sociológico qualitativo foi a melhor maneira de abordar o nosso objeto. Isso porque cremos que um estudo quantitativo não nos auxiliaria na compreensão de um fenômeno que é subjetivo e intersubjetivo – ou de acordo com Latour (2006): objetivamente complexo –, pouco quantificável e que se revela na fala ou, mais precisamente, nas ações que se processam nos portais sobre idosos e para idosos.

Segundo a autora Pérez Andrés (2002) a metodologia qualitativa nos permite interpretar os discursos e a participação social e compreender o processo de construção de sentido e as representações sociais:

No terreno das ciências sociais se pode fazer estudos tanto sobre os fatos (do ponto de vista da frequência de sua apresentação etc.) do qual se encarrega a metodologia quantitativa, como sobre o sentido e o significado das representações sociais e dos discursos, do qual se encarrega a metodologia qualitativa, esta última através de análises do conteúdo manifesto para então, mediante a interpretação, obter o oculto ou latente. Dado que nenhuma atividade humana escapa à linguagem e à fala, podemos empregar a metodologia qualitativa para investigar qualquer fenômeno relacionado com a realidade social (...) (Trad. livre) (PÉREZ ANDRÉS, 2002, p. 375).

Como a autora coloca, a metodologia qualitativa nos permitirá compreender as trocas entre os sujeitos que acontecem nesses ambientes, as redes sociotécnicas formadas nesses espaços virtuais e as possibilidades de interação e de participação dos idosos na produção e continuidade dos portais *Web* destinados a eles. Nesta investigação qualitativa poderemos compreender melhor de que maneira os referidos sujeitos estão incluídos ou alijados da possibilidade de participar socialmente, se simplesmente se colocam como meros receptores, do mesmo modo que estão diante dos meios de comunicação convencionais, ou se tomam decisões relevantes para o conjunto dessa comunidade.

O método qualitativo tem assim como objetivo a descrição das qualidades de um fenômeno. Seus resultados não nos dão conhecimento a respeito de quantos fenômenos têm uma qualidade determinada. Em lugar disso se trata de encontrar as qualidades que em conjunto caracterizam o fenômeno. Aquilo que qualitativamente permite distinguir o fenômeno investigado de outros fenômenos (Trad. Livre) (MELLA, 1998, p. 6).

Como objetiva a investigação qualitativa, nos propomos a imergir na realidade social que elegemos como objeto de pesquisa, descrevê-la – determinando as suas características

e, claro, interpretá-la. Assim colocado, nossa pretensão é compreender o mais profundamente os portais selecionados e a dinâmica do protagonismo idoso que ocorre dentro deles.

Esse estudo, de natureza qualitativa toma como orientação teórica – além dos estudos sobre o idoso e a terceira idade – e metodológica o trabalho de alguns autores da Comunicação e da Ciência da Informação, que se dedicam à análise da Internet, e da Construção Social da Tecnologia, em especial a teoria Ator-rede, na medida em que reconhece que no fenômeno social pesquisado a tecnologia está no centro das interações humanas, não só como mediadora do espaço da experiência social, mas, sobretudo, como produtora do próprio espaço no qual essa experiência se processa. Essas orientações teóricas e metodológicas foram fundamentais para eleição das variáveis e criação dos indicadores apropriados para avaliar como o protagonismo idoso acontece na rede mundial de computadores.

Sem dúvida, a orientação teórica e metodológica foi selecionada com muita cautela porque não se trata simplesmente de estudar um recorte social, no qual o foco está somente nos homens e na relação entre eles. Aqui se tem outro elemento que compõe as redes sociais que estudamos: a tecnologia. Tomar a tecnologia como foco privilegiado de estudo é uma ação relativamente recente para as Ciências Humanas, inclusive no que concerne à Sociologia e à Comunicação. O estudo da tecnologia só emerge com mais força na Sociologia a partir da década de 50, como a publicação do texto “*The question Concerning Technology*”, de Martin Heidegger (TRIGUEIRO, 2007a)<sup>7</sup>. No âmbito da Comunicação, isso se deu aproximadamente na década de 60, com os estudos do pesquisador canadense Marshall McLuhan.

Porém, os desafios teóricos e metodológicos que a Internet nos coloca ainda estão longe de serem solucionados. Analisar esse espaço de experiência virtual marcado pela efemeridade e pela volatilidade, especialmente do ponto de vista sociológico, é ainda um grande desafio, do qual a Ciência acabou de lançar olhar e que, portanto, temos mais questionamentos do que respostas.

Os sujeitos que constroem e mantêm os portais analisados não são somente idosos, como deixamos claro até aqui. Eles formam, na verdade, uma rede sociotécnica, ou seja,

---

<sup>7</sup> Além da contribuição de Heidegger, não podemos deixar de citar outros autores que também tiveram participação fundamental no fomento do debate sobre a questão tecnológica, como: Merton, Marcuse, Habermas e Ellul.

uma rede composta por um grupo de diversos tipos de pessoas – de faixa etária e perfis socioculturais distintos, no qual no centro está um artefato tecnológico. O que os une são os interesses em comum. Por trás de um portal há uma rede de técnicos, de produtores, e também, no mínimo, uma instituição ou associação e diversos tipos de usuários que, como já colocamos, muitas vezes co-participam da manutenção desse ambiente. São, mais precisamente, membros de uma comunidade virtual que compartilhem interesses em comum, ainda que estejam distanciados geograficamente e tenham diferentes níveis de participação e envolvimento.

Assim colocado, podemos afirmar que o nosso procedimento metodológico foi uma etnografia da rede, obviamente, no que toca aos portais sobre os idosos, porque observamos sistematicamente essas redes de interesses nesse espaço virtual, tanto no que diz respeito aos seus discursos, quanto, especialmente, às suas ações. Contudo, na bibliografia específica sobre a abordagem etnográfica, percebemos que somente há pouco tempo os autores começaram a propor uma reflexão do que seria uma etnografia virtual (e, mais especificamente, sobre uma etnografia da rede mundial de computadores), o que acreditamos ser absolutamente compreensível considerando, como já colocamos antes, a novidade que a Internet representa como objeto de pesquisa para as Ciências Humanas e Sociais Aplicadas.

A despeito do fato da discussão ainda incipiente sobre a etnografia de espaços virtuais, podemos afirmar que se tratou de uma abordagem etnográfica no sentido de que cumprimos os passos de um estudo etnográfico. Isso porque conforme Mella (1998), para se fazer um estudo dessa natureza é necessário eleger um povo ou um grupo de pessoas que tenha algo em comum. Neste sentido, cada portal que analisamos tem um grupo de pessoas em torno dele. Foi nesse espaço virtual que fizemos nossas observações sistemáticas e participantes sobre o comportamento de cada grupo específico. A pesquisadora teve de se deslocar ao ambiente desses grupos, ou seja, aos portais nos quais usuários e produtores travam suas relações:

O etnógrafo, ou a etnógrafa, participa, abertamente ou de maneira oculta, da vida cotidiana das pessoas durante um tempo relativamente extenso, vendo o que passa, escutando o que se diz, perguntando coisas, ou seja, recolhendo todo o tipo de dados acessíveis para poder lançar luz sobre os temas que ele ou ela escolheram para estudar (Trad. Livre) (HAMMERSLEY, M. e ATKINSON, P., 1994, p.1).

Ou seja, a Internet foi o espaço da nossa observação participante, espaço no qual observamos as interações sociais travadas entre os usuários e entre estes e os emissores. Contudo, tratou-se de um espaço imaterial, e, portanto, esse deslocamento foi virtual. É preciso afirmar mais uma vez que a Internet nos coloca grandes desafios teóricos e metodológicos. Acreditamos que ela seja um objeto rebelado, que não aceita os paradigmas teóricos e metodológicos construídos até aqui e que nos desafia a pensar novas maneiras para tentar explicá-la.

É importante afirmar também que este estudo etnográfico tinha um objetivo específico: analisar o protagonismo idoso nesses portais. Logo, não nos centramos em outros aspectos dessas interações sociais e o do funcionamento das comunidades virtuais os quais não contribuíssem na compreensão de como se dá a participação das pessoas idosas.

Além disso, como um estudo etnográfico prevê, não há como compreender uma questão que se lança sobre determinado grupo social sem descrevê-lo. O conhecimento desse grupo é fundamental para entendermos as formas de participação dentro desses espaços. Só mapeando bem as características dele é que compreenderemos o seu sistema de significados.

Deste modo, para compreender melhor o nosso grupo, fizemos os capítulos sobre a terceira idade e a utilização da Internet tanto na Espanha, quanto no Brasil na perspectiva de saber com mais precisão sobre quem estávamos falando antes de analisarmos o protagonismo que se processa nos portais.

#### **1.5.1.1 POR UMA ETNOGRAFIA VIRTUAL**

A Internet no seu pouco tempo de existência tem se tornado um grande desafio na revisão de paradigmas teóricos e metodológicos. No caso da etnografia isso está evidente. Apesar de, como colocamos antes, o debate sobre os estudos etnográficos na Internet serem ainda jovens, considerando que existem somente há uns 10 anos, as vozes em torno dessa reflexão têm se tornando cada vez mais freqüentes e mais fortes.

Diversos autores defendem a existência do que seria uma etnografia virtual, ou etnografia digital ou, ainda, *cyberetnografia*. A despeito da nomenclatura, esse conceito se refere: “à adaptação da metodologia etnográfica ao estudo das interações mediadas por

computador ou das práticas sociais e culturais associadas ao uso e a produção na Internet” (ESTALELLA, A. e ARDÈVOL, E, 2007, p. 3).

Para os autores, a etnografia virtual não se difere e nem se coloca como oposta à etnografia clássica. Porém, assume alguns contornos específicos para dar conta dessa realidade social mediada por computadores. O universo de investigação da Internet se apresenta efêmero e instável muitas vezes muito longe do *corpus* de investigação das comunidades já assentadas. Conforme Domínguez Figaredo *et al* (2007), essa característica peculiar da rede coloca limites e desafios para o trabalho do etnógrafo, como a tensão entre a facilidade de recuperar informações e a dificuldade em participar das comunidades estudadas.

Sobretudo é o conceito de comunidade com o qual trabalha a etnografia que se modifica quando trabalhamos nos ambientes virtuais. As comunidades virtuais são vistas como comunidades de interesses que têm em seu seio um componente tecnológico, que desempenha um papel primordial nas interações sociais que se processam aí (DOMÍNGUEZ FIGAREDO *et al*, 2007).

Para os estudos etnográficos o contexto é muito importante já que ele também interfere na ação social, daí, a importância de se discutir uma etnografia adequada às idiossincrasias dos ambientes virtuais: “Os usuários da Internet dão sentido a suas práticas através de uma compreensão compartilhada, que surge tanto da produção de uma página *web* como do uso de um grupo de notícias, e que constituem nada menos que formas de ação social” (Trad. livre) (HINE, 2004).

Para efeito desta investigação, consideramos que a realidade etnográfica é o *cyberspace*, ou seja, o espaço imaterial da Internet. Contudo, o nosso campo de investigação são os portais, eleitos para a pesquisa. Ou seja, redes sociotécnicas que constroem significados, geram identidades e reúnem grupo de pessoas ao redor dela, porém além dos humanos, os artefatos tecnológicos também são considerados por que o agir social dentro dessas redes é muitas vezes moldados por estes e vice-versa.

Acreditamos que convém explicar com um pouco mais de profundidade a questão das redes sociotécnicas e os aspectos éticos implicados na realização do nosso estudo etnográfico virtual, contudo, adiamos esse debate para a terceira parte e quarta partes desse trabalho, respectivamente, crendo que eles são espaços mais oportunos para o aprofundamento destes temas.

### 1.5.2 UNIVERSO DE PESQUISA

O objetivo desta tese de doutoramento, como já comentamos antes, é observar os portais da Internet – ambientes virtuais complexos que oferecem múltiplos serviços e estão alojados na rede mundial de computadores – para compreender como se processa o protagonismo idoso nesses espaços virtuais.

Por isso, para resolvermos o nosso problema de pesquisa propomos a análise de dois portais da Internet, mais precisamente portais do ambiente *web*, no intuito de compreender os níveis de participação dos idosos dentro desses ambientes virtuais, como a publicação de seus próprios materiais, a decisão dos temas debatidos no portal, a interação com os outros idosos ou com os produtores deste.

Assim, para equilibrar a nossa pesquisa e tornar possível uma comparação eficaz, fizemos uma análise de um portal brasileiro e um espanhol. Apesar de se tratar de uma pesquisa qualitativa, a qual geralmente não necessita ser definida por critérios estatísticos, ou seja, não demanda uma amostragem representativa do ponto de vista da quantidade, acreditamos que o número de portais é significativo tanto no que se refere à quantidade, quanto no que se refere à qualidade. Isso porque os portais sobre a terceira idade ainda não são muitos e nem aparecem com muita frequência, tanto no Brasil quanto na Espanha. Selecionar esse universo nos dois países não foi uma tarefa muito simples porque o formato eleito – portal – é mais complexo e, portanto, como já comentamos, menos comum do que outros, como os *sites* comuns, por exemplo. Além disso, a participação dos idosos na rede mundial de computadores ainda é tímida nos dois países, o que, sem dúvida, impacta na quantidade e na diversidade de produtos e serviços oferecidos a eles.

De toda sorte, a representatividade numa pesquisa qualitativa é estrutural e não estatística (PÉREZ ANDRÉS, 2002), deste modo, o que nos interessa é menos o número de portais e mais como estes, no universo que escolhemos, estão organizados e como se estruturam as relações sociais dentro desses ambientes.

Além disso, consideramos que esse número de portais é uma tarefa factível, para uma pesquisa de doutoramento, e a ampliação deste não contribuiria para compreendermos melhor a participação dos idosos na Internet. Afirmamos isso porque outro critério utilizado para selecionar o nosso universo de pesquisa foram as “novidades” que esses

portais traziam, ou seja, a capacidade de nos trazer mais características diferentes e, portanto, mais qualidades sobre esse fenômeno, para enriquecer a nossa pesquisa. Por isso, quando percebemos que a repetição começou a se tornar muito mais comum do que as novidades, encerramos a procura e fechamos o nosso universo.

A escolha dos portais se deu por procura nos sistemas de busca da própria Internet, como, por exemplo, *google.com*, *yahoo.com*, *cadê.com* e *altavista.com*. Colocamos duas palavras-chave para a procura no Brasil: “idosos” e “terceira idade”. Para a Espanha trabalhamos com três palavras-chaves, que representam mais comumente a maneira como os espanhóis se referem aos idosos: “*persona mayor*”, “*anciano*” e “*tercera edad*” (no tópico sobre coleta de dados explicamos melhor quais os outros filtros que aplicamos para a seleção dos portais, além desse que seria o primeiro e o mais óbvio para recortar o nosso universo de pesquisa).

Definimos essas palavras-chave e não outras relacionadas à velhice, como “velho”, “velhice”, “envelhecimento” porque, como discutiremos na primeira parte desta tese, convencionou-se em vários países do mundo, inclusive nos que estão sob investigação, adotar termos novos que não fossem tão carregados de estereótipos negativos quanto os citados acima. Portanto, de uma maneira geral, isso também está refletido na Internet e, claro, nos outros meios de comunicação. Velho e velhice foram substituídos por idosos e terceira idade. Esse novo vocabulário foi incorporado por vários setores da sociedade, como as associações de terceira idade e até mesmo pelos governos. Como evidência, no Brasil temos o “Estatuto do Idoso” e não o “Estatuto do Velho”. Em vista disso, acreditamos que foi mais eficaz utilizar essas palavras-chave, já que os grupos citados são os principais mantenedores dos portais que vamos analisar.

Os portais da rede, geralmente, têm, pelo menos, uma instituição que os mantêm. Essas instituições podem ser do governo, de empresas privadas ou organizações não-governamentais e outras de terceiro setor. Podem, inclusive, ser uma parceria entre várias instituições. Assim, os portais analisados seguem essa mesma lógica. Não escolhemos um tipo de instituição ou um setor específico para selecionar o nosso universo. Os filtros foram outros. Os mantenedores foram descobertos durante a análise porque acreditamos que os tipos e a incidência destes já é uma pista para avaliarmos como se processa o protagonismo idoso na Internet.

A seguir, apresentamos o portal brasileiro e o espanhol que foram analisados e seus respectivos endereços eletrônicos:

1. **Portal da terceira idade** – Informação é cidadania

<http://www.portalterceiraidade.com.br/>

2. **Portal Júbilo** – *Portal de servicios de ocio, salud, dinero y contactos, relacionados con las **personas mayores** que quieran disfrutar de un envejecimiento saludable*

<http://www.jubilo.es/asp/Paginan.asp?NombrePag=Inicio>

### **1.5.3 ESTRATÉGIA DE COLETA DE DADOS E DE ANÁLISE**

A partir de agora, detalharemos como coletamos os dados necessários para essa pesquisa e quais foram as nossas estratégias de análise. Para tanto, dividimos esse momento em três etapas fundamentais, a fim de tornar mais claras as decisões tomadas e suas respectivas justificativas: primeira fase da revisão e análise de bibliografia e coleta de dados secundários; segunda fase da revisão e análise de bibliografia e coleta de dados secundários; e seleção e análise dos portais.

Para explicarmos melhor como aconteceu a aplicação dessas etapas vamos, a partir de agora, apresentá-las separadamente. Certamente, elas não são instâncias herméticas e nem necessariamente seguem uma rigorosa ordem, podendo ser até, e em alguns momentos foram, realizadas concomitantemente.

#### **Etapa 1 – primeira fase revisão e análise de bibliografia e coleta de dados secundários – contando os cabelos brancos**

A primeira etapa dessa investigação, como é comum nos trabalhos de pesquisa, se consistiu numa profunda revisão e análise de bibliografia específica sobre o conceito de terceira idade e sobre a condição dos idosos no Brasil e na Espanha. Nesse primeiro momento, optamos por nos debruçar sobre a nossa primeira palavra-chave, ou seja, sobre os idosos, para compreender esse fenômeno tanto de uma perspectiva qualitativa, quanto quantitativa.

A primeira providência foi mergulhar na literatura sobre as teorias do envelhecimento. Assim colocado, nos dedicamos à leitura e análise do trabalho de autores que tratavam sobre diversos aspectos do nosso tema, como a construção da nova categoria social – terceira idade –, o processo de envelhecimento demográfico que o mundo vem passando, as representações sociais construídas acerca do idoso e, enfim, o fenômeno do empoderamento social que esse grupo etário vem experienciando.

Além disso, analisamos as informações estatísticas sobre a questão da terceira idade. Para sermos mais precisos, esse desafio foi desvendar em números esse fenômeno nesses dois países na perspectiva de elaborar uma descrição e uma contextualização sobre o fenômeno para o compreendermos um pouco melhor. Sem dúvida, é fundamental traçar um perfil minucioso do idoso para, inclusive, compreender a maneira como a curva demográfica no Brasil e na Espanha vem se modificando, tornando a população desses países mais velha e, claro, como isso impacta no perfil socio-econômico-cultural desse grupo etário. Esses dados nos permitiram conhecer, entre outras coisas, o número de idosos, o poder aquisitivo deles, a distribuição no território nacional, o exercício do protagonismo idoso, em cada país, e outras questões ligadas ao consumo, escolaridade, relacionamento, lazer e participação política.

Nesse momento, trabalhamos com dados secundários devido à gama de informações já existentes sobre o nosso tema e que ainda não foram suficientemente analisadas. Diversas instituições brasileiras e espanholas realizaram pesquisas sobre a terceira idade, nas quais pudemos destacar os nossos dados e analisá-los. No Brasil, um exemplo disso é o IBGE, a Fundação Perseu Abramo, além de diversas universidades, as quais fizeram importantes coletas de dados sobre o tema. Além disso, tanto no Brasil, quanto na Espanha há dados referentes ao trabalho de organismos internacionais, como a UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação e a ONU – Organizações das Nações Unidas.

Ademais, é fundamental observar que, produzir dados primários, tendo em vista a quantidade de informações já existentes, é pouco produtivo, considerando que quase todas essas instituições fizeram coletas de dados em todo o território nacional, tanto no Brasil quanto na Espanha, e é importante reconhecer que não dispomos da mesma logística para fazer um trabalho dessa dimensão.

## **Etapa 2 – segunda fase revisão e análise de bibliografia e coleta de dados secundários – “desvendando” a rede**

Para a apresentação das etapas da nossa estratégia metodológica, dividimos a revisão de bibliografia em duas fases para tornar mais claras nossas ações e objetivos em cada uma delas. O segundo momento dessa revisão foi destinado ao mergulho nas águas da nossa segunda palavra-chave: Internet. Neste sentido, tratamos de contextualizá-la e discuti-la teoricamente.

O primeiro ponto fundamental foi olhar a rede pelo lado de dentro. Assim colocado, nos dedicamos à revisão e análise de bibliografia que caminhasse no sentido de esclarecer o que é a Internet, quais são os ambientes e os seus principais serviços. Além, é claro, de buscar compreender como se caracteriza um portal, nosso espaço privilegiado de análise. É necessário salientar que, encontrar bibliografia que valorizasse esses aspectos do nosso tema, não foi tarefa fácil. Na Sociologia e na Comunicação são raros os trabalhos que se dedicam a essa contextualização e à compreensão dos ambientes e dos serviços da rede, o qual, afinal, não deixa de ser uma tarefa técnica. Nas Ciências da Computação, por sua vez, essas análises são profundamente especializadas e se debruçam por searas que não nos interessam. Foi na literatura da Ciência da Informação que encontramos bibliografia que contribuiu sobremaneira com essa etapa do trabalho.

Outro ponto fundamental foi entender a utilização da rede mundial de computadores no Brasil e na Espanha. Nessa etapa, também aproveitamos para analisar os números de acessos por faixas etárias e confirmar a nossa hipótese de que a Internet ainda é um espaço privilegiado da juventude. Além disso, foi decisivo fazer o cruzamento desse acesso também por região, por faixa salarial, nível de escolaridade, entre outras variáveis.

Depois de nos determos nessa contextualização mais técnica da rede mundial de computadores, passamos a revisão e análise de bibliografia para compreendê-la de um ponto de vista teórico. Neste sentido, a primeira providência foi buscar obras de autores que explicassem como a experiência social acontece dentro desse espaço imaterial. Essa compreensão se colocava como extremamente importante já que encaramos cada portal como uma comunidade, na qual as pessoas se encontram, trocam informações, se conhecessem, se relacionam, se divertem, obtêm conhecimentos novos, enfim, compartilham experiências sociais. Este momento da revisão de literatura foi marcado,

basicamente, pelo suporte teórico de alguns autores da Comunicação, que trabalharam como a realidade social se processa dentro da Internet.

Não obstante, é preciso ter em conta que essa experiência social se passa dentro de um espaço criado por uma tecnologia. Portanto, esse aspecto jamais poderia ser obliterado nesta tese de doutorado. No centro dessa rede social há um artefato tecnológico. Assim colocado, trata-se, mais precisamente, de uma rede sociotécnica. Neste sentido, como já colocamos antes, buscamos apoio nas correntes de pesquisa da Sociologia da Ciência e da Tecnologia, em especial, da *Actor Network Theory*, doravante ANT, ou teoria Ator-rede.

A ANT, segundo Bruno Latour (2005), é mais um procedimento metodológico do que propriamente uma teoria. É uma forma de compreender a dinâmica das relações que se formam em torno de um artefato tecnológico. Sobretudo a ANT, nos permite “ver” a comunidade formada em torno de cada portal. Além dos idosos, nos portais analisados, há também um conjunto de organizações, que mantêm esses ambientes, produtores, que lidam diretamente que essa tecnologia e mantêm o funcionamento desses espaços, e outras pessoas interessadas nessa temática, os quais formam juntos uma rede sociotécnica. A teoria Ator-rede igualmente nos permitiu conhecer quais os níveis de participação dos usuários e, afinal, quais as conexões que se formam nesse ambiente.

### **Etapa 3 – Seleção e análise dos portais**

Nessa etapa começa a nossa contribuição com dados primários. Como medir o envolvimento dos idosos na Internet? Como avaliar como se dá esse protagonismo idoso? Para explicar como realizaremos essa empreitada, iremos dividi-la em três subetapas, descritas a seguir:

#### **1ª subetapa – universo da pesquisa**

Essa foi uma das etapas mais delicadas da parte empírica dessa investigação. Selecionar um universo de análise não é uma tarefa simples. Escolher os portais no oceano de possibilidades que a Internet abre é um desafio importante que requer a montagem de uma estratégia eficaz e capaz de nos conduzir a um universo que seja representativo e

contribua para reconhecermos, com um pouco mais de profundidade, as qualidades do nosso fenômeno.

Deste modo, para seleção do universo de pesquisa aplicamos quatro filtros que nos permitiram chegar ao número de dois portais (um brasileiro e um espanhol). Os que estão dentro do universo de análise e os que ficaram de fora (serão listados a seguir) dizem muito do objetivo desta tese de doutoramento. Em vista disso, apresentaremos a seguir cada um dos filtros e as devidas justificativas para aplicação dos mesmos:

**a) 1º filtro: palavras-chave**

Sem dúvida, a primeira tarefa era abrir os mecanismos de busca, alojados no ambiente *web*, da Internet, para procurarmos os produtos e serviços disponíveis sobre a terceira idade. Como explicamos no tópico “Universo de pesquisa”, utilizamos alguns buscadores e lançamos nossas supracitadas palavras-chave (tanto em português, quanto em espanhol).

O resultado, como já era de se esperar, foi um sem-número de *sites*. Páginas e páginas de respostas, em todos os buscadores que acessamos, desvelavam o universo reservado às questões dos idosos na Internet.

Essa ação foi realizada, em agosto de 2007, antes da defesa do projeto de qualificação, momento no qual passamos a entrar em contato mais direto com o nosso universo de pesquisa.

**b) 2º filtro: portal**

Depois que obtivemos esse primeiro resultado, refinamos a busca, nos próprios mecanismos de busca que estávamos utilizando, para selecionar somente os portais, agrupados por nossas palavras-chave. Ou seja, os outros espaços da *web* que não nos interessavam, como: *sites* comuns, *blogs*, *fatologs*, *sites* de relacionamento e outros, foram, em grande parte, excluídos das nossas listas de respostas.

Essa segunda peneira que executamos, a qual teve uma duração de um mês, nos deu um universo mais exequível de pesquisa porque passamos a contar com 12 portais brasileiros e oito espanhóis. Isso nos possibilitou conhecer cada um desses ambientes e

reconhecer a necessidade de aplicarmos mais filtros para refinarmos ainda mais a nossa busca.

**c) 3º filtro: para idosos**

O terceiro filtro surgiu porque o universo que tínhamos era composto por portais muito variados, os quais muitas vezes não estavam destinados aos idosos. Isso se colocava como uma questão fundamental, já que para mapear o protagonismo idoso nos portais da Internet, não bastava que o tema do portal fosse ligado à terceira idade, era necessário que, além disso, esses espaços fossem voltados para os idosos e valorizassem a presença deles.

Um exemplo disso foi o portal da Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia ([www.sbgg.org.br](http://www.sbgg.org.br)) que é voltado prioritariamente para profissionais dessas áreas. Seu público privilegiado, portanto, são especialistas e não necessariamente idosos. Ou seja, seria mais difícil encontrar nesse espaço pistas da participação dos idosos.

Ao final dessa tarefa, que levou um mês, nos restou um universo de quatorze portais, sete brasileiros e sete espanhóis.

Os portais brasileiros foram:

1. **Portal da terceira idade** – informação é cidadania  
<http://www.portalterceiridade.com.br/>
2. **Mais de 50** – o portal que acompanha seu tempo  
<http://www.maisde50.com.br/>
3. **De idade** – o portal da terceira idade  
<http://www.deidade.com.br/>
4. **Unati** – universidade aberta à terceira idade  
<http://www.unati.uerj.br/>
5. **Portal do envelhecimento** – uma rede de comunicação e solidariedade  
<http://www.portaldoenvelhecimento.net/principal/principal.htm>
6. **Portal Sesc idoso empreendedor**  
<http://www.sesc-sc.com.br/idosoempreendedor/?m=>

7. **Portal do Idoso** – a peça que faltava

[http://www.portaldoidoso.com.br/noticiaview.aspx?noticia\\_id=47&categoria\\_id=5&subcategoria\\_id=5](http://www.portaldoidoso.com.br/noticiaview.aspx?noticia_id=47&categoria_id=5&subcategoria_id=5)

Os portais espanhóis foram:

1. **Portal de mayores de la comunidad de Madrid** – 65y+ para una vida + activa y + plena

[http://www.madrid.org/cs/Satellite?cid=1164890523461&language=es&pagenam e=PMAY%2FPage%2FPMAY\\_pintarContenidoFinal](http://www.madrid.org/cs/Satellite?cid=1164890523461&language=es&pagenam e=PMAY%2FPage%2FPMAY_pintarContenidoFinal)

2. **Portal mayores** – portal especializado en Geriatria y Gerontología

<http://www.imsersomayores.csic.es/>

3. **Mundo mayor** – el portal de las personas mayores y todo su entorno

<http://www.mundomayor.com/>

4. **De mayores** – noticias de interés para personas mayores

<http://www.demayores.com/>

5. **3º edad** – Portal de la Tercera Edad en *Internet*

<http://www.tercera-edad.org/>

6. **Jubilo.es - Portal** de servicios de ocio, salud, dinero y contactos, relacionados con las **personas mayores** que quieren disfrutar de un envejecimiento saludable

<http://www.jubilo.es/asp/Paginan.asp?NombrePag=Inicio>

7. **Los mayores** – para quienes tenéis tiempo y libertad para disfrutarlo

<http://www.losmayores.com/>

**d) 4º filtro: possibilidade de participação**

Para aplicação do último filtro, passamos seis meses visitando com frequência os quatorze portais. À medida que íamos conhecendo melhor esses espaços nos deparamos com questões importantes. A primeira delas era que o universo de pesquisa ainda estava demasiado grande. Os portais são, na verdade, “portas” de acesso a uma variedade desconcertante de informações e serviços. Eles se desdobram em páginas e páginas e não têm fim. Num portal, não entramos em um beco sem saída, não há extremidades, sempre

há saídas, ainda que elas sejam uma porta para outro portal ou *site*. Num portal se tem a porta de entrada, mas não existe uma de saída.

Em vista disso, era necessário aplicarmos outro filtro para diminuirmos o universo, sem perder de vista que essa seria uma oportunidade de o tornamos ainda mais representativo. O número de portais que tínhamos até então tornava a pesquisa pouco exequível e comprometia a análise. Essa última peneira necessitava ser eficiente o bastante para escolhermos os casos mais ricos.

Logo, nossas visitas aos quatorze portais nos deram a condição de criar esse último filtro. Nem todos esses espaços funcionavam na prática como prometiam na teoria. Ao testar os serviços dos portais, ou ao tentar abrir as páginas que eles ofereciam, nos deparamos com muitos espaços inválidos, serviços inoperantes e informações desatualizadas.

Isso, sem dúvida, inviabiliza ou dificulta a criação de uma comunidade virtual. Os valores da Internet são baseados na rapidez, efemeridade, novidade e outros. Um portal que não oferece esses serviços não é capaz de “fidelizar” um público a ponto de criar entre eles interesses comuns e um sentido de pertencimento (PALACIO RAMOS, 2007; PORTELA, 2001). Assim colocado, não nos parecia muito apropriado trabalhar com portais nos quais as oportunidades do exercício do protagonismo idoso estavam bastante limitadas, porque os serviços que eles ofereciam não criavam condições para os internautas, de fato, participarem e interagirem e, assim, construírem uma teia de relações.

Como evidência, o portal brasileiro “DeIdade” está sem atualização desde o ano 2005 e seus serviços de interatividade, que podiam aumentar as chances de participação dos receptores, estavam todos desativados. Outro caso interessante foi o do “*Portal Mayores*”. Esse ambiente é voltado para um público muito amplo e com a continuidade das nossas visitas percebemos que, em geral, os serviços disponíveis não privilegiam o público idoso e, na verdade, buscam formar um grande banco de dados sobre a terceira idade. Neste sentido, também não favorece a participação dos receptores, já que seu objetivo é menos a formação de uma comunidade e mais a facilitação de documentos e pesquisas sobre geriatria e gerontologia. Um caso extremo é o do portal “*Portal de mayores de la comunidad de Madrid*”, o qual, com frequência, passa dias e dias fora do “ar”. Ou, mais precisamente, ao tentarmos abrir esse portal é muito comum nos deparamos com uma página de erro, como se esse portal já não existisse mais. Ainda que, depois de uma

algumas semanas, ele volte a entrar em funcionamento. Um portal assim, sem dúvida, dificulta e muito a possibilidade de ter um grupo de pessoas que o acesse com frequência e participe socialmente dentro dele.

O fim do período de aplicação desse filtro restringiu o nosso universo a dois portais: “*Júbilo*”, da Espanha, e “Portal da terceira idade”, do Brasil.

Essas etapas de aplicação dos filtros não foram estanques. Como é óbvio, para efeito de tornar mais compreensíveis as decisões tomadas para elaboração dessa pesquisa, apresentamos separadamente cada uma delas. Contudo, muitas vezes as descobertas foram simultâneas e as ações se sobrepunham.

## **2ª subetapa – etnografia da rede**

Depois que selecionamos os portais a ser analisados, o próximo passo foi compreender melhor a realidade de cada um deles. Assim colocado, passamos a organizar nossas visitas de modo estratégico. Ou seja, de outubro de 2008 a março de 2009, passamos a visitar praticamente diariamente (em diversas vezes chegávamos a entrar várias vezes ao dia) essas comunidades virtuais utilizando como estratégia metodológica a observação participante e entrevistas individuais. Como se tratou de um estudo etnográfico, que também se embasou nas estratégias metodológicas da teoria Ator-rede, nosso desafio foi descrever, compreender a dinâmica dessas comunidades e, certamente, o exercício do protagonismo idoso, para tanto percorremos os seguintes caminhos:

- a) **aproximação** – esse foi o momento de reconhecer o grupo. Passamos a frequentar os portais e perceber as dinâmicas de cada um, as rotinas deles, enfim, o cotidiano. Tentamos responder a algumas perguntas, como: quantas vezes eram atualizados por semana? Quais eram os principais serviços? Como os usuários participavam das atividades propostas? Como o portal criava mecanismos de manter a rede de interações entre os usuários e entre eles e os produtores? Essa foi uma etapa de exploração, enfim, de tomar conhecimento dos grupos e de cada ambiente.

- b) **seguindo os passos** – passamos aqui a registrar com mais detalhes as atividades das nossas comunidades virtuais. Começamos então a observação sistemática de usuários e produtores, reconhecendo o papel de cada um, a interação entre eles e as maneiras como os usuários participavam nessas comunidades. Também nos propomos nesse momento a tentar compreender como essas redes sociotécnicas eram construídas.
- c) **participando** – esse foi o momento de se revelar. De fazer perguntas diretas, de testar os produtos e serviços, afinal, de colher dados com os usuários e os produtores. Neste sentido, contamos com os instrumentos de interação do próprio portal para fazer esses questionamentos. Produtores e usuários foram abordados por correio eletrônico ou pelas listas de discussão. As informações que não estavam disponíveis no portal, que não se revelaram nas nossas observações e que, ainda assim, julgávamos fundamentais para proceder à análise, as conseguimos utilizando os próprios recursos disponibilizados por estes ambientes. Nesse momento também lançamos mão de outra estratégia: a criação de um blog, chamado “Blog de Campo”. Nesse espaço colocamos as informações gerais sobre a pesquisa, como objeto, objetivo e instituição de vinculação, e abrimos espaço para os atores se manifestarem (essa estratégia está detalhada na quarta parte desta tese).

### **3ª subetapa – variáveis e indicadores**

O mapeamento e a análise propriamente dita dos portais foram feitos por meio da aplicação de alguns indicadores. Como discutimos antes, nos colocamos o desafio de fazer um estudo etnográfico dessas comunidades. Não obstante, elegemos um aspecto prioritário para observarmos nesses espaços: o exercício do protagonismo idoso. Portanto, é claro que, apesar de termos visto diversas facetas da realidade destes ambientes virtuais, centramos o nosso foco de observação na participação das pessoas idosas.

O processo etnográfico não tem receita. Não existem manuais práticos para o investigador. Tampouco sobre a teoria Ator-rede. Contudo, ao olharmos o nosso campo tínhamos uma pergunta em mente: como se processa o protagonismo idoso nessa rede?

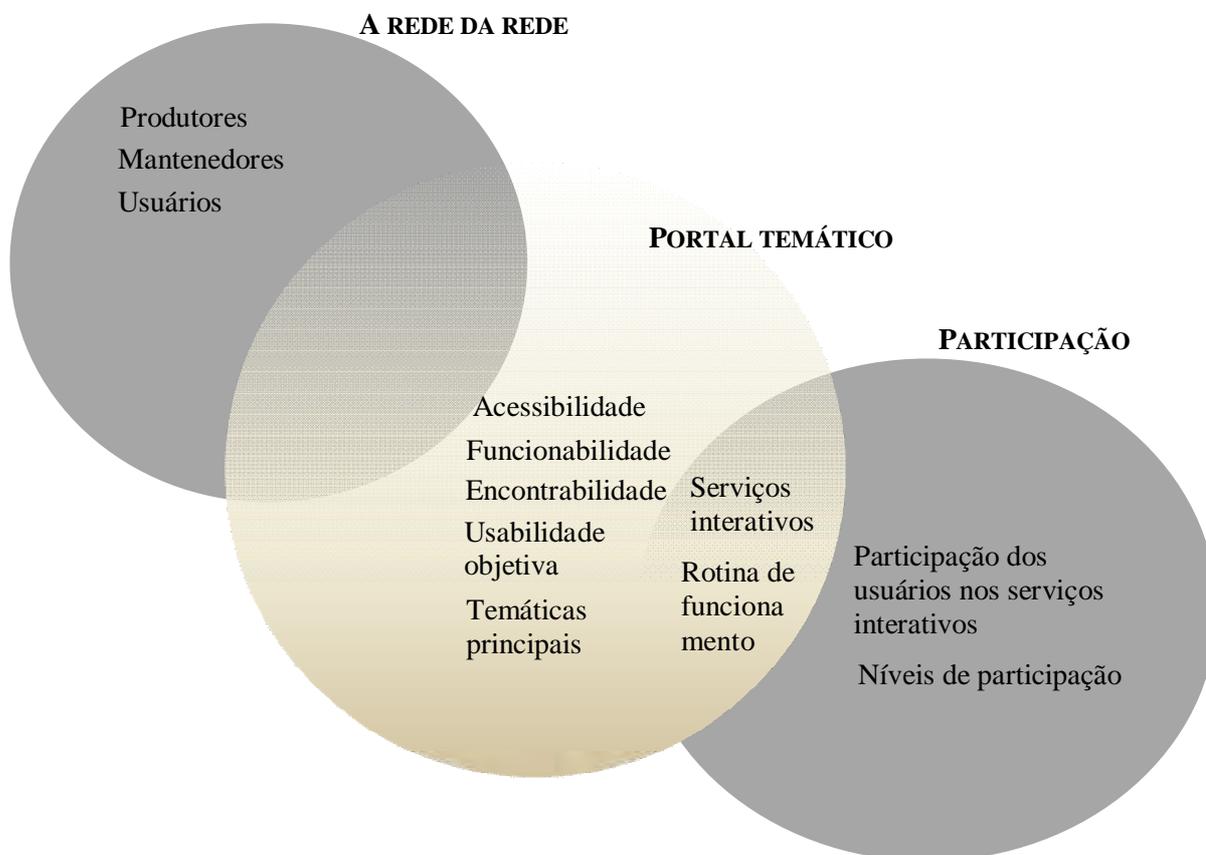
Logo, para responder a essa pergunta, organizamos o nosso método de observação a partir de variáveis e indicadores.

Como evidência, as variáveis e seus respectivos indicadores, que discutiremos a seguir, refletem a preocupação em mapear os níveis de participação dos idosos nas comunidades virtuais selecionadas. O suporte teórico foi fundamental para a construção dos indicadores de análise. Tanto os que concernem à questão do envelhecimento demográfico, quanto os voltados para as tecnologias, como a teoria Ator-rede.

Seguindo os passos de Latour (2005), nos propomos a acompanhar as pistas dos atores, fossem eles humanos ou não-humanos, dessas redes sociotécnicas, e a ouvir o que eles nos diziam. Foi por meio da ANT, por exemplo, que examinamos o papel e o impacto dos atores (humanos e não-humanos) da rede. A realidade social não é estanque e é complicado observá-la como se os atores ocupassem posições fixas e simétricas. A metáfora da rede é um contraponto a essa visão e reconhece que a ordem social é circular. Por meio da ANT observamos com mais clareza o lugar de fala de cada ator e a dinâmica das relações que se travavam dentro das redes analisadas.

Portanto, com base nas perspectivas teóricas e metodológicas que elegemos para fundamentar essa tese de doutorado, consideramos as variáveis sobre os seguintes indicadores para auxiliar na análise e mapeamento dos portais da Internet sobre idosos e para idosos:

**Figura 1 - Conjunto de indicadores e variáveis**



Fonte: elaboração própria.

Na figura acima, apresentamos os indicadores e as variáveis construídos para facilitar o nosso trabalho. É importante ressaltar que esses instrumentos não se colocaram como determinantes. Indicadores e variáveis foram balizadores que permitiram, entre outros quesitos, guiar o olhar para a pergunta da pesquisa e estabelecer comparações, quando fosse apropriado. Contudo, não foram camisas de força. Nem seria coerente se fossem, já que tanto a Etnografia quanto a teoria Ator-rede defendem que a realidade se deixa revelar a partir da experiência do pesquisador com ela. E não se encaixa no molde que o pesquisador ansioso leva consigo para enquadrar os fenômenos sociais. Assim colocado, para auxiliar na análise das nossas comunidades virtuais, elegemos três indicadores e criamos variáveis para cada um deles. A partir de agora, discutiremos e justificaremos os indicadores e as variáveis de cada um deles:

### **1. A rede da rede**

O nosso primeiro indicador teve o objetivo de mapear a rede de humanos formada em cada um dos nossos portais. Neste sentido, nossa intenção é basicamente conhecer melhor os atores humanos e saber um pouco mais sobre deles.

Para a teoria Ator-rede (ARENDR, 2008), uma ação fundamental ao se observar uma rede sociotécnica é estabelecer quais são os atores desta. Por conseguinte, para construir as variáveis e organizar nossa análise, apontamos, a princípio, como atores da nossa rede: usuários, produtores, mantenedores dos portais. Assim colocado, considerando que se trata de uma rede sociotécnica, há elementos humanos e não-humanos como atores.

Para averiguar esse indicador, trabalhamos as seguintes variáveis:

#### **a) Produtores**

Essa variável questiona sobre quem são os produtores do portal. Ou seja, a equipe de técnicos e especialistas que alimenta e mantém os serviços da nossa comunidade funcionando. São atores que participam dessa comunidade e que lidam, muitas vezes diretamente, com as ferramentas técnicas da Internet para manter o portal funcionando, fazem os reparos necessários, alimentam o conteúdo e, afinal, é para quem os usuários se reportam no caso de necessitarem fazer sugestões, reclamações e todo tipo de ajuda que precisarem para “navegar” nesse ambiente.

#### **b) Mantenedores**

Interessou-nos conhecer a instituição ou grupo de instituições que mantinham esse espaço na Internet, por exemplo: se é uma organização de idosos, um órgão do Governo, uma instituição educacional, uma empresa privada ou mesmo um grupo independente. Esse foi o momento de buscar entender qual a rede de interesse que está por trás da construção desse portal. Os mantenedores detêm o controle desses espaços virtuais. São como “*gatekeepers*” porque determinam a equipe de produtores que estará à frente do desenvolvimento e manutenção de produtos e serviços e, claro, determinam, também, a “linha editorial”, ou seja, as temáticas principais que os portais adotam<sup>8</sup>. Os mantenedores detêm, inclusive, o poder de retirar o portal da Internet.

#### **c) Usuários**

---

<sup>8</sup> É importante observar que alguns portais costumam eleger os temas de discussão com o auxílio dos outros atores da comunidade, como os usuários. Isso, certamente, aumenta o nível de participação destes últimos.

Certamente, os portais que elegemos são destinados a idosos, aliás, esse foi um dos filtros de seleção do material analisado. Contudo, com essa variável nos perguntamos se os usuários, ou receptores, são exclusivamente os idosos ou o leque abre-se para filhos e netos, por exemplo. Outra pergunta que colocamos, ainda mais importante que a anterior, é sobre qual o perfil do idoso ao qual se destina esse portal. Por meio das informações reveladas nestes, do conteúdo do material disponível e dos tipos de serviços oferecidos averiguamos, quando foi possível, o perfil sócio-econômico-cultural dos idosos de cada portal. Além disso, nos perguntamos também para que regiões ou cidades do país esse portal está voltado. Uma característica da Internet é que qualquer pessoa, de qualquer lugar do mundo, pode acessar seus conteúdos sem restrição, independente do país no qual eles tenham sido criados. Portanto, um portal brasileiro pode estar destinado a todo o mundo, a todo o país ou a uma região específica.

## **2. Portal temático**

Esse indicador nos deu condições de mapear, principalmente, aspectos técnicos e de conteúdo dos portais. A essa hora é provável que o leitor se pergunte: mas porque aspectos técnicos? Bom, parece que foge ao ofício do sociólogo se debruçar sobre os aspectos técnicos de um fenômeno. Contudo, para esta tese de doutorado, os portais são atores. Seus atributos, sem dúvida, são tecnológicos. Não obstante, é tão importante conhecê-los bem, quanto a qualquer outro ator dessa rede. Isso não implica envolver-nos em profundas questões da Ciência da Computação, mas de dar atenção, dar ouvidos ao que esse ator – o portal – tem a dizer.

E não se trata de uma busca sem objetivos claros. Aspectos técnicos dos portais, como viemos argumentando, determinam a capacidade deles em formar uma comunidade virtual e moldar as políticas de interações dentro desse espaço. Determinam a condição deles de “fidelizar” os usuários ou, mais precisamente, em manter uma rede estável. Enfim, não ser um local de passagem e sim um espaço de encontro e de trocas. Como evidência, um portal cheio de embustes, como *links* desativados, serviços que não funcionam e informações desatualizadas levam o usuário a um nível de frustração, o qual pode fazer com que ele não volte mais a visitar este ambiente.

Há vários tipos de *sites* da Internet. O portal é um tipo de *site* que tem características especiais, como a de criar serviços interativos e formar comunidades virtuais. Não

obstante, há páginas *webs*, como os jornais on-line, que são lugar de passagem, ou seja, o leitor busca a informação que deseja e a deixa. A idéia do portal é que o usuário frequente essa página e passe o mais tempo possível nela. Por isso, os serviços interativos se tornam peças-chaves.

Para conhecermos bem os nossos portais, estabelecemos quatro variáveis, que de acordo com Hassan Montero (2006), são capazes de avaliar a experiência objetiva do usuário nos *sites* da Internet: acessibilidade, funcionalidade, encontrabilidade e usabilidade objetiva.

Na verdade, esse pesquisador propõe sete variáveis para uma avaliação, tanto objetiva quanto subjetiva, adequada de páginas da Internet. De acordo com ele, o desenho da página<sup>9</sup> é um elemento decisivo para satisfação e não frustração no uso dos serviços da *web*. “É lógico que a satisfação do usuário final se converta no primeiro condicionante do êxito ou fracasso de qualquer projeto *web*. Um usuário satisfeito poderia passar mais tempo em uma página, voltar a visitá-la ou recomendá-la a outros” (Trad. livre) (HASSAN MONTERO, 2006, p. 2). O autor reconhece a dificuldade de se avaliar a satisfação de um usuário da Internet e coloca o desenho da página como um indicador importante que pode contribuir com a satisfação e não-frustração dos internautas.

Neste sentido, o autor propõe duas variáveis: higiênicas e motivadores. Conforme Hassan Montero (2006), a variável higiênica é objetiva e é capaz de avaliar a frustração ou não-frustração dos usuários das páginas *webs*. Os fatores higiênicos são, segundo o autor, os que fazem um *site* funcional e serviçal e, desta maneira, provocam a intenção de uso. “Os fatores higiênicos, já que perseguem a não-frustração, passarão despercebidos pelo usuário; o usuário não perceberá quando uma página *web* cumpra com esses fatores, e sim unicamente na ausência ou nas falhas destes” (Trad. livre) (HASSAN MONTERO, 2006, p. 4).

Por conseguinte, a avaliação dos fatores higiênicos é objetiva e pode ser feita pelo próprio pesquisador diante da página desejada. Para avaliar essa variável, o autor coloca quatro aspectos: acessibilidade, funcionabilidade, encontrabilidade e usabilidade objetiva.

---

<sup>9</sup> É importante não entender como desenho somente como aspecto estético, porque aí está incluído outros aspectos como o da arquitetura da informação. A proposta de avaliação de *site* de Hassan Montero (2006) engloba aspectos múltiplos e variados, como éticos e estéticos.

Os fatores motivadores, por sua vez, têm caráter subjetivo, portanto, são percebidos pelos usuários e possuem como objetivo principal avaliar a satisfação destes. Os aspectos para avaliar essa variável são: utilidade, estética, credibilidade e usabilidade subjetiva.

**Figura 2 - Indicadores e variáveis de Hassan Montero (2006) para se avaliar a satisfação e não-frustração dos usuários diante do desenho de uma página web**



Fonte: HASSAN MONTERO, 2006, p. 6.

Na Figura 2 vemos a estratégia metodológica criada Hassan Montero (2006) para se analisar a capacidade do desenho de uma página web causar satisfação e não frustrar os usuários. Dessa estratégia, nos interessa a parte objetiva da análise. Queremos saber se os portais são capazes de manter os usuários em seus espaços ou, mais precisamente, são capazes de ocasionar não-frustração. Isso porque, de acordo com o autor, o fato de uma página da Internet não causar frustração já é o suficiente para “fidelizar” o usuário. Já a satisfação é um valor a mais e está, também, atrelada a aspectos subjetivos do internauta. Esse aspecto, portanto, para ser avaliado demandava também abordar os usuários.

Sem dúvida, a satisfação é uma dimensão importante, contudo para essa investigação consideraremos somente os aspectos objetivos do próprio portal, ou seja, os fatores higiênicos. Isso porque cremos que avaliar se os usuários estão ou não satisfeitos com os portais, os quais elegemos para a análise, extrapola os objetivos da nossa pesquisa. Contudo, avaliar se o portal é eficiente e consegue formar uma rede de usuários assíduos, é

uma dimensão que julgamos fundamental conhecer. Além disso, por se tratar de um aspecto objetivo, o próprio pesquisador pode fazer essa avaliação testando os serviços que a página da Internet oferece sem a necessidade de perguntar aos usuários, já que esses são fatores não percebidos pelos internautas. Aliás, somente são percebidos quando falham ou não funcionam bem (HASSAN MONTERO, 2006).

O esforço de Hassan Montero (2006) em criar uma estratégia metodológica para analisar páginas da *web* foi fundamental para construirmos nossa própria estratégia de análise e mapeamento de portais temáticos. Esse autor escreveu um dos poucos trabalhos que encontramos sobre o assunto. As propostas de analisar os produtos e serviços disponíveis na Internet, geralmente, são confusas e terminam resvalando para análise do conteúdo ou análise do discurso. Ou seja, deixam de observar outros aspectos da pulsante realidade social oferecida por esse meio, para lidar, quase sempre, somente com os textos que estão alojados nele. Escapam de compreender a dinâmica do processo e se refugiam nos quadros estáticos. Na busca por descobrir metodologias adequadas para analisar *sites*, descobrimos que tanto a Sociologia quanto a Comunicação ainda não se debruçaram sobre esse universo. Como evidência, todos os autores que encontramos que tratam deste assunto pertencem às Ciências da Informação.

As outras variáveis desse indicador que nos auxiliam no mapeamento dos portais temáticos sobre a terceira idade, eleitos para a análise, são relativas ao conteúdo do portal, as rotinas de funcionamento e aos tipos de serviços interativos oferecidos por cada um deles. A seguir apresentamos cada uma das variáveis.

#### **a) Acessibilidade**

Para Hassan Montero (2006) a acessibilidade é um aspecto ético das páginas da Internet no sentido de que é uma qualidade destes espaços que garante que eles possam ser acessados pelo maior número de pessoas, independente de suas limitações. “A acessibilidade pode ser definida como uma qualidade de uma página *web* que torna possível para as pessoas, seu uso, sua navegabilidade e seu fácil entendimento, inclusive quando estes usuários estão trabalhando sob condições extremas ou com limitações” (Trad. livre) (PALACIOS RAMOS, 2007, p. 4).

Para Hassan Montero (2006) esse é mais claramente um fator higiênico porque na impossibilidade de acessar a página da Internet, o internauta se sentirá frustrado e vai

embora. Ou ainda, se este *site* não está adaptado às limitações dos internautas, seja dos equipamentos para garantir uma boa conexão à Internet, seja limitações físicas destes, igualmente, causará frustração e, muito provavelmente, o abandono da página.

A forma de acessibilidade de um *site* é construída conforme as características do seu público-alvo. Essa variável nos permitiu saber o quanto os portais sobre idosos ou para idosos analisados são capazes de se tornarem acessíveis para os seus receptores. Ou mais precisamente, o quanto eles levam em consideração as limitações que o grupo etário das pessoas com 60 anos ou mais de idade pode vir a ter, como: dificuldade de leitura, ou mesmo cegueira, e dificuldade de audição. Perguntamo-nos, nesse momento, o quanto esses portais realmente se preparam para o público idoso e criam formatos que facilitem seu acesso.

#### **b) Funcionalidade**

Essa variável está ligada aos aspectos técnicos de uma página *web* ou, mais precisamente, diz respeito ao correto funcionamento técnico desta (HASSAN MONTERO, 2006). Funcionalidade é a capacidade dos serviços de um *site* funcionar bem e não apresentar erros. Um exemplo disso é ao tentar acessar um *chat* de um portal a página não abrir e dar uma mensagem de erro. Ou seja, *links* e promessas são mantidos para um serviço que, afinal, não funciona.

Hassan Montero (2006) argumenta que a funcionalidade está ligada a utilidade objetiva da página. É a capacidade de suportar as tarefas que os usuários desejam realizar.

Neste contexto, destaco a importância do correto funcionamento interno de uma página *web*, porque uma revisão freqüente dos buscadores internos e das funcionalidades que se oferecem se revela como imprescindível. Do mesmo modo, se deve zelar para que a taxa de links com problemas seja inexistente ou, pelo menos, reduzida ao mínimo possível. Portanto, se considera indispensável uma revisão periódica dos *links* com o objetivo de verificar se levam a um lugar correto e se seu funcionamento está adequado. Não se pode esquecer que a existência dos *links* com problemas gera frustração no usuário e, em alguns casos, conduzem a perda de um usuário fidelizado, ou a não fidelização de um novo usuário (Trad. Livre) (PALACIOS RAMOS, 2007, p. 5).

Na prática, conforme Palacios Ramos (2007), um portal temático deve possibilitar que o usuário chegue aos seus objetivos com precisão e plenitude. Assim colocado, o portal deve evitar essas “falsas promessas” e os *links* com problemas. Além disso, deve

informar sempre ao usuário os serviços que ele pode lançar mão dentro desse ambiente. Palacios Ramos (2007) também recomenda que um portal temático possa ser aberto de qualquer navegador (como, *Mozilla*, *Internet Explorer* e *Google Chrome*) e desde os diferentes sistemas operativos, sem colocar em risco sua estética e utilidade.

A funcionalidade, assim como a acessibilidade, é um fator higiênico já que ela só é percebida em uma página *web* na medida em que ela não é funcional, o qual pode produzir frustração ou mesmo desmotivação para o uso (HASSAN MONTERO, 2006).

### **c) Encontrabilidade**

Quanto tempo um internauta pode suportar a espera de uma informação que deseja em uma página *web*? A Encontrabilidade, ou *findability*, diz respeito à facilidade de se encontrar uma informação em um tempo razoável. Como colocamos antes, os valores da Internet estão ligados à rapidez e à agilidade, portanto quanto mais tempo um *site* tardar para recuperar uma informação, mais frustração ele causará. “Quanto mais tempo e esforço necessite o usuário para resolver sua busca, maior a probabilidade de que se produza frustração” (Trad. livre) (HASSAN MONTERO, 2006, p. 8).

A encontrabilidade é resultado de uma correta arquitetura da informação, a qual possibilita que o usuário encontrar o que busca de modo eficiente e rápido (HASSAN MONTERO, 2006; PALACIOS RAMOS, 2007). Na verdade, essa variável já diz respeito à questão dos serviços interativos, porque a recuperação de informação dentro de uma página *web* já é uma forma de interatividade.

De acordo com a pesquisadora Palacios Ramos (2007) a encontrabilidade é fruto de uma organização da página *web* arquitetada para o conforto do internauta, o qual pode ser determinante para a “fidelização” deste. A autora recomenda ainda que um portal temático crie estruturas facilmente reconhecíveis, organize os conteúdos e crie categorias e apresente alternativas diferentes de navegação. Acreditamos que outra estratégia importante que pode assegurar a encontrabilidade são as “migalhas de pão”, ou seja, deixar pistas para os internautas não se perderem na multiplicidade de espaços que existem dentro desses ambientes, como ícones para retroceder e voltar a página principal e *link* para acessar o mapa do portal em qualquer seção deste.

### **d) Usabilidade objetiva**

Nossa última variável é a soma do encontro de todos os outros em um portal da *web*. Na verdade, como vimos na figura 2 sobre os indicadores e variáveis estabelecidos por Hassan Montero (2006) para se avaliar o desenho de uma página, a usabilidade é uma variável que o autor avalia a partir dos aspectos objetivos e subjetivos, ou seja, é a presença de todas as variáveis, relacionadas aos fatores higiênicos e motivadores, que afinal podem avaliar a usabilidade de um *site*.

Entretanto, para efeito desta tese de doutoramento, trabalhamos somente com a usabilidade objetiva, ou seja, com a capacidade dos portais de reunirem todas as qualidades técnicas que citamos até agora como promotoras da não-frustração diante de uma página *web*.

Usabilidade foi um termo definido pela ISO (1998) para designar o grau de eficiência, eficácia e satisfação (DIAS, 2001). Desde então esse termo se tornou comum para se falar do bom funcionamento e da satisfação ao se utilizar uma página na Internet. Tendo em vista o caráter duplo da usabilidade, acreditamos que a maneira mais apropriada de nos referirmos a ela aqui será como “usabilidade objetiva”, já que esse foi o aspecto dela que avaliamos.

#### **e) Temática (s) principal (is)**

Os portais analisados nessa investigação são temáticos, ou seja, se dedicam a um único tema: a terceira idade. Assim colocado, parece que elegemos uma variável que não nos conduz a lugar algum, posto que nos põem em busca de uma informação que já temos. Sim, talvez! Poder ser que sim ou que não. É necessário averiguar. Os portais, como é óbvio, são temáticos, mas pode ser que ainda dentro de um único tema eles busquem aspectos específicos deste. Terceira idade e envelhecimento são assuntos que têm muitas interfaces e diferentes dimensões, portanto, é comum que os portais optem por trabalhar com enfoques exclusivos.

Conseqüentemente, o que buscamos com essa variável é conhecer a linha editorial de cada portal. Os temas que são mais recorrentes, os quais podem ser: política, saúde, relacionamentos. Os portais para as pessoas idosas são diversificados e mantidos por organizações diferentes, que têm interesses específicos. Pode ser que isso conduza a uma linha editorial mais limitada sobre um ou alguns aspectos da terceira idade. Como evidência, um dos portais que encontramos, que não fará parte da análise, foi o “Sesc Idoso

Empreendedor”. A linha editorial desse portal não deixa dúvidas sobre o seu interesse em discutir questões de trabalho e administração de negócios próprios. É claro que há outros aspectos, sobre o envelhecimento e sobre a condição de vida dos idosos, que tangenciam as discussões do portal, contudo está evidente a questão do trabalho como perspectiva privilegiada.

#### **f) Serviços interativos**

Esta variável aparece no conjunto dos indicadores “portal temático” e “participação”. Isso porque, apesar de se tratar de um aspecto técnico, ele está ligado diretamente à condição de participação que os idosos podem desfrutar dentro desses ambientes virtuais. Como vimos argumentando até aqui, o que permite que a experiência social aconteça dentro da Internet é exatamente a possibilidade de interação, a qual nenhum outro meio de comunicação disponibiliza na maneira e na intensidade que a Internet o faz. E essa possibilidade de interação é uma construção tecnológica. São mecanismos técnicos construídos para promover as trocas entre os atores.

Assim colocado, acreditamos que, quanto mais e mais eficazes os serviços interativos que um portal disponibiliza, maior a chance das pessoas idosas exercerem o protagonismo dentro dele. Com essa variável, nos interessa mapear quais os serviços interativos disponibilizados pelos portais que analisamos. Como dissemos antes, o que difere um portal de um *site* comum na Internet é exatamente a capacidade de congregação dos diversos ambientes da Internet e formar comunidades virtuais. Portanto, nos cabe conhecer bem as possibilidades de interatividade que estes espaços virtuais disponibilizam.

#### **f) Rotina de funcionamento**

Depois de conhecermos os portais, avaliarmos seus aspectos técnicos, descobrirmos suas principais temáticas e mapearmos seus serviços interativos, nos coube a tarefa de compreender a rotina de funcionamento de cada um dos portais temáticos eleitos para a análise.

Com a rotina de funcionamento, compreendemos como se processa o cotidiano dentro dos portais, ou seja, com que frequência são realizadas as atualizações da página principal, qual a dinâmica de estímulo à participação dos usuários, quais as novidades que o portal oferece e, enfim, como se dá o funcionamento dessa comunidade virtual.

### **3. Participação**

O nosso último indicador se propõe a efetivamente analisar a participação social dos idosos dentro das comunidades de análise. Uma vez que obtivemos as informações relativas à composição da rede, na qual cada portal está envolvido, e sobre o próprio portal temático em si, como aspectos técnicos e de conteúdo, cremos que reunimos informação suficiente para compreender como se processa o protagonismo idoso nesses ambientes.

Sem dúvida, não é tarefa fácil medir a participação de atores sociais dentro dos espaços da rede mundial de computadores. Como colocamos, o suporte teórico e metodológico que buscamos não nos trouxe modelos de análises como estas. Seja por conta da novidade ao qual o fenômeno da Internet se constituiu, ou pelo próprio desafio metodológico que esse meio nos coloca, o fato é que ainda temos pouca reflexão, na área das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, sobre ele.

Para essa investigação, entendemos o protagonismo como participação social. Independente da sua natureza, seja ela política, social, artística, cultural, o que nos interessa é saber como os idosos se envolvem nas atividades dos portais e participam dessas comunidades. Interessa-nos, portanto, as ações públicas das pessoas idosas nesses espaços públicos virtuais.

Nesse sentido, esse indicador vai tratar de mapear e qualificar a participação das pessoas idosas dentro dos portais. Para tanto, criamos duas variáveis que nos auxiliaram nessa tarefa:

#### **a) Tipos de participação**

A primeira variável desse indicador teve como objetivo mapear o tipo de participação que os idosos podem experienciar dentro dos portais. Ou, mais precisamente: para que tipo de participação social essas páginas *webs* direcionam os seus serviços interativos?

Logo, o que nos interessa é saber do que se pode participar e como se pode participar, enfim, quais as dinâmicas e os mecanismos construídos por essas redes que permitem a participação dos seus atores, em especial, dos idosos.

#### **b) Níveis de participação**

Com essa variável buscamos compreender os níveis de participação das pessoas idosas nos portais que analisamos. Para isso, estabelecemos três níveis:

- usuários passivos – ou seja, passivos em relação à construção do portal, da publicação de informações neste e da participação nas atividades propostas. Esses usuários acessam o portal, buscam os serviços e informações que lhes interessam, mas, por alguma razão, não saem desse nível. Não são propositores de novos temas e serviços e nem interagem com os outros usuários e com os produtores;

- usuários ativos – ou seja, são os que desenvolvem as mesmas ações que os primeiros e vão além. Eles atuam nos espaços de discussão, como fórum, *chats* e enquetes, expressam suas opiniões, por meio de comentários, proposições de novos temas e serviços, participam das atividades, publicam seu próprio material e, enfim, interagem com os outros usuários e com os produtores. Sem dúvida, já se trata do exercício do protagonismo idoso, considerando que há participação social, ou seja, que esses indivíduos não são meros receptores dos conteúdos desses ambientes;

- co-produtores – esse seria o livre exercício do protagonismo. Ou seja, o público-alvo como co-produtores dos textos e imagens publicados, com suas opiniões expressas, com estímulo para o auxílio na co-produção do portal, com poder para solicitar, sugerir ou criticar informações, propor novos temas de debate, atividades e serviços desse espaço. Nesse sentido, acreditamos que esse nível de participação torna o processo comunicacional mais complexo, no qual receptores e emissores se confundem, ou seja, os papéis não são mais estanques. Esses atores conhecem a rotina de funcionamento da comunidade e atuam sobre ela promovendo mudanças. Além disso, os co-produtores também interagem entre si e participam das atividades propostas pelos portais, que podem, inclusive, sair desse ambiente e se estender para um espaço material. Como evidência, alguns portais propõem discussões e atividades que iniciam nesse espaço e finalizam numa confraternização num ambiente físico determinado.

É preciso registrar mais uma vez que essas subetapas de coleta e análise, assim como já foi dito em relação às etapas, não foram momentos estanques. Muitas vezes, eles se interpunham, se sobrepunham, enfim, se misturavam. Desde o primeiro momento com os portais, os indicadores, por exemplo, vinham sendo construídos. A separação que

colocamos acima é mero exercício de escrita lógica, esforço necessário para que o leitor compreenda o processo de desenvolvimento desta pesquisa.

#### **1.5.4 LIMITES DA PESQUISA**

Terminamos este capítulo ponderando sobre os limites da nossa pesquisa. Sem dúvida, se fôssemos valorizar todos os ângulos aos quais essa investigação não aponta ou não apresenta suficientemente, certamente, levaríamos algumas muitas páginas para fazê-lo, já que qualquer pesquisa, por mais ampla e complexa que seja, nunca consegue esgotar as explicações sobre os fenômenos sociais. Assim sendo, vamos comentar somente o que consideramos muito importante e tentarmos ser mais sucintos e precisos.

O final de uma pesquisa é sempre marcado pela sensação do que se poderia ter feito mais e melhor. E esse é, indubitavelmente, um mal que nos acomete. Contudo, para tornar um trabalho exequível é necessário recortá-lo, e recortá-lo de novo, e tentar centrar-se no foco mais preciso possível.

Por isso, o primeiro limite que vamos mostrar é derivado do recorte. Ao escolhermos os portais da Internet como espaço privilegiado de análise, estamos abrindo mão de analisar uma pluralidade de ambientes virtuais em que, certamente, os idosos também estão presentes. Na verdade, a opção do portal foi porque nele podemos analisar os grupos, as comunidades virtuais, pois acreditamos que assim é possível compreender melhor como o protagonismo idoso se processa. Em vista disso, os espaços individuais, nos quais uma única pessoa construiu e montou sozinha o seu ambiente na Internet, não foram considerados para efeito dessa pesquisa. Sem dúvida, um idoso manter um *blog* ou uma página no *Orkut* pode ser uma prática de protagonismo. Contudo, como discutiremos na segunda parte dessa tese, a prática do protagonismo está ligada à participação social e, nesse sentido, acreditamos que os espaços mais ricos para qualificar esse fenômeno seriam os que agrupassem vários emissores e usuários. Além disso, é preciso considerar que, na medida em que os portais são ambientes mais complexos e ricos em análise, são também menos frequentes. Já *blogs*, páginas de *sites* de relacionamentos e *sites* de outros tipos são inumeráveis e, portanto, se fôssemos considerá-los, teríamos um grave problema com a dimensão do universo de pesquisa.

Outro limite importante, que estamos insistindo em discuti-lo ao longo desse capítulo, é relativo à investigação cujo espaço é a Internet. Essa área de estudos ainda é muito recente. Sabe-se muito pouco sobre o que é, na verdade, esse meio de comunicação tão peculiar. Elegemos a etnografia como método, mas, em geral, as pesquisas que investigam as relações sociais na rede encerram-se em análises do discurso e/ou do conteúdo. No nosso caso, essa estratégia seria insuficiente porque há mais do que informações publicadas na Internet. Aliás, ela permite muito mais do que manter os usuários “informados”. A rede mundial de computadores é um espaço de interações sociais concretas. A vida social acontece dentro dela. Logo, ajustamos o nosso foco para a compreensão da participação social dos idosos. Para tanto, foi necessário experimentamos abordagens e combinações teóricas e metodológicas porque a rede mundial de computadores ainda é um caminho a ser desvendado.

A etnografia e a teoria Ator-rede revelaram-se uma excelente maneira de auxiliar na investigação do protagonismo idoso na rede mundial de computadores. Essas abordagens nos permitiram a constituição de indicadores para a análise, mas não nos condenaram à rigidez, ao contrário. Acreditamos que esta é uma grande vantagem desse método, o que para muitos é visto como um limite, mas, para nós, é flexibilidade.

Portanto, os indicadores e as variáveis criados para análise funcionaram, como viemos argumentando, como balizadores. Tanto a teoria Ator-rede, quanto o método etnográfico postulam que, mais do que caixas de análise, é necessária observação cautelosa e a descrição atenta. Não abrimos mão da análise, mas, igualmente, não abrimos mão da descrição cuidadosa e atenciosa. Sem dúvida, a flexibilidade não é um limite, mas é um desafio de sensibilidade e de reconhecimento de quando há algo a mais e mais interessante do que os modelos pré-estabelecidos podem nos mostrar. Assim colocado, não ficamos reféns dos indicadores. Eles direcionaram o nosso olhar, mas, quando se tornavam prisões, eram reavaliados ou mesmo abandonados.

Porém, como viemos discutindo até aqui, é preciso ponderar que mesmo escolhendo os procedimentos metodológicos e teóricos com acuidade, não existe situação ideal. Ainda mais se considerarmos o fato de que esse tipo de estudo é uma novidade, no âmbito das pesquisas das Ciências Sociais Aplicadas, e, por isso, há pouco debate sobre as maneiras de se tentar compreender a dinâmica social que se processa na rede mundial de computadores. Aos limites esperados de uma pesquisa, como tempo e recurso financeiro,

somam-se os desafios desse tipo de estudo, como: falta de bibliografia, necessidade de se combinar métodos e quadros explicativos, incertezas diante do campo – que não é o clássico espaço dos estudos etnográficos – e outros.

Por fim, é preciso afirmar que não estamos seguros se os portais da Internet para e sobre idosos, de maneira geral, tanto no Brasil quanto na Espanha, dão conta de explicar suficientemente como se processa o protagonismo idoso na rede. Contudo, acreditamos que eles trazem pistas consistentes para compreender essa jovem relação, que ainda está no princípio, entre idosos e Internet.

# PARTE II – TERCEIRA IDADE

## CAPÍTULO II

### TERCEIRA IDADE E PROTAGONISMO IDOSO

Eles são muitos, cada vez mais, e estão por toda parte. Contudo, sabemos muito pouco sobre os idosos. Compreendê-los, para além da tão conhecida marcação etária, é uma tarefa que demanda fôlego. Inclusive, do ponto de vista científico.

Temos a década de 70 como um marco decisivo para a compreensão do surgimento desse novo ator social e para o fortalecimento do que seria uma preocupação política, social e científica com o tema da terceira idade. Isso por três motivos principais. Primeiro, porque do ponto de vista social e político só se passa a falar em idosos e terceira idade a partir dessa data, quando os dados demográficos começam a preocupar os governos e os movimentos das minorias desempoderadas passam a incorporar na sua agenda a luta pelos direitos dos mais velhos. É o momento de lutar pelos direitos culturais, ou seja, momento no qual os grupos historicamente excluídos, como mulheres, homossexuais, negros etc., emergem no cenário internacional na luta por seus direitos e interesses. O segundo lugar ocorre em decorrência do primeiro, porque esse é o período no qual os idosos passam a se organizar com o objetivo de brigar por causa própria.

Por último, porque esse é o momento da publicação do livro “A Velhice”, da pesquisadora francesa Simone de Beauvoir, no ano de 1970<sup>10</sup>. Beauvoir (1970) denuncia a “conspiração do silêncio” ou, mais precisamente, a negligência das sociedades e dos governos no que concerne à questão da velhice. A pesquisadora pautou a agenda científica para o tema da terceira idade. Para a autora, a existência dos velhos era ignorada. Suas dores, suas histórias eram negadas. Eles não eram ouvidos porque a velhice era um mal que a sociedade preferia esquecer. Além disso, a velhice trazia consigo a certeza da morte,

---

<sup>10</sup> Como evidência, Siqueira, Botelho e Coelho (2002) comentam que se estima que a obra de Simone de Beauvoir foi citada em 8 de cada 10 trabalhos publicados sobre o tema nas décadas de 80 e 90. Os autores afirmam que, para realização de sua pesquisa, utilizaram como base somente bibliografia brasileira, com exceção da obra de Beauvoir. “A exceção concedida a essa obra justifica-se pela relevância que adquiriu nos estudos sobre a velhice; estima-se que, aproximadamente, 8 entre 10 trabalhos nas décadas de 1980 e 1990 usaram Beauvoir como referencial teórico” (SIQUEIRA, R. L.; BOTELHO, M. I. V; COELHO, F. M. G., 2002, p. 900).

fato que as sociedades contemporâneas procuram distanciar do seu cotidiano (OLIVEIRA e MINAYO, 2001).

Diante do exposto até aqui, é fácil deduzir que o estudo sistemático nessa área existe há pouco mais de 30 anos. Sem dúvida, há ainda um grande percurso a cumprir para compreender a complexidade que envolve esse grupo etário. No que toca às Ciências Humanas e Sociais, esse percurso é ainda mais extenso. Outros saberes, como a Saúde, levaram essa empreitada com mais vigor e fortaleceram seu espaço na pesquisa sobre o envelhecimento. Tarefa que as Ciências Humanas e Sociais passaram a enfrentar com mais força há pouco tempo, embaladas, principalmente, pelos dados do envelhecimento demográfico no mundo.

Por essa razão, acreditamos haver algumas lacunas na bibliografia das Ciências Sociais no que concerne ao tema da terceira idade. Não só porque ainda há muito o que falar sobre isso, mas também porque imperam os estudos que prevêem a catástrofe que o aumento do número de idosos vai trazer ao mundo. Esse pensamento tendencioso tem se fortalecido, especialmente pelos temores dos estados que prognosticam a quebra de seus sistemas de seguridade social e influenciam a pesquisa na área. Portanto, muitos trabalhos de investigação sociológica sobre esse assunto se voltam para a compreensão do impacto do envelhecimento demográfico nos sistemas de previdência social e saúde pública. Isso implica dizer que há um ponto de vista que é mais divulgado e tem mais adeptos, enquanto há outras tantas dimensões desse tema que necessitam ser investigadas. Apesar desse quadro, defendemos que esse cenário vem mudando, há aproximadamente uma década, esquentado pelo empoderamento desse grupo etário que passa a demandar respostas muito mais complexas.

De toda sorte, esse campo de pesquisa é não só um espaço, mas, sobretudo, um convite aberto à investigação. O desafio é excitante. E pretendemos trazê-lo para a primeira parte desta tese de doutorado. Esse momento é dedicado a discutir e lançar questões sobre o que seria esse “envelhecimento demográfico” e, de maneira geral, sobre o conceito de idosos, terceira idade e protagonismo idoso. Para Debert (2004) discutir a velhice é ir além dos números e mergulhar nas:

“(...) mudanças culturais nas formas de pensar e de gerir a experiência cotidiana, o tempo e o espaço, as idades e os gêneros, o trabalho e o lazer, analisando, de uma óptica específica, como uma sociedade projeta sua própria reprodução” (DEBERT, 2004, p. 13).

Para tanto, dividimos essa primeira parte em três capítulos. O primeiro, mais teórico, se propõe a lançar um olhar sociológico sobre o tema. Nesse sentido, esse capítulo traz um debate sobre as implicações do fato da humanidade ter conquistado um tempo maior de vida. O capítulo está dividido em tópicos que resgatam a importância dos argumentos principais dessa pesquisa e dão ritmo ao debate. Além disso, preparam o terreno para as discussões que seguem nos outros capítulos.

O segundo e o terceiro capítulo, por seu turno, são mais aplicados às realidades dos países que nos interessam: Brasil e Espanha. Assim colocado, discutiremos o perfil dos idosos nesses dois países e também o contexto do fortalecimento dessa nova categoria social: a terceira idade. Por conseguinte, a primeira etapa é de discussão dos conceitos relativos ao tema dos idosos e contextualização da situação desses indivíduos nos dois países para que criemos condições de realizar o mapeamento e a análise dos portais, já que, como comentamos antes, não só os conceitos, mas igualmente os contextos, podem nos levar à compreensão da dinâmica do protagonismo idoso na rede mundial de computadores.

## **2.1 CONTANDO OS CABELOS BRANCOS: O ENVELHECIMENTO DO MUNDO**

O desejo da imortalidade ou da possibilidade de viver muito mais anos sempre permeou o imaginário dos seres humanos. No Antigo Testamento, por exemplo, Deus promete a Abrão e a seu povo, que decidem seguir os passos do Senhor, uma dádiva importante: “Já não morrerá af nenhum menino, nem ancião que não haja completado seus dias; será ainda jovem o que morrer aos cem anos: não atingir cem anos será uma maldição” (ISAÍAS, 65). A promessa é o prolongamento da vida, a maldição é morrer antes dos 100 anos. De fato, essa oferta era um presente porque essa expectativa de vida<sup>11</sup> tão alta não foi um bem coletivo e, até os dias de hoje, sem dúvida, continua não sendo, ainda que estejamos muito mais próximos desse número do que nossos antecedentes.

Atualmente viver até 100 anos já não nos parece algo tão surpreendente. Mesmo que nossas esperanças médias de vida ainda não cheguem a esse número, elas se aproximam sobremaneira. Aliás, um dos grupos etários que mais cresce no mundo é exatamente o

---

<sup>11</sup> Expectativa de vida, ou esperança de vida, é o número médio de anos que cada indivíduo, de uma determinada população, pode viver desde a sua data de nascimento.

grupo dos centenários. De acordo com as projeções do IBGE, o mundo, em 1999, contava com aproximadamente 145 mil centenários. A expectativa é de que esse número aumente quinze vezes até o ano de 2050, o que representará mais de 2,2 milhões de pessoas no mundo com mais de 100 anos de idade.

Estima-se que no mundo haja aproximadamente 6,5 bilhões de pessoas. Desse total, cerca de 10% tem 60 anos ou mais de idade. Isso implica dizer que contamos com aproximadamente 600 milhões de pessoas idosas no planeta. Quadro que certamente se revela como uma grande novidade para a humanidade e que tende a continuar se transformando. Esse fenômeno faz com que as pirâmides etárias dos países sofram profundas modificações, equilibrando o número de jovens e idosos, ou seja, base e topo.

Ao que parece, as previsões bíblicas, no tocante ao prolongamento da vida, estão acontecendo agora. O sonho da imortalidade nunca esteve tão presente e aparentemente tão ao alcance dos homens. As tecnologias da área da saúde, o aumento da expectativa da vida, a posição da medicina em relação a tentar controlar a morte traz aos simples mortais o gosto de sentir um pouco da imortalidade. “O sonho de imortalidade nunca foi tão vivido e revivido pela medicina e acariciado pela sociedade, como no momento presente, projetando-se como a grande utopia do século XXI” (OLIVEIRA e MINAYO, 2001, p. 140). O que antes poderia ser uma dádiva de Deus a um povo eleito se transforma agora num bem coletivo e o que temos, em quase todo o mundo, é uma democratização da sobrevivência até idades mais altas.

Para apresentarmos as evidências desse fenômeno, começaremos por expor o que seria o dado mais óbvio quando pensamos em envelhecimento demográfico, ou seja, os números que concernem às expectativas médias de vida:

**Tabela 1 – Expectativa de vida ao nascer, Brasil, 2007**

País	Expectativa de vida (anos)
Angola	37,92
África do Sul	42,37
Afeganistão	44,21
República Democrática do Congo	53,98
Rússia	65,94
Egito	71,85
Brasil	72,51
Uruguai	76,14
Argentina	76,52
Estados Unidos	78,14
Reino Unido	78,85
Alemanha	79,10
Espanha	79,92
França	80,87
Canadá	81,16
Japão	82,07

Fonte: elaboração própria. Dados: Cia World Factbook

Na tabela acima, temos as expectativas de vida de alguns países do mundo que elegemos para tentar dar uma idéia geral do que seriam, nos dias de hoje, as expectativas mais baixas e as mais altas do planeta. É certo, e necessário esclarecer, que em grande parte dos países africanos a esperança média de vida segue muito mais baixa do que a dos países europeus, asiáticos e latinos, por exemplo. Os números africanos nos remetem a uma expectativa, que os países de outros continentes, como o europeu, tinham no século XIX ou em momentos de guerra, nos quais as taxas de mortalidade<sup>12</sup> infantil e adulta eram altíssimas. A discrepância quando comparamos os países africanos ao Japão, por exemplo, é muito grande, já que este fulgura como o primeiro país no *ranking* mundial com a maior esperança de vida.

O mais importante de perceber é que essas expectativas médias de vida estão sofrendo um câmbio muito forte – indicando que aumentou e aumenta substancialmente a média de vida dos indivíduos – a qual para os países desenvolvidos começou aproximadamente no século XIX e, para os países em desenvolvimento, como os latinos, por exemplo, começou a partir da segunda metade do século XX. Nas tabelas a seguir poderemos comparar como essa expectativa de vida veio aumentando, tanto para os países desenvolvidos quanto para os em desenvolvimento, nas últimas décadas:

<sup>12</sup> A taxa de mortalidade, ou coeficiente de mortalidade, é, geralmente, obtida calculando o número de óbitos para cada mil pessoas em uma determinada população e em um determinado período de tempo.

**Tabela 2 – Expectativa de vida ao nascimento, alguns países ou regiões menos desenvolvidas, 1960/5, 1980/5 e 2000/5 (em anos)**

Países	1960/5	1980/5	2000/5 (projeção)
Média dos países menos desenvolvidos	45.6	56.6	63.2
Ásia do Sul	45.1	53.6	61.8
América Latina	56.5	64.1	69.4
África	41.6	49.7	57.6
África do Norte	46.5	55.9	65.1

Fonte: HOOVER e SIEGEL (1982, 1986) apud KALACHE et al, 1987.

**Tabela 3 – Expectativa de vida ao nascimento, alguns países ou regiões desenvolvidas, 1960/5, 1980/5 e 2000/5 (em anos)**

Países	1960/5	1980/5	2000/5 (projeção)
Média dos países desenvolvidos	69.8	73.0	75.9
Japão	68.9	76.6	77.7
Austrália e Nova Zelândia	70.9	74.2	76.5
América do Norte	70.1	74.1	76.5
Europa Ocidental	70.8	74.1	76.4
Europa Oriental	68.8	71.7	75.2

Fonte: HOOVER e SIEGEL (1982, 1986) apud KALACHE et al, 1987.

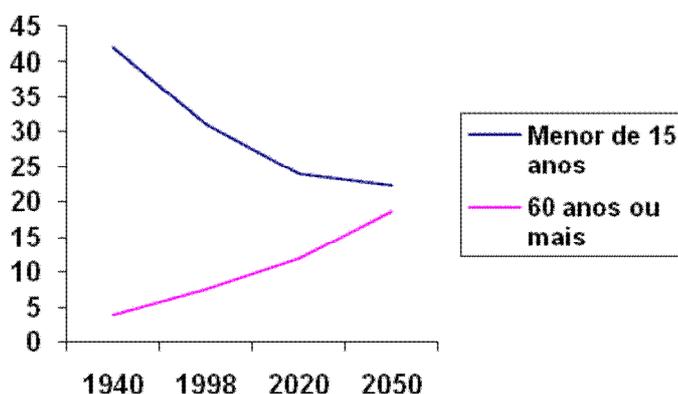
Nas tabelas 2 e 3 podemos constatar que o aumento da expectativa de vida é uma tendência mundial ainda que haja, como colocamos antes, diferenças muito grandes entre os países, como o Japão e alguns países africanos. Entretanto, mesmo esses últimos tiveram um ganho perceptível na esperança média de vida. Por exemplo, no continente africano, na década de 60, a média da esperança de vida era de 41,6 anos. Já no princípio dos anos 2000, ou seja, quarenta anos depois, esse número subiu para quase 58 anos de idade, o que implica dizer um ganho médio de mais de 15 anos de vida, num período de tempo que, do ponto de vista histórico, é muito curto.

O aumento da expectativa de vida é geralmente acompanhado em todo o mundo pela queda na taxa de fecundidade<sup>13</sup> e também pela diminuição da taxa de mortalidade. Assim colocado, defendemos que as pirâmides etárias mudam sua forma e tendem a se assemelhar a um cilindro, já que temos um aumento significativo no número de idosos e, em contrapartida, uma diminuição do número de nascidos. Nos gráficos a seguir podemos

<sup>13</sup> A taxa de fecundidade é uma estimativa do número médio de filhos (nascidos vivos) por mulher em idade fecunda (15 a 49 anos). Essa estimativa é uma porcentagem obtida por meio da fórmula matemática: taxa de fecundidade= $[(15 - 49)]/p \times 100$ . Nessa fórmula a expressão (15-49) corresponde ao número de mulheres em idade fecunda, ou seja, de 15 a 49 anos de idade, e “p” significa a população total, auferida nesse tempo determinado.

visualizar como esses movimentos de aumento da expectativa de vida e de queda da fertilidade modificam a estrutura demográfica dos países:

**Gráfico 1 – Evolução da população menor de 15 anos e de 60 anos ou mais de idades, países em desenvolvimento (%), 1940-2050**

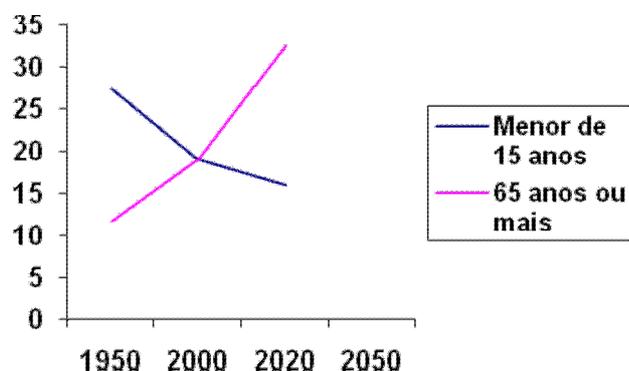


Fonte: FERNANDES, C. J., 2000.

Como podemos perceber no Gráfico 1, os países menos desenvolvidos, como os africanos e latinos, estão sofrendo uma mudança demográfica muito importante. O número de jovens cai sensivelmente – ou seja, há uma diminuição do número de nascidos –, enquanto a linha que marca o número de idosos cresce sobremaneira. Nesse gráfico, podemos ver que a estimativa para o ano 2050 é que as linhas que representam o número de crianças e adolescentes e de pessoas idosas quase se toquem, o que prova que, mantido o ritmo atual, tende a ocorrer um equilíbrio no número de representantes desses dois grupos etários, mesmo nos países menos desenvolvidos.

Já para os países chamados desenvolvidos a estimativa para o ano 2050 se revela muito mais intensa. As linhas que marcam o número de jovens e o número de idosos se cruzam antes dessa data e se distanciam, evidenciando que, nesses lugares, o número de idosos será maior que o número de pessoas entre zero e 15 anos de idade, se for mantido o ritmo atual:

**Gráfico 2 – Evolução da população menor de 15 anos e de 60 anos ou mais de idades, países desenvolvidos (%), 1940-2050**

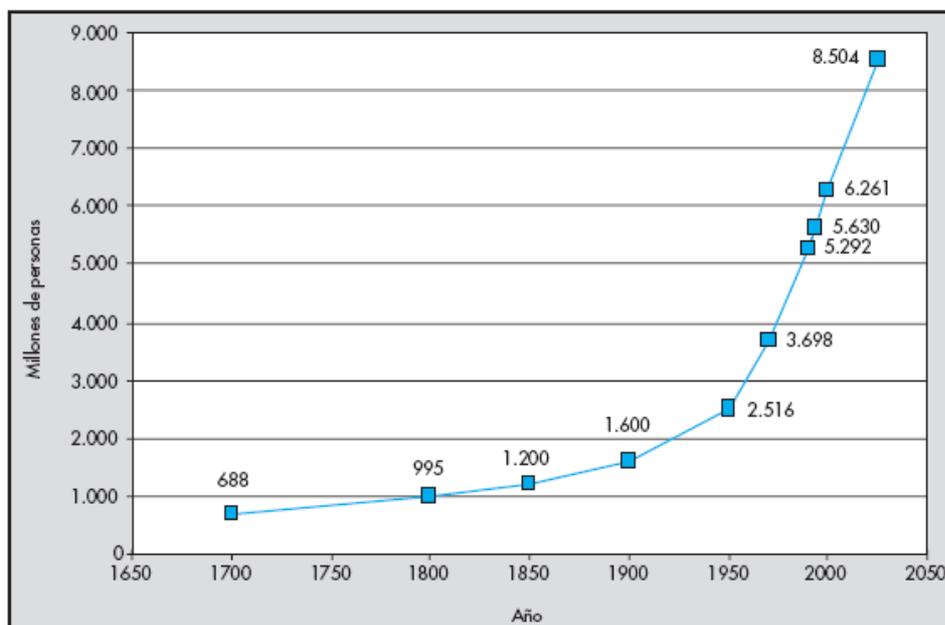


Fonte: FERNANDES, C. J., 2000.

O gráfico sobre os câmbios demográficos nos países desenvolvidos nos deixa claro o quanto as pirâmides demográficas se diferenciam da dos países em desenvolvimento. Isso porque essas nações vivem o processo de envelhecimento demográfico a muito mais tempo do que os países latinos e africanos, por exemplo, como dissemos antes. A perspectiva para o ano de 2050 é que, em média, os países desenvolvidos tenham quase 33% de sua população com 65 anos ou mais de idade.

Apesar de estar claro que as taxas de fecundidade têm caído paulatinamente ao longo do último século, o volume total das populações, por sua vez, tem aumentado progressivamente. Esse fato se deve a outro fator que torna possível o aumento da expectativa de vida ou o envelhecimento demográfico: a diminuição das taxas de mortalidade. No Gráfico3 está demonstrado o quanto as populações têm aumentado e o quanto continuaram aumentando:

**Gráfico 3 – Volume da população mundial, 1700-2025 (em milhões de pessoas)**



Fonte: Informes e projeções do FNUAP apud PÉREZ DÍAZ, 2003a, p. 37.

Pelo gráfico acima, podemos deduzir que as populações continuam aumentando porque as taxas de mortalidade vêm caindo sobremaneira. Ou seja, as taxas de fecundidade estão cada vez menores, contudo passamos cada vez mais tempo vivos.

Apresentamos esses números ainda correndo o risco de sermos repetitivos, para fundamentar um pouco e dar um contorno mais preciso para esse fenômeno mundial que está ocorrendo. O envelhecimento das populações não é pontual nem passageiro. Há previsões de que, nos próximos 15 anos, haja cerca de 1,2 bilhões de idosos no mundo, o que equivalerá a, aproximadamente, 15% da população mundial. Portanto, por seu impacto tanto qualitativo quanto quantitativo, esse fenômeno merece investigação. O aumento do número de indivíduos idosos impacta muito além dos desenhos das pirâmides etárias. Como foi argumentado, é, sobretudo, uma democratização da vida. Uma revolução da vida e uma revolução na forma de organizar e encarar a própria vida e a reprodução, que não deixa nenhuma fração de nós inatingida (PÉREZ DÍAZ, 2004).

## **2.2 POR UMA REVOLUÇÃO DA VIDA**

Fertilidade, ou capacidade de se reproduzir, de produzir a vida, é, sem dúvida, um dos conceitos fundamentais desta tese de doutorado. Vamos, a partir de agora, e, na verdade, já o fizemos no tópico anterior, falar sempre de fertilidade e dos seus conceitos derivados, como taxa de fecundidade. Isso não só porque se trata de um conteúdo importante para compreendermos a dinâmica do envelhecimento demográfico, ou mais precisamente, de maturidade das massas, mas, sobretudo, porque se convencionou classificar as fases da existência humana por sua capacidade de reproduzir-se ou não (PÉREZ DÍAZ, 2003a). E, por essas e outras razões, ela se tornou um referencial fundamental para explicarmos as etapas da vida humana.

A reprodução, a manutenção e a continuação da vida humana sobre a face da Terra é considerada um instinto primário. Ou seja, somos os responsáveis, cada um de nós, especialmente os seres humanos em fase de reprodução, por manter a continuidade da raça humana. Portanto, a capacidade de se reproduzir sempre foi uma maneira muito comum de dar uma explicação a uma existência humana isolada. Essa é outra razão para se pensar a existência humana tendo como referencial a reprodução. Os indivíduos reprodutivos carregam consigo a capacidade de repor as baixas que forem ocorrendo.

Seguramente, esse pensamento promove uma valorização da capacidade de reprodução. O que não se trata de uma novidade, já que as evidências dessa valorização datam de muitos séculos atrás. Como já estava na Bíblia, em Gênesis, quando Deus dá o mandatário para Adão e Eva após a criação da espécie humana: “(...) Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a Terra e sujeitai-a, dominai sobre os peixes do mar, sobre os pássaros do céu e sobre todos os animais que se movem na terra” (Gn 1: 27 e 28). O que está na Bíblia e nos segue até hoje é a importância da reprodução, a afirmação da espécie humana por meio da multiplicação e ocupação do planeta no tempo e no espaço, além, é claro, do ovacionamento a aqueles que ainda podem se reproduzir.

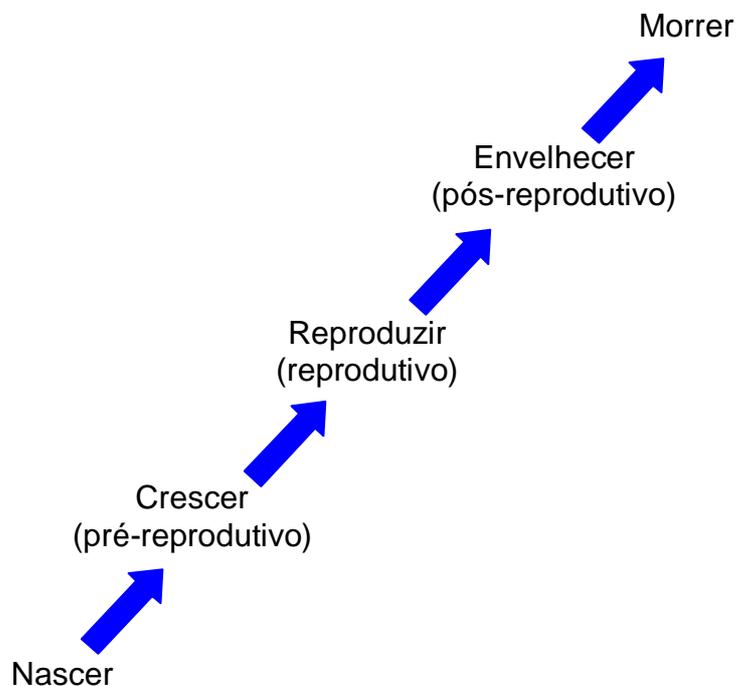
A história da nossa civilização é indubitavelmente marcada pela necessidade de procriação. Muito provavelmente pelo medo da extinção da espécie humana, a qual experienciou, ao longo de muitos séculos, uma mortalidade infantil e adulta altíssima, por isso, a preocupação em repor essas baixas.

Fertilidade, segundo o *Dicionário Michaelis*, é também abundância, ou seja, a riqueza da possibilidade da concepção. Foram séculos de sedimentação de um imaginário sobre a fecundidade que passou a valorizar a existência humana quando na sua fase de

reprodução. Jovens e adultos passaram a carregar consigo a capacidade do milagre da vida; as crianças, a promessa; e os velhos a certeza da morte e de uma provável tarefa cumprida. Sem dúvida, esse imaginário teve fortes razões para se sedimentar, já que a humanidade teve freqüentemente sua existência ameaçada.

Como evidência da importância da capacidade de reprodução, basta folhear qualquer livro de Biologia Geral, como os voltados para o Ensino Fundamental e Médio, e lá estará o conhecido esquema sobre o ciclo da vida ou ciclo reprodutivo, aquele que as crianças e os adolescentes aprendem na escola e que qualquer um de nós já viu algumas ou muitas vezes:

**Figura 3 - Ciclo da vida ou ciclo reprodutivo 1 – clássico**



Fonte: elaboração própria.

A Figura 3 apresenta o ciclo vital na sua forma mais simples. Acreditamos que é importante tentar explicar porque esse ciclo está tão relacionado à reprodução. Isso ocorre de tal maneira que, como colocado acima, as etapas da vida humana podem se classificar por: nascimento, período pré-reprodutivo, período reprodutivo, período pós-reprodutivo e

morte. É a descrição ou a explicação da vida tomando como feito mais importante do homem a reprodução. E esse pensamento não é compartilhado somente pelo senso comum e pelo conhecimento religioso – encontramos a defesa das altas taxas de fecundidade em diversas áreas do conhecimento, inclusive na ciência. Não é raro, por exemplo, vermos demógrafos de todo o mundo fazerem alardes por causas das seqüenciadas quedas nas taxas de fecundidade em diversos países do mundo (PÉREZ DÍAZ, 2003a). Esses alardes trazem de volta o argumento primário sobre a ameaça que isso pode representar à continuação da raça humana.

Assim colocado, não é difícil perceber o quanto a humanidade sempre valorizou tanto a procriação e temeu tão fortemente não repor as gerações. Por esse motivo, como uma estratégia importante, conforme Pérez Díaz (2003a), sempre foi preciso manter alta a taxa de fecundidade para equilibrar a balança dos números de nascimento *versus* números de óbitos:

Por uma espécie de lógica perversa, a morte parecia alheia à vontade e aos atos humanos e se aceitava como vontade de Deus, como resultado da má sorte ou como uma fatalidade natural. Por outro lado, a fecundidade, sim, parecia depender claramente dos comportamentos humanos, por mais que os mecanismos concretos que a regulavam fossem mal conhecidos ou até ignorados. Além disso, a fecundidade era o meio pelo qual qualquer população podia atenuar os inevitáveis vazios provocados pela morte. Se não se podia evitar uma epidemia, mas, podia-se, pelo menos, ter mais filhos uma vez que seus efeitos fossem superados (Trad. livre) (PÉREZ DÍAZ, 2003a, p. 68).

A afirmação de Pérez Díaz (2003a) nos deixa clara a lógica perversa da dificuldade de sobreviver nos séculos anteriores. As altas taxas de mortalidade, como dissemos antes, deixavam como única opção o aumento no número de nascimentos. Assim, os sobreviventes estariam em número suficiente para reporem suas gerações. Nesse sentido, fica claro que a vida era um privilégio de alguns, e, muitas vezes, não necessariamente relacionado à posição social e financeira de cada indivíduo. A morte era certa e esperada para qualquer um porque nenhum indivíduo ou família detinha o controle desta. Além do mais, a partir desse argumento podemos deduzir que as famílias cresciam do ponto de vista horizontal, que, certamente, tornava mais raras as trocas intergeracionais. Eram grandes famílias que viam seus integrantes morrerem no transcurso do tempo e que eram “agraciadas” pelos novos nascimentos.

Por uma revolução da vida, argumento que também é defendido por Pérez Díaz (2003a, 2008), é o que nos referimos quando percebemos que o aumento da expectativa de vida nos providenciou outro olhar sobre a existência humana. Ainda que muitos demógrafos continuem profetizando a catástrofe da queda na taxa de fecundidade, não somos mais freqüentemente oprimidos pela necessidade de mantê-la alta, embora até os dias de hoje pareça um escândalo uma mulher que revela sua decisão de não ter filhos. O que vemos nessa revolução é um câmbio profundo de comportamento que impacta, inclusive, na decisão de reproduzir-se ou não e no momento de fazê-lo. As taxas de mortalidade, ao caírem sensivelmente em todos os grupos etários, possibilitaram um aumento da “taxa de permanência”<sup>14</sup>, ou seja, de permanência na vida, de continuar vivo. Se nos permitirmos lançar para esse fato um olhar a partir de uma perspectiva histórica, perceberemos que a mudança da preocupação menos com a alta taxa de fecundidade e mais com a queda nas taxas de mortalidade, traz para a raça humana uma democratização da vida, a qual chamamos aqui de uma revolução da vida, que, como comentamos antes, afeta a maneira de estar no mundo e de ver a reprodução e, especialmente, o período pós-reprodutivo.

É exatamente nesse período, o pós-reprodutivo, que a existência humana perde o que seria sua função principal, restando-lhe o cuidado com as outras existências que estão procriando ou ainda podem procriar. Ao indivíduo que já se reproduziu cabe cuidar de seus filhos para que estes possam também fazê-lo e, assim, dar continuidade ao ciclo reprodutivo. Geralmente, essa não era uma fase muito longa da vida, já que chegar à maturidade era menos comum do que a morte prematura. Nesse sentido, a etapa pós-reprodutiva é marcada por limitadas funções que o indivíduo pode cumprir, já que não havia muitas razões para elaborar planos para essa fase da vida.

Como discutimos no tópico anterior, o que se revela como uma grande conquista humana e que tende a se coletivizar cada vez mais é o prolongamento da vida. Isso, sem dúvida, está relacionado à queda da taxa de mortalidade. As ansiedades humanas ligadas à fecundidade se arrefecem enquanto se acalenta o desejo de permanecer cada vez mais tempo na vida. Os sobreviventes pós-reprodutivos também mudam profundamente o seu

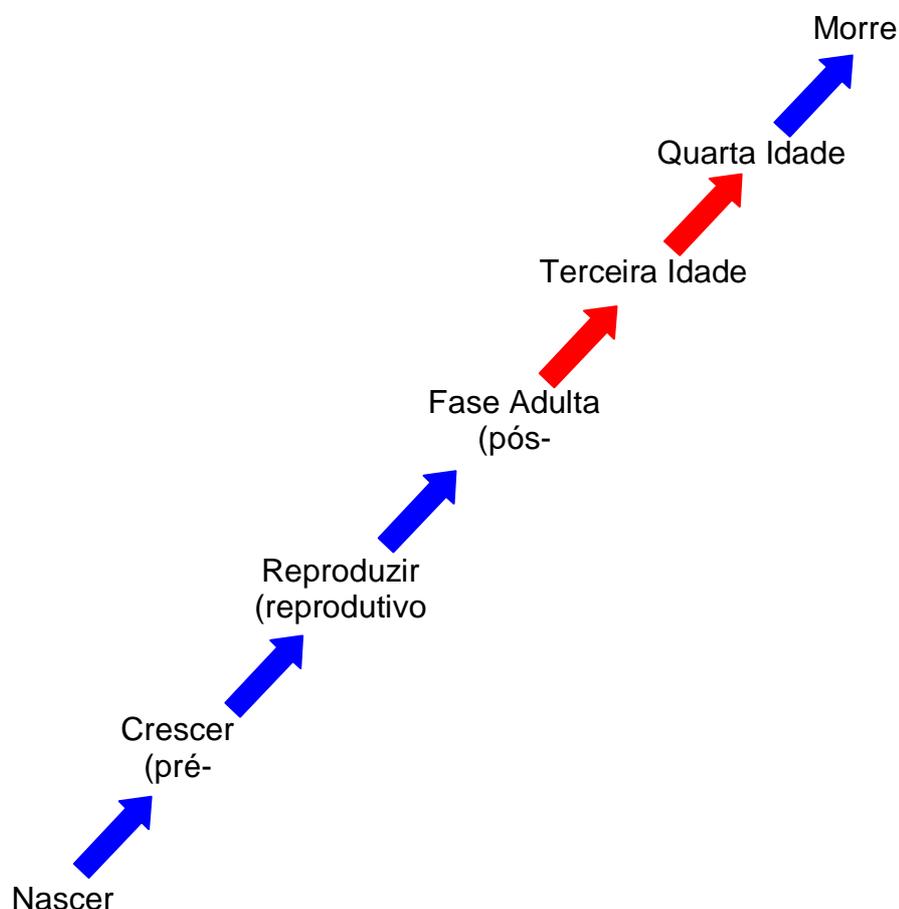
---

<sup>14</sup> Adaptamos essa expressão “taxa de permanência”, utilizada mais comumente pelo mercado financeiro para designar um tipo de taxa bancária sobre empréstimos contraídos, para fazer referência ao tempo médio de vida das pessoas. O aumento da taxa de permanência é a capacidade de viver mais tempo. É exatamente a revolução da qual estamos falando: um aumento substancial da possibilidade de continuar vivo.

comportamento porque sentem que podem fazer planos para esta etapa da vida. O que estamos vivenciando é o que Pérez Díaz (2003a) chama de uma revolução demográfica, considerando que, apesar de termos menos nascidos, temos também menos mortos. A balança encontrou outra maneira de se equilibrar. O autor faz uma interessante comparação da vida com um hotel. Suponhamos um gerente de um hotel que, via de regra, está preocupado com o número de entradas. De repente, ele descobre que há uma queda no número de hóspedes novos. Contudo, antes de se desesperar, também fica sabendo que a lotação do seu estabelecimento continua sendo a mesma. O que o nosso gerente percebe é que o número de baixas também caiu. Isso quer dizer que os hóspedes estão ficando cada vez mais tempo nesse lugar e, ainda que se tenham menos entradas novas, a lotação continua a mesma. Recuperamos esse exemplo de Pérez Díaz (2003a) porque julgamos muito apropriado para explicar que revolução da vida é essa que estamos falando até aqui. Trata-se de uma revolução que impacta diretamente o nosso ciclo de vida porque a fase pós-reprodutiva se alonga muito mais do que o esperado e cria novas relações de poder, que não se concentram mais somente na fecundidade.

Nesse sentido, propomos agora observar a nossa figura do ciclo da vida com um novo olhar, considerando agora o “envelhecimento demográfico” ou, mais precisamente, a maior possibilidade de sobrevivência humana:

**Figura 4 - Ciclo da vida ou ciclo reprodutivo 2 – maturidade das massas**



Fonte: elaboração própria.

Aparentemente, não há nada de novo nessa figura, exceto o fato que há uma fase que se alarga em número de anos e, na verdade, preferimos considerá-la como três fases distintas e lhes dar nomes diferentes. Isso por um motivo lógico: essa etapa – “envelhecer” – era antes algo em torno de 15 a 20 anos. Com a revolução da vida, que temos tentado definir até o momento, essa fase ganha, na maior parte do mundo, em torno de 20 anos a mais. A conta nos parece lógica se pensarmos numa expectativa média de vida entre 70 a 80 anos de idade, a qual, como demonstrado acima, é uma conquista não somente dos países desenvolvidos, mas igualmente dos países em desenvolvimento, como o Brasil, por exemplo, que já está muito próximo de contar com essa esperança de vida.

Para tornar mais claro, cabe analisar mais profundamente a figura. O primeiro momento da vida rotulado de “nascer” leva até a outra etapa “crescer” mais ou menos uns

10 anos. Da fase “crescer” até a “reproduzir” mais outros 10 anos. Entre “reproduzir” e a etapa “fase adulta pós-reprodutiva” temos em torno de 20 a 25 anos. Entre o princípio da “fase adulta pós-reprodutiva” e o início da “terceira idade” são, no máximo, 15 anos. Da “terceira idade” até a “quarta idade” (“envelhecer” e, também, “pós-reprodutivo”) de 15 a 20 anos. E da “quarta idade” até a etapa “morrer” é um pouco mais difícil precisar por que chegamos ao limite entre expectativa de vida e número máximo de anos que cada indivíduo pode viver. Entretanto, essa etapa é, provavelmente, a mais curta do ciclo vital. O que queremos dizer é que, devido a um aumento significativo no número de anos, não há mais como pensar o ciclo de vida da maneira tradicional. A vida aumentou, sobretudo tornou-se mais complexa e, por esse motivo, essas etapas se multiplicaram. A diferença é tanto quantitativa quanto qualitativa. Entre outras razões, as quais desenvolveremos neste capítulo, isso *a priori* nos permite adicionar essas etapas a mais ao ciclo da vida. O que tentamos demonstrar é que foi exatamente o período pós-reprodutivo da vida humana – o qual era o menos privilegiado em termos de elaborar projetos de vida, considerando que a morte era uma realidade que chegava depressa – que ganhou um acréscimo de anos espetacular:

Até poucas centenas de anos atrás, a expectativa de vida de uma pessoa era abaixo dos 40 anos. Quatro de cada dez europeus morriam antes de completar 12 anos. O período ativo de uma pessoa era entre 18 e 35 anos, depois era considerada velha. As condições materiais de vida eram precárias e as pessoas pensavam primeiro sobre os fundamentais: comida e bebida, abrigo, calor, saúde e proteção da propriedade e da vida (OZMENT, 1995, p. 55).

Como comenta Ozment (1995) as taxas de mortalidade eram muito maiores nos séculos anteriores. Guerras, epidemias, fome, precárias condições de higiene e outros fatores matavam boa parte dos seres humanos antes de se tornarem maduros, essa é a razão pela qual se tinha muitos filhos. A sobrevivência era limitada. Com a balança entre nascimentos e óbitos desequilibrada, a humanidade precisava se esforçar para se perpetuar. Na luta pela sobrevivência, a reprodução era a estratégia que parecia mais à mão porque renovava os recursos humanos.

Certamente, isso explica por que o ciclo da vida girava em torno da capacidade de reprodução. Por que a mortalidade parecia ser incontável. Contudo, acreditamos que não é mais possível defender tal argumento. O ciclo da vida já não é mais o mesmo e, ainda que não sejamos ingênuos de saber que a reprodução continua a ter seu lugar estratégico e

de destaque, agora é preciso abrir espaço para analisar outros vetores que entram em cena. Não é mais possível encarar o ciclo reprodutivo como se a revolução da sobrevivência não tivesse ocorrido. A nossa figura acima colocada – Figura 4 – revela que o fato de vivermos mais anos altera o nosso ciclo e, certamente, não só do ponto de vista quantitativo, mas, sobretudo, qualitativo. Colocado de outra maneira: dá-nos a oportunidade de planejar a nossa existência até idades mais avançadas e muda profundamente os nossos comportamentos, como o reprodutivo.

Como evidência, a etapa da vida humana que mais se alarga é exatamente a pós-reprodutiva. É, sem dúvida, a que ganha anos. Mais precisamente, nos países desenvolvidos, as pessoas passam quase 40 anos no que seria o período “pós-reprodutivo”. Isso implica dizer que quase metade da vida do indivíduo é não-reprodutiva, mais especificamente, pós-reprodutiva. Mesmo que percebamos que também houve modificações na etapa reprodutiva – isso porque, com a maturidade das massas, essa fase se expande para um grupo com idades mais altas, como mulheres com mais de 40 anos (além, é claro, dos avanços da medicina, que permitem às mulheres ter filhos cada vez mais tarde do que o tradicional). Acreditamos que essa mudança ocorreu exatamente porque se alargou a taxa de permanência e os próprios seres humanos passam a gerir sua reprodução a partir de outros parâmetros:

Como sempre, ainda que continue merecendo menos atenção, a sobrevivência melhora também mais depressa do que o previsto no conjunto do planeta. Espero ter argumentado suficientemente que essa melhora constitui a verdadeira chave para compreender a rapidez com que se está alastrando o novo tipo de dinâmica demográfica. Só quando a sobrevivência é suficiente para garantir a maturidade das massas é que os comportamentos reprodutivos podem se modernizar realmente e romper com os infernais equilíbrios do passado para encontrar outros novos (PÉREZ DÍAZ, 2003a, p. 62 e 63).

Os comportamentos reprodutivos mudaram. A principal evidência é a quantidade de filhos por mulher, que tem caído consideravelmente em todo o mundo, especialmente nas últimas décadas, como demonstramos no tópico anterior. Mas, também há outras que estão se desenhando, como a questão de se optar por ter filhos em idades mais altas que o convencional. No Brasil, por exemplo, em duas ou três gerações atrás, dependendo da região, as mulheres tinham muitos filhos, inclusive quando na faixa etária dos 40 anos de idade, e começavam a procriar ainda bem jovens. Entretanto, raramente se tinha o primeiro

filho nessa faixa etária. Essa é uma das mudanças de comportamento que defendemos, que ocorre por causa da revolução da expectativa de vida.

Os comportamentos se modificam porque a necessidade de reprodução deixa de ser uma ameaça. E por essa razão defendemos que o ciclo de vida muda e não há como manter a reprodução como valor exclusivo deste ciclo. As mudanças no ritmo demográfico são uma evidência dessa revolução, a qual traz, como comentamos no início deste capítulo, uma nova reorganização do poder no que concerne às etapas do ciclo vital. Até porque seria uma existência vazia viver mais de 40 anos em etapa pós-reprodutiva sem condições de planejar outras coisas além da espera do dia da morte. Os anos a mais reorganizam essa etapa da vida que, por circunstâncias óbvias, cria novas funções e redistribui o poder entre as gerações.

Na verdade, o acréscimo de anos para as idades mais altas, que, salvo alguns casos, já estão na fase pós-reprodutiva, não lhes obriga a esperar longos anos até que a morte venha. Na verdade, assim como os comportamentos reprodutivos mudam, também mudam as sociedades para receber esses novos atores sociais, que apesar de não poderem mais se reproduzir, trazem consigo outros elementos que conferem poder – afinal são adultos e, nesse sentido, têm uma vida social construída, direitos adquiridos, posição social, profissão, enfim, uma história –, ainda que estejam classificados em uma nova categoria social: a terceira idade.

Número de mortos *versus* número de nascidos. A balança se equilibra porque entra em cena um novo fator: a taxa de permanência que, por seu turno, tende também a equilibrar a divisão do poder entre os diversos grupos etários. Quando a reposição de gerações já não se constitui numa ameaça tão grave, vemos o nascimento de um novo ator social que tende a se tornar cada vez mais numeroso e empoderado: os idosos.

O aumento do número de idosos é a evidência da mudança no ritmo demográfico, ou, como viemos chamando, da revolução da vida. Certamente, eles não são figuras decorativas no diagrama do ciclo de vida que adaptamos. Há ainda mais o que investigar. Por isso, para nos aprofundarmos mais nessa questão, vale a pena discutir um pouco mais o conceito de maturidade das massas.

### **2.3 ENVELHECIMENTO DEMOGRÁFICO OU MATURIDADE DAS MASSAS?**

Envelhecimento demográfico é, como até agora rotulamos, esse aumento significativo no número de pessoas com 60 anos ou mais de idade no mundo. Utilizamos a expressão “envelhecimento demográfico” por ser a mais conhecida. Ela se tornou comum no meio científico porque foi, e ainda é, fortemente utilizada pela área da demografia, especialmente a partir da década de 30, quando já não restavam mais dúvidas de que as populações estavam “envelhecendo”.

Contra esse termo não temos nenhum problema. Excetuando-se o fato de que quando nos referimos a ele não tratamos somente de “envelhecimento das populações”, mas da revolução da vida ou da revolução reprodutiva. Na verdade, a expressão “envelhecimento demográfico”, conforme Pérez Díaz (2005), traz dois problemas. O primeiro é o semântico: as populações não envelhecem! Elas não têm idade. Quem envelhece são os indivíduos:

O que denominamos de envelhecimento demográfico é simplesmente um câmbio na estrutura por idade. Se quisermos conhecer suas conseqüências, não é suficiente supor que os atributos e repercussões da velhice individual são também os que vão ter a velhice populacional (PÉREZ DÍAZ, 2004, p. 3).

O segundo problema também está nessa citação de Pérez Díaz (2005). Se importarmos a expressão da demografia e não a qualificarmos, da maneira mais precisa e adequada para as Ciências Sociais, estaremos falando meramente da constatação de que os seres humanos têm cada vez mais ganhado anos de vida. Nesse sentido, a mera constatação nos pouparia o trabalho de analisar as conseqüências, ou seja, a informação por si só já seria suficiente. Concordamos com o autor, contudo acreditamos que esse cenário é ainda mais complicado do que ele propôs. Isso porque os estudos dos demógrafos são marcados pelas péssimas previsões do que seria esse “envelhecimento demográfico” e impõe a essa expressão um sentido muito forte ligado às imagens negativas da possibilidade de viver mais. Como já discutimos antes, essas previsões caminham no sentido de alertar para as catástrofes que os Estados podem sofrer – como quebra do sistema de seguridade social – por conta do aumento do número de idosos. Porque se observarmos esse dado isolado, temos tendência a crer que essas características sociais, culturais e econômicas das sociedades estão congeladas e o progressivo aumento do número de idosos, certamente, tencionaria esse sistema, que não sofre nenhuma alteração. Se as conseqüências do

aumento da sobrevivência não forem analisadas sob a perspectiva dos contextos históricos de cada geração, parecerá sempre que estamos a um passo de uma grande crise mundial.

O que temos aí, então, é uma seara perigosa. A expressão não é neutra. Ao contrário, tem sido freqüentemente relacionada às piores perspectivas sobre o aumento da expectativa de vida. Talvez o maior problema resida aí. Na “contaminação” dessa expressão por um ponto de vista que é cada vez mais forte não só na área da demografia, mas que também se fortalece nas áreas Humanas e Sociais. O rótulo “envelhecimento demográfico” parece perder de vista essa grande conquista da humanidade: sobreviver por mais tempo. O bem que se coletiva é visto para muitos como uma ameaça aos estados o qual se revela como uma grande contradição porque, como já comentamos, a possibilidade de viver até idades mais altas ou mesmo de nunca morrer sempre foi um sonho acalentado pelos seres humanos.

Além disso, a expressão “envelhecimento demográfico”, quando se refere apenas à questão do aumento da sobrevivência, deixa de abordar a questão da queda na taxa de fecundidade. Como se um fato não estivesse ligado ao outro. Para Pérez Díaz (2003a) o fato da mortalidade não ser tão alta, ou seja, não se colocar com uma questão tão determinante e inesperada que leva de uma maneira massiva os representantes das gerações mais jovens, faz com que a reprodução, o momento de se reproduzir e o número de filhos que se terá sejam pensados de uma maneira mais tranqüila, sem a obrigação de “povoar” a Terra.

O autor defende que, no passado, a mortalidade, que sempre foi superior a 200%, reduzia praticamente pela metade as gerações, antes que elas chegassem à sua fase reprodutiva. O argumento de Pérez Díaz (2003a) reside exatamente nessa ineficácia do sistema reprodutivo que, como discutimos antes, para equilibrar o alto número de óbitos exigia uma alta de natalidade<sup>15</sup>. A grande maioria das pessoas não tinha o privilégio de chegar a uma idade madura. A vida lhe era retirada antes disso:

Portanto, as tradicionais pirâmides jovens caracterizaram toda a história da humanidade, com grande presença infantil e juvenil frente à escassez de adultos maduros e a presença residual de idades avançadas, são somente uma expressão da ineficiência do sistema reprodutivo (Trad. Livre) (PÉREZ DÍAZ, 2004, p. 7).

---

<sup>15</sup> Taxa de natalidade se refere ao número de nascidos para cada mil habitantes de uma determinada população num determinado período de tempo.

Para evitarmos o uso da expressão “envelhecimento demográfico” ou “envelhecimento populacional”, Pérez Díaz (2003a) nos propõe a utilização de outros termos que qualificariam melhor esse fenômeno. Esses termos, que significam a mesma coisa, são os que já viemos utilizando nesta tese de doutorado, como: maturidade das massas, revolução da vida, revolução reprodutiva, transição demográfica e outros. Tais expressões são as que acreditamos qualificar melhor esse fenômeno, enquanto o “envelhecimento demográfico”, talvez por sua vinculação à demografia, traga somente a força dos números, o aspecto quantitativo do fenômeno e, sobretudo, negativo. Pérez Díaz (2005) utiliza na sua obra todas essas expressões, mas opta por fortalecer o que chama de “maturidade das massas”:

A democratização da sobrevivência até idades mais altas já é um fator de êxito reprodutivo em si mesmo (as populações se fazem muito maiores, ainda que a fecundidade diminua, porque seus “inquilinos” passam muito mais tempo nelas), mas tal êxito se retroalimenta: distribui melhor o trabalho de ter filhos, antes limitado à reduzida parte sobrevivente de cada geração. Isto, por sua vez, permite descendências menos abundantes, as quais se pode dedicar mais cuidado e recursos, o qual redundará em uma maior sobrevivência. Um círculo, em suma, que conduz à exitosa dinâmica populacional atual e, claro, a uma pirâmide populacional completamente nova (Trad. livre) (PÉREZ DÍAZ, 2004, p. 8).

A maturidade das massas é o direito de envelhecer, de se tornar maduro. É, afinal, a eficácia do sistema reprodutivo. Maduro no sentido de poder realizar os planos que se fez para a vida, como: crescer, casar, reproduzir, construir uma carreira, envelhecer. São planos que exigem, sobretudo, tempo, mais precisamente, tempo de vida. É a oportunidade de ter tempo para viver todas as etapas do ciclo reprodutivo. Ou seja, de não morrer antes de completar o ciclo vital que apresentamos no tópico anterior. O que Pérez Díaz (2003a) defende é que isso se trata de uma democratização da vida, a qual jamais nenhuma geração humana desfrutou antes. O autor afirma que, certamente, havia pessoas no passado que envelheciam e completavam seu ciclo vital, mas que nenhuma geração até hoje pôde contar com isso com a segurança com que contamos agora<sup>16</sup>. Ainda que as pessoas leigas, na área da demografia, não conheçam ou não confiem nas estimativas sobre a esperança de vida, elas, sem dúvida, acreditam que contam com mais tempo de vida e, portanto, tempo para

---

<sup>16</sup> Certamente, isso não quer dizer que não morrem ou não morrerão pessoas antes de se tornarem idosas. O fato é que, de modo geral, todos sabemos que temos mais chances de completar o ciclo vital pela evidência nas melhoras das condições de vida.

desenvolver seus projetos. Isso porque elas avaliam a sua expectativa de vida pela sobrevivência das pessoas que as rodeiam (PÉREZ DÍAZ, 2003a). A revolução da vida já começou e nós somos os protagonistas dessa transição demográfica que coletiviza o direito de viver.

Em suma, o envelhecimento demográfico, visto desde a ótica da revolução reprodutiva, não é mais que o resultado de uma maneira melhor de manter as populações humanas, muito mais eficiente no rendimento obtido de cada nova pessoa trazida ao mundo (Trad. livre) (PÉREZ DÍAZ, 2004, p. 11).

O “envelhecimento demográfico” é uma conquista social. Trata-se da democratização da vida até a fase adulta. Contudo, caímos no problema que já dissemos, o antigo e conhecido dilema: uma conquista que se torna coletiva pode passar a ser vista como um grande problema social.

Nesse sentido, o “envelhecimento demográfico” ou, mais especificamente, o maior número de idosos no mundo, passou a ser visto de maneira ambígua. Isso é facilmente percebido, por exemplo, na Academia. Há autores, como Pérez Díaz (2003a), que relembram que o aumento do número de pessoas com 60 anos ou mais de idade é uma das maiores conquistas da humanidade. Contudo, há, também, inúmeros autores, como já colocamos antes, que encaram os idosos como peso social, ou seja, indivíduos não-(re) produtivos, que oneram o Estado.

Essa ambigüidade não está somente no discurso acadêmico-científico. Está também em outras esferas da sociedade, como, por exemplo, nos meios de comunicação de massa. Por isso, acreditamos que o mais eficiente, ainda que pareça um preciosismo, é mudarmos os termos ou qualificarmos mais precisamente o que seria esse “envelhecimento demográfico”. Isso não se trata de uma novidade no que concerne ao nosso tema. Outros verbetes, como “velho” e “velhice” se tornaram palavras praticamente proibidas. Excluídas sem piedade do discurso científico, acadêmico, midiático e social pelo peso que traziam, pelas imagens que se agregaram a essas palavras. Acreditamos que o mesmo se passe com a expressão “envelhecimento demográfico”.

Nesse trabalho, não excluiremos os termos “envelhecimento demográfico”, “velho”, “velhice”. Mas, certamente, não estaremos falando do significado que lhes foram conferidos no passado. Por isso, o esforço em tentar qualificar melhor essas expressões

para que elas não reproduzam velhos estereótipos. Assim colocado, temos a tendência a utilizar os novos termos que traduzem com mais clareza essa revolução da vida, ou seja, a maturidade das massas.

Para essa discussão sobre os rótulos que daremos ao nosso fenômeno, esperávamos apresentar o ponto de vista de outros autores. Contudo, foi somente na obra de Pérez Díaz que encontramos esse debate e o trouxemos para essa pesquisa porque cremos que, para qualificar um fenômeno, o movimento de afirmação e negação é importante. No nosso caso, fundamentais, porque já existe uma corrente que é forte e mais numerosa que tem debatido o tema a partir de um exclusivo ponto de vista: o dos problemas. E, portanto, a negação se torna vital para a caracterização do que defendemos como revolução da vida. Sem dúvida, há outros autores que trabalham a maturidade das massas de um ponto de vista mais complexo, menos centrado nos problemas, contudo eles não enfrentam a criação de novos conceitos, como faz Pérez Díaz.

## 2.5 PARA ALÉM DE SER VELHO

Quais as mudanças provocadas por esse aumento do número de pessoas com 60 anos ou mais de idade? Para além das outras formas geométricas que as pirâmides etárias estão tomando, há um câmbio do ponto de vista social muito importante<sup>17</sup>. Como apresentamos nos tópicos anteriores, a mudança no ciclo vital não é o simples resultado de um acréscimo de anos. Esses “anos a mais” não são “estéreis”, nos quais os indivíduos optam ou são obrigados a esperar calmamente a hora da morte. As pessoas que completam os 60 anos de idade continuam inseridas no cenário social, a marcação cronológica, política e social, lhes conferem outro *status* – são enquadrados como idosos – e também novas funções sociais,

---

<sup>17</sup> Sem dúvida, as mudanças que as sociedades vêm sofrendo por causa do aumento do número de pessoas idosas não é somente do ponto de vista social. Certamente, há fortes impactos econômicos e psicológicos, por exemplo. Não resta dúvida que o aumento do número de idosos obriga a uma reformulação do sistema de seguridade social e, por outro lado, impacta fortemente a renda familiar, já que ter um aposentado em casa possibilita trocas intergeracionais, inclusive do ponto de vista financeiro – muito mais raras no passado (há estudos do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA e do Ministério da Previdência Social – MPS que comprovam que o aumento do número de idosos tem um impacto importante na redução da pobreza, ainda que também mostrem que o sistema previdenciário brasileiro necessite passar por reformulações importantes, as quais considerem o aumento da expectativa da vida e o perfil dos novos idosos do Brasil). Além disso, os jovens têm a oportunidade de conhecer e conviver com seus avós e bisavós, o qual, sem dúvida, deve influenciar toda a estrutura psicológica da família. Contudo, não nos deteremos nessas outras mudanças porque nosso foco, nessa tese de doutorado, são os câmbios sociais.

não obstante não os alije da vida pública, ainda que muitos idosos, especialmente os homens, se queixem de sentirem encerrados no cenário privado (DEBERT, 2004). Os anos a mais provocam uma nova reconfiguração da distribuição do poder entre os diversos grupos etários. O que vamos argumentar neste e nos próximos capítulos é que a formação de uma nova categoria social – a terceira idade – e a ressignificação e mesmo abolição dos termos “velho” e “velhice” são demonstrações do ganho de poder que esse grupo etário vem conquistando progressivamente em todo o mundo. Portanto, a partir de agora, cabe-nos a tarefa de discutir o significado e o contexto do surgimento dos termos “terceira idade” e “idoso”.

Começemos pela unidade: idoso. Podemos considerar que uma pessoa idosa é a unidade mínima do coletivo terceira idade. Para qualificarmos melhor esse termo começaremos pela negação. Nesse sentido, agora se faz necessário refletir sobre as diferenças entre os termos “velho” e “idoso”.

Idosos, como colocamos até aqui, de acordo com a Organização Mundial de Saúde – OMS, são pessoas – homens e mulheres – com 60 anos ou mais de idade em países em desenvolvimento e pessoas com 65 anos ou mais em países desenvolvidos. Entretanto, essa ainda não é uma definição completa. É, na verdade, uma definição simplista – faz parte da tentativa de categorizar as fases da vida humana – que leva em conta, exclusivamente, a faixa etária do indivíduo. Contudo, faz-se necessário investigar, além desse corte cronológico, o qual mesmo que seja amplamente utilizado, de fato, nos auxilia muito pouco na compreensão desse novo ator social.

“Todo mundo sabe: a condição das pessoas idosas é hoje escandalosa” (BEAUVOIR, 1970, p. 265). É com essa frase que Simone de Beauvoir (1970) começa a sua análise sociológica sobre a velhice. Disse simplesmente e tão diretamente uma realidade que, em geral, era omitida, esquecida ou atenuada por belos discursos sobre a importância dos velhos. Para a autora, eles estavam à margem da sociedade porque, para essa, eles deixaram de ser homens, ou mais precisamente, deixaram de ser homens produtivos:

O velho – salvo exceções – não faz mais nada. Ele é definido por uma *exis*, e não por uma *práxis*. O tempo o conduz ao fim – a morte – que não é o *seu* fim, que não foi estabelecido por um projeto. E é por isso que o velho aparece aos indivíduos como uma “espécie estranha”, na qual eles não se reconhecem. Eu disse que a velhice inspira uma repugnância biológica; por uma espécie de autodefesa, nós a rejeitamos para longe de nós; mas essa exclusão só é possível porque a cumplicidade de princípio

com todo empreendimento não conta mais no caso da velhice (BEAUVOIR, 1970, p. 266).

A princípio, diremos que o idoso é o velho, o indivíduo submetido ao processo de envelhecimento, ou seja, de mudança fisiológica, no qual percebemos mais claramente os sinais da maturidade, do cumprimento de quase todas as fases do ciclo vital. Beauvoir (1970) acredita que a velhice é de fato um fenômeno biológico, mas isso não explica a complexidade dessa condição. Ela também é um fenômeno psicológico, sociológico e cultural. Todos os aspectos estão ligados entre si e só é possível compreender a velhice à luz de todos eles.

Além dos câmbios fisiológicos, as evidências de que também se está enfrentando uma mudança de posição social são inexoráveis. Ao completar 60 ou 65 anos o indivíduo é classificado como velho, idoso. A OMS e a UNESCO, por exemplo, dão referências claras sobre como esse grupo de pessoas deve ser tratado e quais os cuidados especiais que a sociedade necessita lançar mão para melhorar as condições de vida das pessoas nessa faixa-etária. Além disso, o peso político-jurídico recai sobre esses indivíduos. Em quase todos os países do mundo há uma legislação específica, que dispõe sobre os direitos e deveres desse grupo etário. Ou seja, às pessoas idosas aplicam-se leis especiais de proteção. Em resumo, a sociedade lhes dá automaticamente um *status* diferenciado:

Enfim, a sociedade destina ao velho o seu lugar e seu papel levando em conta sua idiossincrasia individual: sua impotência, sua experiência; reciprocamente, o indivíduo é condicionado pela atitude prática e ideológica da sociedade em relação a ele. Não basta, portanto, descrever de maneira analítica os diversos aspectos da velhice: cada um deles reage sobre todos os outros e é afetado por eles; é no movimento indefinido desta circularidade que é preciso apreendê-la (BEAUVOIR, 1970, p. 16).

Schmidt, Marinho e Walter (2003) defendem que, para as pessoas, o envelhecimento é um processo biológico, porém, para o indivíduo e para a sociedade é uma construção social. “O conceito de envelhecimento se baseia na perda do papel social, o qual ocorre com a diminuição das capacidades físicas e as mudanças de *status*, como é o caso da viuvez” (Trad. livre) (SCHMIDT, MARINHO e WALTER, 2003, p. 108).

Um dos grandes desafios deste capítulo está numa clara definição dos conceitos de “idosos” e “terceira idade”, o que, sem dúvida, não é uma tarefa fácil. Na verdade, existem várias opiniões, às vezes até divergentes, disputando espaço na literatura acerca do tema. Sociólogos, geriatras, fisioterapeutas, movimentos sociais de idosos, poetas, escritores,

jornalistas às vezes discordam fortemente sobre o que é e como é caracterizada a terceira idade. Resta-nos, então, ponderar cautelosamente sobre esses conceitos.

Até agora não cumprimos nossa promessa. Estamos tratando “idoso” e “velho” como se fossem sinônimos. E não são. Ou quase não são. O termo “velho” e a condição do “velho” que Beauvoir (1970) denunciou na década de 70 têm mudado significativamente. Certamente, a autora fez uma análise importante que revela, sem dúvida, o sofrimento e o abandono pelos quais muitos velhos ainda passam, especialmente em países em desenvolvimento. Porém, é preciso afirmar que a visão sobre a velhice e a própria maneira de vivê-la mudou profundamente nos últimos 30 anos. As denúncias foram ouvidas, a sociedade e os estados foram sensibilizados para os problemas dos idosos e eles passaram a formar um grupo cada vez mais forte que vem ganhando paulatinamente mais espaço no cenário social e político.

Há dois motivos importantes que nos podem fazer compreender ainda melhor essa mudança de termos. O primeiro é relativo à questão da imagem. A imagem que os idosos de agora querem passar é distinta das que estão ligadas à velhice. Os idosos querem afirmar as imagens de constante atividade, de alegria, disposição, prazer, força política, afinal de desfrutar uma fase importante da vida. Poderíamos colocar esse como um movimento interno, ou seja, uma pressão que os idosos e as organizações que os representam fazem para que se marque a diferença. Outro motivo, que consideramos ser externo, corrobora para essa troca de termos e para a invenção dessa categoria – a terceira idade – é, segundo Debert (2004), a pressão que as agências e o mercado fazem para gerir as aposentadorias:

Acompanha o crescimento desse mercado a criação de uma nova linguagem em oposição às antigas formas de tratamento dos velhos e aposentados: a terceira idade substitui a velhice; a aposentadoria ativa se opõe à aposentadoria; o asilo passa a ser chamado de centro residencial, o assistente social de animador social e ajuda social ganha o nome de gerontologia. Os signos do envelhecimento são invertidos e assumem novas designações: “nova juventude”, “idade do lazer” (DEBERT, 2004, p. 61).

Ou seja, as imagens ligadas aos novos termos não interessam somente aos idosos, mas também ao mercado que acompanha essa mudança e se especializa em atender a esses novos consumidores. Contudo, nos interessa aqui afirmar que essas pressões, de onde quer que provenham, de fato, têm obtido grande êxito em construir essa nova categoria social e

esse novo ator social. Uma forma de perceber a eficácia dessa ação pode ser por meio dos veículos de comunicação. Imagens e histórias de idosos que continuam trabalhando, que se exercitam, participam de maratonas, se cuidam do ponto de vista médico e alimentar são publicadas constantemente e, sem dúvida, são fortes indicadores de que a sociedade está mudando sua forma de encarar o processo de envelhecimento e a própria velhice.

A mudança da condição do idoso na sociedade trouxe o câmbio dos termos. “Idoso” ao invés de “velho”. Imagens de energia, atividade, trabalho, lazer, liberdade ao invés de abandono, tristeza, solidão, enfermidade e morte. A mudança das palavras tem uma relação direta com as imagens que cada um desses termos suscita. É muito semelhante ao que argumentamos, no tópico anterior, sobre a questão do “envelhecimento demográfico”. Mudam-se os termos por que o contexto que vivemos agora, esse perfil que vem sendo construído dos idosos de hoje, já não pode estar mais ligado às imagens dos “velhos” que tínhamos no passado. A imagem das pessoas com mais idade que eram os velhos do passado, os pouco que conseguiam chegar à maturidade, não correspondem mais às imagens dos idosos da contemporaneidade:

Embora no passado fosse visto como um último estágio homogêneo da vida, dominado também pelo que se intitula *morte social*, a velhice, atualmente, é um universo altamente diverso, composto de aposentados precoces e médios, idosos capazes e idosos com vários graus e formas de limitação (PALACIOS, 2004, p. 8).

“Velho” virou uma palavra proibida em quase todos os âmbitos da sociedade. Como uma prova, basta observar o discurso jornalístico e o publicitário para confirmarmos que se tornou “politicamente incorreto” utilizar os termos “velho” e “velhice”. Trata-se de uma mudança discursiva provocada por um profundo câmbio social. De acordo com Palacios (2004), chamar alguém de “velho” é como chamar alguém sem visão de “cego” ou alguém sem membros superiores ou inferiores de “aleijado”. Esses termos geram situações desagradáveis e constrangedoras para os falantes. Insistir em utilizá-los no trato com as pessoas idosas trata-se praticamente de uma grosseria.

Até agora marcamos a diferença. Negamos. Dissemos por que os que parecem sinônimos não mais podem ser considerados como tais. Contudo, ainda nos falta trilhar outro caminho. Nos falta qualificar com mais precisão o que é “idoso”. Na verdade, essa tarefa nos custa um pouco, porque na revisão de literatura na qual nos debruçamos ela quase nunca é cumprida. Sem dúvida, como colocamos, idoso é a pessoa com 60 anos ou

mais de idade (nos países em desenvolvimento). Ao completar 60 anos, no Brasil, por exemplo, o indivíduo é encarado socialmente e juridicamente como idoso. A idade lhe confere um novo *status* social regido por leis especiais. É a “terceira” fase da vida humana. Infância, fase adulta e terceira idade. Contudo, isso ainda é insuficiente para qualificarmos com mais riqueza esse fenômeno.

Conforme Pérez Díaz (2003a), o idoso é o indivíduo maduro, aquele que cumpriu quase todas as etapas do ciclo vital, ou seja, que atingiu a “maturidade”. Para o autor, essa marcação é mais clara do que o corte cronológico:

O conceito de “maturidade” que se utiliza aqui é pouco técnico e se aproxima muito da linguagem comum, mas pode se diferenciar em certos aspectos que concernem ao uso demográfico. Por enquanto, vamos considerar que a maturidade das pessoas é a culminação da vida adulta e a ante-sala da velhice. Ainda que seus limites de idade sejam imprecisos e possam ser muito diversos, tanto para as pessoas concretas que compõem a população como em diferentes momentos e lugares, algumas características da maturidade são bastante universais: a parte da vida que a antecede é uma fase de construção, de acumulação, de esforço para cumprir as expectativas próprias e as dos outros (PÉREZ DÍAZ, 2003a, p. 12).

Concordamos com Pérez Díaz (2003a), de fato, o idoso, como colocamos no nosso ciclo vital, é o indivíduo que conseguiu chegar à maturidade, que cumpriu as fases anteriores do ciclo e continuou vivo. Contudo, acreditamos que essa qualificação ainda demanda mais investigação. Como dissemos antes, a revisão bibliográfica que cumprimos para fazer esta tese de doutorado se detém muito pouco numa qualificação mais profunda do que seria o indivíduo idoso. Parece que é um conceito natural, é algo dado, o qual não precisa ser esmiuçado. Entretanto, encontramos na obra da brasileira Guitta Debert (1997) um esforço de explicação dessa etapa da vida que nos parece extremamente interessante.

De acordo com Debert (1997) a terceira idade é uma complexificação da vida adulta. Essa etapa está entre a fase adulta e a velhice. Como vimos em nosso ciclo vital, o período entre a fase adulta até o momento da morte se complexificou, e foi por essa razão que tantas etapas foram inseridas nesse período. O prolongamento da vida criou mais etapas, que já não podem mais ser chamada de “velhice”. Na verdade, a terceira idade é uma dessas etapas. Ela antecede a velhice. Esta representa agora o que seria uma “quarta idade”, como apontamos na nossa figura do ciclo vital. Portanto, a terceira idade é uma etapa intermediária. Até esse ponto a argumentação de Pérez Díaz (2003a) e Debert (1997)

se aproxima muito. Porém, Debert se detém mais no aprofundamento da explicação sobre o que seria essa etapa intermediária:

Meia-idade, terceira idade, aposentadoria ativa não são interlúdios maduros entre a idade adulta e a velhice; indicam, antes, estágios propícios para a satisfação pessoal, o prazer, a realização de sonhos adiados em outras etapas da vida. Se a modernidade, como mostrou Ariès (1981) em seu estudo sobre a *História social da família e da criança*, assistiu à emergência de etapas intermediárias entre a infância e a idade adulta, assistimos, atualmente, a uma proliferação de etapas intermediárias de envelhecimento (DEBERT, 1997, p.05).

A autora defende que está acontecendo uma infantilização da vida adulta. O adulto se encontra pressionado por uma juventude interminável e uma aposentadoria precoce. A compartimentação da vida em diversas fases é uma tentativa de entender e rotular os novos papéis sociais que vão surgindo em resposta ao aumento da sobrevivência. Para Debert (1997), um traço da cultura contemporânea é a criação de várias etapas no interior da vida adulta. Essa é a razão pela qual ela vai se complexificando:

Trata-se de encorajar a variedade de experiências em um contexto em que a idade cronológica é pura maleabilidade, receptáculo de um número praticamente ilimitado de significações e, por isso, um mecanismo extremamente eficiente na constituição de novos mercados de consumo e de atores políticos (DEBERT, 1997, p.07).

Há um paradoxo em relação à importância da organização cronológica. Por um lado, há uma flexibilização do que é “apropriado” para cada faixa-etária. Essa maleabilidade que Debert (1997) cita acima faz parecer que as idades cronológicas já não têm tanta relevância. Por outro lado, a marcação dessas várias etapas da vida, centradas no feito cronológico, deixa claro o interesse dos governos e dos mercados em seguir valorizando esse aspecto<sup>18</sup>. Nessa configuração, conforme Debert (1997) surge o idoso como um ator social com grande disponibilidade para o consumo e para novas formas de lazer. O papel social do idoso vai se definindo diante desse cenário e das imagens e expectativas criadas sobre e para a terceira idade.

Assim colocado, podemos concluir que o termo “velho”, de fato, não é o mesmo que “idoso”. Não podemos encará-los como sinônimos. O “velho” é o que vem depois. A

---

<sup>18</sup> A importância da idade cronológica, por exemplo, é reforçada pelo quadro político-jurídico que elabora várias de suas leis a partir desse ponto de vista (DEBERT, 2004). Nesse sentido, leis específicas para crianças, adolescentes e idosos são orientadas rigidamente pela idade dos indivíduos.

quarta idade, da qual o velho faz parte, é a etapa que antecede a morte e sucede a terceira idade. O “idoso” é o que está entre. Nem adulto, ainda que esteja inserido na sociedade como um adulto – aposentado ou empregado, eleitor, consumidor, pai, mãe, muitas vezes arrimo de família – e nem o velho – ainda que esteja regido pelas mesmas leis que estes.

O termo “velho” não cabe não só por causa do “politicamente correto”, mas, sobretudo, porque não dá conta de explicar o aparecimento dessa nova etapa no ciclo reprodutivo. Esse termo agora diz respeito à outra fase da vida: a “velhice”, e não qualifica suficientemente esse novo ator social: o idoso.

Para nós, é exatamente esse ganho de anos que complexifica a vida adulta. Os anos a mais, como viemos até aqui argumentando, têm implicações profundas na vida do indivíduo e na organização social. Uma delas é esse prolongamento da vida adulta e a criação de etapas a mais no ciclo vital. Do ponto de vista social, testemunhamos o surgimento de um novo ator social, o qual traz novos desafios de diversas ordens, inclusive o de qualificarmos com precisão esse fenômeno tão recente e complexo.

## **2.6 EMPODERANDO-SE: O SURGIMENTO DE UMA NOVA CATEGORIA**

Nossa tarefa agora é qualificar o coletivo. Muito sobre essa categoria social – a terceira idade – já foi antecipado no tópico anterior. Contudo, acreditamos que ainda há o que acrescentar, o que resgatar e o que esmiuçar um pouco mais.

A terceira idade, como já colocamos, é formada por idosos. É precisamente o termo cunhado para abarcar o conjunto desse grupo etário. Portanto, está ligada às mesmas imagens e valores do termo “idoso” e, pela mesma razão que este não pode ser confundido com “velho”, “terceira idade” também não pode ser confundida com “velhice”.

Sempre existiram pessoas mais velhas, mas somente da década de 70 para cá é que se começou a falar mais intensamente sobre terceira idade. Esse conceito (categoria) é uma novidade tanto para o meio acadêmico, quanto para a sociedade e, sem dúvida, está ligado a uma mudança de postura dos idosos, à medicamentação, à longevidade e, claro, à transição demográfica.

O conceito de terceira idade, de acordo com Leibing (2005), marca um novo tipo de estilo de vida, cujos valores não estão associados à fraqueza, à impotência e à tristeza. Ao contrário, o termo terceira idade surgiu para marcar diferença ao termo velhice, que está

mais ligado aos valores descritos acima. Terceira idade é um conceito intimamente ligado a um empoderamento dos idosos, à independência, à longevidade e aos valores positivos, de reforço da auto-estima. Beauvoir (1970), ao escrever seu livro *A Velhice*, ainda estava presenciando o início de uma mudança de pensamento sobre essa nova etapa de vida. Nós, por outro lado, já estamos vivendo a transição entre as categorias “velhice” e “terceira idade”, no que concerne aos idosos:

O conceito (terceira idade) se originou na França no movimento dos anos 70, mas no presente contém principalmente valores norte-americanos (Laslett, 1991). De modo simplificado, esse conceito pode descrever um movimento baseado no empoderamento de pessoas mais velhas que lutam contra os estereótipos da velhice e por melhores condições de vida. Terceira idade é, em geral, positivo – e não necessariamente velhice – e cria novos estereótipos que estão frequentemente ligados à atividade constante (Katz, 1999), ao consumo (Featherstone e Hepworth, 1982), independência, empoderamento, e “diversão” num mundo muito mais orientado para viver o presente sem deterioração (...) (Trad. livre) (LEIBING, p. 4, 2005).

O que aconteceu nos anos 70 para que esse grupo começasse um processo de união e de fortalecimento? Acreditamos que a chave para entendermos esse processo está na discussão de Mannheim (1928) sobre o problema das gerações. Para esse autor, uma geração não quer dizer um grupo concreto. O fato de um grupo de pessoas ter nascido em posição de igualdade no âmbito histórico-social, ou seja, ter datas de nascimento próximas, não lhes dá uma unidade. Portanto, pode acontecer de várias gerações nunca formarem um grupo concreto. Apesar de que o fato de pertencer a uma mesma posição geracional pode ser a base para formação de um grupo. Para o autor, quando uma geração forma um grupo, cria uma unidade em busca de um destino em comum, ela forma em conexão geracional.

Assim colocado, acreditamos que a geração dos idosos, que viveram entre os anos 70 e 80, formou uma conexão geracional, uma vinculação concreta, que veio se fortalecendo e se perpetuando pela outra geração de idosos que a sucedeu. Como evidência desse fato, é nesse período que a categoria “terceira idade” é criada, revelando a pressão que esse grupo fez na luta por seus direitos e interesses. Conforme Mannheim (1928), uma conexão geracional se constitui: “(...) por meio da participação, dos indivíduos que pertencem a uma mesma posição geracional, no destino comum e nos conteúdos conectivos que de algum modo formam parte deste” (Trad. livre) (MANNHEIM, 1928, p. 225). Portanto,

acreditamos que foi exatamente esse o fenômeno que se passou nas décadas de 70 e 80 e se espalhou por todo o mundo.

Ainda conforme Mannheim (1928), para uma conexão geracional se formar é necessário um motivo importante, uma força desencadeante, que impulse essa união. O autor argumenta que essas formações geracionais são mais comuns nas sociedades modernas porque o ritmo das mudanças é mais intenso, o qual pode gerar mais razões para que uma geração se una. Nesse sentido, acreditamos que os motivos que impulsionaram os idosos a formarem essa conexão foram: o aumento do número de idosos, as condições em quem eles viviam e o contexto histórico-social, mais complexo, no qual as tradicionais minorias desempoderadas, como mulheres, negros e homossexuais, passam a se unir para lutar por seus direitos culturais. Acreditamos que esses elementos foram os que criaram as condições dessa conexão geracional dos idosos a partir da década de 70.

A troca dos termos, os sucessivos ganhos no âmbito político e jurídico – como foi a questão da universalização da previdência social em diversos países –, a sensibilização das sociedades são algumas das provas dessa conexão geracional das pessoas idosas. Mannheim (1928) acrescenta ainda que uma conexão geracional dá vazão a diversas unidades geracionais, que são adesões muito mais concretas do que se tem na conexão:

Estas unidades geracionais se caracterizam não só por significar diversas conexões do acontecer vinculadas entre si no seio de uma débil participação em comum vivenciada por indivíduos distintos, mas, também, porque significam um modo de reagir unitário – um “agitar-se juntos” e um modo de configurar que estão movidos por um sentido semelhantes – dos indivíduos que estão (na medida em que o estão) diretamente vinculados a uma determinada conexão geracional (Trad. livre) (MANNHEIM, 1928, p. 225).

Conforme a argumentação de Mannheim (1928), podemos deduzir que a conexão geracional dos idosos criou a possibilidade para uma série de unidades geracionais dentro desta. Ou seja, pequenos grupos muito mais coesos, nos quais os níveis de participação são mais altos, foram formados dentro dessa conexão. Como evidência, temos as diversas associações de idosos e aposentados que se formaram por todo mundo nas últimas três décadas. Os programas de terceira idade, por exemplo, nos quais os idosos participam de diversos tipos de atividades, também se espalharam por todo o mundo.

Certamente, Simone de Beauvoir (1970) fez uma análise importante que revela, sem dúvida, o sofrimento e o abandono pelos quais muitos idosos ainda passam, especialmente

em países menos desenvolvidos. Porém, é preciso afirmar que a visão sobre a velhice mudou profundamente nos últimos 30 anos. A velhice, como era vista antes – esse estado de tristeza, incapacidade e abandono – é, como já colocamos antes, provavelmente uma “quarta idade”. E, nesse sentido, qualifica o conjunto dos “velhos” e não dos “idosos”. Os idosos são os novos atores sociais que entram cena nesse cenário que acabamos de descrever se opondo fortemente às condições sociais as quais os velhos estavam submetidos.

A longevidade certamente teve um papel fundamental nessa diferenciação de categorias. Idoso é uma categoria que, como vimos antes, abrange um grupo etário muito grande, de quase 40 anos (se pensarmos que o número de centenários vem aumentando progressivamente). Conseqüentemente, há uma tentativa de diferenciar pessoas com 60 a 79 anos de pessoas com 80 a 100 anos porque as condições sociais, físicas e psíquicas já não são mais as mesmas. O grupo de pessoas da faixa dos 60 a 80 anos ganha cada vez mais autonomia, isso pode ser comprovado, entre outros fatores, pelo aumento de idosos vivendo sozinhos no mundo inteiro. Já as pessoas com mais de 80, certamente, enfrentam uma vulnerabilidade e uma dependência muito maior. “Terceira idade” é, portanto, menos o “politicamente correto” e mais o termo mais preciso para caracterizar esses novos atores sociais.

Para Debert (1997) o surgimento da categoria “terceira idade” foi construído, assim como anteriormente foi inventado o termo “infância”, por causa da complexificação da fase adulta e da impossibilidade do termo “velhice” precisar as mudanças que estavam ocorrendo:

A invenção da terceira idade é compreendida como fruto do processo crescente de socialização da gestão da velhice: durante muito tempo considerada com própria da esfera privada e familiar, uma questão de previdência individual ou de associações filantrópicas, ela se transformou em uma questão pública. (...) Como conseqüência, tentativas de homogeneização das representações da velhice são acionadas e uma nova categoria cultural é produzida: as pessoas idosas, como um conjunto autônomo e coerente que impõe outro recorte à geografia social, autorizando a colocação em prática de modos específicos de gestão (DEBERT, 1997, p.01).

As pressões que as pessoas mais velhas passaram a exercer a partir da década de 70, conforme viemos argumentando, culminaram, entre outras coisas, na organização desse grupo, o qual para a defesa dos seus direitos e interesses passou a ter o apoio de outros

setores da sociedade, como o mercado, por exemplo, que viu, sobretudo, a construção de um poderoso público consumidor. Portanto, o conceito “terceira idade” não é meramente um jogo lingüístico para substituir termos que no fundo significam a mesma coisa. Trata-se de reconhecer que o prolongamento da vida complexifica a vida humana, de maneira geral, e nos dá mais etapas a cumprir. E o aumento do número de representantes dessa categoria causou forte pressão para que ela fosse/seja fortalecida. Portanto, o dito comportamento “politicamente correto” de evitar utilizar o termo “velho” para se referir a um idoso – facilmente comprovável tanto na literatura científica quanto nos meios de comunicação de massa – está relacionado com o empoderamento dos idosos e o fortalecimento da terceira idade.

Apesar da terceira idade estar ligada a novos valores, não podemos deixar de notar, mais uma vez, que os idosos ainda enfrentam precárias e vulneráveis condições em diversos países do mundo.

Os idosos podem ser considerados socialmente vulneráveis, não importa em que circunstâncias estejam vivendo. Na verdade, esta vulnerabilidade social ou a evidência de risco social são entendidas como circunstâncias que dificultam a inserção social e o desenvolvimento pessoal, fatores que estão necessariamente presentes na vida dos idosos (Trad. livre) (SCHMIDT, MARINHO e WALTER, 2003, p. 108).

Como colocamos no início deste capítulo, o recorte cronológico é o que define socialmente, na maioria dos países, inclusive no Brasil e na Espanha, a condição de idoso. Pode ser que o indivíduo não se sinta idoso, nem por sua condição física e nem por sua capacidade de trabalho, que pode ser crescente. Certamente, essa divisão por faixa etária deixa falhas, mas de um algum modo ela é eficiente, considerando que analisar cada caso particularmente seria inviável. Para nossa pesquisa, mesmo reconhecendo as falhas dessa classificação, também consideraremos como idosos o recorte cronológico que a OMS (e também o Estatuto do Idoso, no Brasil) faz. Isso porque na literatura sobre o tema tal recorte é um acordo e essa classificação é aceita, ainda que se criem subclassificações dentro dela. Debert coloca que, apesar dos evidentes problemas de organização da vida do ponto de vista cronológico, as idades ainda são uma dimensão fundamental para essa organização: “(...) a incorporação de mudanças dificilmente se faria sem uma nova cronologização da vida. Seria um exagero supor que a idade deixou de ser um elemento fundamental na definição do *status* de uma pessoa” (DEBERT, 2004, p. 57).

Porém, é preciso afirmar que isso não exclui, mas está relacionado ao fato de que se trata do indivíduo maduro, como menciona Pérez Díaz (2003a), do indivíduo que cumpriu quase todas as fases do seu ciclo reprodutivo. E é precisamente, como coloca Debert (1997), o ator social que está entre a fase adulta e a velhice.

## **2.7 EXISTE UM PROTAGONISMO IDOSO?**

Como já apresentamos, o conceito de terceira idade marca uma nova postura das pessoas idosas. Essa postura, como viemos argumentando, passa certamente por um empoderamento desse grupo que historicamente foi excluído, ou seja, que teve seus direitos sufocados, inclusive os culturais, em nome de outros interesses.

Na verdade, essa mudança do conceito de “velhice” para “terceira idade”, que acontece por volta da década de 70, não foi casual e nem pontual. Como já discutimos anteriormente, ela faz parte de um movimento que abrangeu vários grupos da sociedade civil como o de negros, mulheres, sem-tetos e crianças. Grupos historicamente excluídos do universo político, do trabalho e das grandes tomadas de decisões passaram a reclamar seus direitos e a se organizar para defendê-los. Para Gohn (2005), no Brasil, por exemplo, esses movimentos sociais, na década de 70, representaram uma nova organização da sociedade civil, em torno dos seus direitos, que foi viabilizada pela abertura política por volta do fim do regime militar.

Esse fôlego de luta e organização que esses grupos tomaram é para Gohn (2005) o resultado do protagonismo da sociedade civil. Mas que protagonismo é esse? Protagonismo é uma palavra grega que quer dizer “lutador principal de um torneio”. Conforme Gohn (2005), esse termo foi utilizado para designar os atores principais de uma peça teatral ou enredo literário. “Recentemente as ciências humanas não só se apropriaram do termo ator como passaram a utilizar o próprio termo protagonismo para os atores que configuram as ações de um movimento social” (GOHN, 2005, p. 9).

De acordo com a autora, o protagonismo idoso está diretamente ligado à participação na luta por objetivos em comum. Exatamente o mesmo que Mannheim (1928) defende como fundamental para que aconteça uma conexão geracional. Gohn (2005) argumenta que cada membro do grupo necessita compreender o sentido e o significado da

participação que está envolvido, ou seja, precisa conhecer o objetivo do grupo e sentir mobilizado por este para que possa participar.

Entendemos a participação como um processo de vivência que imprime sentido e significado a um grupo ou movimento social, tornando-o protagonista de sua história, desenvolvendo uma consciência crítica desalienadora, agregando força sociopolítica a esse grupo ou ação coletiva, e gerando novos valores e uma cultura política nova. Não estamos nos referindo a qualquer tipo de participação mas a uma forma específica, que leva à mudança e à transformação social (GOHN, 2005, p. 30 e 31).

Protagonismo está, portanto, ligado a uma articulação especial de determinados grupos sociais, os quais passaram a demandar mais intensamente a definição e o respeito aos seus direitos, ou seja, esses atores saem dos obscurecidos espaços de exclusão para enfrentar a cena social e política. A autora argumenta que esses atores sociais se transformam em sujeitos políticos, na medida em que expressam forças sociopolíticas. Nesse sentido, acreditamos que a já mencionada conexão geracional dos idosos, na década de 70, é fruto desse empoderamento. Ou seja, as pessoas idosas passaram a se organizar, a participar da cena pública e política e a criar relação com outros grupos sócio-políticos:

Para se entender o protagonismo de algo deve-se ter como referência quem são os atores envolvidos, como se transformam em sujeitos políticos, que forças sociopolíticas expressam, qual o projeto de sociedade que estão construindo ou abraçam, qual a cultura política que fundamenta seus discursos e práticas, que redes criam e se articulam, quais suas relações com conjuntos sociopolíticos maiores etc (GOHN, 2005, p. 10).

Seguindo essa linha, o protagonismo idoso deve ser entendido como a organização desse grupo etário. Sem dúvida, esses novos valores, ligados ao termo terceira idade, mostram as conquistas que esse movimento vem alcançando. A aprovação de diversas leis de proteção às pessoas idosas e as sucessivas batalhas jurídicas que os idosos vêm conquistando são certamente resultado desse protagonismo. Não só batalhas jurídicas, mas a mudança de termos não deixa de ser a vitória numa batalha simbólica, de representações sociais. Esse atuar coletivo das pessoas idosas, essa construção de novas representações simbólicas lhes permitiu criar uma identidade de grupo. Esse movimento, que aconteceu e está acontecendo em quase todo o mundo, certamente, não é homogêneo porque a experiência do envelhecimento não o é e, também, porque os idosos estão envolvidos em

contextos culturais diferentes, contudo, podemos afirmar que o que se nota é a emergência cada vez mais evidente de um protagonismo idoso.

Contudo, esse movimento de idosos é ainda muito tímido se comparado a outros, como o das mulheres e dos negros. Como evidência desse fato, basta procurar na literatura das Ciências Humanas e Ciências Sociais Aplicadas informações sobre protagonismo idoso ou movimentos sociais de idosos. A escassez bibliográfica revela a pouca reflexão sobre o tema. Mulheres, adolescentes e negros foram objeto de muito mais discussões e publicações nessa área do que idosos. Uma rápida pesquisa pelos periódicos nacionais revela que as reflexões ainda são pontuais e mais ligadas à área da saúde, porém, acreditamos que essa é uma realidade em transição, que está sendo embalada pelo aumento significativo do número de idosos no Brasil e no mundo e pela organização social e política desse grupo.

## CAPÍTULO III

### TERCEIRA IDADE E SOCIEDADE BRASILEIRA

Esse capítulo já começa esbarrando numa contradição: velhos no país dos jovens? Sim, o retrato do país dos jovens agora está diferente. O Brasil que durante muito tempo teve orgulho de ser um país de jovens, que propagou fortemente a idéia de que o jovem seria o futuro da nação, agora chegou ao seu futuro: um presente em que a transição demográfica traça novos rumos ao país e desenha um novo estilo de vida, no qual o grupo etário de 60 anos ou mais de idade passa a ser cada vez mais numeroso e empoderado.

A população brasileira está vivendo mais e até idades mais avançadas. A despeito do corriqueiro e intenso discurso sobre nossa tão mágica e especial juventude, estamos envelhecendo a passos largos, num ritmo que provavelmente está entre os mais acelerados do mundo.

Ao contrário da maioria dos países na Europa ou na América do Norte, onde esse processo acontece mais lentamente, a porcentagem de pessoas idosas no Brasil tem dobrado nos últimos 50 anos. É estimado que, em 2020, o Brasil seja o sexto no *ranking* mundial do ponto de vista da porcentagem de pessoas idosas em termos da população total (Trad. livre) (LEIBING, 2005, p.3).

Essa mudança na curva demográfica brasileira, todavia, não é uma novidade. A esperança de vida do brasileiro tem aumentado consideravelmente desde os anos 40. Como podemos ver na tabela abaixo essa expectativa ao nascer praticamente dobrou da década de 30 até os anos 2000.

**Tabela 4 – Evolução da expectativa de sobrevida, Brasil, 1930/1940, 1970/1980, 2000**

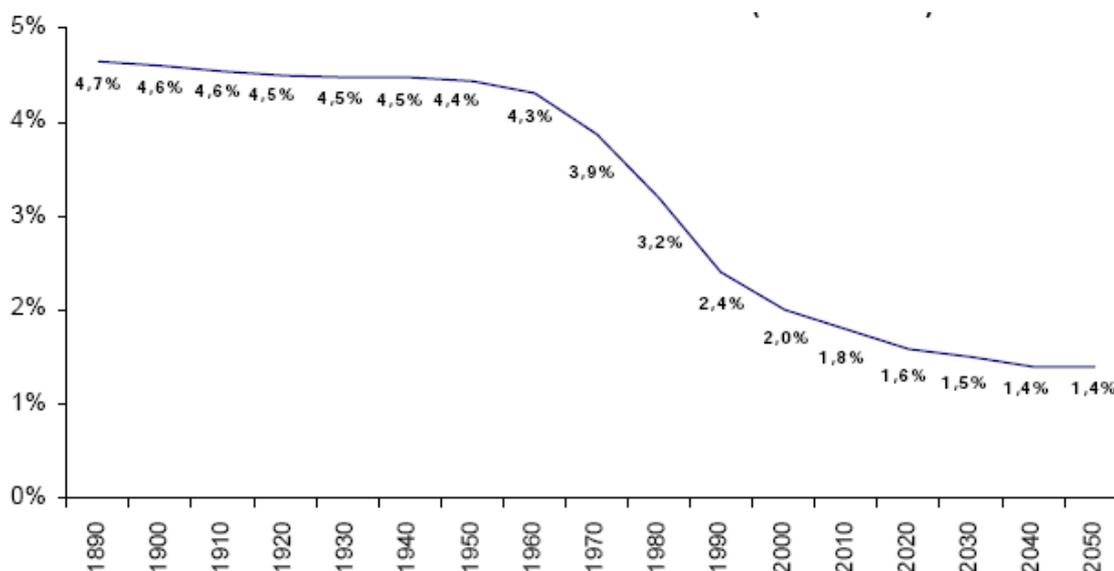
Idade	1930/1940		1970/1980		2000	
	Homem	Mulher	Homem	Mulher	Homem	Mulher
0	39	43	55	60	65	73
10	45	48	53	57	58	65
20	38	40	45	48	49	56
30	31	33	37	40	40	46
40	24	26	29	32	31	37
50	18	20	22	24	23	28
55	16	17	19	21	20	24
60	13	14	16	17	16	20
65	11	11	13	14	13	16
70	8	9	11	11	10	12

Fonte: SANTANA, POUCHAIN e BISSI (2002, p.3)

Se compararmos a década de 30 com o ano 2000, podemos perceber que em praticamente 70 anos o brasileiro teve um acréscimo de quase 30 anos na sua esperança de vida ao nascer. Essa expectativa, da década de 30 até o ano 2000, veio aumentando em todos os grupos etários, o que inclui o grupo com 60 anos ou mais de idade. De fato, talvez a grande novidade não seja exatamente o aumento da esperança de vida do brasileiro e sim a rapidez com que esse aumento vem acontecendo.

Acrescentamos a essa novidade outra igualmente importante: o aumento da esperança de vida no Brasil foi acompanhado também por uma sensível queda na taxa de natalidade. Conforme dados do IBGE (2000), em fins do século XIX a taxa bruta de natalidade era de 4,7%. Nos anos 2000, esse número caiu para menos de 2%. Isso implica dizer que, no ano 2000, para cada 1000 brasileiros, nasceram duas crianças. A previsão é que ainda haja mais queda e que a taxa bruta de natalidade fique em 1,4% no ano de 2040.

**Gráfico 4 – Taxa bruta de natalidade, Brasil, 1890 - 2050**

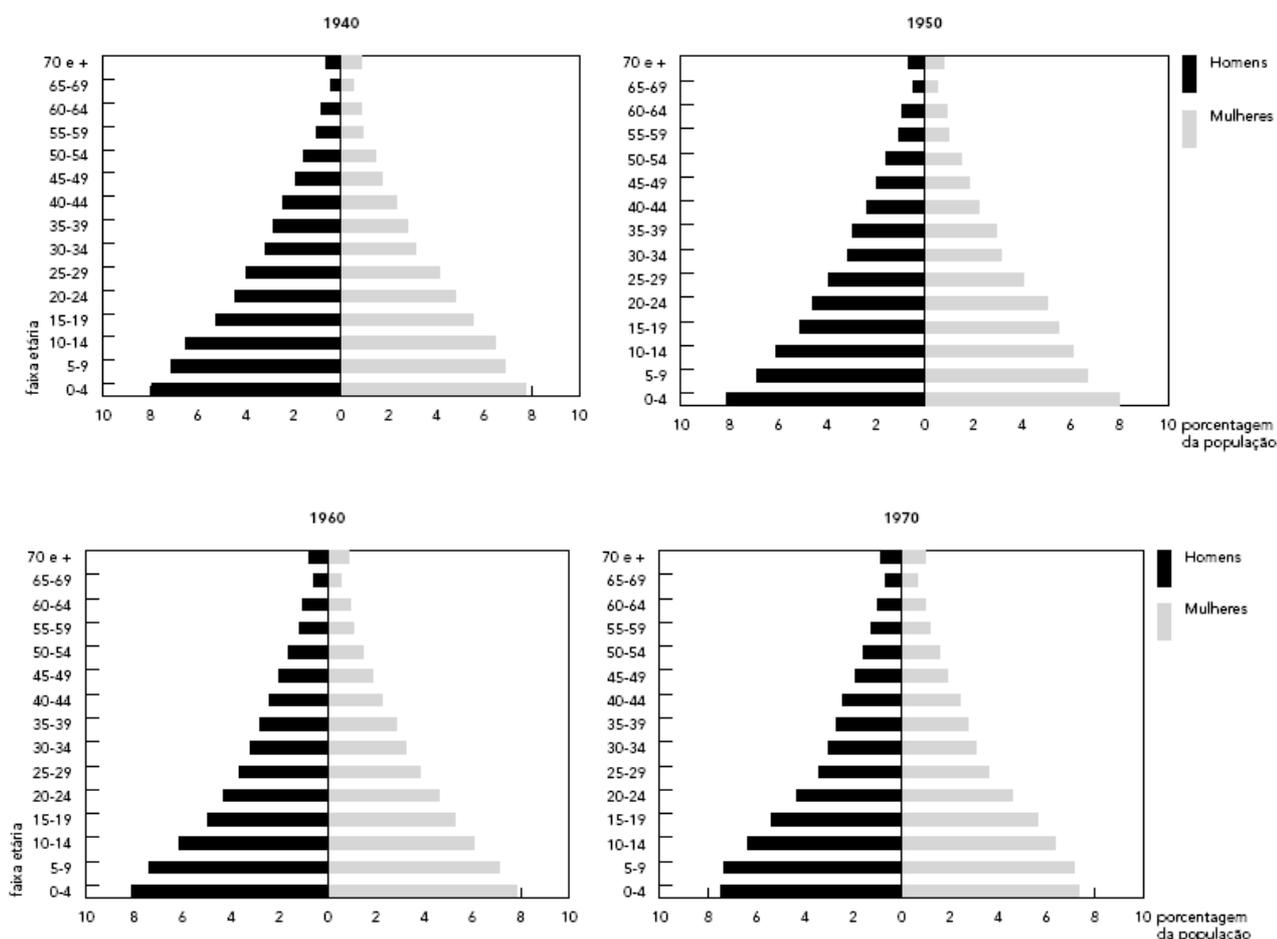


Fonte: IBGE, 2000

Obs. (2):  $Taxa\ Bruta\ de\ Natalidade = \frac{Número\ de\ Nascidos\ Vivos}{Total\ da\ População}$

A maior parte dos autores consultados (CAMARANO, 2002; CAMARANO e PASINATO, 2007; SCHMIDT *et al*, 2003; CARVALHO e GARCIA, 2003 e outros) defendem que não podemos explicar o processo de envelhecimento populacional somente pelo aumento da expectativa de vida. De maneira geral, os autores argumentam que esse fenômeno é fruto da combinação de dois fatores: a queda na taxa de fecundidade e o aumento da expectativa de vida. Ambos os fatores têm causado uma profunda modificação na pirâmide populacional brasileira. Como evidência, apresentamos as pirâmides populacionais do Brasil das décadas de 40, 50, 60 e 70:

**Figura 5 - Pirâmides etárias - distribuição proporcional da população por sexo e idade (1940, 1950, 1960 e 1970)**

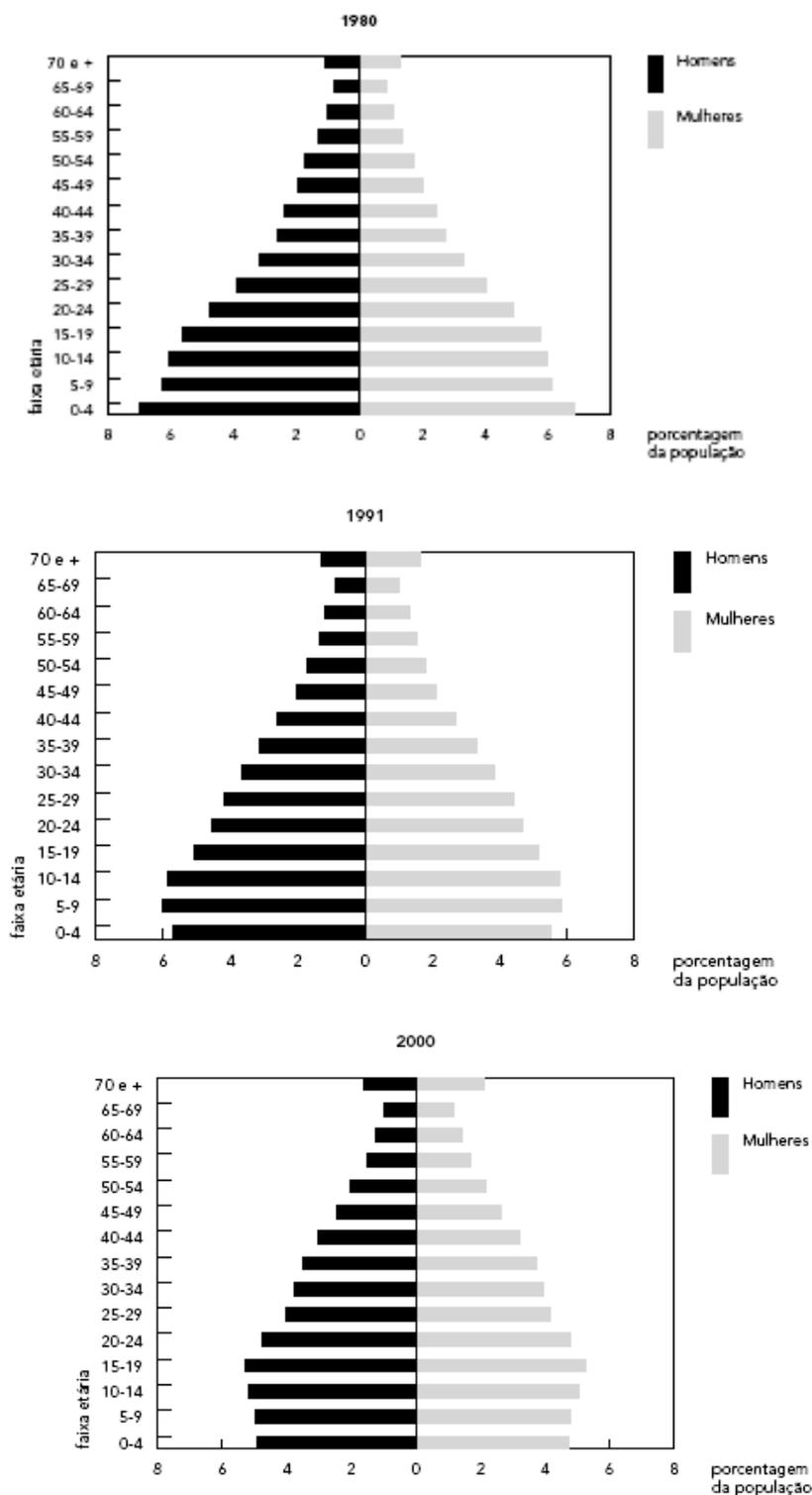


Fonte: IBGE *apud* CARVALHO e GARCIA (2003, p.729)

Para Carvalho e Garcia (2003) até os anos 60 a população brasileira era quase estável, com uma distribuição etária praticamente constante, o que, nesse caso, implica dizer que era uma população extremamente jovem – mais de 50% das pessoas tinha menos de 20 anos e somente 3% estavam acima dos 65. Nesse gráfico percebemos que das quatro pirâmides apresentadas, somente a da década de 70 se mostra um pouco diferente. E a diferença mais acentuada está exatamente na base da pirâmide, ou seja, no grupo etário de 0 a 4 anos de idade.

É a partir da década de 60, ainda conforme Carvalho e Garcia (2003), que começa haver um rápido e generalizado declínio da fecundidade. Fenômeno que podemos visualizar melhor analisando as pirâmides etárias a partir da década de 70.

**Figura 6 - Pirâmides etárias - distribuição proporcional da população por sexo e idade (1980, 1991 e 2000)**



Fonte: IBGE *apud* CARVALHO e GARCIA (2003, p.729)

Carvalho e Garcia (2003) argumentam ainda que essa queda na taxa de fecundidade é o fenômeno que marca e explica o envelhecimento demográfico brasileiro, já que para os autores a redução das taxas de mortalidade não teve impacto na distribuição etária proporcional:

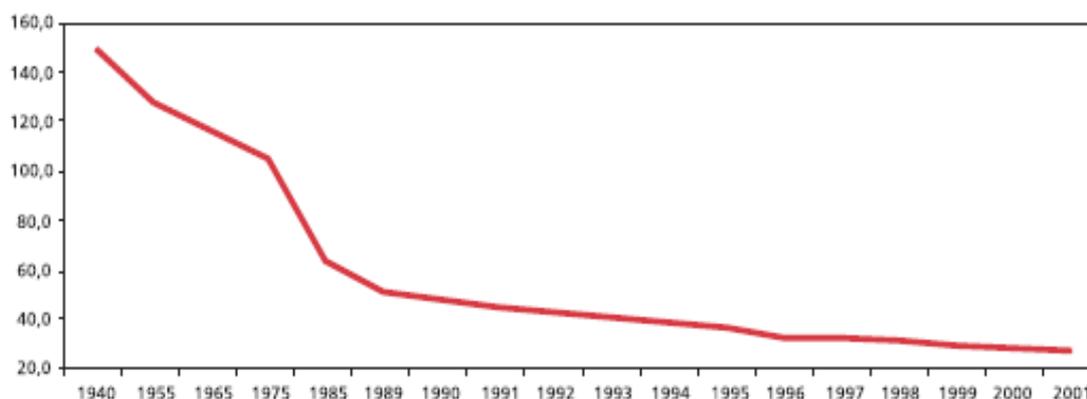
Ao se começar o declínio sustentado de fecundidade é que se dá início ao processo de envelhecimento da população. Em vários países, inclusive o Brasil, que até então, tinham uma população extremamente jovem, quase-estável, com o declínio da fecundidade, o ritmo de crescimento anual do número de nascimentos passou, imediatamente, a cair, o que fez com que se iniciasse um processo contínuo de estreitamento da base da pirâmide etária, conseqüentemente, de envelhecimento da população (CARVALHO e GARCIA, 2003, p. 727 e 728).

Até os anos 80 tínhamos uma pirâmide marcada por uma base muito larga, ou seja, um número grande de crianças e adolescentes, e um ápice delgado, o que mostra a desproporção entre o número de jovens e idosos. Contudo, as pirâmides de 1980 e 1991 já tornam visíveis os efeitos da redução da taxa de fecundidade e do aumento da longevidade. Se as compararmos às pirâmides da figura 6, podemos perceber o quanto a imagem vai mudando e o meio e o ápice das pirâmides vão se alargando. A partir dos anos 2000 percebe-se uma profunda transformação. Em 20 anos, é possível notar que a figura da pirâmide vai perdendo a forma e vai se transformando em um cilindro. Mais precisamente, base e ápice tendem a um equilíbrio.

Para o pesquisador Pérez Diaz (2005), como já explicamos antes, esse envelhecimento populacional – que é, na verdade, uma tendência mundial – é um fenômeno de democratização da vida, já que o aumento da expectativa de vida e a queda nas taxas de natalidade e fecundidade vêm também acompanhados de uma queda da mortalidade – infantil e adulta. Isso implica dizer que há menos nascidos, no entanto, estes têm chances cada vez maiores de se tornarem idosos, ou seja, de viverem mais tempo. Nasceram menos pessoas, todavia elas permanecem mais tempo vivas. Portanto, no Brasil temos também um aumento da “taxa de permanência” (ver capítulo II).

Isso é particularmente verdadeiro no Brasil, onde acontece uma brusca queda na mortalidade infantil e adulta. Como podemos perceber no gráfico seguinte, a mortalidade infantil vem caindo sensivelmente desde os anos 40:

**Gráfico 5 – Evolução da taxa de mortalidade infantil, Brasil, 1940 – 2001 (mil nascidos vivos e ano)**



Fonte: Saúde Brasil 2004 – uma análise da situação de saúde, 2004, p. 123

O Gráfico 5 revela que, no ano de 1940, para cada 1000 nascidos vivos, 140 morriam. Em 1990, esse número de mortes cai para 40 e, em 2001, a taxa de mortalidade infantil já era de quase 20 por cada mil nascidos vivos. Isso equivale dizer que o Brasil, em aproximadamente 60 anos, conseguiu reduzir em quase 80% a taxa de mortalidade infantil.

Contudo, o fato mais relevante para se explicar o envelhecimento dos brasileiros não é exatamente a queda na mortalidade infantil porque, se formos rigorosos na análise, isso explica, na verdade, o aumento no número de jovens no país. O fato mais relevante e curioso foi o aumento da mortalidade adulta em idades mais avançadas. Nesse ponto, discordamos dos autores Carvalho e Garcia (2003) porque, ao contrário do que eles afirmam, houve uma diminuição da taxa de mortalidade, no período de 1980 a 2001, não só da infantil, mas também da adulta e, como já colocamos, um aumento da taxa de mortalidade idosa. De acordo com dados do Sistema de Informações sobre Mortalidade – SIM (2004), do Ministério da Saúde, a mortalidade geral no Brasil vem sofrendo intensa diminuição. Entre os anos 1980 e 2001 houve uma queda de 11% da mortalidade, passando de 6,3 para 5,6 por mil habitantes no período:

Entre 1980 e 2001, mudanças significativas foram observadas quanto à distribuição da mortalidade nos grupos de idade. Nesse período, houve redução de 65% dos óbitos entre os menores de 10 anos e aumento de 87% nos acima de 60 anos. Esses percentuais são resultado tanto da mudança no padrão demográfico quanto na mortalidade (Saúde Brasil 2004 – uma análise da situação de saúde, 2004, p.99).

É importante observar que a diminuição da taxa de mortalidade adulta e o aumento do número de óbitos entre os idosos revelam que adultos envelheceram. Não obstante, isso

não representa um quadro trágico da mortalidade idosa, sobretudo comprova que cada vez mais os brasileiros estão se tornando maduros, ou seja, estão vivendo até idades mais altas:

O Brasil experimentou nas duas últimas décadas uma mudança, para melhor, no nível de saúde medido pela mortalidade proporcional, que mostrou uma queda na proporção em menores de 1 ano e aumento da proporção de óbitos na faixa de idade de 50 anos e mais. Esse fato reflete, provavelmente, o aumento da longevidade da população e a redução proporcional da mortalidade nas faixas etárias menores de 20 anos (Saúde Brasil 2004 – uma análise da situação de saúde, 2004, p.111).

Analisar o tão propagado envelhecimento demográfico como uma forma de democratização da vida, é, sem dúvida, como já colocamos no primeiro capítulo, uma maneira revolucionária de encarar o tema e, quando aplicamos esse enfoque ao Brasil, percebemos que a teoria de Pérez Díaz se adequa bem ao caso. Como evidência, é possível perceber que, ainda que a taxa de natalidade esteja em queda no Brasil desde o princípio do século (Gráfico 4), a população brasileira só aumenta. Conforme dados do IBGE (2000), nos anos 40 éramos aproximadamente 42 milhões de brasileiros, nos anos 60 esse número subiu para 60 milhões e, no princípio dos anos 90 já éramos quase 150 milhões de habitantes. Atualmente, ainda segundo o IBGE (2008), no Brasil há aproximadamente 185 milhões de pessoas. Ora, se nascem menos pessoas e o número de habitantes cresce continuamente, isso implica dizer que a mortalidade é cada vez menor. Ou, de modo mais afirmativo: vive-se mais e até idades mais avançadas<sup>19</sup>.

Indubitavelmente, trata-se de uma conquista muito importante, cujo mérito está diluído entre diversas instituições da sociedade – como discutimos no primeiro capítulo –, a qual revela que no Brasil também acontece um amadurecimento das massas (PÉREZ DÍAZ, 2003a e 2004), isto é, estamos vivendo uma revolução reprodutiva sem precedentes que tende a equilibrar o número de jovens e idosos.

Todavia, não cabe nessa pesquisa criar um clima tenso e alarmista, como os demógrafos são constantemente acusados de fazer. Apresentar a transição demográfica brasileira é uma tarefa complexa, tanto no campo da política, quanto no campo da ciência.

---

<sup>19</sup> Na sociedade brasileira, tanto no século passado quanto nos anteriores, a empreitada de compor uma família era, sem dúvida, uma tarefa bastante complicada. A alta natalidade funcionava como uma forma de equilíbrio para a alta mortalidade. A medicina pouco avançada tinha soluções escassas para o controle de várias enfermidades. Por isso, compensava-se o alto número de mortes prematuras com um alto número de nascimentos. Não obstante, essa tarefa de constituir e manter uma família continua desafiante em muitas regiões do país, especialmente onde há falta de saneamento básico e difícil acesso ao sistema de saúde, como é o caso de muitos municípios do norte e nordeste brasileiro.

Aliás, conforme Pérez Díaz (2005) e Debert (1997), o campo acadêmico/científico dessa área cada vez é mais partidário, porque sofre constante pressão do campo político<sup>20</sup>. Começamos aqui por apresentar os dados estatísticos, mas, sem dúvida, não queremos encalhar numa perspectiva economicista sobre o envelhecimento – e abraçar o discurso apocalíptico, o que certamente tem mais espaço na mídia, na Academia, no discurso Governamental e outros –, que, apesar de importante, se apresentado sozinho, é reducionista. Grande parte da pesquisa brasileira que se dedica a esse tema é, além de reducionista, alarmista porque está sempre prevendo que uma imensa catástrofe se abaterá sobre nossas cabeças. “Na maioria desses estudos, predomina a preocupação com a pressão que o crescimento da população idosa pode fazer sobre os gastos previdenciários, a utilização dos serviços de saúde e, conseqüentemente, com os custos destes” (CAMARANO, 2002, p. 03). A proposta nesse capítulo é apresentar o fenômeno do envelhecimento brasileiro de modo mais complexo debatendo e confrontando diversos pontos de vista.

O envelhecimento populacional no Brasil é sim um fato que se torna cada vez mais intenso. Porém, esse acelerado processo de envelhecimento não é um fenômeno isolado no mundo, trata-se de um traço característico dos países em desenvolvimento:

Nos países em desenvolvimento, esse envelhecimento populacional foi ainda mais significativo e acelerado, destaca a ONU: enquanto nas nações desenvolvidas, no período de 1970 a 2000, o crescimento observado foi de 54%, nos países em desenvolvimento atingiu 123% (SIQUEIRA, R.L; BOTELHO, M.I. V; COELHO, F.M.G., 2002, p. 900).

E se levarmos em consideração o contexto da América Latina, não somos o país da região com maior proporção de pessoas com 60 anos ou mais de idade. A Comissão Econômica para América Latina e Caribe (CEPAL, 2004) criou uma tipologia para indicar o processo de envelhecimento demográfico que os países da América Latina e do Caribe se encontram. Das quatro tipologias estabelecidas, que vão de processo de envelhecimento incipiente até o avançado, o Brasil foi enquadrado na categoria três: envelhecimento

---

<sup>20</sup> O campo político, certamente, organiza as políticas públicas e o volume de recursos baseado, entre outros, nas estimativas que o campo científico/acadêmico elaborava. Conforme Pierre Bourdieu (1983), quando explica as tensões entre os campos, o campo científico sofre diversas pressões e, sem dúvida, os especialistas que trabalham a questão do envelhecimento sofrem pressão do campo político e, também, fortemente do campo mediático. Ou seja, há um jogo de forças em torno do tema do envelhecimento. Como uma das razões para essa situação, podemos afirmar que o aumento do número de idosos e seu conseqüentemente empoderamento os tornou um grupo forte do ponto de vista político e do seu poder de consumo.

moderado avançado. Isso porque os idosos representam de 8 a 10% do total da população. Já países como Argentina e Uruguai, nos quais essa porcentagem é maior, 13,3% e 17,2%, respectivamente, estão enquadrados como em estágio de envelhecimento avançado.

**Tabela 5 – População total e pessoas residentes de 60 anos ou mais de idade, total e respectiva distribuição percentual, por grupos de idade, países da América Latina e do Caribe, 2005**

Países da América Latina e do Caribe	População total (1 000 pessoas)	Pessoas residentes de 60 anos ou mais de idade						
		Total		Distribuição percentual, por grupos de idade (%)				
		Absoluto (1 000 pessoas)	Relativo (%)	60 a 64 anos	65 a 69 anos	70 a 74 anos	75 a 79 anos	80 anos ou mais
<b>América Latina e do Caribe</b>	<b>551 054</b>	<b>47 456</b>	<b>8,6</b>	<b>2,7</b>	<b>2,1</b>	<b>1,6</b>	<b>1,1</b>	<b>1,1</b>
Argentina	38 592	5 322	13,8	3,8	3,2	2,7	2,1	2,1
Bolívia	9 427	616	6,5	2,1	1,7	1,3	0,8	0,5
<b>Brasil</b>	<b>187 597</b>	<b>16 364</b>	<b>8,7</b>	<b>2,7</b>	<b>2,2</b>	<b>1,6</b>	<b>1,1</b>	<b>1,1</b>
Chile	16 267	1 867	11,5	3,5	2,7	2,1	1,6	1,6
Colômbia	46 039	3 408	7,4	2,4	1,8	1,3	0,9	1,0
Costa Rica	4 322	353	8,2	2,5	1,9	1,5	1,1	1,2
Cuba	11 369	1 750	15,4	4,6	3,7	2,7	2,1	2,3
Equador	13 215	1 078	8,2	2,5	2,0	1,5	1,1	1,0
El Salvador	6 875	516	7,5	2,3	1,8	1,5	1,0	0,9
Guatemala	12 700	769	6,1	1,8	1,5	1,2	0,8	0,6
Haiti	9 151	530	5,8	2,0	1,5	1,1	0,7	0,6
Honduras	7 347	401	5,5	1,7	1,4	1,1	0,7	0,6
México	106 147	8 179	7,7	2,5	1,9	1,4	1,0	1,0
Nicarágua	5 483	265	4,8	1,6	1,2	0,9	0,6	0,5
Panamá	3 228	280	8,7	2,8	2,1	1,6	1,1	1,1
Paraguai	6 216	347	5,6	1,9	1,5	1,0	0,7	0,6
Peru	27 947	2 146	7,7	2,5	2,0	1,5	0,9	0,8
República Dominicana	9 100	663	7,3	2,5	1,9	1,4	0,9	0,6
Uruguai	3 455	596	17,3	4,2	3,8	3,5	2,8	3,0
Venezuela	26 577	2 006	7,5	2,6	1,8	1,4	1,0	0,7

Fonte: IBGE, 2006

A Tabela 5 aponta para um estágio de envelhecimento populacional muito semelhante para alguns países da América Latina e do Caribe e, certamente, de modo crescente para a grande maioria deles. Esse fenômeno evidencia que a questão da revolução reprodutiva é, provavelmente, algo que se estende para todo o mundo e, seguramente, não é um fenômeno exclusivo do Brasil. Aliás, é importante observar que,

em 2005, a média de pessoas com 60 anos ou mais de idade nos países da América Latina e do Caribe era de 8,6% da população total. Nesse ano, o Brasil estava praticamente na média (8,7%) e é possível perceber que havia alguns países com uma proporção de idosos bem maior que a brasileira (como Argentina, Chile, Cuba e Uruguai) e vários outros com uma proporção muito semelhante (como Panamá, Equador e México). Isso implica dizer que boa parte dos países latino-americanos vive esse processo de envelhecimento populacional. Tardio, porém intenso, se comparado ao dos países desenvolvidos.

Começamos pelos números não porque seja a face mais importante desse processo, mas porque, sem dúvida, é uma das mais atrativas, que provoca mais olhares. Contudo, a sedução dos números não basta. Eles quantificam e, em parte, justificam o fenômeno. Mas, necessitamos qualificá-lo!

A proposta deste capítulo, como já dissemos antes, é apresentar e discutir o processo de envelhecimento brasileiro, o que implica em problematizar essa revolução que acontece aqui para compreendermos a complexidade do fenômeno, além dos dados estatísticos apresentados até o momento.

### **3.1 DIANTE DO ESPELHO: A REPRIVATIZAÇÃO DA VELHICE BRASILEIRA**

Começamos esse tópico partindo da mesma questão que nos colocamos no início do capítulo: velhos no país de jovens? Sim! Mais uma vez precisamos afirmar. Os dados anteriormente citados sobre o envelhecimento populacional brasileiro revelam que estamos num processo que tende a igualar base e ápice da pirâmide populacional, ou seja, de equilibrar o número de idosos com o de crianças e adolescentes.

Todavia, ainda que estejamos nesse processo de envelhecimento, o Brasil é marcado por um forte discurso de valorização da juventude, da beleza, do não sentir-se velho ou não “tornar-se” velho (ou seja, não assumir comportamentos que possam “revelar” os traços do envelhecimento). Diante desse quadro nos perguntamos: como é construída socialmente a terceira idade brasileira? Quais são os valores e as práticas que norteiam a experiência desse grupo etário diante de tantas pressões?

A imagem do Brasil como um país que tem na juventude de sua população o bem mais precioso para o seu desenvolvimento é tão difundida, que todo discurso sobre a velhice, para ter legitimidade social,

deve começar apresentando projeções demográficas sobre o crescimento acelerado da população de 65 anos ou mais (...) (DEBERT, 2003, p. 135).

Como Debert (2003) coloca no início do seu artigo “O velho na propaganda”<sup>21</sup> é ainda muito delicado analisar esse discurso sobre os idosos – especialmente do ponto de vista social –, porque apesar do visível processo acelerado de envelhecimento, o que notamos é uma preocupação exacerbada com a perfeição do corpo – fruto da supracitada valorização da juventude –, o qual retira o foco da reflexão e da luta pelos direitos dos idosos e por qualidade de vida na terceira idade e o coloca sobre a capacidade de cada um manter-se jovem e saudável. Na verdade, a contínua atenção na questão da eterna juventude inibe um debate mais sério e aprofundado sobre o envelhecimento e suas conseqüências sociais, físicas e psíquicas porque se centra nas formas de manter-se jovem e, portanto, valoriza a juventude em detrimento da velhice.

Cremses, sabonetes, remédios, cirurgias, alimentos meticulosamente fabricados pela indústria anti-idade são cuidadosa e amplamente divulgados nos meios de comunicação, o que provavelmente ocasiona um medo de viver o próprio envelhecimento e uma angústia por ser jovem por toda vida. Na corrida contra o envelhecimento, salva-se o consumidor das novidades de saúde e beleza e o que opta por um “estilo jovem” de vida.

Somos apontados como o país, em todo o mundo, no qual as mulheres são as mais preocupadas com a sua aparência (LEIBING, 2005). De acordo com a Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica, 100 mil cirurgias plásticas foram realizadas em 1994 e, no ano 2000, esse número foi de mais de 360 mil cirurgias. Seguramente, um aumento excepcional. A medicina estética tem crescido sobremaneira no Brasil, o que pode ser um forte indicador para que intervenções cirúrgicas de caráter estético se tornem “naturais” e cada vez mais corriqueiras.

Como evidência, podemos citar casos como o da cantora e atriz Carla Perez<sup>22</sup> e da Miss Brasil 2001, Juliana Borges<sup>23</sup>, que foram amplamente debatidos nos meios de

---

<sup>21</sup> DEBERT, Guita G. **O Velho na Propaganda**. Cadernos Pagu (UNICAMP), CAMPINAS, v. 21, n. 1, p. 133-156, 2003.

<sup>22</sup> De acordo com o jornal Folha de São Paulo, Carla Perez, ao longo de três anos, passou por uma bateria de intervenções cirúrgicas: “A transformação: em 1997, a loira de 1m70 de altura tinha 58 kg, 86 cm de busto, 66 cm de cintura de cintura, 102 cm de quadris e 70 cm de coxas. Hoje, Carla Perez engordou dois quilos (ganhou massa muscular), está com 90 cm de busto (quatro a mais), 102 cm de quadris e 58 cm de coxas (a maior redução).

Para chegar a estes números, não pense que ela malhou muito. Foi graças às mãos do cirurgião plástico Marcus Vinícius dos Santos, que realizou durante um período de três anos, uma série de tratamentos e cirurgias: redução de gordura, definição muscular, tratamento contra celulite, limpeza de pele, plástica de

comunicação de massa. Esses casos foram sintomáticos dessa angústia pelo corpo jovem e perfeito. Ambas levantaram o debate sobre a artificialidade, a não-autenticidade corporal e a intervenção tecnológica no corpo das pessoas ao se submeterem, cada uma, a quase 20 cirurgias plásticas.

Certamente, essa busca pelo corpo perfeito é efeito da medicalização e do culto à eterna juventude e, em parte, sua popularização no grupo dos idosos é, provavelmente, um dos efeitos do surgimento dessa nova categoria social, a terceira idade, no Brasil. De acordo com médica Annette Leibing (2005), que escreveu o artigo *The Old Lady from Ipanema: changing notions of old age in Brazil*<sup>24</sup>, nossas garotas de Ipanema, agora ficaram velhas e integram uma nova categoria, que não é mais “velhice” e sim a terceira idade.

Conforme Leibing (2005), que analisou mais de 30 anos de jornais e revistas impressas brasileiras para observar qual o discurso da imprensa sobre os idosos, a década de 80 marca um momento importante no Brasil:

Isto pode ser descrito como um período de formação de categoria da “terceira idade”; depois as imagens evocadas refletem menos a maneira como as pessoas idosas continuam se sentindo jovens, e mais os esforços que elas fazem para não ficar velhas de vez (Trad. Livre) (LEIBING, p. 7, 2004).

Para Leibing (2005), como apresentamos anteriormente, os valores associados à terceira idade, desde a década de 80, já não promovem imagens de tristeza, abandono, doença, depressão, como era antes. Segundo a autora, isso poderia estar ligado a uma outra categoria: a “quarta idade”, que seria como os idosos eram vistos no passado. O conceito

---

nariz e prótese de silicone nos seios” (**Folha On line**, disponível em: [http://www1.folha.uol.com.br/folha/equilibrio/carla\\_perez\\_corpo.html](http://www1.folha.uol.com.br/folha/equilibrio/carla_perez_corpo.html). Acessado em: 12 de novembro de 2006).

<sup>23</sup> A modelo Juliana Borges, a época com 22 anos de idade, já tinha se submetido a 19 cirurgias plásticas. “Com 1m80 e 58 quilos, aumentou o busto para chegar aos 90 centímetros, harmonizados com a mesma medida nos quadris. Lipoaspirações na barriga e nas costas afinaram a cintura para os atuais 60 centímetros. Aos cabelos acrescentou-se um aplique que os fez crescer 10 centímetros. Foram repintados de castanho: a cor original sumira sob camadas de outras tinturas. À noite, usa lentes de contato que realçam o verde dos olhos. “Sou perfeccionista”, afirma.

A naturalidade com que a Miss Brasil 2001 enfrentou o bisturi tem origem em sua profissão. Modelo desde os 15 anos, convive com homens e mulheres que esculpem o corpo de acordo com as exigências das passarelas” (**Revista Época**, edição n.º. 151, 2001).

<sup>24</sup> LEIBING, A. “The Old Lady from Ipanema: Changing Notions of Old Age in Brazil”. In: **Journal of Aging Studies** New York/EUA, 2005, p. 15-31.

de terceira idade também trouxe ao Brasil valores ligados à saúde, à atividade, à longevidade saudável e à manutenção da capacidade profissional.

A pesquisadora brasileira Guita Debert é, sem dúvida, uma das que mais contribuiu para a pesquisa nacional sobre as representações da terceira idade. Para a autora, o Brasil está caminhando no sentido de uma “reprivatização do envelhecimento”: “(...) que implica a sua transformação num problema dos indivíduos que foram incapazes de se envolver em atividades motivadoras, deixando de adotar formas de consumo e estilos de vida capazes de evitar a velhice e seus problemas” (DEBERT, 2003, p. 137).

Diante do espelho, a terceira idade se vê num processo de reprivatização do envelhecimento, no qual o indivíduo é culpabilizado por ficar velho. Problemas de saúde, debilidades físicas, problemas emocionais são colocados como negligência do indivíduo consigo mesmo e não como uma situação que pode ser social ou mesmo Estatal (DEBERT, 2003).

O que podemos constatar é que o discurso sobre a terceira idade brasileira é construído com base nessa valorização da juventude. A jovialidade, a beleza, o sentir-se jovem é a medida na qual se constrói o discurso sobre o envelhecimento. Especialistas, jornalistas, publicitários, representantes do Governo se esforçam para criar a imagem de uma terceira idade ativa e apresentar os ganhos do envelhecimento e evitar as imagens de tristeza, solidão e de perdas de capacidades. “Essa representação tem impacto especial num país em que o culto à beleza, à juventude e à sensualidade tem sido uma das marcas mais destacadas de sua cultura” (DEBERT, 2003, p. 152).

Na verdade, podemos afirmar que existe um “discurso” brasileiro sobre a velhice. No entanto, esse discurso está cindido em duas partes: a primeira seria aquela que traz o que viemos chamando das imagens da velhice. Ou seja, diminuição da capacidade de trabalho, incapacidade de reproduzir-se, perda da força física, pauperização, abandono etc. Esse discurso funda a Gerontologia (DEBERT, 2004) e se coloca como uma maneira muito eficiente de legitimar a luta pelos direitos desse grupo etário. Sem dúvida, essa é uma das imagens que um “país de jovens” pode ter de seus velhos: desempoderados e vitimizados.

O outro lado desse discurso é o que emerge do debate sobre a formação da categoria terceira idade. São as imagens da contínua atividade, do consumo, da beleza, do prazer de viver esse momento da vida. Esse discurso é cada vez mais assumido pelos meios de comunicação brasileiros e, por essa e outras razões, é mais forte e tão difundido quanto o

anterior. Nele a imagem do velho já não se opõe à imagem do jovem. Juventude é, na verdade, um estilo de vida, “estado de espírito”, um padrão de consumo almejado por todas as faixas etárias (DEBERT, 2004). Sem dúvida, essa também é outra maneira de reagir à cultura jovem. É outra imagem que o “país dos jovens” pode promover: a juventude como um estilo de vida. Para Debert (2004), esse discurso tende a se fortalecer, se tornar mais forte que o anterior, e colocar no âmbito do privado as conseqüências do envelhecimento. Ou mais precisamente privatizar esse momento da vida.

De acordo com Debert (2004) trata-se, na verdade, de uma reprivatização porque, antes do século XX, a velhice era um problema da família e/ou do indivíduo que dependia de uma previdência individual ou se resolveria por uma intervenção divina. Depois, já no século XX, ainda conforme a autora, a velhice se transformou numa questão social, sendo o Estado e a família os responsáveis por melhorar seus aparatos para acolher melhor as pessoas com 60 anos ou mais de idade. A partir daí houve uma especialização da área, com a criação de um saber específico – a Gerontologia – e a instituição de uma nova categoria cultural/social: os idosos. Porém, para a autora, esse processo de socialização da velhice é, na verdade, atropelado/transformado pelo processo de reprivatização, ou seja, os indivíduos voltam a ser responsáveis por evitar e retardar os problemas ocasionados pelo envelhecimento. “Neste sentido, a velhice poderia novamente desaparecer do leque de preocupações sociais” (DEBERT, 2003, p. 154).

Mídia, gerontólogos, Estado e outras instituições se empenham na construção e no reforço dessa reprivatização do envelhecimento, que acaba sendo naturalizado. A mídia oferece representações, segundo Debert (1997) e Leibing (2005), de uma terceira idade ativa, criativa, que, efetivamente, evita tornar-se “velha” e os gerontólogos são, por seu turno, pressionados a dar receitas na mídia de como manter-se e sentir-se eternamente jovem:

O contraste entre as representações distintas do envelhecimento e o interesse social pelas tecnologias de rejuvenescimento leva os gerontólogos a negarem seu próprio objeto de estudo e intervenção. De participantes ativos na transformação do idoso em um ator político, vêm-se transformados, especialmente pela mídia, em divulgadores de uma parafernália de receitas a indicar como os que não querem ser velhos devem agir (DEBERT, 1997, p. 15).

Como exemplo dessa afirmação, pode-se citar o caso de uma série de reportagens feita pelo telejornal Hoje – da Rede Globo de Televisão –, exibidas entre os dias 24 e 29 de

setembro, do ano de 2007. A série chamada de “Muitos anos de vida” foi constituída por cinco reportagens em homenagem ao dia Internacional do Idoso. Cada dia era exibida uma reportagem diferente sobre questões relativas aos idosos ou ao envelhecimento. O mais interessante é que, apesar da variedade de enfoques das reportagens – mercado de trabalho, consumo, saúde, beleza –, havia um fio condutor na elaboração desse material que enfatizava a capacidade de manter-se ativo, produtivo, bem e saudável. As imagens nas reportagens eram de idosos trabalhando, fazendo caminhada na praia, fazendo compras no supermercado, ou seja, todas ligadas a atividades, ao cuidado consigo mesmo, à independência, ao consumo e à realização pessoal. Numa das reportagens dessa série, exibida no dia 26 de setembro de 2007, o geriatra entrevistado Renato Maia dá a seguinte explicação para o fato de mulheres viverem mais do que homens:

A mulher, por ter mais contato com seu próprio corpo, sente que deve cuidar melhor dele. E os homens acabam descuidando de si mesmos e ao longo da vida desenvolvem um comportamento muito mais descuidado em relação à prevenção, à busca de assistência médica (JORNAL HOJE, 2007).

O geriatra afirma que viver mais e até idades mais avançadas é uma questão de postura individual. Essa colocação do especialista, sem dúvida, explicita melhor o que Debert (1997, 2003 e 2004) vem chamando de reprivatização do envelhecimento.

Os idosos, nessa perspectiva, emergem como um forte público consumidor, que necessita dos produtos, dicas, alimentos que os mantenham ativos e joviais. A cultura do consumidor combina disciplina e hedonismo na perspectiva de sempre manter-se “bem” e “belo”:

Os indivíduos não são apenas monitorados para exercer uma vigilância constante do corpo, mas são responsabilizados pela sua própria saúde, através da idéia de doenças auto-inflingidas, resultantes de abusos corporais como a bebida, o fumo, a falta de exercícios (DEBERT, 1997, p.4).

A autora chama atenção para o “hedonismo calculado”, no qual as pessoas são encorajadas a vigiar sua saúde e manter boa aparência. Rugas e flacidez são sinônimos de negligência, de abandono de si mesmo (DEBERT, 1997).

Leiging (2005) também defende que a mídia brasileira trata o envelhecimento como uma doença resultada do descuido consigo mesmo. Ela argumenta que no Brasil se

mascara o envelhecimento por meio de medicamentos e cirurgias plásticas. Conforme a autora, o peso que a terceira idade brasileira carrega é a obrigação de ser feliz.

A conspiração do silêncio, denunciada por Beauvoir (1970), se revela agora de maneira muito mais cruel. A nova categoria que emerge, a terceira idade, tem a seu favor a construção e a divulgação das questões relativas ao envelhecimento. Contudo, o risco dessas imagens de atividade, de felicidade, de consumerismo é que o silêncio se abata sobre as questões relativas às ações sociais e estatais para a garantia do envelhecimento saudável. Para Debert (2004) corre-se o risco de negar a própria velhice e as conseqüências do envelhecimento, colocando os problemas que idosos possam vir a ter como pontuais e pessoais.

### **3.2 POLÍTICAS PÚBLICAS DE ATENÇÃO AOS IDOSOS**

Antes de apresentarmos o perfil do idoso brasileiro, convém falar das políticas públicas do Brasil em atenção ao idoso. Isso porque, sem dúvida, elas também foram fundamentais para a construção de uma “nova” velhice brasileira. Falar do idoso da década de 80 é bem diferente de falar do idoso dos anos 2000 (e, certamente, também tende a ser mais diferente nos próximos anos). Foram vinte anos nos quais a legislação brasileira, as associações de aposentados, os programas de terceira idade, a Gerontologia e outros auxiliaram na formação do que seria a terceira idade brasileira.

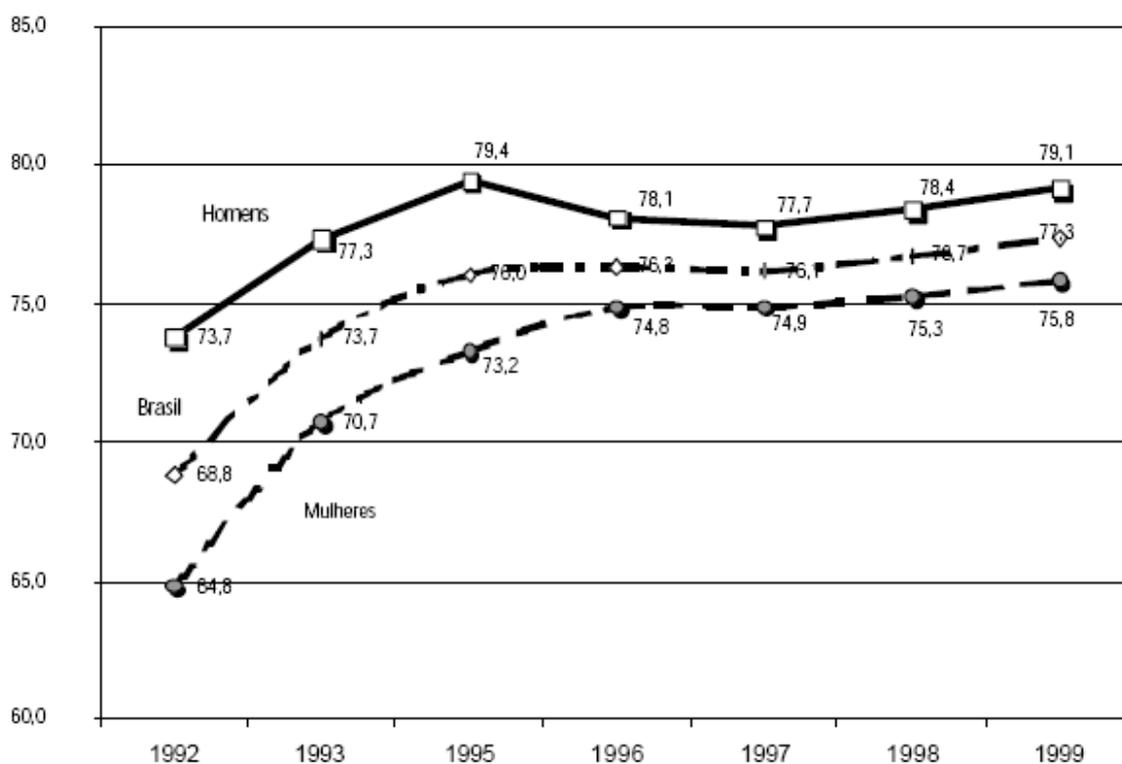
Nesse tópico, vamos ressaltar o aspecto da legislação, no que concerne aos direitos e deveres da pessoa idosa que, sem dúvida, é reflexo da formação e do empoderamento da terceira idade no Brasil. Sem dúvida, essa breve discussão que promovemos sobre as políticas de atenção aos idosos nos dará contornos mais precisos sobre o fenômeno e nos permitirá compreender melhor se é como o protagonismo idoso é exercido nos portais brasileiros da Internet.

O primeiro marco importante que temos de considerar é a universalização dos benefícios previdenciários que aconteceu em 1992. O mais importante dessa universalização está na concessão dos benefícios não-contributivos. Ou seja, milhões de idosos brasileiros, especialmente mulheres e trabalhadores rurais, que não haviam contribuído para a previdência e, portanto, não recebiam benefício algum passaram a

usufruir desse direito. Esse foi um passo decisivo para a diminuição da pobreza entre as pessoas idosas. E, claro, para a formação dessa terceira idade brasileira.

Até a década de 90, conforme Camarano (2002), considerava-se que os idosos brasileiros viviam numa situação desfavorável em relação à renda, o que fez com que, ao longo de muitos anos, e, seguramente, ainda se faz esse tipo de relação, a imagem dos idosos fosse ligada à idéia de dependência, especialmente financeira. Isso porque os idosos, sem nenhum tipo benefício, tinham de ser amparados pela família tendo em vista a falta de uma fonte de renda fixa. No quadro a seguir podemos perceber a evolução no número de idosos que passaram a receber benefícios previdenciários:

**Gráfico 6 – Evolução do número de pessoas com 60 anos ou mais de idade que recebem aposentadoria ou pensão, Brasil, 1992-1999 (em %)**



Fonte: SCHWARZER e QUERINO (2000, p. 9)

Nesse gráfico podemos perceber que a universalização da seguridade social teve um efeito visível no número de benefícios concedidos. Na média geral, o aumento foi de mais de 10% do total. Já para as mulheres esse aumento foi de quase 12%. Outra consequência

dessa universalização foi o aumento da renda média dos idosos responsáveis por domicílios:

**Tabela 6 – Rendimento médio dos idosos responsáveis pelo domicílio, por situação do domicílio (1991 - 2000) – em R\$ de junho/2000 (INPC)**

Regiões	1991			2000		
	Total	Urbana	Rural	Total	Urbana	Rural
<b>Brasil</b>	403	447	168	657	739	297
<b>Norte</b>	300	364	197	438	502	280
<b>Nordeste</b>	224	298	115	386	474	198
<b>Sudeste</b>	536	576	224	835	879	398
<b>Sul</b>	382	438	221	661	730	399
<b>Centro-Oeste</b>	440	477	279	754	789	546

Fonte: SANTANA, POUCHAIN, BISSI (2002, p. 8)

O rendimento dos idosos brasileiros aumentou, conforme mostra a Tabela 6, entre os anos de 1991 a 2000, mais de 60%. Esse aumento foi ainda mais importante para os idosos que vivem nas zonas rurais, cujo rendimento médio subiu 76,8%. Sem dúvida, o gráfico e a tabela apresentados demonstram que os maiores beneficiários da universalização da seguridade social foram as mulheres idosas e os idosos que viviam em zonas rurais, grupos que estavam em situação de vulnerabilidade (como insegurança alimentar).

Certamente, umas das motivações da universalização da seguridade social foi a percepção de que com o envelhecimento demográfico teria de haver um câmbio das regras da previdência e assistência social. A primeira mudança foi, sem dúvida, emergencial, porque provocou uma interferência direta na pobreza relativa dos idosos brasileiros e, certamente, de todo o país. Essa mudança também assegurou uma vida digna aos maiores de 60 anos idade que nunca contribuíram para a Previdência Social e, sem isso, e com reduzida capacidade de trabalho, talvez estivessem na linha da pobreza ou da indigência.

A segunda mudança importante revela uma preocupação do Brasil com outros aspectos do envelhecimento: qualidade de vida, respeito, segurança e dignidade para as pessoas idosas. A aprovação da Política Nacional do Idoso, Lei nº 8.842, de 04 de janeiro de 1994, que teve como objetivo garantir a autonomia, integração e participação efetiva da pessoa idosa. A Política Nacional do Idoso complementava o texto da Constituição de Federal de 1988, que assegura os direitos dos idosos.

O artigo 3º dessa Lei dá uma idéia da amplitude dos direitos sociais assegurados ao idoso:

Art. 3º A política nacional do idoso reger-se-á pelos seguintes princípios:  
I - a família, a sociedade e o estado têm o dever de assegurar ao idoso todos os direitos da cidadania, garantindo sua participação na comunidade, defendendo sua dignidade, bem-estar e o direito à vida;  
II - o processo de envelhecimento diz respeito à sociedade em geral, devendo ser objeto de conhecimento e informação para todos;  
III - o idoso não deve sofrer discriminação de qualquer natureza;  
IV - o idoso deve ser o principal agente e o destinatário das transformações a serem efetivadas através desta política;  
V - as diferenças econômicas, sociais, regionais e, particularmente, as contradições entre o meio rural e o urbano do Brasil deverão ser observadas pelos poderes públicos e pela sociedade em geral, na aplicação desta lei (BRASIL, 1994, Art. 3º).

Esse trecho deixa claro o conteúdo de proteção social que essa Lei estabelecia às pessoas com 60 anos ou mais de idade. Contudo, apesar das propostas ambiciosas, a Lei 8.842 foi pouco praticada e pouco aplicada, o que deu margem a discussão de uma política pública ainda mais ampla e com mais capacidade de ser aplicada. Nesse contexto, no ano de 2003, o Brasil aprovou o Estatuto do Idoso, Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003, resultado de consultas públicas, pressão dos movimentos de aposentados e de programas de terceira idade e intenso debate social, que envolveu os idosos, especialistas, os meios de comunicação e a população em geral.

O Estatuto do Idoso é ainda mais complexo e ambicioso do que a Política Nacional do Idoso. O documento garante prioridade absoluta às pessoas com 60 anos ou mais de idade e também prevê penalidades a quem desrespeitar o direito dos idosos. Sem dúvida, essa Lei é um marco importante no que concerne à proteção social dos idosos. O Estatuto também coloca como obrigação do Estado e da Família o cuidado com a pessoa idosa e o abandono desta se constitui em um crime. A Lei também cria condições para uma maior participação dos idosos por meio de entidades representativas e conselhos. Além disso, revela um amadurecimento ainda maior, em comparação à Política Nacional do Idoso, tendo em vista o conteúdo da Lei e o intenso debate público provocado para sua aprovação<sup>25</sup>.

---

<sup>25</sup> Como evidência desse intenso debate público podemos citar o caso da telenovela, da Rede Globo de Televisão, “Mulheres Apaixonadas”, exibida no ano de 2003. Um dos enfoques privilegiados dessa telenovela foi o desrespeito e os maus-tratos contra a pessoa idosa. A evolução desse tema na trama foi construída em sintonia com o debate sobre a aprovação do Estatuto do Idoso, de modo que o casal de idosos que catalisava a discussão sobre os direitos dos idosos – que sofria nessa ficção violência física e psíquica da sua neta – foi ao Congresso Nacional no dia da aprovação da Lei e recebeu imensa cobertura mediática. Transformaram-se nos protagonistas da aprovação do Estatuto. A mídia brasileira levantou a bandeira da aprovação da Lei e reuniu esforços para que isso acontecesse (SOUSA, 2008).

O Estatuto do Idoso consolida um passo além do pavor e do alarme causado pelos dados estatísticos sobre o envelhecimento populacional brasileiro. Ele reconhece o envelhecimento como um direito de cada brasileiro e dá visibilidade a essa emergente terceira idade brasileira. Aliás, sem dúvida, foi também pelo empoderamento crescente dessa terceira idade que o Estatuto do Idoso foi aprovado.

Sem equívoco, o Estatuto do Idoso é uma conquista importantíssima, fruto do nascimento dessa categoria social – a terceira idade –, que trouxe à tona o debate sobre os direitos e deveres desse grupo etário. Contudo, é preciso notar que a aprovação do Estatuto e o debate sobre o tema é também fruto de uma pressão social – que inclui os meios de comunicação, os sindicatos, o movimentos de aposentados etc. – ocasionada pelo aumento significativo no número de idosos e da longevidade deles no Brasil. Isso, como comentamos antes, está ligado a mudança no perfil populacional, aos avanços da medicina e, não podemos esquecer, a um esforço do próprio idoso e da sociedade civil organizada.

Sem dúvida, a legislação brasileira, no que toca aos direitos e deveres da pessoa idosa, vem sofrendo importantes câmbios ao longo das duas últimas décadas. Como viemos argumentando, os idosos são importantes e cada vez mais numerosos eleitores e consumidores. No próximo tópico traçaremos um perfil do idoso brasileiro e isso tornará mais clara a visualização de como essas políticas de proteção, como as previdenciárias, por exemplo, auxiliam na construção de um novo perfil do velho brasileiro.

### **3.3 EU, TU, ELES: QUEM SÃO OS IDOSOS BRASILEIROS?**

O primeiro encontro foi em frente à casa de Osias. Darlene, de volta para o sertão com seu filho, parou e cumprimentou Osias. Pareceu surpresa com a nova condição do vizinho. Achou que ele tinha ficado rico por causa da bela casa que havia construído. Osias se encantou com Darlene. Eles casaram. E talvez a cena mais recorrente do filme “Eu, tu, eles”, de Andrucha Waddington, seja Osias, interpretado pelo ator Lima Duarte, deitado em sua rede de dormir contando o dinheiro do seu benefício previdenciário. Darlene, interpretada pela atriz Regina Casé, faz o papel da mulher jovem que precisa trabalhar no corte da cana para auxiliar no sustento da casa.

Osias é aposentado. Acredita que não precisa mais trabalhar por que já fez sua parte. A renda dele é fixa e a maior da casa. Darlene se conforma com as regras do marido e

encontra suas fontes de prazer nos constantes encontros amorosos com outros homens. Sem dúvida, essa história, que se passa no sertão nordestino, abre muitas possibilidades de discussão. A insegurança alimentar, o abandono, a relação de gênero – na qual a mulher sai extremamente desfavorecida –, o casamento, a falta de escolaridade, enfim, são várias as possibilidades de debate. Contudo, um foco nos salta aos olhos: o poder! O poder de Osias por ter uma fonte de renda garantida. O poder que o Estado lhe concede e que é reconhecido por ele, por sua mulher, por sua família e por seus vizinhos. Numa situação de extrema pobreza, Osias se destaca por conseguir estabilizar sua vida e reformar sua casa. Logo, várias pessoas vão ser co-residentes dele – como a mulher, os filhos dela e os seus amantes – por causa, principalmente, da sua condição de aposentado que lhe garante o benefício mensal.

Osias é idoso e já não trabalha mais e, provavelmente, por essa razão, fosse o menos empoderado, já que sua mulher e um dos seus amantes são mais jovens e estão inseridos no mercado de trabalho, ainda que informal. Contudo, nessa situação, ele, apesar de não enfrentar a lida de uma labuta árdua, é, seguramente, o mais empoderado do seu círculo social. É preciso observar que a obra “Eu, tu, eles” não tem um compromisso em retratar fielmente a realidade. É uma ficção e, como tal, incorre em alguns vícios para ritmar e tornar a história mais interessante. Contudo, apesar de estarmos cientes dos estereótipos que a trama lança mão para retratar os idosos – como a questão da incapacidade para o trabalho e a impotência sexual –, acreditamos que ela também traz um rico aspecto do perfil da terceira idade brasileira para o debate.

O que queremos salientar com essa argumentação é que os idosos no Brasil em muitos casos, especialmente no norte e nordeste, são os arrimos de família. São talvez as únicas pessoas do domicílio a terem uma fonte de renda garantida. Nesse sentido, no Brasil eles promovem muitas vezes o sustento de seus filhos e netos, ou seja, adultos e jovens – que passam a depender deles. Apesar de serem vítimas de discriminação e exclusão social, os idosos têm uma participação efetiva na complementação da renda das famílias brasileiras. As transferências intergeracionais, que acontecem com mais frequência por causa do envelhecimento demográfico, certamente beneficia aos idosos e às famílias com idosos.

Dados de 2006, do IBGE, revelam que no Brasil há mais de 19 milhões de pessoas com 60 anos ou mais de idade. Esse número equivale a aproximadamente 10,2% do total

da população. Essa proporção de idosos, ainda segundo estimativas do IBGE, tende a aumentar ou quase duplicar nos próximos 40 anos. Além desse fato, a expectativa de vida do brasileiro tem aumentado sensivelmente. Conforme dados do Censo Demográfico do ano de 2000, a expectativa de vida para ambos os sexos, em 1991, era de 66 anos. No ano 2000, esse número já era de 68,6. Como já foi dito antes, de acordo com estimativas do IBGE (2006), essa expectativa de vida, ainda no início desse século, deve aumentar para 73 anos.

Para traçarmos o atual perfil dos idosos brasileiros, vamos começar observando como estes 19 milhões de pessoas estão distribuídas no território nacional:

**Tabela 7 – População residente, por grupo etário de 60 anos ou mais de idade, segundo as Unidades da Federação, 2006**

Unidade da Federação	Total	60 anos ou mais	Números relativos %
<b>Brasil</b>	187.228	19.077	10,2
Rondônia	1.567	102	6,5
Acre	664	43	6,4
Amazonas	3.351	195	5,8
Roraima	405	18	4,3
Pará	7.136	475	6,7
Amapá	619	30	4,8
Tocantins	1.337	117	8,7
Maranhão	6.199	513	8,3
Piauí	3.041	307	10,1
Ceará	8.238	815	9,9
Rio Grande do Norte	3.051	313	10,3
Paraíba	3.628	393	10,8
Pernambuco	8.518	829	9,7
Alagoas	3.057	283	9,3
Sergipe	2.007	181	9,0
Bahia	13.974	1.342	9,6
Minas Gerais	19.522	2.136	10,9
Espírito Santo	3.474	318	9,1
Rio de Janeiro	15.593	2.192	14,1
São Paulo	41.164	4.391	10,7
Paraná	10.410	1.024	9,8
Santa Catarina	5.974	605	10,1
Rio Grande do Sul	10.984	1.367	12,4
Mato Grosso do Sul	2.304	202	8,8
Mato Grosso	2.866	227	7,9
Goiás	5.750	503	8,8
Distrito Federal	2.393	158	6,6

Fonte: IBGE, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2005

Percebemos pela Tabela 7 que mais de 74% dos estados brasileiros tem uma proporção de idosos menor que a média nacional, que é de 10,2%. As proporções mais reduzidas de idosos se concentram nos estados do norte e alguns do nordeste e centro-oeste

brasileiro. Já as proporções mais altas de pessoas com 60 anos ou mais de idade estão nos estados do sul e sudeste, como é o caso do Rio de Janeiro, que têm o maior número relativo de idosos do país (14,1%), e o do Rio Grande do Sul (12,4%). As regiões onde está concentrado o maior número de idosos são também as regiões que possuem as rendas *per capita* mais altas da Federação. Já que, conforme dados da PNAD 2007, são exatamente essas regiões que concentram os mais altos rendimentos do país.

Contudo, ainda que percebamos que há uma maior concentração de idosos nas regiões brasileira com maior renda *per capita* – o qual pode revelar que os rendimentos dos idosos contribuem substancialmente para a complementação da renda familiar –, os números que vamos apresentar revelam a forte exclusão a que as pessoas 60 anos ou mais de idade são submetidas no Brasil: eles têm menos escolaridade, são mais responsáveis por famílias do que os não-idosos e têm um desequilíbrio de gênero muito maior do que entre os não-idosos – há muito mais mulheres idosas que homens.

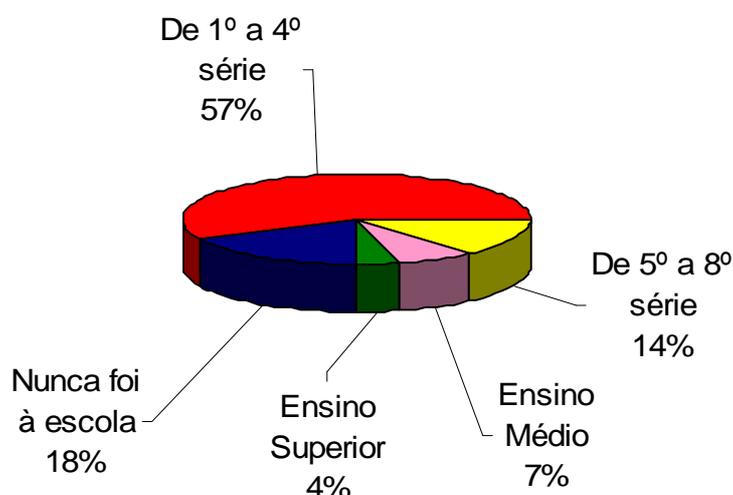
Conforme dados da pesquisa “Idosos no Brasil – vivência, desafios e expectativas na 3ª idade”, da Fundação Perseu Abramo, de 2007, dos quase 19 milhões de idosos, 57% são mulheres e 43% homens. Essa variação está bem acima da dos não-idosos, em que essa diferença aparece menor: 52% são mulheres e 48% homens. Os homens morrem muito mais do que as mulheres. Essa situação é mais evidente quando estamos falando de idosos. Os homens morrem primeiro e as mulheres, geralmente, ficam viúvas (no tópico seguinte discutiremos um pouco mais esse desequilíbrio entre o número de homens e mulheres idosos).

Os resultados da pesquisa mostram que metade dos idosos brasileiros passou a maior parte da vida no meio urbano (51%), 38% viveram mais tempo no meio rural e 10% viveu uma vida dividida entre o meio rural e urbano. A diferença entre os não-idosos é dramática, considerando que 80% deles declaram ter vivido a maior parte de sua vida em cidades.

A maior parte dos idosos brasileiros acredita em Deus e é religiosa: 73% se declaram católicos e 21% evangélicos. Somente 4% das pessoas com mais de 60 anos dizem não acreditar em Deus (FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO, 2007).

Ainda de acordo com a pesquisa, quase 50% dos idosos brasileiros são analfabetos funcionais<sup>26</sup>: 23% declararam não saber ler e escrever; 4% só sabem ler e escrever o próprio nome; e 22% consideram a leitura e a escrita atividades penosas. Quase 90% dos idosos brasileiros não têm nem o Ensino Fundamental completo, como mostra o gráfico abaixo:

**Gráfico 7 – Grau de escolaridade dos idosos, Brasil, 2007**



Fonte: Fundação Perseu Abramo

Como se pode perceber, no gráfico acima, somente 4% do grupo etário com 60 anos ou mais de idade tem Ensino Superior. A grande maioria tem de 1ª a 4ª série do Ensino Fundamental (57%) e 18% dos idosos brasileiros nunca frequentou a escola. Em média os brasileiros estudam durante pouco menos de seis anos, conforme dados do IBGE (2006). Sem dúvida, a média entre os idosos é muito mais baixa que a média nacional. Ainda segundo dados do IBGE (2006), 54,1% dos idosos brasileiros têm de zero a três anos de estudo. Somente 14,4% das pessoas com 60 anos ou mais de idade têm mais de nove anos de estudo.

---

<sup>26</sup> Analfabetismo funcional é uma expressão que geralmente diz respeito às pessoas que têm alguma escolaridade e que são capazes de decodificar números e letras, embora não consigam fazer interpretação de textos e tampouco operações matemáticas. Existem também outras interpretações sobre o que seja analfabetismo funcional. Essa é a que acreditamos ser a mais corriqueira. O relatório de divulgação da pesquisa “Idosos no Brasil – vivência, desafios e expectativas na 3ª idade” não aponta qual interpretação foi lançada mão para utilização desse conceito. Contudo, acreditamos que, da maneira que o termo foi aplicado, trata-se da interpretação que apresentamos.

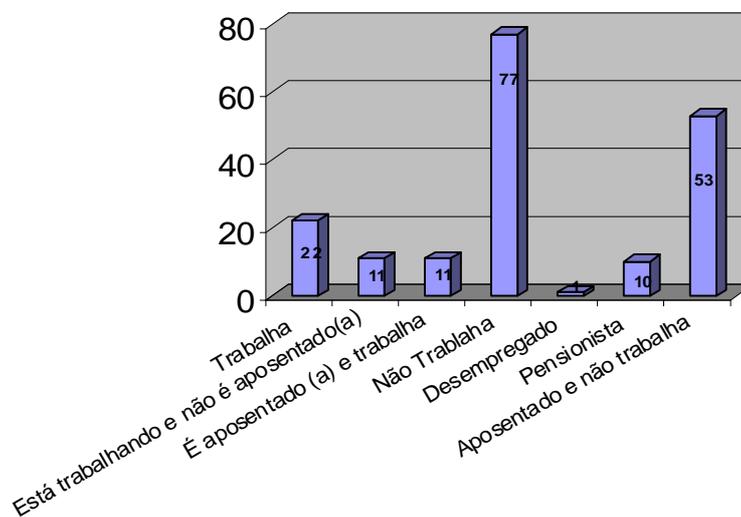
Quanto à renda familiar, 34% da população urbana brasileira não-idosa tem renda familiar mensal de até dois salários mínimos e apenas 6% recebe mais de 10 salários mínimos. No caso da população idosa, a situação muda – 43% dos domicílios com idosos têm renda familiar de até dois salários, enquanto somente 3% recebem acima de 10 salários mínimos (FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO, 2007).

Apesar de ganhar menos, 88% das pessoas com 60 anos ou mais de idade no Brasil afirma contribuir para renda familiar, muito por conta do benefício previdenciário que recebem, como já foi comentado antes, que permite esse fluxo intergeracional. Mais de 70% dos idosos afirmam serem chefes de família. Além disso, 79% deles vivem em residência própria. Entre os não-idosos, esse número cai para 64%.

Sem dúvida, mesmo pobres, sem nenhuma ou com pouca educação, e tendo, até depois de aposentados, de continuar contribuindo para o orçamento familiar, os idosos demonstram o poder de quem, num país com grande desigualdade de distribuição de renda, recebe mensalmente o benefício previdenciário, que geralmente auxilia no seu sustento e de mais, pelo menos, duas pessoas (FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO, 2007). Como já foi comentado antes, em algumas regiões brasileiras, os idosos detêm o poder por serem os únicos a ter uma renda mensal fixa garantida.

No Brasil, 92% das pessoas com mais de 60 anos têm uma fonte de renda própria. E as principais fontes de renda são as aposentadorias e pensões, como podemos comprovar pelo gráfico a seguir:

**Gráfico 8 – Participação dos idosos na População Economicamente Ativa, Brasil, 2007**



Fonte: Fundação Perseu Abramo

O Gráfico 8 revela também que o grupo etário de pessoas com mais de 60 anos é mais beneficiado do que outros, no que concerne ao trabalho e a renda. Mais de 10% dos brasileiros não-idosos declaram-se desempregados, sendo que quase 40% destes têm entre 18 e 24 anos. Sem dúvida, esse problema que acomete os jovens não acomete os idosos porque a maioria deles já está aposentada ou recebe algum outro tipo de benefício e, portanto, tem renda própria. Conforme dados do IBGE 2006, de cada duas pessoas desempregadas, uma tem menos de 25 anos.

A questão do domicílio é, talvez, uma das que percebamos mudanças mais profundas. Apesar dos números brasileiros revelarem a profunda exclusão que os idosos até agora vivem nesse país, já é perceptível o impacto desses novos valores da terceira idade – de autonomia e independência – no perfil dos idosos (e, sem dúvida, nesse caso se trata muito fortemente do impacto da universalização da seguridade social, que comentamos no tópico anterior).

Um exemplo é a questão de que cada vez mais pessoas com 60 anos ou mais de idade no Brasil estão vivendo sozinhas. Camargos, Machado e Rodrigues (2000) argumentam que os arranjos familiares vêm se modificando. Há uma tendência para o declínio de fecundidade e, portanto, para formação de famílias menores. Além disso, a melhora financeira e de saúde terminam por dar aos idosos a opção de viverem sozinhos, ou mais

precisamente, de não serem co-residentes, ou mesmo dependentes, dos filhos e/ou parentes.

Assim, viver só pode também refletir uma consciência mais profunda em relação às suas necessidades e direitos e uma mudança em relação aos estereótipos (VARLEY; BLASCO, 2001). Tendo em vista que a privacidade é um bem desejado por todos, principalmente nos dias de hoje, e que as pessoas lutam por independência e autonomia, a escolha por morar sozinho pode ser considerada uma espécie de ideal, quando não se quer depender de outras pessoas ou mesmo compartilhar do convívio diário (CAMARGOS, MACHADO e RODRIGUES, 2000, p. 39).

De acordo com os autores, entre 1970 e 1999, a mudança mais importante nos arranjos familiares foi a de mulheres morando sozinhas. Essa proporção quase quadruplicou, passando de 2,2%, em 1970, para 8,5% em 1999. Ainda segundo os pesquisadores, nesse mesmo período também houve um aumento significativo de homens idosos morando sozinhos. Um exemplo é o estado de São Paulo. Dados do Censo Demográfico 2000 revelam que, em 1998, 12% da população idosa desse Estado morava sozinha.

O que percebemos é que os dados, acima apresentados sobre o perfil dos idosos brasileiros, estão em transição. Muitas conquistas já foram alcançadas, apesar dos velhos sintomas da exclusão social ainda permanecerem. O fato é que a universalização da seguridade social, o aumento da longevidade e os novos valores ligados ao envelhecimento estão modificando sensivelmente o perfil dos idosos brasileiros.

### **3.4 A FEMINILIZAÇÃO DA VELHICE**

Neste capítulo acreditamos que seja fundamental dar um destaque a uma característica especial do envelhecimento populacional. Esse fenômeno, no Brasil, apresenta características interessantes. E um viés importante é, sem dúvida, o que poderíamos chamar de “feminilização” da velhice, ou seja, a maioria das pessoas idosas é do sexo feminino. É importante mais uma vez observarmos que não se trata de um fenômeno exclusivamente brasileiro. É, na verdade, uma tendência mundial<sup>27</sup>. As mulheres

---

<sup>27</sup> A Espanha, por exemplo, também passa por esse fenômeno de feminilização da velhice (sobre este tema, discutiremos mais aprofundadamente no capítulo IV).

constituem a maior parte da população idosa mundial. Essa tendência, seguramente, dá um perfil diferenciado para a terceira idade. E, certamente, essa desigualdade no número de homens e mulheres tem impacto profundo na construção do que é a terceira idade brasileira.

O Brasil, como já apresentamos antes, tem aproximadamente 19 milhões de idosos, o que equivale a aproximadamente 10,2% da população total do país (IBGE, 2006). Desse universo, aproximadamente 56,1%<sup>28</sup> das pessoas com 60 anos ou mais de idade são mulheres. Outro fato importante no Brasil é que, além de mais numerosas, as mulheres também são mais longevas. Ou seja, quanto mais avançado for o recorte etário estudado, maior ainda será a proporção de mulheres (CAMARANO, 2002).

Como evidência dessa longevidade, na tabela 4 “Evolução da expectativa de sobrevida no Brasil (1930/1940, 1970/1980, 2000)”, a primeira apresentada neste capítulo, percebemos que em todas as décadas selecionadas as mulheres têm maior expectativa de vida ao nascer que os homens. Nas décadas de 30 e 40, a esperança de vida da mulher ao nascer era de 43 anos e a do homem era de 39. Isso equivale dizer que, nessa época, a estimativa era que as mulheres vivessem, em média, ao menos quatro anos a mais que os homens. Com o passar do tempo essa diferença só foi aumentando e garantindo ainda mais anos de vida para as mulheres. Ainda analisando a citada tabela, no período de 1970 a 1980, essa diferença na esperança de vida aumentou para cinco anos e, no ano 2000, esse número já havia subido para oito. Dados do IBGE (2006) revelam que no ano 2006 a expectativa de vida ao nascer do homem brasileiro era de 68,5 anos e da mulher era de 76,1 anos. Ou seja, a diferença dessa expectativa de vida entre gêneros é de 7,6 anos, o qual demonstra uma pequena redução em relação à diferença do ano 2000. Contudo, é preciso observar que esse foi o único recorte de tempo que selecionamos no qual não havia aumentado a diferença entre as expectativas de vida de homens e mulheres e também foi o único recorte que não compreendeu o período de tempo de dez anos.

As mulheres brasileiras, portanto, vivem mais e têm mais tendência a viverem sozinhas do que os homens porque ficam viúvas e, geralmente, ao contrário dos homens, não contraem um segundo matrimônio (IBGE, 2006). Com certeza, como já colocamos

---

<sup>28</sup> Essa porcentagem aparece diferente do que está na pesquisa da Fundação Perseu Abramo, a qual afirma que a proporção de mulheres é de 57%. Acreditamos que essa diferença se dá porque esta realmente na margem de erro prevista dos dois estudos e, também, porque os dados do IBGE são relativos ao ano de 2006 e os da Fundação ao ano de 2007.

antes, uma maior proporção de mulheres dá características diferenciadas à velhice no Brasil. As autoras Figueiredo *et al* (2007), que escreveram o artigo “As diferenças de gênero na velhice”<sup>29</sup>, afirmam que na década de 80 havia três homens de 65 anos ou mais de idade para cada quatro mulheres. “Alguns estudos mostram que quanto mais a idade aumenta, mais as mulheres são numerosas; o envelhecimento passa a ser um fenômeno que se conjuga, antes de tudo, no feminino” (FIGUEIREDO *et al*, 2007, p. 423).

Apesar da terceira idade brasileira estar se tornando um fenômeno particularmente feminino, a pesquisa nessa área ainda não enfrentou profundamente esse tema. Há pouquíssimos estudos que tratam sobre esse fenômeno, o que, certamente, se configura como uma grave lacuna. Sobre os idosos, parece que o único aspecto relevante é o recorte etário. Nessa perspectiva, as questões de gênero na terceira idade são obliteradas, o qual, seguramente, revela a crença na assexualidade das pessoas idosas:

Já na velhice ocorre um obscurecimento da sexualidade e uma certa negação das questões de gênero, que mascaram tanto as perdas como os ganhos trazidos pelo envelhecimento da influência dos determinantes construídos histórica e culturalmente pela sociedade, porém, os estudos envolvendo o binômio: velhice e gênero revelam que os valores e padrões socioculturais do comportamento humano estão presentes no cotidiano de homens e mulheres que envelhecem e determinam a ocorrência de eventos e atitudes que podem se tornar limites ou possibilidades para conquista do envelhecimento saudável (FIGUEIREDO, *et al*, 2007, p. 426).

Uma das explicações para que se defenda essa perspectiva do obliteramento dos comportamentos de gênero na terceira idade é porque durante muito tempo a velhice foi vista como uma experiência homogeneizante. Esse é também um dos princípios que fundou a Gerontologia (DEBERT, 2004). A velhice, vista desse ponto de vista, implica dizer que ela é uma experiência tão intensa que todos os outros fatores que pesaram sobre o indivíduo ao longo de toda a sua vida (como: raça, gênero e classe social), desaparecem quando se envelhece. Como se essa experiência tornasse subitamente iguais todos os indivíduos que a vivem.

Entretanto, o trabalho de alguns pesquisadores (FIGUEIREDO *et al*, 2007; e DEBERT, 2004) mostram que a velhice não é uma experiência homogeneizante. Homens e mulheres vivem, sentem e reagem a esse momento da vida de maneiras distintas. Até do

---

<sup>29</sup> FIGUEIREDO, M.L.F, *et al*. As diferenças de gênero na velhice. In: **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, 2007.

ponto de vista do exercício do protagonismo homens e mulheres idosos o experienciam de maneira particular (esse argumento será melhor desenvolvido no próximo tópico).

O fato que podemos facilmente constatar é que pouco se investigou sobre quais as características da terceira idade brasileira que é composta majoritariamente por mulheres. Quais são os impactos culturais, sociais e econômicos desse fenômeno? Como as mulheres idosas enfrentam o processo de envelhecimento? Na verdade, uma das poucas pesquisas que encontramos sobre os impactos das questões de gênero na velhice brasileira foi a supracitada das autoras Figueiredo *et al* que, no ano de 2007, realizaram entrevistas com idosos participantes do PTIA – Programa Terceira Idade em Ação, no estado do Piauí.

Selecionamos duas conclusões importantes as quais as autoras chegaram com esse estudo, que reforçam o argumento de que o gênero influencia na maneira como o indivíduo percebe o processo de envelhecimento: os homens, ao envelhecerem, experienciam uma baixa auto-estima; já as mulheres experienciam um ganho de autonomia e liberdade.

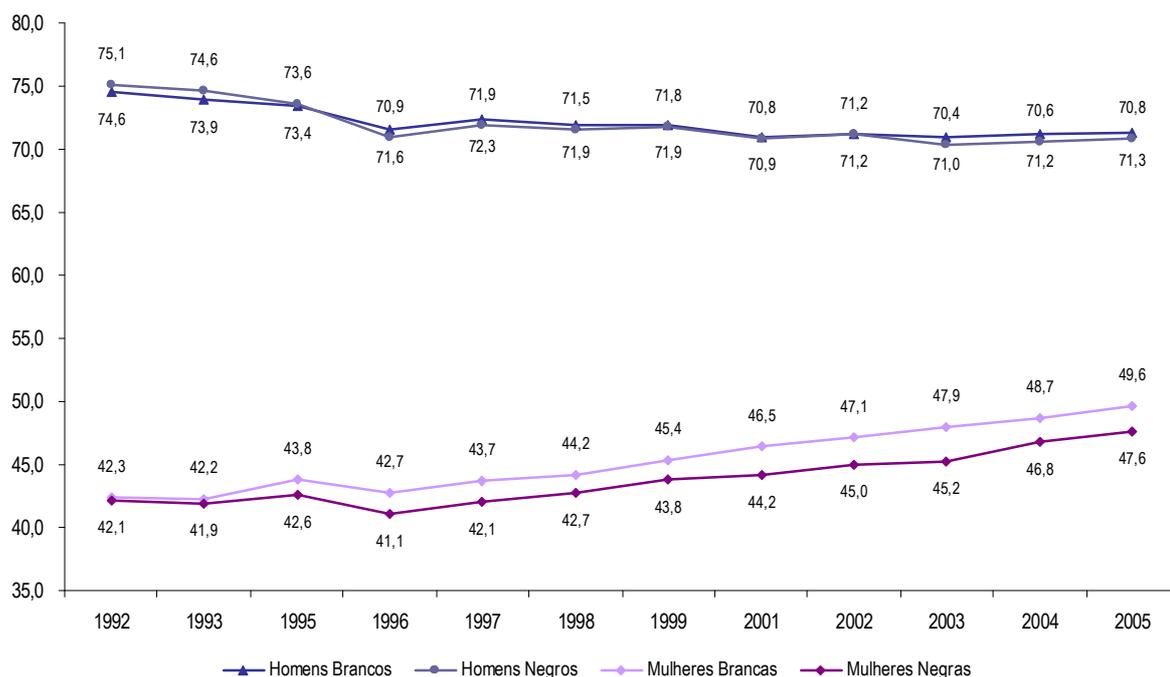
Para as autoras, o que pode explicar o fato dos homens sentirem essa baixa auto-estima é relativo à perda de poder, à troca do espaço público pelo privado e à sensação de perda de autonomia e liberdade. As autoras argumentam que os homens, antes da aposentadoria, estavam inseridos no mercado de trabalho e desfrutavam dos espaços públicos mais que as mulheres. Já, no caso destas, as autoras concluem que o processo de envelhecimento é encarado de outra maneira. Como a história da mulher brasileira foi construída dentro do domínio do privado e do doméstico, o envelhecimento não lhe traz grandes modificações nesse sentido. Apesar de perderem poder dentro de casa – para outras mulheres mais jovens da família – o envelhecimento para as mulheres pode, geralmente, resultar numa diminuição das obrigações domésticas e do cuidado com os filhos, que se casam ou saem de casa (FIGUEIREDO *et al*, 2007). Além disso, há autores, como Debert (1997), que defendem que para muitas mulheres idosas a viuvez é, muitas vezes, sinônimo de autonomia e liberdade.

Com o processo de envelhecimento, acompanhado ou não de aposentadoria de vínculos trabalhistas, a mulher que já tinha uma adaptação ao espaço privado, não se recente de perda de poder, pelo contrário, as mulheres idosas de modo geral, revelaram, neste estudo, a conquista da autonomia e da liberdade (FIGUEIREDO, *et al*, 2007, p. 424).

Outro fato importante, que talvez possa explicar melhor essa sensação relatada de autonomia e liberdade, é que as mulheres idosas brasileiras, especialmente as que se tornaram idosas na década de 90 e início dos anos 2000, apesar de terem envelhecido numa situação em que para boa parte das mulheres estava destinado o trabalho doméstico e o espaço privado, passaram a usufruir de benefícios previdenciários por causa da universalização da seguridade social, que lhes deu um direito que, sem dúvida, mudou o perfil das idosas brasileiras: uma remuneração fixa. Como dissemos no tópico anterior, certamente um grupo que foi bastante beneficiado com o câmbio nas regras da previdência social foi a das mulheres com 60 anos ou mais de idade, que para muitas delas, pela primeira vez na vida, podiam contar com uma renda mensal fixa. Isso, certamente, pode tornar mais compreensível porque as muitas mulheres idosas dizem se sentirem mais livres nesse período da vida.

A questão da feminilização da velhice brasileira tem se transformado aos poucos em um tema polêmico. Isso porque há quem preveja a quebra do sistema previdenciário por causa dos benefícios não-contributivos concedidos às mulheres e, também, aos trabalhadores rurais. Contudo, em se tratando desse viés de argumentação, é importante observar que, à medida em que a velhice se feminiliza no Brasil, o mesmo ocorre com o mercado de trabalho:

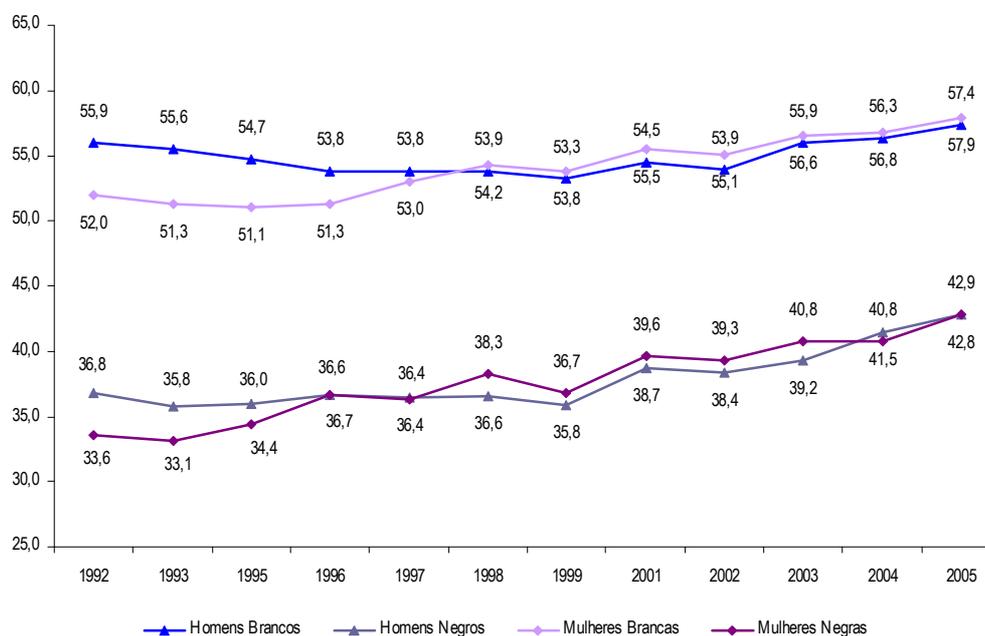
**Gráfico 9 – Taxa de atividade, segundo sexo e cor/raça, Brasil, 2006**



Fonte: PNAD 2006. Elaboração: OIT

No gráfico acima, percebemos que a participação das mulheres brancas e negras no mercado de trabalho só aumenta, enquanto, a dos homens tende a se estabilizar ou até mesmo reduzir. Ou seja, cada vez há mais participação feminina nas atividades laborais, o que implica dizer que as mulheres brasileiras também passam a contribuir mais com o sistema de seguridade social, ainda que muitos brasileiros estejam trabalhando na informalidade (entretanto, essa é uma realidade tanto dos homens quanto das mulheres no Brasil). Como evidência, apresentamos a seguir o gráfico sobre contribuições previdenciárias:

**Gráfico 10 – Contribuição à Previdência Social, segundo sexo e cor/raça (em %), Brasil, 2006**



Fonte: PNAD 2006. Elaboração: OIT

No Gráfico 10, podemos perceber que de 1992 até o ano 2005 aumentou em quase 10% a contribuição de mulheres para a Previdência Social, enquanto que no mesmo período a proporção de homens se manteve quase estável. O crescimento da contribuição das mulheres para a Previdência Social, sem dúvida, comprova que também tem crescido o número de mulheres que estão no mercado formal de trabalho. Portanto, é preciso observar com cautela o argumento que defende que a longevidade das mulheres pode desequilibrar as contas públicas já que elas não contribuem para o sistema de seguridade social e passam mais tempo vivas do que os homens.

O que se faz necessário é que a pesquisa na área de envelhecimento e gênero seja estimulada porque, na verdade, sabe-se muito pouco sobre o tema no Brasil. Os especialistas que enfatizam as perdas que o país sofre e sofrerá por causa do envelhecimento demográfico vêem o fenômeno da feminilização da velhice como mais um problema, mas não se aprofundam na questão e nem tampouco consideram as mudanças nos papéis sociais das mulheres. Perdas e ganhos, portanto, precisam ser avaliados com mais acuidade e cautela.

### 3.5 EXISTE UM PROTAGONISMO IDOSO NO BRASIL?

Começamos esse tópico com uma pergunta provocativa, que, na verdade, já foi respondida, em parte, no capítulo anterior: existe um protagonismo idoso no Brasil? Pois bem, conforme o debate que promovemos sobre o que é protagonismo, a resposta é, definitivamente: sim! Existe um protagonismo idoso no Brasil!

Como já discutimos antes, Gohn (2005) acredita que o protagonismo está ligado à participação social e à participação em organizações e associações da sociedade civil, que lutam pelos direitos interesses dos cidadãos ou de um grupo específico de cidadãos. Assim colocado, não é difícil deduzir, inclusive pela argumentação que viemos construindo até aqui, que existem sim diversas associações brasileiras de idosos que lutam pelos interesses desse grupo etário e que eles vêm buscando cada vez mais maneiras de continuar participando da cena pública. Portanto, os idosos brasileiros estão envolvidos na execução e/ou elaboração de diversas atividades de protagonismo.

Para Debert (2004), o esquentamento do debate sobre o envelhecimento e a visibilidade alcançada pela velhice foram responsáveis pela constituição e fortalecimento de associações de aposentados e programas de terceira idade em todo o país, os quais passaram a oportunizar maneiras múltiplas e variadas de participação social para as pessoas idosas. Para sermos ainda mais específicos, essas associações começaram a se formar, ainda que de maneira tímida na década de 80, e ganham efetivamente fôlego a partir dos anos 90.

É exatamente a década de 90 que Gohn (2005) aponta como o período no qual os movimentos sociais urbanos no Brasil começam a se fortalecer, depois de um período em que os movimentos sobre as questões urbanas estiveram mais enfraquecidos<sup>30</sup>. É também nesse contexto que novos atores entram em cena na disputa dos seus direitos sociais e culturais:

O campo dos novos atores ampliou o leque dos sujeitos históricos em luta pois não se tratava mais de lutas concentradas nos sindicatos ou partidos políticos. Houve, portanto, uma ampliação e uma pluralização dos grupos organizados, que redundaram na criação de movimentos, associações, instituições e ONGs (GOHN, 2005, p. 72).

---

<sup>30</sup> De acordo com Gohn (2005) esse enfraquecimento dos movimentos sociais urbanos aconteceu por boa parte da década de 90, a qual foi marcada por fortes conflitos rurais e pela atuação de movimentos, como o MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra, os quais mobilizaram a opinião pública em torno das questões rurais brasileiras.

Esse foi um marco fundamental no que concerne ao empoderamento desses novos atores sociais, como: mulheres, idosos, negros, homossexuais etc. A abertura política e o estabelecimento da democracia no Brasil impulsionaram a luta por direitos de outra natureza, como: respeito aos valores e crenças, cidadania, “direito à diferença” etc.

Foi nesse contexto que surgiram associações e movimentos sociais que defendiam os direitos e interesses dos cidadãos com 60 anos ou mais de idade. Ou seja, nesses grupos a idade cronológica passou a ser um elemento fundamental para a seleção e organização dos seus membros. Debert (2004) coloca que há duas formas mais comuns de associativismo idoso no Brasil: o movimento dos aposentados e os programas de terceira idade:

O movimento dos aposentados pretende estabelecer uma aliança com outros setores desfavorecidos da sociedade, na luta contra o Estado pela redistribuição de renda e por direitos sociais. Nos programas para a terceira idade, a luta contra os preconceitos e estereótipos leva a uma celebração do envelhecimento como um momento em que a realização pessoal, satisfação e o prazer encontram seu auge e são vividos de maneira mais madura e profícua (DEBERT, 2004, p. 143 e 144).

Como a autora coloca, esses dois caminhos que os idosos brasileiros construíram para defender seus direitos são completamente díspares. O movimento dos aposentados enfrenta a questão dos direitos sociais, como os profissionais, por exemplo; e os programas de terceira idade atuam no âmbito dos direitos culturais, como o resgate da auto-estima e promoção de atividade continuadas de lazer e educação.

Além disso, é necessário destacar um fato importante e curioso sobre o caráter dessas formas de associativismo: elas dividem a terceira idade brasileira por gênero. Mais precisamente: o movimento dos aposentados mobiliza muito mais homens do que mulheres idosas, enquanto nos programas de terceira idade acontece exatamente o oposto: há muitas mais mulheres do que homens participando. Esse é um aspecto que já foi levantado no tópico anterior – sobre a feminilização da velhice. A velhice não é uma experiência homogeneizante. Ela é vivida por homens e mulheres de maneira distintas. Como evidência, está a maneira como cada um deles se organiza em grupo. Homens e mulheres, no contexto da sociedade brasileira, vivem a velhice de forma diferenciada. “(...) um público masculino na luta pelos direitos do cidadão e pela redistribuição da riqueza e um

público feminino na luta por mudanças culturais amplas que caracterizam os novos movimentos sociais” (DEBERT, 2004, p. 144)<sup>31</sup>.

A partir de agora vamos apresentar, um pouco mais detalhadamente, cada uma das formas de associativismo idoso que discutimos acima. Começamos pelo caminho dos aposentados. Esse movimento se tornou, indubitavelmente, um dos mais fortes do país. Atualmente, existem mais de 13 milhões de brasileiros na condição de beneficiários de aposentadorias e pensões do INSS – Instituto Nacional de Seguridade Social e, certamente, eles têm muitos interesses em comum. De acordo com Simões (1998), a velhice, por causa do movimento dos aposentados, ganhou um importante espaço político desde a década de 90. Da mesma maneira que, nessa época, os aposentados se transformaram em poderosos atores políticos no Brasil. Conforme o autor, o movimento dos aposentados passou a se fortalecer na década de 80, quando estimulou mobilizações em torno dos direitos dos aposentados e pensionistas, os quais foram violados, ao longo dos anos, principalmente no que toca à questão das perdas significativas nos valores dos benefícios.

Quem nunca viu imagens da dramática cena de multidões de pessoas dormindo nas portas dos postos de benefícios do INSS? Pois bem, é certo que essas imagens contribuíram para mobilizar e sensibilizar os meios de comunicação e a opinião pública sobre a causa dos aposentados. As revelações claras do desrespeito ao direito desses beneficiários ajudou a pavimentar o caminho para o fortalecimento desse grupo.

Os anos de 1991 e 1992 testemunharam um das mais fortes mobilizações que o movimento dos aposentados já promoveu. As imagens do claro descaso com os aposentados e pensionistas e a pública violação de seus direitos impulsionou a luta pelo reajuste no valor de 147% dos benefícios, daqueles que ganhavam mais de um salário mínimo, e contra a reforma da Previdência Social. Assim começou a “luta pelos 147%”, que demonstrou a força e a organização do movimento dos aposentados brasileiros ao conseguirem levar para as ruas milhares de pessoas e sensibilizarem toda a nação. Simões (1998) assegura que essa não foi a primeira vez que os aposentados saíram às ruas para

---

<sup>31</sup> Para discutirmos o tema do protagonismo idoso no Brasil, vamos trabalhar especialmente com a obra “A Reinvenção da Velhice”, de Guita Debert, publicada no ano de 2004. Nesse livro, que é, incontestavelmente, um marco no pensamento social brasileiro sobre a terceira idade, a autora, entre outros temas, debate e compara as formas de associativismo dos idosos brasileiros. A reflexão que a pesquisadora promove sobre a constituição e a história desses caminhos de luta pelos direitos e interesses desse grupo etário se apresenta como um esforço solitário. Certamente, há outros autores que refletem sobre o tema da associação de pessoas idosas, contudo, via de regra, buscam enfoques específicos. Debert foi a única pesquisadora que encontramos em nossa revisão de bibliografia que promove essa comparação sobre os tipos de associativismo idoso brasileiro e essa reflexão sobre como o gênero impacta nessas formas de associação.

reclamar seus direitos, contudo a grande novidade foi que dessa vez havia um movimento unitário<sup>32</sup> desse grupo.

Esse movimento, organizado em associações, federações e uma confederação nacional, ocupou o centro da cena política brasileira no final de 1991 e início de 1992, galvanizando a opinião pública no que ficou conhecido como a “luta pelos 147%”. Essa luta visava repor as perdas no montante das aposentadorias e pensões, que perderam seu valor real ao longo do processo inflacionário brasileiro no anos 80. Esse movimento mobilizou basicamente um público masculino (DEBERT, 2004, p. 139).

Depois da “luta pelos 147%”, o movimento dos aposentados cresceu ainda mais e em diversas cidades do Brasil se multiplicaram associações que têm como objetivo principal a questão jurídica, ou seja, solucionar na Justiça irregularidades na concessão e no cálculo dos benefícios previdenciários.

Debert (2004) acredita que a identidade positiva dos aposentados está no argumento de que eles são a maior categoria profissional do Brasil que conta com mais de 13 milhões de associados. Para a pesquisadora, eles se colocam mais como militantes, ex-trabalhadores ou aposentados do que como idosos.

Ao contrário do movimento dos aposentados, os programas de terceira idade desde a década de 80 já tinham conquistado espaço nos meios de comunicação e sensibilizado a sociedade brasileira para a causa da terceira idade. Esses programas se constituem como espaços de convivência, de troca de experiência entre seus membros, que proporcionam maneiras diferenciadas de se olhar a velhice. Contudo, o que os tornam semelhantes ao movimento dos aposentados é a busca em combater o estereótipo do velho pauperizado, enfermo e abandonado.

Esses programas de terceira idade são oferecidos por órgãos governamentais, empresas privadas, organizações não-governamentais, associações de bairros e outros e oferecem espaços de lazer, de cultura e de outros serviços, como médicos e psicológicos. Uma das formas desses programas que mais tem se destacado e se multiplicado é a

---

<sup>32</sup> Até 1966, quando foi criado o INPS – Instituto Nacional de Previdência Social, a responsabilidade pelas aposentadorias estava pulverizada entre diversas instituições, como: sindicatos, fundos de pensões e órgãos governamentais. Com a criação do INPS todas essas instituições foram reunidos nesse órgão. “(...) a unificação do sistema abre a possibilidade de constituição de um movimento reivindicativo unificado de aposentados, que tem autonomia frente às categorias profissionais características da luta sindical no Brasil. É nesse contexto que se pode entender o significado marginal que as associações de aposentados têm nos anos 80 e se surpreender com o poder e com a visibilidade política que elas passam a ganhar em 1991, com a luta em torno dos 147%” (DEBERT, 2004, p. 166 e 167).

Universidade Aberta à Terceira Idade, ou seja, espaços criados pelas universidades para atender a pessoas idosas. Essas Universidades se complexificam nos serviços que oferecem, que vão desde sessões de fisioterapias, consultas médicas a aulas de história da arte, informática, línguas, desenho e pintura. Elas oferecem aos participantes a possibilidade de ampliar seu círculo de amizade e, também, de elevar o seu nível de instrução:

(...) a Universidade para a Terceira Idade cria o que se poderia chamar de uma “cultura da terceira idade” como, de resto, é próprio de qualquer universidade, além de sua função instrumental, criar uma “cultura estudantil”. O próprio da “cultura da terceira idade” é um conjunto de valores e práticas para demonstração de que é possível ser jovem a qualquer idade (DEBERT, 2004, p. 159).

Os programas de terceira idade e o movimento dos aposentados não se colocam um como extensão do outro. Como dissemos antes, são maneiras distintas de reagir aos estereótipos e de viver essa fase da vida. Também não é adequado acreditar que um seja mais importante que o outro. De acordo com Debert (2004), de fato o movimento dos aposentados tem ganhado mais visibilidade ao longo dessas duas décadas, mas isso também só se explica porque os programas de terceira idade já vinham sensibilizando a sociedade brasileira sobre as questões da terceira idade. Por certo, esse movimento também tem um caráter muito mais universalizador do que os programas, já que é voltado, praticamente, para um único aspecto, que diz respeito a milhões de brasileiros. Contudo, nos programas de terceira idade o foco é mais amplo e permite a entrada de pessoas que têm interesses diversos.

Ao contrário do movimento dos aposentados, a identidade reclamada no âmbito dos programas de terceira idade é a de idoso. Cria-se um espaço coletivo para afirmação de uma identidade positiva ante as perdas do envelhecimento. A busca é por auto-estima, satisfação pessoal e direitos culturais (DEBERT, 2004):

(...) os programas para a terceira idade criaram um espaço coletivo para a redefinição de formas de sociabilidade e de estilos de vida para as mulheres que, ante as perdas indesejadas, buscam novas formas de viver a liberdade que lhes é apresentada. Nas associações de aposentados, homens de mais idade conquistaram um espaço coletivo em que são chamados pelos diferentes atores políticos para repensar o futuro do país, rever os limites políticos e econômicos da nação, pensar e executar novas estratégias políticas (DEBERT, 2004, p. 189).

Além disso, esses caminhos de associativismo revelam a identidade do idoso não é permanente e constante. Como evidência, homens e mulheres experienciam caminhos distintos de protagonismo idoso.

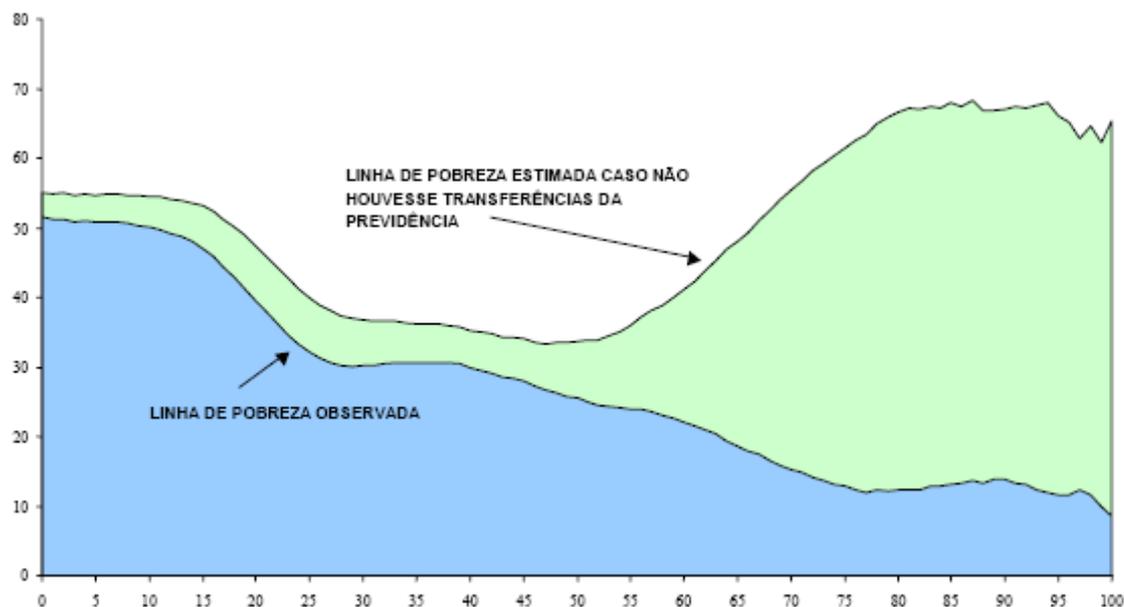
O mapeamento dos caminhos que o associativismo idoso toma no Brasil é para nós uma informação estratégica. Na análise dos portais da Internet, certamente, essa realidade se reproduzirá. É muito provável também que os próprios produtores/emissores dos portais sejam representações dos movimentos dos aposentados ou dos programas de terceira idade. Também poderemos ver como as características de cada um deles se mantêm ou não no ambiente virtual. Além é claro, de avaliar como o protagonismo idoso se processa ou não nesse espaço.

### **3.6 PORTIFÓLIO DE RISCOS: PERDAS E GANHOS DO ENVELHECIMENTO POPULACIONAL BRASILEIRO**

Como dissemos antes, muitos especialistas brasileiros anunciam uma catástrofe: a população brasileira está envelhecendo e a previdência social e o sistema de saúde tendem não suportar a pressão e, provavelmente, vão quebrar. Isso porque acreditam que o indivíduo idoso produz menos do que consome, o que resvalaria para um desequilíbrio econômico e social. Nesse sentido, muitos autores brasileiros entendem o envelhecimento como dependência e defendem que os idosos se transformam num peso para o Estado e para a família, porque, o indivíduo pouco produtivo consome cada vez mais e por ainda mais tempo.

Esse discurso, sem dúvida, não pode ser aceito sem análise. O primeiro ponto de argumentação é a questão da Previdência Social. Na verdade, a universalização da concessão de benefícios contribuiu de forma direta para diminuição da pobreza brasileira já que beneficiou muitos idosos, e indiretamente as famílias destes, que estavam na linha da pobreza, como podemos ver na figura abaixo:

**Gráfico 11 – Grau de pobreza por idade, Brasil, 1999 (% pobres x idade em anos)**



Obs.: Linha de pobreza = R\$98,00  
Fonte: SANTANA, POUCHAIN e BISSI (2002, p.9)

Pelo Gráfico 11 podemos perceber que o grau de pobreza entre os idosos é muito menor do que entre os mais jovens. Na verdade, isso se deve às transferências previdenciárias que, se não houvesse, como podemos comprovar acima, os idosos tenderiam a ser mais pobres do que todos os outros grupos etários. “Caso não houvesse as transferências previdenciárias, a pobreza entre os idosos triplicaria” (SANTANA, POUCHAIN e BISSI, 2002, p. 9).

Certamente, o impacto da diminuição da pobreza não é só entre os idosos, mas se expande também às famílias destes. As famílias com idosos tendem a se beneficiar com as trocas intergeracionais. Há autores, conforme Camarano (2002), que defendem que essas transferências acontecem com mais frequência dos mais velhos em direção aos mais novos, o que, sem dúvida, contradiz o discurso sobre os danos que o envelhecimento pode vir a causar. Isso, certamente, pode ser explicado, como argumentamos no tópico sobre o perfil atual dos idosos brasileiros, porque geralmente os idosos têm uma garantia de renda fixa, o benefício previdenciário, enquanto os mais novos sofrem com os problemas de desemprego ou com precárias condições de trabalho. Como vimos no Gráfico 11, quanto mais velho o brasileiro, menos chance ele tem de estar na linha da pobreza.

Isso, sem dúvida, abala a relação que vários autores estabelecem entre idoso e dependência, porque esta era entendida, especialmente, como dependência financeira. Sem

dúvida, desde a década de 90, não se pode mais acreditar que os idosos sejam assim tão dependentes de sua família do ponto de vista financeiro.

Por outro lado, essa dependência também pode ser entendida do ponto de vista da saúde precária. A construção da imagem da velhice também foi composta por imagens de pessoas portadoras de doenças crônicas, que necessitam de atenção dos familiares e demandam mais recursos do Estado porque o tratamento delas é mais caro. Esse é outro argumento sobre os problemas causados pelo envelhecimento que queremos confrontar. Na verdade, esse discurso não tem bases sólidas para se sustentar. De acordo com Pérez Díaz (2005) não há como avaliar as características e os efeitos do envelhecimento sem levar em conta o contexto histórico-sócio-cultural de cada geração, o que equivale a dizer que as enfermidades que molestam os idosos de hoje provavelmente não serão as mesmas daqui a vinte anos. Portanto, é descabido fazer uma estimativa da utilização do sistema público de saúde para daqui a vinte anos imaginando que as gerações manterão comportamentos e hábitos iguais. Isso pode resvalar num exercício inócuo de futurologia:

Não se conhece nenhum trabalho que tenha medido o tipo de repercussão que as melhoras nas condições de vida da população idosa possam ter nesses gastos. Pode-se supor que melhores condições de vida podem levar a uma menor pressão sobre os gastos de saúde e previdenciários, por exemplo. Naturalmente, isso depende de uma associação positiva entre maior longevidade e melhores condições de saúde (CAMARANO, 2002, p.3).

Camarano (2002) coloca o mesmo desafio que Pérez Diaz (2005) para os estudos sobre o envelhecimento: levar em consideração os contextos nos quais está envolvida cada geração. Ou seja, uma característica marcante do envelhecimento brasileiro é a questão da feminilização da velhice e da maior participação das mulheres no mercado de trabalho, como discutimos há pouco, portanto, torna-se imprescindível que os estudos e as estimativas sobre o papel dos idosos leve em consideração esse fato, que, sem dúvida, impacta diretamente na composição da família tradicional brasileira.

Sem dúvida, o envelhecimento demográfico brasileiro coloca desafios muito importantes para o país. Sobretudo porque ao contrário de outros países, como os da América do Norte e da Europa, esse fenômeno se sucedeu de maneira muito rápida no Brasil, o que dificultou que as questões fossem mais amplamente discutidas. Como evidência, uma das conclusões a que chegamos é que compreender o envelhecimento sobre o ponto de vista social é uma faceta pouco desenvolvida da pesquisa brasileira. Na

realidade, sem sombra de dúvidas, a área médica e os demógrafos dominam a produção de conhecimento nessa área. Claro que aqui também não podemos deixar de comentar o espaço que a Gerontologia Social tem ganhado. Contudo, se por um lado, como comentamos antes, como fundamento ela defende a imagem do idoso pauperizado e abandonado, por outro ela sofre pressões dos meios de comunicação ao dar receitas e regras para se viver uma vida saudável e sem as evidências do envelhecimento. Soma-se a isso o fato que muitos pesquisadores dessa área também aderem à pesquisa sobre o impacto do envelhecimento nas contas públicas.

Acreditamos que, certamente, o envelhecimento populacional exerce uma pressão muito forte sobre a Previdência Social, contudo, esse fato precisa ser observado também sob a ótica do crescimento do trabalho informal no Brasil. Soluções para aumentar a formalização do trabalho brasileiro talvez fossem mais eficazes do que reformas profundas no sistema previdenciário. Conforme dados da OIT – Organização Internacional do Trabalho, de 2007, o trabalho informal no Brasil atinge cerca de 60% dos brasileiros ocupados, isso equivale a aproximadamente 38 milhões de pessoas. Camarano e Pasinato (2007), discutindo sobre o processo de envelhecimento nos países da América Latina afirmam que, além de ser imprescindível essa formalização do trabalho, é necessário que também haja estímulo à contribuição previdenciária.

Uma das alternativas a se pensar para a inclusão desses trabalhadores seria uma forma de contribuição sazonal (única ao longo do ano), que fosse compatível com o trabalho sazonal, por exemplo. Outra seria a redução da contribuição do percentual do trabalho autônomo (CAMARANO e PASINATO, 2007, p. 27).

Camarano e Pasinato (2007) também apontam que é fundamental repensar os atuais benefícios concedidos baseados na estrutura familiar, na qual o homem é o único provedor. Com os novos papéis sociais de gêneros que faz com que a mulher tenha cada vez mais um papel fundamental na participação do orçamento familiar, talvez também seja uma possibilidade interessante para reduzir a pressão sobre o sistema previdenciário.

E, por último, que é também uma sugestão encontrada em diversos autores que tratam do envelhecimento demográfico brasileiro (tanto do enfoque econômico quanto social) o aumento da idade média para a aposentadoria também seria uma ação interessante, considerando o expressivo aumento da longevidade.

Acreditamos que as sugestões acima mencionadas podem ser opções de prevenção de proteção da seguridade social. Não obstante, é preciso recordar que o envelhecimento populacional brasileiro é uma grande conquista da nação e, na verdade, de boa parte do mundo. Sem dúvida, o ritmo acelerado do envelhecimento populacional nos países latinos nos dá menos tempo para elaborar soluções, diferente dos países europeus e da América do Norte. Entretanto, esse fato também não oblitera essa conquista fruto de uma revolução reprodutiva que o Brasil também conquistou.

Contudo, consideremos uma perda o processo de reprivatização da velhice brasileira, o que sem dúvida, está ligado ao fato, mencionado acima, de em nosso país o envelhecimento ser considerando um problema, tanto para o Estado, quanto para a família e para o próprio indivíduo. É nessa perspectiva que esse processo de reprivatização ganha força e termina soando quase como natural, graças aos esforços dos meios de comunicação e dos especialistas no reforço desse discurso.

## CAPÍTULO IV

### TERCEIRA IDADE E SOCIEDADE ESPANHOLA

O último capítulo da segunda parte desta tese de doutorado é dedicado à compreensão do perfil e do contexto no qual os idosos vivem na Espanha. Assim como fizemos no caso do Brasil, é fundamental agora dedicar-nos ao trabalho de conhecer e contextualizar a situação dos idosos espanhóis.

O processo de amadurecimento das massas nesse país iniciou antes do que no Brasil e, como veremos mais adiante, está mais avançado, ainda que tenha começado com atraso em relação ao resto da Europa. Porém, segundo Abellán (2002a), o envelhecimento demográfico espanhol foi o mais rápido de toda a Europa Ocidental. Num prazo de 30 anos a Espanha duplicou seu número de idosos. Esse país é, portanto, um caso rico de análise, no qual poderemos compreender melhor em quais condições nos países desenvolvidos, que têm as maiores proporções de pessoas idosas, esse grupo etário vive e participa de atividades de protagonismo.

Antes de passarmos ao exame do caso espanhol, é necessário ponderar que esse país, assim como o Brasil, também padece da falta de bibliografia em Ciências Humanas e Sociais no que concerne ao tema dos idosos e da terceira idade. Assim colocado, há ainda pouca discussão e reflexão sobre a constituição dessa nova categoria social – a terceira idade – na Espanha, sobre as representações dos idosos e do envelhecimento, sobre as imagens desse grupo etário na grande mídia, sobre a formação de movimentos sociais de idosos e associações de terceira idade e outros. Os dados demográficos são abundantes, mas no que concerne à pesquisa social, as análises qualitativas são escassas, ainda mais escassas que no Brasil. Isso, sem dúvida, se coloca como uma evidência de que o nosso tema de análise é um grande desafio e ainda carece de muita discussão. Mesmo na Espanha, que tem um processo de envelhecimento populacional anterior e mais avançado que o brasileiro, encontramos grandes lacunas no pensamento social sobre esse tema.

#### 4.1 – A VELHA ESPANHA DE IDOSOS

A cada mês mais de 33 mil espanhóis completam 65 anos de idade. Nos últimos tempos esse número tem sido de 390 mil ao ano (IMSERSO, 2006). Começamos esse capítulo com esse número correndo o risco de sermos sensacionalistas, mas, de fato, querendo dar relevo especial a um dado tão importante. Talvez esse número não pareça tão surpreendente se o compararmos com o volume da população brasileira. Contudo, a Espanha conta atualmente com quase 45 milhões de habitantes, o que equivale a, no máximo, um quarto da população do Brasil, portanto não há como comparar esses dois países em números absolutos. Deste modo, o que queremos enfatizar é que a sociedade espanhola, assim como a brasileira, vive cada vez mais e até mais altas idades.

De acordo com o pesquisador González García (2005), a Espanha vive uma “revolução silenciosa” que tende a inverter completamente a pirâmide populacional. E, na realidade, essa inversão já está em marcha acelerada. Atualmente, são mais de sete milhões de pessoas com 65 anos ou mais de idade no país, o que equivale a 16,6% da população. As previsões do INE – *Instituto Nacional de Estadística*, para 2050, é que essa porcentagem suba para mais de 34% e a Espanha passe a contar com mais de 14 milhões de pessoas idosas.

No ano de 2000, a Espanha ocupava a terceira posição no *ranking* mundial que classifica a proporção de pessoas idosas nos diversos países. É muito provável que ela continue ocupando essa posição por mais alguns anos:

**Tabela 8 – Quantidade e percentual de população de 65 anos e mais e de 80 anos e mais nos países com maior proporção de idosos, 2000 e projeção para 2050<sup>33</sup>**

	População de 65 anos ou mais de idade				População de 80 anos ou mais de idade				
	2000		2050		2000		2050		
	Número (milhões)	%	Número (milhões)	%	Número (milhões)	%	Número (milhões)	%	
Itália	10.525	18,2	18.090	35,5	Reino Unido	2.390	4,1	5.885	8,8
Japão	21.962	17,2	40.269	35,9	Itália	2.309	4,0	7.756	15,2
Espanha	6.797	16,7	14.504	34,1	França	2.341	3,9	6.863	10,9
Alemanha	13.483	16,4	22.376	28,4	Japão	4.812	3,8	17.159	15,3
França	9.669	16,3	17.114	27,1	Alemanha	2.859	3,5	9.585	12,2
Reino Unido	9.306	15,9	15.558	23,2	Espanha	1.413	3,5	5.213	12,3
Ucrânia	6.863	14,0	7.689	29,1	EUA	9.138	3,2	28.725	7,3
Rússia	18.081	12,3	25.747	23,0	Ucrânia	1.107	2,3	2.075	7,9
EUA	35.078	12,3	81.547	20,6	Rússia	2.935	2,0	6.588	5,9
China	87.228	6,8	329.103	23,9	Brasil	1.624	0,9	13.989	5,5
Vietnã	4.251	5,4	21.712	18,6	China	11.373	0,9	100.551	7,2
Brasil	9.547	5,4	48.693	19,2	México	859	0,8	8.002	5,8
Indonésia	10.236	4,9	46.670	17,4	Vietnã	671	0,9	5.082	4,4
Índia	50.054	4,9	236.513	14,8	Índia	6.761	0,7	52.915	3,3
México	4.759	4,8	29.371	21,1	Egito	330	0,5	3.077	2,4

Fonte: *World Population Prospects, The 2004 Revision*. Elaboração própria

Podemos ver, na tabela acima, que somente o Japão, país do mundo com maior proporção de idosos, e a Itália estão na frente da Espanha. Como base na marcha acelerada desse envelhecimento demográfico, várias pesquisas, como colocamos na introdução dessa tese, já apontaram que no ano de 2050 a população espanhola seria a mais envelhecida do mundo, contudo por causa da dinâmica dos indicadores demográficos de outros países, essa posição foi revista. Como está posto na tabela acima, acredita-se que nessa data a Espanha estará ocupando a quinta ou quarta posição no supracitado *ranking*. Contudo, é preciso considerar que o ritmo dos indicadores demográficos – mais especificamente taxa de fecundidade, de mortalidade e de migrações – pode causar ainda mais alterações nessas projeções.

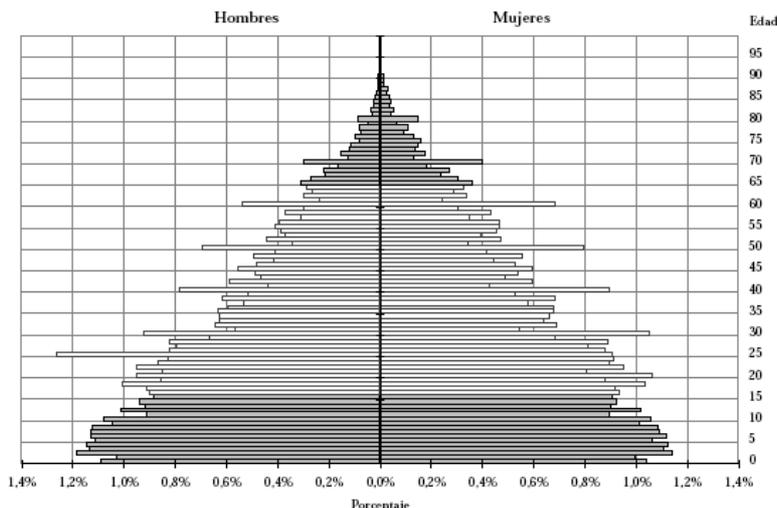
<sup>33</sup> É necessário observar que nesse *ranking*, apesar de estarem listados países em desenvolvimento, como o Brasil e o México, não dá para saber com mais precisão a posição deles porque o recorte etário utilizado para se considerar uma pessoa idosa foi de 65 anos ou mais de idade. Por isso, ao analisar essa tabela, sem considerar essa questão, poderíamos nos equivocar e acreditar que o Brasil, por exemplo, ocupa uma posição abaixo do que realmente está no *ranking* dos países com maior envelhecimento. Para efeitos de comparação, que não foi o nosso interesse nesse momento, seria necessária uma tabela que levasse em conta as diferenças nos recortes etários, para se considerar uma pessoa idosa, dos países desenvolvidos e em desenvolvimento. A proposta desse *ranking* é, portanto, mais para situar a posição da Espanha entre os países desenvolvidos.

No entanto, podemos afirmar com tranquilidade que o continente Europeu é que o tem maior proporção de pessoas idosas no mundo e, provavelmente, continuará liderando esse *ranking* por muitos anos. Como evidência, na supracitada tabela os países europeus ocupam quase todas as primeiras posições. Segundo dados do Imserso – *Instituto de Mayores y Servicios Sociales* (2006), no ano de 2050, 27,6% da população Européia será idosa; na América do Norte esse número será de 21,1%; na Oceania, 19,3%; na América Latina e Caribe, 18,4%; na Ásia, 17,5%; e a África seguirá, como já discutimos no capítulo II, como o continente mais jovem do mundo com uma proporção de 6,7% de pessoas idosas. A importância de apresentarmos essas projeções, apesar do seu óbvio caráter instável, reside no fato de que elas apontam para uma informação importante: de maneira geral, o mundo continuará no processo de envelhecimento demográfico, o que inclui os nossos países de análise.

Aproveitando ainda as informações da Tabela 8 é preciso acrescentar que um dos grupos etários que mais cresce no planeta é o da faixa de 80 anos de idade. Entre os anos de 1991 e 2005 esse grupo cresceu 66% na Espanha, enquanto toda a população desse país, nesse mesmo período, teve um crescimento de 13% (IMSERSO, 2006). Até no ano 2050, o número de octogenários espanhóis crescerá aproximadamente 36%. Nessa data, conforme dados do Imserso (2006), as pessoas com 80 anos ou mais de idade representarão 26% do total da população idosa no país e 12,8% da população espanhola.

Como colocamos antes, esse amadurecimento da população espanhola começou com atraso em relação ao continente Europeu, ainda que siga a passos largos. Essa revolução silenciosa teve início nas primeiras décadas do século passado e acelerou a marcha a partir da segunda metade deste século, como poderemos comprovar a partir das análises das pirâmides abaixo:

**Figura 7 – Distribuição da população por idade e sexo, Espanha, 1900**



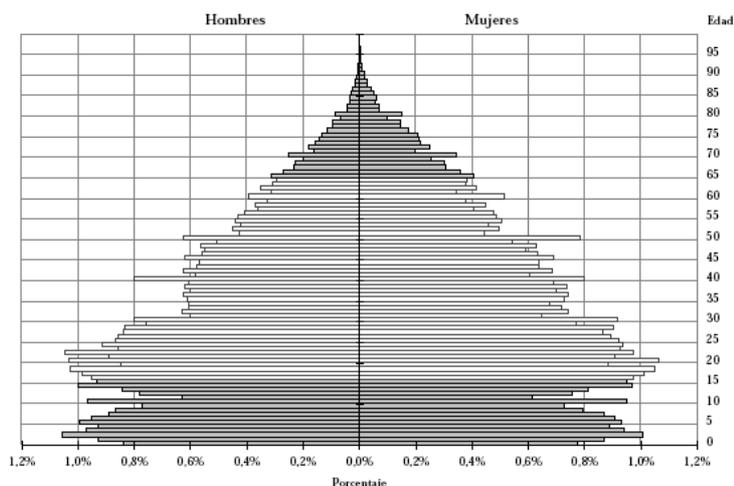
Fonte: Pérez Díaz, 2008 (sítio web pessoal: <http://www.ced.uab.es/jperez/pags/vejez.htm>)

Como podemos observar na pirâmide acima, o primeiro ano do século XX na Espanha é marcado por uma distribuição etária na qual há um grande predomínio de crianças e jovens. Há também uma alta mortalidade infantil e adulta, já que a base é larga, porém a pirâmide vai se estreitando muito rapidamente. Se prestarmos bem atenção nessa imagem perceberemos que entre as faixas de 30 e 35 anos há uma diminuição considerável no número de pessoas, que, sem dúvida, revela que boa parte dos adultos morriam antes de se tornarem maduros. Ou seja, a expectativa de vida média dessa época era de, provavelmente, 35 anos de idade.

Ao final do século XVIII a esperança de vida ao nascer não superava aos 30 anos em muitas regiões espanholas, ainda nos anos sessenta do século XX girava em torno dos 50 e hoje já se superam os 75 anos. As cifras são contundentes: segundo algumas estimativas na Espanha o número de idosos aumentou aproximadamente sete vezes nos últimos cem anos (Trad. livre) (GONZÁLEZ GARCÍA, 2005, p. 12).

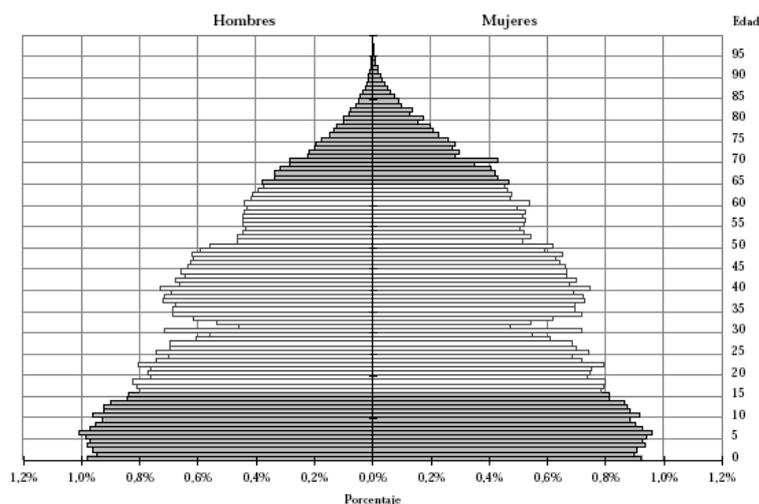
Ou seja, as grandes mudanças na sobrevivência da população espanhola começaram a acontecer no século passado. Para perceber esses câmbios que ocorreram ao longo desse século, comparemos agora as pirâmides de 1950 e 1970:

**Figura 8 - Distribuição da população por idade e sexo, Espanha, 1950**



Fonte: Pérez Díaz, 2008 (sítio web pessoal: <http://www.ced.uab.es/jperez/pags/vejez.htm>)

**Figura 9 - Distribuição da população por idade e sexo, Espanha, 1970**



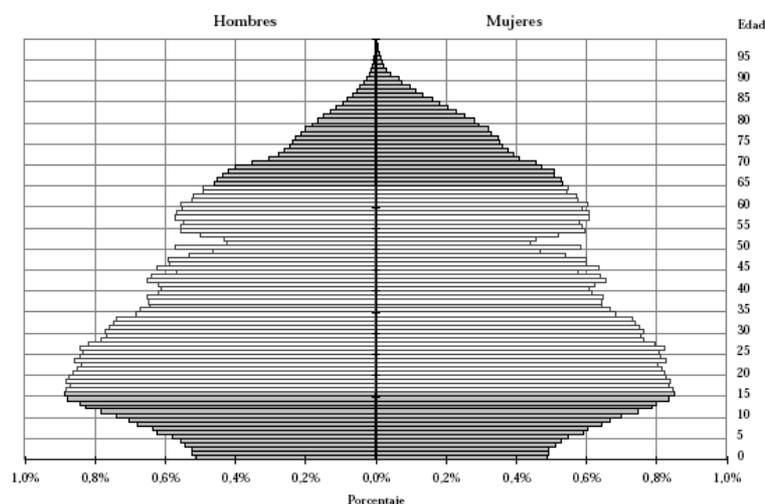
Fonte: Pérez Díaz, 2008 (sítio web pessoal: <http://www.ced.uab.es/jperez/pags/vejez.htm>)

A pirâmide etária de 1950 já confirma a argumentação de García González (2005), na medida em que, há um significativo alargamento no meio, o qual configura um aumento da esperança de vida. Apesar de que, também podemos notar que ainda permanecem nesse período altas taxas de fecundidade já que a base da pirâmide continua muito larga. Contudo, já é perceptível que a imagem da pirâmide está sofrendo alterações. Como evidência, na figura de 1970, podemos perceber a tendência ao equilíbrio dos diversos grupos etários. A imagem da pirâmide está mais bem-definida, ainda que a base continue

mais larga. É possível perceber também que a expectativa de vida aumentou ainda mais em relação ao ano de 1950 e, principalmente, ao ano de 1900. No prazo de 70 anos, fica claro que a pirâmide etária espanhola vai perdendo a sua forma e se tornando cilíndrica.

Contudo, esses câmbios ainda não nos revelam nem a inversão demográfica, citada por García González (2005), nem o amadurecimento das massas, defendido por Pérez Díaz (2003a). Eles, na verdade, nos trazem a evidência de uma tendência ao equilíbrio no número dos grupos etários. Na verdade, é precisamente nos anos seguintes que podemos comprovar o argumento desses autores:

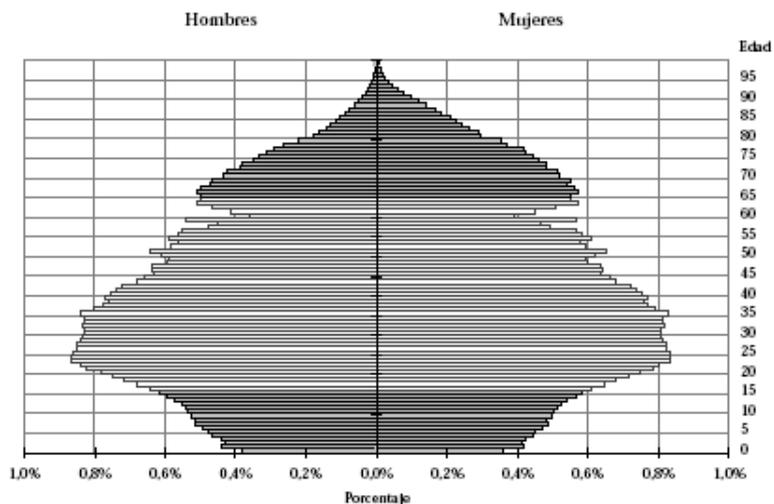
**Figura 10 - Distribuição da população por idade e sexo, Espanha, 1991**



Fonte: Pérez Díaz, 2008 (sítio web pessoal: <http://www.ced.uab.es/jperez/pags/vejez.htm>)

A imagem acima nos revela um quadro muito distinto do que vimos até agora. Esta é a primeira pirâmide que apresentamos na qual as crianças não são o maior grupo etário. Na realidade, fica claro nessa imagem o quanto a taxa de fecundidade caiu. Além disso, percebemos um ápice muito mais largo, revelando um aumento do número de pessoas com mais de 55 anos de idade, o que implica dizer que o aumento da expectativa de vida já é sensível e evidente.

**Figura 11 - Distribuição da população por idade e sexo, Espanha, 2000**

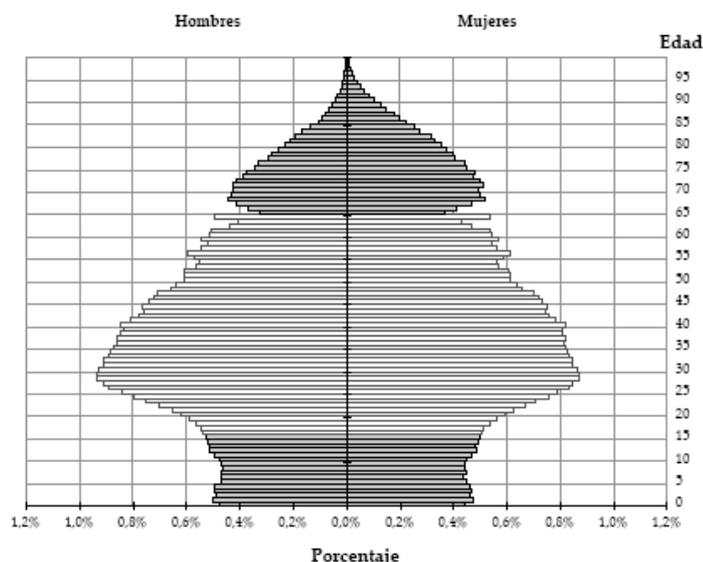


Fonte: Pérez Díaz, 2008 (sítio web pessoal: <http://www.ced.uab.es/jperez/pags/vejez.htm>)

Nas duas figuras acima – pirâmides etárias de 1991 e 2000 – podemos perceber com mais precisão esse processo de amadurecimento das massas. Isso porque percebemos o quanto a taxa de fecundidade caiu e a expectativa de vida aumentou. Nessa última pirâmide que apresentamos, fica ainda mais clara a tendência a taxas de fecundidades mais baixas e ao aumento na esperança de vida. A base mais estreita e o ápice mais largo revelam um equilíbrio que Pérez Díaz (2003a) chama de eficiência demográfica, ou seja, já não é mais necessário um número tão alto de nascimentos para compensar as baixas de uma mortalidade avassaladora.

No ano de 2002, a expectativa de vida na Espanha era de 76,4 anos para os homens e 83 para as mulheres. A partir do ano de 2001, conforme dados do Imserso (2006), é que, de fato percebemos a tendência à inversão demográfica, que deve continuar aumentando nos próximos anos: o número de idosos espanhóis passou a ser maior do que o número de crianças, entre zero e quatorze anos de idade.

**Figura 12 - Distribuição da população por idade e sexo, Espanha, 2005**



Fonte: Pérez Díaz, 2008 (sítio web pessoal: <http://www.ced.uab.es/jperez/pags/vejez.htm>)

A imagem da pirâmide de 2005 deixa evidente essa inversão demográfica que temos discutido, ou seja, essa tendência que boa parte dos países do mundo segue: de ter mais adultos e idosos do que crianças<sup>34</sup>. A base dessa pirâmide é bem menos larga do que das outras apresentadas até aqui. O meio dessa figura é a parte mais larga, ou seja, há um número maior pessoas adultas do que de outros grupos etários. E, sobretudo, o ápice é o mais largo de todas as nossas pirâmides, o qual confirma a tendência para o aumento da esperança de vida e queda nas taxas de mortalidade. “A maioria dos espanhóis recém-nascidos celebrará seu aniversário de 65 anos. No princípio do século XX somente 26% chegavam a velhice; nas condições de mortalidade atuais, de 100 nascidos 86 alcançarão a velhice” (Trad. Livre) (ABELLÁN, 2002b, p. 27). A característica da mortalidade atual da Espanha não deixa dúvidas em relação à eficiência demográfica: oito a cada dez espanhóis mortos são idosos.

Atualmente, metade da população espanhola tem 36 anos de idade e o número de jovens vem perdendo, ao longo do tempo, peso significativo. Como prova, no ano de 2050, mais da metade da população espanhola terá mais de 50 anos de idade (ABELLÁN,

<sup>34</sup> Essa é a tendência que o Brasil também segue. Contudo, a eficiência demográfica que a Espanha conseguiu nós ainda não alcançamos. Portanto, acreditamos que a pirâmide etária espanhola de 2005 torna mais claro o conceito, que viemos discutindo nos capítulos anteriores, sobre a maturidade das massas (PÉREZ DÍAZ, 2003a). Ou seja, essa democratização da vida que dá direito às pessoas viverem até idades mais altas e equilibra e reparte o trabalho de ter filhos, já que não se necessita tantos nascidos para equilibrar o número de óbitos e que mais mulheres podem ter filhos, visto que há mais delas vivas até idades fecundas.

2002a). Colocamos, a seguir, uma tabela que apresenta o aumento da expectativa de vida e faz projeções para os próximos anos.

**Tabela 9 - Esperança de vida ao nascer, Espanha, 1900-2030**

	<b>Total</b>	<b>Homens</b>	<b>Mulheres</b>
<b>1900</b>	34,8	33,9	35,7
<b>1950</b>	61,2	59,8	64,3
<b>1970</b>	72,4	69,6	75,1
<b>2002</b>	79,7	76,4	83,0
<b>2010</b>	81,6	78,3	84,8
<b>2020</b>	82,9	79,8	86,0
<b>2030</b>	83,9	80,9	86,9

Fonte: INE, 2006

Podemos perceber na tabela acima que no período de 100 anos a expectativa vida ao nascer espanhola aumentou quase 45 anos. E, como dissemos no início, essa marcha ainda continua. Como podemos observar na tabela abaixo, a expectativa de vida tende a aumentar cada vez mais:

A pirâmide atual espanhola pode parecer um caso extremo de rápido envelhecimento pela redução da natalidade, mas deve-se recordar que o nosso é um país igualmente extremo em tudo ao que se refere ao processo modernizador que se acaba de explicar. Ainda em 1900 era o que tinha a menor esperança de vida em toda a Europa, menos de 34 anos, um século depois estava entre os de maior sobrevivência da escala mundial (Trad. livre) (PÉREZ DÍAZ, 2004, p. 8).

Outro indicador que confirma a tendência a essa inversão demográfica é a contínua queda na taxa de fecundidade. Segundo Pérez Díaz (2003a) essa taxa na Espanha era, na segunda metade do século XIX, superior a cinco filhos por mulher. É importante recordar que a ineficiência demográfica era tão acentuada que a esperança de vida, nesse mesmo período, não superava os 30 anos de idade. Atualmente, a taxa de fecundidade espanhola é de, aproximadamente, 1,2 filhos por mulher, enquanto a média européia é de 1,4.

Depois de desenharmos esse quadro que apresentou brevemente a dinâmica do amadurecimento das massas na Espanha, chegou o momento de traçar o perfil da terceira idade espanhola.

## 4.2 – OS NOVOS VELHOS ESPANHÓIS

Os novos velhos espanhóis têm um perfil, assim como os idosos brasileiros, que revela por um lado as melhorias das condições de vida das pessoas em geral, inclusive dos idosos, e por outro também denuncia traços de um passado e de um presente de precariedade e falta de oportunidade.

A maior parte dos mais de sete milhões idosos espanhóis (71,7%) vivem, conforme dados do Imserso (2006), nas áreas urbanas, mais precisamente em grandes cidades. Nos municípios intermediários essa proporção é de 17,3% e nas áreas rurais esse número é ainda menor 11%. A tendência, ainda segundo dados desse Instituto, é que a população idosa espanhola cada vez mais viva nas grandes cidades. Exatamente o oposto do que acontecia nas décadas anteriores. Em 1950, por exemplo, somente 34,3% dos idosos vivam em áreas urbanas. Não obstante, essa é a tendência da população desse país: três de cada quatro espanhóis vive no meio urbano (IMSERSO, 2006).

No que concerne à moradia, Pérez Ortiz (2002a) afirma que aproximadamente 87% dos idosos espanhóis vive em casa própria, seja sozinho ou acompanhado do parceiro(a) e/ou de um ou alguns familiares. Sem dúvida, essa é uma situação bastante privilegiada em relação a outros grupos etários, já que a possibilidade de ter uma casa própria aumenta com a idade. Nove entre dez espanhóis de 45 a 64 anos de idade possuem sua própria residência (IMSERSO, 2006).

**Tabela 10 - Forma de convivência da população idosa espanhola por gênero (porcentagem), Espanha, 2002**

	Total	Homens	Mulheres
1. Casa própria	86,9	91,7	83,5
1.1. Casa própria, sozinho	14,2	6,9	19,6
1.2. Casa própria com parceiro(a)	55,7	73,9	42,4
1.2.1. Só com parceiro(a)	41,3	53,6	32,2
1.2.2. Com parceiro(a) e filhos	13,8	19,4	9,7
1.2.3. Com outros familiares	0,6	0,9	0,5
2. Em outra casa	11,4	7,3	14,4
2.1. Na casa dos filhos	9,3	5,6	12,0
2.1.1. Com parceiro(a) e filhos	1,7	1,9	1,6
2.1.2. Só com os filhos	7,6	3,7	10,4
2.2. Na casa de outros familiares	2,1	1,7	2,4

Fonte: PÉREZ ORTIZ, 2002a

A Tabela 10 confirma que a maioria das pessoas idosas na Espanha (55,7%) residia em casa própria na companhia de um(a) parceiro(a). Os homens, como está colocado, mais do que as mulheres eram proprietários de casas e tinham mais chances de viver com um(a) parceiro(a). Duas a cada dez mulheres idosas viviam sozinhas sem parceiro(a) ou família (PÉREZ ORTIZ, 2002a). Em ambos os casos à medida que a idade aumenta diminui a porcentagem da propriedade de casas e aumenta a chance de viver sozinho (sem companheiro(a) ou só com os filhos).

De acordo com dados do INE (2001) aproximadamente um milhão de pessoas idosas viviam sozinhas na Espanha, que equivale a 16% do total de idosos espanhóis. Essa cifra muda em função do gênero já que, como vimos na tabela 10, mais que o dobro do número de mulheres (19,6%) tinha mais chance de viver só do que os homens (6,9%).

Abellán (2002b) argumenta que outro aspecto importante para analisar a vida familiar dos idosos, além dos arranjos familiares, é a relação destes com os filhos. Como resultado da crescente queda na taxa de fecundidade, que apresentamos no tópico anterior, já é de se esperar que o tamanho das famílias espanholas esteja diminuindo e o comportamento e o papel dela também esteja mudando. Conforme o autor, atualmente quinze de cada 100 idosos não têm filhos. A média dos que têm é de três filhos. Aproximadamente 90% dos idosos espanhóis dizem ver seus filhos com certa frequência, ainda que eles residam em cidades diferentes. Como podemos comprovar na supracitada tabela a forma de convivência mais comum dos idosos não é residir na mesma casa com os filhos.

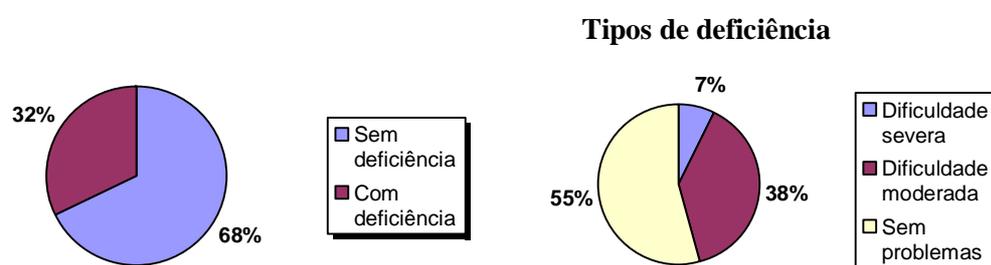
O cuidado com as pessoas idosas na Espanha é ainda, em geral, um encargo da família. É possível que essa situação mude nas próximas décadas já que estas tendem a se reduzir cada vez mais. Muito embora o Governo Espanhol, prevendo essa defasagem, tenha se empenhado na criação de leis (como é o caso da *Ley de Dependencia*), as quais contam com dispositivos para tentar garantir o amparo familiar às pessoas com dependências e aos idosos que necessitem. Mesmo que o cenário tenda a se modificar, a maior parte dos cuidadores (93,7%) dos idosos ainda é um familiar. Na verdade, o cuidador é geralmente uma mulher da família que tem entre 45 e 64 anos de idade, não tem atividade laboral e possui baixo nível de instrução (PÉREZ ORTIZ, 2002a)<sup>35</sup>.

---

<sup>35</sup> O início desse perfil dos idosos espanhóis já deixa clara a grande diferença entre homens e mulheres idosos nesse país. O número de idosas é maior do que o de homens do mesmo grupo etário e as experiências e as oportunidades de cada um são bem distintas. Por isso, destacamos um tópico especial (ver “Velhice é coisa de mulher?”), neste capítulo, para analisar um pouco mais essas diferenças e discutir sobre esse processo que os pesquisadores vêm chamando de feminilização da velhice.

O cuidado com a pessoa idosa na Espanha se tornou uma questão estratégica. Apesar da alta expectativa de vida dos idosos espanhóis, o qual, sem dúvida é um bom indicador sobre a saúde (a esperança de vida média depois dos 65 anos de idade é de 16 anos para os homens e 20 para mulheres), a necessidade de cuidados especiais e a dependência aumentam conforme a idade. De acordo com a *Encuesta Nacional de Salud* (1997), 60% dos espanhóis com 65 anos ou mais de idade afirmavam ter alguma doença crônica diagnosticada:

**Gráfico 12 - Pessoas de 65 anos ou mais de idade com deficiências, Espanha, 1999**



Fonte: *Encuesta de Discapacidades, Deficiencias y Estado de Salud*, 1999

O gráfico acima - sobre as deficiências e os tipos delas - nos deixa claro que boa parte dos idosos espanhóis (32%) tem alguma deficiência. Apesar de que, desse contingente, somente 45% têm dificuldades severas ou moderadas, o qual pode implicar necessidade de cuidados especiais:

A necessidade de ajuda de uma terceira pessoa para a realização de tarefas cotidianas se situa entre 12% dos idosos (com deficiência moderada e grave) e 26% (se incluirmos a leve). As mulheres, as pessoas de mais idade e as viúvas têm um maior risco de cair em dependência. A partir dos 75 anos, quase a metade da população tem problemas para algumas atividades diárias (básicas ou instrumentais), e uma de cada cinco são graves (Trad. livre) (ABELLÁN, 2002b, p. 32).

Pérez Ortiz (2002a) afirma que a maior parte dos idosos espanhóis, três a cada quatro, espera viver na casa em que reside. Ainda que necessite de alguns cuidados especiais, a maioria dessas pessoas, oito em cada dez, espera continuar sendo tratado em sua residência. Ou seja, como comentamos, o amparo familiar é sumamente importante nesse período da vida e, na contramão dessa situação, segue o perfil que vai se desenhando

da assistência às pessoas idosas, a qual cada vez mais tende a se privatizar. Essa assistência privada aumenta sobremaneira na Espanha, ainda que os idosos sigam preferindo serem cuidados por seus familiares dentro da sua própria casa.

Outro indicador importante que queremos discutir é o nível de escolarização dos idosos espanhóis. Esse grupo etário segue em defasagem em relação a outros grupos no quesito escolaridade. Dados da *Encuesta de Población Activa* (2006), realizada pelo *Instituto Nacional de Estadística* - INE, 7,6% das pessoas idosas são analfabetas, mais de 30% não completou seus estudos primários e somente 5,6% terminou os estudos da etapa secundária<sup>36</sup>.

**Tabela 11 - População de 16 anos e mais de idade por nível de instrução alcançado, sexo e grupos de idade, Espanha, I trimestre de 2006**

	Analfabetos	Estudos primários incompletos	Estudos primários completos	Estudos secundários completos	Educação superior
<b>Ambos sexos</b>					
<b>Total</b>	<b>2,2</b>	<b>9,8</b>	<b>21,1</b>	<b>19,4</b>	<b>22,5</b>
De 16 a 24	0,4	1,2	8,6	32,6	13,4
De 25 a 34	0,5	1,7	5,7	24,8	39,8
De 35 a 44	0,7	2,4	9,3	23,6	31,2
De 45 a 54	0,9	5,1	24,5	20,3	22,0
De 55 a 64	2,3	14,0	40,2	11,2	15,2
De 65 a 69	5,2	26,0	43,2	7,8	8,9
70 ou mais	8,6	34,8	41,5	4,8	5,7
65 ou mais	7,6	32,4	41,9	5,6	6,6
<b>Mulheres</b>					
<b>Total</b>	<b>3,0</b>	<b>11,2</b>	<b>22,0</b>	<b>19,2</b>	<b>22,0</b>
De 16 a 24	0,5	1,0	7,0	35,5	16,6
De 25 a 34	0,5	1,3	4,9	25,4	44,8
De 35 a 44	0,6	2,3	8,6	23,8	32,6
De 45 a 54	1,1	5,6	25,9	20,6	19,7
De 55 a 64	3,0	16,3	42,5	10,4	10,7
De 65 a 69	7,0	27,8	44,4	6,9	5,6
70 ou mais	10,8	36,4	41,4	3,7	3,5
65 ou mais	9,8	34,2	42,2	4,5	4,1
<b>Homens</b>					
<b>Total</b>	<b>1,4</b>	<b>8,4</b>	<b>20,1</b>	<b>19,7</b>	<b>23,0</b>
De 16 a 24	0,2	1,5	10,1	29,8	10,4

<sup>36</sup> O sistema educativo na Espanha tem características diferentes do brasileiro. Contudo, podemos traçar aqui algumas aproximações para compreendermos melhor a Tabela 11. Os Estudos Primários na Espanha seriam a primeira parte do nosso Ensino Fundamental (para pessoas de seis a doze anos de idade). Já os Estudos Secundários (que compreendem pessoas de doze a dezesseis anos de idade), compostos de dois ciclos, cada um de dois anos, seria a segunda parte do nosso Ensino Fundamental. O nosso Ensino médio corresponderia no caso espanhol o *Bachillerato*, ou seja, os dois anos nos quais os estudantes se preparam para ingressar numa universidade ou se dedicam a cursos técnicos de caráter profissionalizante (MINISTERIO DE EDUCACIÓN, POLÍTICA SOCIAL Y DEPORTE, 2008. Extraído de <http://www.mepsyd.es/educa/sistema-educativo/logse/siseduc.html>, em novembro de 2008).

De 25 a 34	0,6	2,1	6,5	24,3	35,2
De 35 a 44	0,9	2,6	10,0	23,4	29,9
De 45 a 54	0,7	4,5	23,0	20,0	24,3
De 55 a 64	1,5	11,6	37,8	12,0	20,1
De 65 a 69	3,0	23,9	41,8	8,9	12,9
70 ou mais	5,4	32,7	41,6	6,3	8,9
65 ou mais	4,7	30,1	41,6	7,0	10,0

Fonte: INE, *Encuesta de Población Activa*

A Tabela 11 revela o baixo nível de instrução dos idosos espanhóis em comparação com a média geral desse país. Enquanto a média total da população que concluiu um curso superior é de 22,5%, no grupo das pessoas com 65 anos ou mais de idade essa proporção cai drasticamente para 6,6%. Se analisarmos esses dados por gênero, no que toca as mulheres esse número cai ainda mais: 4,1% completaram um curso superior enquanto para os homens essa proporção é de 10%.

O quadro acima nos revela um desequilíbrio de gênero interessante e que tende a mudar. Está claro que as mulheres idosas têm menor nível de instrução do que os homens. Porém, nas outras faixas etárias, todas que vão de 16 a 54 anos de idade, acontece exatamente o oposto. As mulheres têm, em todos os recortes, maior nível de escolaridade que os homens. Esse fato, que acontece de modo muito semelhante no Brasil, é para nós uma evidência de que a terceira idade tem um perfil extremamente transitório e que em 20 ou 30 anos o cenário que apresentamos até aqui estará bastante modificado, não só por causa da diferença no comportamento social de homem e mulheres, mas, igualmente, por causa da melhoria geral das condições de vida.

Outro indicador importante que pode nos auxiliar a compreender um pouco mais o perfil dos idosos espanhóis é a questão do trabalho. A maioria das pessoas idosas na Espanha está fora do mercado de trabalho. De acordo com dados do INE (2001) somente 1,6% dos idosos continua na ativa. Na Tabela 12 percebemos que, quanto maior a idade, menor a taxa de atividade e que os homens, mais que as mulheres, estão inseridos no mercado de trabalho formal.

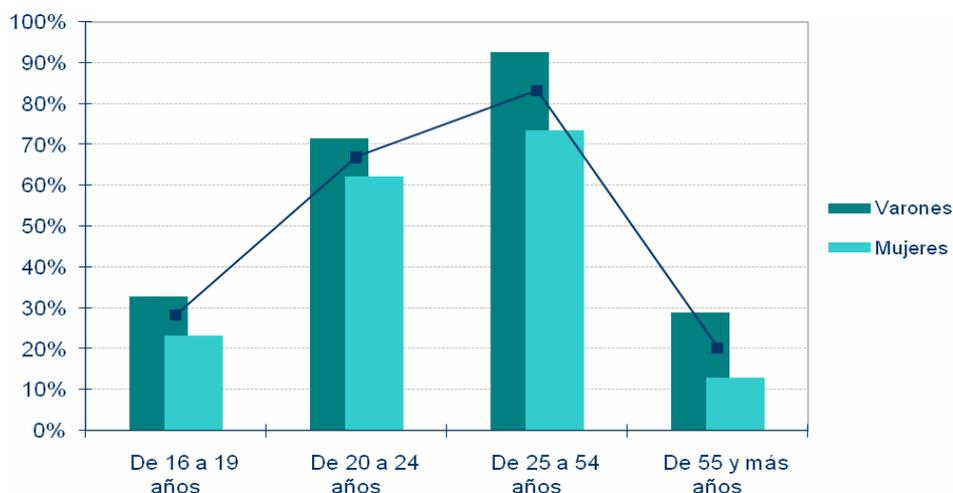
**Tabela 12- População de 65 anos e mais residente, economicamente ativa e desempregada, taxas de atividade e de desemprego total e por sexo e grupo de idade, Espanha, II trimestre de 2001**

	<b>Ambos os sexos</b>	<b>Homens</b>	<b>Mulheres</b>
<b>65 a 69 anos</b>			
População (milhares)	2.285,0	1.069,4	1.215,6
Ativos (milhares)	91,9	62,8	29,1
Desempregados	2,3	0,7	1,7
Taxa de atividade	4,0	5,9	2,4
Taxa de desemprego	2,5	1,1	5,7
<b>70 anos ou mais</b>			
População (milhares)	5.068,2	2.092,0	2.974,2
Ativos (milhares)	26,6	19,2	7,6
Desempregados	-	-	-
Taxa de atividade	0,5	0,9	0,3
Taxa de desemprego	-	-	-

Fonte: INE, 2001

Ainda que as taxas de inserção no mercado de trabalho sejam baixas, os idosos, ao contrário dos outros grupos etários, praticamente não sofrem com a questão do desemprego. Como podemos observar na tabela anterior, a taxa de atividade é quase tão baixa quanto a do desemprego. Na verdade, o que está alta é a taxa de inatividade já que 57,5% das pessoas com 65 anos ou mais de idade já estão aposentadas. Para sermos mais precisos, essa é uma situação a qual está mais relacionada aos homens idosos, já que 94,7% deles estão aposentados. No que se refere às mulheres esse cenário se altera. Dados do INE (2001) mostram que somente 30% das mulheres idosas estão aposentadas. Boa parte das que não estão nessa situação, especialmente a partir dos 69 anos de idade, recebem benefícios não-contributivos (PÉREZ ORTIZ, 2002b).

**Gráfico 13 - Porcentagem da população ativa com 16 anos ou mais por sexo e grupo de idades, Espanha, IV trimestre 2007 (projeção)**



Fonte: INE, Encuesta de Población Activa, 2005

Como podemos ver no Gráfico13 a maior parte da população ativa espanhola tem entre 25 e 54 anos de idade, a partir dessa faixa há uma queda grande no número de trabalhadores ativos. Segundo Pérez Ortiz (2002b), a população da faixa-etária de 25 a 54 anos de idade (ou seja, a que está mais inserida no mercado de trabalho formal) tende a diminuir e o grupo dos maiores de 55 anos tende a aumentar. De acordo com a autora, a consequência disso é que, no ano de 2020, a Espanha terá menos pessoas em idade de trabalhar do que as que estarão em idade de se aposentar.

No entanto, não há ainda como prever o comportamento dos espanhóis sobre o momento da aposentadoria. O Governo Espanhol tem se empenhado em tentar estimular os trabalhadores para adiar essa decisão. Contudo, os comportamentos são variáveis e dependem da situação financeira de cada idoso (IMSERSO, 2006).

Como podemos deduzir, ainda com base nos dados da tabela sobre taxa de atividade, se a grande maioria dos idosos espanhóis não está mais na ativa, implica dizer que a principal renda da maioria deles vem dos benefícios que recebem da seguridade social – seja aposentadoria ou outro tipo de benefício.

Conforme podemos comprovar na tabela abaixo, as residências chefiadas por idosos são, em geral, as que têm ingressos anuais menores. A maioria delas (33,3%) tem um ingresso equivalente a até 9.000 euros ao ano e quase 40% delas tem uma renda anual de 9000 a 19000 mil euros:

**Tabela 13 – Total de lares e percentuais de lares em faixas de renda familiar anual por idade e sexo da pessoa de referência, Espanha, 2005**

Sexo e idade	Total de Lares (x1000)	Até 9000 euros	De 9000 a 14000 euros	De 14000 a 19000 euros	De 19000 a 25000 euros	De 25000 a 35000 euros	Mais de 35000 euros	Não consta
<b>Ambos sexos</b>								
De 16 a 29 anos	767,5	15,3	14,8	21,7	18,3	23,7	6,2	
De 30 a 44 anos	4.855,70	7,9	12,2	17,3	19	23,7	19,5	0,4
De 45 a 64 anos	5.561,80	9,8	10,2	13,4	15,8	22	28,1	0,7
65 anos ou mais	4.419,30	33,3	22,9	15,6	11,6	9,1	7	0,5
<b>Total</b>	15.604,30	16,1	14,7	15,7	15,7	19	18,4	0,5
<b>Homens</b>								
De 16 a 29 anos	437,3	14,6	18,5	17,1	17,8	26,8	5,2	
De 30 a 44 anos	3.425,40	7,5	11,5	17,3	19,1	24	20,1	0,5
De 45 a 64 anos	4.005,10	7,7	9,2	12,7	15,9	22,4	31,3	0,7
65 anos ou mais	2.423,70	22,6	25	18,9	13,9	10,1	9	0,6
<b>Total</b>	10.291,40	11,5	14,1	15,9	16,6	20,2	21,2	0,6
<b>Mulheres</b>								
De 16 a 29 anos	330,3	16,2	10	27,9	18,9	19,5	7,5	
De 30 a 44 anos	1.430,20	8,7	14	17,5	18,7	23,1	18	0,1
De 45 a 64 anos	1.556,70	15	12,8	15,1	15,6	20,8	20	0,8
65 anos ou mais	1.995,60	46,4	20,3	11,7	8,8	7,8	4,6	0,2
<b>Total</b>	5.312,80	25,2	15,8	15,3	14,1	16,4	12,9	0,3

Fonte: INE, *Encuesta de Condiciones de Vida*, 2006

Se comparado a outros grupos etários, as residências chefiadas por idosos são as que têm as menores rendas anuais. Já as casas chefiadas pelo grupo de 30 a 64 anos de idade, os quais a maioria permanece ativa no mercado de trabalho, são as que possuem o melhor orçamento. Como evidência, na tabela 13 podemos observar que enquanto a maioria dos lares, chefiados por pessoas entre 30 e 64 anos de idade, tem um ingresso anual de 35 mil euros ou mais, a maioria das casas chefiadas por idosos não tem metade desse orçamento.

Analisando por gênero a tabela acima, podemos perceber que quando se trata de mulheres idosas encabeçando residências, o desequilíbrio entre os outros grupos etários ainda é maior do que em relação aos homens idosos. Quase 47% dos lares chefiados por mulheres têm um ingresso anual que não ultrapassa 9.000 euros. Esse desequilíbrio se estende também para os outros grupos etários femininos que, em geral, chefiam residências com ingressos anuais mais baixos que os homens.

Os idosos, de uma maneira geral, formam o grupo etário mais vulnerável ao risco da pobreza na Espanha. Como podemos ver na tabela abaixo, aproximadamente 30% deles está exposto a esse risco:

**Tabela 14 - Taxa de risco de pobreza depois da transferência, Espanha, 2006 (porcentagem)<sup>37</sup>**

	<b>Taxa de risco de pobreza depois das transferências</b>
<b>Ambos sexos</b>	
<b>Total</b>	19,9
<b>Menos de 16</b>	23,8
<b>De 16 a 24</b>	19,4
<b>De 25 a 49</b>	15,5
<b>De 50 a 64</b>	16,4
<b>65 ou mais</b>	30,6
<b>Homens</b>	
<b>Total</b>	18,5
<b>Menos de 16</b>	23,6
<b>De 16 a 24</b>	17,7
<b>De 25 a 49</b>	14,7
<b>De 50 a 64</b>	15,4
<b>65 anos ou mais</b>	28
<b>Mulheres</b>	
<b>Total</b>	21,2
<b>Menos de 16</b>	24,1
<b>De 16 a 24</b>	21,2
<b>De 25 a 49</b>	16,3
<b>De 50 a 64</b>	17,4
<b>65 ou mais</b>	32,6

Fonte: INE, *Encuesta de Condiciones de Vida*, 2006

As mulheres idosas (32,6%), e de todos os outros grupos etários, estão mais propensas ao risco da pobreza do que os homens. O grupo etário que está na ativa no mercado de trabalho é o que tem menos risco de pobreza.

Depois de traçarmos brevemente o perfil dos idosos na Espanha acreditamos que vale a pena destacar um aspecto dele e nos aprofundarmos um pouco mais: o da feminilização da velhice espanhola.

#### **4.3 – VELHICE É COISA DE MULHER?**

Começamos esse tópico com um título provocador: velhice é coisa de mulher? Voltamos mais uma vez ao tema da feminilização da terceira idade. Não por capricho, por

<sup>37</sup> As transferências na Espanha são transferências sociais como bonificações, benefícios, dedução de impostos e transferências em espécie. De acordo com o Imsero (2006), na ausência delas o risco de pobreza aumentaria 26% em todos os grupos etários da União Europeia.

empatia ou por desejo de ver espelhado no capítulo sobre a Espanha o mesmo esquema que fizemos para construir o capítulo sobre o Brasil, mas por uma demanda legítima e importante que se impôs à época da análise do perfil dos idosos espanhóis.

A velhice, sem dúvida, não é coisa somente de mulher. Os homens também envelhecem, contudo, em geral, as mulheres sobrevivem mais e até idades mais altas. Esse fato, seguramente, dá contornos específicos à terceira idade tanto espanhola, quanto brasileira, considerando que há número maior de mulheres maduras e em idades avançadas nessas sociedades e que elas representam a maior parte do grupo de idosos desses dois países.

Elas são muitas e cada vez vivem mais. Na Espanha, assim como no Brasil, há uma diferença significativa entre o número de mulheres e de homens. Apesar de que é preciso apresentar um fato importante: nascem menos mulheres do que homens na Espanha. De acordo com Abellán (2002a) para cada 106 meninos nascem 100 meninas, quase um equilíbrio que se acaba a partir da faixa etária dos 40 anos de idade. Atualmente, nesse país existem aproximadamente quatro milhões de mulheres com 65 anos ou mais de idade e três milhões de homens desse mesmo grupo etário. Isso implica dizer que há um milhão a mais de mulheres do que homens idosos (IMSERSO, 2006). Ou mais precisamente, 57% das pessoas idosas na Espanha são mulheres.

Esse é um fenômeno que viemos destacando ao longo dessa tese de doutorado porque o consideramos sumamente importante para conhecer o perfil dos idosos nos dois países de análise. Aliás, não seria lógico deixar de revelar esse aspecto ao traçar o perfil das pessoas idosas no Brasil e na Espanha. Na realidade, se trata de uma tendência mundial: há mais mulheres maduras do que homens. Como defendemos no capítulo anterior, a velhice não é uma experiência homogeneizante e, portanto, esse desequilíbrio no número de homens e mulheres dá contornos especiais à terceira idade.

As mulheres idosas espanholas estão em maior número e a diferença cresce na medida em que se aumenta o recorte etário. Aos 65 anos são 100 mulheres para cada 90 homens. Aos 85 anos essa proporção aumenta para 234 mulheres para cada 100 homens (IMSERSO, 2006). Conforme Pérez Díaz (2003b) apesar de nascerem mais homens que mulheres, estes, em geral, vivem menos.

Desde que o envelhecimento espanhol se tornou mais intenso, fato que pontuamos no tópico anterior, quando nas primeiras décadas do século passado, a diferença no número de

homens e mulheres já era clara. Como evidência, basta observar todas as pirâmides etárias que apresentamos anteriormente. O lado das pirâmides que corresponde à proporção de mulheres se manteve sempre mais largo, desde o ano 1900. Essa diferença foi se acentuando, se considerarmos que, além das duas guerras mundiais, a Espanha também passou por uma guerra civil na década de 30 (1936 a 1939) e, certamente, as baixas masculinas foram muitas.

Na tabela 9 – “Esperança de vida ao nascer 1900-2030” – que apresentamos no tópico anterior, apresentamos as expectativas de vida população espanhola e, também, as separamos por gênero. Aproveitamos essa tabela para completá-la agora e calcular a diferença, nesse mesmo período, do número de anos que as mulheres vivem a mais do que os homens:

**Tabela 15 - Diferença dos anos a mais na expectativa de vida feminina, Espanha, 1900 a 2030**

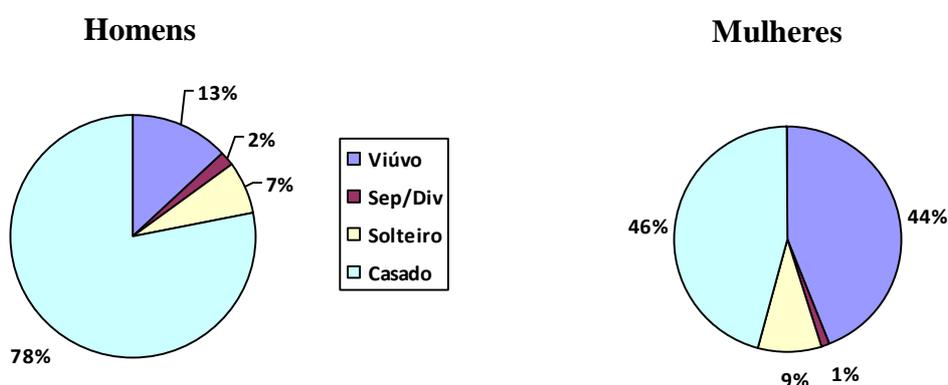
<b>Ano</b>	<b>Diferença de anos entre a expectativa de vida masculina e feminina</b>
<b>1900</b>	1,8
<b>1940</b>	6,1
<b>1950</b>	4,5
<b>1970</b>	5,5
<b>2002</b>	6,6
<b>2010</b>	6,5
<b>2020</b>	6,2
<b>2030</b>	6,0

Fonte: INE, 2006

Como nos referimos anteriormente, a expectativa de vida das mulheres desde o início do século passado sempre foi maior que a dos homens. Além disso, a diferença no número de anos a mais das mulheres, como podemos comprovar na tabela acima, foi aumentando. No ano de 1900, a diferença era tímida. As mulheres viviam em média menos de dois anos a mais que os homens. Na década de 40, percebemos que a diferença aumenta muito, especialmente, em função das baixas masculinas durante a Guerra Civil Espanhola. Nos outros anos essa diferença se manteve e a perspectiva é que para as próximas duas décadas o número de anos a mais que as mulheres idosas podem viver em relação aos homens continue mais alto.

Como óbvia consequência dessa diferença no número de homens e mulheres, 44,2% delas são viúvas, enquanto 78,6% dos homens idosos estão casados. Conforme dados do Imsero 2006, as mulheres desse grupo etário têm menos chance de viver em família que os homens. Aos 80 anos de idade mais de 71% das mulheres espanholas são viúvas, enquanto, nessa mesma faixa etária, 64,2% dos homens permanecem casados. Oito de cada dez idosos espanhóis que vivem sozinhos são mulheres:

**Gráfico 14 - Estado civil da população idosa por sexo, Espanha, 2001 (porcentagem)**



Fonte: INE: *Censo de población y viviendas*, 2001

Como podemos ver no Gráfico 14, aproximadamente 46% das mulheres com 65 anos ou mais de idade são casadas. Um número quase 30% mais baixo do que o dos homens idosos casados. A proporção de pessoas casadas tende a diminuir com a idade, ao passo que a de viúvas tende a aumentar. Ainda segundo dados do Imsero (2006), a cada quatro mulheres de 65 anos uma é viúva. Aos 80, essa proporção é de duas viúvas para cada três.

Além disso, os homens espanhóis desse grupo etário têm mais chance de contrair segundo matrimônio do que as mulheres desse mesmo grupo. Metade dos viúvos com mais de 60 anos de idade se casa novamente, enquanto para as mulheres, dessa faixa etária, essa proporção é de uma para cada quatro (ABELLÁN, 2002a).

O Imsero (2006) na apresentação da pesquisa “*Los mayores en España*” coloca que as mulheres idosas nesse país estão mais expostas ao risco da solidão: “(...) A solidão a estas idades se produz por um processo familiar e demográfico (ninho vazio, viuvez), é uma alternativa não buscada, não voluntária, ao contrário do que acontece nos lares unipessoais de outros grupos de idade” (IMSERO, 2006, p. 48). Aqui fica clara a imagem

negativa da solidão da mulher idosa. Vítima de uma série de fatalidades que culminam numa existência solitária. Não obstante, é preciso ponderar com os mesmos argumentos que utilizamos para falar sobre as mulheres da terceira idade brasileira, a Espanha é um estado de bem-estar e nesse sentido ampara a terceira idade, ainda que as mulheres não tenham participado do mercado de trabalho ao longo da sua vida e contribuído para o sistema de seguridade social, elas podem receber benéficos não-contributivos<sup>38</sup>. As mulheres idosas, quando à época da aposentadoria ou de receber algum outro benefício, também passam a contar com uma remuneração fixa e, sem dúvida, entre outras razões, não dá para acreditar que esse quadro seja de tanta tristeza e abandono:

Por outro lado, a imagem de solidão e abandono que se costuma extrair das estatísticas sobre o estado civil e a estrutura dos lugares é parcial. Tais dados nos falam unicamente dos que convivem abaixo de um mesmo teto, e nada nos dizem sobre as reais relações entre familiares. É precisamente no âmbito de convivência familiar onde mais se faz necessário revisar os tópicos sobre a situação dos homens e mulheres (Trad. livre) (PÉREZ DÍAZ, 2003b, p. 108).

Como Pérez Díaz (2003b) argumenta, o fato de viver num lar unipessoal não está diretamente ligado às imagens negativas que se costuma criar das mulheres idosas. A velhice tem mudado. Especialmente, nas últimas décadas os câmbios vividos pelos avanços da medicina, pelo intenso processo de industrialização, pelo ingresso feminino massivo no mundo de trabalho, pela própria queda nas taxas de fecundidade, que não destina mais a mulher o único papel de cuidar dos filhos e da família, confere outra experiência ao envelhecimento. Morar sozinha pode ser mais do que o resultado de um fatídico e triste destino, pode ser um ganho de autonomia e liberdade.

As mulheres da atual terceira idade espanhola têm, em geral, menos instrução, participam menos do mercado de trabalho e têm menos poder aquisitivo que os homens, como apresentamos anteriormente. Nada obstante, na terceira idade essa desigualdade entre as oportunidades que perdurou ao longo da vida das mulheres é diminuída pela aposentadoria, por exemplo. Pérez Díaz (2003b) defende que essas desvantagens experimentadas pelas mulheres, agora, à época da terceira idade, mudam significativamente. Na verdade, as posições se invertem. Conforme o autor, o homem

---

<sup>38</sup> O mesmo caso do Brasil, que ainda que não seja um estado de bem-estar, como a Espanha, ampara os idosos que não ingressaram no mercado de trabalho formal ao longo da sua vida ativa, como as mulheres e trabalhadores rurais, com a concessão de benefícios não-contributivos. Como argumentamos no capítulo anterior, esse fato tem mudado sensivelmente a terceira idade brasileira.

espanhol ingressa nessa etapa da vida com menos conhecimentos e flexibilidade para vivê-la.

Como já comentamos, a mulher espanhola tomou para si um papel estratégico: a de cuidadora de idosos. São, em geral, as mulheres maduras que cuidam de outros adultos maduros que necessitam de ajuda especial. Num país no qual a questão do cuidado e atenção aos idosos tem se tornado um problema crucial, essa função passa a ter um caráter especial e estratégico, já que a assistência privada sai muito onerosa tanto para as famílias, quanto para o Estado.

Terminamos esse tópico afirmando que os dados desse perfil são extremamente transitórios. As mulheres que se tornarão idosas na Espanha em um prazo de 20 ou 30 anos terão, indubitavelmente, outro perfil. Tanto do ponto de vista financeiro, quanto educacional, por exemplo, a realidade será outra. Os câmbios culturais e nos papéis de gênero moldam a experiência da velhice. Além disso, a tendência, de acordo com dados do Imsero (2006), é que a diferença na esperança de vida de homens e mulheres diminua. Ou seja, assim como colocamos em relação ao Brasil, temos também aqui um quadro passageiro porque as crescentes melhoras nas condições de vida e as mudanças no comportamento social impactam fortemente na qualidade da vida madura e nos anos a mais que se pode viver.

#### **4.3 – POLÍTICAS PÚBLICAS DE PROTEÇÃO À TERCEIRA IDADE**

No intuito de compreendermos um pouco mais o nosso fenômeno social na Espanha, passamos agora ao exame de quais são as políticas públicas de atenção à pessoa idosa. Tratar sobre esse tema na Espanha nos traz desafios especiais, isso porque esse país é composto por Comunidades Autônomas que, em geral, tem mais poder e autonomia dos que os estados brasileiros, por exemplo. Essas Comunidades podem, inclusive, criar legislação própria que respeitem e estejam de acordo com as idiossincrasias de cada região.

Contudo, é evidente que o Estado espanhol tem uma legislação geral que se aplica ao país inteiro, como é o caso da sua Carta Magna. No caso dos idosos, encontramos essa legislação exatamente no texto da Constituição espanhola, promulgada em 1978, que reserva um artigo especial dedicado aos direitos desse grupo etário:

Art. 50 - Os poderes públicos garantirão, por meio de benefícios adequados e periodicamente atualizados, a suficiência econômica aos cidadãos da terceira idade. Assim mesmo, e com independência das obrigações familiares, promoverão seu bem-estar mediante um sistema de serviços sociais que atenderão seus problemas específicos de saúde, moradia, cultura e lazer (Trad. livre) (ESPAÑA, 1978).

Essa Constituição foi aprovada depois de quase quatro décadas de ditadura militar na Espanha<sup>39</sup>. Além de dar atenção aos direitos da pessoa idosa, também garantiu a autonomia das 17 Comunidades Autônomas que formam o Estado espanhol, as quais haviam perdido esse direito ao longo do período franquista. Essas Comunidades ao retomarem seus estatutos de autonomia passaram a assumir competências em diversas matérias, podendo a partir de então criar novos direitos e novas leis que complementem o texto da Constituição (PANEQUE SOSA, 2007).

O supracitado artigo da Constituição é bastante amplo e garante basicamente dois tipos de direitos: à suficiência econômica, por meios dos benefícios, e o direito ao acesso aos serviços sociais sem discriminação. Assim colocado, conforme Paneque Sosa (2007) uma série de outras leis foram sendo aprovadas, tanto em nível de Estado quanto em nível das Comunidades Autônomas, no sentido de garantir os direitos das pessoas idosas no país, ainda que muitas dessas leis não fossem exclusivas para esse grupo etário.

Certamente, seria improdutivo e exaustivo falar sobre as políticas públicas de proteção aos idosos de cada uma das 17 Comunidades Autônomas espanholas. Porém, convém fazer um resumo. Em linhas gerais, Paneque Sosa (2007) defende que essas políticas seguem três blocos distintos de direitos:

(...) os que correspondem a toda pessoa idosa que resida em uma Comunidade Autônoma, os que correspondem às pessoas idosas que sejam usuárias dos serviços sociais de uma Comunidade Autônoma e, finalmente, os direitos que correspondem aos idosos que sejam usuários dos centros residenciais destinados a esse coletivo (Trad. livre) (PANEQUE SOSA, 2007, p. 36).

Ou seja, em respeito ao texto da Constituição, as Comunidades garantem os direitos aos serviços sociais e, claro, à suficiência econômica. Contudo, queremos chamar atenção

---

<sup>39</sup> A ditadura militar na Espanha começou durante a Guerra Civil, em 1936, e perdurou até o ano de 1975. Esse movimento, conhecido como franquismo, foi liderado pelo General Franco e foi marcado por forte repressão política aos seus opositores e censura aos meios de comunicação. Além disso, as Comunidades Autônomas espanholas perderam a sua autonomia. Na Catalunha, uma das Comunidades Autônomas espanholas, durante a ditadura militar, por exemplo, foi proibido o ensino do Catalão, língua oficial da região. A autonomia das Comunidades Autônomas foi restaurada com a Constituição de 1978.

a um direito que tem sido pauta de grandes discussões tanto na Espanha, quanto na Europa de maneira geral, e que motivou a aprovação de uma lei específica: a questão das vagas nos centros de residência para idosos. Esse tema é relativo à questão da dependência e das necessidades especiais que as pessoas dependentes demandam.

A questão da dependência na Espanha tem a cada dia se tornando uma pauta mais urgente. Como colocamos no tópico anterior, 32% dos espanhóis tem algum tipo de deficiência, que pode lhe causar dependência. “A dependência ao envelhecer se define em função das limitações que aparecem a partir dos 65 anos e que originam *déficits* que limitam o papel normal (em função da idade, sexo, fatores sociais e culturais) da pessoa” (Trad. livre) (RODRÍGUEZ ÁVILA, 2008, p. 2). A luta pela vagas nos centros residências e por serviços sociais específicos, pelas pessoas com deficiência, se intensificou com a explosão do envelhecimento demográfico espanhol.

Em resposta à questão da dependência e da necessidade de ajuda estatal para regular e ampliar as residências públicas e privadas e os serviços sociais para as pessoas com dependência, foi aprovada a *Ley de Dependencia*<sup>40</sup>, no ano de 2006. Essa Lei não é específica para atender aos direitos dos idosos, contudo, toca numa questão que acomete mais à população idosa do que qualquer outro grupo etário.

---

<sup>40</sup> Essa lei dispõe sobre os serviços sociais que as pessoas com dependência e suas famílias podem ter acesso. Entre estes podemos citar: prestações econômicas (para a pessoa com dependência ou para seu cuidador), serviços de prevenção à dependência, de ajuda em domicílio, de vagas em residências para idosos entre outros (ESPANHA, 2006).

**Tabela 16 - Pessoas com deficiências segundo grupos de idade e sexo, Espanha, 1999**

	<b>Total</b> Cifras absolutas	<b>Total</b> Cifras relativas	<b>Homens</b>	<b>Mulheres</b>
<b>Total</b>	<b>3.528.221</b>	<b>100,00</b>	<b>1.472.970</b>	<b>2.055.251</b>
Menos de 6 anos	49.577	1,41	24.723	24.853
De 6 a 15 anos	68.284	1,94	36.060	32.224
6 a 9 anos	29.782	0,84	15.363	14.420
10 a 15 anos	38.502	1,09	20.697	17.804
De 16 a 44 anos	519.495	14,72	298.726	220.769
16 a 19 anos	44.290	1,26	28.058	16.232
20 a 24 anos	59.048	1,67	36.385	22.663
25 a 29 anos	78.275	2,22	48.578	29.697
30 a 34 anos	107.631	3,05	64.514	43.117
35 a 39 anos	115.171	3,26	60.029	55.142
40 a 44 anos	115.080	3,26	61.162	53.918
De 45 a 64 anos	818.213	23,19	379.652	438.561
45 a 49 anos	135.075	3,83	66.311	68.764
50 a 54 anos	170.834	4,84	74.872	95.962
55 a 59 anos	210.962	5,98	96.639	114.323
60 a 64 anos	301.342	8,54	141.830	159.512
De 65 anos ou mais	2.072.652	58,74	733.809	1.338.843
65 a 69 anos	386.338	10,95	161.083	225.255
70 a 74 anos	457.269	12,96	168.643	288.626
75 a 79 anos	476.926	13,52	172.670	304.256
80 a 84 anos	370.701	10,51	120.382	250.319
85 anos ou mais	381.418	10,81	111.031	270.388

Fonte: INE: *Encuesta sobre discapacidades, deficiencias y Estado de Salud*

Como podemos comprovar na tabela acima, que apresenta os números de pessoas com deficiência, o grupo etário que mais é acometido por esse problema é exatamente o que tem 65 anos ou mais de idade (58,74%). De acordo com os dados da *Encuesta sobre discapacidades, deficiencias y estado de salud* (1999), 9% da população espanhola tem alguma deficiência e mais da metade desse contingente é de pessoas idosas. Se observarmos por gênero, as mulheres idosas correm mais o risco de serem dependentes do que os homens.

Portanto, o grupo etário de 65 anos ou mais de idade é o coletivo mais vulnerável na Espanha no que se refere à dependência. É nesse contexto que se deve compreender como a discussão política e social sobre a dependência interessa especialmente mais aos idosos do que qualquer outro grupo. A *Ley de dependencia*, nesse sentido, ainda que não seja exclusiva para os idosos, faz parte dos ganhos políticos que os grupos que lutam a favor dos direitos das pessoas com 65 anos ou mais de idade.

#### 4.4 – QUEM TEM MEDO DOS CABELOS BRANCOS?

O protagonismo idoso na Europa é, sem dúvida, um movimento mais forte e mais antigo do que, de maneira geral, vemos na América Latina e no Brasil. De fato, seguindo os passos dos Estados Unidos, onde os movimentos e associações de aposentados já têm uma longa e intensa história de lutas e conquistas, na Europa Ocidental o envelhecimento demográfico, que acontece a muito mais tempo do que na América Latina, por exemplo, aumentou significativamente o número de idosos e estes, por sua vez, aumentaram seu peso político e entraram num processo de empoderamento nesses países.

O amadurecimento das massas, como viemos defendendo, não diz respeito somente ao aumento do número de idosos. Na verdade, as mudanças sociais, culturais e políticas, são difíceis de serem previstas posto que é a primeira vez na história da humanidade que teremos tantos adultos maduros. Além disso, é também inédito o fato desse coletivo vir mudando tanto o seu perfil e conquistando ganhos claros nos quesitos educação e renda, por exemplo. Como conseqüência, os idosos, historicamente sujeitos sem voz, passam a se fortalecer e aumentar seus mecanismos de representação. Esse fenômeno na Europa é conhecido como o “*poder gris*”, o que numa tradução literal para o português seria “poder cinza”:

O *poder gris* se percebe, essencialmente, como força política nas fases mais visíveis dos lugares de encontros democráticos que são as eleições ou os debates sobre as reformas da política social. A atenção se concentra, então, no poder eleitoral dos aposentados e na sua instrumentalização para a manutenção dos direitos adquiridos e uma melhor integração das necessidades vinculadas à idade nas políticas públicas (Trad. livre) (DURANDAL, 2002, p. 16).

Nesse contexto, Durandal (2002) argumenta que as associações de aposentados se tornaram a parte mais forte do movimento associativista idoso na Europa. As tensões em torno do sistema de seguridade e previdência social transformaram, conforme o autor, esses movimentos em grupos de pressão que ganharam peso político e social, além de, grande espaço nos meios de comunicação de massa. Esses grupos de idosos se organizaram no continente Europeu, especialmente a partir da década de 80, e adotaram formas comunitárias diversas, como: partidos políticos, associações e movimentos sociais.

Para Gil Calvo (2003), o poder gris é a maneira dos idosos mostrarem que não se resignam mais e nem se calam no epicentro da espiral do silêncio. Deixam sua

inferioridade numérica do passado e ganham em volume quantitativo e qualitativo na disputa pelos espaços de poder.

Mas a ação dos grupos de pessoas idosas para atuar no seu entorno não se limita às atividades de pressão sobre o poder político. Uma parte das respostas também pode ser elaborada diretamente por esses próprios grupos. Mais além da auto-organização e administração dos dispositivos de ajuda e da ajuda mútua, também podem transformar suas queixas em pretensões políticas (Trad. livre) (DURANDAL, 2002, p. 19).

Ou seja, os grupos de idosos entraram para cena política e social como protagonistas lutando por uma causa complexa, a qual nem de longe se resume à luta contra o poder político, já que na pauta deles, inclusive dos movimentos dos aposentados, está igualmente a luta pelos direitos culturais desse grupo etário.

Segundo Durandal (2002), na Europa esses grupos de pessoas idosas levam suas organizações para além do âmbito estatal, as tramas dessa rede social reconfiguram a engenharia social da Europa na medida em que os grupos de idosos se organizam também ao nível da União Européia - UE. Além disso, esse autor reforça que algumas dessas organizações de idosos chegam também ao âmbito internacional mais complexo se envolvendo em projetos com a Organização das Nações Unidas.

No que concerne a Espanha, praticamente não existem trabalhos de investigação que se detenha sobre o exercício do protagonismo idoso nesse país. Em geral, os trabalhos tratam desse protagonismo ao nível da União Européia. Contudo, a Espanha, assim como os outros países da Europa Ocidental, também testemunha a emergência do poder gris.

Como evidência desse fato, podemos citar as inúmeras associações de aposentados e de idosos. Uma especial, conhecida como *Unión Democrática de Pensionistas* – UDP, a qual tem mais de 1.700 associações e mais de um milhão de pessoas associadas em toda a Espanha. A UDP deixa claro em seu estatuto que é uma: “(...) Associação de idosos ativos criada em 1977 por e para idosos, com vocação de ajudar a este coletivo a resolver seus problemas e lutar por seus interesses (UDP, 2008).

A aprovação da *Ley de Dependencia* foi, como colocamos anteriormente, em grande parte esforço dos grupos de idosos espanhóis e outros que apóiam a causa deles na defesa dos interesses desse coletivo. Como colocamos, a dependência passou a entrar na pauta dessas organizações e do Governo Espanhol como um dos temas principais, posto que ela

aumenta à medida que cresce o número de idosos e as políticas de proteção às pessoas com dependência beneficiam diretamente ao grupo das pessoas com 65 anos ou mais de idade.

A despeito do movimento dos idosos ter ganhado força na Europa, a situação na Espanha não é a mesma. Sem dúvida, o que colocamos até aqui revela que a luta pelos direitos da terceira idade tem surtido efeito, contudo o movimento ainda é incipiente. Como uma evidência desse fato, apontamos a falta de bibliografia na área. Na verdade, apesar de escassas, há publicações espanholas importantes sobre o *poder gris*, porém se debate o conceito, mas não se reflete sobre o associativismo idoso no país. Feito que realizamos, ainda que sob condições limitadas, sobre o Brasil, no capítulo anterior.

Como prova, há duas publicações importantes chamadas de *¿El poder gris?* (tomo I e II), editada pelo IMSERSO, que discutem e apresentam casos da força política dos idosos em diversos países da Europa e das Américas. Apesar das obras serem européias, e terem sido traduzidas para o espanhol, não há estudos de caso sobre a Espanha.

Outra pista fundamental que encontramos foi um estudo dos pesquisadores Sousa, Marinho e Rodríguez Ávila (2008) sobre o periódico *El País* – atualmente o jornal impresso como maior tiragem na Espanha. Essa pesquisa analisou três anos – 2005, 2006 e 2007 – de todo o material jornalístico do periódico, especificamente os meses de janeiro e julho, que tratasse de idosos e terceira idade. O objetivo do trabalho era tentar identificar quais eram os interlocutores privilegiados desse jornal quando o tema é terceira idade. Ou seja, quem os jornalistas reconheciam como fonte importante quando se referiam a esse assunto.

As conclusões da pesquisa nos trazem informações importantes. Das mais de 200 matérias analisadas, menos de 10% traziam entrevistas com idosos, a qual não nos deixa dúvida de que para o jornal, mesmo que o tema seja idoso, ele não é um interlocutor privilegiado. Em segundo lugar, menos de 5% desse material trazia entrevistas ou faziam menção às associações de idosos e/ou aposentados (seja programas de terceira idade e/ou movimento de aposentados), o qual revela que, ou essas instituições não pautavam o jornal ou, em caso extremo, eram boicotadas por ele.

Em todo caso, o que queremos afirmar é que esse protagonismo idoso e essas representações da terceira idade na Espanha acontecem de maneira muito diferente do Brasil. Muito mais tímida, talvez até menos organizada. O associativismo idoso na Espanha demonstra que o rápido envelhecimento demográfico do país não foi

acompanhado com a mesma rapidez pelas instituições de defesa dos direitos da pessoa idosa.

Encerramos esse capítulo acreditando que construímos um panorama geral do envelhecimento demográfico espanhol, do perfil dos idosos nesse país e da possibilidade do exercício do protagonismo que esse grupo etário pode lançar mão.

Assim colocado, cremos que completamos o nosso percurso teórico e contextual sobre o amadurecimento das massas. Portanto, cabe agora nos debruçar sobre a nossa segunda palavra-chave: a Internet.

# PARTE III – INTERNET

## Capítulo V

### “DESVENDANDO” A REDE

Se os homens sempre sonharam, como colocamos na primeira parte desta tese, em viver mais e até, quem sabe, viver para sempre, não é menos verdade que eles também acalentaram a fantasia de viver num mundo todo conectado, no qual todos falassem a mesma língua, a natureza se rendesse a genialidade e ao poder humano e as distâncias geográficas não representassem mais os problemas de outrora. Um paraíso na terra, um sonho iluminista, provido pelas mais altas tecnologias.

As histórias fantásticas dos filmes de ficção já não nos soam tão impossíveis. Essas narrativas trazem a evidência das aspirações humanas em sobrepujar suas próprias capacidades, em realizar mais do que seria humano fazê-lo, ou seja, em dominar a natureza, inclusive a própria débil e limitada natureza humana, com o auxílio de artefatos tecnológicos. As profecias dos visionários, que foram rotulados de loucos, estão se concretizando diante dos nossos olhos. O sonho iluminista da tecnologia a “serviço” do homem, facilitando sobremaneira o seu dia-a-dia, parece estar se tornando realidade.

Um dos mais importantes profetas das tecnologias, o pesquisador canadense Marshall McLuhan (1964) afirmou, na década de 60, que os meios de comunicação eletrônicos transformariam o mundo numa “Aldeia Global”, no qual as fronteiras seriam obliteradas, o mundo inteiro estaria interligado e viveríamos como uma grande aldeia. Na década de 60 essas assertivas de McLuhan pareciam alucinações de um teórico excêntrico. Hoje a obra do “visionário” da Aldeia Global é resgatada, relida e analisada com acuidade para se compreender melhor o impacto dos meios de comunicação em nossas sociedades.

O nosso *frankenstein* foi mais longe do que muitos de nós imaginávamos. Em um século de Revolução Científico-Tecnológica<sup>41</sup> o mundo, certamente, já não é mais o mesmo. Nenhum século, como século XX, presenciou mudanças tão profundas do ponto de vista qualitativo e quantitativo, que alteraram definitivamente nossa maneira de viver e

---

<sup>41</sup> Cunha (2006) coloca que o primeiro grande advento que desencadeou a dinâmica expansionista foi a Revolução Industrial, em fins do século XVIII. Contudo, a autora coloca que muito mais complexo e intenso do que ela, foi a Segunda Revolução Industrial, também conhecida como Revolução Científica Tecnológica, que começou em meados do século XIX.

de ver e estar no mundo. Sem dúvida, um dos grandes impulsionadores dessa transformação foram as inovações tecnológicas. “Na sociedade mecanizada são homens e mulheres que devem se adaptar ao ritmo e à aceleração das máquinas e não o contrário. A alteração no padrão do comportamento das pessoas, imposta pelas máquinas, provoca uma mudança no quadro de valores da sociedade” (CUNHA, 2006, p.260).

Essa segunda parte desta tese de doutorado é dedicada à discussão da nossa segunda palavra-chave: a Internet. Portanto, o que indubitavelmente, permeia esse momento é uma reflexão sobre a tecnologia, em especial, as tecnologias comunicacionais. A Internet, como é óbvio, é uma tecnologia, um artefato tecnológico que auxilia nossas trocas de informações, a comunicação entre diversas pessoas, além de vários outros serviços. Portanto, ela se apresenta aqui com um duplo caráter a ser analisado. Ela é uma tecnologia. Contudo, ela é uma tecnologia especial porque é comunicacional. A rede facilita a interação entre pessoas, ela cria um ambiente no qual se processa a sociabilidade. Ao contrário de outros artefatos, inclusive, de outros meios de comunicação, na Internet a própria realidade social acontece.

Portanto, para tentar compreender esse fenômeno que, de certa maneira, tem um caráter semelhante ao do envelhecimento demográfico, tendo em vista sua indiscutível natureza revolucionária, os ainda inestimáveis impactos no comportamento social e o seu pouco tempo de existência, dividiremos essa parte em dois capítulos. No primeiro capítulo destinaremos um esforço semelhante ao esforço de contextualização, o qual realizamos na parte anterior, no tocante à terceira idade. Localizaremos o nosso fenômeno no tempo e no espaço, ou seja, resgataremos o contexto histórico do seu nascimento, a sua difusão pelo mundo, quais os usos que essa tecnologia permite e, claro, os números de sua utilização no Brasil e na Espanha.

O segundo capítulo é destinado à discussão teórica. É o esforço de compreendermos a Internet a partir do suporte teórico da Sociologia da Tecnologia, em especial, da *Actor Network Theory*. Esse é o momento dedicado também a compreender como o fato da rede ser um meio de comunicação lhe dá um caráter peculiar em relação aos outros artefatos tecnológicos.

## 5.1 – COMPREENDENDO A METÁFORA

A chave está na metáfora. Desvendar a Internet passa por desvendar a metáfora. E é por ela que vamos começar a nossa argumentação sobre o que é Internet. Segundo o Dicionário Aurélio (2004), a palavra rede vem do latim *rete*, que significa “1. entrelaçamento de fios, cordas, cordéis, dramas, etc., como aberturas regulares, fixadas por malhas, formando uma espécie de tecido”. Imagine a Internet como um tecido, as linhas (nem sempre retas) que se cruzam na horizontal, vertical, perpendicular, dão origem a um todo interconectado. Talvez esse seja o modo mais simples de se explicar a Internet: uma rede de computadores, espalhados por todo o mundo, interconectados por linhas de comunicação que formam um todo descentralizado e cujo controle é imensamente difícil e tenso.

Essa é uma maneira de compreender a metáfora da rede. Nada obstante, existe mais uma forma de ver: as informações e os serviços disponíveis da Internet são também uma rede. Um sistema hipertextual que forma um todo de informações e serviços interconectados. Na World Wide Web – WWW, por exemplo, todas os sites estão interconectados, ou, nos apropriando do vocabulário da rede, “*linkados*”. Conteúdos, nem sempre confiáveis, formam uma malha de informações que não seguem uma ordem linear, nem cronológica. Ao contrário, pode ser acessada de qualquer ponto. Quem cai na rede não precisa de um mapa, nem tão pouco de um ponto de partida, bastar trilhar os caminhos que forem sendo construídos enquanto se navega.

Ainda aproveitando mais esse nosso primeiro contato com o conceito, continuaremos ainda a explorar o dicionário. Internet é, conforme o Dicionário Aurélio (2004):

1. Inform – qualquer conjunto de computadores ligados entre si por roteadores e gateways, como, p. ex. aquela de âmbito mundial, descentralizada e de acesso público, cujos principais serviços oferecidos são o correio eletrônico (q.v.), o *chat* (q.v) e a web (q.v.), e que é constituída por um conjunto de redes de computadores interconectados por roteadores que utilizam o protocolo de transmissão TCP/IP (DICIONÁRIO AURÉLIO, 2004).<sup>42</sup>

Os “fios” que formam a Internet são como infovias dessa grande cidade virtual. Cidade cheia de ruas movimentadas, que se cruzam e levam a todos os lugares. Não

---

<sup>42</sup> Na verdade, há outro serviço/ambiente da rede que consideramos igualmente um dos principais, são as listas ou fóruns de discussão. Sobre os ambientes e serviços da Internet discutiremos mais aprofundadamente nos tópicos seguintes.

circulam corpos por essa cidade, mas espectros em busca de informações, experiências, aventuras, serviços e outros.

A Internet é o meio de comunicação que permite uma interação nunca antes proporcionada por nenhum outro canal e uma multiplicidade de escolhas e oportunidades desconcertantes. Para Castells (1999), a rede mundial de computadores permite uma convergência midiática, ou seja, o concurso de todos os outros meios de comunicação de massa, como rádio, TV, jornal impresso e outros, reunidos numa única plataforma de acesso público – tanto do ponto de vista do receptor, quanto do emissor:

Uma transformação tecnológica de dimensões históricas está acontecendo 2.700 anos depois (à da escrita alfabética), ou seja, a integração de vários modos de comunicação em uma rede interativa. Ou, em outras palavras, a formação de um Supertexto e uma Metalinguagem que, pela primeira vez na história, integra no mesmo sistema as modalidades escrita, oral e audiovisual da comunicação humana (CASTELLS, 1999, p. 354).

Esse caráter da Internet, apresentado por Castells (1999), associado a essa capacidade de interatividade, nunca antes proporcionado por nenhum artefato tecnológico, muda profundamente o mundo da comunicação. É como se os outros meios migrassem para essa plataforma e formassem um todo interconectado<sup>43</sup>.

A tecnologia digital, como afirma Castells, permitiu um sistema capaz de transmitir todos os tipos de mensagens – textos, imagens, sons. “A universalidade da linguagem digital e a lógica pura do sistema de comunicação em rede criaram as condições tecnológicas para a comunicação horizontal global” (CASTELLS, 1999, p. 375). Associado a essas características, o autor ressalta outro ponto importante: a impossibilidade de controlar a rede, já que, como nos referimos anteriormente, ela não tem começo nem fim e nem pontos especiais de acesso.

Acreditamos que até aqui pudemos discutir um pouco do conceito da Internet. Entretanto, esse fenômeno é complexo e antes de nos aprofundarmos um pouco mais nas nossas bases teóricas de apoio (empresa que será realizada no próximo capítulo),

---

<sup>43</sup> E de maneira ainda um tanto irrefletida é o que fazem os veículos de comunicação: mantêm seus suportes originais e migram para a Internet. Por exemplo, uma estação de rádio continua a ser uma estação de rádio, como sua programação habitual. Contudo, replicam isso para Internet – conteúdos e serviços. A rádio brasileira CBN é um exemplo interessante. Suas notícias estão todas na sua página da rede. O conteúdo é disponibilizado para o acesso na Internet. Mas, o que é interessante mesmo é que pela rede é possível acompanhar o locutor falando de dentro das cabines de gravação. Uma experiência até 10 ou 20 anos atrás inimaginável para o rádio. A Internet impacta no *modus faciendes* dos outros veículos de comunicação que acabam migrando para esse ambiente e adaptando seus conteúdos e serviços a ele, ainda que preservem seu suporte original.

acreditamos ser fundamental uma discussão sobre a história da Internet, as características do ambiente e o acesso à rede (nos países escolhidos como objeto de investigação desta pesquisa: Brasil e Espanha). Trata-se definitivamente de uma tarefa mais técnica do que teórica que nos permitirá contextualizar um pouco mais esse fenômeno e delinear seus contornos.

## **5.2 – A HISTÓRIA DA REDE**

No início eram angústia e aflição embaladas pelo medo de uma superação tecnológica, de espionagem e, certamente, de uma derrota da grande e poderosa nação americana. Depois, em 1973, eram 25 computadores conectados. No final da década de 70, já eram 246 computadores. Os anos 80 marcaram um período de crescimento: 25 redes conectadas, algumas centenas de computadores primários e alguns milhares de usuários (CASTELLS, 1999). A década de 90 marcou a explosão! Em 1995, segundo dados do *Internet Growth Statistics* (2008), 16 milhões de pessoas no mundo estavam conectadas à Internet. No final dessa década, no ano de 1999, esse número saltou para 248 milhões. Esse olhar sobre alguns números da rede nos revela uma história de crescimento vertiginoso, tanto do ponto de vista tecnológico, quanto da quantidade de usuários. Essa equação exponencial não pára por aí. Dados da ONU (2007) estimam que no ano de 2008 o mundo já contava com aproximadamente um bilhão e meio de pessoas conectadas à rede mundial de computadores.

Antes de começar a falar especificamente do percurso histórico da Internet, é preciso localizar historicamente o surgimento de alguns artefatos tecnológicos que viabilizaram o nascimento da rede mundial de computadores. A Internet é uma tecnologia complexa que emerge a partir da convergência de várias outras, como é o caso do computador. É muito difícil dissociarmos esses dois artefatos considerando que este foi o primeiro suporte da rede. E, ainda nos dias de hoje, quando já existem outros suportes – como o celular –, é comum se apresentar a figura do computador para indicar a possibilidade de acesso à Internet.

De acordo com Marcelo (2001) a história do computador começou em 1883, com a invenção, do matemático inglês Charles Babbage, de uma máquina programável. Em 1876, temos outra invenção fundamental para a concretização da Internet: o telefone, inventado

pelo físico escocês Alexander Graham Bell, sem o qual seria inviável a conexão entre os computadores e a comunicação móbil.

Aproximadamente 40 anos depois, em 1936, surge o *Eniac*, construído pelo matemático inglês Alan Turing, considerado o primeiro computador. Esse artefato, além de grande, pesava várias toneladas: “(...) ocupava uma superfície correspondente a um andar de um grande edifício e era programado, ligando directamente os circuitos sobre uma espécie de painel inspirado, ainda, na tecnologia do telefone” (MARCELO, 2001, p. 17). Na década de 40, temos outro marco da história da computação. O invento de Turing foi aperfeiçoado pelo matemático húngaro, naturalizado americano, John Von Neumann. O pesquisador criou uma tecnologia que possibilitasse que as instruções fossem armazenadas na própria memória do computador. Isso tornou essas máquinas muito mais rápidas, já que até então as instruções eram armazenadas em cartões perfurados externos a elas. A maioria dos computadores, ainda hoje, segue o modelo de Neumann.

Apresentamos até aqui duas inovações fundamentais para o surgimento da Internet. Sem dúvida, existem outras, como telégrafo, o rádio, que também têm importantes contribuições. Contudo, não destacamos uma a uma para efeito de tornar mais sucinto e focado o nosso percurso histórico, ainda que saibamos que elencamos as tecnologias principais, mas não todas que corroboraram para a criação da rede mundial de computadores.

A Internet mudou a forma das pessoas verem o mundo, de fato, interligou nações, territórios antes distanciados, pessoas que nunca se viram, enfim, com um computador e acesso a uma rede telefônica os indivíduos estão aptos a entrar em contato com quase todas as partes do mundo. Criou-se uma nova geografia, uma geografia eletrônica, ou seja, espaços tecnológicos de vivência e sociabilidade.

Para Castells (1999), a origem da Internet é uma mistura de estratégia militar, grande cooperação científica e inovação contracultural. Portanto, a condição de nascimento da rede lhe conferiu traços que marcaram e marcam profundamente o seu uso.

A Internet surgiu, aproximadamente na década de 50, a partir de pesquisas extremamente avançadas – da Agência de Projetos de Pesquisa Avançada do Departamento de Defesa dos Estados Unidos (Darpa) –, embaladas pela ameaça russa de superação tecnológica. De acordo com Castells:

Com base na tecnologia de comunicação por comutação de pacotes, o sistema tornou a rede independente de centros de comando e controle, de modo que as unidades de mensagens encontrariam suas rotas ao longo da rede, sendo remontada com sentido coerente em qualquer ponto dela (CASTELLS, 1999, p. 375).

O embrião da Internet, a Arpanet - *Advanced Research Projects Agency Network* nasceu, no ano de 1969, durante o auge da Guerra Fria nos Estados Unidos, resultado das pesquisas para evitar bombardeios russos. A idéia era não ter todas as informações concentradas em um único computador ou em poucas máquinas. Isso porque essas informações se tornavam alvos fáceis de ataques. Era só bombardear o Pentágono, por exemplo, que o sistema de informação americano poderia ficar profundamente danificado. A Arpanet, então, era uma proposta de militares para evitar os nós de informações e promover uma redundância destas em vários computadores, evitando assim um colapso do sistema e a perda de dados. Conforme Silva (2001), a Arpanet desde o princípio já se colocava como uma rede diferenciada porque, pela primeira vez, era possível conectar órgãos do governo e centros universitários a despeito de sua localização geográfica.

O embrião da Arpanet teve origem, em 1962, a partir da publicação de uma série de artigos por um investigador do MIT, chamado Licklider, que previu uma série de computadores ligados em rede, ao qual nomeou de *Galactic Network* (MARCELO, 2001). Porém, só foi concretizada, como colocamos antes, no final dessa década.

Em 1969, cientistas de quatro universidades americanas – Universidade da Califórnia, em Los Angeles (UCLA); Universidade da Califórnia, em Santa Bárbara (UCSB); Universidade de Utah; e o Instituto de Pesquisas de Stanford (SRI) – fizeram a primeira demonstração da Arpanet. O fim da Guerra Fria esfriou os planos dos militares e a utilização dessa rede. Foi quando estes liberaram o uso dela para os pesquisadores e professores universitários. Assim colocado, a década de 70 marca outra fase da história da Internet. Agora menos vinculada a estratégia militares e mais aproximada dos interesses de cientistas e professores universitários.

Segundo Marcelo (2001), em 1972, a Arpanet foi finalmente apresentada publicamente, a partir de então a rede passou a se estender ainda mais, mesmo que continuasse sobre o controle dos militares. Essa expansão possibilitou o aperfeiçoamento da Internet. Ainda na década de 70, é criado o *Internet Protocol*, mais conhecido como Protocolo IP, que, na verdade, era uma maneira mais segura de manter o funcionamento da rede, já que permitia que todos os pontos dela se comunicassem mesmo que alguns deles se

encontrassem inoperantes. Essa foi uma maneira de tornar a Internet praticamente impossível de ser paralisada.

A década de 80 é, segundo Silva (2001), um momento de consolidação da Internet como rede mundial. É nessa época que é criada, nos Estados Unidos, a NSF – *National Science Foundation* que cria a NSFnet, uma rede baseada na mesma tecnologia da Arpanet. “A NSFnet foi crescendo com a conexão de inúmeras redes localizadas em instituições de pesquisa, faculdades e universidades, departamentos governamentais e organizações privadas orientadas à pesquisa, tornando-se a principal *backbone* (espinha dorsal) da rede” (SILVA, 2001, p. 40 e 41).

Nos anos 90 ocorreu o batismo da Internet e, nesse momento, já existiam 200 redes locais<sup>44</sup> em funcionamento. Durante muito tempo a rede mundial de computadores ficou restrita às universidades. Foi somente a partir da década de 80 que os computadores pessoais começaram a baratear e o acesso ficou mais fácil. Os computadores passaram a diminuir de tamanho, de nível de complexidade de utilização e de preço tornando-se muito mais acessíveis. Segundo Marcelo (2001), em 1986, a rede passou a ser aberta para algumas escolas americanas. Entre os anos de 1984 e 1988 houve um salto de 1.000 para 6.000 computadores conectados.

Contudo, a popularização só chegou mesmo na década de 90 com o uso comercial do protocolo HTTP, que permitiu a montagem de sites no sistema WWW – *World Wide Web*, o que os tornou mais atraentes porque permitiu o uso de cores e sons. “Na prática (o protocolo HTTP), trata-se de permitir que a passagem de um documento (palavra, expressão ou imagem) remeta para outra seção ou documento, ou mesmo para outro, através de *links*, ou *hiperlinks*” (MARCELO, 2001, p. 22). Ou seja, cabe retomar a idéia da metáfora da rede. Não se pode esquecer o fato de que não se trata apenas de computadores conectados, mas, também, de conteúdos e serviços. Por isso, se usam palavras como “navegar”, “surfear” para se referir ao uso da rede. Já que quem cai na rede tem como horizonte um “mar” de possibilidades conectadas, não encalha em bancos de areia ou becos sem saída, por que a Internet não tem começo, nem fim, enfim não tem extremidades.

---

<sup>44</sup> Silva (2001) afirma que as redes locais são agrupamentos de computadores e tecnologias da comunicação interconectados entre si que se ligam a outras redes locais e tornam enfim a metáfora da rede possível. Ou seja, são pequenas redes locais interconectadas que constroem a grande rede mundial de computadores.

A história da Internet que apresentamos aqui, de acordo com Silva (2001) e Castellani, Reinhard e Zwicker (1998), pode ser dividida em três fases principais. A primeira seria a rede como “Arma de Guerra” por que ao longo da década de 60 servia a fins estritamente militares. A segunda fase, que se passa entre as décadas de 70 e 80, o autor intitula de “ambiente universitário”, já que é marcada por uma expansão para a comunidade acadêmico-científica. A partir dos anos 90, o autor aponta o surgimento da terceira e última fase da história da rede. Essa etapa, conhecida por “mercado de informação dos anos 90”, é marcada pela abertura e popularização da Internet.

A contribuição da ciência e da tecnologia para a criação da rede foi só um dos braços da sua origem. Outra razão importante foi uma contracultura computacional que surgia nos EUA, no mesmo período do desenvolvimento da rede: “(...) muitas vezes mentalmente associada às conseqüências dos movimentos dos anos 60 em sua versão mais libertária/utópica” (CASTELLS, 1999, p. 377). Se uma parte da história da Internet está indiscutivelmente ligada ao setor militar, outra, não menos importante, está relacionada com os esforços dos pesquisadores das universidades norte-americanas e com os movimentos sociais de contracultura, muitas vezes provenientes das mesmas instituições de ensino desses pesquisadores, só que na figura dos estudantes.

Muitos hackers, por exemplo, foram responsáveis por importantes descobertas que possibilitaram o desenho que a Internet tem hoje:

Essa cultura eletrônica dos primeiros usuários marcou para sempre a evolução e o uso da rede. Embora os tons mais heróicos e a ideologia contracultural tenham desaparecido com a generalização do meio em escala global, as características tecnológicas e os códigos sociais desenvolvidos a partir do uso gratuito original da rede deram forma a sua utilização (CASTELLS, 1999, p. 378).

Castells (1999) acredita que esses movimentos iniciais determinaram algumas características da rede, como: a possibilidade de uma coexistência pacífica de vários interesses e culturas e a dificuldade de se estabelecer controle e sistemas de cobranças.

Essa participação tão diversa propiciou a comunicação espontânea dentro da rede mundial de computadores. “A comercialização do espaço cibernético estará mais próxima da experiência histórica das ruas comerciais emergentes da palpitante cultura urbana que dos *shoppings centers* espalhados na monotonia dos subúrbios anônimos” (CASTELLS, 1999, p. 379).

O que é importante ressaltar desse breve histórico da Internet, como já viemos discutindo, é que sua origem foi marcada por tensões importantes, como: o *establishment* militar/científico e a contracultura, que, conforme Castells (1999), tiveram como base comum o mundo universitário. “Essa origem universitária sempre foi decisiva para o desenvolvimento e difusão da comunicação eletrônica pelo mundo” (CASTELLS, 1999, p. 379).

Segundo Castells (1999), essa origem com base em universidades imprimiu marcas profundas na comunicação mediada por computadores:

Na verdade, ao contrário do suposto isolamento social sugerido pela imagem da torre de marfim, as universidades são os principais agentes de difusão de inovações sociais porque geração após geração de jovens por ali passam, ali conhecem novas formas de pensamento, administração, atuação e comunicação e se habitua a elas (CASTELLS, 1999, p. 380).

O autor acredita que a Internet se desenvolverá como uma ágora eletrônica global. A cultura desses primeiros usuários moldou a rede em duas direções opostas: restrição do acesso a uma minoria de usuários que entravam nela por *hobby* (essas pessoas desconfiavam da comercialização e tinham o medo do sonho de uma comunicação generalizada); e a contracultura também imprimiu à rede a informalidade e a capacidade auto-reguladora de comunicação.

Certamente, a opção de manter a Internet com acesso restrito não vingou. Como comentamos, no início desse tópico, os números revelam um aumento crescente na quantidade de usuários. Na verdade, uma das óbvias fragilidades da rede mundial de computadores é exatamente esse número incontrolável de usuários, que cada vez cresce mais, o qual pode causar um congestionamento das transmissões e até colapsá-la. Além disso, não convém deixar de apontar outra grande fragilidade da Internet que é exatamente o que está de fora dela. Como veremos no tópico seguinte, a maioria dos que estão dentro estão em países desenvolvidos. A Internet repete o padrão de exclusão ao qual inúmeras pessoas estão submetidas.

A história da Internet não acaba nas escassas linhas que traçamos aqui. Ela continua, continua agora mesmo nos grandes centros tecnológicos. Outras tecnologias vão sendo incorporadas e, sem dúvida, acabamos esse percurso histórico sabendo que estamos no meio de uma trama, muito longe do final. Como evidência, o computador já não é mais o único suporte no qual podemos utilizar a Internet. O advento da telefonia celular interfere

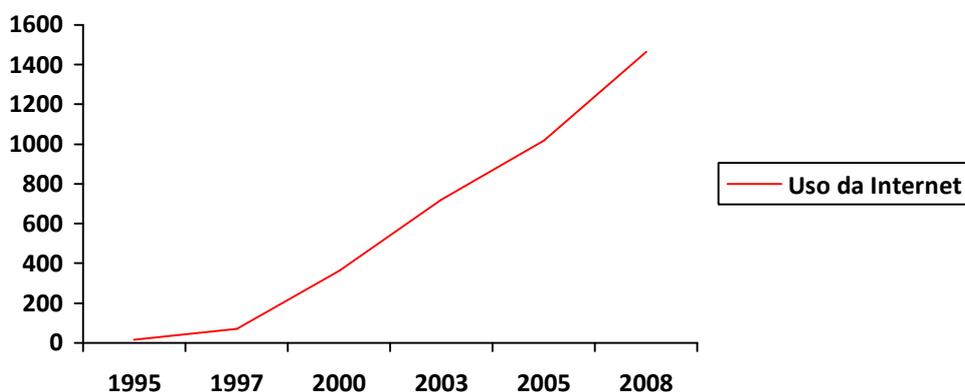
profundamente na história da rede mundial de computadores e até aparelhos de jogos eletrônicos podem proporcionar acesso a esta.

A mobilidade, o individualismo e a personalização das tecnologias de comunicação se tornam realidade na convergência midiática que a Internet promove (CUNHA, 2006). Como dissemos antes, terminamos o relato de uma história que não acabou. Não obstante, somos todos testemunhas e partícipes dessa trama.

### 5.3 – A REDE NO MUNDO

A história da Internet, como pudemos comprovar pelo relato que apresentamos acima, começou há pouquíssimo tempo. A maioria dos adultos de hoje, por exemplo, independente da região onde vivam, nem chegou a conhecer a rede mundial de computadores na sua infância. Esse fenômeno tecnológico e social é ainda mais jovem do que o envelhecimento demográfico mundial, considerando que este começou, em alguns países do mundo, ainda no século XIX. Já no que toca à Internet, foi somente a partir da década de 90, com a difusão e barateamento dos computadores pessoais, que ela passou a se popularizar. Apesar desse aspecto da sua história, o crescimento da rede mundial de computadores sempre foi vertiginoso:

**Gráfico 15 – Quantidade de pessoas com acesso à Internet, Locais, 1995 a 2008 (em milhões)**

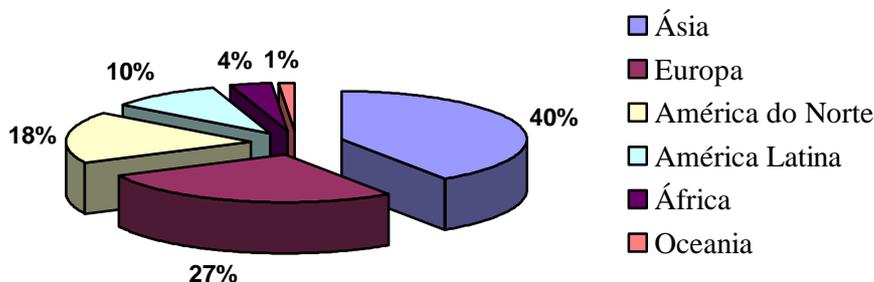


Fonte: Elaboração própria. Dados: *Internet Growth Statistic* (2008)

Como podemos comprovar no gráfico acima, em cinco anos, ou seja, entre os anos de 1995 a 2000, o número de usuários da rede cresceu mais de duas mil vezes. O surpreendente crescimento exponencial parece não ter fim. E, como comentamos anteriormente, já se coloca como um elemento que fragiliza a rede. No início do século XXI já eram mais de um bilhão de usuários e, atualmente, estima-se que mais de 21% da população do mundo esteja conectada à Internet, o qual equivale a mais de um bilhão e meio de internautas (INTERNET GROWTH STATISTIC, 2008).

Esses mais de um bilhão de usuários estão espalhados por todo o mundo. Estão em todos os continentes, ainda que nem sempre a balança do número de usuários das diversas regiões do planeta esteja equilibrada. No gráfico abaixo apresentamos como estes usuários estão distribuídos pelas regiões do globo:

**Gráfico 16 - Usuários da Internet no mundo por região, 2008**



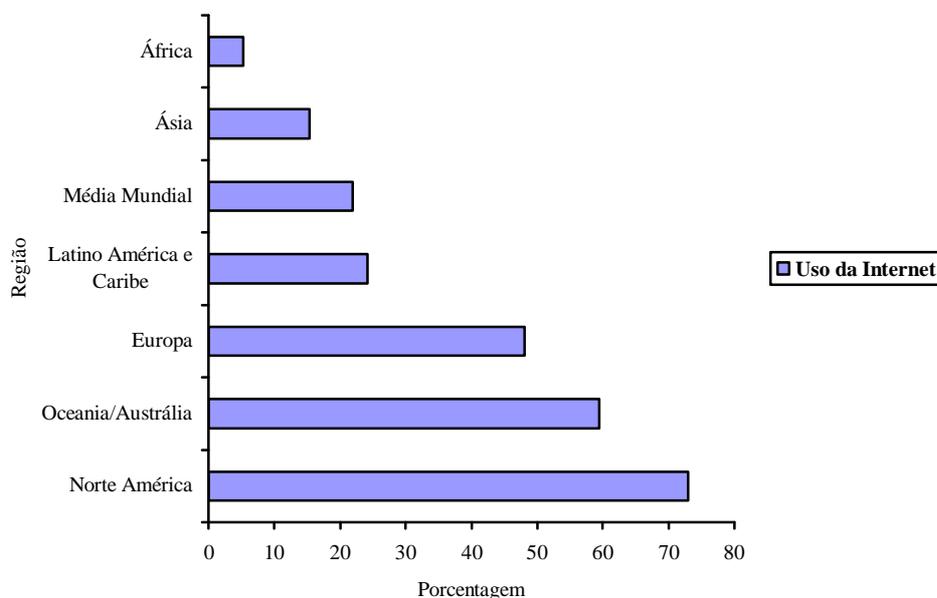
Fonte: *Internet World Stats*, 2008. Disponível em: [www.internetworldstats.com/stats.htm](http://www.internetworldstats.com/stats.htm)

No Gráfico 16 está claro o desequilíbrio da utilização da Internet no mundo. Em três regiões: Ásia, Europa e América do Norte estão mais de 85% dos usuários. A América Latina, África e Oceania juntas somam somente 15% das pessoas conectados à rede mundial de computadores. Pois, temos aí também outra fragilidade da rede. Contudo, vale ressaltar que Marcelo (2001) coloca que essa fragilidade da Internet, que gera uma massa de excluídos tecnológicos, não é só em função dessa concentração dos usuários nos países

mais ricos, devido à falta de infra-estrutura tecnológica dos países menos desenvolvidos, mas igualmente à uma iliteracia informática que afeta esses países desenvolvidos. De acordo com a autora há uma info-fobia, ou seja, uma rejeição do uso dessas tecnologias nessas nações ditas desenvolvidas: “(...) conduzirá, fatalmente, ao aparecimento de um novo tipo de analfabetos (...)” (MARCELO, 2001, p. 26).

Porém, é preciso afirmar que o gráfico acima (Gráfico 16) considerou o número total de usuários de cada região, ou seja, populações pequenas, como a da Oceania, parecem ter números de usuários inexpressivos. Portanto, cabe agora apresentar os dados relativos, os quais consideraram a porcentagem de cada população, dessas regiões, conectada à Internet:

**Gráfico 17 – Percentual da população usuária da Internet no mundo, 2008**



Fonte: *Internet World Stats, 2008*. Disponível em: [www.internetworldstats.com/stats.htm](http://www.internetworldstats.com/stats.htm)

Como está posto no gráfico acima, quanto à penetração da Internet por região, os Estados Unidos e o Canadá são, sem dúvida, os países que mais se destacam. A população dos EUA é de aproximadamente 295 milhões de habitantes e eles tinham, em 2006, cerca de 205 milhões de pessoas conectadas à rede. Isso significa que atualmente aproximadamente 70% da população americana está ligada à Internet. No Japão esse número também é significativo: 57% da população têm acesso à rede. Ainda que não seja uma característica de toda a Ásia já que somente 15% da população dessa região têm

acesso à Internet, o qual está abaixo da média mundial que é de 21,9%. A América Latina e o Caribe estão um pouco acima da média mundial e o continente africano é a região do mundo onde há menos usuários da rede mundial de computadores.

Nesse contexto de disseminação da Internet que estamos apresentando, não é difícil deduzir que a principal língua presente nesse ambiente virtual é o inglês. De acordo com dados do *Internet World Stats* (2008) mais de 400 milhões de internautas são de língua inglesa, o qual representa um terço dos usuários da rede. O chinês é o segundo idioma mais comum na rede já que 270 milhões de chineses estão conectados. O espanhol é a terceira língua, com aproximadamente 125 milhões de usuários; e o português ocupa a 8ª posição, com quase 60 milhões de lusofalantes.

A quantidade de internautas por país é, sem dúvida, um dado importante. As nações que têm maior quantidade de usuários terminam impondo algumas características à rede. Como evidência desse fato, a maioria dos *sites* da Internet está na língua inglesa. O *ranking* abaixo – Tabela 17 – apresenta os países que mais têm pessoas com acesso a Internet:

**Tabela 17 – Quantidade de usuários da Internet por país, 2008<sup>45</sup>**

País e/ou região	Usuários totais (em milhões)
1º China	270
2º União Européia	247
3º Estados Unidos	223
4º Japão	86,3
5º Índia	80
6º Alemanha	50,61
7º Reino Unido	37,6
8º Coreia do Sul	33,9
9º França	29,95
10º Itália	28,87
11º Brasil	25,9
15º Espanha	19,2

Fonte: Elaboração própria. Dados PNAD 2005; *INTERNET WORLD STATS* (2008) e *CIA WORLD FACTBOOK* 2008. Disponível:

[http://www.photius.com/rankings/communications/internet\\_users\\_2007\\_0.html](http://www.photius.com/rankings/communications/internet_users_2007_0.html)

<sup>45</sup> Essa tabela foi construída para termos uma visão geral do número de usuários da Internet em alguns países e podermos fazer comparações. Porém, é importante observar que as posições desse *ranking* não são fixas. Ao escrever esse capítulo, percebemos que há diferenças entre as informações que os diversos órgãos de pesquisa publicam sobre o número de usuários da rede. Os órgãos de pesquisa que fazem os *rankings* mundiais levantam informações que muitas vezes diferem dos levantamentos locais. Além disso, há diferenças até mesmo entre as informações concedidas entre os órgãos de pesquisa internacionais. Para construir essa tabela, por exemplo, cruzamos informações de algumas das principais instituições de pesquisa e havia diferenças, ainda que não fossem significativas – o desequilíbrio entre as informações era de no máximo duas posições para cima e para baixo – é importante colocá-las já que para efeito de um *ranking* a posição ocupada é muito importante.

Os Estados Unidos, China e Japão são os três países que mais têm usuários conectados a rede. Nesse ranking de conexão à Internet, o Brasil ocupa uma posição privilegiada, sendo o 11º colocado no número de usuários, e a Espanha a 15ª posição. Contudo, levando em consideração a nossa população, a proporção de acesso é de aproximadamente 21%, bem menor que a dos EUA, do Japão e mesmo da Espanha. Em números relativos à população de cada país, de acordo com dados da ONU (2007), a posição do Brasil no ranking cai consideravelmente porque ocupamos 62º lugar. Entre outras razões sócio-econômicas e culturais, temos também a questão da popularização da Internet no Brasil, que só aconteceu quase 10 anos depois da sua popularização nos Estados Unidos.

Os impactos da Internet são, como colocamos, ainda pouco dimensionáveis. Contudo, o simples fato da sua existência cria, por exemplo, uma rede de empregos ao seu redor. De acordo com o relatório “Evolução da Internet no Brasil e no mundo”, do Ministério da Ciência e Tecnologia, realizado no ano de 2000, a Internet já iniciou seu percurso histórico colocando-se como um dos importantes motores da economia mundial:

Desde a entrada da sua versão comercial, a rede fez aparecer mais profissões que quatro décadas de inovações tecnológicas não tiveram êxito de criar. No Brasil, nos últimos quatro anos, foram abertas 60.000 vagas só em provedores de acesso, na avaliação da ABRANET, associação que reúne essas empresas. O *International Data Corporation*, IDC, calcula em mais de 770.000 as pessoas contratadas nos Estados Unidos apenas em 1999 pela indústria de tecnologia da informação. Para 2002, a previsão é de 850.000 empregos em solo americano e mais de 2 milhões para o resto do mundo. O IDC calcula ainda, que só na Europa 1,4 milhões de vagas na indústria da tecnologia da informação deixarão de ser preenchidas por falta de mão-de-obra qualificada (BRASIL, 2000, p. 8).

O vertiginoso crescimento da Internet, como pudemos perceber, se dá muito além dos fantásticos números da sua utilização. Cria uma complexa trama de interesses. Sem dúvida, um dos importantes impasses que se coloca é a questão do controle, motivado por esses ganhos que a rede pode trazer e como proposta de solução para as fragilidades que a ameaçam, como a questão do número cada vez maior de usuários. Como vimos discutindo, o contexto histórico do surgimento e desenvolvimento da Internet foi marcado por tensões acerca da criação de mecanismos de controle, que pudessem quiçá descobrir formas de cobranças para a utilização dela, e os Estados Unidos sempre se prontificaram para encabeçar esse comando:

Desde 1996, o governo dos EUA vem tentando reorganizar o sistema de gestão da infra-estrutura da Internet. A Internet é descentralizada, razoavelmente horizontal e, para quem pode pagar, supostamente livre de barreiras à entrada, mas grande parte de sua infra-estrutura de rede é administrada por um consórcio de entidades altamente centralizado e está na prática sob o comando do governo americano (AFONSO, 2002, p. 2).

Afonso (2002) argumenta que a Internet sempre teve um “comando central” e este está nas mãos dos estadunidenses. Se não houvesse um controle, o autor coloca que não haveria como a rede funcionar e se expandir. Ele completa afirmando que, como em qualquer rede, a Internet funciona porque há regras e acordos de conexão que viabilizam seu uso em todos os lugares do mundo.

A Internet é um meio que amplia as possibilidades de participação, sem dúvida, mais que qualquer outro meio de comunicação convencional que já existiu. Mas, isso não significa que ela não tenha suas limitações e impasses. Como Afonso (2002) argumentou, a utilização da Internet é paga. Porém, os custos de se publicar informações na rede, por exemplo, são infinitamente mais baratos do que na televisão, ou em outros veículos de comunicação de massa. O que talvez para muitos sejam conteúdos desinteressantes e pouco apropriados, para outros são oportunidades únicas de obter informações por fontes alternativas, não oficiais.

#### **5.4 – DO LADO DE DENTRO: USOS DA INTERNET E TIPOLOGIA DE AMBIENTES**

Agora passamos para o lado de dentro. Quais são afinal os serviços que a Internet oferece que têm mobilizado tantas pessoas no mundo ao redor dela? Pretendemos mapear nesse tópico alguns tipos de ambientes disponíveis na rede mundial de computadores. Trata-se realmente de uma tipificação técnica que não tem o objetivo de se aprofundar, até porque nossa pretensão é tão somente apresentar alguns tipos de serviços e de ambientes da rede, especialmente para caracterizar melhor o ambiente, o qual escolhemos para fazer as análises sobre o exercício do protagonismo idoso – os portais.

Se perguntarmos aos internautas porque eles navegam na rede as respostas, sem dúvida, serão diversas e a tarefa de registrá-las será árdua. Isso porque a Internet oferece múltiplos serviços. Pode-se cair na rede em busca de conhecimento e mergulhar no acervo de diversas bibliotecas espalhadas por todo o mundo; pode-se ver a coleção de vários museus famosos; pode-se ler diariamente os jornais mais importantes do mundo; pode-se

enfim buscar livros, artigos, dicionários e outros. Isso não é tudo, também se pode buscar pessoas, encontros, pode-se buscar uma conversa com alguém e fazer chamadas nacionais e internacionais praticamente de graça. Além disso, a rede mundial de computadores permite ainda que as pessoas executem um sem-número de atividades, as quais usualmente demandavam o deslocamento físico, como: ir ao banco, pagar impostos, acessar serviços do Governo, assistir aula, participar de reuniões, enfim, como colocamos, listar todos os serviços seria um desafio exaustivo.

Porém, há uma maneira de tornar mais claro quais são os serviços, ou pelo menos os principais, que a rede oferece. Para tanto, deixamos de lado a tarefa de listá-los e lançamos um olhar sobre os ambientes desse meio de comunicação e quais as possibilidades de utilização que eles oferecem.

Conforme Marcelo (2001) a Internet oferece quatro serviços/ambientes principais: o correio eletrônico (*e-mail*), os grupos/fóruns de discussão (*newsgroup*), os ambientes de conversação em tempo real (*chats*) e a *web* (*World Wide Web*). Para caracterizar com um pouco mais de precisão cada um desses ambientes, passamos agora a comentá-los em separado:

### **1 – Correio eletrônico (e-mail):**

Esse é dos serviços mais conhecidos e populares da rede mundial de computadores. Compete e, de certa forma, substitui os antigos envios de carta. As correspondências se adequaram a esse ambiente da Internet, o qual permite que a “carta” seja entregue em fração de segundos para qualquer parte do mundo. “Por meio do correio eletrônico, os indivíduos podem trocar mensagens várias, compartilhar ou trocar opiniões, sem depender de horário e outros formalismos” (SILVA, 2001, p. 46). Além disso, o *e-mail* também permite o intercâmbio de arquivos, como: textos, fotos, tabelas. Sem dúvida, oferece um serviço complexo e inovador, visto que todas essas postagens são trocadas em tempo real, ou seja, os internautas não precisam esperar dias entre o envio e o recebimento da correspondência.

O funcionamento do correio eletrônico é simples e o processamento é imediato. Quando um usuário envia um *e-mail* esse é convertido pelo modem<sup>46</sup> para ser transportado por via telefônica até o fornecedor mais próximo de serviços. Este, por sua vez, remete a

---

<sup>46</sup> Modem é o aparelho que permite a conexão do computador a uma linha telefônica. Ele converte um sinal digital em uma onda analógica e vice-versa.

correspondência até o endereço do destinatário (MARCELO, 2001). É por essa razão que a questão do lapso de tempo para a entrega e do custo do envio deixa de ser um problema.

Essas características do *e-mail*, como a instantaneidade e a ocupação de um espaço imaterial, se dá de uma maneira única, e ainda mais distinta e aprimorada que o telefone, já que permite troca de arquivos e uma condição de interação interpessoal ou comunitária, ainda que não permita interações em tempo real entre os usuários, como o telefone faz<sup>47</sup>.

## **2 – Grupos/fóruns de discussão (*newsgroups*)**

Os *newsgroups*, que numa tradução ao pé da letra seria “grupos de novidades”, são os fóruns de debate sobre diversos temas que a Internet possibilita, como: meio ambiente, novas tecnologias, mercado de trabalho, sexo, relacionamento e outros. Esses grupos funcionam como comunidades virtuais, no quais os debatedores escolhem os temas que querem discutir e a partir de então sempre que enviam sua opinião todos que se apontaram nessa lista de discussão a recebem concomitantemente. De acordo com Silva (2001) essas listas funcionam, na realidade como uma extensão do *e-mail*:

As listas de distribuição, lista de discussão ou de conferências eletrônicas, assim conhecidas, são usadas para a comunicação entre membros de um projeto ou de pessoas interessadas em discutir temas específicos, podendo estar restritas à participação de novos membros (SILVA, 2001, p. 47).

Em geral, as mensagens intercambiadas nos fóruns de discussão vão diretamente aos *e-mails* dos participantes. Silva (2001) argumenta que os *newsgroups* dinamizam e revitalizam os antigos Colégios Invisíveis, que agora passam a ser conhecidos como Colégios Invisíveis Eletrônicos. Dessa forma, grupos de pesquisa e de especialistas podem trocar conhecimento, arquivos e até realizar produções conjuntas por meio desses fóruns *on-line*.

Essas comunidades virtuais são espaços de debates e intercâmbios de idéias, nos quais os participantes, pelo menos na teoria, têm oportunidades iguais de expressar sua opinião. No entanto, não podemos deixar de mencionar que a maioria destes grupos possui mediadores, os quais podem, inclusive, bloquear as mensagens enviadas.

---

<sup>47</sup> Apesar de que o *Google* por meio do seu correio eletrônico, conhecido como *Gmail*, disponibiliza no *e-mail* a possibilidade de conversas em tempo real tanto escritas, quanto com imagem e som.

### 3 – Conversação em tempo real (*Internet Relay Chat*)

Os famosos *chats* da Internet, ou salas de bate-papo, se tornaram febre, especialmente, entre os jovens de todo o mundo. São espaços de conversa escritas enviadas em tempo real, ou seja, o indivíduo digita o que deseja e todos que estão nessa “sala” têm acesso, ou, se ele preferir, pode destinar a mensagem a somente um ou alguns participantes do bate-papo. “As conversas *on-line* traduzem-se no envio de mensagens escritas, que são agrupadas por canais, permitindo a todos os participantes estabelecerem conversas em tempo real sobre os assuntos mais diversos” (MARCELO, 2001, p. 31).

Programas como *ICQ*, *Skype*, *Voip* e *MSN* se popularizaram e sofisticaram a ponto de oferecer a essas conversações em tempo real a oportunidade de som e imagem. Ou seja, além das mensagens escritas, os internautas podem falar, ver e ouvir um ou alguns membros das suas listas de bate-papo. Esses programas também passaram a oferecer o serviço de “chamadas telefônicas”, o que implica numa redução considerável dos custos das ligações telefônicas.

Esses *chats* também permitem a troca de arquivos e a produção de atividades em conjunto. Além disso, os usuários desse serviço podem optar por criar seu próprio grupo de bate-papo, como no programa *MSN* que possibilita a eleição dos participantes, ou se aventurar nas salas abertas, que, usualmente, estão classificadas por temas, ou por interesse, como “namorar”, “fazer amigos”, “sexo virtual” e outros. Marcelo (2001), fazendo uma reflexão sobre os inúmeros serviços que a Internet possibilita, afirma:

A Internet é, na sua essência, um meio de comunicação. Permite a troca de informações entre os seus utilizadores, para além de ser um excelente meio de expressão de opiniões. Neste sentido, a rede mundial de computadores veio alterar profundamente a forma como os poderes e as sociedades se relacionam entre si, o que levou alguns autores a considerarem a Internet como o meio mais democrático ao dispor do Homem (MARCELO, 2001, p. 31).

A variedade e a complexidade dos serviços, além do baixo custo para acessá-los, fazem da Internet esse meio tão revolucionário. Porém, acreditamos que a verdadeira revolução está no fato de os receptores já não poderem mais ser classificados como tal e serem considerados também como produtores, na medida em que têm acesso a enviar sua opinião, fazer comentários, afinal, gerar as próprias informações e publicá-las.

#### 4 – *World Wide Web* (WWW)

A *World Wide Web*, mais conhecida como WWW ou *web*, é, sem dúvida, o ambiente mais conhecido da rede mundial de computadores. É tão popular que se costuma chamar a Internet de *web* por causa desse ambiente. É nele onde estão alojadas as páginas da Internet, nas quais é possível acessar os jornais, as bibliotecas, os sites de busca, enfim, um sem-número de possibilidades de utilização.

Em nosso entendimento, este protocolo é um símbolo marcante dentro da Internet, fundamentalmente por ter, com seu surgimento, simplificado e popularizado o uso da rede, e, principalmente, possibilitado a qualquer pessoa divulgar uma informação e torná-la rapidamente disponível e acessível a outras. Trata-se de um aspecto revolucionário, equiparável ao desencadeado por Gutenberg (SILVA, 2001, p. 56).

É na WWW que estão as páginas dos grupos revolucionários, das instituições, os portais corporativos, as bibliotecas, os museus, os *sites* de relacionamento e as páginas pessoais, nas quais anônimos falam de sua vida, mostram suas fotos e expõe até sua imagem ao vivo, enquanto realizam suas tarefas cotidianas. Afinal, essa é a grande teia, a rede, no qual tudo está interligado. Todos os *sites*, todas as páginas, estão ligados entre si. Nada nessa rede está solto ou separado. É na *web* que é possível fazer compras, consultar sua agenda pessoal, “ir” a diversos órgãos do Governo e, enfim, navegar nesse espaço virtual.

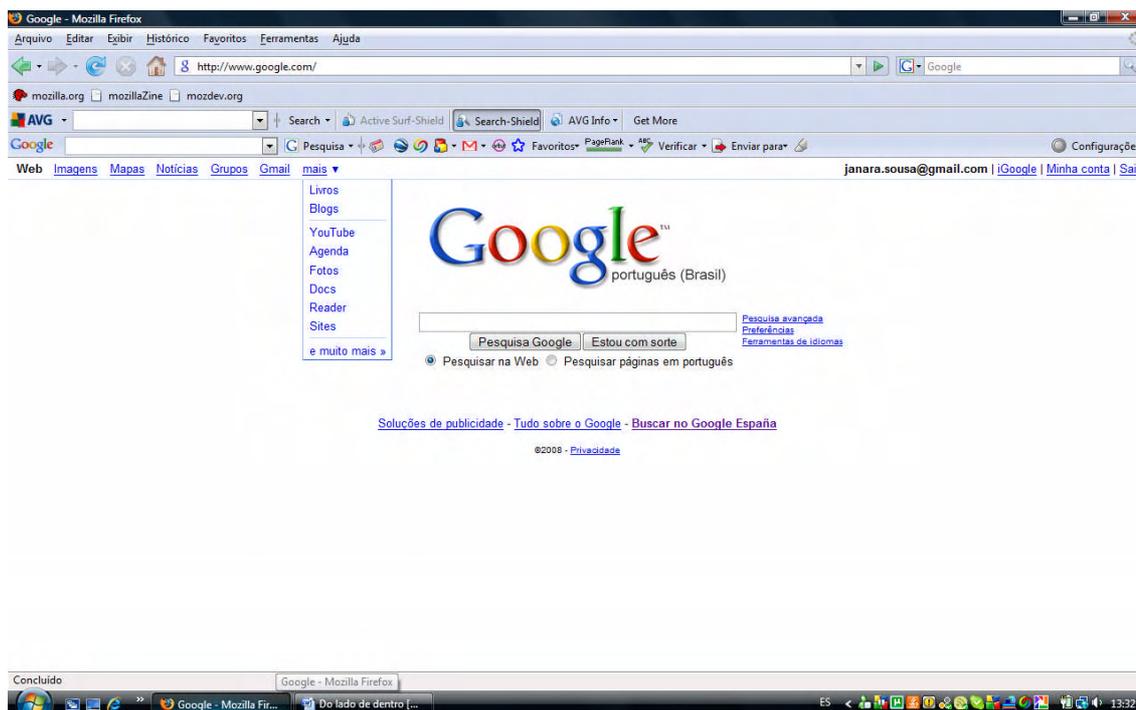
Na verdade, todos os outros ambientes que apresentamos até aqui (*chat*, *newsgroups* e *e-mail*) têm versões adaptadas para a *web*. Isso implica dizer que o usuário pode acessar seu correio eletrônico ou participar de um bate-papo utilizando somente o ambiente WWW.

Com evidência, cabe citar o exemplo do *Google*, uma das maiores empresas do mercado da Internet no mundo. O portal<sup>48</sup> do *Google* ([www.google.com](http://www.google.com)) é um exemplo da multiplicidade de serviços que a *web* pode oferecer:

---

<sup>48</sup> Entenda-se portal como uma página na *web* mais complexa do que o convencional e que é capaz de oferecer diversos serviços. Sobre esse conceito discutiremos um pouco mais no próximo tópico.

**Figura 13 - Página principal do Google.com**



Fonte: *Google.com*. Disponível em: [www.google.com.br](http://www.google.com.br). Acessado em novembro de 2008

A página principal do Google, como podemos ver acima, apesar de aparentemente simples, é, indubitavelmente, uma das mais complexas na oferta de serviços. Nesse sítio *web* é possível utilizar os mecanismos de busca, classificados por: acadêmico, imagens, livros, *blogs*, *fotoblogs* e outros; participar de fóruns de discussão; organizar uma agenda pessoal, a qual pode ser acessada de qualquer computador ou outro suporte que dê acesso à Internet; publicar suas fotos; fazer sua página pessoal; acessar seu *e-mail* e outros. Dentro do correio eletrônico do *Google*, nomeado de *Gmail*, é possível, como colocamos antes, além das funções de envio e recebimento de mensagens, bater-papo em tempo real com outros usuários do *Gmail*, que estejam agregados a sua lista, tanto por mensagens escritas, quanto utilizando o sistema de som e imagem.

O exemplo que demos do *Google* é, sem dúvida, especial porque esse sítio é capaz de reunir diversos serviços. Contudo, pode-se encontrar na *web*, ainda que dispersos em várias páginas, todos esses serviços apresentados acima.

É também na *web* que está o ambiente que escolhemos para analisar as atividades de protagonismo idoso. A partir de agora, cabe definir melhor o que é um portal da rede mundial de computadores.

## 5.5 – PORTAIS

Imagina-se numa grande rua, ou num *shopping center*, cheio de coisas para fazer. É um lugar onde há vários escritórios e, portanto, há pessoas trabalhando, e também várias lojas, cafés, restaurantes, bibliotecas, repartições públicas e milhares de anônimos caminhando em meio à multidão. Na verdade, a metáfora fica mais rica se, de fato, nos imaginarmos no centro de uma grande metrópole pulsante de conhecimento, encontros, contatos, informações, vendas, enfim, um lugar onde fluem diversos tipos de negociações.

Pois, é exatamente isso que acontece dentro dos portais da rede mundial de computadores. São ambientes complexos de ócio, conhecimento, consumo, serviços, relacionamentos, os quais não estão alojados num espaço físico determinado. Para caminhar um pouco pelo centro dessa grande cidade que acabamos de descrever não é necessário tomar um ônibus ou um avião. Aliás, talvez nem precise sair de casa. Basta se conectar ao ambiente WWW da Internet e navegar em um ou alguns dos milhões de portais disponíveis.

Existem vários tipos de portais: corporativos, públicos, temáticos, governamentais, de negócios e outros. À medida que foi aumentando o número de portais, eles passaram a se sofisticar e oferecer serviços específicos para cada tipo de público:

São *webs* que oferecem uma ampla oferta de serviços e recursos, apresentando diversos pacotes, os quais se podem escolher, e organizando seus conteúdos de acordo com os perfis de seus usuários reais ou potenciais. Seu objetivo é permitir o acesso a toda Internet por meio de uma só entrada, de forma muito confortável e fácil. Ou seja, não é unicamente um lugar para acessar mecanismos de buscas, e sim um lugar de serviços (Trad. livre) (PORTELA, 2001, p. 15).

Portanto, em um portal se pode ter acesso a todos os serviços oferecidos pelos outros ambientes da Internet, os quais citamos anteriormente, como: *chat*, correio eletrônico, fórum de discussão além, é claro, de outros serviços e um sem-número de informações disponíveis no *World Wide Web*. Os portais são, nesse sentido, um dos serviços mais complexos do WWW, já que os outros, como os *sites*, os *blogs*, *fotoblogs*, *sites* de relacionamento, *sites* de buscas têm menos oferta de recursos do que eles. Portela (2001) acredita que um dos grandes desafios dos portais é desenvolver uma estratégia de gestão do conteúdo personalizada, tendo em vista o grande volume de informações disponíveis em

cada um deles, para garantir aos usuários cada vez mais um serviço especializado que seja fácil e prático de acessar.

Dias (2001) argumenta que há três fases distintas na história dos portais. A primeira, que a autora chama de referencial, começou aproximadamente no ano de 1997 e marca o momento em que os portais funcionavam basicamente como *sites* de busca. Como evidência portais como *Yahoo!*, *Altavista* e *Cadê?* começaram se colocando como uma ferramenta para que o usuário pudesse encontrar de modo mais rápido e prático os serviços e/ou informações que buscavam na *web*.

A segunda fase, ou fase personalizada, é marcada por um incremento importante. Os portais para diminuir mais ainda o tempo de busca passaram a organizar os temas por categorias, como: esporte, lazer, ciência, tecnologia e outras. Dias (2001) argumenta que esses portais passaram a filtrar *sites* e documentos em grupos pré-configurados. Essa ação implicou na organização de um serviço personalizado. Ou seja, o internauta poderia buscar no próprio portal os temas de interesse e fazer buscas mais especializadas.

Os serviços *on-line* ou os buscadores clássicos, como *AOL* ou *Yahoo!* foram os primeiros a incluir diretórios ou índices catalogados e oferecer alguns conteúdos de tipo geral. Em pouco tempo aconteceu uma generalização do modelo, ampliando-se os conteúdos e serviços, dando lugar a aparição de diferentes tipos de portais, *webs* horizontais ou verticais, especializadas e incluindo serviços (Trad. livre) (PORTELA, 2001, p. 15).

Por fim, a terceira fase, como conhecemos os portais atualmente, é marcada pela agregação dos outros serviços da Internet, como: comunidades virtuais, correio eletrônico e *chats*. Os portais evoluíram para grandes centros que concentram diversos serviços, informações e, enfim, utilidades em geral e oportunidades. Ou seja, exatamente como na metáfora que utilizamos para iniciar essa discussão. Em um portal pode-se criar sua própria página pessoal (*blog*), fazer compras, passar um tempo conversando com alguém, buscar arquivos, ler revistas, jornais, notícias de última hora e outros. Não há roteiro pré-estabelecido a cumprir. Não há um mapa com as trilhas adequadas para se tomar. Começa-se por onde quiser e termina-se quando e onde se desejar acabar, já que além de não sofrer com restrições de espaço, os portais também não sofrem com as de tempo.

Sánchez Arce e Soarín Pérez (2001) argumentam que o elemento mais importante dessa etapa da história dos portais, é a questão da interatividade. É somente quando eles passam a incorporar os serviços dos outros ambientes da Internet que oferecem a

oportunidade real de se tornarem comunidades virtuais, ou seja, de permitirem que os usuários passem a ser “cidadinos” desse espaço, na medida em que convivem, relacionam-se, têm interesses em comum e partilham um sentimento de pertencimento. Em vista disso, é somente nessa etapa que os portais conseguem tecer redes de internautas.

Em geral, os portais oferecem a oportunidade aos usuários de se cadastrarem e obterem informações ainda mais especializadas. Essa é uma das maneiras de conhecer o perfil dos internautas, oferecer serviços ainda mais personalizados e construir uma rede de participantes. É o que se chama, no jargão da Publicidade e Propaganda, de uma maneira de “fidelizar” o cliente, já que sabendo mais sobre este é possível oferecer informações e serviços mais ajustados ao gosto e as necessidades dele.

Como já comentamos, existem vários tipos de portais, os quais muitas vezes são voltados para públicos específicos, ou para temas específicos, ou servem aos objetivos de uma instituição, seja ela governamental, não-governamental ou privada, ou são grandes espaços de ócio e consumo, enfim, milhares de possibilidades nesse mar cibernético. No entanto, para essa pesquisa, nos interessa um tipo de portal em específico – o portal temático:

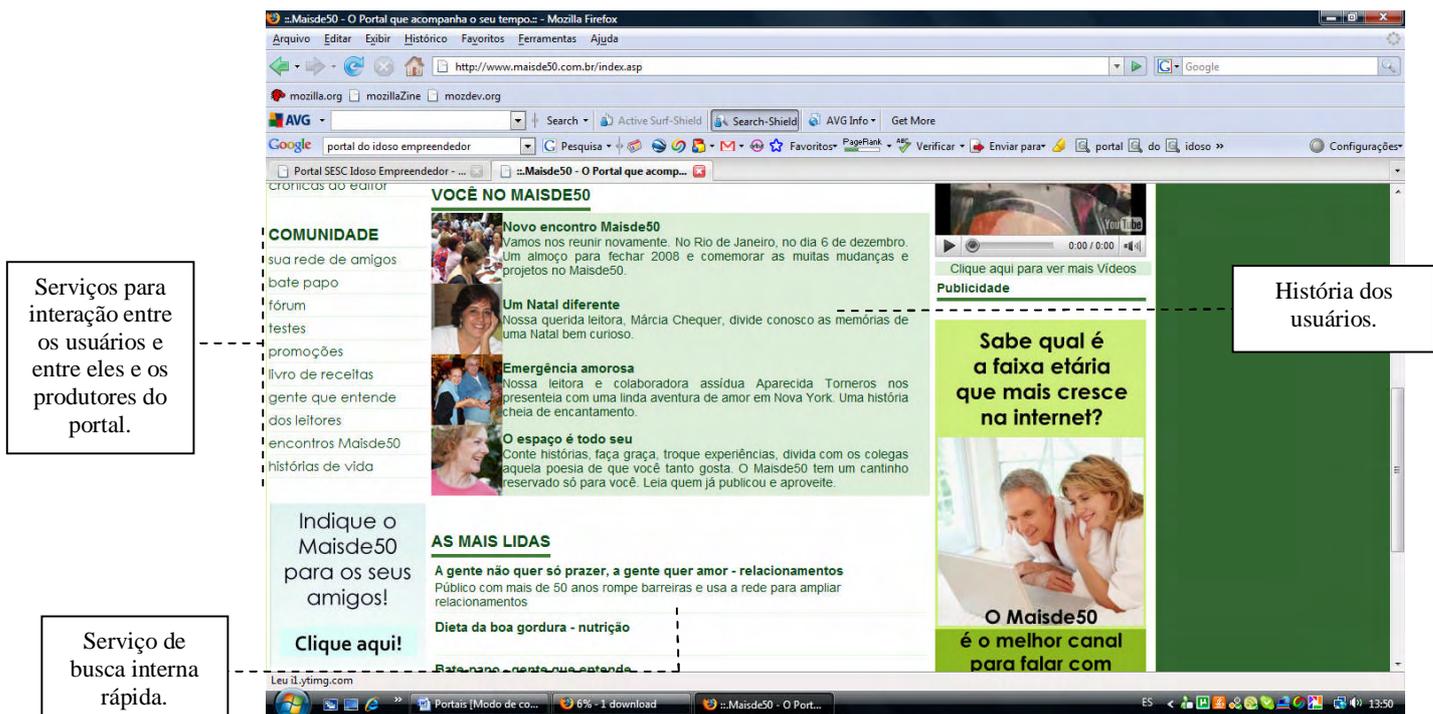
Um portal temático é um ponto de entrada em um conjunto de conhecimentos, serviços e recursos eletrônicos específicos sobre uma área do conhecimento, organizados e validados de maneira tal que permitem ao usuário ter acesso a uma ampla informação atualizada sobre a temática em questão (Trad. livre) (RAMOS, 2007, p.01).

Os portais que vamos analisar nessa tese de doutorado são conhecidos como temáticos por se dedicarem a um tema específico. No nosso caso, o tema é, obviamente, o idoso. Assim colocado, utilizamos então como filtro para o tema o assunto “terceira idade” e/ou “idoso” e para o público-alvo “idoso”. Interessava-nos os portais temáticos sobre o nosso assunto, entretanto, descartamos os que não fossem voltados para os idosos. Isso porque se utilizássemos como filtro somente o tema, poderíamos terminar analisando portais voltados para especialistas em gerontologia e geriatria e não ver nenhum tipo de protagonismo idoso neles, já que os interessados não são necessariamente idosos, mas são, certamente, especialistas na área do envelhecimento. Conseqüentemente, o nosso universo compreendeu os portais para a terceira idade voltados, especialmente, para as pessoas idosas.

Os portais temáticos para idosos, como os outros portais temáticos, mergulham num tema específico e aportam informações técnicas e científicas além de vários serviços, como espaço para os internautas publicarem os próprios textos, classificados, troca-troca, *chats*, fóruns de discussão sobre temas de interesse geral, correio eletrônico, sistema de busca, tanto interna quanto externa, e outros serviços.

**Figura 14 - Página principal do portal "Mais de 50"**

The image shows a screenshot of the 'Mais de 50' portal homepage in a Mozilla Firefox browser window. The browser address bar shows 'http://www.maisde50.com.br/index.asp'. The page content includes a green header with the user name 'Olá, Janara Sousa' and a search bar. Below the header, there is a blue banner with the text 'Vovô, quer ser o super-herói deste Natal?' and the 'www.Abrinquedo.com.br' logo. The main content area is divided into several sections: 'EDITÓRIAS' (a list of subtopics like 'saúde', 'sexualidade', 'cuidar de idosos', etc.), 'DESTAQUES' (featuring an article titled 'A gente não quer só prazer, a gente quer amor'), and 'GENTE QUE ENTENDE' (with sub-sections like 'Um rosto jovial' and 'Saúde emocional'). A sidebar on the right contains a 'Complete seu Perfil.' section with the text 'Amplie sua rede de amigos falando mais sobre você.' and an 'Estação Maisde50' section. Callout boxes with dashed lines point to various elements: 'Identificação do usuário já cadastrado.' points to the user name; 'Sistema de busca interna.' points to the search bar; 'Notícias organizadas por subtemas.' points to the 'EDITÓRIAS' list; 'Solicitação de concessão de informações para o cadastro.' points to the 'Complete seu Perfil.' section; and 'Informação técnica ou especializada.' points to the 'GENTE QUE ENTENDE' section.



Fonte: Mais de 50. Disponível em: <http://www.maisde50.com.br/> . Acessado em novembro de 2008

A figura acima apresenta a página principal do portal “Mais de 50” cujo tema principal é a questão do envelhecimento e da terceira idade. Etiketamos toda a figura para ficar mais fácil a compressão de como funciona um portal sobre idosos e para idosos. Na primeira parte da figura, já temos a evidência do serviço personalizado. Quando o internauta se cadastra no portal, tem acesso a alguns serviços exclusivos construídos a partir do perfil informado, inclusive o *e-mail* do usuário é incluído em um *mailing list* sobre os temas que se desejar receber mais informações. Também encontramos nessa parte as notícias organizadas por temas e um grupo especial de informações com conteúdo técnico e/ou científico.

Na segunda parte da figura, temos a prova da existência dos serviços de interatividade, tanto entre os usuários e o portal, quanto entre os próprios usuários. São serviços como: bate-papo, fórum de discussão, testes, promoções, intercâmbio de receitas de culinária, além de uma opção especial que o portal “Mais de 50” oferece: a criação de uma rede de amigos. Nessa opção o internauta busca, entre os usuários cadastrados, um perfil que lhe interesse para se relacionar.

Esses portais, como viemos argumentando, funcionam como comunidades virtuais na medida em que são espaços de encontros sociais e consolidam um sentimento de pertencimento entre os membros do grupo. São espaços de convivência, troca de

informações, de relacionamento, de compras e outros. Trata-se de pessoas e instituições que se unem por interesses comuns:

Efetivamente, a Internet permite a comunicação com uma pessoa que se encontra do outro lado do mundo, sem necessidade de nos deslocarmos. O tempo de conexão faz com que se desenvolva um sentimento com quem nos comunicamos, como algo mais que um simples intercâmbio de informação. Mas, essas características se produzem porque os membros da Comunidade Virtual buscam as relações sociais e afetivas que têm na vida real, mas transformadas pela tecnologia (Trad. livre) (SÁNCHEZ ARCE e SAORÍN PÉREZ, 2001, p. 220).

Conforme os autores, citados acima, a Internet é o meio de comunicação que pode gerar de maneira mais efetiva essa sensação de “pertencer” e criar comunidades, ainda que outros, como o telefone, façam isso de uma maneira menos eficiente e ampla. Além disso, é o único meio que permite uma postura do usuário para além de uma recepção passiva. Ao contrário, para utilizar a Internet, desde o primeiro contato com ela, como escolher o que se quer saber ou que sítios *webs* que se deseja visitar, é necessário atuar. Ou seja, é preciso mais do que simplesmente se sentar, esperar e ver o que se apresenta no écran à nossa frente.

Sobre essa capacidade da Internet e, em especial, dos portais, trataremos mais no próximo capítulo. A partir de agora, terminamos essa discussão mais técnica sobre o nosso meio de comunicação com a apresentação dos números de utilização dele e o perfil dos usuários no Brasil e na Espanha.

## **5.6 – INTERNAUTAS DA REDE BRASILEIRA**

Foi somente na década de 90 que a Internet chegou ao Brasil, mais precisamente em 1995, quando houve uma forte política de capilarização dos serviços da rede, o qual culminou na expansão desta para diversos países. No início dos anos 2000, éramos 5 milhões de brasileiros conectados, em 2005, conforme dados da PNAD 2005<sup>49</sup>, mais de 32 milhões de pessoas no Brasil (o que equivale a 21% da população) já haviam acessado, pelo menos uma vez, a Internet. Atualmente, segundo dados do IBOPE//NetRankings

---

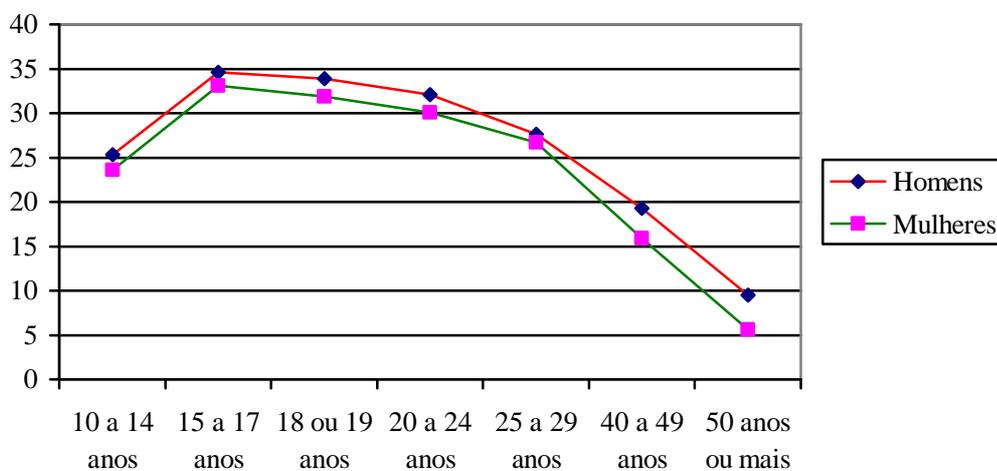
<sup>49</sup> Em 2005, a PNAD trabalhou como tema suplementar a questão do acesso à Internet, a pesquisa foi chamada de “Acesso a Internet e posse de telefone móvel celular para uso pessoal”. Esse é, sem dúvida, até o momento, o documento mais completo sobre o uso da rede mundial de computadores no país.

(2008), o Brasil já tem quase 24 milhões de usuários ativos da rede mundial de computadores.

Todavia, o acesso à Internet no Brasil ainda revela uma realidade excludente. De acordo com dados da PNAD 2005, as pessoas que mais acessam a rede no país estão nos grupos etários mais jovens (jovens e adultos), têm significativamente mais anos de estudos e possuem um nível de rendimento mensal domiciliar mais elevado.

Os brasileiros que mais acessam a rede têm entre 15 e 17 anos de idade. Quase 34% das pessoas desse grupo acessam a Internet. Essa porcentagem vai diminuindo à medida que a idade vai avançando. Como é possível observar no gráfico abaixo, o grupo das pessoas com 50 anos ou mais é o que menos acessa a rede: 9,5% dos homens e 5,6% das mulheres.

**Gráfico 18 - Percentual das pessoas que utilizaram a Internet, no período de referência dos últimos três meses, na população de 10 anos ou mais de idade, por sexo e grupos de idade, Brasil, 2005**

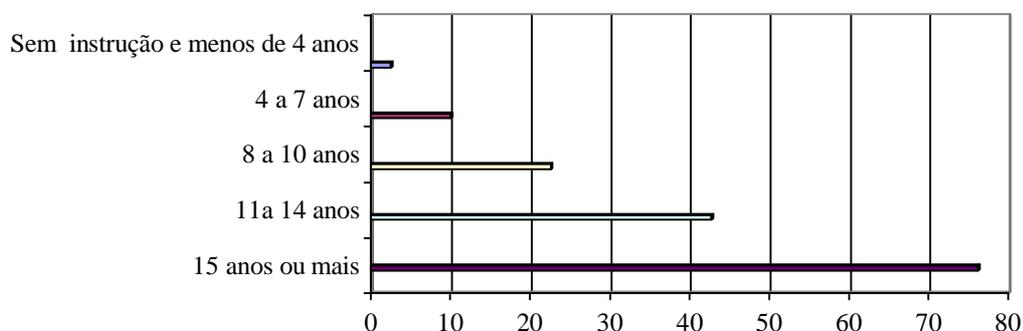


Fonte: IBGE, Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílios 2005

A curva do gráfico mostra que o ápice do uso da Internet está na juventude, mais precisamente, entre os 10 e 24 anos de idade. O gráfico acima também revela que em todos os grupos etários os homens têm mais acesso à rede do que as mulheres. A diferença entre o acesso de homens e mulheres aumenta ainda mais na faixa-etária de 50 anos ou mais. Isso implica que, no cenário atual, quanto mais se aproxima da terceira idade, menor o uso da Internet, especialmente no que concerne às mulheres.

Os usuários que mais utilizam Internet no Brasil têm, em média, conforme dados da PNAD 2005, 10,7 anos de estudos. E os que menos utilizam têm por volta de 5,6 anos de estudos. Mais de 76% das pessoas com 15 anos ou mais de estudos acessam a Internet. No gráfico abaixo é possível perceber essa relação: quanto mais anos de estudo, maior o acesso à rede.

**Gráfico 19 - Percentual das pessoas que utilizaram a Internet, no período de referência dos últimos três meses, na população de 10 anos ou mais de idade, por grupos de anos de estudo, Brasil, 2005**

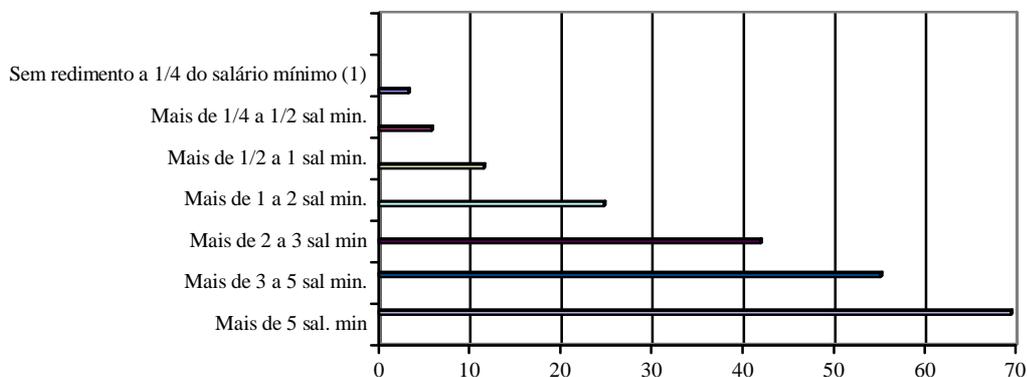


Fonte: IBGE, Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílios 2005

O gráfico acima – Gráfico 19 – mostra a relação direta entre o acesso à educação e o acesso à Internet. Os que tiveram mais acesso à educação formal são os que têm igualmente mais acesso à rede. E os brasileiros com mais anos de estudos são exatamente os que estão nos grupos etários com menos de 50 anos de idade.

Das três evidências do perfil de acesso a Internet que a PNAD 2005 identificou (grupos etários mais jovens, pessoas mais instruídas e com rendimento domiciliar mais alto), falta-nos comentar a questão do rendimento. As pessoas que mais utilizam a rede, aproximadamente 70%, residem em domicílios cuja renda média é mais de 5 salários mínimos. O gráfico abaixo mostra a relação entre maior rendimento e mais acesso à Internet:

**Gráfico 20 - Percentual das pessoas que utilizaram a Internet, no período de referência dos últimos três meses, na população de 10 anos ou mais de idade, por classes de rendimento mensal domiciliar per capita, Brasil, 2005**



Fonte: IBGE, Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílios 2005.

(1) Inclusive as pessoas moradoras em unidades domiciliares cujos componentes receberam somente benefícios.

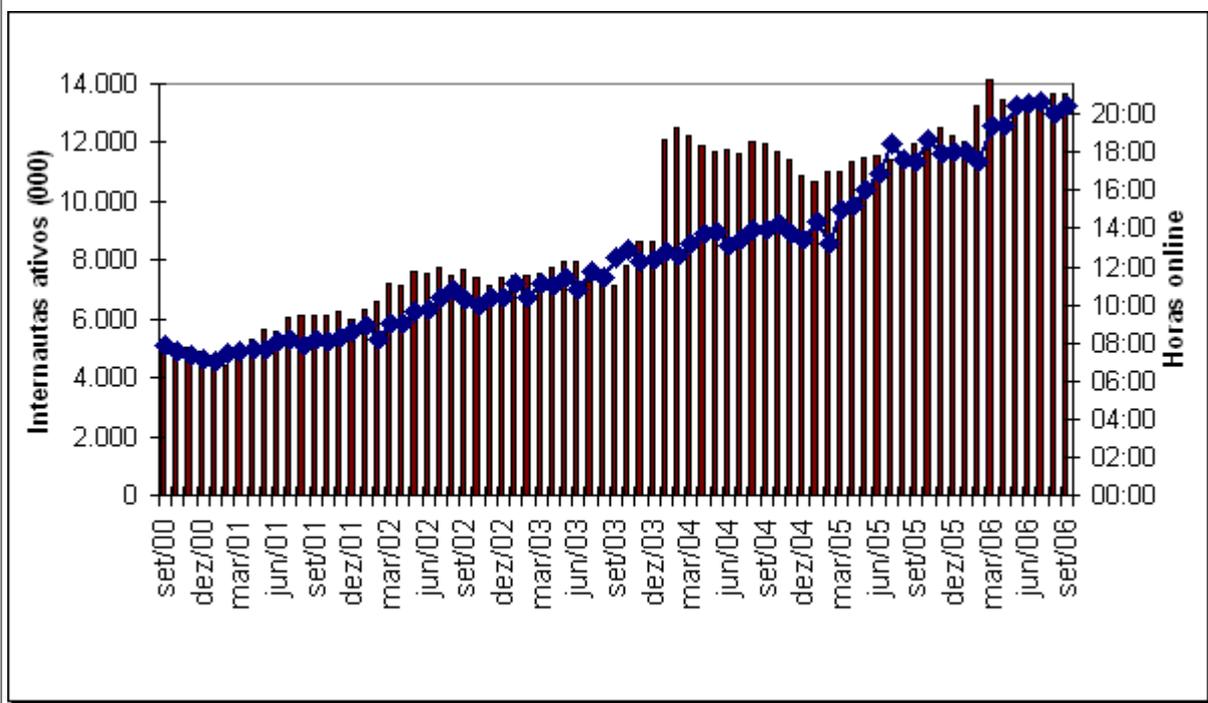
O grupo que tem menos acesso à Internet, como podemos comprovar no gráfico acima, é o que possui rendimento mensal de menos de um salário mínimo. Menos de 12% das pessoas que vivem em domicílios, cuja renda varia de 1 a 1/2 salário mínimo, têm acesso à rede mundial de computadores.

De uma maneira geral o acesso à Internet no Brasil tem tido um crescimento significativo. Conforme dados da PNAD 2007, no ano de 2001, mais de 12% dos domicílios brasileiros tinham um microcomputador e 8,6% acesso à rede. Em 2005, o número de residências brasileiras com Internet já era de 13,9%.

Atualmente, ainda de acordo com dados da PNAD 2007, quase 27%, dos mais de 56 milhões de domicílios brasileiros, tem um microcomputador. Aproximadamente 20% desses domicílios tem acesso à Internet. Isso representa um aumento de quase 12% no número de residências com microcomputador num lapso de tempo de seis anos.

Os dados da PNAD 2005, como foi colocado antes, revelam que, pelo menos uma vez, 32 milhões de brasileiros já acessaram a Internet. Contudo, conforme dados do IBOPE//NetRankings, 2008, no Brasil temos aproximadamente 24 milhões de usuários ativos, ou seja, que acessam a Internet com alguma frequência: todos os dias da semana ou alguns dias da semana.

**Gráfico 21 - Internautas domiciliares ativos\* e horas navegadas\*\*, Brasil, 2006**



Fonte: NetView - IBOPE//NetRatings (2006)<sup>50</sup>

\*Pessoas com 2 anos ou mais que navegaram na Internet através de computadores no domicílio no mês.

\*\*Tempo médio de uso do computador pelos internautas brasileiros ativos no mês.

O Gráfico 21 revela o número de horas que os brasileiros passam navegando na Internet. Os usuários, no ano de 2006, passavam em média 20 horas conectados por mês. Dados do IBOPE//NetRankings de 2008 revelam que os brasileiros agora passam em média 24 horas conectados por mês. Segundo dados da PNAD 2005, as principais finalidades de acesso geralmente são: educação e aprendizado (71,7%); comunicação com outras pessoas (68,6%); atividades de lazer (54,3%) e leitura de jornais e revistas (46,9%).

Certamente a finalidade desse acesso muda conforme o grupo etário, o rendimento e o nível de instrução. Quanto ao grupo etário, a idade média mais alta (35,8 anos) utiliza mais a rede para fazer transações bancárias e financeiras. A menor idade média (24,8 anos), identificada pela PNAD 2005, utiliza a Internet, principalmente, para atividades de lazer. Quanto ao rendimento, pessoas com rendimento mais baixo se conectam, principalmente, para fazer atividades de lazer. Já as pessoas com rendimento mais alto

<sup>50</sup> Dados retirados do site do Comitê Gestor da Internet. Disponível em: [www.cgi.br](http://www.cgi.br). Acessado em agosto de 2007.

preferem efetuar transações bancárias ou financeiras, comprar ou encomendar bens ou serviços e interagir com atividades públicas ou órgãos do Governo.

Acreditamos que até esse momento foi possível mapear o acesso à Internet no Brasil. Sem dúvida, a Internet é um espaço privilegiado para a juventude, considerando que o maior número de usuários é jovem. Isso, sem dúvida, tem reflexos no perfil dos serviços, das informações, do lazer, enfim no desenho que a rede ganha. Por isso, nossa provocação: Caiu na rede é jovem? Estatisticamente, é sim! Sem dúvida! No entanto, nos falta avaliar um pouco mais os dados de acesso da terceira idade e cruzar essas informações com os resultados das nossas pesquisas qualitativas (empresa que será realizada nos próximos capítulos).

### **5.6.1 - Idosos na rede**

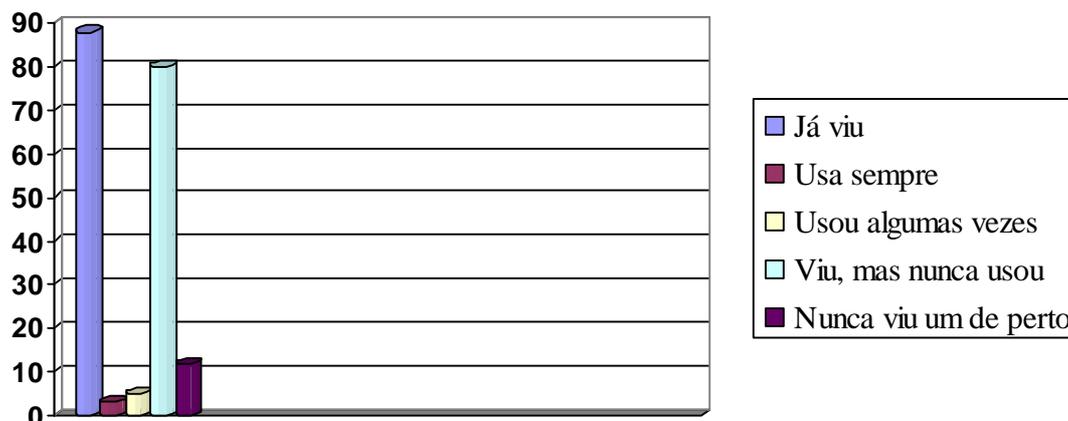
Os dados da PNAD 2005 foram bastante reveladores e nos dão pistas importantes sobre o perfil de acesso à Internet das pessoas com 60 anos ou mais de idade. O maior acesso à rede é dos grupos etários mais jovens. Segundo a pesquisa “Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na 3ª idade”<sup>51</sup>, 2007, somente 4% das pessoas com mais de 60 anos usam a Internet com uma certa frequência. Mais de 63% dos idosos afirmou saber o que é a Internet e 37% disse não saber do que se tratava.

Contudo, esses números não nos dizem tudo. Cabe a nós traçar melhor o perfil de acesso desse grupo etário. A primeira informação a comentar é a do uso do computador, que, via de regra, antecede ao uso da Internet. De acordo com a Fundação Perseu Abramo, 88% dos idosos já viu um computador e 8% já utilizou o equipamento, pelo menos uma vez:

---

<sup>51</sup> Essa pesquisa realizada pela Fundação Perseu Abramo, no período de 01 a 23 de abril de 2006, envolveu 204 municípios (pequenos, médios e grandes), distribuídos nas cinco macro-regiões do país (Sudeste, Nordeste, Sul, Norte e Centro-Oeste). A amostra totalizou 3.759 entrevistas.

**Gráfico 22 - Contato com e uso de computador, Brasil, 2006**



Fonte: pesquisa “Idosos no Brasil – vivências, desafios e expectativas na 3ª idade”, Fundação Perseu Abramo, 2007

A utilização do computador é, sem dúvida, um elemento que favorece o interesse por acessar a rede, considerando que a pessoa domina, pelo menos minimamente a linguagem da informática, a ponto de usar o computador, e que as formas de conexão à Internet estão ficando cada vez mais acessíveis. Assim sendo, acreditamos que o acesso do grupo etário de 60 anos ou mais de idade tende a crescer, por causa da própria popularização do uso do computador e do telefone. De acordo com dados da PNAD 2003, de 1992 a 2002, o percentual de domicílios brasileiros com telefone quase triplicou passando de 19,8% para, no ano de 2002, 62%.

Além disso, vale também uma comparação do uso da Internet com o de outros meios de comunicação, como o rádio e a televisão. Preservando, é claro, as idiossincrasias de cada meio e reconhecendo que a Internet tem um grau de dificuldade de utilização maior que o rádio e a televisão – já que exige alfabetização (considerando o grande volume de informações escritas na rede) – acreditamos que o processo de popularização do acesso a esses canais de comunicação se assemelha. O aparelho de TV, assim como de computador, no início da sua utilização era cara e de difícil acesso. Contudo, conforme dados da PNAD 2005, em 2004 mais de 90% dos lares brasileiros tinham um aparelho televisor:

**Tabela 18 - Evolução dos domicílios com TV, Brasil, 2006**

Ano	Números Absolutos	Posse %
1970	4.250.400	24,1
1980	14.142.575	56,1
1990	26.226.212	73,7
1995	31.575.938	81,0
2000	38.906.707	87,0
2002	42.778.810	89,9
2003	44.248.829	90,0
2004	46.733.120	90,3

Fonte: Mídia Dados, 2006

O vertiginoso crescimento do uso da televisão pode ser comprovado pela tabela acima. Num lapso de tempo de 34 anos o número de domicílios com aparelho televisor cresceu mais de 10 vezes. O mesmo fenômeno aconteceu com o rádio. Em 1993, 85% dos lares no Brasil já tinham aparelhos de rádio. No ano de 2003, essa proporção era de 87,8%. O microcomputador também passa pelo mesmo fenômeno de popularização. De acordo com pesquisas do Comitê Gestor de Internet – CGI, em 2005, 16,91% dos domicílios brasileiros tinham micro-computador. Em 2006, essa proporção foi de 19,63%, ou seja, houve um crescimento de 2,72% em apenas um ano.

A argumentação exposta nos revela que o uso da Internet está em ascensão no Brasil e isso, sem dúvida, impacta em todos os grupos etários. A Internet é um fenômeno novo, em franco processo de popularização em todo mundo. Seguramente, o número de acesso de idosos no Brasil à rede de computadores tende a aumentar sensivelmente nos próximos 10 anos.

Mas, os idosos na rede fazem o quê? Gostam do quê? Passam quanto tempo navegando? Adquirir conhecimento (11%), aprender a mexer (10%), passar e-mails para amigos e familiares (7%) e fazer pesquisas (6%) são as principais motivações dos idosos brasileiros para usar o computador e a Internet (FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO, 2007).

Dos serviços de comunicação oferecidos na rede, no ano de 2006, enviar e receber e-mails (74,5%) foi o mais utilizado pelos idosos. Além disso, eles também enviam mensagens instantâneas (38,17%) e participam de sites e comunidades de relacionamento, como o *Orkut* (13,5%). Dos serviços de busca de informações on-line, no ano de 2006, os principais temas procurados pelos idosos são: bens e serviços (42,49%); diversão e

entretenimento (23,49%); saúde (22,09%); e viagens e acomodações (15,68%) (CGI<sup>52</sup>, 2007).

Conforme dados do CGI (2006)<sup>53</sup>, sobre a média de horas de acesso à Internet por semana, no ano de 2006, 33,79% dos idosos, que acessam a rede, ficaram conectados até uma hora; 29,75%, entre uma a cinco horas; 23,37%, entre seis e 10 horas, e 9,01% ficaram de 16 a 20 horas conectados por semana.

A Internet, indubitavelmente, ainda não é o espaço de preferência dos idosos para se comunicar, buscar informações, efetuar transações bancárias, participar de fóruns e outros. O meio de comunicação mais utilizado por eles é a televisão. De acordo com a Fundação Perseu Abramo (2007), 65% dos idosos brasileiros acreditam que aprendem ou se informam mais pela televisão, contra 2% que acreditam que a Internet é o melhor lugar para exercer essas atividades. Certamente, essas pessoas não foram educadas utilizando o computador como ferramenta. A sua experiência com esse meio é tardia. Exatamente o oposto do que acontece agora com muitas crianças e adolescentes que têm, no âmbito escolar, acesso ao computador e à Internet. Por isso, acreditamos que o número de acesso dos idosos à rede e o perfil desse acesso ainda está em transição. Os números revelam que o fenômeno já começou. Mas, ele ainda só começou!

## **5.7 – ACESSO NA ESPANHA**

A Europa é responsável por 12,3% dos usuários da Internet no mundo. Quase 40% da população europeia está conectada à rede. Número bem superior à América Latina e o Caribe que têm, atualmente, aproximadamente 20% da sua população como usuária da rede (INTERNE USAGE STATISTICS, 2007). Por essa introdução, já é possível identificar que em relação ao acesso à Internet, o Brasil e a Espanha estão em fases diferentes.

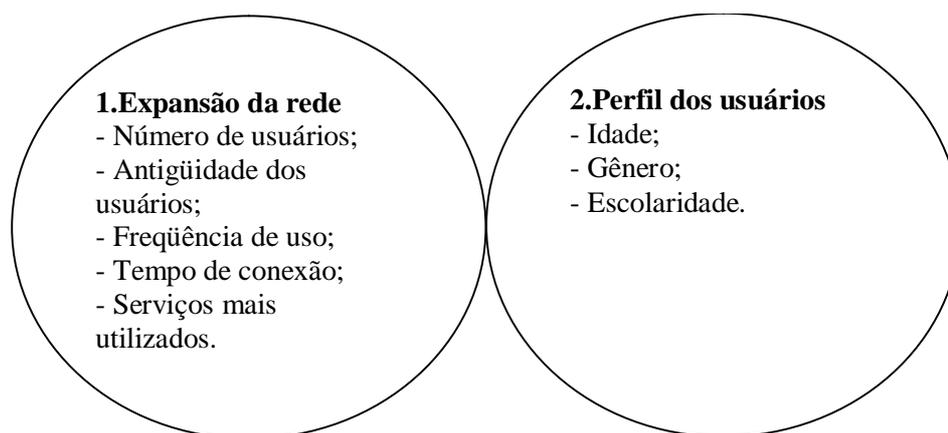
---

<sup>52</sup> De acordo com o Comitê Gestor de Internet – CGI, os dados sobre os hábitos de uso da Internet por parte dos idosos possuem erro estatístico de até 10% porque foram calculados com base em entrevistas pequenas.

<sup>53</sup> De acordo com o Comitê Gestor de Internet, os dados sobre a média de horas de conexão à Internet por parte dos idosos possuem erro estatístico de até 10% porque foram calculados com base em entrevistas pequenas.

Depois de mergulharmos no fenômeno do uso da Internet no contexto brasileiro, nossa tarefa agora é nos ater um pouco no caso espanhol. Para tanto, escolhemos dois indicadores – expansão e utilização da rede e perfil dos usuários – e algumas variáveis que acreditamos que nos permitem conhecer melhor a realidade do uso da Internet na Espanha:

**Figura 15 - Indicadores e variáveis do uso da Internet na Espanha**



Fonte: elaboração própria

O primeiro indicador – expansão e utilização da rede – nos permitiu construir um “raio-X” da evolução da Internet na Espanha. A primeira variável para analisarmos essa expansão, que se trata do número de usuários, pode ser melhor compreendida se observarmos também o número de espanhóis que têm acesso ao computador e percebermos o crescimento desse acesso ao longo dos anos.

Na Espanha, assim como na maioria dos países, percebe-se a clara convergência entre a utilização do computador e o uso da Internet. De acordo com dados do *eEspaña 2008 – informe anual sobre el desarrollo de la sociedad de información en España* (2008), realizado pela Fundação Orange, no ano de 2007, mais de 57% dos espanhóis utilizou um computador, enquanto que 52% teve acesso à rede mundial de computadores. Esses números deixam claro que cada vez mais na Espanha o uso do computador tem se tornado sinônimo do uso da Internet.

O uso da Internet na Espanha, assim como em todos os países desenvolvidos e, também, em muitos em desenvolvimento, é marcado pelo crescimento contínuo e acelerado do número de internautas. Atualmente, como já colocamos, 57% da população espanhola já usou a Internet, pelo menos uma vez, e 17 milhões de espanhóis, ou seja,

quase a metade da população é usuária freqüente da rede mundial de computadores (INE, 2008).

**Tabela 19 - Número de usuários da Internet, Espanha, 1996-2003**

Ano	Usuários freqüentes	% da população
1996	242.000	0,7
1997	765.000	2,3
1998	1.362.000	4,0
1999	2.017.000	5,8
2000	3.660.000	10,5
2001	6.894.000	19,8
2002	7.734.000	22,66
2003	8.989.000	25,5

Fonte: Nielsen/Netrating, 2003.

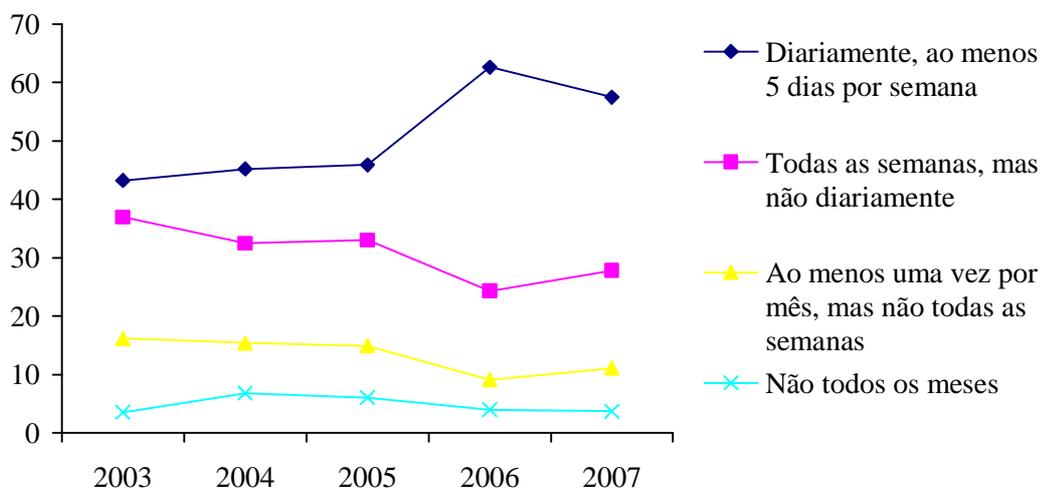
*\*Para essa pesquisa foram considerados usuários freqüentes as pessoas que utilizam a Internet pelo menos uma vez por mês.*

Na tabela acima fica evidente o crescimento vertiginoso do número de internautas espanhóis. Do ano de 2003 até 2008 a proporção de usuários quase dobrou. Conforme dados da "*Encuesta sobre Equipamiento y Uso de Tecnologías de Información y Comunicación en los Hogares*", INE (2008), 51% dos lares espanhóis têm acesso à Internet. Além disso, segundo a pesquisa *Navegantes em la red* (2008), da AIMC<sup>54</sup>, a maior parte dos internautas espanhóis (42,1%) tem mais de 8 anos de uso da Internet e 30% é usuário da rede a mais de 5 anos.

No quesito intensidade de uso, os espanhóis se destacam pela freqüência com que utilizam a rede mundial de computadores. Quase 60% dos internautas se conectam diariamente ou, pelo menos, uma vez por semana (INE, 2008). A maioria desses usuários freqüentes (54,4%) se conecta várias vezes ao dia à Internet (AIMC, 2008).

<sup>54</sup> A *Asociación para la Investigación de Medios de Comunicación* – AIMC, realizou, no ano de 2008, a pesquisa "*Navegantes en la Red: 10ª encuesta AIMC a usuarios de Internet*", na qual traça um perfil dos internautas espanhóis.

**Gráfico 23 - Frequência do uso da Internet na Espanha, Espanha, 2003-2007 (%)**



Fonte: Fundación Orange, 2008

Como podemos ver no Gráfico 24, a maioria dos internautas espanhóis utiliza a Internet diariamente. Ou seja, os usuários são mais frequentes que ocasionais. Além disso, ainda conforme informações do Gráfico 24, o aumento da frequência tem crescido ao longo dos anos. Como evidência, em 2006, por exemplo, mais de 60% dos usuários utilizaram a rede diariamente, enquanto que em 2003 esse número não ultrapassou os 40% (FUNDACIÓN ORANGE, 2008).

Menos de 20% dos usuários se conectam esporadicamente: alguma vez no mês ou não todos os meses. O número de pessoas que passam conectadas mais de 60 horas por semana é muito superior (12,6%) do que as que destinam menos de uma hora (0,7%) ou entre uma ou quatro horas semanais (7,5%) à rede mundial de computadores.

A maior parte dos usuários frequentes (34,6%) passa entre 10 e 30 horas conectados por semana e o segundo maior grupo (24,8%) passa entre 30 e 60 horas na Internet. Em média, os internautas ocupam 17% do seu tempo, por semana, ligados à rede mundial de computadores, como podemos comprovar na tabela abaixo:

**Tabela 20 - Tempo médio de conexão por semana, Espanha, 2008**

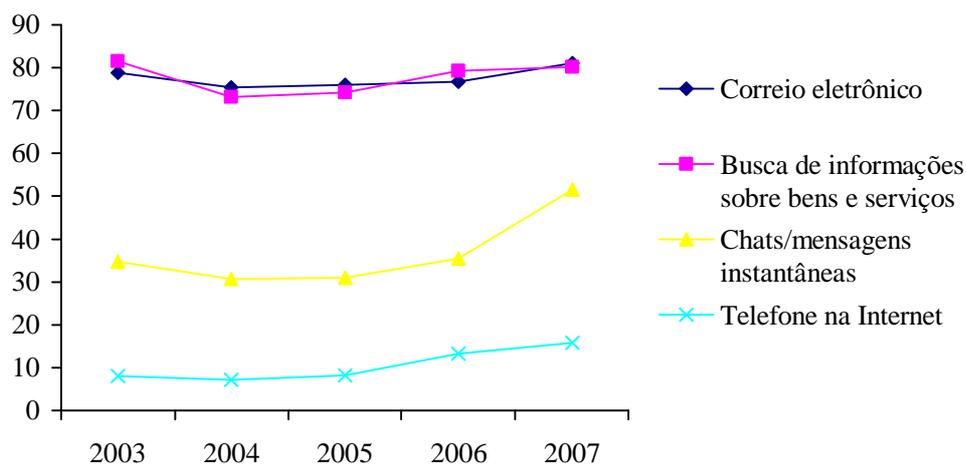
Período	%
Menos de 1 hora	0,7%
Entre 1 e 4 horas	7,5%
Entre 4 e 10 horas	18,7%
Entre 10 e 30 horas	34,6%
Entre 30 e 60 horas	24,8%
Mais de 60 horas	12,6%

Fonte: AIMC, 2008

Apesar das evidências sobre o aumento da frequência do uso da Internet e sobre a maior parte dos espanhóis dedicarem muitas horas semanais para acessar a rede, o mais impressionante no caso espanhol, sem dúvida, é o crescimento do número de internautas. O número de usuários da rede se multiplicou 2,5 vezes desde 2001: “Este crescimento faz com que a Internet vá se convertendo de forma rápida em um importante protagonista dos hábitos de lazer e cultura de um elevado número de espanhóis” (Trad. livre) (FUNDACIÓN ORANGE, 2008, p. 154).

E, por fim, nos perguntamos: o que os espanhóis, que cada vez mais abraçam a Internet como um importante elemento do seu cotidiano, buscam na rede? A maior parte desses internautas busca informações pelo sistema *web* e acessa seu correio eletrônico:

**Gráfico 24 - Usos dos serviços de Internet, Espanha, 2003-2007 (%)**



Fonte: FUNDACIÓN ORANGE, 2008

De acordo com dados da Fundação Orange (2008), os serviços mais utilizados pelos espanhóis são: correio eletrônico, busca de informações, *chats* e telefone via Internet. O que podemos perceber pelo Gráfico 25 é que os serviços cujo uso tem crescido ao longo do tempo são os de *chats* e telefone, enquanto que os dois primeiros praticamente se mantiveram no período de 2003 a 2007.

Para finalizarmos esse tópico sobre o uso da Internet na Espanha nos falta descobrir o perfil dos usuários que até agora fulguraram como cifras do grande crescimento do número de internautas e do envolvimento cada vez maior deles com esse meio de comunicação.

De acordo com o IMSERSO 2006 para se compreender o uso do computador e a difusão da Internet na Espanha não se pode perder de vista três aspectos fundamentais: idade, gênero e escolaridade. A maioria dos internautas espanhóis tem entre 15 e 35 anos de idade, são homens e possuem os mais altos níveis de escolaridade. Como podemos perceber, os mesmos desequilíbrios que encontramos no uso da Internet no Brasil se repetem na Espanha. Idosos, mulheres e pessoas com baixa escolaridade são os grupos que se conectam menos e com menos frequência à rede mundial de computadores.

De cada 10 internautas espanhóis, seis têm entre 15 e 35 anos de idade (IMSERSO, 2006). As pessoas mais jovens além de estarem em maior número, no que concerne ao uso da Internet, são também as que se conectam com mais frequência:

**Tabela 21 - Pessoas que utilizaram a Internet alguma vez durante os últimos três meses segundo a frequência de uso por grupos de idade, Espanha, 2º semestre de 2005**

	Total de pessoas	Todos ou quase todos os dias	Todas as semanas, não todos os dias	Ao menos uma vez ao mês, mas não todas as semanas	Não todos os meses
Todas das idades	15.506.014	48,3	32,4	13,8	5,5
15 a 24 anos	4.142.516	44,7	35,0	15,2	5,1
25 a 34 anos	4.794.821	51,9	30,5	12,5	5,1
35 a 44 anos	3.486.106	48,9	30,7	14,5	5,8
45 a 54 anos	2.040.479	47,1	34,4	13,1	5,4
55 a 64 anos	832.674	47,1	32,9	11,7	8,0
65 ou mais anos	209.418	44,3	32,0	16,2	7,5
65 a 74 anos	172.064	44,6	32,7	13,5	9,2
75 anos ou mais	37.354	42,8	28,6	28,6	-

Fonte: INE, *Encuesta de Tecnologías de la Información en los Hogares*

Como podemos perceber na tabela acima – Tabela 21 – quanto mais jovem for o internauta, maior a chance dele acessar a Internet com mais frequência que os outros grupos. Os internautas de 15 a 54 anos de idade correspondem à aproximadamente 92% do total de usuários da rede mundial de computadores.

Os mais jovens, que representam a maioria dos internautas espanhóis, são também os que possuem o maior nível de escolaridade, como discutimos no capítulo “Terceira idade e sociedade espanhola”. Quase 40% das pessoas do grupo etário de 25 a 35 anos têm curso superior, enquanto nos grupos com idades mais altas esse número cai consideravelmente. Como evidência, no grupo etário de 45 a 54 anos, 22% das pessoas possui nível superior e no de 55 a 64 anos essa proporção cai ainda mais: 15,2%.

A questão do desequilíbrio no número de homens e mulheres, no que concerne ao uso da Internet, também sofre influência dos grupos etários. No recorte de 16 anos de idade quase não há diferença entre o número de usuário homens e mulheres. O desnível nesse caso é de 2% mais de homens que mulheres. Contudo, em grupos com idades mais altas esse desequilíbrio vai aumentando significativamente. Por exemplo, de 45 até 55 anos a diferença é de 9% e com 55 anos ou mais de idade o número de internautas homens é 10% maior que o de mulheres.

### **5.7.1 - Idosos na rede espanhola**

O desafio agora é compreender em números a participação na rede espanhola do grupo etário privilegiado da nossa tese de doutorado: os idosos.

Como vimos anteriormente, os idosos são o grupo etário que menos acessa a Internet. De acordo com dados do IMSERSO 2006, em 2006, 6,1% das pessoas entre 65 e 74 anos acessaram a rede e 13,5% utilizaram computador. A relação aqui permanece a mesma que a anterior: quanto mais anos de vida, menor o acesso à rede e ao uso do computador. Como exemplo, somente 4,2% das pessoas com mais de 74 anos usaram alguma vez a Internet e 9,2% o computador.

Somente 1,4% dos internautas espanhóis são idosos, o que corresponde a 210 mil pessoas. Desse universo, mais de 76% são usuários frequentes, o qual equivale praticamente à mesma média de internautas frequentes nos outros grupos etários, inclusive, no recorte de 15 a 35 anos, em que se concentram o maior número de usuários da Internet na Espanha.

Os idosos, ao contrário dos mais jovens, utilizam a Internet com caráter mais instrumental, como consultas a bancos, serviços do Governo ou outros meios de comunicação e para acessar seu correio eletrônico. Jogos, *chats*, telefone via Internet e cursos a distância são serviços pouquíssimos procurados pelos internautas idosos na Espanha.

O menor uso da Internet pelos idosos com relação aos mais jovens se deve, em parte, por que falta aos idosos algumas das motivações que conduzem aos demais a utilizar esse meio, como a atividade profissional ou o estudo, mas também as comunicações pessoais ou os serviços de lazer (Trad. livre) (IMSERSO, 2006, p. 310).

Não obstante ao pequeno número de internautas idosos, é preciso observar que o aumento do número de usuários da Internet nesse grupo é extremamente considerável. Entre 2003 e 2005 o número de idosos que acessou a rede cresceu em quase 40%:

**Tabela 22 - Evolução do uso das novas tecnologias entre a população de 65 anos ou mais e de 75 anos ou mais, Espanha, 2003 a 2005**

	Total		De 65 a 74 anos		De 75 anos ou mais	
	Pessoas	%	Pessoas	%	Pessoas	%
<b>Pessoas que utilizaram o computador nos últimos três meses</b>						
2003	15.149.530	42,7	210.788	5,5	53.379	1,8
2004	16.427.421	45,5	215.996	5,5	54.079	1,8
2005 (1ª semestre)	17.743.546	48,3	259.478	6,7	52.934	1,6
2005 (2ª semestre)	17.908.683	48,6	259.816	6,8	68.469	2,1
<b>Pessoas que utilizaram a Internet nos últimos três meses</b>						
2003	12.130.100	34,2	123.142	3,2	42.939	1,4
2004	13.534.664	37,5	115.864	3,0	20.471	0,7
2005 (1ª semestre)	15.131.420	41,2	144.617	3,7	24.685	0,8
2005 (2ª semestre)	15.506.014	42,1	172.064	4,5	37.354	1,1

Fonte: INE, *Encuesta de Tecnologías de la Información en los Hogares*, 2º semestre de 2005

Como podemos comprovar pela tabela acima, o número de pessoas com 65 a 74 anos de idade que utilizam o computador e a Internet cresceu progressivamente entre os anos de 2003 e 2005. Em 2003, 3,2% dos idosos acessaram a rede e dois anos depois essa proporção já estava em 4,5%. Contudo, no que se refere às pessoas com 75 anos ou mais

de idade, há uma oscilação muito grande no uso dessas tecnologias e não houve aumento no número de usuários da rede mundial de computadores.

O retrato do uso da Internet pelos idosos na Espanha, assim como no Brasil, é uma imagem em construção. O perfil que traçamos agora talvez seja completamente dispare dentro de uns 10 anos. Esse fenômeno, de modo especial, é extremamente dinâmico e o que podemos afirmar com segurança é que o número de internautas idosos nos dois países tende a ser o que mais vai aumentar nos próximos anos.

## Capítulo VI

### ABRINDO A CAIXA-PRETA

O título é provocador. O risco é alto. Os olhos que entrarem aqui podem não ver a caixa-preta. Ou pior: podem não enxergar nada dentro dela. Como coloca Latour (2006), o compromisso do texto do cientista social é alto porque ele é o laboratório, o local de testes, de experimentos, de ousadia, de conservadorismo e acrescentamos de ansiedade e de medo. Isso porque no texto a rede também acontece. Na trama que viemos desvelando até agora, nos falta completar a discussão teórica que utilizamos para olhar o nosso fenômeno. Na verdade, esse capítulo tem um desafio duplo: por um lado terminamos de revelar o nosso suporte teórico; por outro, reforçamos a nossa estratégia metodológica.

O nosso olhar para o fenômeno da participação dos idosos na Internet teve uma base importante, a qual, seguramente, determinou a maior parte das decisões tomadas nesta pesquisa – não fazer distinção entre elementos humanos e não-humanos nos espaços virtuais de análise. Ou, mais precisamente, utilizamos o apoio teórico e metodológico da corrente Construção Social da Tecnologia para realizar nosso trabalho. Nesse sentido, apresentamos a contribuição de autores, que acreditamos trazer discussões em harmonia com os nossos objetivos, como Knorr-Cetina, Bijker, Callon, Latour, Law e outros. Porém, no âmbito da Construção Social da Tecnologia, fizemos um recorte. De fato, foi no trabalho de Latour que mergulhamos, especialmente, na sua corrente de pesquisa conhecida como teoria Ator-rede, que por outro lado traz um conjunto de conceitos, os quais fazem com que muitos a apontem como uma teoria e, por outro lado, traz igualmente orientações metodológicas para se olhar as redes sociotécnicas sem fazer distinção, *a priori*, entre a natureza e o social. Para esse trabalho, o aspecto técnico foi tão importante quanto o social. A nossa pretensão foi olhar o fenômeno compreendendo sua dinâmica sem privilegiar os atores que emergem da rede, fossem eles técnicos ou humanos.

Este capítulo é, portanto, o momento de reafirmarmos a importância dos estudos sobre a tecnologia, considerando que, como viemos defendendo ao longo do trabalho e, em especial, nesta parte da tese, a participação que queremos analisar se processa dentro de um ambiente construído tecnologicamente: os portais. Esse é também o espaço de ampliarmos

a discussão sobre a nossa tecnologia: a Internet. Assim colocado, buscamos na teoria da Comunicação – especificamente na obra de alguns autores, como Martino, Meyrowitz e Castells – o debate sobre o que são os meios de comunicação e as idiossincrasias da rede mundial de computadores.

E para concluirmos esse capítulo resgataremos a questão da etnografia virtual. Só que acrescentamos a ela as contribuições de Latour e, deste modo, falaremos mais precisamente de uma etnografia virtual simétrica, a qual foi utilizada como estratégia metodológica nesta pesquisa.

As combinações teóricas e metodológicas que apresentamos fazem parte do caminho que julgamos necessário traçar para compreender o nosso fenômeno, sem colocá-lo à sombra de teorias ou métodos, mas dispendo esses a favor da compreensão da dinâmica da participação da terceira idade nos portais da *web*.

## **6.1 – OS ESTUDOS SOBRE A TECNOLOGIA**

O primeiro desafio que lançamos é duvidar sobre o que é a tecnologia e qual é o seu papel na sociedade. Mas, onde está a dúvida? Ela está no senso comum, que, inequivocamente, orientou de certa maneira a pesquisa científica e tecnológica e fez com que muitos pesquisadores defendessem a neutralidade da tecnologia, ou seja, ela é um dado, que deve ser analisado meramente pela sua eficácia. Para Trigueiro (2007a), a tecnologia tem sido pensada pela porta dos fundos da ciência e isso limita a construção de teorias genuínas sobre o fenômeno tecnológico:

No melhor dos caminhos, argumenta o autor (Don Ihde, 1979), a tecnologia era pensada como ciência aplicada (“neta da filosofia”) – uma “engenharia de conceitos” – e não como uma forma de conhecimento própria, mais antiga que a ciência e sempre presente em toda a história humana, na luta que essa espécie trava com a natureza (física e biológica), visando ao seu controle e à dominação (TRIGUEIRO, 2007c, p. 10).

Nossa hipótese é que esse posicionamento da comunidade científica e tecnológica, que julga a tecnologia pelas aparências, na verdade, mais precisamente, a vê como um conjunto de instrumentos e artefatos que são analisados pelo ponto de vista de sua utilidade, condenou, por exemplo, o rumo das pesquisas em Comunicação, que, indubitavelmente, se voltou muito mais para o conteúdo e para os efeitos (KATZ, 1990),

do que para o que são os meios de comunicação e o impacto deles. Diante desse cenário, é fácil perceber por que isso aconteceu. Os canais de comunicação, assim como outras tecnologias, foram vistos como simples aparelhos, neutros na essência, meros transmissores de informação. Sem dúvida, esse equívoco, que pode parecer até ingênuo, foi orientado, como colocamos antes, pela forma de perceber a tecnologia de modo geral, pela condição de não ver além das aparências, pelo vício, ratificado muitas vezes por famosos pesquisadores de não ver além da utilidade desses instrumentos. O resultado dessa operação foi deixar o estudo da tecnologia de lado, salvo em caso de resistência de pesquisadores que enxergavam o perigo de subjugar o fenômeno tecnológico e, conseqüentemente, o papel dos meios de comunicação. Os estudos sobre a tecnologia estiveram vinculados de maneira precária e secundária aos da ciência porque foram encarados sistematicamente como fenômenos hierarquicamente inferiores (SOUSA e GERALDES, 2008, p. 167).

Assim colocado, antes de falarmos sobre os meios de comunicação, em especial da Internet, nos cabe concentrar com um pouco mais de profundidade sobre o que é a tecnologia. Segundo Trigueiro:

O questionamento a respeito da natureza da tecnologia e do lugar que ela ocupa na sociedade tem proporcionado, recentemente, amplo debate na literatura, envolvendo diferentes enfoques, posições filosóficas e metodologias. São muitas perspectivas teóricas que se confrontam e se superpõem, evidenciando, a um só tempo, a grande complexidade do fenômeno em discussão, e o relativamente recente peso (nos últimos cinquenta anos) que o assunto passou a ganhar entre os autores que lidam com a problemática do conhecimento (TRIGUEIRO, 2007a, p. 8).

De acordo com Trigueiro, como apontamos no primeiro capítulo desta tese, temos aproximadamente 50 anos de esquentamento do debate sobre a tecnologia. Ainda conforme o pesquisador, um dos trabalhos que intensifica esse debate é *The question Concerning Technology*<sup>55</sup>, de Martin Heidegger (TRIGUEIRO, 2007a).

A partir de agora vamos examinar, especialmente, o instigante e revelador pensamento de Heidegger, que Trigueiro coloca como um dos principais autores do pensamento sobre o papel da tecnologia, devido à sua contribuição seminal no debate sobre esse tema. Heidegger (2006), respeitando sua filiação fenomenológica, se propõe a olhar

---

<sup>55</sup> HEIDEGGER, M. "A questão da técnica". In: **Ensaio e Conferências**. \_\_\_\_\_. Rio de Janeiro: Editoras Vozes e Editora Universitária São Francisco, 2006, 3. ed, pp. 11 a 38.

além das aparências e descobrir a essência da tecnologia. Antes de começarmos, é importante notar que esse capítulo não se dispõe a fazer uma análise essencialista da técnica, o qual poderia redundar igualmente em outros problemas, contudo consideramos fundamental apresentar e discutir esse pensamento complexo e desafiador de Heidegger.

Para Heidegger (2006) existem duas concepções correntes sobre o que é a técnica<sup>56</sup>: 1 – a técnica é meio para um fim; 2 – a técnica é uma atividade do homem. Para o autor, ambas as explicações se pertencem:

Pois estabelecer fins, procurar e usar meios para alcançá-los é uma atividade humana. Pertence à técnica a produção e o uso de ferramentas, aparelhos e máquinas, como a ela pertencem estes produtos e utensílios em si mesmos e as necessidades a que eles servem. O conjunto de tudo isto é a técnica. A própria técnica é também um instrumento, em latim *instrumentum* (HEIDEGGER, 2006, p. 12).

O primeiro conceito de técnica, acima citado, que a considera um meio é uma concepção instrumental. O segundo, que considera a técnica uma atividade humana, é uma concepção antropológica da técnica.

Heidegger (2006) afirma que ambas as concepções sobre técnica estão corretas. Inclusive, se elas se referirem à tecnologia moderna, porque ela também é um meio para se alcançar um fim. O autor afirma que a concepção instrumental da técnica faz um esforço para colocar o homem num relacionamento direto com ela. É uma questão de saber operá-la, manipulá-la. Nesse sentido, o homem anseia dominar a técnica. E essa ânsia é proporcional à capacidade da tecnologia de não se deixar controlar.

Contudo, para Heidegger, essa é uma visão ôntica da tecnologia. Ela fala das aparências, do que está óbvio aos olhos. Da tecnologia pronta, ou seja, da caixa-preta<sup>57</sup> fechada. Para o autor, não está errado, mas, também, não é verdadeiro. Não fala da essência da técnica:

---

<sup>56</sup> No original, do texto de Heidegger, ele faz uso da palavra “tecnologia” e não “técnica”. Contudo, na tradução para o português veio a palavra “técnica”. Portanto, para evitar futuras complicações, utilizaremos, nesse capítulo, “técnica” como sinônimo de “tecnologia”, mesmo sabendo que há alguns autores que marcam diferenças entre os dois termos, aqui optamos por usá-los como sinônimos.

<sup>57</sup> Caixa-preta é um conceito apropriado por Latour que diz respeito ao estado de um fenômeno tecnológico ou científico. As caixas-pretas fechadas são as que alcançaram o consenso na comunidade científica ao passo que as abertas se referem à ciência e/ou tecnologia em construção: "A expressão *caixa-preta* é usada em cibernética sempre que uma máquina ou um conjunto de comandos se revela complexo demais. Em seu lugar, é desenhada uma caixinha preta, a respeito da qual não é preciso saber nada, senão o que nela entra e o que dela sai" (LATOURE, 2000, p. 14).

A técnica não é, portanto, um simples meio. A técnica é uma forma de descobrimento. Levando isso em conta, abre-se diante de nós todo um outro âmbito para a essência da técnica. Trata-se do âmbito do descobrimento, isto é, da verdade (HEIDEGGER, 2006, p. 17).

Assim colocado, a técnica refere-se muito menos a um meio do que a um processo que repousa na possibilidade produtiva. Essa é uma visão ontológica da técnica, que tenta ver além da sua utilidade e da sua pretensa neutralidade. Heidegger (2006) afirma, então, que quem se coloca para desenvolver algo descobre as possibilidades do “a ser-produzido”. A técnica é, portanto, uma forma de descobrimento, no qual acontece a verdade.

Para tornar mais claro: o que marca a tecnologia? Para Heidegger (2006) o que marcou o surgimento da tecnologia foi a luta humana pela sobrevivência no domínio da natureza. Todavia, o autor acredita que com o surgimento da ciência, a relação se inverteu, e o homem passou a dominar a natureza por meio da tecnologia (IHDE, 2006). E o que claramente permanece é o apelo explorador de vencer e dominar a natureza.

Para Heidegger há uma primazia da técnica em relação à ciência. Ao contrário do pensamento corrente que sustenta a tecnologia como uma filha da ciência, Heidegger afirma o contrário. “Heidegger inverte essa visão e reivindica que a moderna ciência é essencialmente uma filha da tecnologia” (Trad. livre) (IHDE, 2006, p. 281). Os argumentos contra Heidegger (2006) podem dizer que a ciência se utiliza da tecnologia, ou, mais precisamente, dos seus instrumentos. Contudo, conforme Ihde (2006), a ciência precisa dos instrumentos como uma condição necessária para as suas investigações, mas esse ainda não é o argumento forte para dizer que ou a ciência ou a tecnologia estão na origem.

Heidegger (2006) afirma que se a essência da tecnologia é o apelo explorador, é olhar a natureza como uma fonte de energia que pode ser explorada e estocada, essa essência, portanto, já condicionou o comportamento da ciência (IHDE, 2006). Assim colocado, a tecnologia moderna vem primeiro e a ciência sofre o impacto da essência dela. “Escondida atrás da física moderna está o espírito da tecnologia, tecnologia no seu sentido ontológico mundo-feito-como-estoque de reserva” (Trad. livre) (IHDE, 2006, p. 282).

O que Heidegger (2006) defendeu foi, sobretudo, um espaço para discussão da tecnologia. Foi tirá-la do limbo das preocupações, proporcionar uma discussão genuína, que não depende das bençãos e do tempo livre dos pesquisadores da ciência, e trazê-la para

o foco de interesse. Outros autores como Trigueiro (2007a), Latour (2000), Bijker (1995) e Callon (1987), mais contemporâneos que Heidegger, defendem a existência de um campo de estudos que seria conhecido como Sociologia da Ciência e da Tecnologia<sup>58</sup>, dado ao destaque e a representatividade que os estudos da área tem ganhando nas últimas décadas. Não obstante, Latour (2000) reconhece que há autores que duvidam da existência legítima de um campo de estudos sobre a tecnologia:

Eu afirmo que esse campo existe, que há um núcleo de problemas e métodos comuns, que ele é importante e que todas as disciplinas e objetos dos estudos de “ciência, tecnologia e sociedade” podem ser empregados também como material especializado para estudá-lo (LATOURE, 2000, p. 35).

Em que pese a diferença dos estudos de Heidegger (2006) e dos outros autores acima citados, todos eles defendem um espaço de reflexão sobre a condição da ciência e da tecnologia, sem, contudo, colocar essa última na sombra da ciência. Não se trata de reivindicar posições hierárquicas e sim de modificar o histórico processo de obliteração dos fenômenos tecnológicos.

Portanto, acreditamos que a tecnologia é bem mais do que artefatos e instrumentos. Esses são, na verdade, a ponta de um *iceberg* de grandes proporções mergulhado em águas profundas. A tecnologia é uma escolha de um caminho dentre vários possíveis (TRIGUEIRO, 2007a):

Uma tecnologia pressupõe, necessariamente, uma escolha – uma seleção – uma seleção entre alternativas possíveis, em que certas opções são privilegiadas em detrimento de outras. Cada uma das possibilidades tecnológicas representa um interesse social específico. Assim, uma tecnologia traduz, dentro de si, um aspecto de positivação (sua forma concreta aparente) e uma dimensão de exclusão (relativa às opções que foram preteridas por esta forma concreta), e, além disto, encerra um conflito de interesses sociais. Daí o caráter não-neutro da tecnologia (TRIGUEIRO, 2007a, p. 34).

A tecnologia é, portanto, um processo seletivo, de escolhas e exclusões. Ora, se a tecnologia é um processo de escolha, nem de longe ela é neutra (TRIGUEIRO, 2007b). A diferença entre o pensamento de Heidegger (2006) e de outros autores, como Latour e Trigueiro, está exatamente no fato do primeiro defender que a *práxis* tecnológica é transpassada por diversos fatores, como: políticos, econômicos, sociais e culturais.

---

<sup>58</sup> A nomenclatura não é um ponto pacífico nem entre os autores que se dedicam ao tema.

Contudo, o pensamento dos autores converge no sentido de acreditar que não há como pensar que a técnica é um dado, um mero instrumento, palco da realização da cena social.

Latour (2000), assim como Trigueiro (2007b), defende que o exame da ciência e da tecnologia deve perpassar o seu processo de construção, por que as tensões, as seleções e a escolha estão aí. Para Latour (2000), o processo científico e tecnológico têm duas faces, as duas faces de Jano, a cara em construção e a cara pronta, a caixa-preta fechada. Não é possível compreender uma tecnologia pronta, por exemplo, sem analisar a construção social da caixa-preta<sup>59</sup>. No entanto, acreditamos que essa dicotomia (em construção X pronta) de Latour (2000) não pode ser encarada como estanque. São possibilidades de olhares e pontos de vista sobre um fenômeno tecnológico e científico. E, claro, a rigor os fenômenos dessa natureza estão sempre em construção: “A tecnologia é uma realidade em permanente evolução” (TRIGUEIRO, 2007b, p. 2).

E essa arena de conflitos e disputas que é o desenvolvimento tecnológico e científico cabe a nós – cientistas sociais – desvendarmos (SOBRAL, 2004). “Ou seja, nascemos em transformação, vivemos em transformação, estamos em transformação. Somos uma instituição que analisa as transformações e nos transformamos também” (SOBRAL, 2004, p. 235).

## 6.2 – O CAMINHO DO MEIO

Esse é o momento destinado a debater um pouco mais sobre a Internet. Não resta dúvida que ela é uma tecnologia, contudo esse rótulo não basta para defini-la bem. A rede mundial de computadores é uma tecnologia especial, que faz parte do grupo das tecnologias da comunicação e da informação ou, ainda mais precisamente, dos meios de comunicação. Em vista disso, vamos resgatar aqui alguns autores da Comunicação para compreendermos melhor a complexidade do nosso artefato técnico.

A primeira pergunta é, talvez, agora a mais óbvia: o que é um meio de comunicação? Como problematizamos antes com relação a tecnologia, a regra vale também para os meios: eles são tidos como dados, simples artefatos. Responder essa pergunta é um desafio

---

<sup>59</sup> Latour (2000) em seu livro “Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora” toma como decisão utilizar como porta de entrada para os estudos da ciência e da tecnologia o momento em que as descobertas destas ainda estão em construção. O autor coloca como regra metodológica para os estudos nessa área discutir e analisar as caixas-pretas quando elas ainda não foram fechadas.

porque no âmbito dos estudos da Comunicação este tema foi pouco discutido, pouco refletido, pouco problematizado. Por quê? Ora, pela “materialidade” de outros aspectos que tangem o processo comunicacional mediado, como a mensagem, os receptores, os emissores. O meio desapareceu na mesma medida em que as “funções” e o que está ao redor dele emergiram como os clássicos problemas de pesquisa na área da Comunicação.

“O meio é a mensagem”, afirmou na década de 60 o polêmico e inspirador pesquisador Marshall McLuhan, o qual já nos referimos anteriormente neste trabalho, que dedicou sua pesquisa ao impacto dos meios de comunicação eletrônicos. McLuhan é o pai fundador da corrente de pesquisa conhecida como Teoria do Meio e fez discípulos interessados, como Joshua Meyrowitz, em continuar seu legado respeitando o interesse em investigar os processos comunicacionais, tomando como foco o impacto dos canais. Ou seja, McLuhan nunca acreditou no papel secundário das tecnologias: “Todos os hipopótamos, rinocerontes e elefantes do mundo reunidos numa cidade não dariam nem para começar a criar a ameaça e a intensidade explosiva do engenho da combustão interna”. (MCLUHAN, 1964, p. 248)

O meio é a mensagem, ou seja, a mensagem crucial de qualquer meio de comunicação é a sua própria existência. Contudo, a afirmação de McLuhan (1964) jamais poderá ser entendida se não investigarmos o que é um meio de comunicação.

Os canais, sem dúvida, foram objeto de menos interesse da Academia. Conteúdo, receptores, emissores sempre tiveram mais espaço nas universidades e nas bibliografias sobre Comunicação. Entretanto, acreditar que o meio propriamente dito não importa, ou seja, que ele seja um mero transmissor, pode ser perder uma grande chance de entender mais profundamente o impacto das tecnologias comunicacionais. É incorrer na perspectiva ingênua de que a tecnologia é neutra, tal qual problematizamos no tópico anterior.

Para McLuhan (1964) o meio é pouco estudado porque ele está aí! E parece tão óbvio seu significado, seu conceito, que dispensa investigação. Ocorre com ele o mesmo que problematizamos anteriormente sobre a tecnologia: é algo dado. Mas, vale tentar ver o que está atrás de algo aparentemente tão óbvio.

O foco no conteúdo das mensagens dos meios é popular por várias razões. Primeiro, o conteúdo dos meios – na sua forma manifesta – tende a ser o aspecto mais óbvio do processo comunicacional. Isto torna o conteúdo dos meios um ponto importante de estudo. Além disso, o conteúdo dos meios tende a focar em aspectos da comunicação que não são específicos. De fato, a maior parte dos elementos do conteúdo

envolve comportamentos, temas e tópicos que são utilizados facilmente por vários tipos de meios de comunicação e entre interação mediada e não-mediada (Trad. livre) (MEYROWITZ, 1998, p. 98).

Procurar na literatura acadêmica da Comunicação o que é um meio de comunicação é a prova de que o assunto foi pouco pesquisado. Basta procurar em qualquer dicionário da área para constatar esse fato. A resposta mais comum é afirmar que os meios de comunicação são transmissores de informações. Desaparece o meio, aparece a mensagem. Portanto, não pudemos nos furtar a dar uma clara explicação sobre o que é meio de comunicação.

Para McLuhan (1968) os meios de comunicação são extensões do homem. Claro! Toda a tecnologia de alguma forma o é. São maneiras dos homens expandirem suas capacidades limitadas para dominar a natureza. Porém, o especial nos canais é pensar quais partes do nosso corpo eles estendem. Conforme o pesquisador, os meios são extensões dos nossos órgãos do sentido. “De forma geral, o homem utiliza a tecnologia para agir sobre o mundo. Os meios de comunicação multiplicam a energia e a velocidade do sistema físico e nervoso e, conseqüentemente, interferem na nossa forma de ver o mundo” (SOUSA, 2003, p. 76).

Martino (2007)<sup>60</sup> vai mais além, para ele a principal diferença entre os objetos técnicos em geral e os meios de comunicação é que os primeiros produzem uma ação sobre o mundo, enquanto os meios de comunicação são técnicas de representação ou tecnologias do simbólico.

Martino é um dos poucos pesquisadores que se preocupa em entender o que são os meios de comunicação. Deste modo, ele propõe uma instigante definição. O autor defende que a comunicação é a interferência técnica nos processos simbólicos. Ou, mais precisamente, os meios de comunicação são simulações tecnológicas da consciência e o principal produto deles é o compartilhamento da experiência social.

Os meios de comunicação são, então, objetos técnicos que guardam uma relação bastante especial com a consciência na medida em que se manifestam como uma extensão da consciência ou, como nós preferimos dizer, como simulação da consciência.

Dessa forma nós chegamos a uma definição conceitual – os meios de comunicação são simulações da consciência – bastante simples, mas que

---

<sup>60</sup> Notas de aula. Colhidas na Faculdade de Comunicação, da Universidade de Brasília, em abril de 2007.

pode abrir algumas novas perspectivas no estudo dos meios de comunicação (MARTINO, 2000, p. 110).

Assim colocado, Martino (2000) vai na contramão dos que acreditam na pouca importância dos canais. Muito além do conteúdo que eles podem trazer, o autor argumenta que os meios não só viabilizam o acesso à experiência social, como também a geram. Aliás, ainda conforme o autor, um dos efeitos dos canais é que eles alargaram e muito a experiência social, tendo em vista que eles complexificam o momento presente.

Para Martino (2007) os meios de comunicação problematizam a realidade. A mediação interfere diretamente no acontecimento e é por essa razão que o autor coloca que os meios também geram a experiência social. Por conta desses canais o nosso presente se tornou mais extenso, os meios geram a atualidade. O nosso social se identifica com o comunicacional porque ele precisa ser compartilhado com a sociedade e esse esforço só se realiza mediante a mediação tecnológica dos canais (MARTINO, 2007).

Bom, acreditamos que já é possível agora formamos uma imagem mais clara dos meios de comunicação. É, sem dúvida, uma tecnologia, como já pontuamos. Mas, têm idiossincrasias, as quais jamais poderíamos deixar de tratar sobre o risco de cometermos a mesma falta que apontamos acima: sobrevalorizar a importância dessa técnica em questão. No entanto, ainda falta caminho a percorrer, nos falta agora dar contornos mais precisos ao nosso meio de comunicação: a Internet.

### **6.2.1 – No meio da rede**

Rádio, televisão, jornal, Internet...são todos a mesma coisa? Definitivamente, não! Em que pese todos se encaixarem na explicação que apresentamos acima, cada um tem maneiras distintas de possibilitar o compartilhamento da realidade social.

Os teóricos da Teoria do Meio, como McLuhan, Innis, Meyrowitz e outros, se empenharam na tarefa de categorizar os canais de comunicação para tentar explicar o impacto de cada um deles. Claro, que não cabe aqui trazer essa categorização exaustivamente, todavia vale trazer à tona as diferenças entre os meios para compreendermos melhor a rede mundial de computadores.

Para os teóricos do meio a história da humanidade está dividida em três fases, se adotarmos como ponto de vista a evolução dos processos de comunicação: oral, manuscrito/impresso e eletrônicos. A primeira fase, oral, é marcada pela precariedade da

mediação no processo comunicativo, o qual implica dizer que a interação face a face era a principal maneira de se comunicar<sup>61</sup>.

A segunda fase, conforme esses autores, marca o predomínio dos meios manuscritos/ímpressos, como jornais ímpressos, revistas e livros. Para os teóricos do meio a fase escrita/ímpressa é marcada pelo controle da informação e exclusão das pessoas dos sistemas de informações por causa das dificuldades de decodificar e codificar mensagens (SOUSA, 2003). Isso porque essa nova etapa, ao contrário da anterior, exigia o conhecimento da escrita, ou seja, para compartilhar o mundo por meio desses canais de comunicação é necessário saber ler e escrever, feito que só se tornou acessível a um número maior de pessoas a partir do século XX<sup>62</sup>.

A terceira fase, a qual vivemos agora, é a dos meios eletrônicos, como a televisão, o rádio e a Internet. Os meios de comunicação eletrônicos, conforme Meyrowitz (1985), rompem com a burocratização dos meios escritos/ímpressos já que têm um caráter menos ímpessoal e seletivo. Na televisão, por exemplo, o compartilhamento da realidade social é, indubitavelmente, muito mais pessoal e real do que num jornal ímpresso. Para Meyrowitz (1985) cada tipo de meio, cada tecnologia comunicacional, altera as interações e compartilhamento que se processam dentro dele: “(...) alterando a característica informacional do espaço, os meios eletrônicos remodelam as situações e identidades sociais” (Trad. livre) (MEYROWITZ, 1985, p. 117).

A categorização dos teóricos do meio sustenta o argumento de que cada canal de comunicação tem um impacto único sobre os processos comunicacionais. Cada meio impacta em todos os aspectos de um processo de comunicação desde o conteúdo, até emissores e receptores. Para os teóricos, eles determinam sobremaneira esse processo porque não são meros coadjuvantes, ao contrário. Modificam profundamente os processos comunicacionais, os quais estão envolvidos. Como evidência, assistir a televisão e ouvir rádio jamais podem ser rotuladas como experiências iguais de utilização dos meios de comunicação. O papel dos meios não é secundário no processo comunicacional:

A Teoria do Meio examina cada variável, como sentidos que são requeridos para tratar o meio, se a comunicação é bi-direcional ou

---

<sup>61</sup> Não podemos esquecer aqui a importância dos desenhos e dos meios não-convencionais de comunicação, como objetos e partes de plantas e animais, que facilitavam o intercâmbio das informações quando não era possível a interação face a face (FÉVRIER, 1948).

<sup>62</sup> É preciso considerar que a questão da analfabetismo ainda é um problema de grandes proporções em muitos países.

unidirecional, o quão rápido as mensagens são disseminadas, se o aprendizado de como codificar ou decodificar num meio é difícil ou simples, quantas pessoas podem assistir a mesma mensagem no mesmo momento, e assim em diante. Os teóricos do meio discutem que cada variável influenciou o uso dos meios e seu impacto social, político e psicológico (Trad. livre) (MEYROWITZ, 1998, p. 51).

Colocamos essa classificação da Teoria do Meio mais como uma maneira de ilustrar como os pesquisadores da área da comunicação encaram o papel do canal no processo comunicacional. O que queremos sustentar até agora é que os meios não são o palco inerte e completamente modelado pelo social.

Outra categorização que nos interessa é a que Martino (2007) propõe. Entretanto, o ponto de vista dela é relativo à ação humana diante de cada tecnologia comunicacional. O autor classifica<sup>63</sup> os meios em dois tipos: 1 – o meio-ferramenta – aquele que é acionado pelo corpo humano; e 2 – o meio-máquina – que independe do corpo humano. A televisão, por exemplo, é um meio-máquina porque funciona “sozinha”, ou seja, a única demanda do usuário é acionar o controle remoto. A programação é “despejada” para o telespectador. Ele não precisa fazer nada, nem perguntar nada! Na televisão o telespectador não escolhe a programação. Escolhe entre escolhas pré-determinadas, como, por exemplo, que canal gostaria de assistir. Mas, em tempo real não contribui com o conteúdo e se o faz, quando é possível, é de maneira muito pontual e limitada, como por meio de um telefonema e ou de um e-mail. Com o rádio se passa igual. Ao sintonizar em uma emissora, quando você está dirigindo, por exemplo, não é necessário mais fazer nada, só ouvir! A ação humana nos meios-máquina é extremamente limitada.

Já a Internet é um meio-ferramenta. Para utilizar a rede é necessária uma pergunta, ou seja, é preciso dar comandos intencionais para se obter as respostas que se deseja. Não basta ligar o computador e esperar que a Internet “funcione sozinha”, como uma programação de televisão! Com o telefone da mesma maneira. Para se utilizar o telefone as intenções devem ser claras e as ações orientadas. Para se chamar alguém pelo telefone é preciso saber mais do que quem se deseja chamar, é necessário interagir! Martino (2007) acredita que os meios-máquina, como rádio, TV e jornal, geram o atual<sup>64</sup>. Já os meios-ferramenta, como o telefone e Internet, geram a experiência social.

---

<sup>63</sup> Notas de aula colhidas na Faculdade de Comunicação, da Universidade de Brasília, em abril de 2007.

<sup>64</sup> Por atual, o autor considera essa gama de informações veiculadas diariamente pelos meios de comunicação de massa, que, em última instância, tornam o nosso presente mais “espesso”, mais intenso, já que as notícias, os assuntos publicados “agendam” a nossa pauta (social e individual) de discussão do dia.

Acreditamos que a definição e classificação de Martino (2007) são adequadas para vermos os meios de comunicação para além de simples ferramentas técnicas. O autor nos mostra além das aparências desses objetos, que de tão incorporados ao nosso cotidiano parecem dispensar investigação.

O que podemos concluir nesse tópico é que a Internet é, sem dúvida, um meio de comunicação bastante diferente dos outros. Esse meio eletrônico capaz de convergir todos os meios numa única plataforma, ao contrário da maioria dos outros canais, é também capaz de gerar a própria experiência social. Contudo, nos cabe a partir de agora tentar entender melhor como essas características transformam a prática social nesse canal.

### **6.2.2 – O espaço para um discurso radical?**

Ele é jovem, ousado e cheio de caras e gestos insinuantes. Na primeira cena ele está deitado numa cama, sem roupas, apenas com uma pequena toalha que cobre suas partes íntimas. Acaricia seu peito, esboça um ar de desinteresse e começa a cantar sua música: “*Amor absoluto*”. Assim segue o vídeo, balada romântica recheada de poses sensuais do jovem artista. Luiz Pinto é chileno e, provavelmente, nunca conseguiu um espaço na televisão, nem realizou um grande concerto. Mas, ele é conhecido. Bastante conhecido! Basta abrir qualquer buscador da *web* e digitar o nome dele ou de uma de suas canções. Centenas de vídeos, músicas, entrevistas que ele faz com ele mesmo...enfim...toda a vida do ex-anônimo artista é possível ser acessada com menos de meia dúzia de comandos.

Você conhece o *Youtube*? Provavelmente, se nunca acessou o *site* já deve ter ouvido falar muito dele. Pois, nessa página *web* pessoas comuns, como o nosso cantor Luiz Pinto, que possivelmente teriam imensas dificuldades para pleitear um espaço nos meios de comunicação convencional, abandonam o anonimato e se expõe em escala internacional. Como evidência, apesar de ter nascido e viver no Chile, Luiz Pinto se tornou conhecido em vários países de língua espanhola e portuguesa. A audiência que esse cantor romântico conseguiu na Internet em um canal convencional, como, por exemplo, a televisão e o rádio, seria, indubitavelmente, cara e complicada demais para um anônimo sem patrocínios vultosos. Por isso, não é de impressionar que nos videoclipes desse cantor estejam flagrantes as evidências do baixo orçamento, como: pouca iluminação, enquadramentos repetitivos, cenário pobre e narrativa visual precária.

Fizemos esse prólogo para ratificar que é inegável o caráter inovador da Internet, na medida em que permite que os clássicos receptores, historicamente desempoderados e alijados do processo de produção dos meios, tenham a oportunidade de experienciar serem emissores e co-produtores. Resgatando o jargão do jornalismo e da publicidade, podemos afirmar que a Internet inaugura uma nova era na mídia alternativa:

A Internet pode vir a ser nossa primeira esfera pública global, um meio pelo qual a política pode tornar-se realmente participativa, tanto em âmbito regional quanto internacional. E é o primeiro veículo que oferece, aos indivíduos e coletivos independentes de todo o mundo, a chance de comunicar-se, com suas próprias vozes, com uma audiência internacional de milhões de pessoas. Portanto as possibilidades técnicas da Internet como esfera pública são ilimitadas (FORD e GIL, 2002, p. 270 e 271).

Ford e Gil (2002) defendem que esse aspecto da Internet, de poder se transformar numa esfera pública global, nunca foi possibilitado por nenhum outro meio de comunicação com as dimensões que ela permite. Um dos aspectos ressaltados por diversos autores, como Castells (1999) e Ford e Gil (2002), como um diferencial fundamental da Internet é a capacidade de convergir todos os outros meios de comunicação. Na rede é possível encontrar de tudo e publicar de tudo, nos formatos que se julgar apropriado, como vídeo, som, texto. Para os autores, isso é uma oportunidade única de combinar não somente formatos, mas, sobretudo atores sociais diferentes que passam a partilhar comunidades virtuais.

Como evidência, pode-se encontrar de tudo um pouco na rede. Desde páginas dos governos, dos veículos de comunicação, dos mais respeitados jornais, emissoras de televisão e de rádio de todo mundo até maneiras de se tornar anoréxica, pornografia infantil, produção de bombas caseiras e outros. A “aldeia global” não faz distinção. Geralmente, entra quem quiser e quem puder. Você pode assistir ao “Jornal Nacional”, da Rede Globo de Televisão, ou ler blogs de diversos jornalistas, que muitas vezes oferecem pontos de vista alternativos sobre diversos fatos. Ou, mesmo, pode ler um comunicado oficial de um governo ou entrar no sítio *web* de grupos terroristas. Pode-se viajar o mundo, o seu país ou, simplesmente, buscar os locais seguros da sua comunidade virtual.

Outra grande oportunidade que a Internet oferece, e que faz dela tão diferente dos outros meios de comunicação, é o encurtamento das fronteiras entre a produção e a publicação. A burocracia e o alto custo financeiro e de pessoal são substituídos por

mecanismos mais simples e criativos. Criar um blog, por exemplo, é uma tarefa que não demora mais de 30 minutos e, freqüentemente, tem custo muito baixo.

O outro lado da moeda também é importante ressaltar, como já o fizemos antes. A rede também reproduz as desigualdades e os problemas do mundo “real”. A pressão dos grandes conglomerados de meios de comunicação em controlar esse meio é contínua, forte e flagrante. Essas empresas e os especialistas das mídias terminam tendo nas mãos mais recursos financeiro e pessoal técnico para criar *sites* mais complexos e sofisticados, os quais, certamente, chamam mais atenção e muitas vezes formam gigantescas comunidades de internautas.

Nada obstante às críticas que se fazem em relação à rede, Ford e Gil (2002) argumentam que se trata de uma mídia radical, especialmente por causa da interatividade que esse meio proporciona:

Embora o acesso ainda seja limitado e distribuído de maneira irregular, ela está crescendo no mundo todo, inclusive nas regiões rurais e empobrecidas. Como muitas populações do mundo dependem das formas tradicionais de comunicação, a fusão da Internet com outras mídias faz dela um recurso valioso, mesmo para aqueles que não têm acesso direto (...) (FORD e GIL, 2002, p. 275).

Os autores consideram que esse espaço virtual não é exatamente para dar voz a quem não tem voz, mas para deixar as pessoas falarem por si mesmas (FORD e GIL, 2002). É essa perspectiva que os autores colocam como mídia radical, a qual se harmoniza perfeitamente com as considerações de Martino (2007) e Meyrowitz (1985). Nesse meio-ferramenta a experiência social se produz exatamente pela possibilidade da interatividade. Nesse espaço a ação humana é fundamental para que o processo comunicacional aconteça.

Explicando de outro modo, nos meios-máquina, como o rádio e a televisão, a comunicação é unilateral. Conforme Castells (1999), na TV, por exemplo, prevalece a lei do menor esforço, ou seja, busca-se um espectador médio e voltam-se os conteúdos para ele. Nesse sentido, prevalece a ótica da audiência massiva, que não foca em conteúdos individuais e muito menos em estratégias interativas. No caso da Internet, como já comentamos, pode acontecer um processo comunicacional bilateral, já que a interatividade possibilita a participação dos receptores.

Castells (1999) aponta que, como consequência da possibilidade desse processo de comunicação de mão dupla, os papéis dos emissores e receptores não são mais facilmente reconhecidos e muito menos estanques:

Em razão da novidade histórica do veículo e da relativa melhora do *status* relativo de poder dos grupos tradicionalmente subordinados, como as mulheres, a CMC (comunicação mediada por computadores) poderia oferecer uma oportunidade de reversão dos jogos de poder tradicionais no processo de comunicação (CASTELLS, 1999, p. 384).

A Internet possibilita a inclusão de atores que jamais teriam voz nos outros meios convencionais. Surgem novos atores no cenário mediático em busca de ocupar espaços, de lutar por seu direito de expressão e até por discutir e reclamar o direito por novas e ajustadas representações mediáticas sobre eles.

Portanto, ratificamos o argumento que os portais *webs* são espaços privilegiados para se compreender um pouco mais a participação social do idoso nesse meio e ter pistas dessa participação de maneira mais geral.

### **6.3 – MUITO ALÉM DO DISCURSO**

De uma maneira geral, especialmente no âmbito da pesquisa brasileira, um trabalho como o nosso, o qual envolve uma análise da Internet, seria abordado teórico e metodologicamente a partir dos estudos do conteúdo, do discurso ou dos receptores (análise de recepção). Sendo que nessa última estratégia metodológica seria entrevista, com alguns atores sociais, acompanhadas de análise do discurso ou do conteúdo do material *on-line* e das entrevistas. Ou, o que poderia acontecer, embora muito mais raro, seria um estudo do impacto do meio de comunicação a partir da comparação das características de determinado meio com os outros. O que é possível prever é que recortes seriam escolhidos, privilegiados. A rede seria cortada em finos pedaços e as tramas seriam simplificadas para que respeitassem o espaço de fala de cada área do conhecimento:

Ofereça às disciplinas estabelecidas uma bela rede sociotécnica, algumas belas traduções, e os primeiros extrairão os conceitos, arrancando deles todas as raízes que poderiam ligá-los ao social ou à retórica; as segundas

irão amputar a dimensão social e política, purificando-a de qualquer objeto; as terceira, enfim, conservarão o discurso, mas irão purgá-lo de qualquer aderência indevida à realidade – *horresco referens* – e aos jogos de poder (LATOURE, 1994, p. 11).

Quanto a abordagens como estas não temos nada contra. Contudo, também não temos muito a favor quando pensamos em utilizá-las na nossa pesquisa. Isso porque o meio onde ocorre a participação social, a qual pretendemos investigar – a Internet, se apresenta, citando duas interessantes expressões de Latour (2000, 2006), como uma “fronteira fluída” ou como um “objeto híbrido”. Ou, mais especificamente, a rede mundial de computadores faz parte de um conjunto de fenômenos, os quais possuem uma dinâmica especial porque se transformam rapidamente e, portanto, demandam mais do que velhos paradigmas e velhas dicotomias para serem compreendidos, descritos e traduzidos (LATOURE, 2006). A Internet, como argumentamos no início deste trabalho, se apresenta como um objeto rebelado na medida em que nos desafia a fazer construções e combinações teóricas e metodológicas que possam dar conta, ainda que minimamente, da dinâmica social que acontece nesse espaço tecnológico.

A proposta de criar este tópico resulta da necessidade de justificar e preparar o terreno para discutir a corrente de estudos que utilizamos para compreender o nosso fenômeno: a participação social – o protagonismo – dos idosos nos espaços virtuais destinados a eles. A peculiaridade dessa proposta reside no fato de que a abordagem teórico-metodológica que escolhemos seja pouco utilizada no Brasil. Na verdade, ainda são raros os trabalhos que tentam lançar um olhar simétrico sobre um fenômeno considerando tanto o aspecto social, quanto o tecnológico<sup>65</sup>, abrindo mão das dicotomias clássicas como Natureza X Sociedade. Isso porque, como já enfatizamos antes, os fenômenos de natureza tecnológica receberam historicamente menos atenção do que os sociais, no âmbito das Ciências Humanas e Sociais.

Um resultado prático dessa operação foi pavimentar o caminho para abordagens que revelassem somente o ponto de vista do social, ainda que fosse gritante a presença do tecnológico. Portanto, seria mais cômodo utilizar nesta tese de doutorado, já que estão a muito mais tempo sedimentados, justificados e utilizados por pesquisadores reconhecidos,

---

<sup>65</sup> É preciso afirmar que em outros países, como França, Espanha e Estados Unidos, trabalhos que considerem tanto o social, quanto o tecnológico cada vez se tornam mais comum. Como evidência, na Universitat Oberta de Catalunya - UOC, a qual Manuel Castells é participante, há grupos que desenvolvem pesquisas continuamente com esse caráter e, muitas delas, se voltam para o ciberespaço.

na área das Ciências Humanas e Sociais, os estudos das análises do discurso e do conteúdo, por exemplo, e, como isso, não nadar contra a maré.

Porém, seria pôr em risco o objetivo da tese. A participação que buscamos compreender só é uma empresa exequível se entendermos as dinâmicas de cada portal, de cada comunidade que se reúne nesse portal. Nas redes sociotécnicas que analisamos nos interessa mais que o discurso, mais que o social e mais que o tecnológico. Interessa-nos, mais precisamente, a rede e toda a trama de relações que ela abriga. Passa pelo discurso? Passa também, inclusive, se no limite de uma interpretação muito abrangente tudo fosse discurso, mas passa, sobretudo pela ação, pelas conexões, pela participação, a qual é permeada, impactada, transpassada a cada momento pelo componente tecnológico, pelos artefatos, pelos não-humanos.

O que propomos aqui é caminharmos pela trilha da Construção Social da Tecnologia que acredita que os fatos são construídos, mas não podem ser reduzidos ao social (LATOUR, 1994). Essa corrente de pesquisa, que abarca autores com o Michel Callon, Karin Knorr-Cetina, Bruno Latour, John Law e outros, aponta para que os estudos desses fenômenos fluídos não desprezem, não façam distinção e nem gerem hierarquia entre o social e os objetos. Isso porque o técnico está socialmente construído e o social está tecnicamente construído (BIJKER, 1995). “A sociedade não é determinada pela tecnologia, nem tecnologia é determinada pela sociedade. Ambas surgem como duas faces da moeda sociotécnica durante os processos de construção de artefatos, fatos e grupos sociais relevantes” (Trad. livre) (BIJKER, 1995, p. 274).

Explicando de outra maneira, a proposta da Construção Social da Tecnologia é olhar os fenômenos, para as interações e conexões que se formam, sem fazer distinção *a priori* dos atores sociais e dos objetos. Mais importante ainda: valorizando na investigação a presença dos dois e compreendo a importância de cada um. O que compõe a rede? O que está na origem das causas e dos efeitos? A resposta para essas perguntas não deve excluir a rede de atores, humanos e não humanos, que compõem o universo pesquisado.

O nosso estudo sobre os portais da Internet, sem dúvida, poderia ser reduzido ao social. A medida mais fácil seria fechar os olhos para a arquitetura técnica desses ambientes, por exemplo. O espaço da análise não importaria. O impacto, as restrições, as condições que os artefatos – obviamente presentes no mundo virtual – podem causar seriam obliterados em nome de ater-se, exclusivamente, aos aspectos sociais. Ou seja, nos

resultaria o mesmo se estivéssemos fazendo este estudo na Internet, na universidade ou numa associação de terceira idade de um bairro da cidade. Somente o aspecto social iria ser valorizado no trabalho. Em que pese esses fatores, poderia resultar num belo estudo. Contudo perderíamos a riqueza de compreender essa rede já que isso não seria possível sem considerar a questão de que o espaço é também tecnologicamente construído e dá contornos específicos às interações que ocorrem nele.

O outro lado da moeda também seria possível. Poderíamos seguir também a trilha do determinismo tecnológico, como, em certa medida, fazem alguns pesquisadores da Teoria do Meio. Na verdade, no princípio deste curso de doutorado até consideramos a hipótese de trilhar essa via. Mas, a conclusão a que chegamos é que se a trilhássemos, não haveria necessidade de cumprir a empresa do trabalho de campo. A razão dessa equação é clara: não faria falta o campo porque as ações humanas estariam determinadas *a priori*. O trabalho de campo só serviria para confirmar o que saberíamos antecipadamente. Ou, mais precisamente, não serviria para trazer novidades a respeito desse fenômeno já que o tecnológico tudo determinaria e os humanos agiriam de uma maneira que já saberíamos como, antes mesmos dos próprios atores saberem. Esse também poderia resultar num bom trabalho. Não obstante tivéssemos que abrir mão de toda a possibilidade de considerar os atores sociais como únicos e insubstituíveis.

Indubitavelmente, esses dois caminhos solucionariam a nossa estratégia metodológica e nos pouparia a empreitada de entrarmos sozinhos e desamparados nas comunidades virtuais. Todavia, jamais perceberíamos efetivamente como a participação social dos idosos se processa na Internet porque teríamos de optar entre valorizar um aspecto ou outro, uma palavra-chave ou outra: “idosos” e “Internet”. De fato, nos privaríamos da oportunidade de mergulhar nessa pesquisa de cabeça e coração abertos para descobrir, explorar e mapear essas redes. Seria como se analisássemos o insucesso do carro elétrico, da *Electricité de France*, descrito por Callon (1998), tentando desmembrar a trama – que envolveu pilhas, Governo, eletrodos, especialistas, instituições e consumidores –, no intuito de reduzi-la a um único aspecto.

Com a Internet não seria diferente. Os portais compõem redes sociotécnicas, não fosse assim, nem se quer estariam funcionando, já que para tanto requerem um concurso de fatores sociais e tecnológicos. Para ilustrar essa questão vale à pena apresentar os resultados de um dos poucos trabalhos, que encontramos, que analisou um ambiente virtual

a partir da trilha teórica e metodológica da Construção Social da Tecnologia. O pesquisador espanhol Adolfo Estalella (2005) relata, no seu artigo “*Filtrado colaborativo: la dimensión sociotécnica de una comunidad virtual*”, a experiência de uma análise que fez do portal espanhol “Barrapunto”, voltado para discussão de temas de informática, como *softwares* livres. Uma das conclusões a qual Estalella (2005) chega é que ele jamais poderia ter reduzido a investigação ao social, já que:

A política do Barrapunto se faz por meio de sua arquitetura técnica. A comunidade constrói seu próprio significado para a arquitetura técnica e intervém no desenvolvimento material. A arquitetura modela a comunidade e a comunidade dá forma a sua arquitetura técnica (Trad. livre) (ESTALELLA, 2005, p. 4).

No Barrapunto há dois tipos específicos de colaboração: a que se submete ao crivo dos editores, que pode ser rechaçada, ou a que é feita de modo anônimo, que está livre da moderação e é armazenada num espaço chamado “*pobrecito hablador*”. O fato é que esse espaço especial destinado às contribuições passadas pela moderação foi uma demanda dos membros da comunidade do portal que queiram ver destacadas as contribuições mais relevantes. O “*pobrecito hablador*” foi a forma encontrada para preservar a livre troca de idéias dentro da comunidade virtual (ESTALELLA, 2005).

Estalella (2005) argumenta que nessa pesquisa ele jamais poderia ter escapado pela via do determinismo tecnológico e nem do reducionismo social porque os componentes humanos e não-humanos, os *actantes*, formam uma rede complexa que para explicá-la, para entender suas conexões, suas causas, sua dinâmica não se pode fugir da empresa de não discriminar as causas sociais e as tecnológicas, de buscar a origem sociotécnica do fenômeno.

Essa pesquisa de Estalella (2005) é uma evidência de como esses fenômenos de origem sociotécnica precisam ser abordados. Como é o caso dos portais sobre os idosos. São fenômenos cujas relações sociais se dão num ambiente tecnológico, que define e é definido pelo social. Num portal, ou em outro espaço da *web*, o artefato tecnológico não pode ser obliterado. A presença da técnica não é decorativa. Ela, sem dúvida, orienta as ações humanas porque participa, entre outras coisas, da construção de uma política da comunidade.

Um portal não é um ponto pacífico. Não é uma mera presença. As regras, a política, as condutas éticas dependem também de como a arquitetura técnica foi elaborada. Por isso,

a dinâmica dessas comunidades virtuais é muito forte porque o social interfere na técnica e a técnica no social numa dança que não chega ao fim. Um constitui o outro e molda o outro. As mudanças técnicas estão sempre sendo demandadas de acordo com as necessidades que vão surgindo e, por outro lado, o social vai se adequando às condições que a tecnologia coloca.

Muito além do discurso porque nos interessa a rede e os elementos humanos e não-humanos. Portanto, na nossa pesquisa buscamos a origem sociotécnica do fenômeno, ou como coloca Bijker (1995) o “*sociotechnical ensemble*”, que de acordo com o autor é mais do que a mera soma do social e do técnico:

Ele é *sui generis*. Em vez de artefatos técnicos, a nossa unidade de análise é agora o "sociotechnical ensemble". Às vezes "máquinas" ou "artefatos" são entendidos como "*sociotechnical ensemble*", nós, em princípio, devemos ser capazes de esboçar o (socialmente) caráter construído das máquinas. Outras vezes a "instituição social" é entendida como "*sociotechnical ensemble*", nós, também, devemos ser capazes de esclarecer as relações técnicas que surgem para estabilizar essa instituição (Trad. livre) (BIJKER, 1995, p. 274).

Latour também afirma, como colocamos antes, que se deve superar, na verdade, ultrapassar completamente a separação moderna entre humanos e não-humanos (LATOURE, 1994). O autor aponta para que o olhar seja simétrico já que: “(...) o social é uma rede heterogênea, constituída não apenas de humanos, mas também de não-humanos, de modo que ambos devem ser igualmente considerados” (FREIRE, 2006, p. 49).

Entendemos os nossos portais como redes sociotécnicas. Nessa trama há usuários, técnicos, instituições, fóruns, computadores, telefones, *chats*, lista de discussões e outros. A rede é complexa e, sobretudo, é sustentada por humanos e não-humanos. Assim como a página Barrapunto, analisada por Estalella (2005), os portais analisados também têm suas dinâmicas de funcionamento profundamente impactadas pelos elementos técnicos e, certamente, pelos humanos. Se já seria gritante excluir a importância dos elementos não-humanos, dentro do mundo virtual isso ainda é mais perigoso.

A rede é um aspecto que gostaríamos de destacar ainda mais nesse capítulo. Para tanto, convém agora apresentarmos com mais cuidado a corrente teórica e metodológica que orienta essa pesquisa: a *Actor Network Theory*.

#### 6.4 – SEGUINDO O ATOR-REDE

A teoria Ator-rede, cujos autores principais são Latour, Callon e Law, é uma maneira de investigar o cotidiano, de abordar a realidade, que abre mão de interpretar o mundo a partir das clássicas divisões das ciências – como, natureza X sociedade – e sugere lançar o olhar para os híbridos (as fronteiras fluídas). Os autores defendem, como foi discutido anteriormente, o princípio da simetria generalizada, na qual o estudo da realidade não discrimina elementos humanos e não-humanos e estes são explicados a partir de um quadro comum e geral de interpretação (FREIRE, 2006).

Para os pesquisadores dessa corrente de pesquisa a realidade social é um conjunto de diversas redes heterogêneas que se cruzam, se misturam, se transladam, se deslocam e se modificam. Heterogêneas porque não podem ser reduzidas ao social, tendo em vista que quase todas as interações humanas são mediadas por elementos técnicos. Deste modo, os autores da ANT apresentam como proposta seguir os *actantes* – os atores da rede (sejam eles humanos e não-humanos) – e descrever as tramas e a dinâmica das redes sociotécnicas (LATOURE, 1994).

Apesar do nome – teoria Ator-rede – já parece claro que viemos discutindo aqui também uma forma de pesquisar. Isso porque os autores dessa teoria defendem que ela é, na verdade, um método e não uma teoria. Pode parecer confuso. Mas, trata-se, em primeiro lugar de um método de pesquisa, visto que traz um conjunto de orientações de como se deve abordar a realidade. Não obstante, vários autores também defendem que se trata de uma teoria, considerando que traz uma nomenclatura extensa e original (FREIRE, 2006).

A dubiedade da teoria Ator-rede reflete também a dubiedade desse capítulo. É teórico ou metodológico? Sinceramente, tem dupla pretensão. Assim como, a própria *Actor Network Theory*. Por isso, vale discutir mais atentamente alguns aspectos dessa teoria. Para realizar essa empreitada, como iniciamos esse tópico já problematizando o estatuto de teoria, nos parece conveniente apresentar a ANT destacando quatro problemas que Latour (2005) aponta que decorrem do próprio nome dela. A oportunidade de problematizá-la é a chance de desvendá-la um pouco mais.

Em primeiro lugar Latour (2005) vai discutir a palavra “*network*”, em português: “rede”. O autor comenta que Deleuze e Guatarri colocam que o termo “rede” se refere a uma série de transformações – translações e traduções, que não pode ser capturada por

nenhum termo da teoria social. Contudo, a acepção mais recente de rede está ligada à Internet e, nesse sentido, significa transporte sem deformação, instantâneo e imediato acesso à informação. Essa acepção corrente é exatamente o contrário do que defende a *Actor Network Theory*, que está mais relacionada à proposta de Deleuze e Guatarri: “Nosso meio de transporte é a noção de tradução ou de rede. Mais flexível que a noção de sistema, mais histórica que a de estrutura, mais empírica que a de complexidade, a rede é o fio de Ariadne destas histórias confusas” (LATOUR, 1994, p. 9).

A rede está ligada à lógica do fluxo, da circulação, de conexões e de mudanças e não à idéia de superfície definida pelos seus agenciamentos. Latour (2006) aponta como um ponto sensível na ANT a confusão que as pessoas fazem do objeto com o método. O pesquisador coloca que com a teoria Ator-rede pode-se descrever algo que não se assemelha, necessariamente, a uma rede. É na descrição, ou seja, no texto do trabalho científico, que se pode delinear uma rede. Latour (2006) argumenta que tudo depende do que se entende por ator e o que ele faz. Deve-se pensar em trabalho de rede:

É a agência e o movimento, o fluxo e as mudanças que deveriam ser ressaltadas. A teoria Ator-rede não é um instrumento; ou melhor, instrumentos não são nunca meros instrumentos a serem aplicados: eles sempre modificam os objetivos que se tinha em mente propiciando efeitos imprevisíveis (ARENDETT, 2008, p. 08).

O segundo problema está relacionado à palavra “ator” conectada à palavra “rede”. Latour (2005) acredita ser mais sensato tirar o hífen para não cair nos clichês dos sociólogos da agência/estrutura. O autor afirma que a maior parte das confusões acerca dessa Teoria vem do casamento destes termos:

A utilização do hífen entre os termos ator e rede busca demarcar a intenção de seguir a circulação de entidades micro e macro, tomando “ator” e “rede” como duas faces do mesmo fenômeno. Entretanto, o par ator-rede, incluindo o hífen, é para Latour insuficiente para dar conta da ação que se distribui em rede, dos processos de fabricação do mundo, por ser muitas vezes equivocadamente tomado como o par indivíduo-sociedade (FREIRE, 2006, p. 56).

Isso porque a palavra “ator” pode ser confundida com o conceito de “ator social”, que se refere, evidentemente, aos seres humanos. Não obstante, para ANT ator é mais precisamente o *actante*, já que pode ser um humano ou um artefato. Essa confusão é para Latour o terceiro problema causado pelo título “teoria Ator-rede”. Se por um lado a palavra

“rede” pode ser mal interpretada, por outro, o termo “ator” também. Desse modo, a junção desses dois conceitos “ator-rede” termina dando, igualmente, margem a interpretações equivocadas.

De acordo com Latour (2005), a maior parte das críticas existe por causa do casamento das duas palavras “*actor*” e “*network*”. O autor reconhece que esse casamento não dá realmente uma idéia clara do que seja a *Actor Network Theory*.

Para reorganizar sua defesa, Latour (2005) sugere prestar atenção na operação “quadro” e “resumo”<sup>66</sup> e esquecer, por um momento, as palavras “ator” e “rede”. Em princípio, o autor coloca que não é verdade que os cientistas sociais giraram somente em torno das dicotomias: ator/sistemas e agência/estrutura. Para ele, esse movimento de atenção se deu bem mais na oposição entre os níveis micro e macro de análise social. Deste modo, a proposta da ANT é olhar além dessa oposição e evidenciar que a ordem social pode não pertencer à agência/estrutura, mas ser um ente circular. O autor acredita que as dicotomias propostas pelos cientistas sociais são como tentar tirar uma foto de um carro em movimento. Já a teoria Ator-rede concentra a atenção no movimento. Essa ação, conforme Latour (2005), tem três conseqüências particulares:

1 – a redefinição do que antes era percebido como macro-social e uma valorização do cotidiano, ou, mais precisamente, do micro-social:

Isto já é uma importante contribuição da ANT porque significa que quando se explora a estrutura do social, se não é conduzido para longe dos locais – como era o caso do descontentado cientista social – mas para perto dele (Trad. livre) (LATOURE, 2005, p. 18).

2 – a atuação não é o que um ator faz, mas o que fornece aos atores com suas ações, sua subjetividade, sua intencionalidade e sua moralidade. Para Latour (2005), não há nada especialmente local e nada especialmente humano, num local intersubjetivo de encontro.

3 – a terceira conseqüência é que nós nunca somos conduzidos a estudar a ordem social, num deslocamento que permitiria um observador focar do global para o local e vice-versa. No domínio social não há mudança de escala. Latour (2005) defende que para a ANT cada local é visto como “quadro” e “resumo”. O ator não está aqui para jogar o papel da agência e a rede para jogar o papel da sociedade. Ator e rede revelam duas faces do mesmo fenômeno:

---

<sup>66</sup> No original, em inglês, Latour (2005) utiliza os termos “*framing*” e “*summing up*”.

(...) a lenta realização de que o social é um certo tipo de circulação que pode viajar infinitamente sem encontrar tanto o micro nível – lá não há uma interação que não seja moldada (*framed*) – quanto o macro nível – lá há somente resumos (*summing up*) que produzem tanto local totalidades (*'oligoptica'*) total localidades (agências) (Trad. livre) (LATOURE, 2005, 19).

De acordo com Latour (2005), a maior contribuição da ANT é transformar o social do que estava na superfície para a circulação. Ele acredita que natureza, sociedade e subjetividade não dizem o que o mundo é, mas o que circula nele.

Finalmente, o último equívoco, o qual Latour (2005) aponta, na interpretação da teoria Ator-rede é a tentativa de aprisionar a palavra teoria. Apesar de alguns autores considerarem a ANT como uma teoria, Latour (2005) defende que ela é um método para aprender com os atores sociais sem impor a eles uma definição *a priori*. Ou seja, ela não é uma escola para tentar explicar o comportamento dos atores sociais:

Não é uma teoria cujos princípios estejam dados de antemão, tampouco que possa se “aplicar” a algo, uma vez que o que está em jogo não é aplicação de um quadro de referência no qual podemos inserir os fatos e suas conexões, mas a possibilidade de seguir a produção das diferenças (FREIRE, 2006, p. 54).

O autor acredita que ela é uma forma de ser fiel aos *insights* da etnometodologia e que a teoria Ator-rede é como a etnometodologia: um caminho simples para os cientistas sociais acessarem os locais. Um método e não uma teoria.

Assim colocado, vale a pena ressaltar alguns aspectos importantes desse método. Há, na verdade, ainda três pontos fundamentais sobre ele que gostaríamos de ressaltar. O primeiro diz respeito à questão da rede. Conforme Callon (1998), ela não é redutível há apenas um ator ou uma rede. As redes, como já colocamos, são compostas de diversos elementos – animados ou inanimados – que se ligam por um determinado período de tempo. Callon (1998), assim como Latour (2005), acredita que o ator-rede da ANT não pode ser confundido com a tradicional definição de ator da Sociologia, visto que esta exclui os não-humanos. Porém, igualmente, ele não pode ser confundido com a rede, considerando que suas relações podem se redefinir a qualquer momento ou, dito de outro modo, não se comporta de maneira estável e previsível. “Um ator-rede é, simultaneamente, um ator cuja atividade consiste em entrelaçar elementos heterogêneos e uma rede que é capaz de redefinir e transformar aquilo do que é feita” (Trad. livre) (CALLON, 1998, p.

156). O autor argumenta que atrás de cada elemento de uma rede se oculta um conjunto de outras redes. Ou seja, um ator-rede é uma rede de entidades simplificadas.

Um segundo aspecto é a relevância que os autores da teoria Ator-rede, especialmente, Latour, dispensa para o texto que relata a pesquisa do investigador social. O autor defende que o texto tem tudo a ver com o método. Nesse sentido, como já viemos discutindo ao longo da tese, o texto é o laboratório do pesquisador social. Latour (2006) considera que se a ANT tiver algum princípio ele é: um texto denso. O autor reclama que na maior parte dos textos da área não acontece nada: “Não ensinar aos alunos de doutorado em Ciências Sociais a escreverem suas teses é como não ensinar aos químicos a fazerem experimentos laboratoriais” (LATOURE, 2006, p. 346).

Finalmente, destacamos que os autores da teoria Ator-rede defendem que o método dela permite descrever algo que não necessariamente se assemelha a uma rede. Esse aspecto nós já discutimos anteriormente, mas o verbo utilizado merece uma ênfase: “descrever”. O objetivo, segundo Latour, é descrever a ação dos atores sem fundamentalmente ter de julgá-los ou interpretá-los. O conselho do autor é abrir mão do quadro explicativo e ater-se somente a tarefa de descrever. Para os pesquisadores da ANT os atores sabem o que eles fazem e os cientistas sociais devem aprender com eles não somente o que eles fazem, mas também como e porque eles fazem. Este fato explica a metáfora recorrentemente utilizada, pelos autores da ANT, sobre seguir as pistas dos *actantes*.

Apesar de assumirmos a importância da teoria Ator-rede nesse trabalho de pesquisa, nossa proposta foi ir além da descrição para também interpretar a ação de nossos atores. Estamos cientes da importância da descrição e, certamente, tentamos fazê-la com a cautela e o cuidado necessário. Não obstante, como Latour (2006) bem colocou, o texto da pesquisa é o laboratório do pesquisador. É o local de experimentos, de tentativas, de erros, de acertos e de ousadia. A ponderação sobre a questão da importância do texto da tese de doutoramento e da autonomia e maturidade que o jovem pesquisador precisa conquistar ao longo da sua investigação de doutorado, nos conduziu a decisão de que era importante a análise. Ainda que essa não fosse rigorosa e extensa, nosso objetivo de pesquisa a solicitava.

## 6.5 – POR UMA ETNOGRAFIA VIRTUAL SIMÉTRICA

Mais uma vez voltamos a uma questão, a qual já problematizamos no capítulo sobre os procedimentos metodológicos: o tema da etnografia virtual. Aliás, o nome deste apartado é quase o mesmo do anterior, não o é totalmente por causa de uma única palavra: “simétrica”. Bom, melhor explicar logo que não se trata de uma confusão, antes que o leitor se desanime e perca o interesse em ler essa parte.

O título, sem dúvida, é quase o mesmo, no entanto, a adição desse novo termo nos dá condições de finalizar a discussão sobre o caráter do nosso estudo etnográfico afinada com o debate teórico e metodológico que travamos nesse capítulo. Vale a pena discutir um pouco mais a questão da etnografia já que viemos traçando até aqui o debate de um procedimento teórico-metodológico que orienta para que a observação dos fenômenos não priorizem, nem estabeleçam hierarquias entre os elementos naturais e sociais.

Assim colocado, o estudo etnográfico que propomos para os portais é, na verdade, o que os seguidores da teoria Ator-rede intitulam de “etnografia simétrica”, visto que observamos os ambientes virtuais considerando tanto os elementos humanos quanto os não-humanos: “(...) etnografia simétrica que não discrimina entre o tipo de causas que explicam a dinâmica da comunidade e busca em todos os fenômenos sua origem sociotécnica, composição indissolúvel de elementos de origem humana e material, social e tecnológica” (Trad. livre) (ESTALELLA, 2005, p.01).

E etnografia simétrica é precisamente o procedimento metodológico utilizados pelos pesquisadores da teoria Ator-rede. Isto porque uma das bases das pesquisas que seguem essa orientação é a observação participante. Seguir as pistas, seguir os atores e ouvir o que este têm a dizer é, claramente, o conjunto de instrumentos de pesquisa utilizados pelos estudos etnográficos.

Outro aspecto importante a considerar é que se trata de uma etnografia simétrica do virtual. Dito de outro modo, trata-se de um estudo microsociológico do cotidiano de um espaço social sintético:

Já faz anos que as ciências sociais começaram a compreender a Internet como uma tecnologia cultural, e que o ciberespaço é, ainda que sintético, um espaço social de pelo direito. Um espaço social tremendamente *sui generis*, com uma série de particularidades muito concretas e especiais, porém **espaço social praticado** (Certeau, 1988) sem nenhuma dúvida,

raivosamente inquieto, excepcionalmente efêmero e radicalmente urbano (Trad. livre) (MAYANS Y PLANELLS, 2006, p. 27).

Esse caráter dos ambientes virtuais, seguramente, reforça o que vínhamos discutindo sobre a novidade que Internet coloca e o desafio teórico-metodológico que temos de vencer para realizar a empresa de uma pesquisa dentro desse ambiente. Não obstante, certamente, a etnografia virtual simétrica se coloca como uma maneira adequada para isso, visto que é flexível – e facilita a análise de fenômenos emergentes (MAYANS Y PLANELLS, 2006) – e nos permite “olhar” as redes sociotécnicas, ao invés de ceder ao encanto de, por exemplo, passar a analisar o discurso dos portais.

Mayans e Planells (2006) fez um estudo etnográfico de salas de bate-papo de jovens espanhóis. O autor coloca que uma das suas principais resistências era reconhecer o ciberespaço como um espaço social legítimo, já que se espantava com a “leveza” e a “banalidades” das conversas travadas nos *chats*. Depois de três anos de investigação, o pesquisador considera que a experiência social que acontece nesses espaços, de fato, não carregavam a “seriedade” que ele esperava encontrar. Isto ocorre simplesmente por causa de uma marcante característica da Internet: o caráter lúdico. A realidade social que se processa ali é sim importante, apesar de não ter aparentemente um caráter político:

A verdadeira dimensão relevante (e política) da ágora eletrônica não reside em seus mecanismos de tomada de decisão, e sim no fato de que serve para estabelecer os vínculos básicos através de conversações banais e sem importância, que podem tornar possível, num dado momento, seu comportamento como grupo social. A ágora eletrônica não é um mecanismo para a política, e sim para a sociabilidade e, portanto, para a sociedade. Sem sociabilidade não há sociedade. E sem sociedade, não há política. Aí reside a tremenda relevâncias dessas conversas banais (Trad. livre) (MAYANS Y PLANELLS, 2006, p. 27).

Nesse sentido, ressaltamos a conveniência de estudar essas pequenas comunidades a partir da etnografia virtual simétrica e entender a dinâmica do funcionamento desses ambientes sociais construídos sinteticamente.

PARTE IV –  
DESCRIÇÃO E  
ANÁLISE

## Capítulo VII

### TERCEIRA IDADE.COM

Chegou a nossa hora de cumprirmos o desafio do texto, apontado por Latour (2006). De acordo com o antropólogo francês, quem dá a forma de rede para o objeto investigado é o pesquisador. São os olhos deste que vêem a rede e é precisamente no texto dele que essa rede aparece, ganha forma, contornos e limites.

Esperamos que os que entrem aqui agora vejam a rede. Encontrem a caixa-preta, consigam abri-la e, finalmente, vejam algo dentro dela. A proposta é ambiciosa. O risco continua alto. O texto não é somente a mediação, ele é também o laboratório (LATOUR, 2006).

Nossos experimentos, efetivamente, ficarão evidentes nesses dois últimos capítulos da tese. Aqui é o espaço para apresentarmos os nossos portais, tecermos as redes que encontramos e analisá-las, quando elas nos permitirem. A última parte desta tese de doutoramento está destinada a apresentarmos o nosso trabalho empírico e problematizá-lo.

Assim colocado, descrição e análise compõem essa parte. No sétimo capítulo, apresentamos o nosso campo e aproveitamos para problematizá-lo. Além disso, discutimos as estratégias metodológicas que tomamos ao longo do trabalho de campo, à medida que fomos conhecendo o campo e quando as surpresas foram aparecendo fomos construindo as orientações éticas para realizar essa parte da nossa investigação. Foi o momento da descrição minuciosa e cuidadosa, de narrarmos as dinâmicas de cada portal e as conexões que se formavam dentro deles.

O oitavo capítulo deste trabalho se centra mais especificamente na análise, ainda que não abra mão de continuar descrevendo. Esse foi o espaço da reflexão, das conexões teóricas, da descrição orientada para compreender e avaliar os indicadores e as variáveis que traçamos no primeiro capítulo.

Todavia, é preciso afirmar que a separação espacial desses dois capítulos é meramente um artifício de forma, haja vista que eles se complementam e que, a rigor, um é a continuação do outro. Descrição e análise se cruzam, se distanciam, se perpassam e se articulam na tessitura da rede do texto.

Terceira idade ponto com. Esse é o momento de conhecermos como o protagonismo idoso acontece ou não na rede mundial de computadores. Como primeiro exercício dessa compreensão, propomos problematizar qual é de fato o nosso campo.

## 7.1 – QUAL É O MEU CAMPO?

Não há nada que o pesquisador possa fazer que lhe retire o medo, a surpresa e o encanto diante do seu campo. Toda a preparação anterior, como a criação das estratégias metodológicas ou as reflexões teóricas, parece que não diz o óbvio: o que é o campo. Não há aviso de alerta, nem placas indicando que o terreno é acidentado. Ao chegar ao campo, percebe-se que todas as estratégias construídas para explicá-lo eram ideais. O real não se apresenta facilmente e é muito mais cheio de meandros do que esperávamos.

Começamos esse capítulo tentando explicar o quão curioso e angustiante são os primeiros contatos com o campo de pesquisa que delineamos. Isso porque quando chegamos aos locais de análise – pulsantes de vida, de interações, de informações, de *links*, de pessoas, de ferramentas, de luzes piscando – nos perguntamos: qual parte desse universo é o nosso campo? Por onde começamos? Com quem falamos?

Não resta dúvida de que o campo é o que está determinado na introdução desse capítulo: o portal Terceira Idade e o portal *Júbilo*. Todavia, esses portais, como já havíamos discutido, são universos complexos, com dinâmicas próprias, códigos de conduta e, claro, receios dos novos internautas que desejam cair na rede – ainda mais quando estes estão investigando. Além disso, os portais são as entradas para diversos e variados tipos de serviços, informações e oportunidades; ou seja, são universos dentro de um grande universo.

Resumindo, o campo foi construído ao longo da pesquisa. Com quem falar, a quem pedir autorização, quem entrevistar, quem e o que observar, quando se apresentar foram decisões tomadas ao longo da prática de campo. O conselho de Latour (2006) agora nos preocupava: seguir quem e seguir até quando ou até onde?

Sem dúvida, uma explicação para isso está na novidade que representa esse campo. Apesar de termos refletido sobre isso, antecipado que os desafios sobre a pesquisa etnográfica na Internet foram pouco mapeados por causa da escassa bibliografia na área,

não tínhamos a dimensão precisa do que seria entrar pela primeira vez nesses espaços com olhos de pesquisador.

A primeira decisão foi acessar regularmente os portais com o objetivo de compreender as redes e suas dinâmicas, como, por exemplo: as atualizações do portal, notícias principais, ferramentas de interação e as pistas dos que entravam. Passamos a acompanhar essa dinâmica quase que diariamente na expectativa de encontrar as portas de acesso para aquele universo.

A intimidade com o campo foi nos dando mais clareza dos passos necessários para defini-lo melhor. Logo, a decisão seguinte foi nos apresentarmos para os produtores do portal, solicitando-lhes o consentimento informado para realizar o estudo etnográfico. Essa ação foi fundamental para que os produtores também assumissem o compromisso de responder aos questionamentos e de, quando necessário, facilitar mecanismos técnicos, dentro desses ambientes virtuais, para viabilizar-nos o contato com os internautas, bem como disponibilizar algumas informações sobre este trabalho de pesquisa no próprio portal, afim de que os internautas pudessem nos conhecer e participar da investigação.

Com o consentimento nas mãos, passamos a seguir os idosos nos dois portais. A partir de então, acreditamos que o nosso campo foi se delineando, ainda que, a rigor, cremos que ele nunca se definiu. As descobertas foram se multiplicando. As pistas da participação dos idosos estavam, geralmente, nas ferramentas de interação, como fóruns, mural de trocas, recadinhos do coração. Ali era possível “ver” a comunidade porque estavam disponíveis os nomes das pessoas, suas contribuições e, às vezes, até seus endereços eletrônicos.

Especialmente no caso do portal brasileiro – Terceira Idade, as pistas iam dando sentido a esse universo. A partir da observação dos mecanismos de interação dos portais, passamos a conhecer melhor os integrantes desses espaços. Os nomes dos internautas mais freqüentes e dos produtores foram surgindo e as dinâmicas de participação tornando-se mais claras.

A medida da compreensão da dinâmica de cada portal foi a medida da construção do nosso campo. Quanto mais conhecíamos o nosso universo de trabalho, mais tínhamos condições de definir o campo. Estalella e Ardèvol (2007) argumentam que o campo é o referente: ele pode ser um coletivo que se relaciona pela Internet ou um *site*, um blog, ou tudo aquilo que se vê diante do écran, depende do pesquisador. “O campo não está dado,

não tem limites pré-definidos, depende de como desenhamos nosso objeto de estudo” (Trad. livre) (ESTALELLA e ARDÈVOL, 2007, p. 12). Portanto, o nosso olhar, temperado por nossas intenções de pesquisa, era o balizador para delimitar o nosso campo.

O campo é construído pelo investigador ao longo da sua investigação. De acordo com essa construção os dilemas éticos podem variar muito. Para definir e compreender o seu campo no ambiente *web* às vezes é necessário extrapolar os limites dele:

Às vezes é necessário segui-los (os internautas) através de diferentes contextos e dispositivos da Internet nos quais eles participam (GÓMEZ 2006), visitar suas páginas pessoais, seus blogs, os vídeos ou as fotos que publicam em diferentes serviços, etc. Esta proliferação dos dispositivos que é necessário introduzir no campo não somente é complexa de gerir, como também demanda tomar decisões éticas e aprender a realizar o nosso trabalho de campo tendo em conta todos estes contextos de interação tão diversos (Trad. livre) (ESTALELLA e ARDÈVOL, 2007, p. 14).

Seguimos os internautas, os produtores e as instituições pela Internet. *Blogs*, páginas pessoais, páginas institucionais, *fotologs* nos apresentavam os nossos informantes. Mais precisamente, até esse momento, nós passamos a conhecê-los, contudo, eles ainda não sabiam da nossa existência – somente os produtores, isto porque já havíamos enviado a estes o correio eletrônico solicitando autorização para o trabalho de campo. Porém, diante da complexidade do nosso campo acreditamos que era necessário conhecê-lo melhor antes de nos apresentar e iniciar uma série de questionamentos.

Antes de nos deixar seduzir por esse universo avassalador de informações – embora em parte já tivesse acontecido – e ficar à deriva em mar aberto, fato recorrente, resgatamos os objetivos da pesquisa. Logo, para analisar o protagonismo idoso nos dois portais de análise, há lugares especiais desses ambientes para se trabalhar essa questão: os espaços interativos. Em vista disso, o nosso campo, sem dúvida, eram os dois portais da Internet. E, nesse sentido, “navegamos” por esses mares à procura de *links*, informações e pistas. Testamos serviços, lemos diversos textos, acessamos várias portas. Apesar disso, delimitamos como espaços privilegiados de atenção as ferramentas de interação, como: *chats*, fóruns, mural de recados, mural de receitas, recados do coração, colunas do leitor, enfim, os ambientes nos quais os internautas pudessem participar publicamente das atividades desses sítios *webs*.

## 7.2 – BLOG DE CAMPO

O foco nos mecanismos de interação, definitivamente, foi uma decisão crucial para compreendermos e atuarmos melhor dentro do nosso campo. Porém, a cena era dramática: estávamos ali, com o consentimento informado dos produtores dos portais, dispostos a começar as entrevistas com os atores sociais para compreender as redes e os vínculos que se formavam nas comunidades, todavia, ainda se multiplicavam as dúvidas: como fazer a abordagem, como provar que as informações do pesquisador e da pesquisa são verdadeiras, como pedir informações, muitas vezes pessoais, num universo onde a desconfiança é um dos sentimentos mais comuns<sup>67</sup>?

Talvez a situação menos angustiante fosse entrar em contato com uma associação de idosos, definir uma turma de informática como campo e passar a freqüentar os encontros. O primeiro dia de estudo etnográfico seria triunfal: entraríamos na sala, seríamos apresentados aos idosos, estudantes de informática, teríamos o apoio do professor e dos outros membros da instituição e passaríamos três ou quatro meses freqüentando um local definido no tempo e no espaço. Todavia, a nossa realidade era distinta e ficava claro o quanto esse meio – a Internet – nos desafiava e nos fazia repensar e adaptar nossas estratégias metodológicas.

Os próprios produtores dos portais já haviam manifestado o receio deles quanto ao sigilo em relação aos dados obtidos nessas comunidades. O primeiro portal espanhol que escolhemos para análise, o portal *Mundo Mayor*, o qual, mesmo depois de ter aceitado a nossa proposta, declinou e nunca mais respondeu a nenhum dos nossos correios eletrônicos, foi um exemplo desse receio. Na primeira comunicação que enviamos, na qual informávamos sobre a pesquisa, os produtores responderam que aceitavam participar, porém deixaram claro que não nos forneceriam informações sobre os internautas:

A respeito da participação dos usuários do portal, nós não podemos fornecer informação alguma sobre os mesmos, em virtude da *Ley de Protección de Datos*, vigente em nosso país. Por isso, qualquer informação que os usuários queiram fornecer deverá ser espontânea e nos espaços públicos, como fóruns e *chats* (Trad. livre) (MUNDO MAYOR, 2008).

---

<sup>67</sup> Sem dúvida, a maioria de nós tem um sem-números de histórias sobre fraudes na Internet. Venda de informações privilegiadas, roubos de senha nas transações eletrônicas, negociações de bancos de dados – que se diziam sigilosos – seqüestros facilitados por causa das informações disponíveis na *web*, enfim, os fatos pesavam contra nós.

Ainda que não tivéssemos solicitado nenhuma informação do banco de dados dos portais sobre os usuários, porque sabemos que nos dois países há legislação que protege os direitos dos usuários de Internet, os produtores dos portais, como no exemplo acima, nos avisavam que eles não podiam fornecer dados sobre os usuários.

As dúvidas despontavam dos dois lados. Era preciso encontrar uma maneira de nos apresentar aos idosos usuários desses portais, compreender melhor as dinâmicas desse espaço e construir laços de respeito e confiança com os nossos informantes. Foi, então, que descobrimos na nossa revisão de literatura um artigo chamado “*Ética de campo: hacia una ética situada para la investigación etnográfica de Internet*”<sup>68</sup>, dos autores Estalella e Ardèvol (2007). Nesse trabalho, os autores relatavam como solucionaram a angústia de se aproximar dos seus informantes, durante uma pesquisa que eles fizeram sobre blogs e produtores de blogs. Eles criaram um blog de campo, no qual deixaram disponíveis as informações sobre a pesquisa e sobre os pesquisadores.

Tomamos esse exemplo como inspiração e decidimos criar o “Blog de Campo” (<http://janarasousa.wordpress.com/>): uma ferramenta metodológica que auxiliaria a nossa aproximação com os atores sociais. O objetivo inicial do Blog de Campo era ser um referente permanente para que todos os internautas que abordássemos pudessem conferir os dados da nossa investigação, como objetivo, currículo da pesquisadora, professores orientadores, instituições de vínculo, enfim, as informações que pudessem atestar a veracidade das nossas intenções.

Foi com essas motivações que no dia 12 de dezembro de 2008 criamos o Blog de Campo. Um blog bilíngüe, português e espanhol, para que qualquer um dos nossos informantes, dos dois países, encontrasse com facilidade as informações que buscassem sobre a nossa pesquisa:

---

<sup>68</sup> ESTALELLA, Adolfo e ARDÈVOL, Elisenda. “Ética de campo: hacia una ética situada para la investigación etnográfica de internet”. IN: Forum Qualitative Sozialforschung / Forum: Qualitative Social Research, Art. 2, 2007. Disponível em: <http://nbn-resolving.de/urn:nbn:de:0114-fqs070328>. Acesso em: out., 2008.

**Figura 16 – Página inicial do Blog de Campo**



Fonte: elaboração própria

A criação do Blog de Campo foi simples. Acessamos um portal de serviços, o *Wordpress* ([www.wordpress.com](http://www.wordpress.com)), o qual oferta a abertura de páginas pessoais gratuitamente. Escolhemos um *layout*, que julgamos apropriado para o nosso blog, colocamos uma foto de nossa autoria e começamos a alimentá-lo com dados sobre este trabalho de investigação, como é possível ver na figura acima.

O Blog de Campo atendia a vários objetivos, como: orientar a investigação a partir da própria experiência do investigador com as ferramentas e o cotidiano na Internet; dar credibilidade para que tantos os idosos, quanto os produtores pudessem, sempre que necessário, checar as nossas informações (deixamos no blog pistas importantes, como o currículo *lattes* da pesquisadora e dos orientadores e os enlaces das universidades que fazíamos parte, com a finalidade de dar oportunidade para que quem desejasse buscasse mais dados); tornar públicas as informações da pesquisa, que de acordo com Estalella e Ardèvol (2007), é um imperativo ético da produção científica; e, por último, mas não menos importante, manter uma presença na Internet.

Nas pesquisas etnográficas tradicionais, o pesquisador chega, com o seu bloquinho na mão, atencioso, amável com as pessoas, cuidadoso nas respostas e nas perguntas.

Enfim, ele está ali. Sua existência é inegável. Os informantes podem também lhe fazer perguntas, podem confirmar sua falível humanidade e o pesquisador pode criar condições de mutualidade. Espera-se que as relações se estabeleçam em nível de igualdade e não de hierarquia. Levar esse contexto para Internet era um desafio. O Blog de Campo foi, portanto, a nossa presença, na verdade, uma co-presença permanente já que os interessados podiam acessá-lo a qualquer hora do dia ou da noite e mandar perguntas e/ou comentários. Essa ferramenta foi a maneira que encontramos para apresentar as regras do jogo e para nos expormos às críticas, à investigação e às sugestões.

Estalella e Ardèvol (2007) relacionam duas razões que os levaram a crer que foi fundamental a criação de um blog de campo, no caso da pesquisa que eles desenvolveram:

(...) a primeira está estreitamente relacionada com a investigação etnográfica na Internet, e é a conveniência de buscar formas de co-presença do investigador no campo. A segunda corresponderia ao “sentido comum” ou sensibilidade do etnógrafo: o estabelecimento da mutualidade com os sujeitos que participam da investigação, entendida como a busca de relações simétricas, que se traduz não só no relacionamento, mas também na aceitação da posição vulnerável do etnógrafo, que pode ser interpelado e cuja identidade também está exposta e sujeita ao escrutínio dos “investigados” (Trad. livre) (ESTALELLA e ARDÈVOL, 2007, p. 23).

Acreditamos que o nosso caso não foi diferente. A proposta do Blog de Campo não era fazer um “diário de bordo”, nem dar parciais sobre os resultados da pesquisa. Na verdade, a intenção era disponibilizar as informações, que dessem credibilidade ao trabalho, e estar ali para atender aos internautas que tivessem dúvidas sobre o assunto. Assim, quando o blog foi criado, colocamos quatro *posts* (assim são chamadas, no jargão da Internet, as postagens de mensagens novas nos blogs), os quais tratavam dos aspectos relativos a esse trabalho de investigação.

O Blog de Campo foi também resultado de uma opção sobre como elegemos fazer o nosso estudo etnográfico. Ou, mais precisamente, decidimos participar abertamente dos ambientes aos quais escolhemos para analisar. Conforme os autores Hammersley e Atkinson (1994), como discutimos no primeiro capítulo, o etnógrafo pode participar de maneira aberta ou oculta da vida cotidiana das pessoas. Acreditamos que no caso da Internet, a qual se revelava cheia de meandros para compreendermos as dinâmicas das redes e a participação dos idosos, era mais prudente e vantajoso optar por revelar-se como pesquisador para as comunidades dos portais. Isso porque, inclusive, tornava viável a

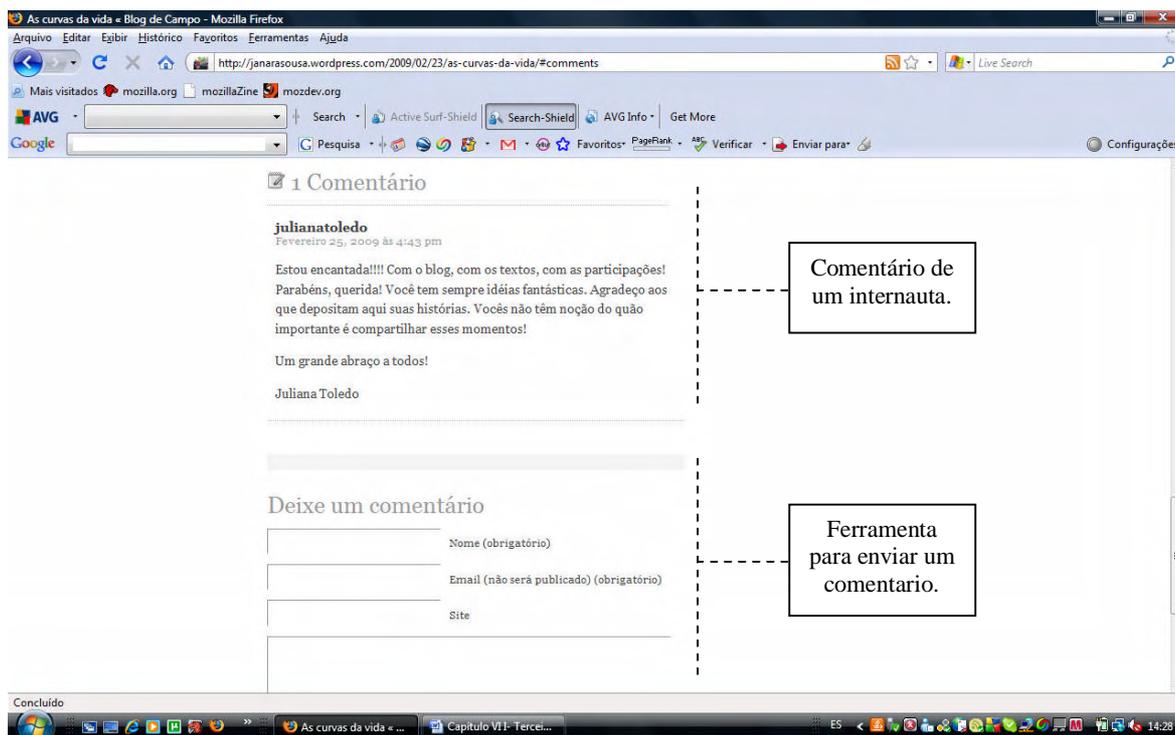
observação participante e as entrevistas. Seguir as pistas dos atores dentro desse meio de comunicação, afinal, seria muito mais fácil com o consentimento deles.

### **7.2.1. NOTÍCIAS DO *FRONT***

Construímos o Blog de Campo, colocamos as informações importantes sobre esta pesquisa e passamos a divulgá-lo nos dois portais de análise. As ações para anunciar a nossa página *web* eram variadas. Onde havia pista dos internautas, como os endereços de *e-mail*, colhíamos as informações e, nas correspondências que enviávamos, passamos a estimular o acesso ao Blog. No caso do portal *Júbilo*, cujas direções eletrônicas dos internautas, que deixam contribuições nos espaços interativos, são ocultadas, solicitamos, espaço dentro do próprio portal, para apresentar a pesquisa e divulgar o blog.

A principal surpresa que tivemos foi o rumo que o Blog tomou. Isso porque geramos esse espaço com a expectativa, como discutimos no tópico anterior, de que ele fosse um referente permanente e, assim, funcionasse como um quadro de aviso e de pistas para que os informantes nos achassem, quando necessitassem. Todavia, mesmo sem intenção e sem preparação, o Blog se transformou num espaço de trocas e de debate. Alguns atores sociais respondiam aos nossos *e-mails* com um comentário em postagens do Blog de Campo. Isso porque, conforme podemos comprovar na figura abaixo, o modelo de página pessoal que escolhemos permite que os usuários comentem as notas publicadas:

Figura 17 - Blog de Campo - página para comentar uma nota publicada no Blog



Fonte: elaboração própria

Os comentários submetidos ficam aguardando a moderação do editor do Blog para se tornarem públicos. Passamos a aceitar as diversas contribuições que chegavam, a comentar praticamente todas e começamos a publicar notas no blog provocando ainda mais a interação. No final das notas usávamos artifícios para estimular a participação, como é o caso do *post* que citamos abaixo, cujo título é “Caiu na rede é jovem”:

No Brasil somente 4% dos internautas têm 60 anos ou mais de idade. Este, por enquanto, é um retrato do uso da Internet em todo mundo: a maior parte dos usuários é jovem, do sexo masculino e tem alto nível de escolaridade. Essa realidade excludente pode fazer da rede mundial de computadores, o meio de comunicação mais democrático de todos – do ponto de vista de acesso ao conteúdo e publicação da produção –, o ambiente de poucos grupos, exatamente os que já têm espaço garantido em outros canais, como rádio e televisão. Os idosos, de fato, têm a oportunidade de participar da Internet? Como? (SOUSA, 2009).

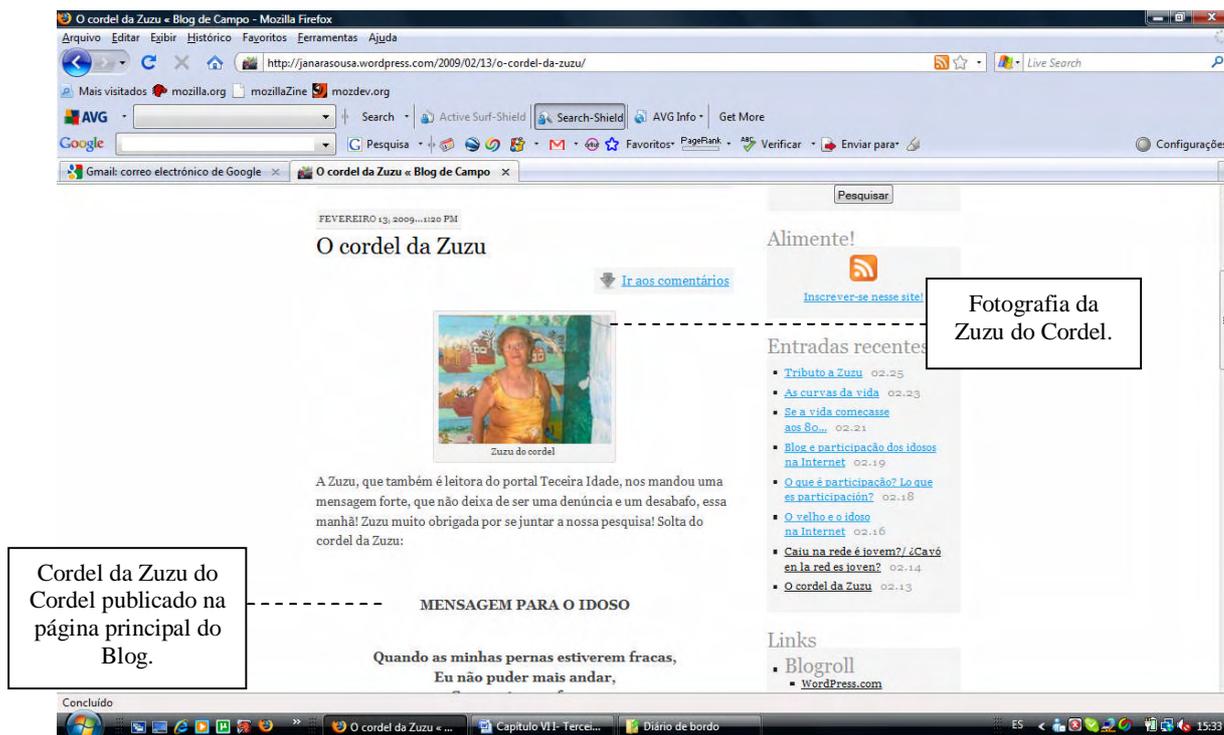
Os textos que publicávamos eram, via de regra, como o citado acima: curtos e diretos, isto é, em formato de nota, que estimulavam o debate sobre um assunto, geralmente, ligado aos temas da tese de doutorado.

Porém, a questão dos temas discutidos no Blog é complexa. Quais assuntos discutíamos? Essa é uma pergunta interessante. Apesar da nossa ansiedade por dar um fio condutor ao debate, efetivamente, os participantes discutiam o que eles queriam. Poesias, cordéis, contos, crônicas, conselhos, desabaços e até fotografias eram submetidos à publicação. Muitas vezes, se tratavam de respostas às notas postadas, no entanto, vinham em forma de poesia. Outras vezes, não tinham conexão com a nota, tratava-se da produção artística dos internautas, as quais eles buscavam espaço para divulgá-las.

Diante da surpresa de ver que a participação no Blog era intensa, que os idosos se manifestavam, queríamos conduzir o debate para a questão da participação das pessoas idosas na Internet, para a experiência deles nos portais de análise, enfim, para compreender como esse protagonismo idoso acontecia nesse ambiente. No entanto, as contribuições eram difusas e atendiam aos interesses deles, os quais, sem dúvida, já nos dava pista da dinâmica da participação.

Como evidência, mandamos um correio eletrônico explicando a pesquisa e solicitando a participação para a sra. Zumira Ferreira, ou Zuzu do Cordel, como prefere ser chamada, participante do portal Terceira Idade, que tinha deixado várias contribuições nesse portal na seção “Espaço Livre”. A resposta da Zuzu do Cordel veio em forma de uma foto sua seguida de um cordel intitulado “Mensagem para o idoso”, que prontamente publicamos como nota de destaque do Blog:

**Figura 18 - Blog de Campo - *post* destaque do cordel e foto da Zuzu do Cordel**



Fonte: elaboração própria

O texto “Mensagem para o idoso” era um cordel em que a autora refletia sobre os problemas do envelhecimento e a condição da pessoa idosa:

(...) quando eu não me lembrar se estou indo/ ou se estou voltando,/ pode ter a certeza/ que a minha memória está apagando./ Quando eu for me alimentar,/ e derrubar comida na mesa ou no chão,/ não se irrite comigo,/ tenha toda a certeza/ que não por falta de atenção (...) (ZUZU DO CORDEL, 2009).

Os conteúdos das contribuições, assim como os formatos, eram diversos. Como exemplo, uma nota que publicamos intitulada “O que é participação?”, na qual questionávamos o que, de fato, poderia ser considerado como participação social, foi comentada por Sebastião Boracho – participante do portal Terceira Idade e, sem sombra de dúvidas, o internauta que mais contribuiu com o Blog – com uma crônica feita em homenagem ao nascimento do seu neto. Antes do texto, Sebastião Boracho fez a seguinte observação: “Saúde e...Paz! Amiga Janara, há, também, a nossa participação afetiva! No meu caso, aos meus netos adoráveis, como se vê no meu texto abaixo, relativo ao meu neto Daniel (...)” (BORACHO, 2009).

Família, netos, futebol, filmes, poesia, arte, cotidiano entre outros eram os assuntos discutidos no Blog. Dessa forma, como viemos argumentando, diante dessa teia que foi sendo construída de forma aleatória por meio das valiosas contribuições dos idosos, o fio condutor se tornou: deixar a participação livre. Boracho, por exemplo, depois de enviar a crônica sobre o nascimento do seu neto, nos enviou, comentando a mesma nota, dois outros textos, em que discutia o que ele pensa de alguns ditos populares – como “água mole e pedra dura” – e o que acha da corporação da Polícia Civil, da qual faz parte do quadro de aposentados.

Como comentamos, os conteúdos eram diversos, assim como os formatos. Como a idéia inicial era colocar notas, que se trata de um pequeno texto informativo e/ou opinativo, resistimos a dar destaque especial aos outros formatos, como poesias e crônicas. Mas, a resistência não durou muito, inclusive, porque os próprios internautas começaram a cobrar que suas produções ganhassem destaque. Como exemplo, publicamos uma nota chamada “Papo sério”, no dia 11 de fevereiro, propondo a discussão do que seria a participação social dos idosos na Internet. A nota termina com a seguinte pergunta: “(...) para você os idosos têm realmente espaço para participação na Internet” (SOUSA, 2009). Quatro dias depois, Boracho comenta a nossa provocação da seguinte maneira:

Saúde e... Paz! Amiga Janara eis, o que ajuda ao idoso (não velho!) a sobreviver: A ORQUÍDEA! Não existe flor mais perfeita do que a orquídea, ela extrapola sua função ornamental quando, em paralelo com suas flores, as raízes e folhas, complementam-lhe a formosura em uma pintura com delineação cubista geometrizando os seus contornos, ora, apontando para o infinito, ora, para o rés-do-chão (...) (BORACHO, 2009).

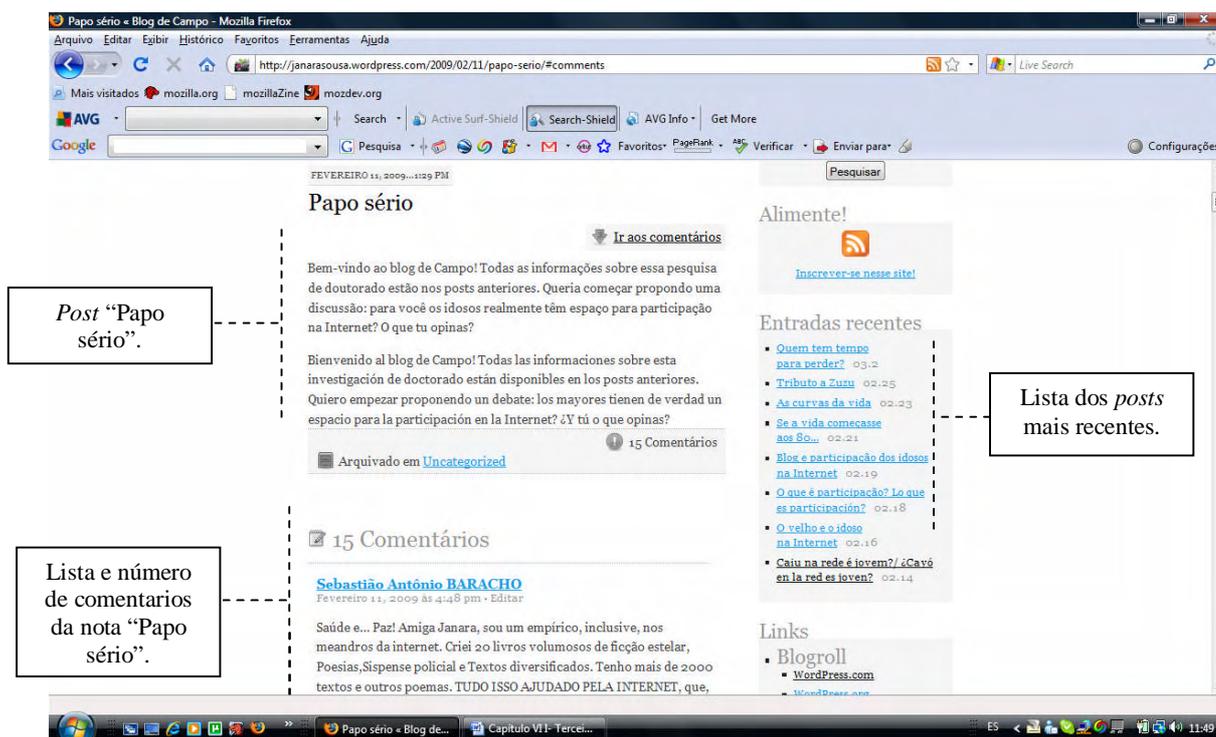
Era uma poesia sobre a flor Orquídea. O que de mais interessante verificamos, foi ele mandar o comentário sobre o que ajuda os idosos a sobreviverem no meio do dilema que vivíamos: o que fazer com os comentários que chegavam em forma de poesia, cordel, crônica e outros? Isso não quer dizer que estávamos rejeitando as respostas que chegavam dessa maneira, definitivamente não se tratava disso, mas dávamos destaque especial designadamente às que estivessem em sintonia com a nossa discussão e no formato, que julgávamos “apropriado” para animar a discussão no Blog. O processo pelo qual dávamos um destaque especial a um comentário era o seguinte: o copiávamos da página de comentários, que não fica alojada na página principal do Blog, para a página principal dos *posts*, agradecíamos a participação, dávamos o crédito do autor e publicávamos o

comentário, que, a partir de então, ocupava um espaço destinado somente às contribuições do editor do blog.

O comentário de Sebastião Boracho foi decisivo para tomarmos outra postura no Blog: explorar a interação por meio da mediação e provocação dos debates, e reduzir as tentativas de tentar controlar as contribuições dos internautas. A partir desse critério, algumas contribuições ganhavam destaque (a despeito do gênero textual: poesias, crônicas ou cordéis); mesmo assim, não era possível destacar todas porque às vezes tínhamos mais de dez comentários para cada *post* – e todos eram publicados e comentados.

A frequência de publicação de notas era praticamente diária, especialmente a partir do mês de fevereiro de 2009. Assim como a de moderar os comentários. Todos os dias alguém mandava uma contribuição para o Blog de Campo e todos os comentários eram respondidos para animar o debate. Era uma atividade laboriosa porque não raro entrávamos várias vezes ao dia para ver os comentários novos que chegavam, moderá-los e logo comentá-los. O nosso desafio era não deixar a discussão arrefecer e sim instigá-la para que as contribuições não se tornassem raras. Era preciso trazer novidades e comentar e agradecer as participações de todos os usuários desse ambiente virtual para que eles se sentissem motivados a participar e contribuir.

Figura 19 - Blog de Campo – página de comentários da nota “Papo sério”



Fonte: elaboração própria

Como podemos ver na figura 19, a nota “Papo sério” teve 15 comentários. Dentre eles, alguns de nossa autoria, comentando uma ou algumas contribuições. É relevante salientarmos que a rotina era intensa e as contribuições frequentes. Mesmo nos dias em que não postávamos nenhuma nota, como um domingo, por exemplo, recebíamos contribuições e, mais uma vez, publicávamos e comentávamos.

O hábito adquirido com o desenrolar da pesquisa de dar atenção aos comentários residia no fato de que o objetivo do Blog de Campo também era criar laços de respeito e confiabilidade com os nossos informantes. E isso não era possível sem que estivéssemos presentes no cotidiano das pessoas dessas comunidades por um determinado período de tempo (HAMMERSLEY, M. e ATKINSON, P., 1994) e sem que dedicássemos a essas pessoas atenção especial. Portanto, aceitar os comentários e tecer outros era uma tarefa a qual dedicávamos tempo e atenção particular.

O Blog de Campo, nesse sentido, tornou-se o espaço das trocas entre nós e os usuários e entre eles mesmos; foi o espaço de nos conhecermos melhor, de tratar de assuntos da pesquisa e, em contrapartida, de assuntos triviais, como: música, cinema, poesia, cotidiano, família e outros.

Assim colocado, acreditamos que esse ambiente virtual que criamos nos auxiliava sobremaneira a vencer o desafio da presença, da co-presença e da possibilidade de estarmos sempre ali disponíveis para atender às dúvidas, críticas e sugestões daqueles que se dispuseram a participar desse estudo etnográfico. Sem dúvida, ele foi crucial na construção de proximidade entre nós e os informantes. De repente, conhecíamos nomes, páginas pessoais e até as formas que os participantes mais assíduos costumavam enviar suas contribuições – como o sr. Boracho, que preferia sempre discutir os temas em forma de poesias e crônicas.

Acreditamos que, para o outro lado da tela – os informantes –, a recíproca é verdadeira, na medida em que, essa proximidade ficava evidente na qualidade e na quantidade de contribuições que eles enviavam, como foi o caso de Emília Lins Santos Silva, que nos enviou um correio eletrônico agradecendo a oportunidade de participar da pesquisa: “Oi Janara, tudo bem? Estou visitando sempre o seu Blog . Já enviei 3 trabalhos e estou divulgando entre os meus amigos. Enviarei outros. Agradeço a oportunidade que está nos dando. Um grande abraço” (SILVA, 2009).

O Blog de Campo foi também uma maneira de conhecer melhor a participação e a disposição do grupo etário de 60 anos ou mais de idade em participar nos ambientes virtuais. Como colocamos no início desse capítulo, esse espaço também nos ajudou igualmente a compreender melhor as ferramentas que possibilitam a participação na rede mundial de computadores. A prática no Blog nos auxiliou a entender, por exemplo, como funcionavam as ferramentas de moderação dos fóruns, que são os espaços interativos mais comuns dos portais em análise. Ou, mais precisamente, essa prática nos ajudou a executar a empresa de compreender o papel dos elementos não-humanos nessas comunidades.

Além disso, o Blog de Campo, assim como toda a pesquisa via Internet, apresentou uma vantagem especial: a recuperação de informações. Todas as postagens, todas as contribuições enviadas, todo o debate travado nesse espaço era arquivado automaticamente e recuperado com facilidade, já que o Blog tem ferramenta de busca interna. Indubitavelmente, tanto essa descrição quanto a análise, a qual faremos no próximo capítulo, foram facilitadas por essa característica da Internet.

Apesar de reconhecermos a valiosa contribuição do Blog de Campo no desenvolvimento dessa pesquisa, é preciso ponderar também uma das limitações do Blog, como qualquer outro tipo de interação mediada por aparato tecnológico. Apesar de termos

conseguido mais do que havíamos planejado, o Blog não mobilizou os informantes espanhóis. Ainda que as postagens fossem quase bilíngües (só não traduzíamos os comentários) e que anunciássemos a nossa ferramenta no portal *Júbilo*, não havia pistas da presença deles. Cremos que ou os atores espanhóis não se dispuseram a acessar ou checavam os nossos dados no Blog e se omitiam de enviar um comentário; o fato é que não há como ter informação precisa sobre sua presença ou ausência, mesmo que todos os dias conferíssemos o número de acessos, porque não é possível saber de onde provêm essas entradas. As chamadas, os fóruns, enfim, nada os instigava a participar. Percebemos as dificuldades de interação com os espanhóis já de início, no processo de traçar acordo com os produtores do *site*, que, afinal, passaram a contribuir com o trabalho.

Apesar dos esforços, não conseguimos com os internautas espanhóis a mesma interação e abertura para o diálogo que tivemos com os brasileiros. Dessa forma, atemo-nos, então, a analisar os espaços de interação pública desse portal, no qual estavam postadas as contribuições desses usuários, ou seja, os locais nos quais eles demonstravam publicamente o interesse de navegação. Cremos que, em parte, as razões para a resistência dos internautas espanhóis em participarem abertamente da pesquisa é devida a questão da desconfiança com relação a dar informações pela Internet; e, em parte, porque a dinâmica do *Júbilo* era diferente do Terceira Idade. O portal espanhol era aberto ao público, mas não de caráter público. Além disso, como não compartilhávamos a mesma nacionalidade, acreditamos que isso aumentava ainda mais a desconfiança.

Nada obstante, o Blog de Campo foi uma estratégia eficaz. Ainda que não o tivéssemos previsto nas estratégias metodológicas, ele fez parte das soluções para os problemas que não havia como prever. O Blog era um espaço para se falar dos portais e dos temas da participação de modo mais livre e ausente de qualquer tipo de censura ou cerceamento. Nesse sentido, acreditamos que ele cumpriu o primeiro e principal objetivo dele: dar confiabilidade à pesquisa e aos pesquisadores envolvidos.

### **7.3 – ÉTICA DE CAMPO**

Fizemos um apartado especial para tratar sobre a questão ética no trabalho de campo porque, mais uma vez, o que havíamos previsto se revelou muito mais complexo na prática. Tínhamos duas reflexões, antes de ingressar no campo, no que concerne ao

posicionamento ético, que norteavam o nosso trabalho. A primeira era de não causar nenhum dano ou problema, de qualquer natureza, para os informantes envolvidos na pesquisa. E a segunda dizia respeito a não omitir a nossa identidade de pesquisador e nem as nossas intenções de pesquisa. Porém, o contato com o campo nos possibilitou a compreensão de que essas reflexões ainda eram insuficientes. Outras decisões ainda precisavam ser tomadas.

A primeira decisão, quanto a garantir que nenhum informante sofresse qualquer tipo de dano, era inquestionável. Já a segunda, ocultar-se ou não, era uma decisão que determinava os rumos e, provavelmente, o resultado do trabalho de campo. Omitir-se não era uma tarefa difícil, apesar dos riscos que ela envolvia.

Os procedimentos éticos no âmbito das pesquisas etnográficas são bastante discutidos. Há autores que acreditam que não é necessário solicitar o consentimento informado porque argumentam que sua presença deve ser omitida para não atrapalhar o andamento e os resultados da investigação. Nesse sentido, os pesquisadores omitem quem são e suas verdadeiras intenções para salvaguardar a pesquisa.

Essa ação é especialmente facilitada quando se trata da etnografia virtual. Naturalmente, nos ambientes virtuais, a presença do pesquisador não é tão evidente e muitos deles aproveitam esse fato para adotar uma presença marginal e considerar como campo tudo aquilo que acontece na tela do seu computador:

A possibilidade que oferece a Internet para registrar a informação de interações sem delatar a presença do etnógrafo foi considerada por alguns pesquisadores, especialmente nos primeiros estudos na Internet, como uma enorme vantagem que permite realizar investigações sem alterar os coletivos analisados com a presença do investigador. Este posicionamento, no entanto, está em conflito com as atuais formulações da etnografia que defende o trabalho de campo como um processo de socialização no qual o investigador acessa a trama de significados do coletivo que pesquisa (Trad. livre) (ESTALELLA e ARDEVOL, 2007, p. 18).

Portanto, uma das decisões éticas mais importantes que nos baseamos nessa tese de doutorado foi que ao longo do trabalho de campo todos os informantes deveriam ser consultados sobre a sua disposição de participar da investigação. Essa, de fato, se configurou como nossa segunda decisão.

A terceira decisão foi que, assim como o campo estava sendo construído ao longo do trabalho etnográfico, as decisões éticas seguiriam a mesma linha, já que por não conhecer

suficientemente nosso espaço de trabalho, não poderíamos defini-las *a priori*. Deste modo, adotamos uma ética dialógica e contextual que levasse em consideração o contexto particular das tomadas de decisão (ESTALELLA e ARDÈVOL, 2007). Estalella e Ardèvol (2007) defendem que o método etnográfico se difere dos outros por causa da aproximação do investigador com o contexto da investigação. Segundo eles, isso deve ser feito da maneira mais natural possível para que o pesquisador possa se integrar como um membro do coletivo que estuda. Nesse sentido, as decisões éticas devem ser compartilhadas com as pessoas envolvidas na pesquisa.

Portanto, partimos para o campo cientes da necessidade do consentimento informado, cujo processo baseia-se em explicar aos participantes os detalhes da investigação e lhes pedir autorização para incluí-los.

O primeiro consentimento solicitado foi dos produtores dos dois portais de análise: Terceira Idade e *Júbilo*. Por meio de um correio eletrônico, explicamos a pesquisa, pedimos autorização para analisar o portal, o que incluía os espaços públicos de interação, e solicitamos a colaboração deles para responder a eventuais perguntas. Cremos que essa ação era fundamental, apesar do portal ser um espaço público, levamos em consideração que era necessário nos apresentar e pedir o consentimento informado, tanto para respeitar os critérios éticos, quanto para contar com a colaboração desses atores sociais que fazem parte dessa comunidade. Muitos autores, como Estalella e Ardèvol (2007), acreditam que não é fundamental pedir consentimento informado para os produtores das páginas *webs*, contudo defendemos que essa ação é inegociável, tendo em vista que eles fazem parte da pesquisa do mesmo modo que fazem os internautas desses ambientes virtuais.

Na seqüência, quando era possível, passamos a escrever correios eletrônicos, para os internautas que deixavam pistas nos portais, solicitando o consentimento informado. Nesse caso, o Blog de Campo foi a nossa grande ferramenta na busca de cumprir com as nossas decisões éticas. Isso porque ao estimularmos o acesso ao Blog, cumpríamos com princípios éticos importantes que defendíamos: tornar público as informações sobre a pesquisa e dar liberdade, para que os que não quisessem participar de omitirem suas pistas. Além disso, habituamo-nos, no portal, a deixar claro que o debate e as contribuições postadas ali eram material de pesquisa da nossa tese de doutorado. Como se pode comprovar pelo trecho abaixo que retiramos da nota intitulada “Quem tem tempo para perder?”, publicada no dia 02 de março de 2009:

Hoje eu destaco um texto que a Emília nos enviou e aproveito para agradecer as contribuições de todos nessa pesquisa! Gostaria de lembrar aos novos participantes que esse Blog faz parte de uma pesquisa de doutorado, as informações desse trabalho estão nos *posts* anteriores, e que o debate nesse blog é também utilizado como material de análise! (SOUSA, 2009).

Conseqüentemente, todos os nossos posicionamentos éticos eram orientados para elucidar, em cada contexto específico, que decisão tomar, respeitando assim o critério de uma ética contextual e dialógica e a expectativa de privacidade<sup>69</sup> de cada internauta. Deste modo, nos esforçamos para que os nossos informantes estivessem conscientes de que se tratava de uma investigação por meio do consentimento informado e dos “lembretes” que colocávamos no Blog e nos *e-mails* que trocávamos.

Nesse sentido, no que concerne ao material publicado nos portais, optamos por não pedir solicitação, já que trabalhamos, exclusivamente, com aqueles disponíveis nas áreas públicas desses ambientes virtuais, como os fóruns de discussão e os murais de recados. Nenhum dos dois portais possuía ferramentas de bate-papo em funcionamento e, mesmo assim, não era a nossa intenção interceptar conversas de conteúdo privado.

De qualquer modo, em ambos os portais solicitamos que deixassem claro, em algum espaço desses ambientes virtuais, informações de que estávamos fazendo uma pesquisa e que envolveria a análise do material postado nos espaços públicos. O identificar-se foi a maneira mais eficaz que encontramos para preservar a privacidade e a intimidade dos nossos informantes e respeitar a nossa primeira e principal decisão ética: não causar dano ou problema para os participantes dessa investigação.

#### **7.4 – PORTAL TERCEIRA IDADE – INFORMAÇÃO É CIDADANIA**

A primeira imagem nos pareceu assustadora: luzes piscando, imagens indo e vindo, frases correndo pelo écran e um sem-número de enlaces coloridos reclamando atenção. O que ver primeiro? Onde paramos para prestar atenção? Melhor não parar. A primeira

---

<sup>69</sup> De acordo com Estalella e Ardèvol (2007), expectativa de privacidade é o que os internautas podem ter em relação a algumas das suas participações na rede mundial de computadores. Por exemplo, num portal temático sobre pornografia, os que se expõem ali podem ter a expectativa de estarem se expondo somente para essa comunidade e não para todos os que utilizam a Internet. No nosso trabalho, tínhamos como meta preservar a intimidade e a privacidade dos internautas, ainda que nos nossos portais o debate aberto não envolvesse informações de fórum tão íntimo.

olhada no portal Terceira Idade (<http://www.portalterceiraidade.com.br/>) não nos deixa dúvidas da complexidade de serviços, informações e oportunidades desse ambiente virtual.

Como discutimos no quinto capítulo desta tese, um portal é um espaço complexo de múltiplas possibilidades e que converge diversos serviços da Internet em uma única plataforma, como *e-mail*, *chat*, ambiente *web* e grupos de discussão. Assim é o portal Terceira Idade: um espaço temático, obviamente, voltado para os idosos – fica evidente, quando se entra nesse sítio *web*, que as fotos, os textos, as imagens e os serviços são voltados para esse grupo etário – e que disponibiliza diversos tipos de serviços, informações, oportunidades e enlaces interativos.

A primeira pista importante desse portal está no nome: Terceira Idade, que já nos traz informações fundamentais sobre a linha editorial, o público-alvo que esse ambiente está voltado e os valores os quais provavelmente enfatiza, ou seja, os valores ligados à categoria terceira idade, como: saúde, contínua atividade, alegria, autonomia e independência (DEBERT, 2004).

A segunda, que reforça esse argumento, é o visual do portal. Alegre, colorido, valorizando as imagens (que muitas vezes são animadas), títulos destacados com corpo de fonte maior que o normal, e texto, na maioria das vezes, curtos e objetivos. Ou seja, repleto de elementos que conferem a impressão de movimento e de atualizações frequentes, isto é, um espaço de livre circulação onde milhares de pessoas transitam todos os dias.

O portal Terceira Idade, de acordo com a coordenadora geral, Tony Bernstein (2009), tem mais de cinco milhões de usuários cadastrados, espalhados por todo país. Apesar dos produtores desse portal trabalharem em São Paulo/SP, os usuários são de todo o Brasil, porque, como já discutimos, a questão das distâncias geográficas não determina o acesso de um determinado sítio *web*, a menos que os conteúdos e os serviços sejam bastante específicos para uma determinada região ou que haja uma barreira lingüística, ou, mais precisamente, o não conhecimento do idioma no qual a página é alimentada.

O Terceira Idade foi criado no dia 11 de janeiro de 2006 e já possui um número de usuários maior que a população de muitas capitais brasileiras, como a própria Capital Federal. Não é de admirar, portanto, a diversidade de assuntos e de interesses que transitam e convivem dentro desse ambiente. O portal é mantido pela organização não-governamental – ONG “Associação Cultural Cidadão Brasil”. A criação dele foi uma parceria entre essa associação e a Prefeitura do Município de São Paulo e os telecentros. À

época de sua concepção, o objetivo do portal era: “(...) levar informação, cultura e interatividade para o público-alvo da terceira idade” (PORTAL TERCEIRA IDADE, 2006) e para os mais de 850 mil usuários dos telecentros do município de São Paulo.

Universo cheio de universos dentro dele. Múltiplas portas de entrada que nos conduziam para outros tantos universos e outras tantas outras portas voltadas para o tema da terceira idade. Mergulhar no portal Terceira Idade nos deu contornos mais precisos do desafio que esse trabalho de campo nos colocava.

Para descrever o portal Terceira Idade de maneira mais eficiente, vamos dividir essa parte valorizando os aspectos mais freqüentes desse ambiente: página principal, espaços de informação, espaços de serviços e espaços interativos.

#### **7.4.1. CENA 1 – NA GERAL: PÁGINA PRINCIPAL**

Começaremos a descrição desse portal pela página principal. É por meio dela que, geralmente, acontece o primeiro contato do internauta com um sítio *web*. Nesse sentido, aspectos objetivos, como o desenho da página e as informações disponíveis, precisam ser atrativos e capazes de não frustrar o usuário para que ele não abandone o portal (HASSAN MONTERO, 2006). Mais do que qualquer outro ambiente de um sítio *web*, é função da página principal atrair e manter os usuários.

O que mais chama a atenção ao abrirmos o portal Terceira Idade é o conjunto de notícias, intitulado “notícias do cidadão”, que aparece na parte superior da coluna do meio, cuja diagramação é feita em três colunas. Na verdade, dentre esse conjunto, há sempre um destaque especial para a matéria principal que, via de regra, é a primeira da coluna e é acompanhada de fotografia, como podemos comprovar pela figura 20:

**Figura 20 - Página principal do portal Terceira Idade**



Fonte: elaboração própria. Informações: [www.portalterceiraidade.com.br](http://www.portalterceiraidade.com.br)

Matéria principal.

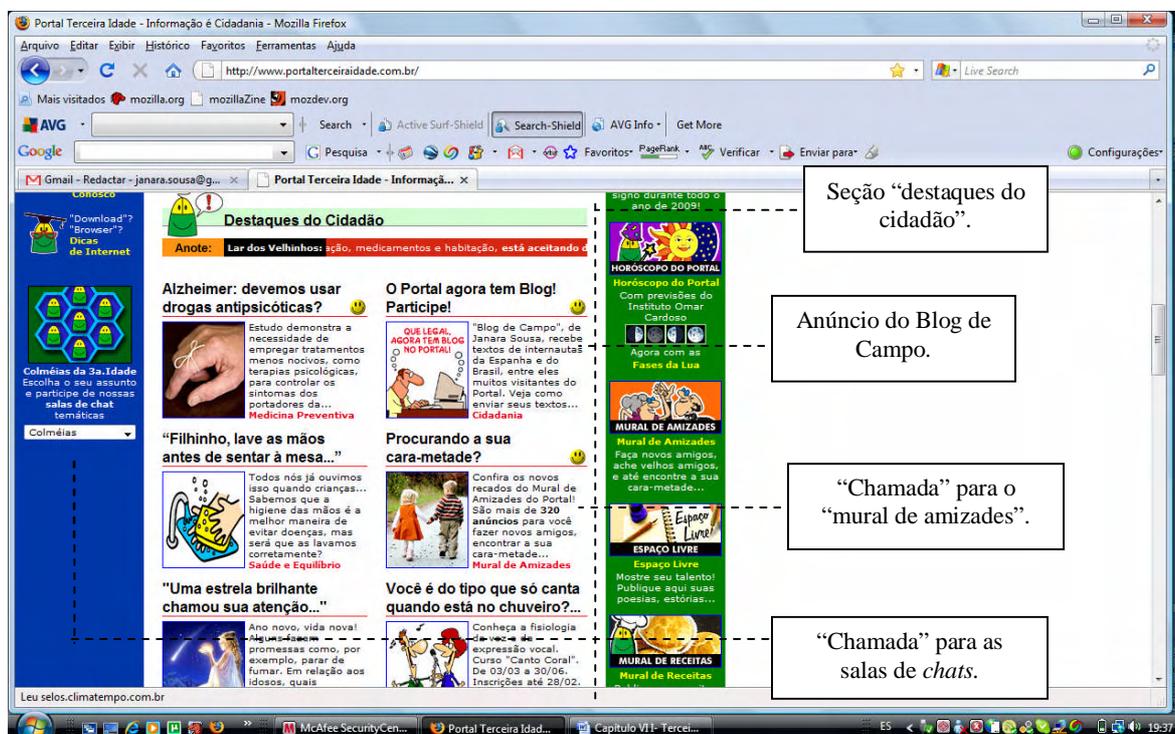
O topo da página principal deste sítio traz os enlaces, numa linha horizontal, dos principais serviços deste portal. Logo abaixo da logomarca (“Portal Terceira Idade”), vemos esse primeiro grupo de *links* (“notícias do cidadão”, “espaço livre”, “shows e eventos”, “cursos e atividades”, “parcerias” e “direitos da 3ª idade”), os quais dão acesso aos principais espaços que mapeamos no portal: informação, serviços e locais de interação.

Na primeira parte da coluna do meio, no espaço de maior destaque do portal, chamado de “notícias do cidadão”, há um grupo de “chamadas” – geralmente três –, o que no jargão jornalístico quer dizer título seguido de um pequeno resumo da notícia, para um conjunto de matérias. São estes os destaques principais da página, atualizados com uma frequência semanal ou, às vezes, até quinzenal.

Abaixo do grupo de notícias, ainda na coluna do meio, tem-se outro conjunto intitulado de “destaques do cidadão”. Ao contrário do “notícias do cidadão”, trata-se de um conjunto misto. Não são somente textos jornalísticos e/ou especializados. O “destaques do cidadão” traz um conjunto de chamadas que também estimulam a utilização dos serviços de utilidade pública e a participação nas campanhas promovidas pelo portal, assim como o

uso dos serviços interativos. Na figura 21, podemos observar a variedade das notas publicadas:

**Figura 21 - Portal Terceira Idade (seção "destaques do cidadão")**



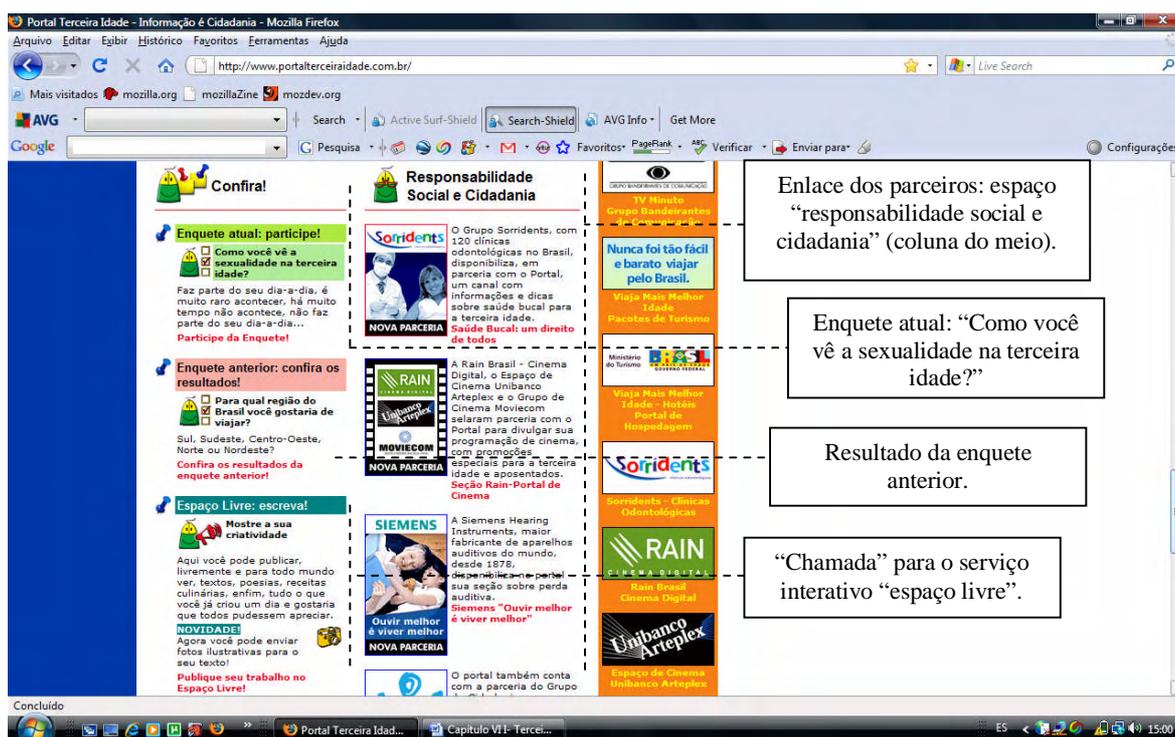
Fonte: elaboração própria. Informações: [www.portalterceiraidade.com.br](http://www.portalterceiraidade.com.br)

Como evidência, na figura que apresentamos, capturada no dia 04 de março de 2009, uma das chamadas, cujo título é “O portal agora tem blog! Participe!”, é um convite aos internautas para acessar o Blog de Campo. Além disso, há chamadas para textos de especialistas e para os serviços interativos, como o espaço “mural de amizades” (como está identificado na figura). O que fica evidente nesse conjunto de enlaces do “destaques do cidadão” é que são postagens que mudam com menos frequência do que as do grupo anterior, “notícias do cidadão”. Isso, provavelmente, por causa do caráter menos provisório de alguns serviços, como os textos especializados, os espaços interativos e as campanhas, o que já não é o caso das seções de notícias.

Convém enfatizar que a chamada do Blog de Campo ocupa um espaço privilegiado na página principal do portal, já que está no centro da coluna do meio. Isso, certamente, auxiliou sobremaneira para que os usuários do portal conhecessem melhor e participassem desta investigação.

No final dessa coluna, há ainda convite para participação em uma enquete e para conhecer o resultado da enquete anterior. A dinâmica da mudança dos temas da enquete é de, pelo menos, um mês. Como podemos perceber na figura 22, a enquete atual (em vigor nos meses de janeiro, fevereiro e março) é sobre o que os internautas acham da sexualidade na terceira idade:

**Figura 22- Portal Terceira Idade – enquete e enlces dos parceiros**



Fonte: elaboração própria. Informações: [www.portalterceiraidade.com.br](http://www.portalterceiraidade.com.br)

Ainda na figura 22, no fim dessa coluna, encontramos chamadas para visitar os enlces das contribuições dos parceiros mais recentes do portal, como: grupo Sorridents, Rain Brasil, *Siemens Hearing Instruments* e o Grupo de Cidadania Empresarial, da Fundação Casper Líbero. Por fim, no rodapé da página tem-se alguns dados, como o número de telefone, da Associação Cultural Cidadão Brasil, ONG que mantém o portal.

A primeira coluna da página principal, da esquerda para direita, traz na parte superior, uma seção chamada de “diálogo aberto” (como está destacado na figura “Página principal do portal Terceira Idade”). Essa parte caracteriza bem o que discutimos sobre uma das etapas da evolução dos portais: a categorização de assuntos (DIAS, 2001). Mais precisamente, temos um grupo de enlces – “esporte e lazer”, “saúde e equilíbrio”, “meio

ambiente”, “cidadania”, “sexualidade na terceira idade”, “arte e cultura” e “cinema e curiosidades” – que nos conduzem a textos de especialistas e/ou textos jornalísticos relativos aos interesses das pessoas idosas e/ou voltados para os idosos.

Abaixo do “diálogo aberto”, ainda na primeira coluna, temos um grupo de enlaces diversificados, os quais dão acesso aos serviços interativos – com enquetes e fale conosco –, informações sobre a equipe do portal e espaço para os usuários se cadastrarem no *site*, o qual acreditamos que serve exclusivamente como referência para os produtores, visto que para os usuários cadastrados não há espaços especiais ou exclusivos.

Como última chamada dessa coluna, temos o enlace para a participação nas salas de bate-papo, conhecida como “colméia da 3ª idade”, as quais estão divididas por interesse, como: “faça amigos”, “esporte”, “culinária”, “política” e “TV e cinema”. Apesar da existência do *link* e do destaque dado a ele, o espaço interativo dos *chats* ainda não está operante.

A terceira, e última coluna da primeira página do portal, é marcada por um conjunto de informações que prioriza os serviços de utilidade pública – como: clima e tempo, horóscopo e dicas de viagem – e os espaços interativos do portal – como: “mural de amizades”, “espaço livre” e “mural de receitas”. A primeira parte dessa coluna, como está identificada na figura “Página principal do portal Terceira Idade”, intitulada de “destaques” traz as chamadas para os serviços de utilidade pública e para os serviços interativos. A segunda parte “portal no metrô” é um único enlace que dá acesso a um vídeo de divulgação no portal, o qual é veiculado no metrô do município de São Paulo. Finalmente, na terceira parte, chamada de “parceiros” estão os *links* de acesso às páginas *webs* de vários parceiros do portal, como: Ministério do Turismo, Grupo Bandeirantes de Comunicação, Sorridents, Unibanco Arteplex, Faculdade de Medicina de São Paulo e Estação Ciência – Universidade de São Paulo.

O visual da página principal do portal Terceira Idade é vibrante. Isso, sem dúvida, por causa das várias cores, que muitas vezes ousam em tons mais fortes, como é o caso do azul e do verde, da primeira e terceira coluna respectivamente. Além disso, há uma mascote, o desenho de um *mouse* pintado de verde e amarelo, que ajuda na construção de um *layout* mais leve e animado. Essa mascote aparece diversas vezes na página principal, utilizando acessórios diferentes, como óculos, lupa, lápis e chapéu.

**Figura 23 - Mascote do portal Terceira Idade**



Fonte: elaboração própria. Informações: [www.portalterceiraidade.com.br](http://www.portalterceiraidade.com.br)

Na figura 23, a mascote de óculos, localiza-se ao lado do título “notícias do cidadão”. Ela sempre aparece sorrindo. Além da imagem da mascote, a própria logomarca do portal traz o desenho de duas pessoas idosas, um homem e uma mulher, dançando – isto fica claro porque a imagem está animada e os movimentos corporais, dos idosos desenhados, é de quem está dançando (ver figura 20 “Página principal do portal Terceira Idade”). Os cabelos brancos, os óculos e o tipo físico denunciam que se trata de um casal da terceira idade, contudo, a despeito do que se poderia imaginar, pelas razões as quais já elencamos nesta tese, o casal está dançando.

Sem dúvida, o *layout* da primeira página do portal opta por um caminho mais descontraído na medida em que as imagens são tão ou até mais valorizadas que os textos. Um sem-número de imagens – fotografias, desenhos e fotomontagens - casa com as notas curtas e compõe uma primeira página que aparenta ser dinâmica e rica em informações.

#### **7.4.2. CENA 2 – BUSCANDO INFORMAÇÕES**

Via de regra, como já argumentamos, a primeira coisa que um internauta vê num sítio *web* é, definitivamente, a página principal. No entanto, ele não pára por aí! Depois de dar uma olhada na página e identificar os conteúdos e serviços que lhes interessa, o usuário parte em busca de atender as suas prioridades.

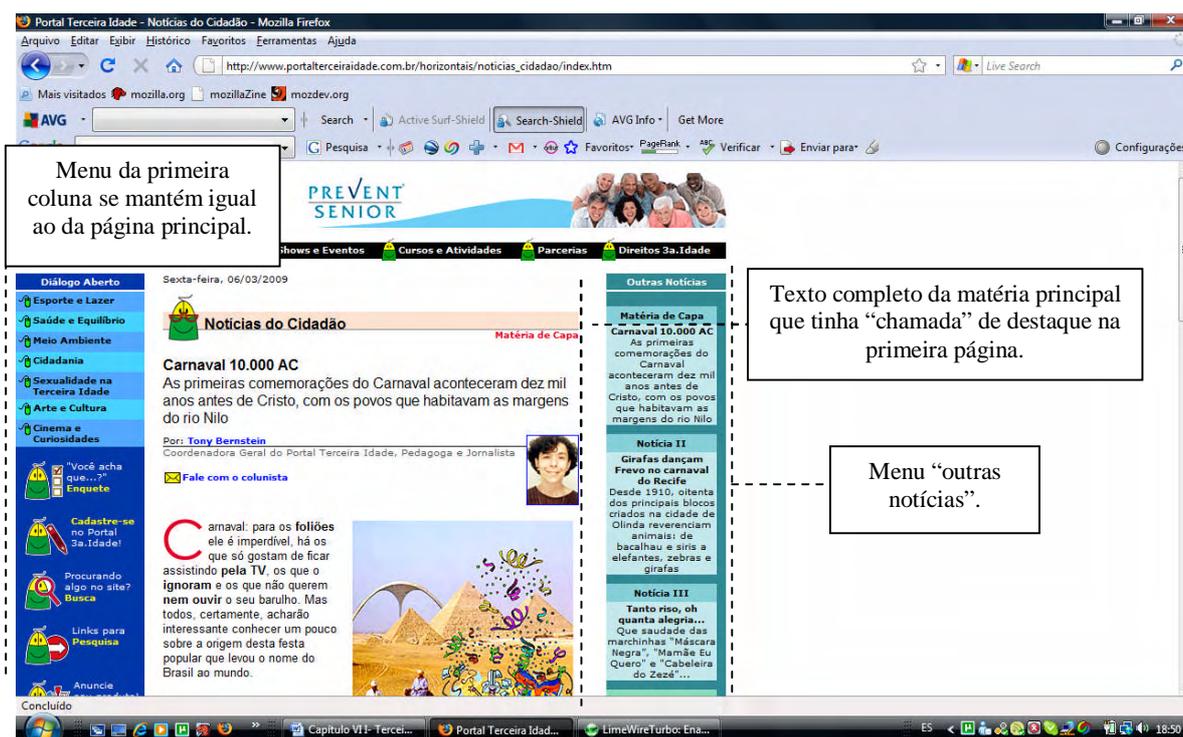
Num portal, como já discutimos, há duas rotas claras de navegação: informações especializadas e serviços. A primeira rota, que diz respeito à segunda etapa da evolução dos portais, é precisamente a oportunidade de encontrar assuntos categorizados. A segunda rota, a qual trata-se da terceira e mais recente etapa de evolução desses ambientes, é a oferta de serviços interativos (DIAS, 2001). Portanto, quem mergulha num portal, certamente, busca uma dessas rotas ou as duas ao mesmo tempo.

Se o internauta, participante da comunidade do portal Terceira Idade, for em busca de informações, nesse ambiente, ele encontrará tanto textos jornalísticos, produzidos pela

equipe do portal, quanto textos especializados, elaborados pelos colaboradores, os quais são especialistas de diversas áreas do conhecimento, do portal.

A primeira parte, que chamamos de grupo informativo, é intitulada “notícias do cidadão”. Trata-se objetivamente de textos jornalísticos sobre temas variados, voltados para o público da faixa etária de 60 anos ou mais de idade:

**Figura 24 - Portal Terceira Idade - página "notícias do cidadão"**

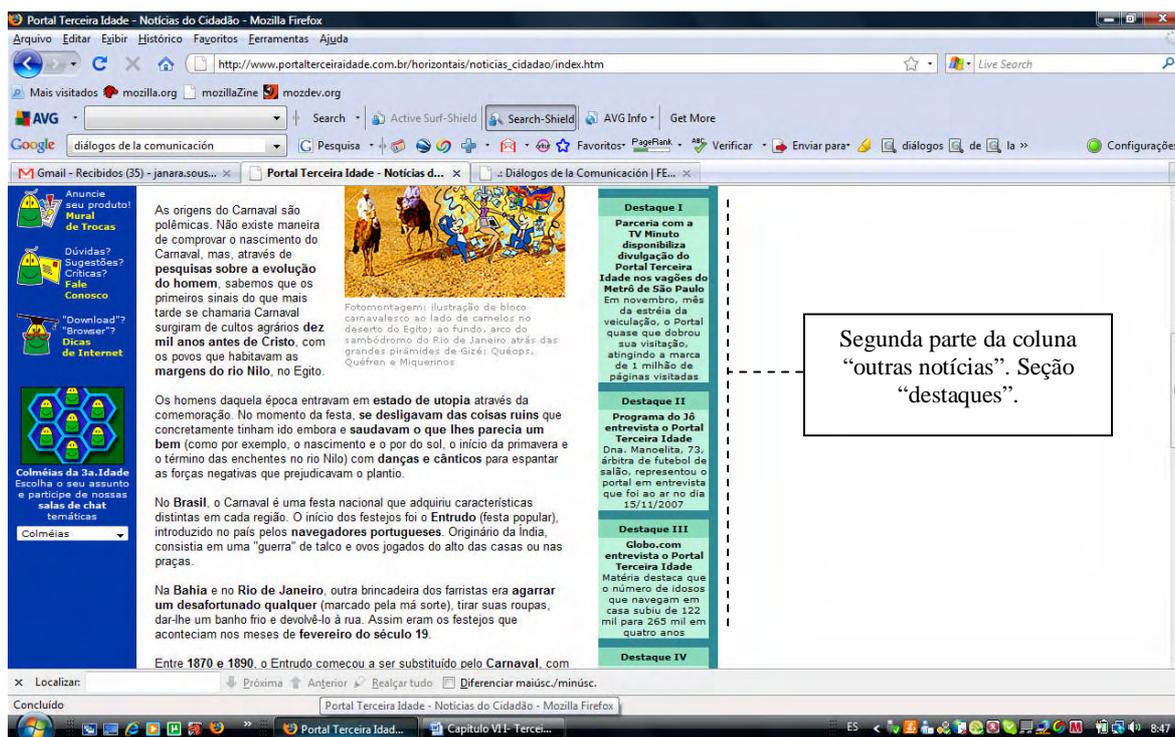


Fonte: elaboração própria. Informações: [www.portalterceiraidade.com.br](http://www.portalterceiraidade.com.br)

Na figura 24 vemos que a página “notícias do cidadão” mantém a primeira coluna e a barra de informações superior – onde está a logomarca e o *menu* em linha horizontal – igual à página principal, o que ajuda a preservar a identidade visual do portal – e modifica a segunda e a terceira coluna, ainda que mantendo o mesmo estilo de diagramação. Os aspectos que mais chamam atenção nessa página são a fotografia e o texto principal, na coluna do meio, chamado de “matéria de capa”. O texto ocupa praticamente toda a coluna do meio, restando, no final dela, dois sistemas de busca sobre o assunto da matéria: um dentro do *site* e outro mais amplo – no âmbito de toda *web*. O texto “matéria de capa” é precisamente a chamada de destaque da parte “notícias do cidadão”, que está hospedado na página principal do portal.

A terceira coluna, chamada de “outra notícias”, é totalmente preenchida por enlaces que dão acesso aos textos completos das notícias mais recentes publicadas no portal, como as duas outras “chamadas” destacadas na parte do “notícias do cidadão”, na página principal, as quais são intituladas de “notícia II” e “notícia III”. Além dessas notícias, há, nessa coluna, enlace para mais quatro, categorizadas por “destaque”. Esses destaques, ao contrário das outras notícias, quase nunca são modificados. Enquanto as notícias dessa página são atualizadas semanalmente ou a cada 15 dias, os “destaques” tendem a permanecer por muito mais tempo. Como evidência uma das matérias, desse conjunto, trata-se de uma entrevista com os membros do portal realizada no programa Jô Soares, da Rede Globo de Televisão. Essa notícia foi publicada em 15 de novembro de 2007, ou seja, continua recebendo destaque mais de um ano depois de sua publicação:

**Figura 25 - Portal Terceira Idade - página "notícias do cidadão" (seção “destaque”)**



Fonte: elaboração própria. Informações: [www.portalterceiraidade.com.br](http://www.portalterceiraidade.com.br)

Na figura 25, destacamos a parte da terceira coluna, na qual são listadas as matérias destaques do portal. No final dessa coluna, há um *link* chamado de “notícias anteriores” que nos remete aos enlaces de todas as matérias já publicadas no portal, listadas por ordem de publicação (da mais recente para a mais antiga).

O *layout* do espaço “notícias do cidadão”, como já viemos debatendo, segue a mesma linha da página principal: mesclando os textos entre cores e imagens. O próprio texto traz recursos para tornar a leitura mais leve, como: subtítulos, espaço entre os parágrafos e palavras-chaves destacadas em negrito. Além disso, uma das imagens da logomarca se repete: a mascote, em forma de mouse, localizada logo acima do título da matéria principal.

Colocamos que esses textos se tratam de material jornalístico por causa de algumas evidências que apareceram. A primeira é que praticamente todos os textos desse espaço são assinados pela coordenadora geral do portal, Tony Bernstein, a qual sempre coloca nos créditos das matérias que ela, além de coordenadora, é jornalista e pedagoga. A outra pista é o conteúdo mais geral e atual dos textos. Como podemos ver no trecho abaixo da matéria “455 maneiras de amar São Paulo”, publicada no dia 15 de janeiro de 2009:

Mais uma vez chega-se a data da comemoração do aniversário da cidade de São Paulo. São 455 anos de vida, lutas e sonhos de uma megalópole que é considerada a maior cidade da América Latina, com uma infinidade de atividades culturais que atendem os mais diversos gostos (BERNSTEIN, 2009).

O texto acima é uma homenagem ao aniversário do município São Paulo, portanto trata-se de assunto geral e, à época, atual. Ainda sobre o conteúdo desses textos, a grande maioria traz pistas claras que se trata de um material de interesse para as pessoas idosas. Os temas são variados, entretanto, é possível destacar assuntos que se repetem, como: aposentadoria, dicas de saúde para a terceira idade, dicas de informática, cidadania, pessoas idosas que ganharam reconhecimento, informações sobre o próprio trabalho do portal e legislação voltada aos direitos dos idosos.

Esse grupo de textos jornalísticos é uma parte do material informativo do portal. Há também, como discutimos anteriormente, um segundo grupo, que disponibiliza os textos especializados. Esses textos fazem parte da coluna “diálogo aberto”, cujos *links* estão disponíveis na página principal tanto na primeira parte da primeira coluna, quanto na segunda parte da coluna do meio. Os textos especializados, ao contrário dos anteriores, se aprofundam em idéias específicas claramente voltadas para as temáticas do envelhecimento e da terceira idade; não são necessariamente atuais e, via de regra, são assinados por especialistas na área, os quais atuam como colaboradores do portal. Como exemplo, destacamos abaixo um trecho do texto “Sexo não tem idade, prevenção também

não! É o *slogan* da mais recente campanha de prevenção contra AIDS”, publicada em janeiro de 2009:

Os números do Boletim Epidemiológico DST/AIDS-2008, divulgados pelo Ministério da Saúde na última semana, revelaram que a taxa de incidência da doença dobrou entre pessoas acima de 50 anos. Entre 1996 e 2006, a incidência de AIDS em pessoas maiores de 50 anos mais que dobrou no País, passando de 7,5 para 15,7 casos por 100 mil habitantes. Nessa faixa etária, 70% dos contaminados são homens, desses 75% são casados. Menos de 20% dos brasileiros acima de 50 anos declaram usar preservativos nas suas relações sexuais (SANTELLANO, 2009).

O trecho acima se refere a um texto elaborado pela Sra. Maria Terezinha Santellano, que passou de internauta do portal para o quadro dos colaboradores permanentes e foi incluída no grupo dos colunistas. Como podemos observar por meio do trecho citado, os textos das colunas especializadas também são voltados aos interesses das pessoas idosas. Esses textos especializados estão divididos em sete editorias, que compõe o *menu* “diálogo aberto”: “esporte e lazer”, “saúde e equilíbrio”, “meio ambiente”, “cidadania”, “sexualidade na terceira idade”, “arte e cultura” e “cinema e curiosidades”. O acesso a alguns desses enlaces na página principal, remete o internauta ao conteúdo do texto mais recente dessa coluna, e os *links* para as postagens anteriores (dessa coluna em específico e das outras), como podemos ver na imagem abaixo:

Figura 26 - Portal Terceira Idade - página "diálogo aberto" (coluna "arte e cultura")



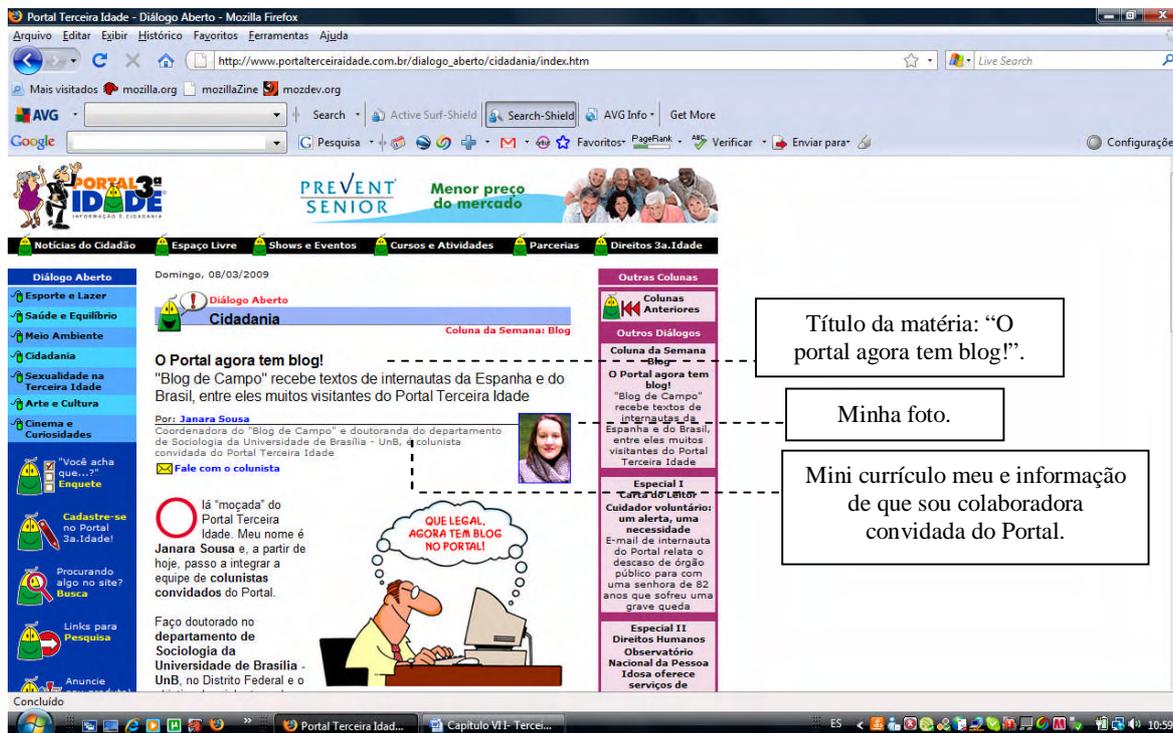
Fonte: elaboração própria. Informações: [www.portalterceiraidade.com.br](http://www.portalterceiraidade.com.br)

Na figura 26, podemos ver que dentro do espaço “diálogo aberto” a primeira coluna e a barra superior de informações permanecem iguais a da página principal, enquanto as outras duas mudam, a exemplo do espaço “notícias do cidadão”. Além disso, no final dos textos do “diálogo aberto” há sempre a opção para os mecanismos de busca interno e externo.

Da mesma maneira, esse espaço conserva a identidade visual do portal. Mantém a mesma diagramação, no entanto, muda as cores e os tons para indicar que se trata de um espaço diferente. Outro fato interessante, que se aplica ao *layout* de todas as páginas do portal, é que todos os textos trazem a fotografia de quem o escreveu; sem dúvida, uma estratégia para tornar mais envolvente e informal os ambientes.

Um fato curioso que queremos ressaltar é que foi nesse espaço – “diálogo aberto” – que os produtores do portal colocaram o anúncio do Blog de Campo. O texto do primeiro *e-mail* que enviamos, solicitando o consentimento informado, foi editado e disposto como se fosse para todos os internautas do portal, inclusive, estimulando a participação no Blog:

Figura 27- Portal Terceira Idade - página "diálogo aberto" (texto sobre o Blog de Campo)



Fonte: elaboração própria. Informações: [www.portalterceiraidade.com.br](http://www.portalterceiraidade.com.br)

Observando a figura 27, vê-se que o portal deu um espaço de destaque para tratar do Blog. As informações sobre a pesquisa, o endereço do Blog e a minha foto foram, para nós, uma maneira de solicitar consentimento informado para toda a comunidade, ainda que não tivéssemos elaborado essa idéia. O que é mais importante, ainda, de comentar é que os produtores do portal nos colocaram como parceiros e colaboradores deles. Como exemplo, destacamos um trecho do texto “O Portal agora tem blog!”, publicado no dia 28 de fevereiro de 2009:

Participe do novo blog no portal! Gostaria de convidar todos vocês a participar do meu blog, agora em parceria com o Portal Terceira Idade. O "Blog de Campo" estará integrado ao atual canal “Espaço Livre” do Portal, mas você poderá acessá-lo através de seu endereço próprio (veja abaixo, em “mais sobre o assunto”) (PORTAL TECEIRA IDADE, 2009).

Além do texto convidativo, o desenho dessa página buscou causar a mesma impressão que o texto. Entre outros recursos, a coluna do meio trouxe quatro imagens: a minha foto (pequena, ao lado do título da matéria), a charge de um senhor sentado em frente a um computador comemorando a criação do Blog, além da imagem da página

principal do Blog de Campo e outra foto minha mesclada a esta última. Certamente, um artifício para deixar a página mais leve, atrativa e envolvente.

Assim colocado, acreditamos que conseguimos conquistar o respeito e a confiança desses atores sociais na medida em que, apesar de nós nunca termos nos propostos a contribuir com o conteúdo ou com as atividades do portal, eles interpretaram o nosso trabalho como uma maneira de colaboração. Além disso, cremos que o estreitamento das relações facilita o trabalho etnográfico e, da maneira como foi realizado, estamos seguro que os princípios éticos fundamentais para o trabalho de campo que lida com seres humanos foram respeitados.

### **7.4.3. CENA 3 – POSSO AJUDAR? UTILIDADE PÚBLICA**

A descrição dos ambientes informativos que desenvolvemos no tópico anterior ainda não acabou. Na verdade, esse tópico também faz parte, porém como ele traz aspectos diferenciados, decidimos classificá-lo como espaço de serviços. A razão disso reside no fato de que esse ambiente traz informações muito específicas que, em geral, busca “pautar”<sup>70</sup> os internautas sobre eventos que vão acontecer ou que já aconteceram. Nesse sentido, são espaços de utilidade pública porque trazem pequenas notas de acontecimentos que podem ser úteis aos idosos.

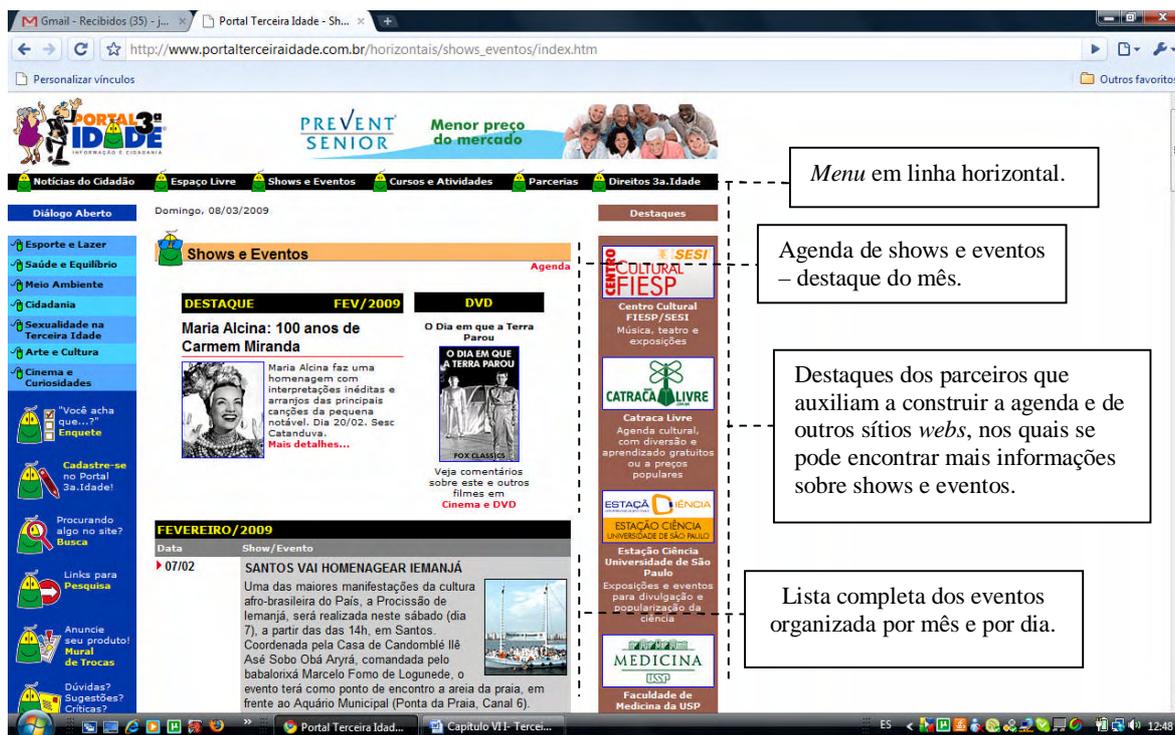
Ao contrário do núcleo jornalístico e opinativo, discutidos no tópico anterior, essa parte traz informações muito específicas sobre as atividades que podem ser de interesse dos internautas.

A primeira parte do espaço de serviços, localizado no *menu* de linha horizontal na página principal do portal, é composto por quatro enlaces: “shows e eventos”, “cursos e atividades”, “parcerias” e “direitos 3ª idade”. Os dois primeiros enlaces trazem um conjunto de informações circunstanciais, isto é, um conjunto de eventos que vão acontecer ou já aconteceram que ficam disponíveis para o conhecimento dos usuários do portal:

---

<sup>70</sup> “Pautar” é um dos conceitos da corrente pesquisa conhecida como “Agenda Setting”. De acordo com ela, os veículos de comunicação têm a capacidade de pautar a agenda dos cidadãos (HOHLFELDT, 2001).

Figura 28 - Portal Terceira Idade - agenda de shows e eventos



Menu em linha horizontal.

Agenda de shows e eventos – destaque do mês.

Destacados dos parceiros que auxiliam a construir a agenda e de outros sítios webs, nos quais se pode encontrar mais informações sobre shows e eventos.

Lista completa dos eventos organizada por mês e por dia.

Fonte: elaboração própria. Informações: [www.portalterceiraidade.com.br](http://www.portalterceiraidade.com.br)

Na figura 28, destacamos a seção de “shows e eventos” que, assim como a de “cursos e atividades”, traz notas pequenas com informações sobre acontecimentos com o intuito de pautar a agenda dos usuários. Portanto, as notas são curtas, objetivas e com as informações necessárias ou pistas de onde se pode obter mais informações para auxiliar o internauta na tomada de decisão. Um exemplo é o texto da nota “Introdução a internet”:

Curso de introdução a Internet para a terceira idade. Inscrições abertas na central de atendimento. Início das aulas: 06/03/09. De 01/02 a 28/02. Sexta, das 10h30 as 11h30. SESC Interlagos. Av. Manuel Alves Soares, 1100 - Parque Colonial - São Paulo – SP. Fone: 11 5662-9500 (PORTAL TERCEIRA IDADE, 2009).

Nas páginas desses dois enlaces, encontramos um evento ou um curso destacado e, logo abaixo, uma lista de eventos organizados por mês e por dia. Tanto a página dos cursos, quanto a dos eventos não nos dão acesso aos acontecimentos dos meses anteriores, somente do atual e, em alguns casos, dos que ainda virão.

Essas duas seções nos dão pistas evidentes da região na qual os produtores do portal estão, já que as agendas dizem respeito a acontecimentos que ocorrerão, quase sempre, nos estados do Rio de Janeiro e São Paulo.

A terceira coluna desses ambientes, destacada na figura 28, é formada, principalmente, por conjunto de *links* que dá acesso aos parceiros que ajudaram na elaboração das agendas.

O desenho da página desses dois ambientes – “shows e eventos” e “cursos e atividades” – mantém a identidade visual do portal. A coluna do meio é construída como se fosse uma tabela, ou mesmo uma agenda, que, além de trazer informações sobre os eventos, traz imagens para ilustrar cada um deles. Essa agenda, trabalhada em tons de cinza, se equilibra com as pequenas imagens coloridas.

A construção do *layout* dessa segunda parte dos serviços também mantém o mesmo estilo de diagramação que a primeira parte. Alegres e coloridas, essas páginas igualmente ousam na montagem de imagens na intenção de atrair os leitores.

Os outros dois enlaces, dessa primeira parte dos espaços de serviços, dizem respeito às informações atualizadas com bem menos frequência porque têm um caráter mais permanente, são eles: “parcerias” e “direitos da 3ª idade”. O primeiro *link* – “parcerias” – abre uma página que contém a lista completa dos parceiros do portal, como os seus respectivos enlaces. A seção “direitos da 3ª idade” é uma coluna especial do portal exclusiva para tratar dos direitos e deveres desse grupo etário.

Assim como os espaços do “diálogo aberto”, na seção “direitos da 3ª idade” aparece primeiro um texto que ocupa quase toda coluna do meio – o qual discute algum aspecto da legislação ou das políticas públicas para os idosos –, e na terceira coluna (da esquerda para direita) estão os enlaces para se ler os textos anteriores ou de onde se pode buscar mais informações sobre o assunto. Nesse caso, há *links* diretos para o texto das leis e políticas públicas de atenção ao idoso. Como evidência, há uma chamada para se acessar o Estatuto do Idoso.

A segunda parte do espaço de serviços está localizada na primeira parte da terceira coluna da página principal (ver figura da página principal do Portal Terceira Idade). Clima e tempo, pacotes turísticos e hotéis e horóscopo compõem esse conjunto de informações de utilidades públicas. Ao acessar esses enlaces, o internauta é direcionado para outra página desse sítio *web*, que apresenta, às vezes, uma ou algumas notas sobre o serviço e disponibiliza os *links* para as páginas nas quais, de fato, se pode encontrar essas ferramentas de utilidade pública mencionadas anteriormente. Na verdade, os serviços dessa parte são ofertados por alguns parceiros do portal. O que o Terceira Idade faz é

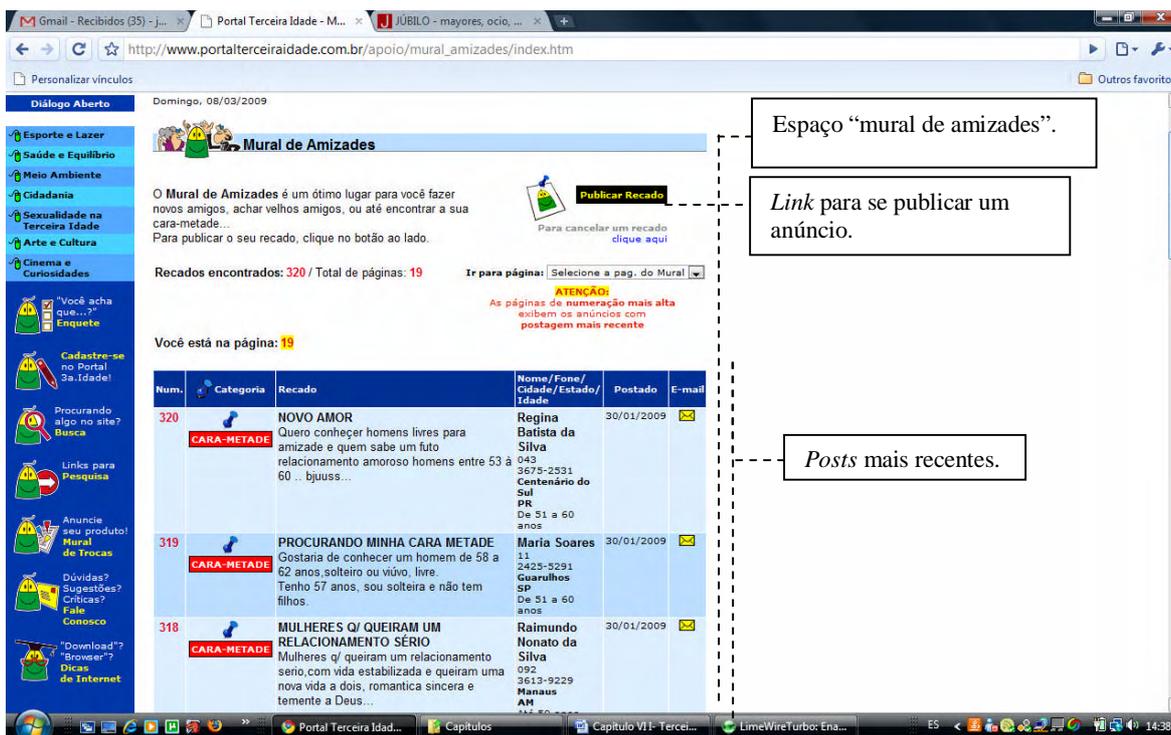
disponibilizar os *links*. Por exemplo, se o internauta acessa o enlace do clima, ele é direcionado, nesse caso diretamente, para a página “Clima tempo” ([www.climatempo.com.br](http://www.climatempo.com.br)). Se ele optar por ver o seu horóscopo, encontrará um texto sobre as previsões de 2009 e um *link* convidando-o para acessar a página do Instituto Omar Cardoso, onde terá acesso às previsões diárias.

#### **7.4.4. CENA 4 – PARTICIPE! SERVIÇOS INTERATIVOS**

“Sou aposentado, moro só com um filho adulto, sei fazer tudo, inclusive cozinhar, tenho um corpo muito jovem para a minha idade, pratico atividade física diariamente, só estou precisando de uma companheira que saiba amar e queira ser amada” (SANTOS – PORTAL TERCEIRA IDADE, 2009). Essa nota, intitulada de “Sou aposentado, moro só, com filho adulto”, foi publicada pelo Sr. Genauro Santos, no dia 23 de janeiro de 2009. O Sr. Santos diz estar à procura da sua cara-metade e publicou esse texto no espaço interativo conhecido como “mural de amizades” do portal Terceira Idade.

O “mural de amizades” é, indubitavelmente, o espaço interativo mais visitado do portal Terceira Idade. Isso porque, enquanto há outros cujas atualizações mais recentes datam de maio de 2008 – como o é o caso do “espaço livre” –, no mural a participação dos internautas é muito mais intensa e as postagens se multiplicam.

Figura 29 - Portal Terceira Idade - página "mural de amizades"



Fonte: elaboração própria. Informações: [www.portalterceiraidade.com.br](http://www.portalterceiraidade.com.br)

Na figura 29 vê-se que o mural é um espaço colorido, de textos curtos, objetivos e ousados. Procura-se amor, paixão, novas amizades, enfim, companhias e aventuras. Oferece-se carinho, atenção, cuidado e diversos outros itens, como: cozinhar, lavar e passar, um lugar para morar, compromisso sério e paixões ardentes. Homens e mulheres se revezam em postagens que revelam que ainda há muitas aventuras para viver.

Nas postagens, como destacamos na figura acima, o interessado deixa um pequeno texto, seu nome, muitas vezes seu telefone, sua faixa-etária e, claro, sua direção eletrônica. Os interessados em responder aos anúncios clicam sobre a imagem do envelope, que fica ao lado de cada *post*, e se abre automaticamente uma caixa de *e-mail* com o endereço eletrônico de quem enviou o anúncio.

**Figura 30 - Portal Terceira Idade - página "mural de amizades" (seção "publicar recado")**

Portal Terceira Idade - M... x  
 http://www.portalterceiraidade.com.br/apoio/mural\_amizades/publicar.htm

**Mural de Amizades** **Publicar Recado** voltar à página anterior

Para enviar o seu recado, preencha os campos abaixo.  
 Preencha, preferencialmente, os campos em **negrito-amarelo**.  
 Nenhum campo é obrigatório.

**ATENÇÃO:**  
 Para publicar anúncios na seção **Mural de Trocas**, clique aqui  
 Para publicar histórias e poesias na a seção **Espaço Livre**, clique aqui

**Nome completo**

**Seu e-mail**

**PRESTE MUITA ATENÇÃO AO PREENCHER O CAMPO 'SEU E-MAIL'**  
 Este é o endereço que será usado posteriormente para podermos responder a sua mensagem. Preenchido de forma incorreta, nossa resposta não chegará até você. Obrigado!

Cidade

Estado

**Fone p/ contato** DDD  Fone

Idade

Sexo  Masc  Fem

**Categoria do Recado**  
 Selecione uma opção ao lado com atenção!

**AMIZADE**  
 **CARA-METADE**  
 **GRUPOS DE ATIVIDADE**  
 **OUTROS**

**Chamada do Recado**

**Texto do Recado**  
 Evite escrever todo o texto em maiúsculas!

Informações solicitadas para se publicar um recado. Os campos marcados de amarelo são de preenchimento obrigatório.

Nome completo.

E-mail.

Telefone para contato.

Categoria a qual deseja enquadrar o recado.

Título do recado.

Texto do recado.

Fonte: elaboração própria. Informações: [www.portalterceiraidade.com.br](http://www.portalterceiraidade.com.br)

Publicar um anúncio no “mural de amizades” é, sem dúvida, um processo rápido e simples, não obstante a moderação dos produtores do portal terceira idade possa tardar muitas vezes mais do que os internautas gostariam de esperar, o que faz com o que o recado demore quase uma semana para aparecer na lista dos anúncios. No espaço do mural, há uma página que se abre quando se acessa a opção de postar um recado. Essa opção, que está destacada na página do mural de troca, na figura 30, está bem visível nesse espaço já que é colorida, aparece antes da lista de recados já publicada, e ao lado dela fica a mascote animada do portal, para chamar ainda mais atenção, visto que ela está em movimento. O usuário do portal vai preenchendo os campos obrigatórios (como destacamos na figura acima), como: nome, telefone, categoria do recado (“amizade”, “cara-metade”, “grupos de atividades” e “outros”), título e texto do anúncio e depois basta clicar em enviar.

Antes de chegar à opção “enviar”, há uma caixa explicitando a política de publicações de recado do portal. Lá fica evidente que os recados passam por uma moderação e que esta pode, inclusive, excluí-lo e, logo, não publicá-lo: “O Portal Terceira Idade se reserva o direito de não publicar e/ou retirar o material enviado caso o considere

impróprio ou inadequado para o público deste portal” (PORTAL TERCEIRA IDADE, 2009). Quando questionada sobre quando e com que frequência os recados são excluídos, Bernstein (2009), a coordenadora geral do portal, afirmou que é muito rara uma exclusão e, geralmente, só acontece quando no texto do anúncio há insultos, xingamentos, palavras inapropriadas ou quando se trata de recados de garotos e garotas de programa que oferecem os seus serviços. Esse é um fato que, não raro, se passa nos *sites* para a terceira idade. Muitas vezes encontramos recados – nos dois portais que trabalhamos não detectamos essa questão – que deixavam pistas de que se tratava de oferta de prostituição.

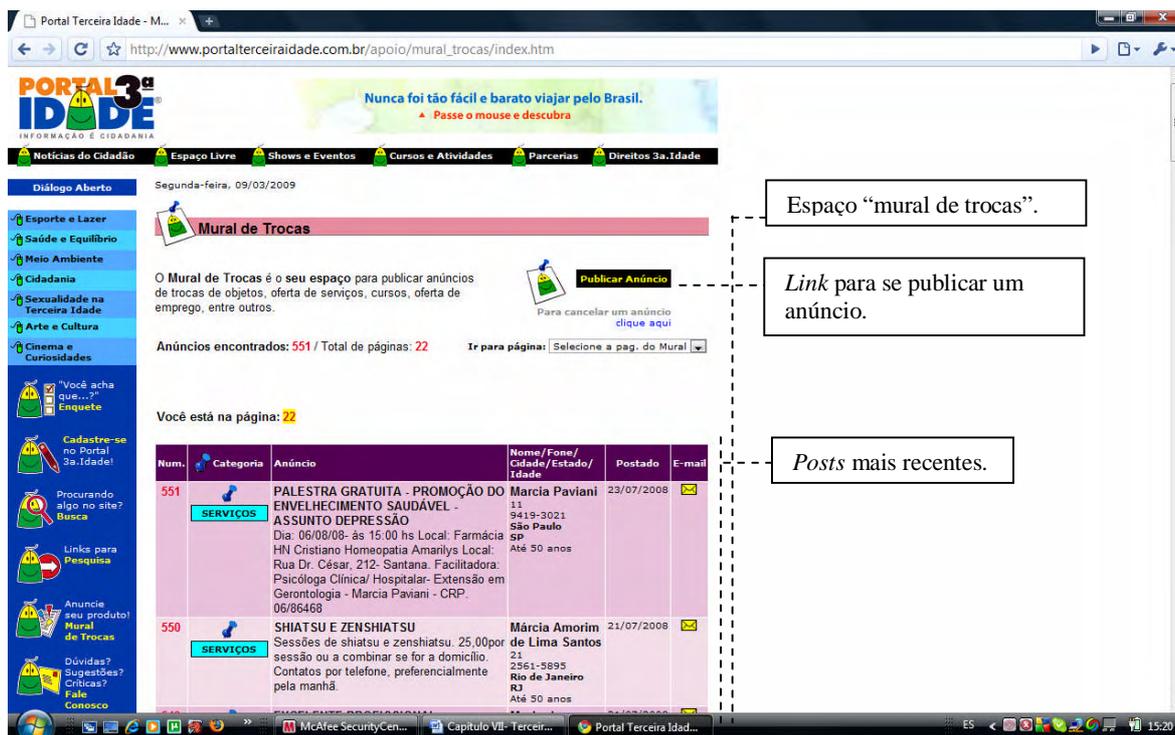
Como já apresentamos, o “mural de amizades” não é atualizado automaticamente. Os anúncios esperam a moderação dos produtores, que, entre outras coisas, podem editar ou cortar partes de textos muito longos – como está colocado no quadro das políticas de publicação. Assim como o mural, outros três espaços interativos seguem a mesma linha de publicação e moderação: “mural de trocas”, “mural de receitas” e “espaço livre”.

Além disso, eles seguem a mesma linha de editoração. Mantêm a identidade visual do portal e modificam apenas a coluna do meio. Nesses quatro espaços interativos, a segunda coluna traz sempre uma tabela colorida, na qual os pequenos textos dos recados ou dos títulos são publicados por ordem de envio – do mais recente ao mais antigo.

Acreditamos que esses quatro espaços – “mural de trocas”, “mural de receitas”, espaço livre” e “mural de amizades” – integram uma parte diferenciada, no que tange à interatividade – no portal Terceira Idade. Isso porque as contribuições enviadas para esses ambientes são publicadas no portal e qualquer usuário, cadastrado ou não cadastrado, tem acesso às informações. A participação, portanto, é pública (ainda que a orientação para participação nesses ambientes interativos sejam diferenciadas, já que cada espaço tem objetivos diferentes) e traz os dados, como nome e *e-mail* dos participantes.

O “mural de trocas” – cujo enlace está localizado na segunda parte da primeira coluna da página principal do portal –, por exemplo, é um espaço visivelmente voltado para transações comerciais, como: trocar, vender e alugar bens móveis e imóveis, oferta de cursos e busca e oferta de trabalho.

Figura 31 - Portal Terceira Idade - página "mural de trocas"



Fonte: elaboração própria. Informações: [www.portalterceiraidade.com.br](http://www.portalterceiraidade.com.br)

O “mural de trocas”, assim como o “mural de amigos”, como está perceptível na figura 31, é um espaço colorido, cujo texto está em letras grandes, e os anúncios são curtos e objetivos e oferecem diversos tipos de serviços. Como exemplo, podemos citar a nota “Aposentado procura emprego”, publicada no dia 17 de julho de 2008:

Formação superior em economia e engenharia de operações com experiência em vendas internas e externas, administração de vendas, inglês intermediário falado e escrito. Último emprego na *air liquide brasil*, gerente de produto para hospitais - gases e materiais hospitalares - conhecimento do mercado hospitalar (FERREIRA – PORTAL TERCEIRA IDADE, 2009).

Ao lado do anúncio do Sr. Roberto Pranuskevichaita Ferreira aparece a imagem de um envelope que direciona os usuários que clicarem nela para uma página de correio eletrônico, na qual eles podem responder o Sr. Ferreira. Como já colocamos, as políticas de publicação e moderações desses quatro espaços são praticamente as mesmas, portanto, ao abrir a página para publicar um anúncio no “mural de trocas”, o usuário vai se deparar com um formulário similar ao do “mural de amigos”. Poucos aspectos se diferenciam no formulário desses ambientes; no caso do “mural de trocas” as categorias, por exemplo,

mudam: “oferta de emprego”, “procura-se emprego”, “procura-se”, “troca-se”, “vende-se”, “aluga-se”, “vende-se ou aluga-se”, “vende-se ou troca-se”, “compra-se”, “doa-se”, “cursos”, “serviços” e “outros”.

Ao contrário do ambiente “mural de amizade”, o espaço de trocas, como já foi argumentado, assim como os outros, não tem a mesma periodicidade de atualizações. No caso do “mural de trocas”, a última postagem que encontramos (a última busca foi em março de 2009) data de julho de 2008.

Na verdade, os outros dois ambientes “espaço livre” e “mural de receitas” têm formas de publicação um pouco diferenciada, ainda que a política de moderação permaneça praticamente a mesma. No caso do “espaço livre”, por exemplo, a proposta é dar espaços para textos mais longos e também para publicação de imagens. Esse é o espaço das poesias, das crônicas, das mensagens, dos conselhos.

**Figura 32 - Portal Terceira Idade – segunda parte da página "espaço livre"**



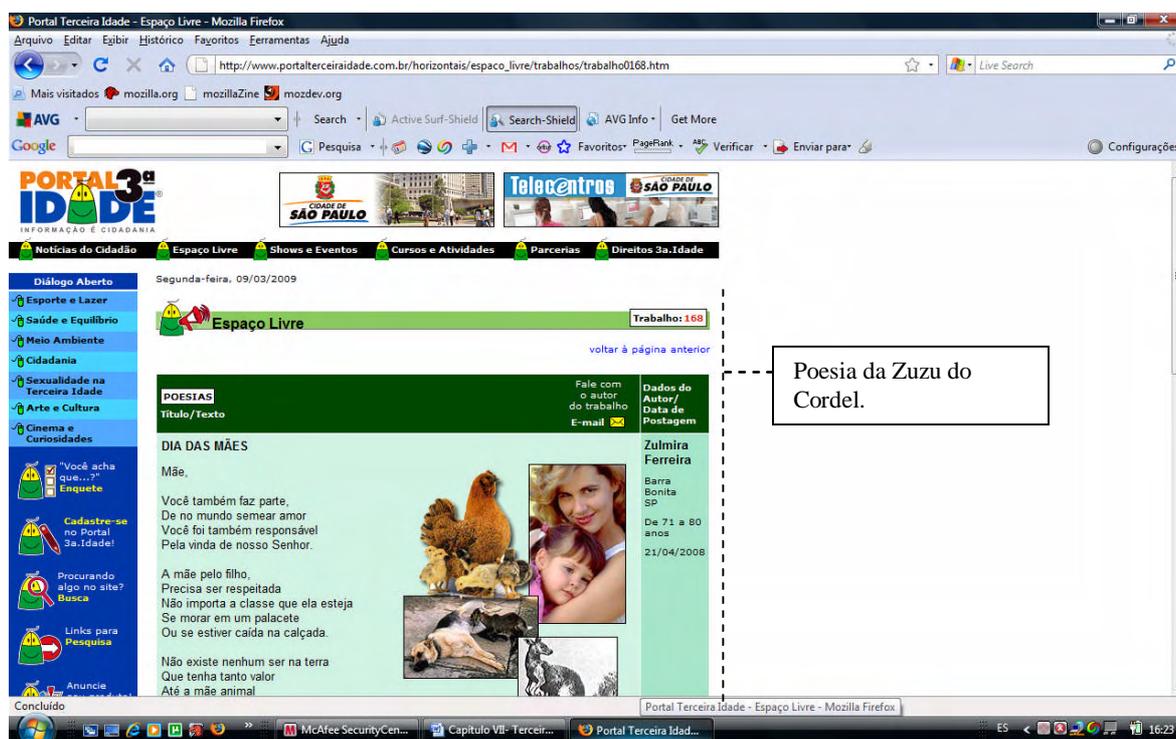
Fonte: elaboração própria. Informações: [www.portalterceiraidade.com.br](http://www.portalterceiraidade.com.br)

Como podemos ver na imagem 32, na página do “espaço livre”, antes da lista de contribuições, aparecem duas opções: uma convidando para publicar um trabalho e a outra para publicar uma imagem. Elas aparecem separadas porque esta última ação pode ser feita

depois (o usuário pode publicar seu texto e depois, se quiser, acrescentar uma imagem a esse texto. As ações não precisam ser concomitantes). Mais uma vez, uma página colorida, em tons de verde, com imagens e enlaces importantes destacados, os quais facilitam a navegação do usuário. Nesse espaço, na lista de *posts*, não encontramos mais os pequenos textos. Agora há um título destacado, de cor vermelha e, ao lado dele, o nome do remetente; nas outras colunas: a cidade e o estado deste, a faixa etária e a data de publicação.

Ao clicar em um título, se é direcionado para a página onde o texto está publicado. Na figura 33, podemos ver a colaboração da Zuzu do Cordel – que também contribui para o Blog de Campo –, de Barra Bonita/SP: a poesia “Dias das mães”:

**Figura 33 - Portal Terceira Idade - poesia da Zuzu do Cordel ("espaço livre")**

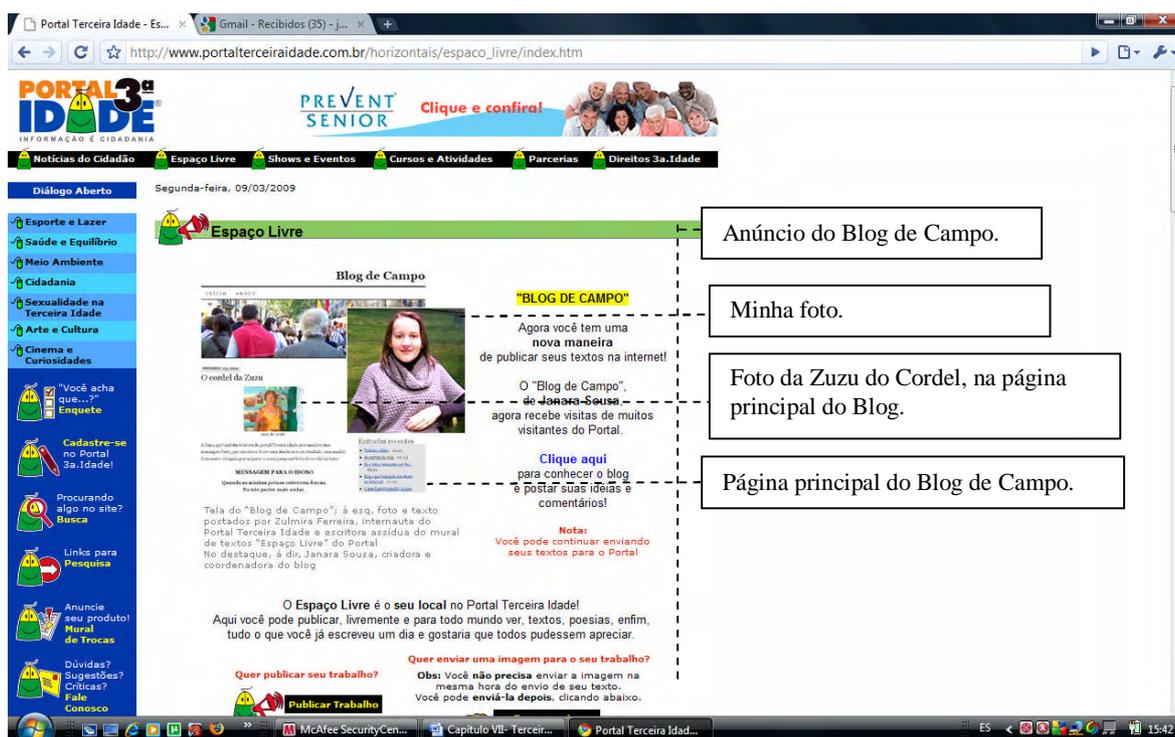


Fonte: elaboração própria. Informações: [www.portalterceiraidade.com.br](http://www.portalterceiraidade.com.br)

Acima da poesia da Zuzu do Cordel, está a opção de enviar um *e-mail* para ela. Na figura 33 ficam evidentes as características das páginas, nas quais ficam alojadas as contribuições do “espaço livre”, são: coloridas, mantêm o estilo de diagramação e a cor, na qual está a lista de postagens, conservam tons claros na parte do texto, fácies de navegar e sem muitas imagens que chamem atenção, o que, sem dúvida, valoriza a leitura.

No “espaço livre” há um fato curioso: a primeira parte dessa página traz um grande anúncio do Blog de Campo, valorizado com uma fotografia minha e a imagem da página principal do Blog. Os produtores do Portal interpretaram que o Blog é um espaço livre para as contribuições dos idosos e, portanto, além do “espaço livre”, eles anunciam o Blog como uma alternativa para as pessoas idosas que postarem suas contribuições:

**Figura 34 - Portal Terceira Idade – primeira parte da página "espaço livre"**



Fonte: elaboração própria. Informações: [www.portalterceiraidade.com.br](http://www.portalterceiraidade.com.br)

Na figura 34 podemos ver a “chamada” para o Blog de Campo e uma fotomontagem que mescla uma fotografia minha e a página principal do Blog, que traz a foto da Zuzu do Cordel. O anúncio sobre o Blog de Campo diz:

Agora você tem uma nova maneira de publicar seus textos na internet! O "Blog de Campo", de Janara Sousa, agora recebe visitas de muitos visitantes do Portal. Clique aqui para conhecer o blog e postar suas idéias e comentários! Nota: Você pode continuar enviando seus textos para o Portal (PORTAL TERCEIRA IDADE, 2009).

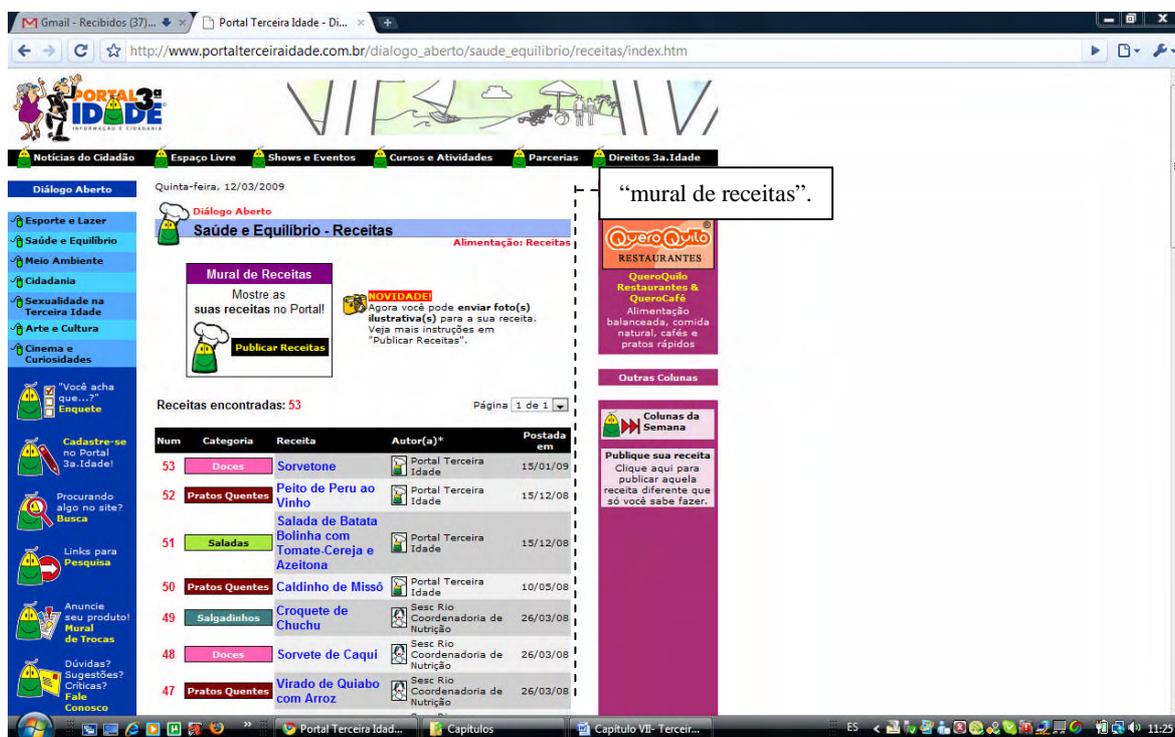
Fica claro nesse anúncio do Blog de Campo que seguíamos a pista deles e eles as nossas. Como vimos discutindo, as informações sobre o Blog aparecem em vários ambientes do portal Terceira Idade.

Como as políticas de publicação são similares para esses ambientes que estamos apresentando, para publicar no “espaço livre” é necessário preencher um formulário muito semelhante a dos outros espaços interativos. A principal diferença aqui é a oportunidade de postar textos maiores e de publicar as imagens que se deseja.

Quanto à questão da política de moderação, o portal faz as mesmas considerações, que já vimos discutindo, e acrescenta a questão da imagem. Da mesma forma que o texto, imagens obscenas ou publicitárias não são aceitas. Além disso, há um critério novo: é proibido falar em política: “Textos e/ou imagens que contenham comentários sobre política não serão divulgados nesta seção” (PORTAL TERCEIRA IDADE, 2009).

O quarto espaço interativo desse grupo é o “mural de receitas”. Nessa página, que segue a mesma política de publicação e moderação, é possível publicar a receita, a foto de quem a enviou e uma foto da refeição preparada. Esse espaço, a exemplo dos outros, é alegre, colorido, cheio de imagens e aqui a mascote aparece com um chapéu de cozinheiro:

Figura 35 - Portal Terceira Idade - "mural de receitas"



Fonte: elaboração própria. Informações: [www.portalterceiraidade.com.br](http://www.portalterceiraidade.com.br)

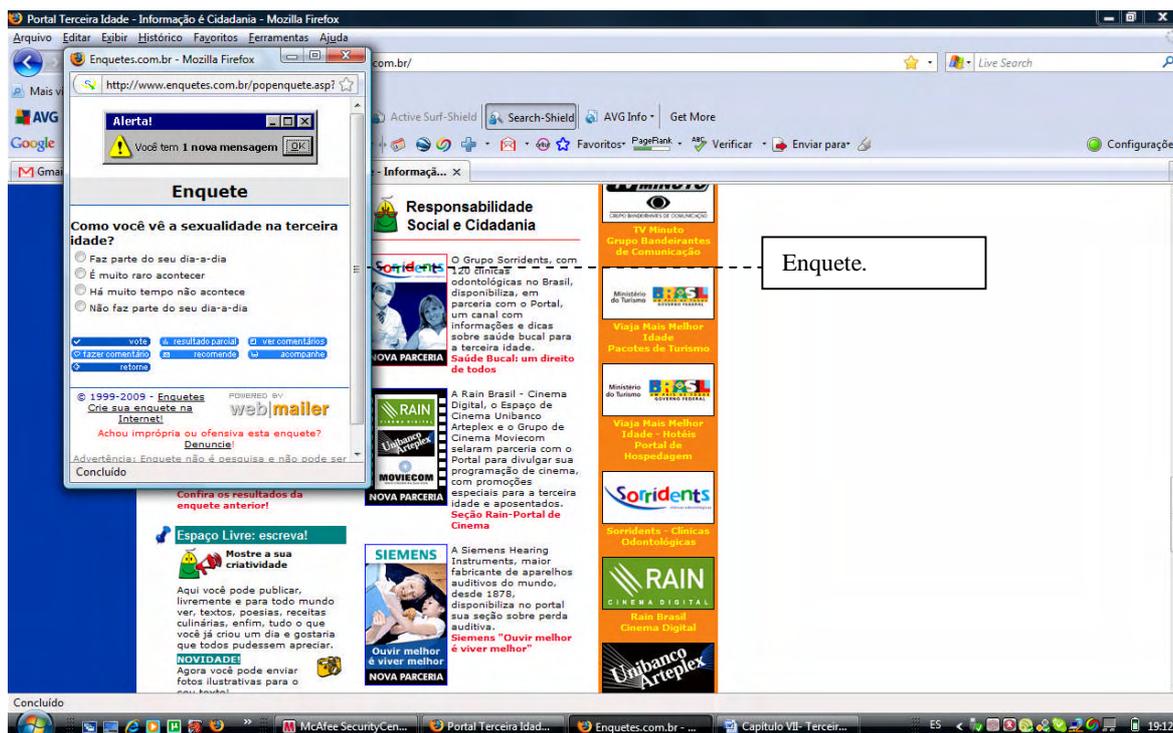
Ao acessar alguns dos enlaces das receitas, abre-se uma página com a receita e, algumas vezes, a foto de quem a enviou e a foto do prato pronto. É importante observar que esse é o espaço interativo que recebe menos atualizações dos usuários. As postagens mais recentes desse espaço foram feitas pelos próprios produtores do portal ou pelos parceiros do portal.

Um dos espaços mais importantes do portal Terceira Idade, em que Bernstein (2009) afirma empenhar uma atenção especial, é o interativo. Além desse grupo que apresentamos, o qual acreditamos que dá espaço efetivamente à interação entre os internautas e entre estes e os produtores do portal, há outro grupo com caráter menos dinâmico e atual. Cremos que a razão da existência desse grupo está mais ligada a fatores como facilidade, praticidade e estímulo à navegação. As ferramentas desse grupo são: “enquete”, “cadastre-se no portal” e “fale conosco”.

Essas ferramentas, via de regra, têm menos destaque no portal e são pouco atualizadas, isto porque têm um caráter mais permanente, visto que somente os produtores têm acesso às contribuições dos internautas. E os produtores, por sua vez, também não promovem alterações freqüentes nesses ambientes. Por exemplo, se o internauta envia uma sugestão ou crítica para a seção “fale conosco”, o correio eletrônico segue para endereços eletrônicos dos produtores e os outros internautas não têm acesso a essa informação.

A única ferramenta que escapa um pouco dessa descrição é a “enquete”. Isto ocorre porque os internautas podem votar e ver os resultados da votação em tempo real. Todavia, sempre que se entra na “enquete” tem-se a impressão de que ela não mudou muito, já que os temas desta não são atualizados com freqüência e os resultados não sofrem grandes alterações:

Figura 36 - Portal Terceira Idade - "enquete"



Fonte: elaboração própria. Informações: [www.portalterceiraidade.com.br](http://www.portalterceiraidade.com.br)

O enlace para a enquete fica no final da página principal. Ou seja, o destaque e atenção conferidos a ela são mínimos, visto que, além de perdida na página principal do Portal, ela também está perdida no quesito *layout*, considerando que todas as páginas do portal mantêm um estilo de diagramação, o qual evidentemente não é esse da enquete que vemos na figura 36.

Assim como a “enquete”, o ambiente “cadastre-se no portal”, tem pouco destaque e poucas atualizações. Essa ferramenta está localizada no final da primeira coluna da página principal e, apesar de parecer, como está textualmente dito nesse ambiente, que a função do cadastramento é enviar informações para os usuários de acordo com as preferências de temas informados, isso de fato não acontece. Cadastramos-nos nesse portal em setembro de 2008 e apontamos todos os temas listados como de nossa preferência, entretanto jamais recebemos um correio eletrônico com informações sobre eles. Como foi discutido, é possível que essa ferramenta seja exclusiva para que os produtores do portal conheçam melhor o perfil dos usuários.

O convite é claro: envie suas dúvidas, sugestões e críticas. O espaço “fale conosco” também tem um caráter mais permanente. Esse espaço, certamente, é um dos mais

importantes e, também, um dos mais visitados do portal, não obstante ganhe pouco destaque na página principal, visto que, como é o caso do “cadastre-se no portal”, está localizado no final da primeira coluna da página principal.

**Figura 37 - Portal Terceira Idade - "fale conosco"**



Fonte: elaboração própria. Informações: [www.portalterceiraidade.com.br](http://www.portalterceiraidade.com.br)

Quando acessamos o enlace do “fale conosco”, aparece uma pequena tela (como está destacado na figura acima) com a fotografia e o mini currículo de todos os produtores e colaboradores do portal. Mais uma vez encontramos as pistas do Blog de Campo, visto que entre os colaboradores aparece a minha foto e o meu mini currículo. Para sugerir, criticar ou perguntar qualquer coisa para um dos colaboradores, basta clicar em cima do nome dele que abre uma caixa de correio eletrônico.

Ao contrário da “enquete”, a diagramação do “fale conosco” mantém a identidade visual do portal e lança mão de recursos interessantes, como: abrir uma pequena “janela” para esse serviço (ou seja, carrega-se uma nova página e mantém-se a primeira página do portal aberta) e disponibilizar a fotografia de todos os colaboradores, o que, sem dúvida, facilita a navegação e a busca de informações.

Além desses três serviços, que classificamos como o segundo pacote de ferramentas interativas, há ainda dois anúncios para serviços que, desde 2007, época em que passamos a frequentar o portal, não funcionam. São eles: as salas de bate-papo e o serviço de busca interna do portal, ambos anunciados na página principal. Ao tentarmos acessar esses enlaces, aparece uma página com a seguinte mensagem: "Seção em desenvolvimento. Em breve estaremos disponibilizando essa seção. Agradecemos a sua compreensão" (PORTAL TERCEIRA IDADE, 2009).

O portal Terceira Idade, como argumentamos acima, centra-se, no ponto de vista do conteúdo, em notícias jornalísticas, informação de utilidade pública – que também faz parte do conteúdo jornalístico, o qual chamamos de “jornalismo de serviços” – e textos de especialistas. Indubitavelmente, esses textos estão voltados para o público idoso, tendo em vista que as referências sobre os idosos e o envelhecimento são evidentes.

Além disso, no geral, os conteúdos optam pela via de reforçar os valores positivos da terceira idade, como: contínua atividade, alegria, autonomia, diversão, viagens e outros. O próprio nome do portal, como foi debatido, já deixa claro sua filiação aos valores dessa nova categoria social. Mesmo quando se trata da questão de saúde, o portal enfoca-se mais nas maneiras de prevenir ou de controlar alguma enfermidade, do que alarmar sobre os problemas de saúde que acometem as pessoas idosas. Os temas são diversificados e, geralmente, tangenciam a questão da terceira idade.

A identidade visual do portal se harmoniza com os valores que os conteúdos seguem. A editoração do Terceira Idade dá idéia de movimento e atualização periódica, enfatiza as cores, as imagens e, muitas vezes, ousa na combinação de cores e nas fotomontagens. Como evidência, podemos citar a mascote, o bonequinho em forma de *mouse*, que, de maneira geral, é mais usada nas páginas *webs* voltadas para crianças e adolescentes. Entretanto, o portal não explora a capacidade audiovisual da Internet. Não há um espaço ou ferramenta que possibilite se ouvir os textos ao invés de lê-los. Além disso, não há arquivos nem de som e nem de vídeos. Certamente, é uma perda, considerando que um dos diferenciais da Internet, como coloca Castells (1999), é exatamente a possibilidade de convergir as plataformas dos diversos meios de comunicação. Incorporar conteúdos

audiovisuais, sem dúvida, seria uma maneira de aumentar a acessibilidade das pessoas idosas, tendo em vista que alguns deles podem ter déficits de visão e audição.

Mergulhamos nas águas agitadas do mar do portal Terceira Idade. Descrevemos o quadro geral, as opções de navegação, os percursos que os internautas podem traçar e, claro, os espaços nos quais eles podem participar. Agora é hora de navegar em águas espanholas.

### **7.5 – PORTAL *JÚBILO* – *MAYORES, OCIO, DEPENDENCIA, VIAJES, SALUD Y RESIDENCIAS***

*Júbilo* em espanhol quer dizer alegria extrema, contentamento, porém essa palavra também pode ser uma variação do verbo *jubilar*, que significa aposentar, ou seja, retirar alguém do universo do trabalho por velhice ou incapacidade. Portanto, o nome desse portal já nos traz pistas de que se trata de um espaço voltado para as pessoas maduras, as quais, provavelmente, já estão em idade de se aposentar. Além disso, o subtítulo – idosos, lazer, dependência, viagens, saúde e asilos – nos leva a crer que esse sítio *web* enfatiza tantos os valores e interesses da terceira idade, quanto do que seria uma “quarta idade”, conceito que problematizamos na segunda parte desta tese de doutorado.

Ao entrar na página do portal espanhol *Júbilo* ([www.jubilo.es](http://www.jubilo.es)), experienciamos emoções parecidas que vivemos no portal Terceira Idade. Mais uma vez tudo parece nos convidar de uma única vez. Anúncios publicitários aparecem e desaparecem, os títulos destacados nos dão a sensação de que precisam ser lidos e, um homem, a mascote virtual do portal, boceja impaciente com a nossa demora em ir atendendo aos múltiplos chamados.

O portal *Júbilo* faz parte do grupo *Júbilo Comunicación*, que, de acordo com Diego Díaz – o responsável pelo portal – é o primeiro e o único grupo de comunicação multimídia espanhol voltado para a terceira idade. Esse grupo tem como produtos principais: a revista *Vivir com Júbilo*, o jornal *Negocios y gestión residencial*, a agência de notícias *Júbilo Noticias* e o portal *Júbilo*, além de outras revistas e programas de rádio e televisão.

É importante esclarecer que o portal *Júbilo* tem vida independente desses outros produtos de comunicação citados acima. Apesar de estar claro que ele é parte de um grupo de comunicação, o portal, que está no ar desde o ano 2000, tem seus objetivos próprios e não serve apenas para divulgar os outros produtos do grupo *Júbilo Comunicación*.

O *layout* do portal, assim como seu conteúdo, não nos deixa margem para duvidar que ele toma como público-alvo tantos os idosos quanto os “velhos”, tendo em vista que, mesmo optando por cores vibrantes, como o vermelho e tons rosa, a identidade visual é mais sóbria, valorizando os espaços em brancos, optando por imagens pequenas e por opções de diagramação mais formais, que lembram os jornais e revistas impressos. O conteúdo dessa página reforça o nosso argumento, entre os temas principais: viagens, vida ativa, autonomia e dependência, doenças crônicas e informações sobre como conseguir vagas em residências para idosos.

Cabe-nos agora averiguar essas primeiras impressões, explorar o portal e descrever os universos que desvelamos ao longo desses meses. Para tanto, vamos dividir essa descrição, a exemplo do que fizemos antes, em quatro momentos, os quais valorizam os aspectos que mais se repetem no portal: página principal, espaço informativo, espaço de serviços e ambientes interativos.

#### **7.5.1. CENA 1 – PELAS MÃOS DO PEPE: PÁGINA PRINCIPAL**

Uma das coisas que mais nos chamou atenção na página principal do portal *Júbilo* foi a imagem; a princípio parecia uma foto de um homem grisalho, usando terno, com um leve sorriso nos lábios, apesar de uma postura formal. Alguns segundos mais olhando para ele e começamos a perceber que suas expressões faciais iam mudando. De repente, ele boceja e leva a mão à boca. Não se trata de uma fotografia. Na verdade, trata-se de Pepe Frías, a mascote virtual do *Júbilo*. Pepe faz diversos movimentos: levanta a mão, acena e chama-nos o tempo inteiro para continuar a navegação. Além disso, ele também fala! Quando a página principal do portal carrega, o primeiro convite é para baixar o software para que possamos ouvir o que o Pepe tem a dizer.

Figura 38 - Página principal do portal *Júbilo* (primeira parte)



Fonte: elaboração própria. Informações: [www.jubilo.es](http://www.jubilo.es)

Pepe Frías fica na terceira coluna, da esquerda para direita, logo abaixo de um *banner* publicitário<sup>71</sup>. Como está identificado na figura 38. Abaixo da imagem de Pepe Frías está escrito o texto de apresentação que ele fala. Assim, aqueles que não desejam copiar o *software* de voz também podem ter acesso às informações que Pepe fornece:

Bom día e bem-vindo a página do *Vi-clone*. Olá e bem-vindo ao *Júbilo*. Sou Pepe Frías, seu assistente, e estou aqui para ajudar-lhe a navegar pelo nosso portal. Aqui você encontrará toda a informação que busca para a terceira idade. Pergunte-me coisas sobre nossos serviços (Trad. livre) (PORTAL JÚBILO, 2009).

Essa é uma das saudações da mascote, as quais variam quase todos os dias. Na verdade, Pepe é muito mais que uma mascote. Ele se coloca como um assistente virtual, capaz de guiar os internautas pelas várias portas do portal *Júbilo*. Abaixo do texto de apresentação do assistente, há uma ferramenta de busca interna, na qual os internautas colocam suas perguntas ou palavras-chaves e Pepe vai explicando o que se pode encontrar dentro do portal, sobre cada assunto procurado.

<sup>71</sup> *Banner* publicitário é como é chamado, no jargão da Publicidade e Programa, os anúncios publicados nas páginas *webs*.

**Figura 39 - Página principal do portal *Júbilo* (segunda parte)**



Fonte: elaboração própria. Informações: [www.jubilo.es](http://www.jubilo.es)

Como está destacado na figura 39, abaixo do campo de busca interna, há outra caixa, a qual, desde que frequentamos o *site*, nunca entrou em funcionamento, mas que, provavelmente, deveria ter uma lista de palavras-chaves para ajudar a navegar no portal. No final dessa terceira coluna há um espaço de serviços com dois destaques da agenda do ano, que, no caso desta imagem, capturada no dia 13 de março, os destaques eram para: *II Congreso Internacional Dependencia y Calidad de vida* e o *IX Congreso Nacional de Organizaciones de Mayores*. Abaixo dos destaques está o calendário do mês de março com enlaces nos dias do mês para que os internautas possam conferir os eventos que acontecerão.

A página principal do portal *Júbilo*, assim como o Terceira Idade, é diagramada em três colunas. Na parte de cima, antes de se dividir em colunas, aparece um *banner* publicitário do grupo *Júbilo Comunicación* e, logo abaixo, a logomarca do portal. Em seguida temos, como está identificado na figura 38 (da primeira parte da página principal do Portal), o primeiro *menu*, com enlaces para o conteúdo informativo, diagramado em linha horizontal: “*ocio*”, “*salud*”, “*dinero*”, “*contactos*” e “*viajes*”.

A primeira coluna do portal traz, logo no início, um serviço de busca interna. Em seguida, tem-se uma caixa de *links* chamada de “secciones”, com enlaces para notícias, informes, consultórios, formação e sugestões. Essa caixa traz enlaces mistos tanto para as notícias, quanto para os serviços e os espaços interativos, como é o caso do *link* para enviar sugestões.

Abaixo desse *menu*, aparece um enlace que dá acesso ao conteúdo informativo, de notícias enviadas pelo grupo *Júbilo de Comunicación* à RNE5 – *Radio Nacional de España*<sup>72</sup>. Depois desse *link*, tem-se outro para o “*club júbilo*”; na verdade, trata-se de um anúncio das vantagens que se pode obter quando se assina a revista *Vivir con Júbilo*, como conseguir o cartão de sócio para desfrutar de descontos em uma série de lojas e serviços, como: farmácias, hospitais, cursos, hotéis e outros.

Ainda na primeira coluna, como indicado na figura “Página principal do Portal *Júbilo* (primeira parte)”, temos outro grupo de enlaces, intitulado de “*servicios*”, que dá acesso aos ambientes interativos, como os *links* “*contacto*” e “*foro*”; ambientes de serviços, como é o caso do “*descargas*”, no qual o usuário pode baixar guias de instruções de informática, por exemplo; ambientes de venda dos produtos do grupo *Júbilo Comunicación*, representado pelo enlace “*tiendas*”; e ambientes informativos – “*sala de prensa*” –, nesse caso, específico para os jornalistas que desejam saber mais sobre o grupo. No final da primeira coluna, ver figura 38, tem-se um conjunto de *banners* publicitários de diversas empresas, como *Fundación Vodafone* e *Fundación CHH*, e a revista *Vivir con Júbilo*.

Até agora apresentamos as duas colunas do portal que abrigam os enlaces de caráter mais permanente, excetuando os anúncios publicitários que mudam com um pouco mais de frequência. A exemplo do portal Terceira Idade, a coluna do meio do portal *Júbilo* também tem a tendência a ter atualizações periódicas.

Como evidência, o primeiro grupo de enlaces dessa coluna, intitulado de “*destacamos*”, é, na verdade, um grupo de três chamadas, cada uma acompanhada de uma pequena foto ou imagem, para notícias (ver figura 39).

Ainda na coluna do meio, abaixo do “*destacamos*”, tem-se um serviço, o qual revela, indubitavelmente, o que discutimos no quarto capítulo, a preocupação espanhola com a questão da dependência. Há uma imagem de uma calculadora e uma chamada “*conoce tu*

---

<sup>72</sup> Esse conteúdo está disponível em texto e áudio e trata-se, mais precisamente, de um programa que o grupo *Júbilo* tem na RNE 5, chamado “*Cuaderno Mayor*”, que vai ao ar aos sábados e domingos.

*grado de dependência*” (ver figura 40). Trata-se um de serviço específico para os idosos conhecerem ou se certificarem dos níveis de dependência no qual se encontram e, então, saber quais os direitos que podem solicitar do governo Espanhol.

#### **Figura 40 - Calculadora para o cálculo do grau de dependência**



Fonte: elaboração própria. Informações: [www.jubilo.es](http://www.jubilo.es)

Esse serviço fica no centro da coluna do meio, sem dúvida, um dos espaços mais importantes da página principal de um portal. Além disso, o título destacado ao lado da imagem da calculadora dá ainda mais visibilidade para esse enlace. Ao lado dessa imagem, há um anúncio publicitário do grupo AMMA, que administra centros gerontológicos.

Finalmente, como último conjunto de enlaces da coluna do meio, da página principal do portal *Júbilo*, como está destacado da figura 39, temos mais um grupo de *links* nomeado de “*noticias destacadas*”. A exemplo do “*destacamos*”, esse grupo traz um conjunto de chamadas para notícias, sendo que a principal diferença do “*noticias destacadas*”, para o grupo de notícias anterior, é que há mais chamadas, são cinco no total, e não há imagens. Porém, em ambos os grupos, tem-se primeiro o tema (ou editoria) da notícia, como: lazer, economia e saúde, e, logo abaixo, ou ao lado, o título da chamada, o qual se pode clicar e ter acesso ao texto inteiro.

A página principal do portal *Júbilo* investe numa identidade visual mais séria e conservadora, do que o portal Terceira Idade. Apesar de apostar em algumas cores, como o vermelho, elas são utilizadas, quase sempre, em tons mais claros. Ao entrar nesse sítio, tem-se a sensação de um ambiente mais tranquilo e fácil de dominar, tendo em vista que o número de links animados e de imagens é bastante reduzido em comparação aos outros portais. O assistente virtual, Pepe Frías, nos diz muito sobre esse portal: apresenta-se com uma roupa formal, um terno, tem gestos comedidos e moderados, e seu meio sorriso nos revela um homem amistoso e atencioso, porém, formal. Apesar de esse portal ser complexo e rico em serviços e informações, a primeira página opta por um caminho mais simples e

não traz um número grande de dados. Esses elementos, certamente, nos dão a impressão de um ambiente mais fácil de navegar, considerando que não confunde o internauta e lhe permite compreender melhor os ambientes e os principais serviços do portal.

### **7.5.2. CENA 2 – TERCEIRA IDADE INFORMADA: JORNALISMO EM EVIDÊNCIA**

O espaço informativo do portal *Júbilo*, sem dúvida, é um dos mais importantes dessa rede. Possivelmente, isso se deve à vocação do grupo *Júbilo Comunicación* para congregar diversos veículos de comunicação e uma agência de notícias. O primeiro *menu* em linha horizontal, da página principal, é uma das pistas desse argumento. Ele nos deixa claro que os principais ambientes de navegação do portal estão divididos em cinco temas, os quais trazem a maior parte dos serviços e das notícias dessa página *web*: lazer, saúde, dinheiro, contatos e viagens.

Assim colocado, destacamos esses temas principais como a primeira parte do material informativo desse portal. O interessante é que ela foi dividida pelos próprios produtores deste *site* em duas partes: notícia e reportagem. Como colocamos antes, a questão do jornalismo é tão evidente nesse portal que eles se apropriam do conjunto de conceitos dessa área para dividir o material informativo do portal.

Ao acessar qualquer um dos temas localizados na primeira página do grupo de *links* da linha horizontal, entra-se numa área que oferece uma reportagem principal sobre o tema, bem como as últimas reportagens e últimas notícias sobre o mesmo, conforme figura 41:

Figura 41 - Portal *Júbilo* - seção "ocio"



Fonte: elaboração própria. Informações: [www.jubilo.es](http://www.jubilo.es)

Diante do exposto, urge fazer a diferença entre notícia e reportagem para se compreender melhor a natureza desses materiais. De acordo com Nilson Lage (2001), reportagem é a representação de um fato ou acontecimento enriquecida pela capacidade intelectual, observação atenta, sensibilidade, criatividade e narração fluente do autor. Já a notícia, ainda segundo o autor, é uma exposição de uma seqüência de fatos. A grande diferença entre as duas está no fato de que a reportagem pressupõe uma interpretação dos fatos, enquanto a notícia é mais curta e objetiva. A explicação de Lage (2001) coincide com a maneira pela qual o portal tipifica seu material jornalístico. De fato, as notícias são os textos mais curtos e atuais e as reportagens são maiores e melhor trabalhadas.

Como podemos comprovar por meio da figura acima, a página de qualquer um dos temas traz, na coluna do meio, uma chamada para uma reportagem destacada, um *link* para se acessar todas as reportagens sobre o tema, outro *link* que dá acesso às últimas notícias, ainda desse mesmo assunto, e, logo abaixo, um conjunto de serviços, geralmente ligados ao tema.

A identidade visual das páginas dos temas mantém o mesmo padrão do portal, modificando, especificamente, somente o material da segunda coluna. Como evidência, na

figura 41 podemos comprovar que a coluna do meio permanece com a mesma cor da página principal e a mesma orientação por colocar as chamadas e os *links* dentro de caixas, como é o caso do espaço “*reportaje destacado*” e do link “*últimas noticias*”.

Ao acessar o conteúdo da reportagem destacada, há uma mudança na identidade visual do portal:

**Figura 42 - Portal *Júbilo* - página da reportagem destacada do tema “ocio”**



Fonte: elaboração própria. Informações: [www.jubilo.es](http://www.jubilo.es)

Na figura 42, que traz a primeira parte da página da reportagem principal do tema “ocio”, intitulada de “*Seniors Resorts: calidad de vida a tu alcance*”, é possível perceber, por exemplo, que a diagramação da página mudou. Agora ela aparece diagramada em uma única coluna. O que permanece da identidade visual do Portal é a parte superior, como a logomarca e o *menu* em linha horizontal.

No entanto, elementos novos foram acrescentados, os quais melhoram a acessibilidade da página, como: oportunidade de escutar todo o texto e possibilidade de aumentar ou diminuir o tamanho da letra do texto (PALACIOS RAMOS, 2007). Todas as reportagens e notícias do portal *Júbilo* trazem a opção de serem ouvidas, ou seja, há arquivos de áudio para todos os materiais jornalísticos dessa rede.

Figura 43 - Portal *Júbilo* - continuação da página da reportagem destacada do tema "ocio"



Fonte: elaboração própria. Informações: [www.jubilo.es](http://www.jubilo.es)

O texto, como já era de se esperar por se referir a uma reportagem, é longo. Nesta ocasião, a reportagem da página acima, "*Seniors Resorts: calidad de vida a tu alcance*", aborda um assunto sobre residências de luxo para idosos, situadas nas zonas costeiras da Espanha. As evidências de que se trata de uma reportagem são: tamanho e complexidade do texto; que, além de informar como funcionam esses abrigos, traz diversas dicas de residências e o trabalho que elas realizam.

Os textos das reportagens, via de regra, são claramente voltados para os idosos. Em qualquer um dos temas colocados como de principais interesses de debate do portal *Júbilo*, o recorte é para o interesse da terceira idade. Como exemplo, citamos um trecho da reportagem "*Los abuelos: pilares fundamentales*", publicada no dia 09 de dezembro de 2008:

Dia a dia, mais de cinco milhões de pessoas na Espanha se encarregam do cuidado de seus netos. Todas elas, maiores de 65 anos, algumas aposentadas e outras não, proporcionam uma ajuda fundamental para seus descendentes (os filhos e os netos), ao mesmo tempo em que se

convertem nos grandes transmissores da experiência humana: a sabedoria e o carinho. Um luxo (Trad. livre) (PORTAL JÚBILO, 2009).

No final de cada reportagem há um espaço para se postar os comentários sobre esta e uma lista com as seis últimas reportagens publicadas sobre o tema. As reportagens alimentam também a seção “destacamos”, localizada no início da coluna do meio, da página principal do portal *Júbilo*, na qual as três últimas reportagens postadas viram chamadas.

Finalmente, no link “*ver todos los reportajes*”, que pode ser encontrado na página de todos os temas, está a lista das reportagens específicas do tema, o qual estamos navegando, que, no caso da figura abaixo, foi o “*ocio*”:

**Figura 44 - Portal *Júbilo* - enlace “*ver todos los reportajes de ocio*”**



Fonte: elaboração própria. Informações: [www.jubilo.es](http://www.jubilo.es)

Observando a figura 44, podemos ver a relação das chamadas para as reportagens ocupando a coluna do meio. A editoração eletrônica desse ambiente mantém a identidade visual do portal; como prova, há vários elementos da página principal nesse espaço, como o próprio Pepe Frías, que permanece na terceira coluna. As chamadas, ordenadas por data de postagem – da mais recente a mais antiga –, para essas reportagens são compostas por

uma fotografia, título e pequeno resumo do texto. No final da lista, que ultrapassa ao número de 10 chamadas, há um *link* para ver a continuação dos enlaces para as reportagens. Ao clicar no *link* de qualquer uma das chamadas, encontramos o texto completo da reportagem, do mesmo modo que vimos quando apresentamos a tela da reportagem “*Seniors Resorts: calidad de vida a tu alcance*”.

A segunda parte desse primeiro grupo informativo traz as notícias do portal, ou seja, textos mais curtos, objetivos e atuais. Ao acessar a página de qualquer tema, como identificamos na tela “*ocio*”, temos o enlace “*últimas noticias*”, que nos dá acesso às últimas notícias de cada tema específico:

**Figura 45 - Portal Júbilo - link “últimas noticias” do tema “salud”**



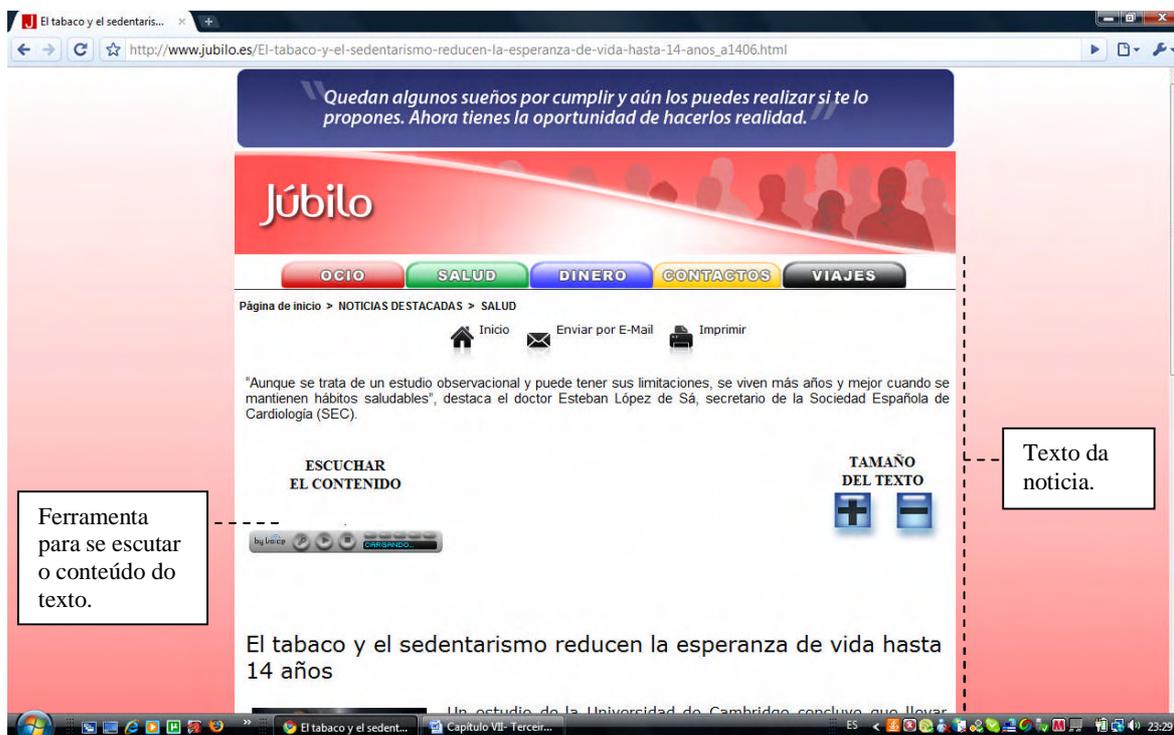
Fonte: elaboração própria. Informações: [www.jubilo.es](http://www.jubilo.es)

Na tela que apresentamos na figura 45, temos a página que se abre quando acessamos as últimas notícias do tema “*salud*”. Todos os temas trazem o mesmo estilo de diagramação, portanto, ao acessar o *link* “*últimas noticias*” de qualquer um dos temas abre-se uma página como a da figura acima. A única diferença estará no conteúdo da coluna do meio, visto que, evidentemente, as notícias mudam conforme o tema. A lista das

últimas notícias aparece na coluna do meio, enquanto que as outras colunas e a parte superior mantêm os mesmos elementos da página principal do portal.

No topo da coluna da lista de notícias aparece o nome do tema e, em seguida, a relação de enlaces com títulos e pequenos resumos das notícias. Ao contrário do espaço das reportagens, a lista das notícias não traz imagens. No final desta relação, a exemplo do que acontece nas reportagens, há uma opção para se ver as chamadas mais antigas das notícias. Ao clicarmos em uma chamada das notícias, deparamo-nos com uma página que segue o mesmo estilo de diagramação das que trazem o texto completo de uma reportagem, como vemos na imagem 46:

**Figura 46 - Portal Júbilo - página da notícia "El tabaco y el sedentarismo reducen la esperanza de vida hasta 14 años"**



Fonte: elaboração própria. Informações: [www.jubilo.es](http://www.jubilo.es)

Além da diagramação ser a mesma das páginas dos textos das reportagens – somente uma coluna, conservando, da página principal, a parte superior –, as ferramentas de acessibilidade também se repetem, como: possibilidade de escutar o texto da notícia e aumentar ou diminuir o tamanho das letras. Em geral, como está identificado na figura 47,

no texto da notícia aparece uma pequena imagem. Além disso, como já era de se esperar, os textos desse grupo informativo são bem menores do que do grupo das reportagens:

**Figura 47 – Portal *Júbilo* – continuação da página da notícia "*El tabaco y el sedentarismo reducen la esperanza de vida hasta 14 años*"**

The image shows a screenshot of a web browser displaying a news article. The browser's address bar shows the URL: [http://www.jubilo.es/El-tabaco-y-el-sedentarismo-reducen-la-esperanza-de-vida-hasta-14-anos\\_a1406.html](http://www.jubilo.es/El-tabaco-y-el-sedentarismo-reducen-la-esperanza-de-vida-hasta-14-anos_a1406.html). The article title is "El tabaco y el sedentarismo reducen la esperanza de vida hasta 14 años". Below the title is an image of several lit cigarettes. The main text discusses a study from the University of Cambridge and the health risks of smoking. There are three callout boxes with dashed lines pointing to specific parts of the page: "Título da matéria." points to the title; "Imagem de cigarros." points to the cigarette image; and "Texto da notícia." points to the main body of text. A fourth box, "Links para acessar notícias anteriores.", points to a section titled "Más artículos en esta sección" which lists two related articles with their dates. The browser's taskbar at the bottom shows several open windows, including "El tabaco y el sedent...", "Capítulos", and "Capítulo VII- Tercer...".

Fonte: elaboração própria. Informações: [www.jubilo.es](http://www.jubilo.es)

Outra diferença com relação ao texto das reportagens, é que no espaço dos textos de notícias não há a ferramenta para se enviar comentários. Sem dúvida, isso deixa clara a vocação de cada grupo informativo. Um de caráter mais atual, objetivo e efêmero: as notícias; e o outro de caráter informativo e interpretativo e que dá espaço para se discutir o tema, por meio da ferramenta de se enviar os comentários: a reportagem.

O conteúdo das notícias também é diferente; pelo que observamos, esse é um espaço mais livre, que aborda diversos aspectos dos temas trabalhados pelo portal, ainda que não esteja diretamente ligado aos interesses da terceira idade. Como evidência, destacamos um trecho da matéria "*El tabaco y el sedentarismo reducen la esperanza de vida hasta 14 años*", publicada no dia 02 de fevereiro de 2009:

Um estudo da Universidade de Cambridge conclui que levar uma vida saudável – não fumar, beber vinho de forma moderada, comer 5 porções

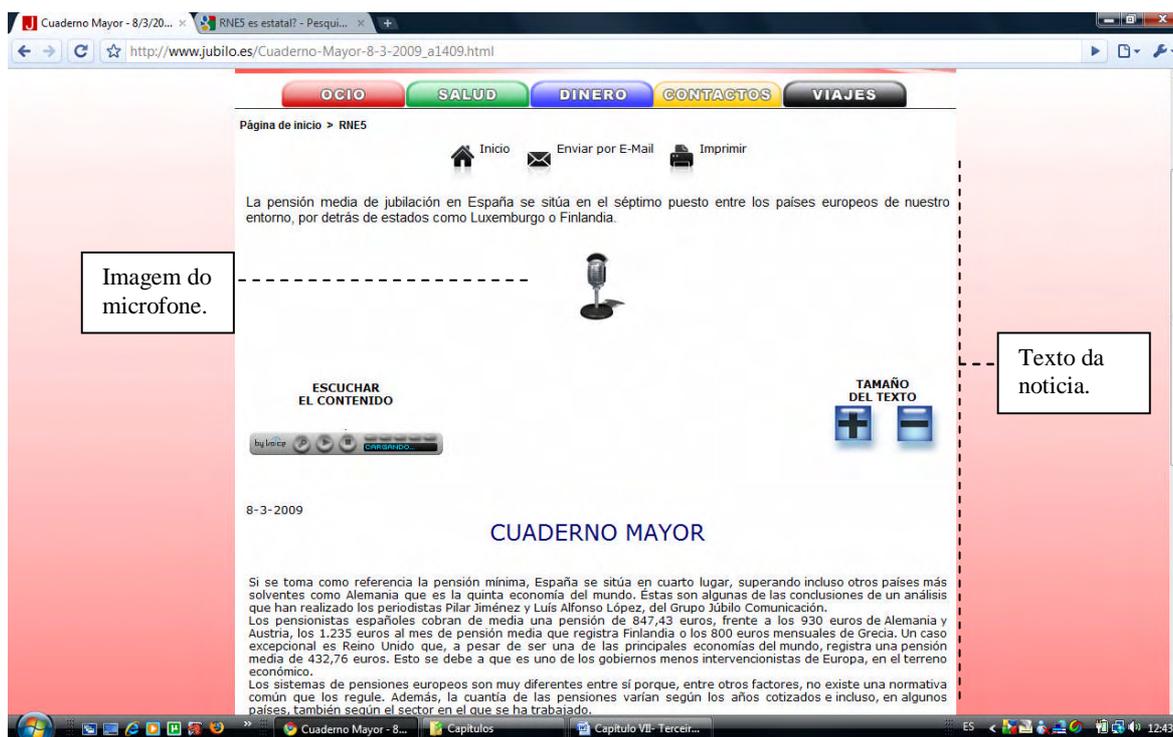
de fruta/verdura ao dia e não ter uma vida sedentária – está relacionado com a possibilidade de viver até 14 anos mais que uma pessoa que não teve esses hábitos (Trad. livre) (PORTAL JÚBILO, 2009).

Está claro o caráter geral do texto acima, o qual pode interessar aos idosos, assim como a adultos e jovens; portanto, não privilegia os interesses de um grupo etário específico. Todavia, no conjunto geral das notícias que observamos, percebemos que há uma tendência a tratar dos assuntos ligados à terceira idade, ainda que isso não pareça ser uma regra. Por exemplo, destacamos o seguinte texto da notícia “*El Gobierno reparte entre las CC.AA los 400 millones adicionales de la Ley de Dependencia*”, que trata sobre o aporte governamental para financiar mais ações previstas pela *Ley de Dependencia* (ver Capítulo IV), publicada no dia 23 de dezembro de 2008: “As Comunidades Autônomas poderão financiar com esses fundos as ações relacionadas com a consolidação e melhora da oferta da rede de serviços existente (...)” (Trad. Livre) (PORTAL JÚBILO, 2009).

No final do texto de cada notícia, como podemos comprovar pela figura 47, há um grupo de seis enlaces que traz as notícias anteriores, organizadas por ordem de postagem, da mais recente a mais antiga. Abaixo desse grupo, há *links* para se acessar os textos mais antigos. As notícias alimentam o *link* “noticias”, localizado no *menu* “*secciones*” da primeira coluna e o espaço “*noticias destacadas*”, que fica na segunda parte da coluna do meio, ambas da página principal do portal.

A segunda parte – do material informativo desse portal – são as notícias produzidas pelo grupo *Júbilo de Comunicación*, que são veiculadas no programa “*cuadernos mayor*”, da RNE 5 – *Radio Nacional de España*. Ao clicar no enlace “*Júbilo na RNE5*”, temos acesso a todas as notícias veiculadas no programa. O internauta pode escolher entre ouvir o áudio da notícia ou ler o texto, já que todas estão transcritas. Como podemos ver na figura 48, a página dessas notícias radiofônicas segue exatamente a mesma linha de diagramação dos grupos informativos anteriores. Além disso, há também a mesma oferta de ferramentas que aumentam a acessibilidade, como a possibilidade de se escutar o texto e aumentar ou diminuir o tamanho das letras:

**Figura 48 - Portal *Júbilo* - página de uma notícia do programa "cuaderno mayor"**



Fonte: elaboração própria. Informações: [www.jubilo.es](http://www.jubilo.es)

As diferenças que percebemos, em relação aos espaços informativos anteriores, é que as notícias postadas no “*cuaderno mayor*” não levam imagens para ilustrá-las e trazem sempre, no início da página, a figura de um microfone para indicar que se trata de uma matéria feita para ser veiculada em rádio.

Encerramos aqui a descrição dos espaços informativos do portal *Júbilo*. É importante dizer que existem quatro temas privilegiados nos conteúdos informativos: lazer, saúde, dinheiro e viagens. São especificamente os temas do *menu* da página principal, que está em linha horizontal. É importante observar também que esse portal privilegia nitidamente os espaços informativos, mais do que qualquer outro, tanto que essa parte no *Júbilo* é muito mais complexa e variada do que no Terceira Idade. Uma das explicações para esse feito pode residir no fato de que o *Júbilo* é, na verdade, um poderoso grupo jornalístico na Espanha.

### **7.5.3. CENA 3 – DE DEPENDÊNCIA E DE SONHOS: A TERCEIRA IDADE É UMA VIAGEM!**

O espaço de serviços do portal *Júbilo* representa bem o que viemos discutindo sobre o caráter dele em abordar o tema da terceira idade sobre duas perspectivas: uma ligada aos valores de autonomia, liberdade, energia e alegria; e a outra aos valores de dependência e enfermidade. Na parte dos serviços esse aspecto fica claro: por um lado temos como carro-chefe desse espaço as dicas e ofertas de viagens e, por outro, temos um espaço nada desprezível para debater as questões de dependência e problemas de saúde, por exemplo.

Um dos aspectos que chama mais atenção nos serviços é, sem dúvida, a questão das viagens anunciadas no *menu*, em linha horizontal, da página principal e que é, também, repetidamente anunciada por Pepe Frías, no momento da sua saudação. Aliás, esse é o único aspecto do portal que Pepe anuncia quando entramos nesse sítio *web*. Os demais espaços do portal só são comentados por Pepe quando lançamos uma pergunta para ele e, geralmente, o comentário é rápido. Por causa dessas ações, constatamos que o assistente virtual ocupa o papel de recepcionista, ou seja, atua como se ele fosse abrindo as portas do portal, informando a oferta de serviços e nos convidando para entrar.

**Figura 49 - Portal *Júbilo* - página do tema "viajes"**



Fonte: elaboração própria. Informações: [www.jubilo.es](http://www.jubilo.es)

Ao acessarmos o enlace *viajes*, do *menu* em linha horizontal, ingressamos na página do serviço de viagens. Nela há um misto de informação e vendas, já que os produtores postam matérias relacionadas ao tema viagens e anunciam onde se pode comprar os pacotes turísticos. Além disso, há também um *link*, chamado de “*ver todas las ofertas*”, no qual são publicadas os pacotes turísticos vendidos pelo próprio grupo *Júbilo de Comunicación*. Na figura 49 apresentamos a página do tema “*viajes*”. Esse espaço mantém o mesmo estilo de editoração eletrônica da página principal, mudando, nesse caso, somente o conteúdo da coluna do meio. Nela estão postadas as informações sobre o tema.

A primeira caixa, na coluna do meio, a exemplo do que se passa nos outros temas, traz uma reportagem destacada sobre o assunto de viagens. Já a segunda se diferencia totalmente das outras páginas dos temas, porque anuncia uma oferta de venda de pacotes turísticos. Ao clicarmos no enlace sobre a reportagem destacada ou ver todas as reportagens sobre o tema viagens, deparamo-nos com uma página muito semelhante ao que já descrevemos no item anterior: diagramada em coluna, com um texto longo que ocupa praticamente todo o espaço da página e, no final, uma caixa na qual se pode comentar o texto e publicar o comentário. Assim colocado, nesse ambiente, o que modifica é basicamente o conteúdo do texto. A grande mudança que percebemos é, de fato, na questão de entrelaçar o conteúdo informativo com opções de compras. Isso porque o texto das matérias sobre viagens segue uma orientação de jornalismo de serviços, ou seja, de utilidade pública e ainda oferece uma opção a mais: disponibilizar as dicas para venda.

Como podemos ver na figura 50, ao clicarmos no *link* “*oferta destacada*”, caímos numa página de venda, na qual o próprio portal oferece vendas de pacotes turísticos, nesse caso específico – cruzeiros marítimos:

Figura 50 - Portal *Júbilo* - oferta de pacotes turísticos

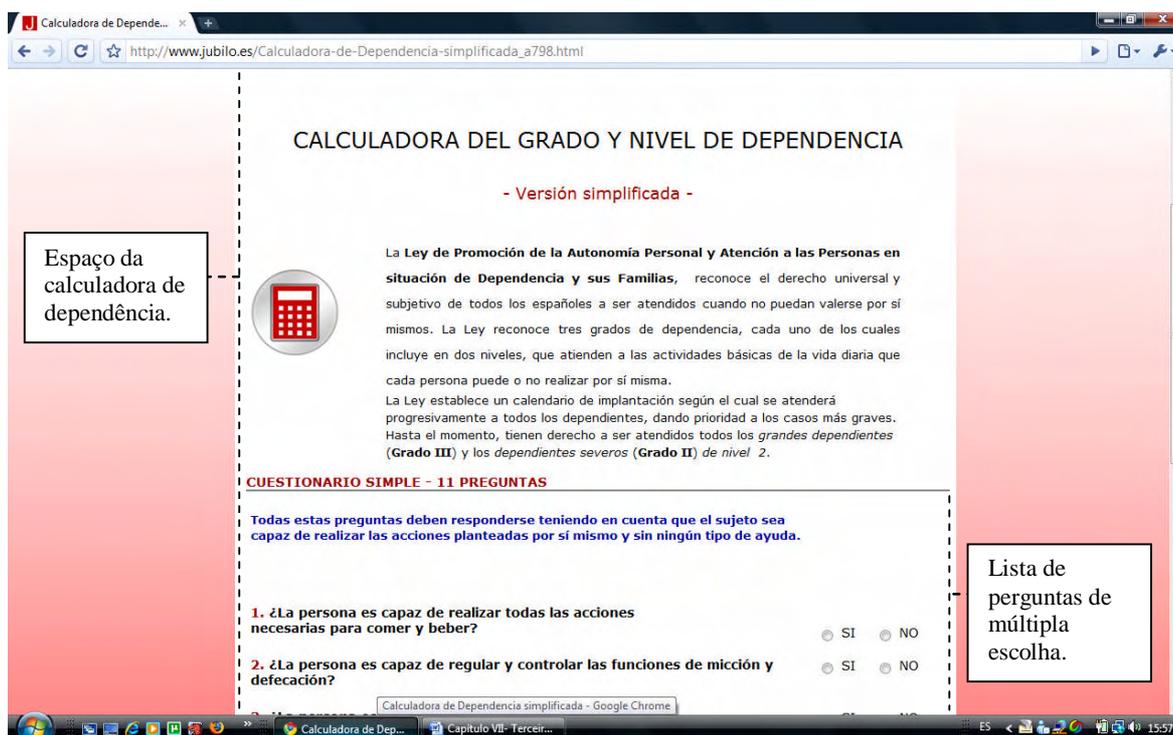


Fonte: elaboração própria. Informações: [www.jubilo.es](http://www.jubilo.es)

Acreditamos que a despeito do destaque que esse serviço tem no portal *Júbilo*, ele ainda está em fase de desenvolvimento, tendo em vista que há apenas quatro reportagens sobre o tema. A postagem da primeira data de setembro de 2008 e há somente uma oferta de venda, identificada na figura 50, intitulada de “*Crucero grand celebration: descubre el mediterráneo*”, anunciada pelo próprio grupo *Júbilo*.

Outro serviço de destaque no portal, também anunciado na primeira página, é a calculadora da dependência. A mesma, sobre a qual comentamos anteriormente, ocupa uma posição central na coluna do meio da página principal. As acessar esse ambiente, entramos na página de perguntas de múltipla escolha que, à medida em que as perguntas vão sendo respondidas, é calculado automaticamente o grau de dependência do idoso, sugerindo os direitos que ele pode lançar mão. Isso porque a *Ley de Dependencia* reconhece três graus de dependência e os benefícios que o cidadão pode lançar mão depende desse grau:

Figura 51 - Portal *Júbilo* - enlace "*conoce tu grado de dependencia*"



Fonte: elaboração própria. Informações: [www.jubilo.es](http://www.jubilo.es)

A página desse serviço é diagramada em uma coluna e conserva, da identidade visual do portal, somente a parte superior. A calculadora de dependência se apresenta em duas versões: simples e exaustiva, o usuário pode escolher qual delas prefere utilizar.

Além desses dois serviços, há outros que também recebem destaques na página principal, ainda que sua presença nesse espaço seja mais discreta que os outros dois já apresentados. Na primeira coluna da página principal temos um grupo de três enlaces de serviços, que têm características semelhantes: "*informes*", "*formación*" e "*descargas*". Os dois primeiros - "*informes*" e "*formación*" - estão localizados no menu "*secciones*" e o "*descargas*" no grupo "*servicios*". Os três têm em comum o fato de darem acesso a páginas nas quais os usuários podem "descargar" no seu computador os arquivos que lhes interessem. Isso porque tanto os informes quanto os cursos de formação são pacotes de arquivos sobre temas variados, como: leis, cursos de informática, textos sobre saúde, receitas de cozinha e dicas de vagas em residências para pessoas idosas. O link "*informes*" traz os arquivos mais gerais sobre leis e dicas de saúde. O "*formación*" traz três links de arquivos de cursos de informática e telefonia celular e um com dicas de residências

geriátricas. Já o enlace “descargas” oferece praticamente os mesmos arquivos para “baixar” que os outros dois já mencionados:

Figura 52 - Portal *Júbilo* - página “descargas”



Fonte: elaboração própria. Informações: [www.jubilo.es](http://www.jubilo.es)

A página da figura 52 é o enlace “descargas”, nela podemos identificar os *links*, como “curso básico de internet” e “recetas de cocina”, que, quando acessados, abrem um conjunto de arquivos para descarregarmos. Estes, geralmente, não foram produzidos pelos produtores do portal e sim por colaboradores, como os outros veículos do grupo *Júbilo* e outras empresas públicas e privadas da Espanha. Ainda na primeira coluna, no *menu* “servicios”, há um enlace especial para jornalistas – “sala de prensa” –, no qual eles encontram mais informações sobre o grupo *Júbilo de Comunicación*.

Finalmente, o último item que classificamos como serviços, é a agenda do portal, que fica no final da terceira coluna da página principal. A agenda aparece na forma de um calendário do mês vigente, sendo que os dias do mês que estão destacados são, na verdade, *links* que informam sobre os acontecimentos.

Figura 53 - Portal *Júbilo* - agenda



Fonte: elaboração própria. Informações: [www.jubilo.es](http://www.jubilo.es)

Na figura 53, por exemplo, temos o evento que aconteceu no dia 12 de março. Nesse caso, a chamada era para o *III Congreso Internacional de Actividade Físico Deportiva para Mayores*. Os eventos publicados na agenda são, via de regra, todos voltados para os interesses das pessoas idosas. A diagramação desse enlace, como podemos ver na página da agenda, segue a mesma linha da página principal e modifica exclusivamente o conteúdo da coluna do meio.

Antes de encerramos a descrição dos serviços do portal é necessário dizer que há vários outros *links* para serviços que encontramos dentro das páginas dos temas principais, como dinheiro e saúde. No entanto, essas chamadas são todas embustes, já que ou abrem uma página de erro ou nos remetem para a página principal. Horóscopo do mês, dicas de lugares de descanso e conselhos de viagens são exemplos das chamadas de serviços que efetivamente não existem. Como argumentamos no primeiro capítulo, páginas que não nos levam a lugar algum podem causar desinteresse no internauta (HASSAN MONTERO, 2006). No mínimo, era necessário informar que o serviço está em construção.

#### 7.5.4. CENA 4 – PARTICIPE: VENHA FAZER AMIGOS!

Rosa Roja del Cairo diz: “Olá, sou nova aqui e quero conhecê-los. Estou disposta a conversar e sair para tomar um café!” (Trad. livre) (PORTAL JÚBILO, 2009).

Lola fala:

Oi amigos, tenho 67 anos e sou de Madrid, me encantaria conhecer pessoas para sair e fazer atividades. Eu gosto de bailes, das caminhadas no verão, sair para comer, teatro, tomar café...etc. Sou uma pessoa divertida e respeitosa. Animem-se e me escrevam. Abraços para todos!!!! :-)

(Trad. livre) (PORTAL JÚBILO, 2009).

Carmem responde:

Olá Rosa del Cairo, oi Lola e outros que buscam amizade. Acabo de entrar e não sei muito bem como funciona, mas vejo que as respostas são escritas diretamente. Eu também sou muito alegre e divertida, eu gosto de dançar, de caminhadas e de fazer amigos. Se interessar-lhes podemos começar a nos conhecer. Abraços (Trad. livre) (PORTAL JÚBILO, 2009).

Essas postagens foram publicadas na primeira semana de março de 2009 – o dia exato das postagens não é divulgado – dentro do fórum de discussão sobre o tema “*Amistad mayores de 60*”. Na verdade, o espaço dos fóruns no portal *Júbilo* é onde, efetivamente, encontramos as evidências da participação dos idosos porque, assim como já argumentamos com relação ao Terceira Idade, é somente nele que as participações se tornam públicas. Sem dúvida, há outros espaços interativos, como os consultórios de dúvidas, que em breve discutiremos, no entanto, as participações ficam entre cada usuário e os emissores. Já no caso dos fóruns, temos a participação de todos publicada, que, sem dúvida, permite a interação entre eles.

Como evidência, temos o diálogo citado entre Rosa Roja del Cairo, Lola e Carmem, que, na verdade, não acontece em tempo real, contudo, está numa parte pública do portal que não exige cadastro prévio para acessar. Assim, qualquer membro dessa comunidade pode enviar um comentário, que é publicado automaticamente, ou, mais especificamente, não passa por moderação. Os comentários podem ser livres ou como respostas para comentários de outras pessoas. Os diálogos que apresentamos, por exemplo, eram de pessoas que respondiam nominalmente às postagens:

Figura 54 - Portal *Júbilo*- página do fórum "*amistad mayores de 60*"



Fonte: elaboração própria. Informações: [www.jubilo.es](http://www.jubilo.es)

A figura 54 é uma das páginas do tema "*amistad mayores de 60*", do fórum de discussões do portal. Como podemos ver, a página está diagramada em uma única coluna, que tem, entre outros elementos, as postagens dos internautas. Cada uma desta traz o nome do usuário (ou codinome, não há como garantir que se trata, em nenhum dos portais, do nome verdadeiro do usuário) e, abaixo dele, uma data pouquíssima precisa, como: há um mês atrás, há dois dias, há duas horas; e ao lado tem-se o recado do internauta.

Eles se apresentam, falam dos seus interesses, compartilham expectativas, falam de solidão e do desejo de fazer amigos. Os fóruns do portal *Júbilo* funcionam como arenas de interação; as pessoas vão renovando a "conversa" a cada novo membro que chega, trocam dados pessoais e, às vezes, até o endereço para estenderem o relacionamento para além da mediação da Internet. A espanhola Concepción, por exemplo, postou, no mês de fevereiro de 2009, no fórum que mencionamos acima, um recado no qual revela a sua busca por novos amigos: "Oi, sou de Madrid, mas vivo na Itália, como vocês compreendem às vezes me dá uma saudade da minha querida Madrid, se alguém de princípios quiser me escrever, lhe dou meu e-mail, fico na espera" (Trad. livre) (PORTAL JÚBILO, 2009).

Existem outros temas no fórum de discussão do portal *Júbilo*, como: saúde, amizades para maiores de 50 e de 60, *hobbies*, dependência, economia e outros. Todavia, a provocação do título desse tópico não foi despropositada, isso porque de todos os temas do fórum os mais movimentados, onde as provocações são muito mais frequentes, são os de fazer amigos. Isso fica flagrante quando entramos na página do fórum porque ao lado de cada tema aparece a data, ainda que não seja muito precisa, da última postagem:

**Figura 55 - Portal *Júbilo* - página "foro"**

The screenshot shows the forum page with two main sections: 'Últimos 5 mensajes' and 'Los foros'. The 'Últimos 5 mensajes' section contains a table with columns for 'Temas', 'Respuestas', 'Lecturas', and 'Últimas entradas'. The 'Los foros' section contains a table with columns for 'Sala', 'Temas', and 'Últimas entradas'. Two callout boxes on the left side of the image point to the first table and the second table, respectively.

Temas	Respuestas	Lecturas	Últimas entradas
SALUD- Cómo combatir la diabetes Por (1069859)	5	169	Hace 19 horas (FABIAN ROZAS LABRA)
Participación social de los mayores en la Internet Por Janara Sousa	5	169	Hace 1 día (Francisco)
Amistad mayores de 50 Por Administrador	38	4879	Hace 2 días (Inma)
Amistad mayores de 60 Por Administrador	160	20340	Hace 2 días (mery)
Amistad- Foro general Por Administrador	19	2234	Hace 3 días ( Maria)

Sala	Temas	Últimas entradas
Participación de los mayores en Internet	1	Hace 1 día
AMISTAD	7	Hace 2 días
AMOR	3	Hace 5 meses
SALUD	2	Hace 1 mes
AFICIONES	6	Hace 3 meses
DEPENDENCIA	1	Hace 5 meses

Fonte: elaboração própria. Informações: [www.jubilo.es](http://www.jubilo.es)

Ao acessarmos o enlace do *foro*, que fica localizado na primeira coluna da página principal, entramos numa página dividida em dois tópicos principais, como podemos comprovar na figura 55, “*temas*” e “*salas*”. Os “*temas*” são precisamente as cinco salas de debates mais movimentadas, que têm as participações mais recentes. Via de regra, todos os temas ligados a amizade são sempre os mais movimentados. Como evidência, na figura 55, capturada no dia 18 de março de 2009, das cinco salas destacadas, três são de amizade, e uma é de saúde.

Algumas dessas salas, como é o caso dos temas de saúde, economia e dependência, trazem um texto de provocação para iniciar o debate. O aspecto que gostaríamos de

ênfatizar desse fórum de debates é que não há moderação, exatamente o contrário do que se passa no portal Terceira Idade, onde os mecanismos de controles são claros e atuantes. Os usuários podem preencher o pequeno quadro de perguntas (nome, correio eletrônico e mensagem) e publicar automaticamente o recado que desejarem. Aliás, além de publicar um recado, os internautas podem criar um novo tema para o fórum, uma empresa simples e rápida, que também não é submetida à moderação. Para nos apresentarmos para os usuários do portal, solicitamos autorização aos produtores, ainda que a rigor não fosse necessário, para criar uma sala de debates, na qual nos apresentamos e propomos uma discussão sobre a participação social dos idosos na Internet:

**Figura 56 - Portal *Júbilo* - página "*participación social de los mayores en la Internet*"**



Fonte: elaboração própria. Informações: [www.jubilo.es](http://www.jubilo.es)

A mensagem que deixamos para nos apresentar teve também como objetivo apresentar o Blog de Campo e provocar a discussão sobre o tema da participação, tanto nesse espaço que o portal nos concedeu, quanto no Blog. Entretanto, como já colocamos no Blog, não encontramos pistas da participação dos idosos. Igualmente, nesse espaço do portal, os idosos espanhóis não deixaram suas contribuições. Apesar disso, podemos afirmar, tranquilamente, que eles acessaram o nosso tema de debate porque os acessos,

ainda que os internautas não ponham nenhuma contribuição, também são contabilizados. No dia 10 de março de 2009, por exemplo, o nosso tema já tinha recebido quase 170 visitas.

Além do fórum, os outros espaços interativos no *Júbilo* são: “*consultorios*”, “*firmas*” e “*sugerencias*”. Como já argumentamos, o que difere esses espaços, do que apresentamos anteriormente, é o fato de que aqui a interação funciona entre cada internauta e os produtores e/ou colaboradores. E isso, indubitavelmente, faz com que os outros usuários não tenham conhecimento dessas trocas, já que elas não são públicas. O espaço dos consultórios é composto por quatro temas: saúde, economia, direito e dependência. Cada um desses temas dá acesso a uma página, na qual há um texto assinado por um especialista, tratando sobre o tema, e uma ferramenta que possibilita e estimula o internauta a fazer uma consulta a esse especialista. Na figura 57, apresentamos a página do “*consultorio económico*”. Nela há uma foto do especialista, uma ferramenta – abaixo do título – para enviar uma consulta e um texto sobre economia:

**Figura 57 - Portal *Júbilo* - enlace "*consultorio económico*"**



Fonte: elaboração própria. Informações: [www.jubilo.es](http://www.jubilo.es)

O enlace “*enviar consulta*”, presente em todas as páginas do consultório, remete o usuário para uma caixa de correio eletrônico onde consta o *e-mail* do especialista. A editoração eletrônica da página dos consultórios segue a mesma linha dos espaços informativos: diagramada em uma coluna, mantém, da identidade visual do portal, a parte superior, e traz, nesse caso, uma ferramenta para aumentar a possibilidade de acessibilidade: aumentar e diminuir o tamanho dos textos.

Os outros dois últimos espaços interativos – “*firmas*” e “*sugerencias*” – são de interação direta com os produtores do portal. No enlace “*firmas*” aparecem as fotos, nomes e *e-mails* dos jornalistas que trabalham para o grupo *Júbilo*. Já na parte das sugestões – “*sugerencias*” – abre-se uma caixa na qual o internauta pode enviar suas considerações sobre o portal para os produtores.

**Figura 58 - Portal *Júbilo* - página “*sugerencias*”**



Fonte: elaboração própria. Informações: [www.jubilo.es](http://www.jubilo.es)

A caixa para enviar as sugestões, como está identificada na figura 58, traz um conjunto de cinco itens para o internauta responder. Os dois primeiros itens são perguntas de múltipla escolha – sim ou não – nos quais é averiguado se o usuário tem dificuldades de navegar pelo portal e se ele tem mais de 50 anos de idade. As outras perguntas são sobre o

correio eletrônico, o número de telefone e, finalmente, o espaço de enviar os comentários aos produtores. A resposta para o comentário é enviada para o *e-mail* que o internauta informou.

Quando selecionamos um portal espanhol para analisar, escolhemos o *Mundo Mayor* e colocamos o *Júbilo* como uma segunda opção, considerando a remota possibilidade de não funcionar o trabalho com essa página *web*. O plano “A” falhou. Depois de dois meses de tentativas fracassadas de estabelecermos comunicação com os produtores do portal *Mundo Mayor*. Além disso, vendo diariamente toda a arquitetura do portal mudar drasticamente e, dramaticamente, perder as pistas que tinham sido seguidas até então. Acionamos o plano “B” entre os meses de dezembro de 2008 e janeiro de 2009. Entramos em contato com a equipe do portal, explicamos a pesquisa, solicitamos o consentimento informado e em pouco tempo já estávamos seguindo as pistas e sendo seguidos pelos produtores e internautas do *Júbilo*.

Certamente, essa mudança de planos nos encurtou o tempo para navegar por todos os mares do portal *Júbilo*, pelo menos, da maneira como gostaríamos. Apesar de que, já tínhamos mapeado sua estrutura e o acessávamos com frequência, assim como fazíamos com outro portal brasileiro o Mais de 50 ([www.maisde50.com.br](http://www.maisde50.com.br)), visto que esse movimento nos auxiliava a compreender as ferramentas e o cotidiano dentro desses ambientes virtuais. E, claro, funcionava como uma maneira de precaução, no caso de alguns de os produtores, de alguns dos portais, desistirem do acordo firmado conosco.

Funcionou assim: complicado com o portal *Mundo Mayor* (nossa primeira opção de trabalho), um pouco mais fácil no caso do *Júbilo*, mesmo que ainda não fosse da mesma maneira que ocorreu no portal brasileiro, onde acreditamos que pudemos construir laços mais fortes. Como já argumentamos no início desse capítulo, foram esses fatores, somados aos aspectos culturais, que determinaram outros contornos para a pesquisa de campo no portal espanhol.

O *Júbilo*, como viemos apresentando, é também um portal complexo. Investe sobremaneira em informações jornalísticas, traz um forte espaço de vendas, aspecto que não é explorado da mesma maneira pelo Terceira Idade. Talvez pela condição de nascimento do *Júbilo* – dentro de um grande grupo de Comunicação – a questão das

vendas dos produtos do próprio grupo e de outras empresas seja colocada de maneira direta, apresentando, inclusive, os preços dos produtos.

O conteúdo do portal, como já argumentamos, nos evidencia que os valores trabalhados vão além daqueles que apresentamos no portal Terceira Idade, como: autonomia, independência, contínua atividade e alegria. O mesmo portal que coloca as dicas de viagens como um dos seus principais serviços, traz também uma calculadora de dependência e uma lista de asilos, que são apontados, pela equipe do portal, como boas opções de residência geriátricas.

A parte dos espaços interativos, no portal *Júbilo*, já não é tão cuidadosa e diversificada quanto no portal Terceira Idade. Por outro lado, é livre, portanto, os comentários são muito mais ricos, freqüentes e diversificados. Como não há moderação, também não há temas sensíveis. Se pode falar sobre tudo nas salas de debates do *Júbilo*. Nos dois portais, há um fato flagrante: os espaços interativos de fazer amizades e buscar encontros são os mais movimentados.

A questão da arquitetura e identidade visual do portal, como vimos no *Júbilo*, é um aspecto que não parece ser privilegiado. Apesar de elementos que inovam e aumentam as chances da acessibilidade, como a presença do Pepe Frias e a possibilidade de poder ouvir praticamente a todas as notícias e reportagens postadas no *site*, os estilos de diagramação das páginas variam, as quais podem confundir o internauta, além de muitos *links* que são embustes, simplesmente não funcionam e não nos dão aviso disso (como os famosos recados: “página em construção”). De acordo com Diego Díaz, coordenador do portal, essas questões foram detectadas e o portal foi todo remodelado. Ainda conforme Díaz, no final do mês de março 2009 estava previsto o lançamento da nova versão do portal *Júbilo*.

## Capítulo VIII

### CAINDO NA REDE

Encerramos esta tese de doutorado promovendo uma reflexão acerca da participação dos idosos nos dois portais de análise, que foram os nossos objetos de pesquisa. Encerrar, assim como começar, nos parece uma tarefa delicada. Começamos porque está na hora de fazê-lo, às vezes já até passou da hora, e só terminamos porque o prazo acabou. Pode parecer estanho essa observação, mas parte da sensação de que começamos imaturos e inseguros e saímos no melhor da “festa”, quando acreditamos que só agora era, de fato, o momento de começar!

Estamos seguros que essa sensação não acomete somente a nós, mas, certamente, à maior parte dos pesquisadores envolvidos numa pesquisa de longa duração. Porém, vemos que no nosso caso esse sentimento de incompletude diz respeito, especialmente, ao trabalho de campo. O campo é intenso e envolvente. Parece que o trabalho aí não acaba nunca porque sempre surge um aspecto diferente, uma pessoa nova, uma informação fundamental que só descobrimos agora. Essa é a sensação que temos ao refletir sobre a investigação realizada nos portais Terceira Idade e *Júbilo*. As novidades nesses ambientes virtuais se multiplicam, talvez pelo caráter efêmero e acelerado do meio de comunicação onde estão alojados. No próprio Blog de Campo fica evidente esse fenômeno, considerando que não raro um novo internauta se apresenta e se propõe a fazer parte da pesquisa. De fato, como disse Latour (2006), o trabalho de investigação só acaba quando termina o prazo que foi estipulado ao pesquisador.

Como já argumentamos, esse estudo nos colocou desafios de ordem teórica e metodológica. Ao iniciar o trabalho etnográfico dos portais, o procedimento metodológico arquitetado para essa etapa, via de regra, se mostrava insuficiente ou pouco eficiente. Mergulhávamos nos portais para conhecê-los melhor e testar maneiras de investigá-los. Um dos principais obstáculos que encontramos foi tentar utilizar um dos instrumentos clássicos da etnografia: a entrevista. Definitivamente, não funcionou. Preparamos um instrumento e passamos a enviá-lo por correio eletrônico para os produtores do portal e

para os idosos. Essa ação foi realizada depois da solicitação do consentimento informado e da publicação do Blog de Campo. Foi mínimo o número de pessoas que responderam a entrevista, aliás, só alguns idosos que freqüentam o Blog se dispuseram a tal empresa – exatamente três internautas. Nenhum dos produtores, tanto do portal brasileiro, quanto do espanhol, respondeu. Descobrimos que o que efetivamente funcionava era as “conversas”, as trocas no Blog, por *e-mail*, telefone ou nos espaços dos portais destinados a isso, como os fóruns. Eram “conversas” rápidas, informais e pontuais, nas quais fazíamos algum comentário ou pergunta e o informante respondia.

Acreditamos que a principal razão desse fenômeno é relativa às próprias características da Internet, discutidas na parte anterior. Além da objetividade das trocas nesse meio, como colocamos no sexto capítulo, há também um caráter lúdico e descontraído que rege a experiência social travada na Internet (MAYANS Y PLANELLS, 2006). A seriedade e formalidade do instrumento pareciam não ser bem aceitos. Quando evidenciávamos o nosso “papel do investigador” e colocávamos um instrumento de pesquisa entre nós e os internautas, a “conversa” silenciava. O pesquisador Mayans y Planells (2006) também se propôs a fazer uma etnografia de ambientes virtuais, especificamente de salas de bate-papo. Ao tentar aplicar um instrumento e fracassar ele chegou à seguinte conclusão:

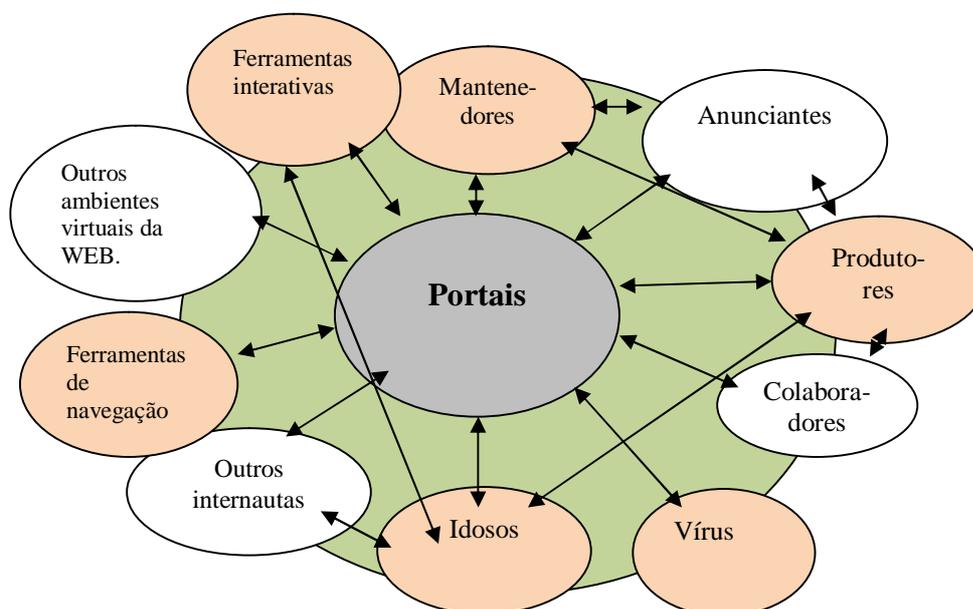
Tanto o questionário como, especialmente, a conversa posterior tinham um alto componente de *zombaria* sobre o próprio papel de usuário e, ainda mais, sobre o meu papel de investigador. As respostas as perguntas, o fato de colocar um questionário entre o usuário e o investigador, de repente, alterava as regras do jogo. O próprio questionário como produto e sua retórica ligeiramente acadêmica marcavam nossa interação como um fato extraordinário, fora do habitual (Trad. livre) (MAYANS Y PLANELLS, 2006, p. 31).

No caso não se tratava de zombarias com o nosso instrumento. Cremos que estava mais relacionado à questão de que as trocas as quais eles estavam acostumados a travar naquele espaço eram bastante distintas. Muitas pessoas, especialmente os produtores, pediam desculpas por ainda não ter respondido a nossa entrevista, alegavam falta de tempo e diziam que em breve o fariam, mas, nunca o fizeram. A nossa opção foi continuar utilizando a doutrina básica etnográfica: observar e participar. As dúvidas e perguntas, tentávamos saná-las gradativamente, quando era possível, fazendo questões pontuais para os informantes. Especialmente, com os idosos, o Blog de Campo nos auxiliou

sobremaneira. Ali, fazíamos as perguntas e a manifestação era livre. Os interessados mandavam suas respostas, quando lhes era conveniente. Como colocamos antes, e, em parte explicado pelas idiossincrasias do meio, não raro recebíamos poesias, crônicas e mensagens de afeto as provocações que publicávamos. Ainda assim, o Blog de Campo foi uma ferramenta que funcionou bem no caso dos internautas brasileiros. Já, no que concerne aos espanhóis, percebemos que essa ação era pouco eficiente.

Portanto, o principal instrumento utilizado para observar as nossas redes sociotécnicas foi, indubitavelmente, a observação participante. Ao mergulharmos nos portais, desenhamos nossas redes e passamos a seguir nossos *actantes* e a tentar ouvi-los, ainda que de forma indireta, acompanhando as conversas nos fóruns. Observávamos as dinâmicas de interação, a relação entre os atores-rede, as políticas e as maneiras de participação dos idosos. À medida que conhecíamos melhor os portais, fomos compreendendo a rede que se formava em torno dele:

**Figura 59 - Rede sociotécnica dos portais Terceira Idade e Júbilo**



Fonte: elaboração própria.

Como se pode comprovar pela figura acima, elementos técnicos e humanos davam possibilidade de existência às nossas redes sociotécnicas. O desenho que esboçamos é, certamente, incompleto e deficiente. As várias setas que ligam os atores-rede talvez não consigam evidenciar que tudo estava ligado. Cada *actante*, que conforme Latour (2005), é,

também, uma rede, se simplificava para formar a rede sociotécnica dos portais sobre e para idosos. Vírus, ferramentas de navegação, ferramentas de interação, produtores, internautas e outros compunham as redes dos portais que analisamos. Certamente há outros atores-rede que não mapeamos, entretanto apontamos os que nos auxiliavam mais objetivamente a compreender a dinâmica de participação dos idosos nesses ambientes. Nada obstante esses atores estarem presentes nas duas redes sociotécnicas que trabalhamos, não resta dúvida que em cada um dos portais – Terceira Idade e *Júbilo* – os *actantes* agiam, muitas vezes, de maneiras diferentes. No caso do portal *Júbilo*, por exemplo, a importância e o papel dos anunciantes eram muito mais destacados.

Para tornar mais claro o funcionamento de cada uma dessas redes e tentar evidenciar o processo do protagonismo idoso dentre delas, nos cabe agora discuti-las separadamente e aprofundadamente. Com objetivo de tornar mais compreensível o desenvolvimento dessa parte da pesquisa, trabalhamos a análise tentando seguir o caminho que construímos ao identificar os indicadores. Nesse sentido, na medida do possível, resgatamos cada um deles para discuti-los nos contextos específicos. Porém, como já observamos no primeiro capítulo desta tese, os indicadores e as variáveis, construídos a partir do suporte teórico, foram eleitos para facilitar a análise e não para aprisioná-la. Eles são os balizadores criados para possibilitar o trânsito no trabalho de campo e guiar o olhar para a pergunta-problema. Assim colocado, muitas vezes foi preciso ir além deles, outras nem foi possível fazer a aproximação como gostaríamos. Isso porque trabalhamos com duas redes e, certamente, a realidade não se apresenta igual para elas. Portanto, na análise dos portais, que apresentamos abaixo, tentamos respeitar e ressaltar as principais características de cada uma, mesmo que isso, às vezes, implique em escapar do quadro de análise arquitetado nos procedimentos metodológicos.

## **8.1 – PRIMEIRO ATO: PORTAL TERCEIRA IDADE**

Desde o que escolhemos, a partir dos filtros apresentados no primeiro capítulo, o trabalho funcionou muito bem, visto que os atores sociais envolvidos aceitaram o consentimento informado e efetivamente, na medida das suas possibilidades, se dispuseram a incorporar esse trabalho de pesquisa.

O primeiro desafio para realizar o estudo etnográfico no Terceira Idade foi, como colocamos no tópico anterior, relativo a aspectos que consideramos características do próprio meio e, portanto, foram desafios vividos na análise dos dois portais, como a questão das entrevistas, do caráter lúdico e informal das comunicações, do posicionamento freqüentemente reativo e do modo, via de regra, muito sintético de responder às perguntas.

No caso do portal Terceira Idade, o Blog de Campo foi, sem dúvida, a ferramenta metodológica que mais nos auxiliou na aproximação com os internautas. A primeira proposta do Blog era ser um referente permanente. Com o tempo e a adesão dos idosos, percebemos que, além disso, ele era o mecanismo de construção e fortalecimento dos laços com os nossos informantes. Surpreendendo ainda mais expectativas, o Blog também se transformou em uma arena de discussões sobre a questão da participação deles no portal. Sem dúvida, essa arena deve ser observada com cautela, tendo em vista que o debate era, conforme já viemos considerando sobre a participação dos idosos nesses ambientes, lúdica, pontual, informal e, além disso, persistia outro aspecto interessante: as respostas às provocações só aconteciam no tempo que eles queriam, já que recebíamos comentários a *posts* enviados a mais de trinta dias. Ou seja, como tudo ficava registrado no Blog, os internautas iam se manifestando quando desejassem e sobre o assunto que lhes interessasse mais porque todos os *posts* ficam sempre disponíveis.

O Blog funcionou bem para facilitar as trocas com os idosos, que também eram realizadas via correio eletrônico, já com os produtores do portal Terceira Idade – Tony Bernstein e Karol Bernstein – esse processo era feito especificamente mediante correio eletrônico e chamadas telefônicas.

Além destas trocas, certamente, estávamos sempre presente observando os espaços públicos interativos do Terceira Idade: “mural de trocas”, “mural de receitas”, “espaço livre” e “mural de amizades”. A partir de agora, para tornar mais eficiente e organizada essa análise, discutiremos separadamente os indicadores escolhidas para tal empresa:

### **8.1.1. A REDE DA REDE**

O primeiro indicador que elegemos para compreender a rede dos portais nos permite identificar os atores humanos e as organizações que compõe essa rede. Produtores, mantenedores e usuários, certamente, não são os únicos atores dessa rede sociotécnica,

todavia foram os que mapeamos e julgamos capazes de explicar, pelo menos em parte, a rede que se desvendava diante dos nossos olhos. A identificação dos atores sociais e técnicos é uma prerrogativa da teoria Ator- Rede; ainda que evitemos cair em distinções, *a priori* a tarefa de apontar esses atores é fundamental.

As três categorias sociais básicas, eleitas no primeiro capítulo, foram encontradas no portal Terceira Idade: produtores, mantenedores e usuários. O mantenedor do portal, como consta no capítulo anterior, é a organização não-governamental Associação Cultural Cidadão Brasil (<http://www.cidadaobrasil.org.br/>), que foi criada no de 1984 e se dedica à disseminação da cultura e da informação. De acordo com informações disponíveis no Terceira Idade, desde o ano de 2006 as ações dessa Organização utilizam a Internet como ferramenta principal.

Sem dúvida, não é surpresa encontrar uma organização não-governamental sustentando um portal voltado para os idosos. Isso porque, como foi discutido no capítulo sobre a terceira idade no Brasil, as iniciativas da sociedade civil nessa área datam de algum tempo atrás, especialmente da década de 80, e reforçaram e reforçam os valores da terceira idade. Essas ações são aquelas que Debert (2004) chama de programas de terceira idade, que são desenvolvidos por órgãos governamentais, empresas privadas, organizações não-governamentais, associações de bairros e outros. São exatamente essas associações que, ao contrário do movimento dos aposentados, combatem os estereótipos do velho pobre e solitário, por meio da construção de uma identidade positiva sobre o idoso, visto como um indivíduo que ainda tem muito que viver e desfrutar a vida. Reforçamos a idéia que a identidade reclamada aqui não é a do aposentado é a do idoso.

Seguramente, esse contexto de o portal Terceira Idade ser mantido por uma organização não-governamental já molda sobremaneira as dinâmicas, os conteúdos e o debate nessa comunidade. Na verdade, isso orienta até o perfil de usuário que transita nesse espaço. As pistas que mapeamos em vários momentos do capítulo anterior, nos deixa claro que, de fato, os valores reforçados no portal são de contínua atividade, de alegria, de encontros, de continuar aprendendo e vivendo, enfim, de satisfação pessoal e luta pelos direitos culturais.

O próprio nome do portal, variável que não apontamos, mas que emerge como fator importante nessa análise, já é uma evidência desse nosso argumento. Portal Terceira Idade: o nome, como argumentamos no capítulos das descrições, é uma pista consistente do que

vamos encontrar nessa comunidade virtual. A relação que ele faz é direta. O nome do portal é o próprio nome da nova categorial social que reúne os idosos. Deixa clara a sua vocação para um tipo específico de associativismo idoso que são os programas de terceira idade.

Os produtores do portal são, na verdade, duas pessoas: Tony Bernstein, coordenadora geral, e Karol Bernstein, coordenador de *webdesign* – os irmãos que compõem a equipe fixa de produtores do portal. As outras pessoas que em outro momento apontamos como colaboradores não são produtores do portal e suas contribuições são pontuais e esporádicas. Ao passo que os irmãos Bernstein são responsáveis, de fato, pela manutenção do portal, como: alimentar o conteúdo, construir as políticas de participação e aprimorar o aparato técnico que intermedia as interações travadas nesse espaço virtual.

Um aspecto interessante a ser ressaltado sobre os produtores é a formação acadêmica deles. A coordenadora Tony Bernstein é jornalista e pedagoga e Karol Bernstein é publicitário. Isso pode ser um dos fatores que explica a forte orientação jornalística do conteúdo do Terceira Idade. Discutiremos esse aspecto mais a frente, no item das temáticas, mas vale adiantar que o portal Terceira Idade investe fortemente num tipo de jornalismo, conhecido como Jornalismo de Serviços. Embora, a formação dos produtores evidencie a abordagem temática realizada, não se resume como única explicação. O fato de o veículo de comunicação ser um portal, como foi argumentado, também orienta para que o conteúdo informativo especializado seja fortalecido.

Outro aspecto importante que salta aos olhos é o tamanho da equipe. Sem dúvida, para suportar a complexidade de serviços e informações de um portal temático, esperávamos uma equipe maior. No entanto, percebemos que, por meio causa das conversas que tivemos com os produtores, a questão dos recursos financeiros é uma pauta importante no dia a dia do portal Terceira Idade. A política de sustentabilidade do portal funciona a partir das parcerias realizadas, visto que não há recursos permanentes da Associação Cultural Cidadão Brasil para esse projeto. Portanto, a busca de parceiros é uma ação fundamental para manutenção do Terceira Idade.

A equipe enxuta também nos traz pista do funcionamento da rotina de atualizações do portal, a qual, indubitavelmente, é adaptada às condições de trabalho. E, de certa forma, explica o fato de a página principal às vezes demorar até quinze dias para sofrer alguma alteração. Isso se revela como uma situação atípica, considerando que umas das

características da Internet, já discutidas, é exatamente a capacidade de trazer novidades, de ser dinâmica, de ofertar um grande volume de informações e, enfim, de noticiar e discutir os fatos em tempo real.

Por fim, a última categoria social que mapeamos no portal foram os usuários. Tony Bernstein (2009) afirmou que o portal Terceira Idade conta hoje com mais de cinco milhões de usuários cadastrados. Uma meta incrível que evidencia que não há somente pessoas com 60 anos ou mais cadastradas nessa comunidade, considerando que, conforme dados da Fundação Perseu Abramo (2007), somente 4% da população idosa brasileira tem acesso freqüente à Internet, o que equivale a pouco mais de 800 mil pessoas. Esse universo de pessoas cadastradas é resultado da primeira parceria, com a prefeitura de São Paulo, que, efetivamente, deu condições de existência para o portal (PORTAL TERCEIRA IDADE, 2009). Essa parceira fazia com que nos telecentros do município de São Paulo abrissem, como página principal, o Terceira Idade. Era uma iniciativa para auxiliar a inclusão digital dos idosos. Possivelmente, essa ação deu condições para que os mais diversos freqüentadores dos telecentros se cadastrassem no portal. Portanto, quando falamos dos usuários cadastrados não estamos nos referindo, necessariamente, ao público-alvo específico do portal.

Sem dúvida, como se trata de um portal temático, supõe-se que somente as pessoas interessadas no tema freqüentem esse ambiente. O principal assunto do portal, sem sombra de dúvidas, é terceira idade. Mais uma vez, o nome é uma pista contundente. No entanto, é claro que muito mais pessoas, além dos próprios idosos, têm interesse nessa temática. Especialistas, familiares, curiosos, enfim, várias pessoas podem ter interesse sobre o assunto. Contudo, identificamos que o portal Terceira Idade fala para um ator social específico: o idoso.

Diversas pistas que encontramos nesse portal, e que registramos na descrição dele, nos levam a crer que o portal direciona seu conteúdo, serviços e atividades para as pessoas com 60 anos ou mais de idade. Como evidência, tem-se o conteúdo informativo (textos e fotografias), o qual é voltado para os interesses dos idosos, e os serviços, como a agenda de eventos, por exemplo, que pauta para acontecimentos destinados a esse grupo etário. Além disso, com uma das provas mais factíveis, que nos dizem quem, de fato, participa e interage no portal, temos as informações colocadas nos espaços interativos, as quais nos deixam claro que o portal tem uma orientação, no que tange ao grupo etário, e uma

participação que se afina com ela. Nos espaços interativos os internautas revelam seus interesses, perfil, preferência e, de uma maneira geral, salvo algumas exceções, trata-se de pessoas idosas.

Usuários, mantenedores e produtores, cremos que mapeamos até aqui os principais elementos humanos da nossa rede do portal da Terceira Idade. Porém, como foi argumentado, o nosso trabalho etnográfico é simétrico. Portanto, nos cabe também identificar e compreender os elementos não-humanos que compõem a nossa rede.

### **8.1.2. PORTAL TEMÁTICO**

Ao longo do texto desta pesquisa, viemos reforçando o nosso interesse por compreender o papel da técnica. Discutimos teoricamente e relembramos reiteradamente que não seria coerente analisar uma comunidade visivelmente construída ao redor de um artefato e não considerar a importância deste. Mesmo assim, precisamos reconhecer que não é tarefa fácil ser fiel a essa proposta. Isto porque enfrentar a discussão teórica é, com certeza, muito mais fácil do que de fato trazer esses aspectos para análise. Não admira que os trabalhos na área da Comunicação e da Sociologia, apesar dos esforços no que concerne à discussão teórica, não consigam fortalecer os procedimentos metodológicos que, de fato, enfrentem a compreensão do papel da tecnologia nas interações mediadas pelos meios de comunicação. A dificuldade está no olhar pautado, treinado e direcionado para “enxergar” somente os humanos. O exercício, portanto, é, sobretudo, reeducar o olhar. O laboratório é este!

Como definimos no primeiro capítulo dessa tese, o objetivo do indicador “portal temático” é mapear e compreender melhor o aspecto técnico e de conteúdos e serviços dos portais. Deste modo, apontamos variáveis ligadas à usabilidade objetiva da página principal do portal, que nos auxiliam a compreender alguns aspectos técnicos das páginas *webs*, e outros relacionados aos temas, às oportunidades de participação e às rotinas de funcionamento dos nossos espaços virtuais de análise. Assim colocado, a partir de agora tentaremos analisar o portal Terceira Idade sob esses aspectos.

Em primeiro lugar, discutiremos a usabilidade objetiva do Terceira Idade. Esse conceito, problematizado por Hassan Montero (2006), que diz respeito à experiência objetiva do internauta diante do desenho de um sítio *web*, é a capacidade deste de ser

funcional e provocar intenção de uso. Conforme o autor, para atribuir a um *site* essas qualidades, é preciso verificar os “fatores higiênicos” que, se funcionam, não frustram o usuário e podem contribuir para a “fidelização” dele, como: acessibilidade, funcionalidade e encontrabilidade. A usabilidade objetiva é, conseqüentemente, a capacidade de uma página da Internet de reunir esses três fatores higiênicos. Analisaremos, a partir de agora, cada um desses aspectos para avaliarmos a capacidade do Terceira Idade ser um portal funcional.

Sob o ponto de vista da acessibilidade, diríamos que o portal Terceira Idade é acessível. Na verdade, de acordo com Hassan Montero (2006), a questão da acessibilidade deve ser avaliada tendo em vista o perfil de usuário que o portal espera e se prepara para receber. Nesse sentido, é preciso que os produtores e mantenedores conheçam bem o perfil dos usuários para que suas páginas ofereçam formatos que facilitem a navegação. Nesse sentido, acreditamos que a arquitetura do portal é voltada para atender aos idosos, isto porque investe em várias imagens, textos curtos, valoriza a presença da mascote e destaca títulos e informações importantes. Porém, sem dúvida, as circunstâncias não são as ideais. Por se tratar de um portal da Internet, é mais fácil realizar a convergência de diversas plataformas mediáticas. Assim colocado, seria razoável que o Terceira Idade disponibilizasse parte dos seus conteúdos nos formatos audiovisuais. Isto porque é necessário considerar algumas limitações que os idosos podem ter, como dificuldade ou mesmo a incapacidade de leitura. O portal também não conta com recursos, os quais, atualmente, estão bastante comuns na rede, como programas que disponibilizam em áudio todo o conteúdo informativo do portal. Ao que parece a questão de afinar mais os recursos de acessibilidade ao público-alvo do portal ainda não foi uma preocupação da equipe do portal, o que se revela como uma contradição.

Do ponto de vista da funcionalidade, percebemos que os esforços para tornar o portal Terceira Idade útil são mais intensos do que os de torná-lo acessível. Essa página abre-se com facilidade a partir dos mais diversos navegadores, como: *Mozilla Firefox*, *Internet Explorer* e *Google Chrome*. Além disso, a página principal não demora para carregar, o qual, sem dúvida, pode contribuir para que o internauta não se desmotive em participar das atividades do portal. As informações sobre os serviços e atividades do portal são repetidas diversas vezes, tanto na página principal, quanto nos outros espaços desse ambiente virtual, estratégia importante utilizada para facilitar o uso deles pelos usuários.

Palacios Ramos (2007) coloca também que outra condição importante no que se refere à funcionalidade de uma página *web*: é a questão no controle dos *links* com problemas, ou seja, evitar aquelas “falsas promessas” de colocar um enlace que não funciona. No Terceira Idade não detectamos esse problema. Não obstante, encontramos alguns serviços, como o *chat* que nunca funcionou desde o período que começamos a acessar o portal (julho de 2007). Sempre carrega uma página que avisa que o serviço está em construção, porém essa construção já leva quase dois anos.

Por último, a questão da encontrabilidade que é o resultado de uma correta arquitetura (HASSAN MONTERO, 2006; PALACIOS RAMOS, 2007) é um aspecto bastante trabalhado pelo Terceira Idade. Isso, de fato, já era de esperar. A encontrabilidade diz respeito à facilidade de se encontrar o que se deseja numa página *web*. Os portais são geralmente mais atenciosos a esse aspecto considerando o grande volume de informações que disponibilizam. Como colocamos antes, uma das principais características dos portais é categorizar informações. O Terceira Idade também se esforça nesse sentido, já que traz poucas categorias e as repete em vários espaços e várias maneiras, conforme enumeramos no capítulo anterior. Seguramente, trata-se de uma estratégia para facilitar a navegação. Entretanto, o serviço de busca interna do portal, fundamental para facilitar o encontro das informações que se procura nessa página, não está funcionando. Na verdade, desde começamos a acessar o portal, esse serviço jamais funcionou. Sem dúvida, isso causa diversos problemas aos usuários que buscam informações que já foram arquivadas. Embora haja a opção de seguir as “migalhas de pão” (ferramentas de localização) até chegar aos textos anteriormente publicados, esse é um caminho muito mais demorado e complicado.

Certamente, defendemos que, nos critérios colocados por Hassan Montero (2006), o Terceira Idade reúne os aspectos higiênicos capaz de lhe conceder o rótulo de portal funcional. Ou seja, essa página *web* é objetivamente útil, ainda que tenhamos apontados questões que, em alguns momentos, dificultam a navegação.

Outros aspectos que valem a pena ser comentados e que se referem ainda às questões técnicas, são os relativos à identidade visual do portal. A primeira página desse ambiente visual traz os principais elementos que definem a identidade dele. Todas as outras portas que se abrem dentro do Terceira Idade trazem os inconfundíveis elementos da página principal e variam, via de regra, somente os elementos da coluna do meio e, com menos

frequência, da terceira coluna. As cores ousadas, às vezes fortes, e os elementos animados da página, como enlaces que piscam ou mudam de cor, dão um aspecto leve e alegre para o portal. As imagens também reforçam essa impressão, tendo em vista que no Terceira Idade praticamente todos os textos, sejam as pequenas postagens da páginas principal ou as páginas que abrem o texto na íntegas, são ilustrados. Essas imagens, geralmente, são manipuladas com a clara pretensão de deixá-las mais divertidas.

Além desses aspectos, vale ressaltar outros. Ao abrir a página do Terceira Idade, por exemplo, identificamos, logo na parte superior da coluna do meio, sem dúvida um local de destaque, o desenho de duas pessoas idosas que parecem dançar. Ou seja, essa é mais uma pista que o portal é voltado para os idosos e trabalha com os valores ligados à terceira idade.

Todos esses elementos, tanto da arquitetura quanto do *layout*, proporcionam uma navegação relativamente simples. Todavia, vale lembrar a primeira impressão que tivemos ao acessar o portal Terceira Idade: foi assustador. Isto porque a primeira página nos dá idéia da complexidade dessa comunidade virtual. Ela é longa (“rola” aproximadamente quatro vezes) – de uma maneira geral, os *sites* da Internet evitam serem longos para não confundir o internauta com um volume muito grande de informação –, colorida e cheia de ícones animados. O volume de informações e de chamadas é muito grande e estão todos reclamando a atenção na página principal. Isso confere uma impressão de caoticidade e, ao mesmo tempo, de diferentes e envolventes universos que precisam ser desbravados.

E que tanta informação é essa que o Terceira Idade apresenta? Bom, as temáticas principais desse portal, como já de se esperar, versam sobre os conteúdos da identidade positiva do idoso. Viagens, sexualidade ativa, esportes, saúde, arte e cultura são, indubitavelmente, os temas mais recorrentes do portal. A orientação dos conteúdos, via de regra, busca valorizar aspectos que reforcem a auto-estima deste grupo etário. Por exemplo, quando o tema é saúde, ele é tratado sempre de maneira preventiva. Os textos trazem sempre dicas do que fazer para “melhorar a vida” ou para evitar que esta se complique ou se entristeça. Conteúdos como direitos, legislação, denúncias e as condições de vida que os idosos enfrentam no Brasil e outros dessa natureza nunca ou quase nunca são discutidos nesse ambiente virtual.

Há um aspecto interessante que nos chama atenção e que vale a pena discuti-lo um pouco. Trata-se da questão do jornalismo no portal. Este assunto não era o nosso foco, porém encontramos evidências de maneira tão forte e marcante, que acreditamos ser importante destacá-las. Simplesmente, é tão clara a orientação jornalística que não podemos nos furtar a tecer alguns comentários. Sabemos que incorremos num risco, já que não incluímos esse aspecto nos capítulos teóricos, porém o risco de nos fecharmos no nosso plano original e fingirmos que não encontramos o que para nós era inesperado é maior ainda.

A maior parte do conteúdo do Portal é jornalístico. Isto porque valoriza a atualidade, objetividade, periodicidade e universalidade e traz os elementos da narrativa jornalística, como *lead* (primeiro parágrafo do texto), título e *sutiã* (espécie de subtítulo). Porém, esse jornalismo, como foi apontado no capítulo anterior, é conhecido como Jornalismo de Serviços, visto que enfatiza a utilidade pública:

Esse tipo de jornalismo encaixa-se numa perspectiva teleológica construída pelo neoliberalismo, onde o consumo é elevado à condição de categoria suprema, da dignidade, da cidadania. Propõe-se a constituir uma sociedade só de consumidores, negando que o consumo tem outra ponta, que é o trabalho (OLIVEIRA, 1999, p. 48).

O que Oliveira (1999) problematiza é que a questão do foco nos serviços afasta-se do jornalismo tradicional, na medida em que evita a polêmica e a tensão, e aproxima-se da publicidade, no sentido de que o consumo é o alvo a ser atingido. De acordo com o autor, até as estratégias lingüísticas do Jornalismo de Serviços são diferenciadas, tendo em vista que ela se aproxima da linguagem publicitária e se coloca ao sabor das demandas de mercado (OLIVEIRA, 1999).

Sem dúvida, o conteúdo informativo do portal Terceira Idade segue a linha do Jornalismo de Serviços. Abandona a tensão, a multiplicidade de fontes, o confronto e lança mão de um discurso mais suave, que valoriza os aspectos positivos do envelhecimento e dá uma série de dicas do que fazer, o que consumir, aonde ir, enfim, informações de utilidade pública. Entretanto, seria precipitado presumir que o Terceira Idade é um espaço destinado a compras. Ao contrário do portal *Júbilo*, não há anúncios de vendas tão evidentes. O que há são as logomarcas dos parceiros e colaboradores que, certamente, têm seus produtos à venda nas suas próprias páginas. Cremos que o que está à venda é um estilo de vida. O estilo de vida no “novo velho”, aqueles que já comentamos aqui, de alegria, de atividade e,

também, de consumo de produtos, de idéias, de comportamentos adaptados a essa nova categoria social. Leibing (2005) coloca que o consumo é um dos valores importantes defendidos por esse grupo etário. Tão importante quanto a independência, o empoderamento e a diversão. A orientação editorial do portal Terceira Idade é, seguramente, a venda desses valores. Exclui-se a polêmica e reforça-se o discurso positivo sobre a terceira idade.

Finalmente, as outras variáveis desse indicador – serviços interativos e rotinas de funcionamento – são, na verdade, híbridas já que pertencem ao indicador “portal temático” e, também, já nos auxiliam a compreender o nosso último “participação”. Ambas têm um caráter técnico e também estão ligadas à participação dos idosos nos ambientes virtuais.

A questão dos serviços interativos é, sem dúvida, o espaço onde podemos “ver” a participação dos idosos no portal. Pode existir outros lugares onde haja participação? Certamente, mesmo que tímida e esporádica. Porém, a essa participação e a toda aquela realizada exclusivamente entre os internautas e os produtores (como *e-mails* com sugestões e críticas), não temos acesso. Os serviços interativos que nos interessa, especialmente, mapear são os que deixam as participações públicas, que são de caráter público, porque a interceptação de informações de caráter privado, além de não ser importante para pesquisa, poderia caracterizar crime de invasão de privacidade.

Nesse sentido, podemos afirmar que os espaços interativos do Terceira Idade podem ser divididos em dois grandes grupos: públicos e privados. Os espaços interativos de caráter privado são, portanto, os que somente o internauta e, às vezes, os produtores conhecem qual foi a ação e/ou o conteúdo da participação. Esse é o caso dos espaços, que descrevemos anteriormente, como: “fale conosco”, “enquete”, “cadastre-se no portal” e outros.

Os espaços interativos de caráter público, nos quais, de fato, podemos saber qual foi o conteúdo e/ou a ação que nos interessa são, efetivamente, os quatro já descritos: “mural de receitas”, “mural de trocas”, “espaço livre” e “mural de amigos”. Na verdade, esses quatro ambientes têm em comum a mesma ferramenta de participação: o fórum. Os fóruns da Internet são locais de debate, normalmente, a partir de temas específicos. Os interessados entram no fórum e postam uma mensagem para todo o grupo ou para alguém específico, em qualquer um dos casos, a mensagem fica visível para todos que acessam esse espaço de debate. Outra característica importante do fórum, que o difere das salas de

bate-papo, é que o debate não é em tempo real. Isto é, o procedimento de postar uma mensagem é mais trabalhoso, já que se preenche um pequeno cadastro e depois se envia o que deseja. Além disso, geralmente, as postagens “esperam” aprovação de um moderador.

Já o que diferencia esses quatro espaços interativos entre si são as orientações, as perguntas do debate. Cada um enfatiza um tema diferente, como amor, receitas e troca, venda e aluguel de produtos e serviços. Mas, o fato é que o usuário, para participar de qualquer um deles, se submete ao mesmo processo.

O que está evidente, é que o portal utiliza uma única plataforma para oportunizar a participação dos idosos, ainda que elas tenham temáticas diferentes. Existem outras maneiras de permitir esse tipo de participação, como: *chats*, blogs e fotologs, os quais essa rede poderia lançar mão. Na página principal do portal há uma chamada para salas de bate-papo, no entanto elas nunca entraram em funcionamento.

Por último, a nossa derradeira variável nos conduziu a investigar as rotinas de funcionamento do Terceira Idade. A primeira página do portal é, certamente, a mais significativa para compreendermos a dinâmica da comunidade virtual. Como estratégia para “fidelizar” os usuários, os produtores variam a primeira página com frequência para indicar a incidência de notícias e serviços novos. O caso do portal Terceira Idade não é diferente. A página principal é a que sofre mais alterações, ainda que o tempo entre elas seja muito além do que os *sites* costumam fazer. Isto porque, geralmente, as alterações nesse espaço acontecem, muitas vezes, num lapso de tempo maior que dez dias.

De modo geral, o que, de fato, sofre atualização freqüente é o conteúdo informativo. Os outros espaços, como já colocamos, tardam muito mais a sofrer algum tipo de alteração. A primeira coluna da página principal, por exemplo, raramente sofre algum tipo de alteração. O conteúdo informativo, especialmente as notícias que ocupam a coluna do meio da página principal muda, praticamente, de quinze em quinze dias. O espaço de serviços, como a agenda de eventos e de cursos, também sofre alterações, as quais são realizadas, geralmente, uma vez ao mês.

Além das notícias, os serviços interativos, cujas participações são públicas, também tendem a se utilizar com freqüência, isto porque os internautas postam suas participações. Apesar disso, essas modificações são ainda menos freqüentes que o espaço das notícias. Entre outros fatores, acreditamos que o fato da mediação do portal demorar muito pode ser um fator de desestímulo para a participação. Boracho (2009) afirmou que não se motiva a

contribuir no Terceira Idade porque as postagens tardam muito a serem publicadas, apesar de ressaltar que, mesmo nesses termos, o portal dá oportunidade para os idosos participarem. Sobre como a participação acontece, vale agora nos atermos o nosso terceiro e último indicador de análise “participação”.

### **8.1.3. PARTICIPAÇÃO**

Para trabalhar com esse indicador, nós propusemos duas variáveis (ver primeiro capítulo): tipos de participação e níveis de participação. Acreditamos que, no capítulo anterior, foi possível apresentar claramente as maneiras que os internautas podem participar no portal. Ao mergulharmos no universo dos ambientes virtuais, descobrimos que há, de modo geral, dois caminhos possíveis de participação: os públicos e os privados. Esses últimos são sigilosos e realizados, comumente, por meio de correio eletrônico ou de mecanismos similares (como as ferramentas de enviar sugestões e críticas, alojadas dentro do próprio portal), nos quais os usuários podem enviar suas contribuições diretamente para os produtores. É importante destacar que existe esse modo de participar, apesar de não termos nos detido na avaliação destes por óbvios motivos, como os éticos e legais.

A segunda maneira de participar no Terceira Idade – e nos portais de maneira geral – é a pública, na qual a contribuição do autor – seja um texto, vídeo, áudio – fica armazenada nas áreas públicas do portal e, conseqüentemente, acessível a qualquer outro usuário. Esse foi precisamente o modo de participação que nos interessou. O Terceira Idade, como já foi apresentado, tem quatro espaços públicos de participação/interação: “mural de amizades”, “mural de receitas”, “espaço livre” e “mural de trocas”.

Na verdade, a despeito da aparente diversidade, trata-se da mesma ferramenta de participação – fórum –, porém ela é orientada por temáticas diferentes. Isto porque o internauta publica o seu comentário que passa por uma mediação para depois estar disponível publicamente. Assim colocado, ao acessarmos esses espaços de participação, percebemos que todos os comentários são armazenados numa lista, que vai da postagem mais recente à mais antiga, e que ao lado dos comentários há algumas informações fundamentais sobre os autores – como nome e direção eletrônica. Normalmente, nessas áreas do portal, a contribuição que se pode enviar deve ser em forma de texto, salvo no “espaço livre” e no “mural de receitas”, onde se pode ilustrar o texto com imagens. Em

nenhuma delas é permitido postar arquivos de voz ou vídeo. E, como já está claro, os ambientes de participação do portal não possibilitam que esta seja realizada em tempo real, já que o processo de mediação faz com que as postagens não sejam publicadas automaticamente. Ao contrário do *chat*, por exemplo, o fórum não é marcado por sua dinamicidade e possibilidade de facilitar “conversas” entre os usuários. As trocas nessa ferramenta são muito mais lentas. No caso do Terceira Idade, isso é ainda mais verdadeiro, considerando que, como foi comentado anteriormente, o processo de mediação leva, às vezes, mais de uma semana. Desse modo, a contribuição de um determinado autor, a qual poderia ser resposta a outros, é colocada numa lista de espera para ser publicada, o que pode quebrar o ritmo do debate – esse lapso de tempo pode, inclusive, desestimular a troca em função da espera. Todavia, é preciso observar que tal informação sobre o tempo de espera foi obtida por meio dos internautas, já que nos fóruns não há dados de quando a contribuição foi enviada, somente da data da publicação.

Como evidência, Sebastião Boracho (2009) e Emília Silva (2009), idosos que navegam no portal Terceira Idade com certa frequência, apontam que a demora da publicação dos textos enviados é um dos fatores de desestímulo a postagem de mais contribuições: “(...) enviei um texto, mas, levou tanto tempo pra ser publicado que achei que não valia a pena. Na época recebi alguns e-mails pedindo desculpas pelo tempo que passou e só” (EMÍLIA SILVA, 2009).

A mediação é feita pelos próprios produtores do portal a partir de políticas específicas, apontadas anteriormente, como: não anunciar produtos à venda, não citar “palavrões” ou insultos no texto da contribuição, não tratar de política e outros temas. Essas normas de publicação não foram criadas com a colaboração dos usuários e tampouco eles integram o grupo de mediadores. A despeito disso, a prática de colocar os próprios usuários como mediadores já é bastante comum na Internet (os internautas cadastrados e mais frequentes recebem a tarefa de auxiliar no processo de mediação. Assim, grupos de mediadores são formados e se mesclam acelerando e legitimando o processo de participação).

O controle dos produtores sobre a mediação faz com que não tenhamos uma noção precisa de quantas participações são, de fato, rejeitadas e o tempo médio de espera. Ao observar as datas das contribuições mais recentes, percebemos que o “mural de amigos” é o que está mais atualizado, considerando que a última postagem dele data de 30 de

janeiro de 2009. Depois dele, o “mural de receitas” é o mais atualizado, porém as atualizações foram receitas de pratos de fim de ano que os próprios produtores do portal publicaram. É evidente, portanto, que a questão das atualizações é um desafio para os produtores e mantenedores do portal Terceira Idade, considerando que, não só os espaços interativos, quanto a página principal do portal, tardam a ser atualizadas. Isso, certamente, é uma questão delicada em se tratando dos valores e das idiossincrasias do meio, visto que a novidade, a rapidez e a efemeridade são, como já discutimos, características importantes da Internet.

Ainda sobre a questão das atualizações, vale ressaltar um fato que aconteceu com o portal no mês de fevereiro. Ao perceber que elas estavam tardando muito mais do que o habitual – aproximadamente quinze dias, no que se refere à página principal – decidimos enviar um *e-mail* para obter informações. A resposta do produtor Karol Bernstein foi que o sistema do Portal havia sido atacado por um vírus e que eles estavam há quase uma semana sem poder fazer qualquer alteração nos conteúdos:

Aqui quem está respondendo é o Karol, irmão da Tony. É que estamos sem poder ver emails desde domingo... pegamos um vírus pesado, que se espalhou pela rede da Associação...Estou usando um micro de uma amiga, enquanto o técnico está consertando e tentando eliminar o vírus. Por isso, estamos demorando para ver, e responder os e-mails (KAROL BERNSTEIN, 2009).

O vírus não “colaborou” e o portal ficou sem atualizações por mais de quinze dias. Sem dúvida, isso, em parte, explica o fato do espaço interativo “mural de amigos” estar desatualizado (observamos os espaços interativos até, aproximadamente, a segunda semana de abril), já que, desde o supracitado ataque, os produtores tentam recuperar os danos causados pelo vírus. O que fica evidente é que o fato inesperado alterou profundamente a rotina dessa comunidade, considerando que, nem os produtores, nem os internautas, conseguiam agir nessa rede.

Assim, o primeiro aspecto importante que gostaríamos de salientar sobre a participação pública dos idosos nesse portal é de que, como já comentamos, apesar da aparente variedade, existe efetivamente uma única ferramenta que possibilita essa ação: os fóruns. Apesar das alternativas, amplamente utilizadas na rede mundial de computadores, como os *chats*, *newsgroups*, blogs e outros, o Terceira Idade trabalha com uma única lógica de participação pública.

Além desse aspecto, existem mais três importantes, os quais gostaríamos de mencionar. O segundo é relativo ao acesso aos espaços interativos. Como colocamos no capítulo anterior, as pistas para encontrá-los estão claras e destacadas na página principal do Portal. Na verdade, há inclusive uma redundância dessa informação, o que é um fato importante para que os usuários tenham facilidade de visualizá-la na página principal. Além disso, o acesso à participação também é facilitado. Para enviar contribuições aos espaços interativos públicos não é necessário estar cadastrado no portal e tampouco ter de fornecer dados pessoais, como número de documentos. Os únicos dados necessários são: o nome da pessoa e o endereço de *e-mail*. Sem dúvida, essas são estratégias importantes para fomentar a participação nas áreas públicas, já que para tanto é necessário que esta informação seja acessível aos usuários do portal.

O terceiro aspecto trata-se da qualidade, ou seja, do tipo dessa participação. Os quatro espaços interativos dos portais têm, como já comentamos, a mesma lógica de participação, porém eles estão divididos por temáticas. O “mural de amizades”, por exemplo, é o local de encontros, da promoção da interação entre os usuários. Ao entrar nesse enlace, a primeira informação que descobrimos, destacada na coluna do meio, é: “o **Mural de Amizades** é um ótimo lugar para você fazer novos amigos, achar velhos amigos, ou até encontrar a sua cara-metade...” (PORTAL TERCEIRA IDADE, 2009).

Não restam dúvidas que a orientação é para que as pessoas busquem relacionamentos. As participações nesse ambiente não contrariam essa orientação. Homens e mulheres buscam amigos-(as), namorados-(as) e parceiros-(as). A contribuição de Diva Teixeira ilustra bem os tipos de participação no “mural de amizades”: “**QUERO ALGO SÉRIO.** Estou a procura de uma pessoa séria q possa vim morar aki na bahia ou eu posso ir morar com voce ai na sua cidade,que seja aposentado eu tambem sou e tenho um casinha simples” (DIVA TEIXEIRA – PORTAL TERCEIRA IDADE, 2009).

Assim como o “mural de amizades”, os outros espaços também têm suas orientações específicas. No caso do “mural de receitas”, como já colocamos, trata-se de um espaço para publicação de receitas de culinária. O “mural de trocas” é um espaço para divulgação de produtos e serviços e o “espaço livre” é reservado à publicação de textos, como poesias e crônicas. No entanto, o que gostaríamos de argumentar é que, apesar da variedade de orientações, o que fica evidente é o caráter lúdico e informal dessas contribuições.

O pesquisador Mayans y Planells (2006) ao fazer seu estudo etnográfico virtual também constatou o caráter lúdico, descontraído e informal da experiência social vivida nas salas de bate-papo:

Os ciberespaços são, em grande parte, lugares destinados ao ócio e as relações pessoais, ou seja, situações que as observações etnográficas dificilmente lidavam. É necessário compreender e assumir este fator na hora de realizar etnografias virtuais, já que minimizá-lo ou não levá-lo em conta, seja de modo deliberado ou inconsciente, para dar maior relevância e solidez a um estudo etnográfico, não fará mais que ocultar o autêntico dinamismo e vitalidade social que fazem com que esse espaço virtual, em última instância exista (Trad. livre) (MAYANS Y PLANELLS, 2006, p. 31).

Seguramente, isso explica, em parte, a qualidade da participação dos idosos no Terceira Idade. Poesias, “recados do coração”, crônicas, histórias de vida foram as postagens mais comuns dos usuários que encontramos no Portal. Essa pista, na verdade, também se revelou no Blog de Campo, quando percebemos que as provocações e perguntas eram respondidas, via de regra, de maneira lúdica e descontraída.

Por outro lado, não podemos deixar de argumentar, como quarto aspecto a ser destacado, que este tipo de participação também se explica pelo que qualificamos antes como característica da terceira idade. Ora, se os objetivos das associações de terceira idade são relativos ao reforço da auto-estima dos idosos, por meio da promoção de cursos e atividades – como viagens, cursos de música, pintura e línguas –, para garantir os direitos culturais desses atores sociais (DEBERT, 2004), os objetivos do Portal e as oportunidades que ele disponibiliza não são muito diferentes dessas associações. Essa rede sociotécnica também comunga dos valores dessa nova categoria social e, nesse sentido, é possível compreender mais facilmente porque assuntos como política, aposentadoria e saúde não são foco do debate dela. O foco está no prazer, no entretenimento, nas trocas, na expressão artística e nas conversas informais e descontraídas.

A identidade construída e reforçada nesse Portal é a do idoso como adulto com tempo livre e disponibilidade para desfrutar a vida. Não se trata da identidade do velho e nem mesmo do aposentado, já que o debate sobre este tema praticamente não existe no Portal. É exatamente a identidade do idoso que, de acordo com Debert (2004), os programas de terceira idade reclamam: “trata-se de valorizar o cidadão de mais idade,

criando espaços para o lazer, mas também para o “treinamento no exercício da cidadania”, como gostam de dizer, com entusiasmo, seus promotores” (DEBERT, 2004, p.162).

Por fim, e agora atendendo a segunda e última variável desse indicador, nos vale fazer um esforço para compreender qual o nível de participação dos idosos na rede do Terceira Idade. No início desta tese, identificamos três níveis gerais de participação: usuários passivos, usuários ativos e co-produtores. Apesar de reconhecermos o caráter pouco elaborado desta tipologia, é preciso observar que ela foi criada antes do mergulho no trabalho de campo, ela ainda nos é útil para compreender os níveis de participação.

Os idosos são, de fato, protagonistas na rede sociotécnica do portal Terceira Idade? Em primeiro lugar é preciso considerar que, assim como Gohn (2005), compartilhamos a idéia de que protagonismo é participação social orientada na busca de objetivos comuns. Sem dúvida, os idosos brasileiros, como já argumentamos, têm alcançado ao longo das últimas décadas conquistas importantes. O empoderamento desse grupo etário pode ser percebido, por exemplo, na mudança dos termos, que revela uma postura reativa aos antigos estereótipos que cercam as palavras “velho” e “velhice” (PALACIOS, 2004).

É inegável, portanto, que os idosos usuários do portal terceira idade participam das atividades nesse ambiente virtual. Apesar das limitações provocadas pelas ferramentas técnicas e pelo controle que os produtores e mantedores exercem na ação dos idosos dentro dessa rede, há um espaço destinado para a participação que é desfrutado pelos internautas. Não obstante, trata-se de uma participação limitada, visto que, como já discutimos, a única ferramenta de interação pública que efetivamente existe é o fórum e, no caso do Portal, o mecanismo de mediação é lento, já que não publica automaticamente as contribuições, e os produtores demoram em aceitar os *posts*. Isso, certamente, limita as possibilidades de participação, na medida em que constrange e desestimula os idosos, que esperam indeterminadamente para que suas produções se tornem públicas.

Deste modo, percebe-se que a ação desses *actantes* – ferramenta de participação e mantedores e produtores – molda sobremaneira o nível e o tipo de participação dos idosos. No caso da ferramenta de participação porque como ela é única – o fórum – e porque se trata de um instrumento limitado – por diversas razões, como: a demora na publicação e a possibilidade de trabalhar basicamente com textos e imagens paradas e não permitir áudio e vídeo – e, conseqüentemente, a variedade de maneiras de interagir publicamente fica comprometida e o nível dessa participação é restrito. Manter um debate ativo dentro dos

fóruns, nos quais os idosos possam discutir os temas e seus pontos de vista, é complicado, tendo em vista que a demora pode esvaziar a discussão. Já no caso dos produtores e mantenedores, a questão é que ao optar por disponibilizar somente um tipo de instrumento de interação e, sobretudo, exercer o controle sobre a mediação, eles limitam e desestimulam a participação dos usuários do Portal.

A despeito dessas considerações sobre a ação dos idosos, mais uma vez é preciso afirmar que eles participam nessa rede sociotécnica voltada para a terceira idade e, certamente, essa participação é o exercício do protagonismo idoso, tendo em vista que está circunscrita num espaço de valorização e respeito aos direitos culturais da terceira idade. Porém, esse argumento é parcialmente correto. Se aplicarmos a nossa tipologia dos níveis de participação, podemos afirmar que os idosos são usuários ativos dentro dessa rede sociotécnica. Esse fato se sustenta pela variedade dos temas dos fóruns, pela facilidade em participar deles – apesar dos problemas apontados – e pelo estímulo para que essa ação aconteça, já que há um apelo para isso tanto na página principal quanto em diversas outras páginas desse sítio.

No entanto, os idosos não podem ser considerados co-produtores, o que colocamos como genuíno exercício do protagonismo, porque a ação deles é limitada e controlada pelos produtores e pelas ferramentas técnicas destinadas a isso. O único papel que os usuários desempenham nessa rede é o de receptores. Eles não atuam como produtores. Os canais públicos de participação limitam e orientam as contribuições. Não se pode oferecer e alimentar outros espaços do Terceira Idade, que não sejam os quatro ambientes interativos que estão localizados e restritos dentro desse ambiente virtual. Isto porque nada do que é publicado nesses ambientes alimenta, por exemplo, a página principal. Aliás, não alimenta nenhuma outra página. Além disso, é preciso resgatar o fato de que os produtores têm nas mãos o controle das contribuições que se tornam públicas ou não.

O Portal trata sobre a questão da terceira idade, é, obviamente, voltado para o idoso, mas a ação desse ator dentro dele é, geralmente, vigiada, limitada e controlada. É preciso, entretanto, reconhecer que presenciamos situações que escapam a essa linha de atuação. Um caso interessante é de Terezinha Santellano, de 74 anos, que acessa o portal Terceira Idade desde 2007. Desde o supracitado período, Santellano passou a enviar contribuições para os espaços interativos e, no final do ano de 2008, foi convidada para ser colunista do Portal. Atualmente, ela assina a coluna “Sexualidade na terceira idade”, na qual publica

mensalmente um texto sobre este tema. O enlace para a coluna tem um destaque na página principal do Portal e Santellano (2009) afirma que recebe frequentemente diversos comentários sobre seus textos:

Recebo tantos comentários que não estou conseguindo responder a todos aqueles que chegam, no tempo certo. Estou sempre atrasada nas respostas! O atraso deve-se principalmente ao conteúdo e profundidade das solicitações. Fico surpresa de receber mensagens de estudantes, de vários níveis, pedindo informações para a complementação de trabalhos acadêmicos, de cunho monográfico (SANTELLANO, 2009).

As contribuições que a colunista recebe são enviadas diretamente para seu endereço eletrônico. É, portanto, um conteúdo de caráter privado, aos quais não tivemos acesso. No entanto, a trajetória da Terezinha Santellano ilustra bem como os idosos poderiam contribuir mais para produção e manutenção do portal.

Não obstante esse fato, o caso da Terezinha Santellano é uma exceção. O que podemos argumentar acerca desse indicador é que, de fato, os idosos participam nas atividades do portal Terceira Idade e é indiscutível que essa participação e a qualidade dela, como já argumentamos, estão relacionadas com os valores da Internet e dessa nova categoria social: a terceira idade. Por meio dos espaços interativos, os idosos têm a oportunidade de publicar suas contribuições, de interagirem, de se conhecerem melhor, de realizar transações comerciais e, até mesmo, de marcarem encontros *off line*, ou seja, os usuários têm a oportunidade de experimentar uma participação ativa, que vai além da mera leitura dos textos do Portal.

Entretanto, essa participação não é o que classificamos como o exercício propriamente dito do protagonismo idoso porque, apesar de ser voltado para os idosos e discutir os temas relacionados à terceira idade, dentro dessa rede a movimentação desses atores é limitada, o qual se revela como um contra senso, considerando que os objetivos que em tese orientam o trabalho do Portal é a promoção dos direitos e o reforço da auto-estima do grupo etário de 60 anos ou mais de idade.

Finalmente, concluímos que no Terceira Idade os idosos têm a oportunidade de exercer uma participação ativa, considerando a existência e a facilidade do acesso das ferramentas para tal ação, contudo, esse é o limite da sua participação, considerando que outros papéis, como o de co-produtores, eles não podem exercer. Nesse sentido, o

protagonismo desse grupo etário esbarra no controle e no limite das ferramentas de participação e dos produtores e mantenedores.

#### **8.1.4. A PARTICIPAÇÃO DO PROTAGONISTA: SISTEMATIZANDO OS RESULTADOS**

Caiu na rede é jovem? Seguramente, como já demonstramos por meio dos dados estatísticos de acesso a Internet, a maioria dos brasileiros que caem na rede mundial de computadores é jovem. Nada obstante, o caso que analisamos do portal Terceira Idade revela a formação de um espaço voltado para os idosos nesse meio de comunicação. Nessa rede do Portal os interesses e a atenção estão voltados ao grupo etário das pessoas com 60 anos ou mais de idade e aos interesses destes.

Encerramos a análise do portal brasileiro Terceira Idade propondo a sistematização dos resultados dos três indicadores que apresentamos aqui tentando articulá-las com as nossas hipóteses, construídas no capítulo metodológico.

A nossa primeira hipótese é de que há um protagonismo idoso no Brasil que se revela por meio da organização desses indivíduos na luta por seus direitos. Nesse sentido, supomos que esse protagonismo se estende para o universo virtual, considerando que as próprias organizações, de defesa aos interesses da terceira idade, migram, para esse universo. Por meio do nosso estudo de caso, podemos responder afirmativamente a essa hipótese. Isto porque, como argumentamos sobre o indicador “rede da rede”, o portal Terceira Idade é, na verdade, uma das ações da organização não-governamental “Associação Cultural Cidadão Brasil” para promoção da cidadania dos idosos. Assim colocado, fica claro que o Portal é um programa de terceira idade, conduzido por uma ONG, que, como foi debatido, está afinado com os valores dessa categoria social. Trata-se de uma das formas de associativismo mais comum desse grupo etário, conforme Debert (2004), que se volta para a promoção dos direitos culturais, para o reforço da auto-estima e para afirmação dos valores positivos sobre a terceira idade.

Nesse sentido, o Terceira Idade deve ser visto como um programa para os idosos, na medida em que volta todo o seu foco (conteúdo e atividades) para esses cidadãos. Como foi possível constatar por meio do indicador “portal temático”, o próprio conteúdo e as atividades desse portal estão claramente voltados para esse grupo etário. Isso nos auxilia a refletir sobre a segunda hipótese que toma como argumento central o fato de que os idosos,

assim como outros grupos, foram historicamente aliados do processo de produção dos meios de comunicação, porém dadas às peculiaridades da Internet, esse processo seria diferente, já que eles têm condições de participar ativamente nesse meio de comunicação.

Certamente, a partir do nosso estudo de caso, podemos responder afirmativamente a essa hipótese. O Terceira idade é, indubitavelmente, um espaço voltado aos idosos. Isso implica em dizer que esse ambiente, como já colocamos, lança um olhar exclusivo e especial a esse coletivo, fato que não é facilmente identificado nos veículos convencionais de comunicação. A própria maneira como o conteúdo informativo do Portal é trabalhado, revela sua óbvia filiação aos valores da terceira idade. Além disso, os canais de participação, muito por conta das características da Internet, múltiplos e variados, permitem que esses atores sociais se coloquem de maneira pública e/ou privada. É importante ressaltar o fato que, apesar de alguns aspectos que poderiam ser melhorados na acessibilidade, os caminhos para encontrar as ferramentas de interação e utilizá-las são relativamente simples e acessíveis, o que corrobora para esse caráter democrático, do ponto de vista da participação, do portal Terceira Idade. Porém, essa participação é limitada.

Finalmente, a nossa terceira hipótese aborda o fato de que a Internet aumenta sobremaneira a capacidade de participação dos idosos e, inclusive, de exercício do protagonismo idoso. Sem dúvida, como podemos perceber ao longo da discussão travada nesse trabalho, a Internet permite sim que os clássicos receptores tenham agora a oportunidade de subverter o modelo clássico de comunicação (do emissor para o receptor) e desfrutar a oportunidade de também ter nas mãos os meios para emissão.

A despeito desse fato, no portal Terceira Idade, os usuários podem até ser usuários ativos, na medida em que há modos acessíveis de participar publicamente; não obstante, como já argumentamos, essa participação é controlada, limitada e vigiada. Eles não assumem, portanto, ou quase nunca o fazem, o papel de produtores, na medida em que não têm acesso a auxiliar na produção e definição do conteúdo e das atividades desse ambiente virtual.

Certamente, essas considerações que apresentamos aqui nos levam a tentar dar uma resposta a nossa pergunta-problema sobre como acontece a participação social dos idosos na Internet. A participação desse coletivo na rede sociotécnica do portal Terceira Idade é lúdica, descontraída e informal. As contribuições que eles fazem, tanto nas áreas interativas do portal, quanto do Blog de Campo, não nos deixam dúvida que a orientação é

o prazer, o divertimento, a expressão artística e outros. Além disso, via de regra, os idosos têm a oportunidade de participar ativamente no Portal, mesmo que essa ação seja limitada. Nesse ambiente, as ferramentas públicas de interação têm uma mesma lógica de participação, as quais, em certa medida, restringem a ação dos receptores. Logo, não exercem, da maneira como caracterizamos, o protagonismo idoso. Além disso, os produtores e mantenedores exercem um forte controle sobre a ação dos idosos.

Acreditamos que foi possível, até o momento, discutir as principais questões sobre a participação dos idosos no portal Terceira Idade. Cabe-nos agora, trilhar os caminhos que nos leve à compressão dessa participação no portal espanhol.

## **8.2 – SEGUNDO ATO: PORTAL JÚBILO**

O portal *Júbilo* não foi a nossa primeira escolha. Como já colocamos, a proposta era analisar o portal *Mundo Mayor*, que se apresentava mais diversificado do ponto de vista das ferramentas de interação. Porém, o *Júbilo*, ao longo da nossa análise, também se revelou um portal complexo e com formas bem definidas de participação. Apesar do prazo mais curto de trabalho de campo – embora o trabalho de acompanhar os portais tenha começado no segundo semestre de 2007, só nos dedicamos efetivamente ao estudo etnográfico no *Júbilo*<sup>73</sup> a partir dos meses de dezembro de 2008 e janeiro de 2009 –, acreditamos que os principais desafios que encontramos, mais uma vez, estão mais ligados à questão das idiossincrasias do meio, do que a outros fatores.

Em primeiro lugar, um dos mais importantes desafios do trabalho etnográfico dessa rede foi relativo à aproximação com os usuários. Esse também foi um problema na análise do portal brasileiro, no entanto, o Blog de Campo nesse caso nos foi extremamente útil, considerando que conseguimos abrir canais eficientes de comunicação com os internautas. Já no que concerne ao *Júbilo*, essa estratégia não se aplicou, visto que, apesar da divulgação do Blog no portal, os idosos ou não compareciam ou o faziam e não deixavam pistas.

A nossa estratégia mais importante para nos aproximar mais dos internautas espanhóis foi abrir um “tema” no fórum do portal *Júbilo*, ou seja, abrir um espaço de

---

<sup>73</sup> Especialmente, no caso desse Portal, que foi colocado como segunda opção em relação ao *Mundo Mayor* e, nesse sentido, tínhamos freqüente contato com ele.

debates cujo objetivo era apresentar a pesquisa e discutir a participação dos idosos. Era uma maneira, como tínhamos feito em relação ao Terceira Idade, de informar a toda a comunidade que estávamos desenvolvendo uma pesquisa. Apesar de saber que nosso “tema” era acessado com frequência – há um contador de entradas –, os espanhóis também não fizeram aí nenhuma contribuição.

Assim colocado, não conseguimos nos aproximar diretamente dos internautas espanhóis. As pistas deles estavam evidentes; as contribuições, assim como no Terceira Idade, estavam públicas e qualquer usuário poderia ter acesso. Porém, ao contrário do portal brasileiro, no *Júbilo*, os endereços eletrônicos dos que enviavam as postagens eram informações privadas e ocultas, ou seja, não estavam disponíveis publicamente. Nossa ação, portanto, foi observar o debate das páginas de fóruns e analisar com cautela as pistas que iam sendo construídas ali a partir da interação entre os internautas. O mesmo caráter lúdico e descontraído já constatado nas contribuições dos idosos no Terceira Idade, também se processou aqui.

Já a aproximação com os produtores funcionou muito bem. Assim como os brasileiros, eles também não responderam o nosso instrumento de pesquisa, entretanto, também lançamos mão da estratégia de conversas telefônicas e correios eletrônicos com perguntas pontuais.

Certamente, a análise dessa rede sociotécnica seria mais rica se tivéssemos tido a oportunidade de nos aproximar mais dos internautas; seja por questões culturais, seja por fatores relativos ao próprio meio, não conseguimos alcançar essa meta da mesma maneira como fizemos com relação ao caso brasileiro. Nada obstante, isso também revelou que o trabalho etnográfico em cada rede sociotécnica se processou de acordo com a dinâmica de cada uma delas. Na rede brasileira havia, por parte dos internautas, uma disposição de participar da pesquisa; no caso da espanhola, esse contexto não se replicava.

No entanto, cremos que essa situação não invalida a validade do nosso estudo etnográfico, considerando que acompanhamos atentamente as pistas dos atores e que em muitos estudos etnográficos virtuais não há aproximação com os informantes. Embora não defendemos essa situação como ideal, cremos que há resultados importantes e que o fato de não termos conseguido nos aproximar dos idosos espanhóis também se revela como uma pista que merece ser analisada ao longo desse capítulo.

### 8.2.1. A REDE DA REDE

O primeiro indicador que lançamos mão para desvendar a rede sociotécnica do portal *Júbilo* é a que nos auxilia a apontar os principais atores sociais e organizações que compõem essa rede, assim como fizemos com relação ao Terceira Idade. Nesse sentido, nos interessa descobrir quem são estes e refletir o sobre o perfil dos mantenedores, produtores e usuários que mantêm essa página *web*.

O *Júbilo*, ao contrário do portal anterior, é mantido por uma instituição privada: o grupo *Júbilo Comunicación*, que além do portal, tem diversos outros veículos, como emissoras de rádio e televisão e revistas, voltados para o público idoso. Esse grupo de Comunicação existe, assim como portal, há aproximadamente 10 anos.

Certamente, o fato de ser mantido por uma empresa privada dá características peculiares a esse ambiente virtual. Isto porque, entre outros fatores, a questão das vendas e os anúncios publicitários no portal são evidentes. Como colocamos no quarto capítulo desta tese, a questão do associativismo idoso na Espanha se assemelha em alguns aspectos a do Brasil. Não obstante a ação dessas associações parecer mais tímida do que a brasileira, os valores e os programas da terceira idade assim como do movimento de aposentados também impregnam a sociedade espanhola. Todavia, há nesse contexto outro elemento forte e importante, que não encontramos tão destacados no Brasil; trata-se da atuação das empresas privadas que cada vez mais se voltam para esse grupo etário.

Como discutimos anteriormente, a Espanha vem num movimento de “amadurecimento das massas” mais intenso e anterior que o nosso. A proporção de pessoas com 65 anos ou mais de idade nesse país revela, como já foi observado, que esse coletivo tende a ser um dos maiores dessa região e, portanto, as preocupações com esse grupo, o que inclui o ponto de vista da saúde, do trabalho, mas também, do consumo, por exemplo, são mais intensas em busca de soluções para atender à demanda cada vez mais forte de uma categoria social que vem se empoderando e vivendo por muito mais tempo.

Ação das empresas privadas na Espanha para atender à demanda dos idosos é evidente. A própria *Ley de Dependência*, 2006, revela que uma das grandes questões no momento, do ponto de vista da assistência à pessoa mais velha, é fiscalizar e preparar as empresas privadas para atendê-las, considerando que muitos serviços que eram realizados na família, como o cuidado com a pessoa idosa, agora tendem a se privatizar. Vagas em

residências geriátricas privadas, cuidadores profissionais, centros privados de dia e de noite de atenção ao idoso, mas também canais de televisão, emissoras de rádio, revistas especializadas, agências de notícias compõem o cenário do “amadurecimento das massas” na Espanha.

Esses grupos privados voltados para os interesses da terceira idade surgem, seguramente, por causa do fortalecimento dessa categoria e dos seus valores. Um grupo de comunicação, como é o caso do *Júbilo*, que busca trazer informação e entretenimento para os idosos o faz porque existe uma demanda desse público para o consumo de bens culturais. A própria questão das vendas no Portal, bastante fortalecida, mostra que foi identificado também o potencial de consumo de outros tipos de bens desse grupo etário.

Certamente, a criação do portal *Júbilo* está afinada com os valores da terceira idade, considerando que a imagem do idoso construída aí é de um indivíduo autônomo, que deseja continuar bem informado e desfrutando a vida e, sobretudo, pode pagar por produtos e serviços para melhorar as condições desta.

Assim colocado, não é de surpreender que um grupo privado de comunicação decida voltar seu interesse às pessoas com 65 anos ou mais de idade. Uma das conseqüências diretas desse fato é a composição da equipe de produtores. Como já colocamos no capítulo anterior, uma das características mais marcantes do *Júbilo* é a questão do jornalismo noticioso, que revela que há por trás um grupo de jornalistas profissionais que alimentam o Portal.

Como o grupo *Júbilo* tem diversos veículos de comunicação, a equipe contratada de jornalistas e produtores alimenta todos eles, inclusive, o Portal. Ou seja, o material jornalístico que está no Portal é produzido pela equipe que trabalha para todos os veículos. Muitas vezes, trata-se do mesmo material, que sofre algumas adaptações para adequar-se ao meio no qual será publicado.

Como evidência, o coordenador do portal, Diego Díaz, é também o redator-chefe do grupo *Júbilo Comunicación*. Além disso, na apresentação da equipe principal, cujo enlace está na página principal, temos o nome de seis jornalistas que são os chefes de redação dos veículos de comunicação do grupo. A partir desse argumento, é possível presumir o caráter interligado dos produtos de comunicação do grupo. Isso também é perceptível no conteúdo do portal, considerando que, como já comentamos, boa parte dos produtos ofertados à compra são do próprio grupo: como as revistas e os guias.

Ao contrário do Terceira Idade, o *Júbilo* conta com uma equipe muito maior que, no entanto, está dividida entre os trabalhos dos diversos veículos do grupo. A equipe é grande, porém não se dedica apenas ao portal. Além disso, o perfil da equipe, basicamente todos os profissionais são jornalistas, confere a esse portal temático uma característica bastante diferenciada, já que se assemelha a um jornal *on-line*, o qual é atualizado diversas vezes ao dia.

Como última variável desse indicador, vale discutirmos o perfil dos usuários desse portal temático. O *Júbilo* é obviamente voltado para os idosos. Como evidência, todas as temáticas estão voltadas para os interesses desse ator social. Entretanto, percebemos que o recorte etário, ao qual esse portal temático se dedica, é mais amplo que o do Terceira Idade. Isto porque se está claro neste último que o interesse está nos indivíduos que têm entre 60 e 80 anos, que são autônomos, que podem viajar, ir para shows e eventos e, enfim, têm tempo livre e desejam desfrutar.

Sem dúvida, não é menos verdade que o *Júbilo* também se interessa por esse perfil de idosos, mas não somente estes. Se há uma parte do Portal que é voltada para os interesses dos que querem viajar, freqüentar eventos, namorar e, enfim, continuar a vida vivendo ativamente, há também uma parte, não menos importante, dedicada aos interesses dos que já não são autônomos, que sofrem de enfermidades graves e têm algum grau de dependência.

Ou mais precisamente, trata-se de colocar o foco na terceira idade e, também, naquela que qualificamos anteriormente como “quarta idade” que, conforme Leibing (2005), diz respeito à imagem da pessoa mais velha cujas implicações do processo de envelhecimento são mais intensas e perceptíveis. Como colocamos no capítulo da descrição, os integrantes da “quarta idade” são, em última instância, a imagem do “velho”. Isto é, se a terceira idade é um termo que surge por causa do aumento da expectativa e do empoderamento dos idosos, ela não qualifica exatamente toda a etapa do envelhecimento, como apontamos no nosso ciclo vital adaptado ao aumento da expectativa da vida, mas tão somente uma parte dela. O final do ciclo vital é o que os autores apontam como “quarta idade”.

Mais uma vez, resgatando o contexto do amadurecimento demográfico na Espanha, não é de admirar que haja produtos de comunicação voltados também para os mais velhos.

Já que, está claro, que ambos os recortes etários tem interesse e possibilidade consumir esse tipo de serviços.

Em suma, o portal temático *Júbilo* é, conforme já argumentamos, sobre as pessoas mais velhas e voltado para elas. Porém, esse leque de interesse dele vai além do que classificamos aqui como terceira idade, mas ambiciona estar voltado para todas as pessoas em fase avançada de envelhecimento – 65 anos ou mais de idade.

### **8.2.2. PORTAL TEMÁTICO**

Em primeiro lugar, antes de partimos para a discussão das variáveis desse indicador, vale ressaltar o fato de que o *Júbilo* trata-se de um portal temático. O que o caracteriza como tal é a ampla oferta de recursos, serviços e informações. Além disso, conforme Dias (2001), os portais atualmente são caracterizados pela capacidade de oferecer informações personalizadas e categorizadas e por disponibilizar recursos interativos que facilitem a comunicação entre os usuários e os produtores e entre os usuários e eles mesmos.

Assim colocado, tranquilamente, podemos classificar o *Júbilo* como um portal, considerando que ele disponibiliza, assim como o Terceira Idade, recursos interativos e informações especializadas e categorizadas sobre a terceira idade. Esse último aspecto nos possibilita então classificá-lo, igualmente, como um portal temático, considerando que, segundo Ramos (2007), o critério para esse rótulo está na capacidade de um portal organizar seus conteúdos e serviços em torno de um único tema.

Mais uma vez nos colocamos na condição de avaliar os aspectos técnicos dessa rede sociotécnica e, mais uma vez, essa tarefa nos parece desafiadora e delicada. Isto porque, como já argumentamos ao longo de todo esse relatório de pesquisa, os olhos dos pesquisadores sociais são, geralmente, voltados para colher nos seus fenômenos as evidências do social e cegar-se diante das evidências da presença da natureza. Portanto, é fundamental reconhecermos, novamente, a importância desse indicador e suas variáveis.

As primeiras três variáveis desse indicador nos permitem avaliar a usabilidade objetiva do *Júbilo*, ou seja, a capacidade dele de não frustrar o usuário. Acessibilidade, funcionalidade e encontrabilidade são, conforme Hassan Montero (2006), os aspectos que nos permitem discutir a experiência objetiva do usuário no portal *Júbilo*. Esses fatores

higiênicos, como discutimos anteriormente, nos conduzem na direção de descobrir se um *site* é funcional ou não e, portanto, se ele tem a capacidade de “fidelizar” os usuários.

A primeira variável desse indicador – acessibilidade – se refere à condição de uma página *web* ser acessível aos receptores. Nesse sentido, o *Júbilo* é, sem dúvida, um portal acessível. Isto porque há ferramentas de acessibilidade que facilitam a navegação dos idosos nesse ambiente. Uma delas, que destacamos no capítulo da descrição, é a questão de estar disponível um sistema de áudio para se ouvir os textos. De acordo com o coordenador do Portal Diego Díaz (2009), todos os textos do *Júbilo* estão disponíveis em áudio. Portanto, se o internauta tiver problemas de visão ou dificuldades de leitura, basta acessar a opção de ouvir o material informativo.

O público-alvo do portal, como já colocamos, vai além do que classificamos nessa tese como terceira idade. Ele abrange também o rol dos indivíduos que estariam vivendo uma “quarta idade”, ou seja, os que aproximadamente têm mais de 80 anos. Certamente, que esse público tem características especiais e demanda ferramentas de acessibilidade adaptadas às suas necessidades. Nesse sentido, possibilitar o áudio dos textos escritos é, sobretudo, uma questão ética porque permite que mais idosos possam aproveitar dos serviços e das informações do portal. Como foi colocado, o envelhecimento pode trazer limitações físicas e é fundamental que os portais desenvolvam ferramentas para facilitar o acesso a eles.

Outro fator importante, que amplia a acessibilidade desse ambiente, é que, em geral, os textos escritos do *Júbilo* trazem uma ferramenta que possibilita aumentar ou diminuir o tamanho da letra. Mais uma vez, cremos que essa é uma estratégia que facilita o trânsito dos idosos nesse *site*. Embora haja um problema para carregar uma das ferramentas que, indubitavelmente, funciona para garantir a acessibilidade: a mascote Pepe Frías. O *software* da mascote frequentemente dá problemas e, não raro, é preciso parar o funcionamento dela para continuar navegando no Portal.

Pepe Frías é, na verdade, uma ferramenta de acessibilidade e encontrabilidade, isto porque, ao abrir o portal, ele dá as boas-vindas e enumera rapidamente os principais serviços do *Júbilo*, como o conteúdo informativo e ambiente interativos. No entanto, Pepe é também um buscador interno porque se propõe a auxiliar o usuário na navegação pelo *site*. Nesse sentido, ao se digitar uma palavra-chave, logo abaixo da imagem de Pepe, o

resultado da pesquisa é apresentado juntamente com mais sugestões da mascote sobre como continuar ou aprimorar a busca.

O *Júbilo* é também um portal onde se pode encontrar facilmente as informações. Os mecanismos de buscas, interno e externo, funcionam bem. No entanto, é preciso considerar que a arquitetura da informação desse *site* deixa a desejar. Isto porque, apesar da diversidade de serviços e enlaces, há uma desorganização no modo pelo qual eles estão dispostos na página principal. Há elementos, como as ferramentas interativas, que recebem pouco destaque nessa página e, ainda, aqueles que só é possível descobrir, como os cursos e os passatempos, depois de muitos dias de navegação.

Outra evidência dos problemas da arquitetura da informação está quando abrimos algumas notícias ou reportagens. Em alguns casos, aparece o texto diagramado em única coluna e somem as “migalhas de pão”, assim como a identidade visual do portal. Só temos segurança que se trata ainda do mesmo sítio *web* porque a logomarca é preservada. Isso, sem dúvida, é um problema grave, que pode desestimular a permanência do usuário nesse ambiente virtual.

Como último quesito para avaliar a usabilidade objetiva do portal, nos cabe discutir a funcionalidade deste. O *Júbilo* é uma página funcional, que disponibiliza diversos serviços, além de um conteúdo informativo especializado, amplo e diversificado. Conforme Palácios Ramos (2006), um dos critérios para um portal ser funcional é a sua capacidade de ser carregado a partir de diversos tipos de navegadores. O portal *Júbilo*, assim como o Terceira Idade, carrega a partir de vários navegadores, como: *Google Chrome*, *Mozilla Firefox* e *Internet Explorer*.

Porém, um aspecto importante que Hassan Montero (2006) coloca para garantir a funcionalidade de um portal é a questão das promessas cumpridas, ou seja, colocar enlaces somente para o que efetivamente existe. Esse aspecto é sistematicamente negligenciado pelo portal *Júbilo*, na medida em que, como apresentamos no capítulo anterior, ele está repleto de falsas promessas, isto é, enlaces que efetivamente não funcionam e nem sequer informam se a página está em construção. Na verdade, via de regra, aparece uma página de erro que conduz o usuário para fora do ambiente do Portal.

Esses problemas que listamos, sem dúvida, não passaram despercebidos pelos produtores e mantenedores do portal. Inclusive, durante algumas ocasiões passamos correio eletrônico para o coordenador, Diego Díaz, questionando sobre a questão da

arquitetura e identidade visual do portal. A resposta era de que o Portal estava prestes a sofrer uma reformulação e, de fato, sofreu. No dia 01 de abril de 2009, o *Júbilo* carregou uma página principal bastante diferente do que estávamos acostumados a ver. Apesar de conservar sua linha editorial e manter o mesmo conteúdo e ferramentas interativas, a arquitetura do portal foi sobremaneira modificada e a navegação melhorada. Segundo Diego Díaz as principais mudanças foram no desenho e estrutura da página:

Olá Janara, o portal *Júbilo* segue sendo [www.jubilo.es](http://www.jubilo.es), ainda que, como te anunciei, tenha sofrido diversas modificações de desenho e estrutura. Buscamos um aspecto simples, mas moderno. As ferramentas de acessibilidade seguem sendo as mesmas (porém, o áudio dos textos ainda não foi implantado) (Trad. Livre) (DÍAZ, 2009).

Sobre essa questão, é preciso esclarecer que, quando foram realizados esses câmbios, o estudo etnográfico estava praticamente encerrado e, portanto, não analisamos o novo *layout* do portal. Além disso, também é preciso dizer que os serviços interativos não sofreram nenhuma modificação. Nem mesmo de editoração eletrônica, ou seja, de identidade visual.

Do ponto de vista da usabilidade objetiva, que de acordo com Hassan Montero (2006) é a reunião das três variáveis que compõem o grupo dos fatores higiênicos, podemos afirmar que o portal *Júbilo* era objetivamente útil, à época que foi analisado, mesmo considerando os problemas que foram apresentados, porque trazia os principais requisitos dos fatores higiênicos.

Outros aspectos técnicos que gostaríamos ainda de discutir são relativos à identidade visual. O desenho *Júbilo* é muito mais conservador que o do Terceira Idade, por exemplo. Isto porque o portal espanhol trabalha menos com imagens e mais com textos, inclusive na página principal. Aliás, a própria mascote é um exemplo do caráter sóbrio e conservador da identidade visual desse *site*. Pepe Frias é, como já colocamos, um homem maduro, com cabelos grisalhos e vestido num terno cinza. Seus movimentos são comedidos, ele está sempre de pé e, geralmente, como um leve sorriso.

Pepe, de fato, traduz bem a identidade visual do Portal que, além de privilegiar os textos, também não lança mão de muitas cores e, via de regra, utiliza os tons mais claros. Além disso, nenhuma das imagens do *Júbilo*, a exceção da mascote, é animada. Na verdade, o portal quase nunca utiliza desenhos. A maior parte das imagens são fotografias para ilustrar os textos.

O *Júbilo* também, assim como o Terceira Idade, não utiliza vídeos e tampouco permite que seus usuários enviem os seus materiais audiovisuais. Porém, ao contrário do portal brasileiro, é claro o investimento em disponibilizar o áudio dos conteúdos da página. Essa ação, certamente, favorece a acessibilidade dos usuários e também se afina com as diversas possibilidades de convergência mediática que a Internet possibilita.

Sem dúvida, o que fica claro no portal *Júbilo* é a valorização dos textos. O grande volume de informações, também provenientes dos outros veículos do Grupo *Júbilo*, talvez seja razão para que haja os problemas de organização e de arquitetura, que apontamos acima.

Na verdade, esses textos são, mais precisamente, material jornalístico. O Portal se assemelha a um jornal *on-line* na medida em que as atualizações são freqüentes e que há um predomínio do conteúdo jornalístico. A própria arquitetura da informação do *Júbilo* se divide, como já colocamos, em função de dois conceitos fundamentais do Jornalismo: notícia e reportagem. Certamente, esse aspecto do *site* é explicado pela vocação de seus mantenedores. O grupo *Júbilo* é um grupo de comunicação e, a maior parte dos seus produtos, é jornalístico. Além disso, outro fato que pode explicar esse aspecto é a formação acadêmica da equipe que trabalha diretamente com o Portal, considerando que, como foi mencionado, são três jornalistas – dois redatores e o coordenador - e um programador.

É importante considerar que, ao contrário do portal Terceira Idade, a grande maioria do material jornalístico do *Júbilo* é noticioso, o que conhecemos como jornalismo tradicional. Não há uma valorização tão acentuada da utilidade pública, como no caso do portal brasileiro; como já dissemos, o *Júbilo* se assemelha a um jornal *on-line* comercial, com a diferença que é totalmente voltado para as pessoas mais velhas.

Como evidência, o nome do portal, como foi apontado antes, já nos dá pistas seguras que se trata de um portal temático para idosos porque se por um lado a palavra “*júbilo*” quer dizer gozo, contentamento, por outro também está ligada à idéia de aposentadoria. Para caracterizarmos melhor a linha editorial desse portal, nos vale agora discutir a nossa quarta variável: “temáticas principais”.

A principal temática do *Júbilo* é, sem dúvida, os assuntos de interesses das pessoas maduras. Não obstante, os aspectos mais trabalhados desse tema são exatamente, como foi apresentado, os que constam no subtítulo do Portal: lazer, saúde, dinheiro, viagens, dependência e residências geriátricas – temas, geralmente, direcionados aos interesses das

peças com 65 anos ou mais de idade. Como exemplo, destacamos um trecho da reportagem “*Alzheimer, aprender a conviver com el olvido*”, publicada no dia 23 de março de 2009:

Em nosso país se contabilizam 3.500.000 pessoas afetadas diretamente pela enfermidade de Alzheimer, entre os doentes e os familiares dedicados a seu cuidado. Essa patologia neurodegenerativa muda radicalmente a realidade familiar do enfermo e obriga a readaptar seu estilo de vida (Trad. livre) (JÚBILO, 2009).

Como podemos observar pelo texto acima, o assunto da matéria diz respeito a uma enfermidade que geralmente é associada às pessoas mais velhas. Diferente do que vimos no portal anterior, os textos do material jornalístico aqui são mais formais e, em alguns casos, são de interesses gerais. Como prova, dia 30 de março de 2009, foi publicada uma notícia, na editoria de saúde, informando que 60% dos médicos espanhóis entregam a seus pacientes informações publicadas na Internet.

Fica claro que a linha editorial do Portal se afina com o perfil do público-alvo que descrevemos, na medida em que os valores da terceira idade são valorizados, como o reforço dos conteúdos sobre viagens, lazer, entretenimento e prevenção; mas também, são preservados os temas que tratam dos direitos, dos cuidados com o idoso dependente, das oportunidades de conseguir uma vaga num centro geriátrico e outros.

Assim colocado, os idosos que freqüentam o *Júbilo* tem acesso a matérias sobre economia e política, sobre lazer e entretenimento, e sobre dicas de como se cuidar e a quem pedir ajuda. Ou seja, atende tanto aos interesses dos representantes da terceira idade, que continuam ativos, trabalhando, desfrutando a vida, quanto os da quarta idade que buscam soluções para os desafios que o envelhecimento provoca.

Além desses fatores, vale ressaltar outro, o qual já apontamos. Trata-se da questão da apresentação do Portal que se assemelha a um jornal *on-line*. Nesse sentido, bem distante da linguagem acolhedora e íntima que o Terceira Idade busca, aqui, o exercício é de uma linguagem mais geral e distanciada, precisamente, da linguagem jornalística mais tradicional, como a utilização dos elementos: *lead*, *sutiã* e pirâmide invertida<sup>74</sup>.

---

<sup>74</sup> De acordo com Lage (2001), *lead*, *sublead* e pirâmide invertida são alguns dos elementos clássicos da narrativa jornalística. O *lead*, por exemplo, é o primeiro parágrafo da matéria comprometido a responder as seguintes perguntas: o quê? Quem? Quando? Onde? Por quê? Já a pirâmide invertida trata-se da maneira de organizar o texto jornalístico que dispõe os fatos principais das notícias logo nos primeiros parágrafos e deixa as informações menos importantes para o final deste.

Essa semelhança com um jornal impacta na nossa quinta variável: na rotina de funcionamento do Portal. Isto porque as modificações são feitas diariamente e várias vezes por dia. Além da produção da equipe do Portal, esse fenômeno é facilitado por causa da produção dos outros veículos do grupo, que, geralmente, ajudam a alimentar a página. Essa é uma ação que, como já foi discutido, é fundamental para atrair e manter os usuários frequentes nesse ambiente. As atualizações rotineiras são, sem dúvida, uma prerrogativa importante para *sites*, considerando que um dos principais valores da Internet é a novidade.

A sensação ao entrar na página principal do *Júbilo* é que há sempre algo novo. Certamente, como foi argumentado, isso também pode ser explicado por causa dos valores do meio que valorizam a atualidade, a rapidez e o efêmero. Além disso, os outros, ambientes, como os interativos, também são atualizados diariamente, por causa do fluxo intenso de usuários e pela facilidade em postar contribuições. De acordo com Díaz (2009), o *Júbilo* recebe mais de 40 mil visitas mensais diferentes.

Para finalizar a análise do indicador “portal temático”, nos resta agora discutir a nossa última variável – “serviços interativos” – que, assim como a anterior – “rotina de funcionamento” – está no conjunto interseção de dois indicadores: “portal temático” e “participação”.

Os serviços interativos são um dos requisitos que conferem o título de portal a uma página *web* (DIAS, 2001). Nesse sentido, é fácil presumir que o *Júbilo*, assim como o Terceira Idade, possui ferramentas para interação. Da mesma maneira que argumentamos sobre o portal brasileiro, no portal espanhol também há dois tipos de possibilidades de participação: pública e privada. Estas últimas são as trocas feitas exclusivamente entre um usuário e os produtores ou entre os usuários. Assim colocado, são de caráter sigiloso e privado e, portanto, não foi objeto de nossa investigação.

As ferramentas de participação pública, como já descrevemos, assim como no Terceira Idade, têm exclusivamente a mesma lógica de funcionamento: fórum. Mais precisamente, são várias orientações de debates, isto é, várias salas de fóruns, orientadas por temas diferentes, mas que, no fundo, compartilham a mesma maneira de participar.

No entanto, é preciso observar que a dinâmica de funcionamento dos fóruns do portal espanhol é um pouco diferente do caso brasileiro. O fórum do *Júbilo* tem dez salas diferentes, orientadas por temas gerais, como: amizade, amor, saúde, *hobbies*, dependência, economia e culinária. Cada um desses temas abriga sub-temas, como

“amizade maiores de 60 anos”, “amizade geral”, “amizade maiores de 50 anos”, “viagem pela Europa” e outros. Os usuários podem escolher os sub-temas que mais lhe interessam e enviar suas contribuições ou mesmo podem criar sub-temas e abrir suas próprias salas de debate. Logo, é possível deduzir que há inúmeras salas de fóruns no Portal.

Essas salas são abertas ao público em geral, sem a necessidade de ser cadastrado no Portal, e as contribuições de todos os internautas ficam disponíveis numa lista, que vai da mais antiga à mais recente. Nas salas criadas pelos usuários há o nome do usuário, o assunto a ser debatido e um pequeno texto para orientar o debate.

As áreas públicas de participação também nos dão a sensação de que as atualizações são constantes. Isso porque em todas as salas há um marcador que informa o número de contribuições, mas, igualmente, o número de visitas. Sendo assim, ainda que o internauta entre numa sala e não envie um *post*, a sua entrada será marcada como mais uma visita. Isso, em parte, explica a impressão de movimento e novidade nesse espaço. Por outro lado, há outra estratégia do Portal que também pode explicar essa sensação: quando se acessa o *link* dos fóruns, somente as cinco salas com mais visitas e contribuições aparecem destacadas. Portanto, a primeira imagem que se tem é que as salas são bastante movimentadas, já que nas destacadas aparecem também a data e a hora do último acesso. Se o internauta desejar visitar as outras, terá de ir buscando em cada tema.

Mesmo com as diversas opções de ferramentas de participação que a Internet permite, participar e interagir publicamente no *Júbilo* é ter de debater nas salas de fóruns. Acreditamos que agora é hora de mergulhar na análise do nosso último indicador: “participação”.

### **8.2.3. PARTICIPAÇÃO**

O nosso derradeiro indicador – “participação” – prevê a discussão e análise de duas variáveis - “tipos de participação” e “níveis de participação” – que nos conduzem para a reflexão sobre as formas, a qualidade e tipos de participação no portal *Júbilo*.

Portanto, assim como trabalhamos na análise desse indicador com relação ao portal Terceira Idade, faremos o mesmo percurso agora. Logo, para atender à demanda da nossa primeira variável, vamos privilegiar o exame de quatro aspectos: ferramenta, acesso, qualidade e os valores aos quais essa participação está ou não articulada.

O primeiro aspecto nos conduz a argumentar sobre um tema ao qual já nos dedicamos: o fórum. A única ferramenta pública de participação do *Júbilo*, como apontamos no tópico anterior, é exatamente a mesma do Terceira Idade. As diversas salas de discussão do portal espanhol, orientadas por temas diferentes, são regidas pela mesma lógica de participação. O fórum é uma ferramenta que não proporciona a rapidez e agilidade das salas de bate-papo, por exemplo, nas quais as contribuições são publicadas em tempo real. Ele é um artefato que funciona de modo mais lento, até porque, geralmente, envolve moderação e exige que o usuário fique atento à discussão de todo o grupo, considerando que não há oferta de estabelecer uma conversa reservada com um ou alguns membros do grupo.

Por outro lado, ao contrário de outras ferramentas de interação, o fórum permite que toda memória do debate seja registrada, proporcionando que os usuários tenham acesso a todas as contribuições postadas.

A verdade é que não há problema se as ferramentas são fóruns, *chats*, blogs. O problema está na exclusividade. A exclusividade do fórum molda as formas de participação pública no *Júbilo*. Os limites e as características desse artefato acabam por moldar profundamente a participação nesse ambiente virtual.

Para tornar esse argumento mais claro, vale explicar melhor como funciona o fórum do portal espanhol. Ao postar uma contribuição ou incluir uma nova sala de debate, o usuário não passa por uma moderação. A entrada se dá automaticamente. Isso difere do portal brasileiro porque lá um dos principais problemas apontados era, exatamente, o da moderação. De acordo com o coordenador do Portal Diego Díaz (2009) a moderação se dá da seguinte maneira:

Oi Janara, o fórum está ainda numa fase muito incipiente de desenvolvimento. Sim, existe moderação e filtros, ainda que o público ao qual nos dirigimos não necessite quase controle. Sempre que detectamos publicidade ou um mau comportamento apagamos essas mensagens do fórum (Trad. Livre) (DÍAZ, 2009).

Os fóruns do *Júbilo*, de fato, datam de pouco tempo atrás, mais precisamente as primeiras salas foram criadas no mês de junho de 2008. Contudo, a despeito do que o coordenador argumenta, acreditamos que as contribuições não são sistematicamente averiguadas. Como evidência, há vários anúncios publicitários, como de residências geriátricas, serviços de profissionais de saúde, pesquisas e outros, que aparecem

freqüentemente nessas salas. Um exemplo foi um anúncio que encontramos na sala “*amistad mayores de 60*”, publicado no dia 03 de março de 2009, que trata sobre uma residência geriátrica: “(...) deixe de lado a rotina diária, comece a viver os melhores anos de sua vida em uma preciosa residência localizada em Villatovas, você vai encontrar os melhores lugares para se divertir (...)” (Trad. livre) (MARCOS – PORTAL JÚBILO, 2009). Sem dúvida, essa postagem trata-se de anúncio publicitário de uma empresa que não é parceira do grupo *Júbilo*, já que estes têm outros espaços no Portal para divulgação, e que, provavelmente, não paga por este, considerando que o fórum é um espaço livre.

A falta da moderação pode, possivelmente, ser uma das razões para que haja tantas contribuições, já que sem filtros passam também postagens, as quais, de fato, não estão sintonizadas com o tema de debate do grupo. A sala mais movimentada do *Júbilo* é a “*amistad mayores de 60*”. Ela funciona desde o mês de junho de 2008, teve, até a segunda semana do mês de abril de 2009, 192 postagens e mais de 22 mil acessos. Proporcionalmente, esse é um número maior que o da sala mais movimentada do Terceira Idade – “mural de amizades” –, isto porque ele funciona desde agosto de 2007 e até o mês de abril tinha 320 contribuições publicadas.

Assim, a falta de acompanhamento do debate nesses espaços pode ser um problema para o bom funcionamento dos mesmos. Podemos contextualizar essa questão, apresentando a contribuição da Carmem na sala de “*amistad mayores de 60*”. A internauta postou, no dia 27 de fevereiro de 2009, uma mensagem dizendo que era seu primeiro acesso: “Acabo de entrar e não sei muito bem como funciona, mas vejo que as respostas se escrevem diretamente (...)” (Trad. Livre) (CARMEM – PORTAL JÚBILO, 2009). Ao não receber nenhuma resposta, a usuária manda, no dia 03 de março de 2009, outra contribuição: “Decididamente vejo que isso não funciona, parece uma perda de tempo” (Trad. Livre) (CARMEM – PORTAL JÚBILO, 2009). Como podemos comprovar, a falta de acompanhamento e mediação deixa questões que podiam ser sanadas pelos próprios produtores sem solução.

O segundo aspecto da variável “tipos de participação” que gostaríamos de destacar é a questão do acesso. O acesso ao fórum do *Júbilo* é uma questão ambígua. Isso porque, apesar da facilidade em publicar contribuições – não é necessário ser cadastrado, como argumentamos acima, encontrar o enlace para essa ferramenta na página principal não é tarefa fácil. Esse *link* está pouco destacado na segunda parte da primeira coluna. Esse é

exclusivamente o único anúncio dele na primeira página. Certamente, esse é um grave problema, considerando que o acesso diz respeito, também, a facilidade de encontrar o serviço que se deseja lançar mão.

Quanto à qualidade do debate do fórum do Portal – nosso terceiro aspecto de análise – acreditamos que podemos qualificá-la da mesma maneira como fizemos com relação ao Terceira Idade. Isto pode ser explicado porque, como já apontamos, a sala de debates mais acessada é a “*amistad mayores de 60*”. Apesar do título já trazer pistas fortes, vale a pena reafirmar que se trata de um espaço de encontros, de buscar amizades, namoros, enfim, relacionamentos. Como exemplo, destacamos o *post* da usuária Triewc, publicado no dia 04 de janeiro de 2009: “Olá, é a primeira vez que entro, tenho 60 anos, e sou andaluza, me encantaria conhecer a pessoas de minha comunidade para intercambiar opiniões, participar de atividades de ócio e tempo livre “(Trad. Livre) (TRIEWC – PORTAL JÚBILO, 2009).

Com respeito ao nosso quarto aspecto de observação, de modo geral a experiência social nesses espaços interativos na *web* é marcada pela rapidez, agilidade, informalidade e trivialidade (MAYANS Y PLANELLS, 2006). Mais uma vez, é preciso argumentar que esses são igualmente alguns dos valores dessa categoria social: a terceira idade.

No portal *Júbilo*, como já colocamos, há dois caminhos bastante destacados. O primeiro diz respeito à valorização e promoção dos valores da terceira idade. Nesse sentido, há um reforço dos produtos e serviços para os que estão desfrutando a vida, viajando ou que continuam trabalhando. Os fóruns, ou seja, os espaços interativos públicos, são visivelmente destinados a esse perfil. Como evidência, a sala mais movimentada é “*amistad mayores de 60*” e a segunda com maior número de acessos é “*amistad mayores de 50*”. Essa é também outra evidência da qualidade da discussão. Assim como no Terceira Idade, as salas de discussão mais buscadas são aquelas que promovem encontros e relacionamentos. Sem dúvida, mais uma vez colocamos que esse contexto que apresentamos se torna possível, igualmente, por causa das idiossincrasias desse meio de comunicação.

O outro caminho que identificamos do Portal, como já foi exposto, é a atenção com as preocupações que podem afligir os integrantes da “quarta idade”. Porém, os espaços que parecem estar mais voltados a estes são os informativos e os serviços de dúvidas sobre legislação e saúde. Isto porque no fórum de amizades, que como observamos tem as salas mais movimentadas, há uma única sala estaria mais claramente voltada para esse grupo

etário “*amistad mayores de 70*”, no entanto, esse é um ambiente pouquíssimo freqüentado. A última postagem dessa sala, conferimos até a segunda semana de abril, foi no dia 20 de dezembro de 2008 e, na verdade, essa última postagem era um anúncio publicitário: “Oi como estão sou do Chile e quero lhes convidar a conhecer esse grande país, Torres de Paine, Islã de Pascua, sul do Chile, Region de los Lagos e muito mais, estaremos te esperando (...)” (Trad. livre) (LUIS ARACENA – PORTAL JUBILO, 2009).

Finalmente, nos cabe agora discutir a última variável “tipos de participação”. Resgatando a nossa tipologia, construída no primeiro capítulo, apontamos três possibilidades de participação: receptores passivos, receptores ativos e co-produtores. No caso do *Júbilo*, também identificamos que, nas áreas interativas, há uma recepção ativa. Do mesmo modo que no portal brasileiro, não há espaço para a co-produção, o qual apontamos como legítima forma de protagonismo.

Esse fenômeno se explica porque mesmo que os idosos tenham espaço para participar, os fóruns, e que esses ambientes não sofram o controle dos mediadores, a circunstância dessa participação é localizada e controlada. Isto ocorre porque as contribuições dos idosos não alimentam nenhum dos outros espaços do portal que não sejam as salas de discussão. Essas salas são o único ambiente de participação pública e são isoladas das outras áreas do portal, como do conteúdo informativo. Aliás, como já observamos, o acesso aos fóruns nem sequer é uma tarefa fácil, já que o enlace dele não está destacado na página principal.

Assim colocado, acreditamos que há uma recepção ativa na medida em que os idosos têm acesso há ferramentais de interação e desfrutam dela para debater temas e interagir, porém, essa participação é controlada, localizada e orientada por uma ferramenta que, em certa medida, molda a experiência social vivida nesses ambientes. Participar do ambiente interativo do *Júbilo* é estar sujeito às condições que a ferramenta lhe coloca, como a pouca agilidade e a impossibilidade de enviar arquivos de vídeo e áudio, fato que, em se tratando da Internet, deveria ser oportunizado.

Além da ferramenta, é evidente que as limitações dessa participação dos idosos também se devem aos mantenedores e produtores do Portal, na medida em que, a despeito de diversidade de ferramentas de interação que eles poderiam disponibilizar, optam por uma única.

Logo, concluímos a análise desse indicador defendendo que os idosos podem usufruir de uma participação ativa no portal *Júbilo*, considerando que há um espaço determinado para tal ação, que é, de fato, utilizado pelos idosos. Não obstante, assim como no Terceira Idade, essa forma de participação pública é limitada, controlada e localizada em espaços exclusivos dessas comunidades de virtuais. Todavia, não se trata do exercício do protagonismo idoso, tal qual desenhamos na primeira parte da tese, tendo em vista que o limite da participação é como receptores ativos e quase nunca como produtores.

#### **8.2.4. A PARTICIPAÇÃO DO PROTAGONISTA: SISTEMATIZANDO OS RESULTADOS**

Depois da discussão que travamos até aqui sobre o portal *Júbilo*, cremos que já é possível amarrar o resultado das análises dos nossos três indicadores com as nossas hipóteses e a pergunta-problema.

A primeira hipótese que lançamos nesta tese de doutorado considera que há um protagonismo idoso, evidenciado pelo progressivo empoderamento desse grupo etário, o qual podemos facilmente constatar por meio dos veículos de comunicação, da publicidade, da ciência, da política e de outras esferas da sociedade, e que tal contexto também se reproduz na Internet, conduzido pelos próprios grupos de atenção e luta aos direitos dos idosos.

Certamente, assim como constatamos no caso do portal brasileiro, há, na Internet, um espaço conquistado pela terceira idade, ainda que, talvez, não se compare à dimensão ocupada pelos jovens. A existência do portal *Júbilo* é uma prova disso. Este sítio *web* é, como apontamos no indicador “rede da rede”, mantido por um grupo privado de comunicação cujo público alvo privilegiado é o grupo etário com 65 anos ou mais de idade. O Portal é uma evidência do empoderamento da terceira idade, considerando que tanto nesse espaço, quanto nos outros veículos do grupo, os atores dessa faixa-etária são vistos, entre outras possibilidades, como fortes consumidores.

Portanto, respondemos afirmativamente à nossa primeira hipótese, considerando que o protagonismo idoso mobiliza não somente os governos e a sociedade civil, mas, também, os representantes do segundo setor que enxergam nos valores da terceira idade a capacidade de continuar consumindo. Outro aspecto importante, é que, como apontamos antes, no Portal, as características da terceira idade são claramente valorizadas, na medida

em que boa parte do material informativo e dos serviços são voltados para aqueles que continuam trabalhando, desejam se divertir, se cuidam, tem vida ativa e outros.

Por outro lado, outros valores, como os que, talvez, estariam ligados à “quarta idade”, também são trabalhados nesse Portal. Acreditamos que esse aspecto se deve ao contexto social da Espanha que tem uma proporção de idosos muito superior à brasileira e, portanto, as preocupações voltadas para o público ainda mais velho, como octogenários e centenários, são mais intensas e visíveis que as nossas.

Outro aspecto que ressaltamos, relacionado ao contexto social, político e cultural da Espanha, é o fato de termos encontrado como mantenedor para um *site* para a terceira idade uma empresa privada. Esse fato não nos surpreende. Primeiro porque é evidente que a iniciativa privada, aos poucos, inclusive no Brasil, volta seus olhares para esse público consumidor e segundo porque na Espanha, como colocamos, não há muitas instituições da sociedade civil voltadas para o interesse dos idosos. Como evidência, citamos no quarto capítulo, que ao procedermos uma análise de três anos, dos meses de janeiro e julho, do material informativo sobre os idosos, veiculado no periódico *El País*, constatamos que do universo de 210 matérias, somente 10% tinha entrevistas ou fazia alguma referência a associações de terceira idade (SOUSA, MARINHO e RODRIGUÉZ ÁVILA, 2009).

Sem dúvida, as colocações que fizemos para primeira hipótese nos auxiliam a responder afirmativamente à nossa segunda hipótese, que considera que a Internet, por causa das suas peculiaridades, amplia a participação dos idosos e lhes permite participar mais ativamente nesses espaços. Indubitavelmente, o *Júbilo* é uma maneira de dar voz aos idosos espanhóis, na medida em que, ao contrário dos outros veículos de comunicação, nesse ambiente eles podem se comunicar diretamente com os produtores e entre eles mesmos nos canais de interação. O *Júbilo* é um portal temático sobre e para idosos, o qual permite que esses atores participem, ou seja, desfrutem de uma experiência social dentro desse ambiente.

Finalmente, a nossa terceira hipótese sobre as condições dos ambientes virtuais da Internet subverterem o clássico modelo de comunicação ao darem oportunidade aos receptores de também se tornarem emissores, não se confirma no caso do *Júbilo*, assim como também não se confirmou no caso do Terceira Idade. A participação dos idosos no portal espanhol, sem dúvida, é muito mais ampla e intensa do que outros veículos de comunicação – como a televisão – poderiam permitir. Não obstante, essa participação é

controlada pelas ferramentas técnicas e pelos produtores e mantenedores. Ela tem um limite. E este está exatamente na linha tênue que separa os papéis dos receptores e dos emissores. Assim como no Terceira Idade, no *Júbilo* os idosos só podem desempenhar um papel, no que concerne ao modelo comunicacional: o de receptores, ainda que classifiquemos essa recepção como ativa.

Deste modo, podemos responder a nossa pergunta-problema, afirmando que a participação dos idosos no portal *Júbilo* é ativa, porém controlada. Além disso, vale relembrar que essa participação é descontraída, informal e está voltada para o divertimento e a busca de relacionamentos.

### **8.3 – ÚLTIMO ATO: FECHANDO AS CORTINAS**

Existe um protagonismo idoso na Internet? Sim e não! Parece ambígua a nossa resposta, todavia podemos constatar essas duas realidades nos portais analisados. Existe sim um protagonismo idoso na medida em que esse sujeito passa a protagonizar sua própria vida, emancipando-se do discurso que lhe atribui a idéia de desfecho da vida, de senilidade e de cansaço. Esse discurso, como apontamos nesse trabalho, é produzido nas mais diversas esferas da sociedade – como a área médica; a política, que trata o idoso como indivíduo vulnerável; e a Educação, que historicamente privilegia os jovens – e é reproduzido nos veículos de comunicação.

Há, sem dúvida, um protagonismo que se revela no momento preciso, no qual esses sujeitos assumem sua própria história e não sucumbem ao discurso da dor, da solidão e do abandono. Há sim um protagonismo nos portais analisados no sentido de que cada sujeito pode se realizar como amante, como artista e como consumidor, por exemplo. No caso do *Júbilo*, é evidente esse protagonismo nos diversos anúncios voltados para esse grupo etário, ou seja, é claro que esse sujeito empoderado e dono da sua vida busca opções de consumo adaptadas às suas necessidades e desejos.

Entretanto, é preciso afirmar que constatamos com as análises que a Internet ainda não é um espaço do exercício do protagonismo idoso, da maneira como o construímos. Isto porque o idoso está lá muito pouco como cidadão, que pensa coletivamente, que ocupa espaços públicos e que se organiza em torno da luta dos seus direitos. A Internet, a partir das análises dos nossos portais temáticos, não se revela como um espaço que auxilia na

construção de uma perspectiva cidadã, mas sim que se coloca no enfretamento da solidão, do controle da própria vida e na abertura individual de novas possibilidades. Os espaços de participação na rede mundial de computadores são delimitados, controlados e pontuais.

Assim colocado, os idosos internautas flertam com a possibilidade de serem produtores, no entanto a subversão do clássico modelo da comunicação – no qual o emissor empoderado é quem assume o processo produtivo – nos portais analisados, efetivamente, não acontece. Na verdade, apesar das evidentes possibilidades que a Internet permite de participação, nas redes sociotécnicas analisadas se reafirma a idéia de produtor e de receptor. Isto porque, como vimos, os espaços abertos à participação são vigiados e limitados. A tecnologia, em parte, permite a subversão desses papéis, mas isso não acontece na dinâmica das nossas redes.

Isso não quer dizer que os idosos, freqüentadores dos portais analisados, não exerçam o protagonismo em outras esferas da sociedade. Os portais, assim como um clube recreativo, por exemplo, não ensejam essa ação. É mais propriamente um momento de lazer. Não obstante, a pessoa idosa que navega por esses mares pode exercer o protagonismo em outros locais, como: associações, sindicatos e outros. O que percebemos é que o protagonismo, como colocamos, não é buscado nesses ambientes virtuais. Embora o empoderamento dos indivíduos que transitam nesse universo seja real, considerando que eles são a pequena porcentagem das pessoas idosas brasileiras e espanholas que tem bom nível de escolaridade, boa renda mensal domiciliar e acesso à Internet.

Terminamos nossa análise considerando que há sim um protagonismo idosos nos portais sobre e para a terceira idade, porém este se realiza no âmbito do indivíduo. O protagonismo do ponto de vista da participação social e de engajamento na luta por seus direitos, como colocou Gohn (2005), não se confirmou nos portais *Júbilo* e *Terceira Idade*. Cremos que isso, de certo modo, igualmente está ligado aos valores da categoria terceira idade que, apesar de lutar para romper os estereótipos do idoso dependente e enfraquecido, reforça o discurso da satisfação pessoal, do reforço da auto-estima e do esforço pessoal que cada um deve cumprir para “melhorar” sua própria vida (DEBERT, 2004). Logo, mobiliza mais sujeitos do que coletivos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante muito tempo a pesquisa sobre a tecnologia se pautou nos impactos desta sobre a sociedade e os novos estilos de vida. No entanto, essa perspectiva era a que encarava a técnica como um meteoro que cai sobre as nossas cabeças, estranho à vida social. As pesquisas mais recentes sobre essa questão evitam cair nessas armadilhas – tanto do reducionismo social, quanto do determinismo tecnológico – e já não consideram mais a tecnologia como um corpo estranho e externo aos fenômenos sociais. Na verdade, ela o compõe e é, afinal, gestada na própria sociedade.

A tecnologia e a natureza, de modo geral, estão presentes nos fenômenos sociais e formam juntamente com os mais diversos atores sociais, conforme Latour (2006), as redes sociotécnicas. O fenômeno que analisamos nesta tese de doutorado exemplifica a complexa trama articulada entre os homens e a técnica, a qual viabiliza a dinâmica de participação dos idosos nos ambientes virtuais da Internet.

Certamente, como discutimos ao longo desse trabalho, a participação dos artefatos técnicos nas redes sociotécnicas analisadas não era meramente decorativa. Humanos e não-humanos se relacionavam na teia que constituía os portais para e sobre idosos. Nenhum aspecto foi considerado menos importante que o outro.

Quando decidimos estudar os idosos, sabíamos ter assumido um desafio complexo que, ao final, nos fez articular combinações teóricas e metodológicas para atender à nossa pergunta-problema. Em primeiro lugar por nos dedicarmos ao exame de um coletivo fragilizado, mas que, ao mesmo tempo, experienciava um forte processo de empoderamento. Um grupo que cresce e se fortalece socialmente, mas, ao mesmo tempo, é permeado por discursos que reforçam a perda da saúde, a diminuição da atratividade física e, no limite, não se definem mais por uma *práxis* e sim pela *exis*, visto que, muitas vezes, já não fazem mais parte do mundo do trabalho. A ambigüidade em torno da emergente terceira idade provinha de um passado de perdas, de um presente de crescimento e de um futuro que tende a ser promissor no que concerne ao tema do empoderamento.

Em segundo lugar porque a Internet igualmente desafiava a nossa compreensão. Esse fenômeno novo e revolucionário, assim como a emergência da terceira idade, existe há

pouquíssimo tempo, não obstante ter espetaculares cifras de acesso em âmbito mundial. A despeito da capacidade única da Internet de ser um espaço sintético, no qual a própria experiência social acontece, há uma escassa reflexão sobre o tema que se evidencia ainda mais fortemente nas abordagens metodológicas.

Nosso objetivo foi, então, verificar como esse coletivo marcado por impactantes e recentes mudanças dialogava com uma tecnologia, que, enfim, não lhe externa, mas lhe é intrínseca, como aos outros grupos que vivenciam a sedução e o temor da obsolescência provocado por ela. Esse aspecto é agravado pelo discurso que cerca a Internet de ser um espaço de valorização da juventude. O nosso foco foi então a compreensão da dinâmica do encontro desses dois fenômenos. Centramos a nossa atenção na maneira em que a Internet poderia ajudar esse grupo a se afirmar e a se fortalecer em suas reivindicações e conquistas.

No entanto, encontramos a Internet como um espaço de afirmação de sujeitos, cujas trajetórias, provavelmente, já eram de inclusão e as oportunidades trazidas por ela se concentravam mais na condição de permitir novos relacionamentos, expressão artística e cultural, encontros afetivos e histórias de amor e amizade. Dessa forma, a tecnologia e, em especial, a Internet possibilita o protagonismo de idosos na medida em que estes podem reescrever suas vidas no inédito capítulo do envelhecimento no século XXI. Todavia, dificilmente, lhes permite que estes atores sociais se constituam enquanto um coletivo forte e de reivindicações.

Encerramos essa pesquisa sabendo que geramos muito mais perguntas do que respostas. O desenrolar do trabalho de pesquisa, como é natural, vai esbarrando em questionamentos, os quais muitas vezes são silenciados em nome de perseguir o nosso objetivo geral. Certamente, essas inquietações podem ser sanadas em novas pesquisas ou, ainda, por outros pesquisadores. Conseqüentemente, revelá-las é fundamental porque é, sobretudo, o exercício não só de poder entrar em uma pesquisa, mas, sobretudo, poder sair dela e tentar vê-la de outros ângulos.

Na porta de saída, compartilhamos as nossas inquietações: por que no exame que fizemos da participação dos idosos nos portais há uma primazia do indivíduo sobre o coletivo? Trata-se de uma característica da terceira idade ou das condições que a Internet confere de participação? Por que os idosos continuam, no âmbito dos ambientes virtuais, reafirmando a sua condição de receptores, já que as características dessa tecnologia

proporcionam, tranquilamente, que os receptores desempenhem também o papel de emissores? Por que os idosos, um grupo que cada vez mais se empodera e alcança inumeráveis conquistas sociais, não exercem o protagonismo na rede mundial de computadores?

## REFERÊNCIAS

ABELLÁN, Antonio. “Indicadores demográficos”. In: **Envejecer en España: II asamblea mundial sobre el envejecimiento**, abril 2002. Madrid: IMSERSO, 2002a.

\_\_\_\_\_. “Longevidad y estado de salud”. In: **Envejecer en España: II asamblea mundial sobre el envejecimiento**, abril 2002. Madrid: IMSERSO, 2002b.

AFONSO, Carlos A. “Internet: quem governa a infra-estrutura”. **ILDES/FES**, abril de 2002.

ARENDT, Ronald J. J. “Maneiras de pesquisar no cotidiano: contribuição da teoria do ator-rede”. **Psicol. Soc.**, Porto Alegre, v. 20, n. spe, 2008. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-71822008000400003&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822008000400003&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: Set 2008.

ASOCIACIÓN PARA LA INVESTIGACIÓN DE MEDIOS DE COMUNICACIÓN. **Navegantes en la red – 10º encuesta AIMC a usuarios de Internet**. AMIC: Madrid, 2008.

BEAUVOIR, Simone de. **A velhice: realidade incômoda**. São Paulo: Nova Fronteira, 1970.

BÍBLIA SAGRADA. **Isaías, 65**.

BÍBLIA SAGRADA. **Gênesis**.

BIJKER, W. “The social construcción of bakelite: toward a theory of invention”. In: Bijker, W.; Hughes, T. & Pinch T. **The social construction of technological system**. Massachusetts Institute of Technology, 1987.

BOURDIEU, Pierre. “O campo científico”. In: **Grandes Cientistas Sociais**, nº 37, São Paulo, Ática, 1983.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal, 1998.

BRASIL. **Estatuto do Idoso**: Lei nº. 10.741, de 2003.

BRASIL. **Política Nacional do Idoso**: Lei nº. 8.842, de 1994.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Idosos, saúde e bem-estar: comparação entre Brasil, Espanha e Estados Unidos**. Projeto de cooperação internacional n.º. 129/2007, 2007.

BRASIL. MINISTÉRIO DA CIÊNCIA E TECNOLOGIA. **Evolução da Internet no Brasil e no mundo**. Brasília, 2000. Disponível em: <http://www.scribd.com/doc/123635/Evolucao-da-Internet-no-Brasil-e-no-Mundo>. Acesso em out 2008.

BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Saúde Brasil 2004: uma análise da situação de saúde**. Brasília, 2004.

CALLON, M. "Society in the making: the study of technology as a tool for sociological analysis". In: Bijker, W.; Hughes, T. & Pinch T. **The social construction of technological system**. Massachusetts Institute of Technology, 1987.

\_\_\_\_\_. "El proceso de construcción de la sociedad. El estudio de la tecnología como herramienta para el análisis sociológico". In: DOMENECH, M; TIRADO, F. (orgs). **Sociología simétrica: ensayos sobre ciência, tecnologia y sociedad**. Barcelona, Gebsa, 1998.

CAMARANO, Ana Amélia. "Envelhecimento da população brasileira: uma contribuição demográfica". **Texto para Discussão** (IPEA), Rio de Janeiro: IPEA, 2002.

CAMARANO, A. A.; PASINATO, M. T. "Envelhecimento, Pobreza e Proteção Social na América Latina". **Texto para Discussão** (IPEA), Rio de Janeiro: IPEA, v. 1, p. 1-32, 2007.

CAMARGOS, M. C. S.; ALVES, L. C.; MACHADO, C. J.; RODRIGUES, R. N.. "A relação entre renda e morar sozinho para idosos paulistanos, 2000: opção consciente ou carência de políticas públicas?" **Seminário As Famílias e as Políticas Públicas no Brasil**, Belo Horizonte, 2005.

CAMARGOS, M. C. S.; MACHADO, C. J.; RODRIGUES, R. N.. "A relação entre renda e morar sozinho para idosos paulistanos, 2000". **Revista Brasileira de Estudos da População**, v. 24, p. 37-51. São Paulo, 2007.

CARVALHO, José A. M.; GARCIA, Ricardo A. "O envelhecimento da população brasileira: um enfoque demográfico". **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 3, 2003. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-311X2003000300005&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2003000300005&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: Abr 2008.

CASTELLANI, Márcia R.; REINHARD, N.; ZWICKER, R.. **Cultura Organizacional e Tecnologia da Informação: Um Estudo do Uso da Internet na Atividade Acadêmica de Pesquisa**. 22º ENANPAD, 1998, Foz do Iguaçu. 22º ENANPAD, 1998.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. Volume I. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTRO, Regina A. L. **Salas de bate-papo da Internet: espaço onde as mulheres tecem suas identidades através da linguagem**. São Paulo, 2006. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas do Departamento de Letras Modernas, Universidade de São Paulo.

CENTRO LATINO-AMERICANO E CARIBENHO DE DEMOGRAFIA (CELADE). **A situação social da Ibero-América**. Disponível em: <[http://www.eclac.cl/publicaciones/xml/0/27150/lcg2328p\\_cap2.pdf](http://www.eclac.cl/publicaciones/xml/0/27150/lcg2328p_cap2.pdf)>. Acesso em: Ago 2007.

CEPAL. **Población, envejecimiento y desarrollo**, Trigésimo período de Seções da Cepal, 28 de junho a 4 de julho. San Juan, 2004.

CIA. **The World Fact Book 2002**. Langley, VA, USA: Central Intelligence Agency, 2002. Disponível em: <<http://www.cia.gov/cia/publications/factbook/geos/gz.html#People>>. Acesso em: 2007 e 2008.

CIA. **The World Fact Book 2007**. Langley, VA, USA: Central Intelligence Agency, 2007. Disponível em: <<http://www.cia.gov/cia/publications/factbook/geos/gz.html#People>>. Acesso em: 2007 e 2008.

CUNHA, Márgda. "Tendências das mídias a partir de um olhar sobre a história". CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 29, 2006. (CD-ROM.)

D`ALENCAR, Bárbara P. **Biodança como processo de renovação existencial do idoso: análise etnográfica**. Ribeirão Preto, 2005. Tese (Doutorado em Sociedade, Saúde e Enfermagem) – Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo.

DEBERT, Guita G. "A Invenção da terceira Idade e a rearticulação de formas de consumo e demandas políticas". **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, vol. 12, nº 34, 1997.

\_\_\_\_\_. "O velho na Propaganda". **Cadernos Pagu** (UNICAMP), Campinas, v. 21, n. 1, p. 133-156, 2003.

\_\_\_\_\_. **A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento**. São Paulo: Fapesp, 2004.

DIAS, Cláudia A. "Portal corporativo: conceitos e características". **Ci. Inf., Brasília**, v. 30, n. 1, Abril, 2001. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-19652001000100007&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-19652001000100007&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: Ago 2008.

DOMÍNGUEZ, Daniel *et al.* **Etnografía virtual**. In: FORUM QUALITATIVE SOZIALFORSHUNG / FORUM: QUALITATIVE SOCIAL RESEARCH, Art. 3, 2007. Disponível em: <<http://nbn-resolving.de/urn:nbn:de:0114-fqs070328>>. Acesso em: Nov 2008.

DOWNING, John. **Mídia radical: rebeldia nas comunicações e movimentos sociais**. São Paulo: SENAC, 2002.

DURANDAL, Juan-Philippe Viriot. "Introducción". In: FIAP. **¿El poder gris?** Tomo I – poder influencia e política. Madrid, 2002.

EL PAÍS. “Sanidad alerta de temperaturas de hasta 40° en el sur y el interior”. 21 de julho de 2007.

ESPAÑA. **Constitución española**. 1978.

ESPAÑA. **Ley de Dependencia**. Lei nº 39/2006, de 2006.

ESPAÑA, IMSERSO. **Las personas mayores en España**. Madrid: IMSERSO, 2006 (tomo I e II).

ESPAÑA, MINISTERIO DE SANIDAD Y CONSUMO. **Encuesta Nacional de Salud 1997**. Madrid, 1997.

ESTALELLA, Adolfo. “Filtrado colaborativo: la dimensión sociotécnica de una comunidad virtual”. **UOC Papers** [artículo en línea]. N.º 1. UOC, 2005.  
<http://www.uoc.edu/uocpapers/1/dt/esp/estalella.pdf>. Acesso em: Jan 2009.

ESTALELLA, Adolfo e ARDÈVOL, Elisenda. “Ética de campo: hacia una ética situada para la investigación etnográfica de internet”. **FORUM QUALITATIVE SOZIALFORSHUNG / FORUM: QUALITATIVE SOCIAL RESEARCH**, Art. 2, 2007. Disponível em: <<http://nbn-resolving.de/urn:nbn:de:0114-fqs070328>>. Acesso em: Nov 2008.

FERNANDES, Julieta C. Urbanismo e envelhecimento: algumas reflexões a partir da cidade de Uberlândia. **Revista Caminhos de Geografia**. Disponível em:  
<[http://www.ig.ufu.br/revista/volume02/artigo03\\_vol02.pdf](http://www.ig.ufu.br/revista/volume02/artigo03_vol02.pdf)>. Acesso em: Mar 2008.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Hollanda. **Novo dicionário da língua portuguesa - Século XXI**. Rio de Janeiro: Positivo, 2004 (CD ROM).

FÉVRIER, J. **Histoire de l'écriture**. Paris, 1948.

FIAP. **¿El poder gris?** Tomo I – poder influencia e política. Madrid, 2002.

FIGUEIREDO, M.L.F *et al.* “As diferenças de gênero na velhice”. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, 2007.

FLORIANI, G. S.; FERT NETO, João; DIAS, C.A. Rede sócio-técnica do pinhão no Planalto Serrano Catarinense: da negociação de interesses ao alinhamento dos atores. VI CONGRESSO BRASILEIRO DE SISTEMAS AGROFLORESTAIS: BASES CIENTÍFICAS PARA O DESENVOLVIMENTO SUSTENTADO, 2006, Campos dos Goytacazes - RJ. Resumos, 2006.

FOLHA ON LINE. "**Maratona**" de 3 anos modela e transforma Carla Perez. São Paulo, 2006. Disponível em:  
<[http://www1.folha.uol.com.br/foha/equilibrio/carla\\_perez\\_corpo.shtml](http://www1.folha.uol.com.br/foha/equilibrio/carla_perez_corpo.shtml)>. Acesso em: Jul 2007.

- FORD, Tamara e GIL, Genève. “A internet radical”. In: DOWNING, John (org.). **Mídia radical: rebeldia nas comunicações e movimentos sociais**. São Paulo: SENAC, 2002.
- FREIRE, Leticia de Luna. “Seguindo Bruno Latour: notas para uma antropologia simétrica”. **Revista Comum**, vol 11, nº 26, pp. 46 a 65. Disponível em: <[www.facha.edu.br/publicacoes/comum/comum26/artigo2.pdf](http://www.facha.edu.br/publicacoes/comum/comum26/artigo2.pdf)>. Acesso em: Mai 2007.
- FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO. **Idosos no Brasil – Vivências, desafios e expectativas na 3ª idade**. São Paulo, 2007.
- FUNDACIÓN BBVA. Departamento de estudios Sociales. **Internet en España**. Madrid. 2008. Disponível em: <[http://www.fbbva.es/TLFU/dat/Estudio\\_Internet\\_2008.pdf](http://www.fbbva.es/TLFU/dat/Estudio_Internet_2008.pdf)>. Acesso em: Jun 2008.
- FUNDACIÓN ORANGE. **España 2008 – informe anual sobre el desarrollo de la sociedad de información en España**. Fundación Orange: Madrid, 2008.
- GATTI, Bernadete A. **Grupo focal na pesquisa em Ciências Humanas**. São Paulo: Líber livro, 2005.
- GIL CALVO, Enrique. **El poder gris: una nueva forma de entender la vejez**. Madrid, 2003.
- GOFFMAN, E. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis, Vozes, 1995.
- GOHN, M. G. **O protagonismo da sociedade civil – movimentos sociais, ONGs redes solidárias**. São Paulo: Cortez, 2005 (Coleção questões da nossa época).
- GONZÁLEZ GARCIA, Francisco (org.) **Vejez, envejecimiento e y sociedad en España, siglos XVI-XXI**. Cuenca : Ediciones de la Universidad de Castilla-La Mancha, 2005.
- HABERMAS, J. “Ciência e técnica como ideologia”. In: **Os Pensadores**. São Paulo, Abril Cultural, 1980.
- HAMMERSLEY, Martyn e ATKINSON, Paul. **Etnografía: métodos de Investigación**. Barcelona: Paidós, 1994.
- HASSAN MONTERO, Yusef. “Factores del diseño web orientado a la satisfacción y no-frustración de uso”. **Revista Española de Documentación Científica**, 29 (2), p. 239-257, 2006.
- HEIDEGGER, M. “A questão da técnica”. In: \_\_\_\_\_. **Ensaio e Conferências**. Rio de Janeiro, Vozes e Universitária São Francisco, 2006.
- HINE, Christine. **Etnografía Virtual**. Barcelona: Editorial UOC. Colección Nuevas Tecnologías y Sociedad, 2004 (Introdução).

IBGE. **Censo Demográfico 2000 Rio de Janeiro**: IBGE, 2000.

\_\_\_\_\_. **Síntese de indicadores sociais**. Rio de Janeiro: IBGE, 2000.

\_\_\_\_\_. **Pesquisa nacional por amostra de domicílios 2003** - Síntese dos indicadores. Rio de Janeiro: IBGE, 2003.

\_\_\_\_\_. **Pesquisa nacional por amostra de domicílios 2005** - Síntese dos indicadores. Rio de Janeiro: IBGE, 2005.

\_\_\_\_\_. **Pesquisa nacional por amostra de domicílios 2005** – Acesso a Internet e posse de telefone móvel celular para uso pessoal. Rio de Janeiro: IBGE, 2005.

\_\_\_\_\_. **Indicadores Sociais 2006**. IBGE, 2006.

\_\_\_\_\_. **Pesquisa nacional por amostra de domicílios 2007** - Síntese dos indicadores. Rio de Janeiro: IBGE, 2007.

IHDE, Don. “Heidegger’s philosophy of Technology”. In: Scharff, R. C e Dusek, V. **Philosophy of Technology: the technological condition; an anthology**. Oxford, Blackwell Ltda, 2006.

INE. **Encuesta de discapacidades, deficiencias y estado de salud 1999**. Madrid:

\_\_\_\_\_. **Censo de población y viviendas 2001**. Madrid: INE, 2001.

\_\_\_\_\_. **Encuesta de población activa**. Madrid: INE; 2005.

\_\_\_\_\_. **Encuesta de condiciones de vida**. Madrid: INE, 2006.

INNIS, Harold A. **The bias of communication**. Toronto: University of Toronto Press, 1971.

KALACHE, Alexandre; VERAS, Renato P.; RAMOS, Luiz R. “O envelhecimento da população mundial: um desafio novo”. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo, v. 21, n. 3, junho, 1987. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-89101987000300005&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89101987000300005&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: Abr 2008.

KATZ, Elihu. “A propôs des médias et de leurs effets”, in SFEZ, L. (org.) **Technologies et Symboliques de la Communication**. Colloque de Ceresy 1988 Press Universitaire de Grenoble, 1990, p. 275-282 (tradução para o português de L.C. Martino, mecanografado, Brasília, 1999).

KNORR-CETINA, Karin. “Scientific Communities or Transepistemic Arenas of Research? A Critique of Quasi-Economic Models of Science”. **Social Studies of Science** (SAGE, London and Beverly Hills), vol. 12, 1982, pp.101-30.

LAGE, Nilson. **Reportagem Teoria e Técnica de Entrevista e Pesquisa Jornalística**. São Paulo: Record, 2001.

LATOURE, Bruno. **Jamais fomos modernos**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.

\_\_\_\_\_. **Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afóra**. São Paulo: UNESP, 2000.

\_\_\_\_\_. **A esperança de Pandora**. São Paulo: EDUSC, 2001.

\_\_\_\_\_. "On recalling ANT". In: Law, J. & Hassard, J. **Actor Network and after**. Oxford: Blackwell Publishig, 2005.

\_\_\_\_\_. "Como terminar uma tese de sociologia: pequeno diálogo entre um aluno e seu professor (um tanto socrático)". **Caderno de campo: revista dos alunos de pós-graduação em Antropologia Social da USP**. São Paulo: Departamento de Antropologia/FFLCH/USP, 2006, vol.15, n. 14/15, pp 339 a 352.

LAW, J. "After ANT: complexity, namig and topology". In: **Law, J. & Hassard, J. Actor Network and after**. Blackwell Publishig, Oxford, 2005.

LEIBING, A. "The Old Lady from Ipanema: Changing Notions of Old Age in Brazil". **Journal of Aging Studies New York/EUA**, 2005, p. 15-31.

MANNHEIM, Karl. "El problema de las generaciones". **Revista Española de Investigaciones Sociológica**, v. 62, p. 193-242, 1993.

MARCELO, Ana S. **Internet e novas formas de sociabilidade**. Covilhã, Portugal, 2001. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Faculdade de Comunicação, Universidade da Beira Interior.

MARRAS, Stelio. "Como não terminar uma tese: pequeno diálogo entre o estudante e seus colegas (after hours)". **Caderno de campo: revista dos alunos de pós-graduação em Antropologia Social da USP**. São Paulo: Departamento de Antropologia/FFLCH/USP, 2006, vol.15, n. 14/15, pp 353 a 369.

MARTINO, Luiz. C. "Contribuições para o estudo dos meios de comunicação". **Revista Famecos**. Porto Alegre: PUC-RS, 2000, nº. 13, pp. 103-114.

\_\_\_\_\_. "Interdisciplinaridade e Objeto de Estudo da Comunicação". In: Fausto, A. N. (org.). **Campo da Comunicação**. João Pessoa: Editora Universitária, 2001.

\_\_\_\_\_. "Notas de aula". Colhidas na Faculdade de Comunicação, da Universidade de Brasília, em abril de2007.

MARTINS JÚNIOR, José. **Classificação de páginas na Internet**. São Carlos, 2003. Dissertação (Mestrado em Ciências Matemáticas e de Computação) – Instituto de Ciências Matemáticas e de Computação, Universidade de São Paulo.

MAYANS Y PLANELLS, JOAN. “Etnografía virtual, etnografía banal. La relevancia de lo intranscendente em la investigación y la comprensión de lo cibernético”. III CONGRESO ONLINE – OBSERVATORIO PARA LA CIBERSOCIEDAD CONOCIMIENTO ABIERTO, SOCIEDAD LIBRE, 2006.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Cultrix, 1964.

\_\_\_\_\_. **Os meios são as massa-gens**. Rio de Janeiro: GB. Tradução de Ivan Martins, 1969.

MELLA, Orlando. **Naturaleza y orientaciones teórico-metodológicas de la investigación cualitativa**. Madrid, 1998. Disponível em: <<http://www.scribd.com/doc/7061239/MELLA-0>>. Acesso em: Mai 2008.

MEYROWITZ, Joshua. **No sense of place – the impact of electronic media on social behavior**. New York: Oxford University Press, 1985.

\_\_\_\_\_. “Multiple Media Literacies”. **Journal of Communication** 43 (3). New York, Summer, 1998. pp. 96-108.

MICHAELIS, Henriette. **Dicionário de Português**. São Paulo: Cia Melhoramentos de São Paulo, 1994 (cd ROM)

MIÈGE, Bernard. **O pensamento comunicacional**. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

MINISTERIO DE EDUCACIÓN, **POLÍTICA SOCIAL Y DEPORTE**, 2008. Disponível em: <<http://www.mepsyd.es/educa/sistema-educativo/logse/siseduc.html>>. Acesso em: Out 2008.

MORAES, Marcia Oliveira. “Estudo das Técnicas na Perspectiva das Redes de Atores”. **Revista do Departamento de Psicologia da UFF**, Niterói, v. 9, n. 2 e 3, p. 60-67, 1997.

OLIVEIRA, Dennis de. “Jornalismo de Serviços: produto descartável”. **Revista Impulso**, Janeiro de 1999. Disponível em: <[http://www.unimep.br/phpg/editora/revistaspdf/imp22\\_23art04.pdf](http://www.unimep.br/phpg/editora/revistaspdf/imp22_23art04.pdf)>. Acessado em: Fev 2009.

OLIVEIRA, H. e MINAYO, M.C.S. “A auto-organização da vida como pressuposto para a compreensão da morte infantil”. **Ciência e Saúde Coletiva**, 6 (1): 139-149, 2001.

ONG, Walter. **Oralidade e cultura escrita**. São Paulo: Papyrus, 1982.

ONU. **World Population Prospects - The 2004 Revision**. Nova York, 2005.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO. **Igualdade no trabalho: enfrentando os desafios**. Brasil, 2006.

OZMENT, Steven. "Premodern advice for the postmodern young". **Public Interest**, 119, Academic Research Library, pp. 54-67, 1995.

PALACIOS RAMOS, Elsa. "El trabajo de los profesionales de la información en la gestión de un portal temático: el caso de Portal Mayores". **BID: textos universitaris de biblioteconomia i documentació**, 2007, n. 17. [Journal Article (On-line/Unpaginated)]

PALACIOS, A. R. J. "Velhice, palavra quase proibida; terceira idade, expressão quase hegemônica: apontamentos sobre o conceito de mudança discursiva na publicidade contemporânea". **Actas do XX Encontro da Associação Portuguesa de Linguística**, Lisboa, v. 19, p. 69-86, 2005.

PANEQUE SOSA, Miguel. "La protección de los derechos de las personas mayores en España por los defensores del pueblo". **Portal Mayores, Informes Portal Mayores**, nº 79, Madrid, 2007. Disponible em:  
<http://www.imsersomayores.csic.es/documentos/documentos/paneque-proteccion-01.pdf>.  
Acesso em: Ago 2008.

PÉREZ ANDRÉS, Cristina. "Sobre la metodología cualitativa". **Revista Española de Salud Pública**, Madrid, v. 76, n. 5, Oct. 2002. Disponible em:  
<[http://www.scielo.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1135-57272002000500001&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1135-57272002000500001&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: Mai 2008.

PÉREZ DÍAZ, Julio. **La madurez de masas**. Madrid: Instituto de Migraciones y Servicios Sociales (IMERSO), 2003a.

\_\_\_\_\_. "Feminización de la vejez y Estado del Bienestar en España". **REIS, Revista Española de Investigaciones Sociológicas**. Madrid, 2003b.

\_\_\_\_\_. "Consecuencias sociales del envejecimiento demográfico". **Papeles de economía**, (104): 210-226, 2005.

PÉREZ DÍAZ, Julio; GAMUNDI, Pau; e COSP, Marc. "La gent grand a Catalunya". In: FUNDACIÓ JAUME BOFILL. **Condicions de vida i desigualtats a Catalunya, 2001-2005, vol II**. Barcelona, 2008.

PÉREZ ORTIZ, Lourdes. "Indicadores sociales". In: **Envejecer en España: II asamblea mundial sobre el envejecimiento abril 2002**. Madrid: IMSERSO, 2002a.

\_\_\_\_\_. "Condiciones de vida: vivienda, trabajo y situación económica". In: **Envejecer en España: II asamblea mundial sobre el envejecimiento abril 2002**. Madrid: IMSERSO, 2002b.

PORTELA, Paloma. "Portales, sindicación, contenidos: nuevas oportunidades para los gestores de información". **El profesional de la información**, 2001, dezembro, v. 10, nº. 12, pp. 14-16.

QUINTANA, Mario. **Poesia completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2005.

REDE GLOBO DE TELEVISÃO. **Mulheres apaixonadas**. Rio de Janeiro, 2003 (telenovela).

\_\_\_\_\_. “Muitos anos de vida”. **Jornal Hoje**. Rio de Janeiro, 24 a 29 de setembro, 2007.

REVISTA ÉPOCA. **Aperfeiçoamento do belo**. São Paulo: Globo, edição nº 151, 2001. Disponível em: <http://epoca.globo.com/edic/20010409/soci5a.htm>. Acessado em: Jul 2007.

RODRIGUÉZ ÁVILA, Nuria. “Dependencia al envejecer: Estudios e investigaciones”. **Revista Rol de Enfermería**, abril de 2004.

SÁNCHEZ ARCE, M<sup>a</sup>. Vanessa e SAORÍN PÉREZ, Tomás”. “Las Comunidades Virtuales y los portales como escenarios de gestión documental”. **Anales de Documentación**, n.º 4, Espanha, 2001, pp. 215-227.

SANTANA, R.L.; POUCHAIN, G.C.; BISSI, L.F. “A Previdência Social e o Censo 2000: Perfil dos Idosos. Informe do Ministério da Previdência Social”. **Informes de Previdência Social**, v.14, nº. 09, 2002. Disponível em: <[http://federativo.bndes.gov.br/bf\\_bancos/estudos/e0001990.pdf](http://federativo.bndes.gov.br/bf_bancos/estudos/e0001990.pdf)>. Acesso em: Fev 2008.

SCHMIDT, Benicio; MARINHO, Danilo; e WALTER, M. Inez. “El modelo iberoamericano de envejecimiento”. In: **Un modelo amerimediterráneo de envejecimiento para Iberoamérica**. MORAGAS, ÁVILA e GONZÁLEZ (orgs.). 1º Congreso iberoamericano de gerontología social, Barcelona, 2003.

SCHWARZER, Helmut e QUERINO, Ana C. “Benefícios sociais e pobreza: programas não contributivos da seguridade social brasileira”. **Texto para Discussão** (IPEA), nº. 929, Rio de Janeiro: IPEA, 2002.

SIMÕES, Júlio A. “A maior categoria do país: o aposentado como ator político”. In: Lins de Barros MM (org.). **Velhice ou terceira idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política**. Fundação Getúlio Vargas, PP. 13-34, Rio de Janeiro, 1998.

SIMÕES, P. G. “Telenovela e vida social: a construção do *ethos* contemporâneo”. VIII CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE PESQUISADORES DA COMUNICAÇÃO – ALAIC. México, 2006.

SIQUEIRA, Renata L.; BOTELHO, Maria I. V.; e COELHO, France M. G. “A velhice: algumas considerações teóricas e conceituais”. **Ciênc. saúde coletiva** [online]. 2002, v. 7, n. 4, pp. 899-906.

SILVA, José F. **Internet – biblioteca – comunidade acadêmica**: conhecimentos, usos e impactos; pesquisa com três universidades paulistas (UNESP-UNICAMP-USP). São

Paulo, 2001. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo.

SOBRAL, Fernanda. “Desafio das ciências sociais no desenvolvimento científico-tecnológico”. **Revista Sociologias**, UFRGS, Porto Alegre, ano 6, nº 11, Jan/Jun, 2004.

SOUSA, Janara. **Contribuições, limites e desafios da Teoria do Meio**. Universidade de Brasília, Faculdade de Comunicação, 2003 (dissertação de mestrado).

\_\_\_\_\_. “Obrigado por/a Ser Feliz: as Representações dos Idosos nas Telenovelas Brasileiras”. XXXI CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2008, Natal. XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2008.

SOUSA, Janara; RIBEIRO, Rafiza. “Harold Lasswell: as contribuições do ‘paladino’ do saber comunicacional”. CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 29, 2006. CD-ROM.

SOUSA, Janara, NOLASCO, Danilo e RODRIGUEZ ÁVILA, Nuria. Sujetos ocultos – análisis del material informativo publicado sobre personas mayores em el periódico El País. In: 50º CONGRESO DE LA SOCIEDAD ESPAÑOLA DE GERIATRÍA Y GERONTOLOGÍA, 2008, Granada. **Anais...**Granada: Revista Española de Geriatria e Gerontología, 2008, p. 30.

TRIGUEIRO, M. G. S. **O debate sobre a autonomia/não-autonomia da tecnologia na sociedade (mimeo)**. UnB, Brasília, 2007a.

\_\_\_\_\_. **A prática tecnológica (mimeo)**. UnB, Brasília, 2007b.

\_\_\_\_\_. **O desenvolvimento científico-tecnológico contemporâneo**. UnB, Brasília, 2007c.

WADDINGTON, Andrucha. **Eu, tu, eles**. Brasil, 2000, 119 min (dvd).

#### LISTA DE SITES:

**Associação Cultural Cidadão Brasil** <http://www.cidadaobrasil.org.br/>, agosto de 2008.

**Asociación para la Investigación de edios de Comunicación (AIMC)** <http://www.aimc.es/>, novembro de 2008.

**Blog de Campo** <http://janarasousa.wordpress.com/>, anos de 2008 e 2009.

**Cia World Factbook** [www.photius.com/rankings/communications/internet\\_users\\_2007\\_0.html](http://www.photius.com/rankings/communications/internet_users_2007_0.html), junho de 2008.

**Clima tempo** [www.climatempo.com.br](http://www.climatempo.com.br), dezembro de 2008.

**Comitê Gestor da Internet (CGI)** [www.cgi.br](http://www.cgi.br), anos de 2007 e 2008.

**De idade.** <http://www.deidade.com.br/>, anos de 2007 e 2008.

**De mayores** – noticias de interés para personas mayores <http://www.demayores.com/>, anos de 2007 e 2008.

**Fundación Orange** <http://www.fundacionorange.es/>, novembro de 2008.

**Google** [www.google.com](http://www.google.com), anos de 2007, 2008 e 2009.

**Ibope Net//Ratings** <http://www.ibope.com.br/>, anos de 2007 e 2008.

**Imsero (2006)** <http://www.seg-social.es/imsero/>, anos de 2008 e 2009.

**Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)** <http://www.ibge.gov.br/home/>, anos de 2007, 2008 e 2009.

**Instituto Nacional de Estadística de España (INE)** <http://www.ine.es/>, anos de 2007, 2008 e 2009.

**Internet Growth Statistic** <http://www.internetworldstats.com/emarketing.htm>, anos de 2007 e 2008.

**Internet Usage Statistics** <http://www.internetworldstats.com/>, anos de 2007 e 2008.

**Jubilo.es** - Portal de servicios de ocio, salud, dinero y contáctos, relacionados con las **personas mayores** que quieran disfrutar de un envejecimiento saludable <http://www.jubilo.es/>, anos de 2007, 2008 e 2009.

**Júlio Pérez Diaz** [www.ced.uab.es/jperez/pags/vejez.htm](http://www.ced.uab.es/jperez/pags/vejez.htm), ano de 2008.

**Los mayores** – para quienes tenéis tiempo y libertad para disfrutarlo <http://www.losmayores.com/>, anos de 2007, 2008 e 2009.

**Mais de 50** <http://www.maisde50.com.br/>, anos de 2007, 2008 e 2009.

**Mídia Dados 2006** <http://www.gm.org.br/index.asp?pp=md>, ano de 2007.

**Ministerio de Educación Política Social y Deporte** <http://www.mepsyd.es/educa/sistema-educativo/logse/siseduc.html>, outubro de 2008.

**Ministério da Ciência e Tecnologia** <http://www.mct.gov.br/>, ano de 2008.

**Organização das Nações Unidas no Brasil (ONU)** <http://www.onu-brasil.org.br/>, anos de 2007 e 2008.

**Organização Mundial de Saúde (OMS)** <http://www.omsbrasil.com.br/>, março e abril de 2008.

**Organização Internacional do Trabalho (OIT)– Escritório Brasil**  
<http://www.oitbrasil.org.br/>, anos de 2007 e 2008.

**Portal de mayores de la comunidad de Madrid** – 65y+ para una vida + activa y + plena.  
[http://www.madrid.org/cs/Satellite?cid=1164890523461&language=es&pagename=PMA Y%2FPPage%2FPMA Y\\_pintarContenidoFinal](http://www.madrid.org/cs/Satellite?cid=1164890523461&language=es&pagename=PMA Y%2FPPage%2FPMA Y_pintarContenidoFinal), anos de 2007 e 2008.

**Portal do envelhecimento** – sua rede de comunicação e solidariedade  
<http://www.portaldoenvelhecimento.net/principal/principal.htm>, anos de 2007, 2008 e 2009.

**Portal do Idoso** – a peça que faltava.  
[http://www.portaldoidoso.com.br/noticiaview.aspx?noticia\\_id=47&categoria\\_id=5&subcategoria\\_id=5](http://www.portaldoidoso.com.br/noticiaview.aspx?noticia_id=47&categoria_id=5&subcategoria_id=5), anos de 2007, 2008 e 2009.

**Portal Mayores** – portal especializado en Geriatria y Gerontología.  
<http://www.imsersomayores.csic.es/>, anos de 2007, 2008 e 2009.

**Portal Mundo Mayor** [www.mundomayor.com.br](http://www.mundomayor.com.br), anos de 2007, 2008 e 2009.

**Portal Sesc idoso empreendedor** <http://www.sesc-sc.com.br/idosoempreendedor/index.php>, anos de 2007, 2008 e 2009.

**Portal Terceira Idade** [www.portalterceiridade.com.br](http://www.portalterceiridade.com.br), anos de 2007, 2008 e 2009.

**Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD)**  
<http://www.pnud.org.br/home/>, ano de 2007.

**Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia (SBGG)** [www.sbgg.org.br](http://www.sbgg.org.br), anos de 2007 e 2008.

**Universidade Aberta da terceira idade (Unati)** <http://www.unati.uerj.br/>, anos de 2007, 2008 e 2009

**Unión Democrática de Pensionista y Jubilados de España** <http://www.mayoresudp.org/>, novembro e dezembro de 2008.

**Web Netcraft** [http://news.netcraft.com/archives/web\\_server\\_survey.html](http://news.netcraft.com/archives/web_server_survey.html), anos de 2007 e 2008.

**Wikipédia** <http://www.wikipedia.org.br/>, anos de 2007, 2008 e 2009.

**Wordpress** [www.wordpress.com](http://www.wordpress.com), anos de 2008 e 2009.

**3º edad** – Portal de la Tercera Edad en Internet <http://www.tercera-edad.org/>, anos de 2007, 2008 e 2009.

**LISTA DOS PRINCIPAIS INFORMANTES:**

BERNSTEIN, Karol, 2008 e 2009.

BERNSTEIN, Tony, 2008 e 2009.

BORACHO, Sebastião, 2009.

DÍAZ, Diego, 2009.

GARCIA, Margarida, 2009.

FERREIRA, Zumira, 2009.

SANTELLANO, M<sup>a</sup> Terezinha, 2009.

SILVA, Emília L. S., 2009.

ZOTTICH, Clarita, 2009.